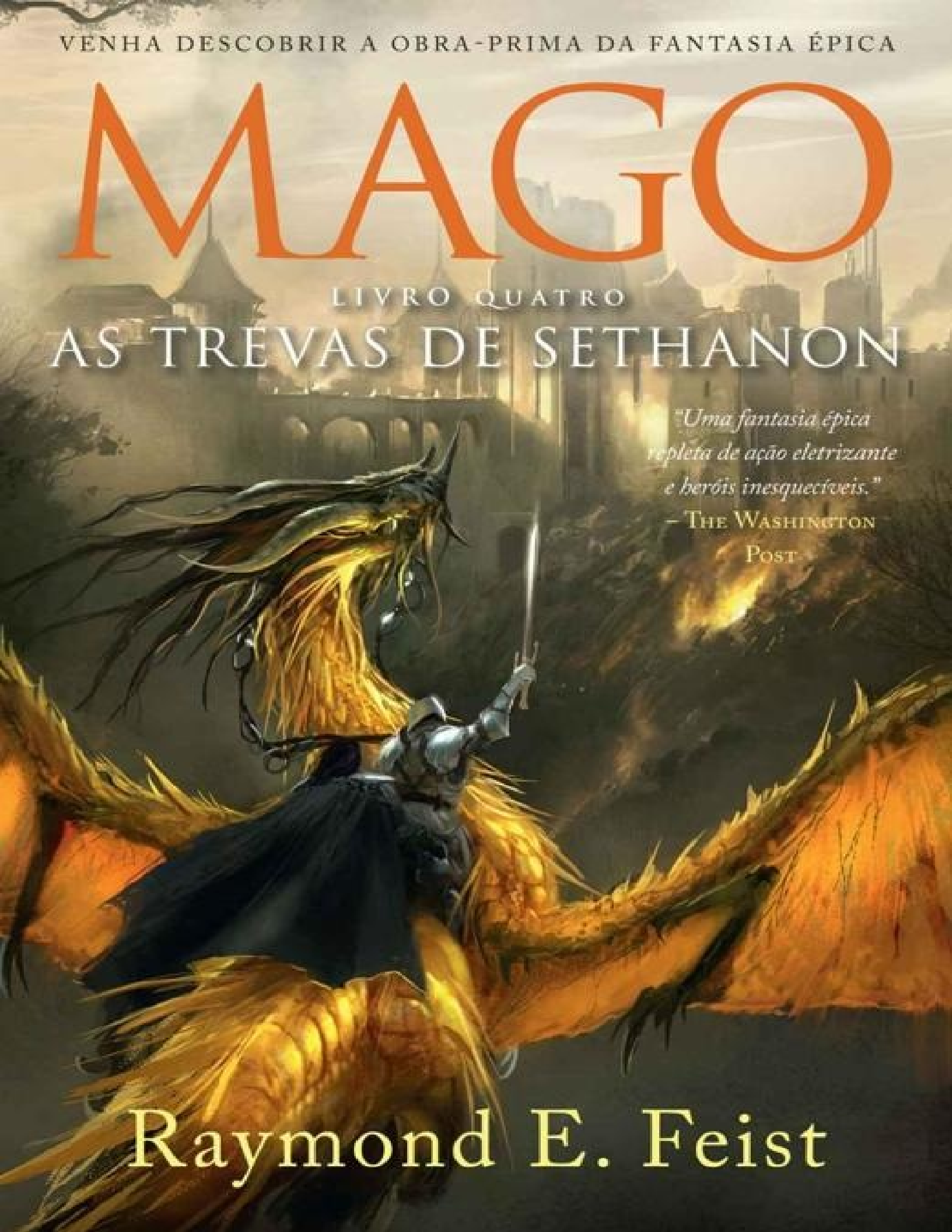
VENHA DESCOBRIR A OBRA-PRIMA DA FANTASIA ÉPICA

MAGO

LIVRO QUATRO

AS TREVAS DE SETHANON



"Uma fantasia épica repleta de ação eletrizante e heróis inesquecíveis."
– The Washington Post

Raymond E. Feist

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Para lá das grandes
cordilheiras, estendiam-se
as Terras do Norte. Era
lá que residia o âmago
do poder de seu inimigo.
Era lá que Murmandamus
disciplinava suas forças.
E era a partir desse reduto
que avançava mais uma
vez para atingir a vida
do Príncipe de Krondor,
Senhor do Ocidente,
a Ruína das Trevas, o
homem que a profecia
afirmava que iria
liquidá-lo. Caso
sobrevivesse.

mago as trevas de sethanon

a saga do mago / livro quatro

raymond e. feist

Tradução de Rui Azeredo e José Remelhe

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



TÍTULO: *Mago As Trevas de Sethanon / nº10 da Coleção Bang!*
AUTORIA: *Raymond E. Feist*
EDITOR: *Luís Corte Real*
© 2014 por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.
Darkness at Sethanon © *1986 Raymond E. Feist. Publicado originalmente na Inglaterra por HarperCollins Publishers, 2009*

TRADUÇÃO: *Rui Azeredo e José Remelhe*
REVISÃO DE TRADUÇÃO: *Lucas Rocha*
PREPARAÇÃO DE TEXTO E ADAPTAÇÃO: *Bruno Anselmi Matangrano*
REVISÃO: *Tomaz Adour e Luis Américo Costa*
COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*
DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Martin Deschambault*
EBOOK: *Marcelo Morais*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F324m

Feist, Raymond E.
Mago: as trevas de Sethanon [recurso eletrônico] / Raymond E. Feist [tradução de José Remelhe e Rui Azeredo]; Rio de Janeiro: Saída de Emergência, 2014.
recurso digital

Tradução de: Darkness at Sethanon
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-67296-26-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Remelhe, José. II. Azeredo, Rui. III. Título.

14-16249

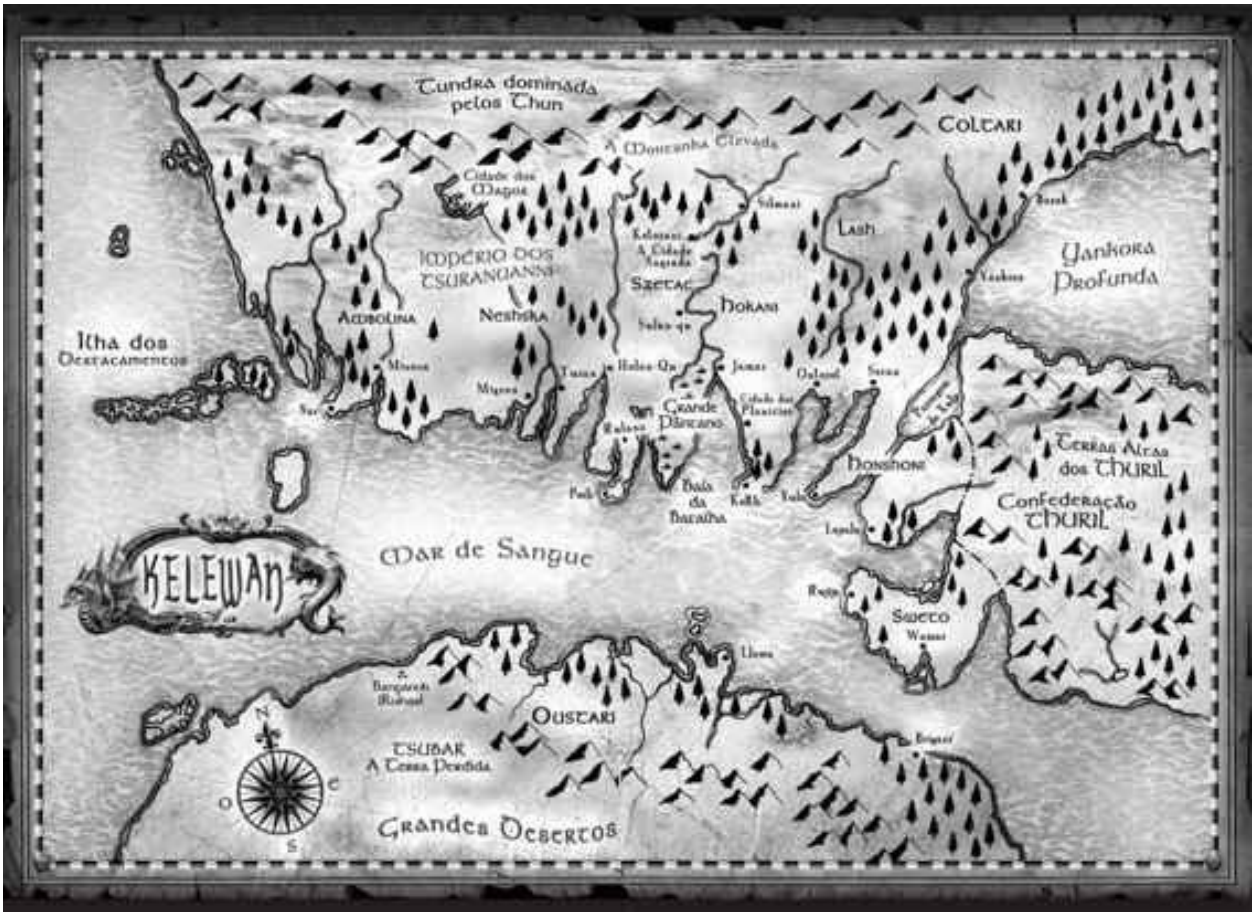
CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.
Rua Luiz Câmara, 443
Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 — Ramos
21031-160 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2538-4100
www.sdebrasil.com.br

Dedico este livro à minha mãe,
Barbara A. Feist,
que não teve um único momento de hesitação.


Terras do Norte
O Reino
Mar do Reino
Mar Amargo
Deserto de Val-Dur
Império do Grande Rei
Midkemia


Tundra dominada pelos Thun
A Montanha Elevada
Colcari
Cidade dos Magos
Império dos Tsuranianos
Szetac
Lash
Yankora Profunda
Acubolina
Nashaka
Hokani
Ilha dos Desfiladeiros
Grande Planície
Honshoni
Terras Altas dos Thuril
Confederação Thuril
Baía da Batalha
Mar de Sangue
Kelewan
Sacco
Oustari
Tsubar
A Terra Perdida
Grandes Desertos
N
O
L
S

Agradecimentos

Visto que este livro marca o fim da *Saga do Mago*, a tetralogia iniciada com *Mago – Aprendiz* e continuada até este *Mago – As Trevas de Sethanon*, considero necessário, mais uma vez, deixar meus profundos agradecimentos às pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a eventual qualidade e sucesso que meus livros tenham alcançado.

Aos criadores originais de Midkemia: April e Stephen Abrams, Steve Barrett, Anita e Jon Everson, Dave Guinasso, Conan LaMotte, Tim LaSelle, Ethan Munson, Bob Potter, Rich Spahl, Alan Springer, Lori e Jeff Velten.

A muitos outros que se juntaram a nós às sextas-feiras ao longo dos anos, aliando seu próprio estilo àquela coisa maravilhosa que é o mundo de Midkemia.

Aos meus amigos da Grafton Books, antigos e atuais.

Ao meu agente Harold Matson, que me deu a primeira oportunidade.

A Abner Stein, meu agente na Grã-Bretanha.

E a Janny Wurts, talentosa escritora e artista, por me explicar como aproveitar melhor minhas personagens quando eu pensava que já sabia tudo o que precisava sobre elas.

Todos eles contribuíram a seu próprio modo para os quatro romances que constituem a *Saga do Mago*. As obras teriam sido muito mais pobres com a ausência de um só deles.

Raymond E. Feist
San Diego, Califórnia

RESUMO DOS LIVROS ANTERIORES

A nossa história até ao momento...

Após a Guerra do Portal contra os tsurani, invasores forasteiros do mundo de Kelewan, a paz reinou no Reino das Ilhas por quase um ano. O Rei Lyam e seus irmãos, o Príncipe Arutha e o Duque Martin, partiram em comitiva pelas cidades do Leste e pelos reinos vizinhos, regressando depois a Rillanon, capital de Lyam. A Princesa Carline, irmã dos três, havia dado um ultimato a seu amado, o menestrel Laurie: ele deveria casar-se com ela ou abandonar o palácio. Arutha e a Princesa Anita ficaram noivos, e planos foram feitos para o casamento dos dois em Krondor, cidade de Arutha.

Quando Arutha finalmente regressou a Krondor durante uma madrugada, Jimmy, a Mão, um jovem ladrão, encontrou por acaso e interceptou um Falcão Noturno, um assassino, que tinha Arutha como alvo. A ordem vigente entre os Zombadores dizia que todas as notícias referentes aos Falcões Noturnos deveriam ser imediatamente reportadas. Jimmy ficou confuso em relação à sua lealdade, se a devia aos Zombadores, nome pelo qual era conhecida a Guilda dos Ladrões, ou a Arutha, que conhecera no ano anterior. Antes que pudesse se decidir, no entanto, Jack Risonho, um agente dos Zombadores, tentara incriminar Jimmy de assassinato, prova de que Jack pertencia ao grupo dos Falcões Noturnos. Durante a emboscada, Jimmy foi ferido e Jack Risonho morreu. Depois disso, Jimmy decidiu alertar Arutha.

Após ser informado sobre o que estava acontecendo, Arutha, Laurie e Jimmy enganaram dois assassinos e os prenderam no palácio. Arutha descobriu que os Falcões Noturnos estavam, de algum modo, ligados ao templo da Deusa da Morte, Lims-Kragma. Ele ordenou, então, à Suma Sacerdotisa, que o visitasse, mas, quando ela chegou, um dos assassinos já morrera e o outro estava à beira da morte. A Sacerdotisa procurou descobrir como os Falcões Noturnos conseguiram se infiltrar em seu templo. Pouco antes de morrer, um dos Falcões

Noturnos revelou que era um moredhel, um elfo negro, que estava magicamente disfarçado. A criatura morta então se ergueu, convocando seu mestre, Murmandamus, e atacou a Sumo Sacerdotisa e Arutha. Apenas a intervenção mágica do Padre Nathan, o conselheiro de Arutha, impediu as intenções daquele ser imortal.

Quando a Suma Sacerdotisa e o Padre Nathan se recuperaram, os dois alertaram Arutha de que poderes estranhos e obscuros desejavam sua morte. Arutha ficou preocupado com a segurança de seu irmão, o Rei, com a das outras pessoas que estariam presentes na cerimônia de seu casamento e, principalmente, com a de sua amada, Anita. Decidido a encontrar uma solução rápida em vez de se aprofundar em uma investigação mágica, Arutha incumbiu Jimmy de agendar uma reunião com o Justo, o misterioso líder dos Zombadores.

Na escuridão, Arutha foi recebido por um indivíduo que afirmava ser o Justo, embora o Príncipe nunca tenha sabido de fato se seu interlocutor era mesmo o líder dos ladrões. Os dois chegaram a um acordo quanto à necessidade de eliminar os Falcões Noturnos da cidade e, durante as decisões, Jimmy foi nomeado escudeiro da corte do Príncipe a serviço de Arutha. Como Jimmy quebrara o juramento que fizera aos Zombadores, sua carreira de ladrão chegara ao fim.

Mais tarde, o Justo mandou informar sobre a localização dos Falcões Noturnos. Arutha e um regimento de soldados de sua confiança lançaram um ataque surpresa à sede dos Falcões, que ficava no subsolo do bordel mais caro da cidade. Todos os assassinos foram mortos ou se suicidaram. A descoberta do corpo do Dase Dourado, um ladrão e suposto amigo de Jimmy, revelou que os Falcões Noturnos haviam de fato se infiltrado entre os Zombadores. Em seguida, os assassinos mortos se ergueram mais uma vez, graças a algum poder obscuro, e só foi possível destruí-los incendiando todo o edifício.

No palácio, Arutha decidiu que o perigo imediato já passara, e a vida voltou a ter uma aparente normalidade.

O Rei, o Embaixador do Grande Kesh, e outros dignitários chegaram ao palácio, e Jimmy vislumbrou Jack Risonho por entre a multidão. Jimmy ficou estupefato, uma vez que acreditava que o ladrão estivesse morto.

Arutha alertou seus conselheiros de maior confiança para o perigo, e foi informado de que o Norte era palco de estranhos acontecimentos. Perceberam que existia uma ligação entre esses eventos e os assassinos. Jimmy trouxe a notícia de que o palácio estava repleto de passagens secretas e de que ele possivelmente avistara Jack. Arutha tomou medidas de precaução, tendo o

cuidado de reforçar a guarda do palácio, mas resolveu não adiar o casamento.

O casamento tornou-se o local de encontro de todos aqueles que haviam se separado desde a Guerra do Portal: além da comitiva real, Pug, o mago, regressou de Doca da Estrela, a sede da Academia dos Magos. Antigamente, ele residira em Crydee, terra do Rei e de sua família. Kulgan, seu antigo mestre, compareceu na companhia de Vandros, Duque de Yabon, e Kasumi, o antigo comandante tsurani, que se tornara o Conde de LaMut. Com o Rei Lyam, veio o Padre Tully, um conselheiro do Rei que também fora mestre de Arutha quando este era criança.

Pouco antes do casamento, Jimmy descobriu que uma janela havia sido forçada e que Jack Risonho estava escondido em uma cúpula com vista para o salão. Jack foi mais forte do que o rapaz e o aprisionou. Quando a cerimônia teve início, Jimmy conseguiu frustrar a tentativa de Jack de assassinar Arutha, atirando-o para a frente com um chute. Ambos caíram, mas foram salvos pela magia de Pug. No entanto, após ser libertado, Jimmy percebeu que a flecha do arco de Jack atingira Anita.

Depois de examinar o ferimento de Anita e de conversar com o Padre Tully, Padre Nathan revelou que a flecha fora envenenada e que a Princesa estava à beira da morte. Jack foi interrogado e revelou a verdade sobre os Falcões Noturnos. Havia sido salvo da morte por um estranho poder chamado Murmandamus e, como retribuição, deveria assassinar Arutha.

Tudo o que Jack sabia sobre o veneno era que se chamava Espinho de Prata. Depois de revelar isso, ele morreu. À medida que Anita definhava, o mago Kulgan lembrou que existia uma biblioteca gigantesca na abadia ishapiana em Sarth, uma vila que ficava na costa do Mar Amargo. Pug e o Padre Nathan usaram sua magia para que a passagem do tempo fosse suspensa para Anita até que uma cura pudesse ser encontrada.

Arutha prometeu viajar até Sarth e, após um elaborado plano para enganar possíveis espiões, ele, Laurie, Jimmy, Martin e Gardan, o Capitão da Guarda da Casa Real, dirigiram-se para o norte. Na floresta ao sul de Sarth, foram atacados por cavaleiros moredhel que trajavam armaduras negras, sob o comando de um moredhel que Laurie reconheceu como sendo o chefe dos clãs das montanhas Yabon. Após perseguirem a comitiva de Arutha até a abadia de Sarth, os moredhel foram afastados pela magia do Irmão Dominic, um monge ishapiano. Os agentes de Murmandamus atacaram a abadia mais duas vezes, e quase causaram a morte do Irmão Micah, que revelou ter sido outrora o Lorde Dulanic, o antigo Duque de Krondor. Padre John, o Abade, explicou a Arutha

que havia uma profecia relacionada com o regresso ao poder dos moredhel, assim que o "Senhor do Ocidente" fosse eliminado. Um dos agentes de Murmandamus chamara Arutha assim, logo, os moredhel pareciam convencidos de que a profecia estava prestes a se concretizar. Em Sarth, Arutha também descobriu que "Espinho de Prata" era uma corruptela de uma palavra do idioma dos elfos, por isso decidiu viajar até Elvandar e ao tribunal da Rainha dos Elfos. Arutha ordenou a Gardan, a Dominic e ao Abade que viajassem até Doca da Estrela, para levarem as novidades a Pug e aos outros magos.

Em Ylith, encontraram Roald, um mercenário e amigo de infância de Laurie, e também Baru, um montanhês hadati do norte de Yabon. Baru perseguia o estranho chefe moredhel chamado Murad para vingar a destruição de sua aldeia. Os dois concordaram em acompanhar Arutha.

Em Doca da Estrela, Dominic e Gardan foram atacados por criaturas voadoras elementares, servas de Murmandamus, mas foram salvos por Pug. Dominic conheceu o mago Kulgan e também Katala, a mulher de Pug, assim como William, o filho de Pug, e Fantus, o dragonete. Pug escutou o relato de Dominic e Gardan e pediu ajuda aos outros magos de Doca da Estrela. Rogen, um vidente cego, teve uma visão de um tenebroso poder por trás de Murmandamus, que lançou um ataque contra o ancião através do tempo e da probabilidade, desafiando todos os conhecimentos de magia de Pug. Gamina, uma menina muda sob a custódia de Rogen, partilhou com ele a visão, e seu grito mental deixou Pug e o seus companheiros atordoados. Rogen sobreviveu à provação, e Gamina utilizou suas capacidades telepáticas para recriar a visão para Pug e os outros. Eles viram a destruição de uma cidade e a terrível entidade da visão que falava um antigo idioma tsurani. Pug e os outros que conheciam aquele idioma ficaram espantados por ouvirem uma língua quase esquecida de Kelewan.

Em Elvandar, Arutha e sua comitiva encontraram os gwali, seres simiescos que estavam visitando os elfos. Os elfos relataram estranhos encontros com batedores moredhel junto às fronteiras norte de suas florestas. Arutha explicou sua missão e Tathar, conselheiro da Rainha Aglaranna, e Tomas, Príncipe Consorte e herdeiro do antigo poder dos valheru – os Senhores dos Dragões –, contaram o que sabiam sobre o Espinho de Prata. O espinho crescia em um lugar, às margens de Moraelin, o Lago Negro, uma terra de poderes sombrios. Tathar informou Arutha de que seria uma viagem perigosa, mas o Príncipe resolveu continuar.

Em Doca da Estrela, Pug percebeu que a ameaça contra o Reino era de

origem tsurani. De algum modo, Kelewan e Midkemia pareciam ter mais uma vez seus destinos unidos. A única fonte de informações possível sobre tal ameaça seria a Assembleia dos Magos em Kelewan, que pensavam estar eternamente vedada para eles. Pug revelou a Kulgan e aos outros que descobrira uma maneira de regressar a Kelewan. Ignorando as objeções de todos, decidiu voltar para ver que informações conseguiria obter. Assim que tudo foi decidido, Meecham, o guarda-caça, companheiro de Kulgan havia anos, e Dominic exigiram que Pug os levasse consigo. Pug criara um portal entre os dois mundos e os três o atravessaram. De volta ao Império Tsuranuanni, Pug e seus amigos falaram primeiro com Netoha, o antigo administrador da propriedade de Pug, depois com Kamatsu, Senhor dos Shinzawai e pai de Kasumi. O Império estava agitado, ante a iminência de uma ruptura entre o Senhor da Guerra e o Imperador, mas Kamatsu prometeu transmitir o alerta de Pug quanto a esse obscuro terror ao Conselho Supremo, pois Pug estava convencido de que, se Midkemia caísse, Kelewan também cairia. Pug foi ao encontro de um velho amigo chamado Hochopepa, outro mago e um Grande do Império. Hochopepa concordou em defender a causa de Pug perante a Assembleia, uma vez que Pug fora considerado traidor do Império e sentenciado à morte. Contudo, antes de conseguir partir, os dois foram atacados por artes mágicas e capturados pelos homens do Senhor da Guerra.

Enquanto isso, Arutha e sua comitiva chegaram ao Lago Negro, Moraelin, evitando inúmeras patrulhas e sentinelas dos moredhel. Galain, o elfo, foi enviado por Tomas para transmitir notícias de outra possível entrada em Moraelin. Informou Arutha que os acompanharia até os confins das "Pegadas do Desesperado", o desfiladeiro que circundava o planalto onde se localizava Moraelin. Arutha e seus companheiros se dirigiram para o Lago Negro e descobriram um estranho edifício negro, que pensaram se tratar de uma construção dos valheru. A busca pelo Espinho de Prata não obteve resultados, e Arutha e os outros passaram a noite em uma caverna sob o solo do planalto, onde decidiram que deveriam entrar no edifício.

Pug e seus companheiros acordaram em uma cela e perceberam que um feitiço estava bloqueando seus poderes mágicos. Pug foi interrogado pelo Senhor da Guerra e por seus dois ajudantes magos, os irmãos Ergoran e Elgahar, sobre os motivos que o fizeram regressar ao Império. O Senhor da Guerra estava convencido de que sua volta se relacionava com uma oposição política aos seus planos para usurpar o poder do Imperador. Nem ele nem Ergoran acreditaram na história de Pug sobre um estranho poder de origem

tsurani que ameaçava Midkemia. Mais tarde, Elgahar dirigiu-se à cela de Pug para continuar o assunto e afirmou que iria levar o aviso do mago em consideração. Antes de sair, murmurou sua suspeita a Pug, que concordou que era possível. Hochopepa perguntou a Pug sobre essa suspeita, mas o mago se recusou a revelá-la. Mais tarde, Pug, Meecham e Dominic foram torturados. Depois de Dominic entrar em transe para bloquear a dor, e de Meecham perder os sentidos, foi a vez de Pug. A dor e a proteção que bloqueava sua magia fizeram com que Pug conseguisse utilizar o Caminho da Magia Inferior, algo que até então era considerado impossível. Pug conseguira libertar a si mesmo e a seus amigos quando o Imperador chegou na companhia do Senhor dos Shinzawai. O Senhor da Guerra foi executado por traição, e a Pug foi permitido realizar uma investigação na Assembleia. Elgahar foi fundamental na libertação de Pug e, quando lhe perguntaram o motivo de tê-los ajudado, este revelou a suspeita que partilhara com o mago. Ambos acreditavam que o Inimigo, o antigo terror que levara diversas nações a Kelewan na época das Guerras do Caos, havia regressado. Na Assembleia, Pug descobriu uma referência aos Vigilantes, estranhos seres que habitavam o gelo polar. Deixou os outros e partiu em busca dos tais Vigilantes, enquanto Hochopepa, Elgahar, Dominic e Meecham regressavam a Midkemia e à Academia.

Enquanto estava escondido, Jimmy ouviu uma conversa entre um moredhel e dois renegados humanos, que lhe sugeriu que algo não estava certo com o edifício preto. Jimmy convenceu Arutha de que deveria explorá-lo sozinho, pois assim as probabilidades de ser capturado por qualquer armadilha ou emboscada seriam menores. Jimmy entrou sozinho no misterioso edifício e descobriu algo que parecia ser o Espinho de Prata, mas naquele local muitas eram as coisas que pareciam ser falsas. Jimmy regressou à caverna e informou que o edifício não era mais do que uma gigantesca armadilha.

Após posterior investigação, perceberam que a caverna integrava uma gigantesca habitação subterrânea dos valheru, praticamente irreconhecível após anos de erosão. Foi então que Jimmy supôs que o Espinho de Prata deveria estar debaixo d'água, pois os elfos o haviam plantado junto às margens do lago e chovera bastante durante o ano. Naquela noite, encontraram a planta e iniciaram o regresso. Jimmy sofreu um ferimento, o que os atrasou. Enganaram as sentinelas moredhel, mas foram forçados a matar uma delas, o que deixou Murad, que liderava as tropas designadas para capturar Arutha, em estado de alerta. Perto da fronteira das florestas dos elfos, a comitiva, exausta, se viu forçada a parar. Galain continuou, à procura de Calin e dos outros

guerreiros élficos. O primeiro bando de moredhel cercou Arutha, mas foi rechaçado. Entretanto, Murad chegou com suas tropas mais poderosas, que incluíam Exterminadores Negros. Baru desafiou Murad para um combate, e o estranho código de honra dos moredhel o forçou a aceitar. Baru matou Murad durante o combate, arrancando-lhe o coração para eliminar o risco de que voltasse dos mortos. Baru foi golpeado por um moredhel antes de conseguir regressar para junto de seus companheiros; a batalha prosseguiu. Quando os homens do Príncipe estavam a ponto de ser derrotados, os elfos chegaram e repeliram os moredhel. Encontraram Baru quase sem vida, e levaram o Príncipe e seus amigos para a segurança de Elvandar. Os Exterminadores Negros mortos ressuscitaram e perseguiram os elfos até os confins de Elvandar, aonde Tomas chegou com os Tecedores de Feitiços e os destruiu. Durante as festividades daquela noite, Arutha descobriu que Baru sobreviveria, depois de um longo período de recuperação. Arutha e Martin pensavam que sua jornada havia chegado ao fim, mas os dois estavam conscientes de que a batalha era apenas parte de um conflito maior, cujo final não fora traçado ainda.

Pug chegou ao extremo norte do Império e, deixando seus guardas tsurani, seguiu seu caminho pela tundra dominada pelos thūn. As estranhas criaturas, semelhantes a centauros e que se autodesignavam os Lasura, enviaram um guerreiro ancião para conversar com Pug. A criatura revelou a existência de habitantes do gelo e afastou-se apressadamente, afirmando que Pug era louco. Por fim, Pug chegou à geleira, onde foi recebido por um vulto encapuzado. O Vigilante que o recebeu conduziu-o para o subsolo da calota de gelo, onde existia uma fabulosa floresta mágica. Chamava-se Elvardein e se parecia em tudo a Elvandar. Pug descobriu que os Vigilantes eram elfos, os eldar, ou elfos anciões, que havia muito tempo se julgava desaparecidos. Pug viria a permanecer com eles um ano e aprenderia artes que ultrapassavam aquelas que já dominava.

Arutha chegou em segurança a Krondor com a cura para Anita. Ela foi reanimada, e fizeram-se planos para a concretização do casamento. Carline insistiu para que ela e Laurie também se casassem de uma vez e, pelo menos naquele instante, o palácio de Krondor foi palco de uma cena de alegria e felicidade.

A paz regressou ao Reino das Ilhas, e prolongou-se durante quase um ano...

M A C R O S R E S S U R G E

"Olhai! a Morte edificou seu trono
numa estranha cidade solitária"
Edgar Allan Poe, "A Cidade no Mar"[1]

---

1 Edgar Allan Poe, "A Cidade no Mar", in *Poemas e Ensaios*, Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado, São Paulo, Globo, 2009, p. 45.

Prólogo

Ventos Negros

O vento soprava de lugar nenhum.

Ganhando vida com o bater do martelo que profere uma sentença, emanava o intenso calor de uma forja que previa uma guerra exaltada e mortes implacáveis. Ganhava vida a partir do centro de alguma terra perdida, emergindo de algum local misterioso entre a realidade e o imaginário. Soprava do sul, do tempo em que as serpentes andavam eretas e falavam uma língua antiga. Enraivecido, cheirava a uma maldade ancestral, que ecoava longas profecias esquecidas. O vento rodopiava em frenesi, girando no vácuo, como se procurasse uma direção, e depois parecia se deter, para então soprar em direção ao norte.

Enquanto costurava, a velha ama murmurava uma cantiga simples que, durante gerações, fora transmitida de mãe para filha. Fez uma pausa para contemplar seu trabalho. As duas crianças dormiam sob sua proteção, com os pequenos rostos serenos enquanto tinham breves sonhos. De vez em quando, os dedos se flexionavam ou os lábios se franziam em movimentos de sucção, para depois sossegarem novamente. Eram bebês lindos, que iriam se tornar bonitos rapazes, disso a ama tinha certeza. Quando atingissem a idade adulta, teriam apenas vagas recordações da mulher que os protegia naquela noite, mas, por ora, pertenciam tanto a ela quanto à própria mãe, que acompanhara o marido em um jantar social. Foi então que um estranho vento entrou pela janela, causando-lhe um arrepio, apesar do calor. Produzia um ruído que lembrava uma misteriosa e retorcida dissonância, uma quase imperceptível entoação malévola. A ama estremeceu e contemplou os meninos. Eles ficaram inquietos, como se estivessem prestes a despertar aos prantos. A ama foi apressadamente à janela e fechou as venezianas, impedindo a entrada do estranho e perturbador ar noturno. Por instantes, pareceu que o tempo parara, mas depois, como um tênue suspiro, a

brisa diminuiu e a noite retornou à tranquilidade. A ama aconchegou o xale em volta dos ombros e os bebês agitaram-se inquietos durante mais uns instantes, até caírem em um sono profundo e sereno.

Em outro quarto, ali perto, um jovem dedicava-se a uma lista, esforçando-se para ignorar seus gostos pessoais enquanto decidia quem deveria escolher para servir em uma pequena cerimônia no dia seguinte. Era uma tarefa que detestava, mas que realizava com destreza. Então o vento empurrou as cortinas da janela para o interior. Instintivamente, o jovem se levantou da cadeira, levando habilmente a mão a um punhal no cano da bota, assim que seu senso de defesa, adquirido nas ruas, alertou-o do perigo. Em posição de combate, permaneceu imóvel, com o coração palpitando, durante muito tempo, com a certeza da iminência de uma luta até a morte, que nunca tivera em toda uma vida repleta de conflitos. Ao perceber que não havia ninguém ali, o jovem foi relaxando aos poucos. O momento passou. Balançou a cabeça, perplexo. Uma estranha inquietação instalou-se em seu estômago enquanto se aproximava lentamente da janela. Permaneceu longos minutos olhando fixamente, através da noite, para o norte, onde sabia que estavam as grandes montanhas, e para além delas, onde um inimigo de forma obscura o aguardava. Os olhos do jovem se estreitaram fitando a escuridão, como que tentando vislumbrar algum perigo à espreita nas trevas. Depois, quando o último resquício de raiva e temor se esvaiu, retornou à sua tarefa. Porém, durante o resto da noite, passou a olhar ocasionalmente pela janela.

Na cidade, um grupo de boêmios perambulava pelas ruas, à procura de outra estalagem e de outros companheiros alegres. O vento soprou entre eles e os fez parar por instantes, trocando olhares. Um deles, um mercenário de pele bronzeada, recomeçou a caminhar, mas logo parou, pensativo. Perdendo subitamente o interesse pela diversão, despediu-se dos companheiros e regressou ao palácio onde morava havia quase um ano.

O vento soprou sobre o mar, onde um navio regressava ao porto de origem após uma longa patrulha. O capitão, um velho alto com o rosto marcado e um

olho branco, imobilizou-se quando o vento fresco soprou. Estava prestes a dar ordens para baixarem as velas quando seu corpo foi percorrido por um estranho calafrio. Olhou para seu imediato, que havia anos o acompanhava, um homem com a cara cheia de marcas de varíola. Trocaram olhares, mas logo o vento passou. O capitão fez uma pausa, deu ordens para os homens subirem aos mastros, e, após outro instante de silêncio, mandou que se acendessem mais lampiões para iluminar a opressiva escuridão que se fazia sentir.

Mais ao norte, o vento soprou por entre as ruas da cidade, formando pequenos redemoinhos empoeirados que dançavam sobre as calçadas, deslizando sobre o solo com movimentos desconexos. Naquela cidade, viviam homens de outro mundo entre os nativos. Entre as forças da guarnição, um homem do outro mundo lutava com outro criado a menos de um quilômetro do local onde o duelo se travava e faziam-se apostas entre os espectadores. Os dois homens já haviam caído uma vez, e o próximo a ir ao chão seria considerado derrotado. Subitamente, o vento estalou e os dois adversários se detiveram, olhando em volta. A poeira atingiu os olhos dos espectadores e vários veteranos queimados de sol tentaram esconder os calafrios. Sem trocar uma palavra, os dois oponentes abandonaram o combate e aqueles que tinham feito apostas pegaram seus investimentos sem protestar. Os presentes regressaram em silêncio aos seus aposentos e o ambiente festivo do duelo desapareceu antes do vento cortante.

O vento seguiu rumo ao norte até se abater sobre uma floresta onde pequenas criaturas simiescas, delicadas e tímidas, se enroscavam nos galhos, procurando o calor que apenas a proximidade do contato físico podia proporcionar. Mais abaixo, no chão da floresta, estava um homem sentado em postura meditativa. Tinha as pernas cruzadas e descansava os punhos sobre os joelhos, formando, com os polegares e os indicadores, círculos que representam a Roda da Vida à qual todos os seres estão vinculados. Seus olhos se abriram repentinamente assim que sentiu o primeiro contato do enigmático vento, e contemplou o ser sentado diante dele. Um elfo ancião, que revelava apenas os leves traços da idade característicos de sua raça, contemplou o humano por instantes, captando a pergunta não proferida. Acenou delicadamente com a cabeça. O humano apossou-se das duas armas que estavam ao seu lado. Embainhou o comprido sabre e a adaga na cintura; com um simples aceno de despedida, ele se foi,

caminhando entre as árvores da floresta e dando início à sua jornada em direção ao mar. Lá, procuraria outro homem que também era amigo dos elfos, e trataria dos preparativos para o confronto final que em breve começaria. Enquanto o guerreiro seguia caminho rumo à costa, as folhas das árvores sussurravam acima de sua cabeça.

Em outra floresta, folhas também estremeciam, em um ato de simpatia para com aqueles que eram perturbados pela passagem do vento enigmático. Através de um gigantesco abismo de estrelas, ao redor de um Sol amarelo-esverdeado, rodopiava um planeta quente. Nesse mundo, debaixo da calota de gelo do Polo Norte, existe uma floresta gêmea daquela que o guerreiro viajante acabara de deixar. Nas profundezas dessa segunda floresta reunia-se em círculo um grupo de seres contemplados por uma eterna sabedoria. Eles teciam magia. À sua volta, formava-se um tênue e aconchegante brilho, enquanto permaneciam sentados sobre o solo desprotegido, vestindo túnicas imaculadas e ricamente coloridas. Mantinham os olhos fechados, mas conseguiam observar tudo o que precisavam. Um deles, mais antigo do que a memória dos restantes poderia calcular, encontrava-se sentado acima do círculo, suspenso no ar pelo poder do feitiço que juntos haviam tecido. Seus cabelos alvos pendiam-lhe sobre os ombros e eram presos por um simples fio de cobre que ostentava uma pedra de jade à sua frente. Mantinha as palmas das mãos viradas para cima e para a frente, e conservava os olhos fixos em outros olhos, nos de um humano de túnica negra que pairava adiante. O humano era sustentado pelas correntes de energia secreta que formavam uma matriz ao redor, transmitindo sua consciência ao longo dessas linhas, de modo a dominar essa misteriosa magia. O humano de túnica negra sentava-se à sua frente na mesma posição, com as palmas das mãos viradas para cima, mas mantendo os olhos fechados enquanto absorvia os ensinamentos. Acariciou mentalmente o tecido da antiga magia dos elfos e sentiu as energias entrelaçadas de todos os seres vivos da floresta, recebidas e de bom grado oferecidas, nunca forçadas, para o bem da comunidade. Era assim que os Tecedores de Feitiços usavam seus poderes: com delicadeza, mas persistentemente, tecendo fibras com as energias naturais onipresentes em uma espiral de magia que podia ser utilizada. O homem tocou mentalmente a magia e compreendeu. Compreendeu que seus poderes cresciam além do entendimento humano, assumindo contornos divinos em comparação com o que, em outros tempos, julgara ser o limite de seus talentos. Aprendera muito no último ano,

mas sabia que ainda havia muito a ser aprendido. Porém, graças aos ensinamentos que recebera, já dispunha de meios para encontrar outras fontes de conhecimento. Compreendia que os segredos, dominados apenas pelos grandes mestres, eram possíveis: passar entre mundos usando apenas o poder da mente, viajar no tempo, e até mesmo enganar a morte. E, graças a esses conhecimentos, percebeu que um dia descobriria uma maneira de dominar tais segredos, se tivesse tempo suficiente. E o tempo urgia. As folhas das árvores ecoavam o farfalhar do vento misterioso ao longe. Quando ambos afastaram a mente da matriz, o homem de negro fitou com seus olhos também negros o ancião que levitava diante dele. Valendo-se do poder da mente, o homem de negro disse: *Tão cedo, Acaila?*

O outro sorriu, e olhos azul-claros se destacaram com uma luz própria, uma luz que, ao primeiro vislumbre, havia assustado o homem de negro. Agora sabia que aquela luz emanava de um poder profundo que se sobrepunha a todos os poderes que conhecera em seres mortais, exceto em um. Mas esse era um poder diferente, não o suntuoso poder do outro, mas antes o brando poder da vida, do amor e da serenidade. Aquele ser era efetivamente uno com todos os que o rodeavam. Fitar aqueles olhos cintilantes era fazer parte de uma mesma entidade, e seu sorriso era reconfortante. No entanto, os pensamentos que atravessavam a distância que os separava enquanto pairavam na direção do solo eram perturbados. *Já se passou um ano. Seria ótimo se tivéssemos mais tempo, porém o tempo não para, e pode ser que já esteja preparado*. Em seguida, com uma textura de pensamento que o homem de túnica negra aprendera que se tratava de humor, acrescentou em voz alta:

— Mas, preparado ou não, é chegada a hora.

Os restantes se levantaram ao mesmo tempo e, durante um instante de silêncio, o homem de negro sentiu suas mentes se unirem à sua, em uma despedida final. Eles o enviariam de volta para onde uma luta estava sendo travada, uma disputa na qual desempenharia um papel fundamental. Porém o enviariam com muito mais do que possuía quando chegara até eles.

Sentiu o último contato e disse:

— Obrigado. Voltarei a um local de onde possa chegar sem demora a meu lar.

Sem dizer mais nada, cerrou os olhos e desapareceu. Os seres que formavam o círculo permaneceram em silêncio por alguns segundos, depois regressaram a seus afazeres. Nos galhos, as folhas continuavam a se agitar; o eco do vento misterioso demorava a desaparecer.

O vento misterioso soprou até chegar a um caminho estreito no cume de um vale, onde um grupo de homens se escondia. Por um breve momento, viraram-se para o sul, como se procurassem a origem daquele vento enigmático e inquietante, depois voltaram a observar as planícies abaixo. Os dois que estavam mais próximos da beirada haviam cavalgado por muito tempo e a toda a velocidade em resposta ao relato de uma patrulha de um posto avançado. Lá embaixo, reunia-se um exército sob estandartes de aspecto ameaçador. O líder, um homem alto, com um tapa-olho preto sobre o olho direito e cujo cabelo começava a ficar branco, estava agachado abaixo do cume.

— A situação é tão grave quanto imaginávamos — sussurrou.

O outro homem, não tão alto quanto ele, porém mais robusto, coçou a barba grisalha ao se agachar ao lado do companheiro.

— Não, é ainda pior — murmurou. — Julgando pelo número de fogueiras, há uma tempestade infernal se formando ali embaixo.

O homem de tapa-olho permaneceu sentado em silêncio durante algum tempo e depois acrescentou:

— Bem, de algum modo, ganhamos um ano. Eu esperava que eles nos atacassem no verão passado. É bom que estejamos preparados, pois agora eles certamente vão atacar. — Deslocou-se ainda agachado até o local onde um homem alto e louro segurava sua montaria. — Você vem?

— Não — o segundo homem respondeu —, acho que vou ficar observando por mais algum tempo. Vendo quantos chegam e com que frequência; assim poderei adiantar com quantos homens ele nos atacará.

O primeiro homem montou o cavalo.

— Que importa? — disse o louro. — Quando ele atacar, virá com todos os que tem disponíveis.

— Acho que simplesmente não gosto de surpresas.

— Quanto tempo? — indagou o líder.

— Dois, três dias no máximo; depois disso, tudo ficará lotado demais.

— Eles certamente têm patrulhas no terreno. Dois dias, no máximo. — Com um sorriso sinistro, completou: — Vocês não são grande coisa como companheiros, mas, ao fim de dois anos, me habituei a tê-los por perto. Tenham cuidado.

O segundo homem esboçou um largo sorriso.

— O sentimento é recíproco. Vocês bateram tanto neles durante os últimos dois anos que eles adorariam chegar às portas da cidade com suas cabeças

espetadas em lanças.

— Isso não vai acontecer — respondeu o homem louro. O sorriso franco contrastava com seu tom de voz, transmitindo uma determinação que os outros dois conheciam bem.

— Sim, é bom que não aconteça. Agora, desapareçam daqui.

A companhia avançou, deixando para trás um cavaleiro para auxiliar o homem robusto em sua vigília. Passado um minuto de observação, ele murmurou em tom brando:

— O que está planejando desta vez, seu cara de pau desgraçado? O que está preparando contra nós neste verão, Murmandamus?

1

Festival

Jimmy passou pelo corredor, apressado.

Os últimos meses haviam sido uma época de crescimento para ele. Seu décimo sexto aniversário seria celebrado no dia do solstício de verão, embora ninguém soubesse sua idade exata. Dezesseis parecia uma boa aposta, embora pudesse estar mais próximo dos dezessete ou até mesmo dos dezoito anos. Sempre tivera porte atlético, seus ombros tinham se alargado e havia crescido quase uma cabeça desde que chegara à corte. Já ostentava uma aparência mais adulta do que juvenil.

Mas algumas coisas nunca mudam e o senso de responsabilidade de Jimmy era uma delas. Embora pudessem confiar nele para tarefas importantes, seu desprezo pelas tarefas do dia a dia mais uma vez ameaçava tornar um caos o tribunal do Príncipe de Krondor. Presumia-se que ele, como Escudeiro Superior da Corte do Príncipe, fosse o primeiro a comparecer à Assembleia, mas, como de hábito, era mais provável que fosse o último. De algum modo, a pontualidade parecia esquivar-se dele, de maneira que ou chegava tarde demais, ou cedo demais; raramente na hora marcada.

O Escudeiro Locklear encontrava-se à porta do salão menor, utilizado como ponto de encontro dos escudeiros, acenando freneticamente para que Jimmy se apressasse. De todos os escudeiros, apenas Locklear se tornara seu amigo, depois que regressara com Arutha da jornada em busca do Espinho de Prata. Apesar de sua primeira, e rigorosa, impressão de que Locklear era, em muitos aspectos, uma criança, o filho mais novo do Barão do Limiar da Terra demonstrara certa propensão para a displicência, o que surpreendeu e agradou seu amigo. Independentemente do desleixo com o qual Jimmy elaborava qualquer plano, de maneira geral Locklear concordava com ele. Quando fora apanhado no meio de uma das brincadeiras de Jimmy, que tiravam a paciência dos oficiais da corte, Locklear aceitara o castigo de bom grado, considerando-o o preço justo a pagar

por ter sido apanhado.

Jimmy entrou no salão correndo e foi deslizando pelo macio piso de mármore quando tentou parar. Duas dúzias de escudeiros vestidos de verde e marrom formavam duas fileiras organizadas no salão. Ele olhou ao redor, reparando que todos se encontravam em seus respectivos lugares. Ocupou seu lugar no instante em que Brian deLacy, o Mestre de Cerimônias, irrompeu pela porta.

Quando fora nomeado Escudeiro Superior da Corte, Jimmy pensara que o cargo acarretaria apenas privilégios e nenhuma responsabilidade. Sua opinião não tardara a mudar. Embora fosse um cargo modesto, era parte integrante da corte, e, quando não cumpria suas obrigações, era confrontado com o fato mais importante que todos os burocratas de qualquer país ou época conhecem: seus superiores hierárquicos não estão interessados em desculpas, apenas em resultados. Jimmy reunia todos os erros que podem ser cometidos pelos escudeiros. Até o momento, o ano não fora bom para ele.

Com passos calculados, a túnica rubra e negra farfalhando, o alto e digno Mestre de Cerimônias atravessou o aposento e se colocou atrás de Jimmy, tecnicamente seu primeiro assistente, logo abaixo do Mordomo-Mor da Casa Real, mas frequentemente o seu maior problema. Ao lado do Mestre deLacy estavam dois pajens da corte, vestidos com uniformes mesclados de púrpura e amarelo, filhos de plebeus que iriam ser educados para serem criados no palácio, ao contrário dos escudeiros que um dia estariam entre os senhores do Reino Ocidental. O Mestre deLacy bateu distraidamente a bota com revestimento de ferro no chão e disse:

— Conseguiu chegar antes de mim outra vez, não foi, Escudeiro James?

Mantendo a expressão inalterável, apesar das gargalhadas abafadas que alguns dos rapazes mais atrás na formação deram, Jimmy respondeu:

— Não falta ninguém, Mestre deLacy. O Escudeiro Jerome se encontra em seus aposentos, dispensado devido a uma lesão.

Com uma resignação cansada na voz, deLacy disse:

— Sim, eu ouvi sobre sua pequena desavença ontem no campo de jogos. Não nos alonguemos com suas constantes confusões com Jerome. Recebi outro comunicado do pai dele. Creio que, no futuro, irei me limitar a apenas transmitir esses comunicados a você. — Jimmy tentou manter um ar inocente, mas não conseguiu. — Agora, antes de passar aos casos de hoje, acho adequado salientar uma questão: espera-se que todos vocês se comportem como jovens cavalheiros. Por isso, creio também ser apropriado desencorajar a nova tendência de se fazer apostas naqueles jogos onde a bola supostamente deve entrar em um barril e que

são jogados nos Sextos Dias. Entenderam? — A pergunta parecia dirigir-se ao grupo de escudeiros, porém, naquele instante, a mão de deLacy pousou sobre o ombro de Jimmy. — A partir de hoje, acabaram-se as apostas, a menos que seja em algo aceitável, como nas corridas de cavalos, é claro. Para que não restem dúvidas: isto é uma ordem.

Todos os escudeiros murmuraram, concordando. Jimmy acenou solene com a cabeça. Secretamente, sentia-se aliviado por já ter feito sua aposta na partida que se realizaria naquela tarde. Aquele jogo despertara tanto interesse entre o pessoal e a baixa nobreza que Jimmy andava tentando, com afinco, descobrir uma maneira de cobrar entrada. O preço a pagar seria elevado caso Mestre deLacy descobrisse que Jimmy já fizera sua aposta no jogo, mas Jimmy sentia que sua honra fora satisfeita. DeLacy não dissera nada sobre apostas já feitas.

O Mestre deLacy analisou rapidamente o cronograma que Jimmy elaborara na noite anterior. Qualquer que fosse a queixa que o Mestre de Cerimônias pudesse fazer sobre o Escudeiro Superior, nada tinha a reclamar sobre o trabalho do jovem. Todas as tarefas que Jimmy assumia eram devidamente concluídas; o problema normalmente estava em convencê-lo a assumi-las. Depois de atribuir as tarefas da manhã, deLacy acrescentou:

— Quinze minutos antes das duas horas da tarde, nós nos reuniremos nos degraus do palácio. Às duas em ponto, o Príncipe Arutha e sua comitiva chegarão para a Apresentação. Assim que a cerimônia terminar, podem tirar o resto do dia de folga. Por isso, quem tem família na cidade pode se juntar a ela. Mas dois de vocês deverão permanecer a postos para dar apoio aos familiares e amigos do Príncipe. Escolhi os escudeiros Locklear e James para desempenhar essas funções. Os dois se apresentarão imediatamente nos aposentos do Conde Volney. Isto é tudo.

Jimmy permaneceu muito tempo estático em um silêncio mortificado, enquanto deLacy se afastava e a companhia de escudeiros se dispersava. Locklear caminhou até ele e, encolhendo os ombros, disse:

— Bem, que sorte a nossa! Todos podem passear, comer, beber e... — olhou de soslaio para Jimmy, sorrindo — beijar garotas. E nós temos de permanecer com Suas Altezas.

— Eu vou matá-lo — disse Jimmy, libertando sua raiva.

Locklear abanou a cabeça.

— Jerome?

— Quem mais? — Jimmy fez sinal para que seu amigo o seguisse para fora do salão. — Foi ele quem nos dedurou a deLacy sobre as apostas. Foi para se

vingar do olho roxo que lhe dei ontem.

Locklear suspirou, resignado.

— Não temos chance de vencer Thorn, Jason e os outros aprendizes se não jogarmos hoje. — Locklear e Jimmy eram os dois melhores atletas da companhia de escudeiros. Apenas Jimmy era mais rápido do que Locklear no uso da espada. Eram os dois melhores jogadores de bola do palácio; e, uma vez impossibilitados de participar do jogo, era quase certo que os aprendizes seriam os vencedores. — Quanto foi que você apostou?

— Tudo — respondeu Jimmy. Locklear estremeceu. Havia meses que os escudeiros reuniam sua prata e seu ouro para aquele jogo. — Bem, como é que eu poderia saber que deLacy viria com essa? Além disso, a julgar por nossas derrotas, a probabilidade de os aprendizes vencerem é de cinco para duas. — Jimmy passara meses calculando a estatística de derrotas no jogo dos escudeiros, antecipando aquela grande aposta. — Pode ser que ainda haja uma solução — ele ponderou. — Pensarei em algo.

— Você não foi pego hoje por um triz. O que foi que o atrasou? — perguntou Locklear, mudando de assunto.

Jimmy sorriu e suas feições se desanuviaram.

— Estava conversando com Marianna. — Depois sua expressão assumiu novamente um ar de repulsa. — Ela ia se encontrar comigo depois do jogo, mas agora temos de aturar o Príncipe e a Princesa.

Outra coisa que mudara em Jimmy no verão anterior fora o fato de ter descoberto as garotas. Subitamente, estar na companhia delas e o que elas pensavam dele passaram a ser fatores essenciais. Considerando sua educação e seus conhecimentos, mormente em comparação com os outros escudeiros da corte, Jimmy parecia muito mais velho. O antigo ladrão passara vários meses se fazendo notar entre as garotas mais jovens que serviam no palácio. Marianna foi simplesmente a última a simpatizar com ele e a ficar maravilhada com aquele jovem escudeiro inteligente, espirituoso e bonito. Seus cabelos castanhos encaracolados, seu sorriso fácil e seus olhos negros flamejantes eram motivo de preocupação para os pais das várias moças que integravam a equipe de criadas do palácio.

Locklear tentava se mostrar desinteressado, uma atitude que rapidamente se desgastava à medida em que ele próprio se tornava cada vez mais o centro das atenções das garotas do palácio. A cada semana que passava, crescia mais e já parecia ter a mesma altura de Jimmy. Seus cabelos louros, escuros e ondulados, seus olhos de um azul-celeste enquadrados por cílios quase femininos, seu

sorriso encantador e seus modos amistosos e simples contribuíam para sua popularidade entre as meninas do palácio. Ainda não se habituara à companhia do sexo oposto, pois em sua casa só tinha irmãos, mas a convivência com Jimmy já lhe revelara que as garotas tinham algo a mais do que achava quando vivia em Limiar da Terra.

— Bem — disse Locklear, acelerando o passo —, se deLacy não encontrar um motivo para despedir você, ou Jerome não contratar algum valentão para lhe dar uma surra, algum ajudante de cozinha ciumento ou um pai zangado não hesitará em pentear seu cabelo com um cutelo. Mas nenhum deles terá chance se chegarmos atrasados ao tribunal, pois o Conde Volney não pensará duas vezes para espetar nossas cabeças em estacas. Vamos.

Com uma gargalhada e uma cotovelada nas costelas, Locklear se apressou a percorrer os corredores, seguido de perto por Jimmy. Um velho criado que limpava o pó levantou a cabeça para observar os dois rapazes correndo, e, por um momento, refletiu sobre a magia da juventude. Depois, resignado com o efeito do tempo, retomou seus afazeres.

Os cidadãos aplaudiram quando os arautos começaram a descer os degraus do palácio. Aplaudiram porque, primeiro, seriam governados por seu Príncipe, que, embora tivesse estado distante, era bem respeitado e conhecido por ser imparcial. Aplaudiram porque, além disso, iriam ver a Princesa que tanto adoravam. Ela era um símbolo da continuação da antiga linhagem, uma ligação entre o passado e o futuro. Mas, acima de tudo, aplaudiram porque se encontravam entre os felizardos escolhidos que teriam autorização para comerem da despensa do Príncipe e beberem de sua adega.

O Festival de Apresentação realizava-se trinta dias após o nascimento de qualquer membro da família real. Sua origem ainda permanecia envolta em mistério, mas se achava que os antigos senhores da soberana Rillanon eram obrigados a mostrar ao povo de todas as classes que os herdeiros do trono haviam nascido imaculados. Atualmente, para o povo, era um feriado de boas-vindas, pois era como se fosse concedido a eles um Festival do Solstício de Verão adicional.

Os acusados de pequenos delitos foram perdoados, as questões de honra foram resolvidas e os duelos, proibidos durante uma semana e um dia após a Apresentação; todas as dívidas contraídas desde a última Apresentação (a da Princesa Anita, havia dezenove anos) foram esquecidas; durante aquela tarde e

noite, as classes sociais seriam ignoradas, a plebe e a nobreza comeriam juntas à mesma mesa.

Quando Jimmy ocupou seu lugar atrás dos arautos, compreendeu que sempre havia alguém que precisava estar trabalhando. Alguém tinha de preparar todos os alimentos que seriam servidos, e alguém arrumaria tudo à noite. E ele precisava estar a postos para servir Arutha e Anita caso precisassem. Soltando um suspiro, refletiu novamente sobre as responsabilidades que pareciam encontrá-lo onde quer que se escondesse.

Locklear cantarolava em voz baixa enquanto os arautos assumiam suas posições, seguidos pelos membros da Guarda da Casa Senhorial de Arutha. A chegada de Gardan, Marechal da Corte de Krondor, e do Conde Volney, na qualidade de Chanceler do Principado, era sinal de que as cerimônias estavam prestes a começar.

O soldado de cabelo grisalho, com uma expressão de quem se divertia estampada no rosto negro, acenou com a cabeça para o corpulento Chanceler, depois fez sinal para que Mestre deLacy iniciasse o protocolo. O bastão do Mestre de Cerimônias bateu no chão e os tocadores de tambor e de trombeta emitiram rufos e floreios. A multidão emudeceu quando o Mestre de Cerimônias voltou a bater com o bastão no chão, e o arauto clamou:

— Escutem! Escutem! Sua Alteza, Arutha conDoin, Príncipe de Krondor, Senhor do Reino Ocidental, Herdeiro do trono de Rillanon. — A multidão aplaudiu, embora fosse mais uma formalidade do que propriamente um entusiasmo genuíno. Arutha era daquele tipo de homem que inspirava no povo admiração e respeito profundos, mas não afeto.

Um homem alto, esguio e de cabelos negros entrou, trajando vestes marrons de tecidos finos, com um manto vermelho, típico de seu posto, descendo pelos ombros. Fez uma pausa, cerrando os olhos castanhos, enquanto o arauto anunciava a Princesa. Quando a esbelta Princesa de Krondor se juntou ao marido com os seus cabelos ruivos, o lampejo de felicidade que transpareceu em seus olhos verdes fez com que ele sorrisse, e a multidão começou a ovacionar fervorosamente. Ali estava sua amada Anita, filha de Erland, o predecessor de Arutha.

Embora a cerimônia propriamente dita não fosse muito demorada, a apresentação de todos demorou muito tempo. Um núcleo de nobres e de convidados do palácio tinha direito a apresentação pública. Anunciaram o primeiro par:

— Suas Altezas, o Duque e a Duquesa de Salador.

Um jovem louro e bonito oferecia o braço a uma mulher de cabelos negros. Laurie, antigo menestrel e viajante, atualmente Duque de Salador e marido da Princesa Carline, acompanhou sua bela esposa até o local onde estava o irmão dela. Haviam chegado a Krondor havia uma semana, para visitarem os sobrinhos, e ficariam mais uma semana.

O arauto continuou falando enquanto apresentava os outros membros da nobreza e, finalmente, os convidados de honra, incluindo o Embaixador keshiano. Lorde Hazara-Khan entrou acompanhado por apenas quatro guarda-costas, renunciando à habitual pompa keshiana. O Embaixador vestia-se ao estilo dos homens do deserto de Jal-Pur: um pano cobria-lhe a cabeça, deixando entrever apenas os olhos, e usava um longo manto índigo sobre a túnica branca, as calças enfiadas nos canos das botas que iam quase até seus joelhos. Os guarda-costas vestiam negro da cabeça aos pés.

Ao término das apresentações, deLacy avançou e disse:

— Deixem que o povo se aproxime. — Várias centenas de homens e mulheres de diversas classes, desde o mais desgraçado mendigo até o plebeu mais abastado, reuniram-se nos degraus do palácio.

Arutha proferiu os habituais dizeres da Apresentação:

— Celebra-se, hoje, o tricentésimo décimo dia do segundo ano do reinado do nosso Senhor Rei, Lyam Primeiro. Hoje, apresentamos nossos filhos.

DeLacy bateu com o bastão no chão e o arauto gritou:

— Suas Altezas Reais, os Príncipes Borric e Erland.

A multidão irrompeu em um frenesi de brados e vivas enquanto os filhos gêmeos de Arutha e Anita, nascidos um mês antes, eram apresentados ao público pela primeira vez. A ama escolhida para cuidar dos meninos avançou e entregou-os à mãe e ao pai. Arutha pegou Borric, que recebera o nome em homenagem ao pai dele, e Anita pegou Erland, batizado em homenagem ao pai dela. Os dois bebês suportaram a apresentação em público com graciosidade, embora Erland revelasse sinais de impaciência. A multidão continuou a dar vivas, mesmo depois de Arutha e Anita terem devolvido os filhos à ama. Arutha presenteou a massa que se apinhava ao fundo dos degraus com outro raro sorriso.

— Meus filhos são saudáveis e fortes, nasceram sem qualquer problema. São apropriados para governar. Aceitam-nos como filhos da Casa Real?

A multidão gritou em concordância. Anita espelhou o sorriso do marido. Arutha acenou para o povo.

— Nossos agradecimentos, meu querido povo. Até o banquete. Despeço-me desejando a todos um bom-dia.

A cerimônia terminara. Jimmy apressou-se a se juntar a Arutha, como era sua obrigação, enquanto Locklear se colocou ao lado de Anita. Locklear era formalmente um escudeiro subordinado, porém era tantas vezes destacado para servir a Princesa que frequentemente o tomavam por escudeiro pessoal da soberana. Jimmy suspeitava que deLacy desejava mantê-lo perto de Locklear para que desse modo fosse mais fácil vigiá-los. O Príncipe lançou a Jimmy um meio sorriso distraído, enquanto observava a mulher e a irmã atarefadas com os gêmeos. O Embaixador keshiano retirou o véu tradicional que lhe cobria o rosto e sorriu ao vê-las. Os quatro guarda-costas mantinham-se por perto.

— Vossa Alteza — disse o keshiano — é uma pessoa amplamente abençoada. Bebês saudáveis são uma dádiva dos deuses. E são ambos do sexo masculino.

Arutha estava alegre por contemplar sua esposa, que parecia radiante enquanto observava os filhos nos braços da ama.

— Muito obrigado, Lorde Hazara-Khan. É um prazer inesperado encontrá-lo entre nós este ano.

— O tempo em Durbin está horrível — respondeu absorto, enquanto começava a fazer caretas para o pequeno Borric. Subitamente, recordou-se do posto que ocupava e, assumindo um tom mais formal, acrescentou: — Além disso, Vossa Alteza, temos um pequeno assunto a tratar, relativo às novas fronteiras aqui no Ocidente.

Arutha soltou uma gargalhada.

— No seu caso, meu caro Abdur, pequenos assuntos transformam-se em grandes preocupações. Não tenho muita vontade de me sentar com você outra vez à mesa de negociações. Mas transmitirei a Sua Majestade todas as suas sugestões.

— Aguardarei a vontade de Sua Majestade — disse o keshiano com uma reverência.

Arutha pareceu reparar nos guardas.

— Não vejo seus filhos nem Lorde Daoud-Khan entre os presentes.

— Ficaram encarregados das obrigações de que habitualmente me ocupo entre meu povo em Jal-Pur.

— E estes, quem são? — indagou Arutha, indicando os quatro guarda-costas, vestidos de preto da cabeça aos pés, até mesmo nas bainhas de suas cimitarras; embora seus hábitos em tudo se assemelhassem aos dos homens do deserto, eram diferentes de tudo o que Arutha já vira em um keshiano.

— Estes são izmalis, Alteza. São minha proteção pessoal, nada mais.

Arutha optou por não dizer mais nada quando o aglomerado de pessoas à

volta dos bebês pareceu se dispersar. Os izmalis eram famosos como guarda-costas, a melhor proteção disponível para a nobreza do Império do Grande Kesh, mas corriam rumores de que também eram espiões altamente especializados e, ocasionalmente, assassinos. Suas capacidades eram quase lendárias. Tinham reputação de conseguirem se aproximar e se afastar de uma pessoa sem serem notados, como se fossem espectros. Arutha não apreciava a ideia de ter entre suas paredes homens que eram praticamente assassinos, mas Abdur tinha direito à sua comitiva; além disso, achava pouco provável que o Embaixador keshiano trouxesse para Krondor alguém que pudesse representar algum perigo para o Reino. Inquieto, Arutha ficou em silêncio.

— Também temos de falar sobre o último pedido de Queg, relativo aos direitos de atracação nos portos do Reino — disse Lorde Hazara-Khan.

Arutha mostrou-se francamente surpreso. Depois, sua expressão ganhou traços de irritação.

— Presumo que um pescador de passagem tenha falado com vocês sobre esse assunto quando desembarcaram nas docas, não?

— Alteza, Kesh tem amizades em muitos lugares — respondeu o Embaixador com um sorriso insinuante.

— Bem, certamente de nada valerá comentar sobre o Corpo Imperial de Espionagem de Kesh, pois ambos sabemos que — Hazara-Khan adiantou-se e disseram em uníssono: — tal organização não existe.

Abdur Rachman Memo Hazara-Khan fez uma reverência e perguntou:

— Vossa Alteza pode me dar licença?

Arutha fez uma ligeira reverência, enquanto o keshiano se despedia, depois se virou para Jimmy.

— O quê? Vocês estão de serviço hoje, seus patifes? — Jimmy encolheu os ombros, indicando que não havia sido ideia sua. Arutha reparou na esposa dando instruções à ama para que levasse os gêmeos para o berçário. — Ora, devem ter aprontado alguma coisa e deixado deLacy irritado. Mas não podemos permitir que percam toda a diversão. Parece que haverá um jogo de bola-e-barril especialmente interessante agora à tarde.

Jimmy simulou surpresa, enquanto o rosto de Locklear ficava vermelho.

— Ouvi dizer que sim — disse Jimmy desinteressadamente.

Indicando aos rapazes que o seguissem quando a comitiva começou a se dirigir para o interior, Arutha comentou:

— Então devemos ir assisti-lo, não é? — Jimmy piscou o olho a Locklear. Depois, Arutha acrescentou: — Além disso, se vocês perderem a aposta, não

valerão nada quando os outros escudeiros os pegarem.

Jimmy não disse nada enquanto se dirigiam para o Grande Salão e para a recepção dos nobres, antes de darem autorização de acesso aos plebeus para o banquete que seria servido no pátio.

Algum tempo depois, murmurou para Locklear:

— Aquele homem tem o hábito irritante de sempre saber o que está acontecendo.

As celebrações atingiram o apogeu, com nobres se misturando aos plebeus a quem fora concedido o direito de entrar no pátio do palácio. Mesas compridas haviam sido dispostas com alimentos e bebidas, e, para muitos dos presentes, aquela seria a melhor refeição que teriam no ano. Embora as formalidades estivessem sendo ignoradas, os plebeus mantinham o respeito por Arutha e sua comitiva, fazendo pequenas reverências e dirigindo-se a eles de modo formal. Jimmy e Locklear mantinham-se por perto, para o caso de alguém precisar deles.

Carline e Laurie seguiam de braços dados atrás de Arutha e Anita. Desde seu casamento, os novos Duque e Duquesa de Salador haviam se tornado um pouco mais tranquilos, o que contrastava com o conhecido e tempestuoso romance na corte do Rei.

— Muito me alegra o fato de poder ficar tanto tempo — disse Anita, dirigindo-se à cunhada. — No palácio de Krondor, só há homens. E agora, então, com dois rapazes...

— A coisa vai piorar — concluiu Carline. — Fui criada por um pai e dois irmãos, sei bem o que quer dizer.

Arutha olhou para Laurie por cima de um dos ombros e disse:

— Isso só quer dizer que ela foi descaradamente mimada.

Laurie soltou uma gargalhada, mas pensou melhor sobre o comentário que ia fazer quando percebeu os olhos de sua esposa se estreitando sobre ele.

— Da próxima vez, quero uma menina — disse Anita.

— E depois podem mimá-la descaradamente — arriscou Laurie.

— Quando pensam ter filhos? — indagou Anita.

Arutha se virou da mesa trazendo um jarro de cerveja e encheu sua caneca e a de Laurie. Um criado apressou-se a servir copos de vinho às damas.

— Será quando Deus quiser. Não é por falta de tentativas, acredite — respondeu Carline, virando-se para Anita.

Anita escondeu uma risadinha atrás da mão, enquanto Arutha e Laurie

trocavam olhares. Carline observou os rostos dos outros e disse:

— Não me digam que ficaram envergonhados? — Virou-se para Anita e acrescentou: — Homens.

— A última mensagem de Lyam dizia que a Rainha Magda talvez estivesse grávida. Creio que teremos certeza quando ele enviar a próxima remessa de mensagens.

— Pobre Lyam, sempre tão interessado nas damas, e teve de se casar por razões de Estado — disse Carline. — Ela é uma mulher decente, ainda que um pouco insípida, mas ele parece bastante feliz.

— A Rainha não é insípida — afirmou Arutha. — Comparado a você, até um esquadrão de cavaleiros queguianos é insípido. — Laurie nada disse, mas seus olhos azuis concordaram com o comentário de Arutha. — Só espero que seja um menino.

Anita sorriu.

— Arutha está ansioso para que outro se torne Príncipe de Krondor.

Carline contemplou o irmão de modo significativo.

— Mesmo assim, as questões de Estado não estariam resolvidas. Agora, com a morte de Caldric, Lyam dependerá mais de você e de Martin do que nunca. — Lorde Caldric de Rillanon falecera pouco tempo depois do casamento do Rei com a Princesa Magda de Roldem, deixando vagos os cargos de Duque de Rillanon, de Chanceler Real e de Conselheiro Principal do Rei.

Arutha encolheu os ombros enquanto escolhia a comida para seu prato.

— Acho que ele não encontrará candidatos para o cargo de Caldric.

— O problema é exatamente esse — interveio Laurie. — Muitos nobres procuram ganhar vantagem sobre seus vizinhos. Tivemos três conflitos dignos de nota entre barões no Oriente. Nada que justifique Lyam enviar seu próprio exército, mas o suficiente para deixar o povo a leste de Cruz de Malac nervoso. É por esse motivo que Bas-Tyra continua sem duque. Trata-se de um ducado muito poderoso para Lyam entregá-lo a qualquer um. Se você não tiver cuidado, poderá ser nomeado Duque de Krondor ou de Bas-Tyra, se Magda der à luz um menino.

— Basta — disse Carline. — Hoje é dia de festa. Hoje não se fala mais de política.

Anita tomou Arutha pelo braço.

— Vamos. Fizemos uma boa refeição, um festival está prestes a começar e os bebês estão dormindo tranquilamente. Além disso — acrescentou com um sorriso —, amanhã temos de começar a nos preocupar com como vamos pagar

este festival e o Festival de Banapis no próximo mês. Hoje, desfrutamos daquilo que temos.

Jimmy conseguiu chegar perto do Príncipe e perguntou:

— Vossa Alteza estaria interessado em assistir a um confronto? — Trocou olhares preocupados com Locklear, pois já passara da hora prevista para o início do jogo.

Anita lançou um olhar questionador ao marido.

— Prometi a Jimmy que iríamos assistir a um jogo de bola-e-barril no qual ele planejou participar hoje.

— Isso deve ser mais divertido do que outro espetáculo de malabaristas e atores — comentou Laurie.

— Você diz isso porque passou a maior parte da vida com malabaristas e atores — interveio Carline. — Quando eu era mais nova, era costume nos sentarmos para ver os rapazes se estapearem em um jogo de bola-e-barril todos os Sextos Dias, enquanto fingíamos que não os víamos. Eu fico com os malabaristas e atores.

— Por que vocês dois não acompanham os rapazes? — adiantou Anita. — Hoje, a informalidade impera. Vamos nos encontrar mais tarde no Grande Salão para assistirmos ao entretenimento da noite.

Laurie e Arutha concordaram e seguiram os rapazes por entre a multidão. Abandonaram o pátio central do palácio e atravessaram uma série de corredores que ligavam o complexo central do palácio a edifícios exteriores. Atrás do palácio existia um enorme campo de treino, perto dos estábulos, onde os guardas do palácio faziam exercícios. Uma enorme multidão se aglomerara, ovacionando intensamente quando Arutha, Laurie, Jimmy e Locklear chegaram. Eles abriram caminho até a frente, afastando os espectadores. Alguns se viraram para reclamar ao serem empurrados, mas, ao avistarem o Príncipe, não voltaram a reagir.

Arranjaram-lhes um lugar atrás dos escudeiros que não jogavam. Arutha acenou na direção de Gardan, que estava do lado oposto do recinto, com um batalhão de guardas que não estavam de serviço.

— Isso, agora, está muito mais organizado do que antes — disse Laurie depois de observar o jogo por algum tempo.

— São coisas do deLacy — emendou Arutha. — Ele elaborou as regras do jogo depois de ter vindo reclamar do número de rapazes que ficavam doloridos demais para conseguirem trabalhar após uma partida. — Então apontou. — Está vendo aquele sujeito com a ampulheta? É ele quem controla o tempo da partida.

O jogo agora tem a duração de uma hora. Só podem jogar uma dúzia de rapazes de cada lado, e devem manter-se entre aquelas linhas traçadas a giz no chão. Jimmy, em que consistem as outras regras?

Jimmy estava se preparando, tirando o cinto e a adaga.

— É proibido jogar com as mãos, como sempre — explicou. — Quando um dos lados pontua, recua-se para além do meio do campo e os oponentes podem avançar com a bola. É proibido morder ou agarrar o adversário, e também não são permitidas armas.

— Não são permitidas armas? — indagou Laurie. — Me parece muito inofensivo.

Locklear já havia tirado o casaco e o cinto, e tocou no ombro de outro escudeiro.

— Como está o resultado?

O escudeiro não desviou o olhar da partida. Um rapaz de estrebaria, que levava a bola à sua frente com os pés, levou uma rasteira de um dos colegas da equipe de Jimmy, mas a bola foi interceptada por um aprendiz de padeiro, que habilmente a chutou para um dos dois barris que se encontravam nas extremidades do campo. O escudeiro resmungou:

— Isso os põe à frente por quatro a dois. E faltam menos de vinte e cinco minutos de jogo.

Jimmy e Locklear olharam para Arutha, que acenou com a cabeça. Dispararam em direção ao campo, substituindo dois escudeiros sujos e ensanguentados.

Jimmy recebeu a bola de um dos dois juízes, outra inovação de deLacy, e chutou-a para a linha que dividia o campo. Locklear, que se posicionara precisamente ali, apressou-se a chutá-la novamente para Jimmy, para surpresa dos vários aprendizes que corriam em sua direção. Rápido como um relâmpago, Jimmy passou por eles antes que conseguissem se recuperar do choque, agachando-se para escapar de um cotovelo que mirava sua cabeça. Chutou a bola para a abertura de um barril. Ela bateu na borda e caiu para fora, mas Locklear esquivou-se do aglomerado e chutou-a novamente. Os escudeiros e um grande número de pessoas da pequena nobreza aplaudiram de pé. Os aprendizes estavam vencendo por apenas um ponto.

Uma pequena discussão teve início e os juízes não tardaram a intervir. Como não houve danos maiores, retomaram o jogo. Os aprendizes avançaram com a bola; Locklear e Jimmy recuaram. Um dos escudeiros mais corpulentos deu um empurrão em um ajudante de cozinha, fazendo com que batesse contra o jogador

que conduzia a bola. Jimmy atirou-se à bola como um gato, chutando-a na direção de Locklear. O escudeiro menor conduziu-a habilmente pelo campo afora, passando-a para outro escudeiro, que se apressou a passá-la para trás quando vários adversários correram para ele. Um robusto rapaz de estrebaria passou correndo por Locklear. Em vez de tentar jogar a bola, abaixou a cabeça e arrastou Locklear e a bola para fora da linha lateral. Uma briga irrompeu e os juízes, depois de separarem os envolvidos, ajudaram Locklear a se levantar. O rapaz estava abalado demais para continuar e foi substituído por outro escudeiro. Como os dois adversários estavam fora dos limites do recinto, o juiz considerou que a bola não pertencia a nenhuma das equipes e lançou-a para o centro do campo. Os jogadores dos dois lados tentaram recuperá-la em meio a uma confusão de cotovelos, joelhos e punhos.

— Assim é que este jogo deve ser jogado — comentou Laurie.

Subitamente, um rapaz de estrebaria libertou-se, e não havia ninguém entre ele e o barril dos escudeiros. Jimmy correu velozmente atrás dele e, ao perceber que não conseguiria interceptar a bola, atirou-se contra o rapaz, repetindo a técnica que fora usada em Locklear. O juiz voltou a declarar que a bola não pertencia a nenhuma das equipes e outra briga tomou o meio do campo.

Então um escudeiro chamado Paul ganhou a posse da bola e começou a conduzi-la em direção ao barril dos aprendizes com uma destreza inesperada. Dois imponentes aprendizes de padeiro interceptaram-no, mas ele conseguiu passar a bola segundos antes de o derrubarem. A bola acabou indo para o escudeiro Friederic, que a passou para Jimmy. Ele esperava outro ataque dos aprendizes, mas ficou surpreso ao constatar que recuavam. Tratava-se de uma nova tática, que visava contrapor os passes rápidos que Jimmy e Locklear tinham imposto ao jogo.

Os escudeiros, ao lado das linhas laterais, gritavam palavras de encorajamento.

— Agora só faltam alguns minutos — gritou um deles.

Jimmy fez sinal para que Friederic se posicionasse a seu lado, gritou rápidas instruções e depois arrancou. Fez um movimento para a esquerda e depois passou a bola novamente para Friederic, que recuou para o meio-campo. Jimmy seguiu para a direita e depois recebeu um passe bem direcionado que Friederic fizera na direção do barril. Esquivou-se do carrinho de um adversário e chutou a bola para dentro do barril.

A multidão aplaudiu em reconhecimento, pois aquela partida trazia algo de novo ao jogo: tática e habilidade. No que sempre fora um jogo duro, a precisão

fora adicionada.

Houve, então, mais uma briga. Os juízes apressaram-se a encerrá-la, mas os aprendizes relutavam implacavelmente em pôr fim à confusão. Virando-se para Laurie e Arutha, Locklear, cujos ouvidos tinham deixado de zunir, disse:

— Estão tentando impedir que o jogo prossiga até acabar o tempo. Sabem que vamos ganhar se tivermos outra oportunidade de pegar a bola.

Finalmente, a ordem foi imposta. Locklear achou que estava apto a regressar e substituiu um rapaz que se lesionara na briga. Jimmy fez sinal para que seus escudeiros recuassem, murmurando rápidas instruções para Locklear, enquanto os aprendizes traziam lentamente a bola para a frente. Tentaram realizar os passes feitos por Jimmy, Friederic e Locklear, mas demonstraram pouca destreza. Por duas ocasiões, quase chutaram a bola para fora das quatro linhas antes de recuperarem o controle dos passes extraviados. Foi então que Jimmy e Locklear atacaram. Locklear fingiu investir contra o que conduzia a bola, obrigando-o a passá-la, depois correu a toda a velocidade em direção ao barril. Jimmy seguiu-o de perto, e os outros, agindo com cautela, conseguiram deter o passe mal direcionado, chutando a bola para Locklear. O rapaz menos corpulento recebeu o passe e partiu para o barril. Um defensor tentou impedi-lo, mas não conseguiu agarrar o escudeiro, que era mais veloz. Foi então que o aprendiz tirou algo de dentro da camisa e arremessou contra Locklear.

Aos espectadores atônitos, pareceu que o rapaz simplesmente caiu de cara no chão e a bola transpôs a linha lateral. Jimmy correu até seu colega, depois levantou-se subitamente e correu atrás do rapaz que estava tentando trazer a bola de volta para o campo. Sem qualquer pretensão de retomar o jogo, Jimmy bateu no rosto do aprendiz, fazendo-o tombar para trás. Iniciou-se outra briga, mas dessa vez vários aprendizes e escudeiros dos dois lados juntaram-se à confusão.

— A coisa pode ficar feia. Acha que devo intervir? — perguntou Arutha a Laurie.

Laurie percebeu que a briga aumentava de intensidade.

— Sim, se quer ter algum escudeiro inteiro para o serviço de amanhã.

Arutha fez um sinal a Gardan, que ordenou a alguns soldados que entrassem em cena. Os guerreiros bronzeados não tardaram a repor a ordem. Arutha atravessou o recinto de jogo e ajoelhou-se ao lado do local onde Jimmy estava sentado, embalando a cabeça de Locklear no colo.

— O imbecil acertou a nuca dele com uma ferradura. Ele está desmaiado.

Arutha observou o rapaz caído; depois, virou-se para Gardan e ordenou:

— Leve esses garotos para seus aposentos e chame o cirurgião para examinar

este aqui. O jogo acabou — afirmou, virando-se para o homem que controlava o tempo. Jimmy parecia prestes a protestar, mas depois achou melhor não fazê-lo.

— A partida está empatada em quatro a quatro. Não há vencedores — proclamou o homem que controlava o tempo.

— Pelo menos, também não há perdedores — disse Jimmy, soltando um suspiro.

Dois guardas levantaram Locklear e o levaram embora.

— Continua a ser um jogo muito violento — disse Arutha, virando-se para Laurie.

O antigo menestrel aquiesceu com a cabeça.

— DeLacy deve elaborar mais algumas regras antes que comecem a quebrar cabeças.

Jimmy voltou ao local onde deixara a túnica e o cinto, enquanto a multidão se dispersava. Arutha e Laurie o seguiram.

— Qualquer dia, tentamos outra vez — disse o jovem.

— Seria interessante — concordou Arutha. — Agora que já conhecem seu truque, estarão de sobreaviso.

— Nesse caso, teremos de inventar outra coisa.

— Bom, sendo assim, acho que valeria a pena marcar uma data. Digamos, dentro de uma ou duas semanas. — Arutha pousou a mão sobre o ombro de Jimmy. — Acho que vou dar uma olhada nas regras do deLacy. Laurie tem razão. Se vão correr de maneira aleatória por todo o campo, não podemos permitir que atirem ferraduras uns nos outros.

Jimmy pareceu perder o interesse pelo jogo. Algo no meio da multidão despertara sua atenção.

— Está vendo aquele sujeito ali? Aquele de túnica azul e chapéu cinzento?

O Príncipe olhou na direção indicada.

— Não.

— Ele se agachou exatamente quando Vossa Alteza se virou. Mas eu o conheço. Posso investigar?

Havia algo no tom de voz de Jimmy que deixava claro que aquilo não era outro plano para se esquivar de suas obrigações.

— Vá. Mas não demore muito. Laurie e eu vamos regressar ao Grande Salão.

Jimmy correu para o local onde avistara o sujeito pela última vez. Parou e olhou ao redor, depois avistou a silhueta familiar ao lado de uma escadaria estreita que dava para uma entrada lateral. O homem estava encostado na parede, oculto por sombras, comendo de um prato. Só levantou o olhar quando Jimmy se

aproximou.

— Ora, aí está você, Jimmy, a Mão.

— Não atendo mais por esse apelido, Alvarny, o Veloz. Agora sou o Escudeiro James de Krondor.

O antigo ladrão riu entre dentes.

— Também não atendo mais por esse apelido. Embora eu fosse realmente veloz no meu tempo. — Baixando a voz para que mais ninguém conseguisse ouvi-lo, acrescentou: — Meu amo envia uma mensagem para o seu. — Jimmy percebeu imediatamente que algo de grave estava acontecendo, pois Alvarny, o Veloz, era o Mestre Diurno dos Zombadores, a Guilda dos Ladrões. Não era um simples andarilho errante, mas um dos colaboradores mais graduados e de maior confiança do Justo. — Não tenho nada escrito, mas meu amo diz que as aves de rapina, que todos pensavam que tinham abandonado a cidade, regressaram do Norte.

Jimmy sentiu um calafrio no estômago.

— Aquelas que caçam à noite?

O ladrão já velho concordou com a cabeça enquanto enfiava uma pasta amarronzada na boca. Fechou os olhos por um instante e soltou um som de satisfação. Depois, fitou Jimmy fixamente, estreitando os olhos enquanto falava:

— Lamento que tenha nos deixado, Jimmy, a Mão. Você era promissor. Poderia ter ido longe entre os Zombadores se conseguisse evitar que cortassem sua garganta. Mas, como se diz, são águas passadas. Vamos nos ater ao tema da mensagem. Encontraram o jovem Tyburn Reems boiando nas águas da baía. Em alguns locais próximos dali, os contrabandistas costumavam fazer suas negociações; um desses locais é de pouca importância para os Zombadores e, por isso, é negligenciado. Pode ser que seja lá o covil das tais aves. É isso, não tenho mais nada a acrescentar. — Sem proferir outra palavra, Alvarny, o Veloz, Mestre Diurno dos Zombadores e antigo chefe dos ladrões, dirigiu-se vagarosamente para a multidão, sumindo entre os cidadãos.

Jimmy não hesitou. Correu velozmente para o local onde deixara Arutha poucos minutos antes e, como não o encontrou, encaminhou-se para o Grande Salão. A multidão que se apinhava diante do palácio o impediu de avançar com rapidez. Ver os corredores cheios de rostos desconhecidos deixou Jimmy subitamente alarmado. Nos meses desde que ele e Arutha haviam regressado de Moraelin com o Espinho de Prata para curar Anita, tinham permanecido envolvidos pela vida normal no palácio. Subitamente, o jovem via a adaga de um assassino em cada mão, veneno em cada copo de vinho, e um arqueiro em cada

sombra. Passando com dificuldade entre os comensais, seguiu apressadamente seu caminho.

Jimmy passou como uma flecha por entre o aglomerado de nobres e outros convidados menos distintos no Grande Salão. Perto do palanque, juntava-se um grupo de pessoas absortas em conversas. Laurie e Carline conversavam com o embaixador keshiano, enquanto Arutha subia os degraus para o trono. Um grupo de acrobatas executava seu número com destreza no centro do salão, obrigando Jimmy a contornar a clareira que formavam, enquanto dezenas de cidadãos assistiam à cena maravilhados. Ao se deslocar pelo emaranhado de pessoas, Jimmy olhou para cima, para as janelas do salão, onde as profundas sombras de cada cúpula o assombravam com recordações. Sentia-se imensamente desgastado. Acima de qualquer outra pessoa, ele deveria saber as ameaças que podiam ser ocultadas em tais lugares.

Jimmy passou apressadamente por Laurie e chegou até onde Arutha estava quando o Príncipe já se sentava no trono. Não avistava Anita em lugar algum. Olhou rapidamente para o lugar que ela deveria ocupar e fez um sinal interrogativo com a cabeça.

— Ela foi ver como estão os bebês. Por quê? — perguntou Arutha.

Jimmy debruçou-se sobre Arutha.

— Meu antigo senhor enviou uma mensagem. Os Falcões Noturnos regressaram a Krondor.

A expressão de Arutha tornou-se sombria.

— É uma especulação ou uma certeza?

— Em primeiro lugar, o Justo não enviaria quem enviou se considerasse que o assunto não é sério e que precisa de uma rápida solução Expôs um dos Zombadores mais graduados. Em segundo lugar, há, ou melhor, havia, um jovem trapaceiro que atendia pelo nome de Tyburn Reems e que costumava perambular pela cidade. Usufruía de isenções especiais dos Zombadores. Permitiam que ele fizesse coisas a que poucos de nossa guilda tinham direito. Agora, entendi o motivo. Ele era um agente pessoal de meu antigo amo. Reems está morto. Creio que o Justo foi alertado sobre a possibilidade do regresso dos Falcões Noturnos e mandou Reems descobrir o paradeiro deles. Eles estão novamente escondidos em algum lugar da cidade. Onde, exatamente, o Justo não sabe, mas suspeita que seja nos arredores do antigo reduto dos contrabandistas.

Enquanto falava com o Príncipe, Jimmy olhava ao redor do salão. Quando

finalmente olhou para ele, ficou sem fala. O semblante de Arutha era uma máscara rígida de raiva controlada, a ponto de lhe deformar o rosto. Alguns dos presentes se viraram para observá-lo.

— Então a coisa vai recomeçar? — perguntou a Jimmy em um murmúrio dissonante.

— Parece que sim — respondeu Jimmy.

Arutha levantou-se.

— Não me tornarei um prisioneiro em minha própria casa, com guardas em cada janela.

Os olhos de Jimmy vasculharam o salão para além do ponto onde a Duquesa Carline fascinava o embaixador keshiano.

— Isso é ótimo, mas hoje é um dia em que sua casa está repleta de desconhecidos. O bom senso recomenda que se retire mais cedo para seus aposentos, pois, se algum dia houve uma oportunidade de ouro para alguém se aproximar de você, esse dia é hoje. — Seus olhos pulavam de um rosto para outro, em busca de algum sinal. — Se os Falcões Noturnos estão novamente em Krondor, certamente estão neste salão ou a caminho, enquanto a noite cai. Pode ser que os encontre ao ir daqui para seus aposentos.

Subitamente, Arutha arregalou os olhos.

— Meus aposentos! Anita e os bebês!

O Príncipe começou a correr, ignorando os rostos exasperados à sua volta, com Jimmy logo atrás. Carline e Laurie perceberam que algo de errado estava acontecendo e os seguiram.

Em poucos instantes, dezenas de pessoas seguiam o Príncipe pelo corredor. Gardan observara a saída apressada e juntou-se a Jimmy.

— O que aconteceu?

— Falcões Noturnos — respondeu Jimmy.

O Marechal da Corte de Krondor não precisava ouvir mais nada. Agarrou pela manga o primeiro guarda que viu no salão e indicou a outro que os seguisse.

— Chame o Capitão Valdis e mande-o vir falar comigo — ordenou ao primeiro.

— Onde ele deve encontrá-lo, senhor? — indagou o soldado.

Gardan afastou-o com um empurrão.

— Diga a ele para nos procurar.

Enquanto seguiam apressadamente, Gardan reuniu cerca de uma dúzia de soldados para o acompanharem. Quando Arutha chegou à porta de seus aposentos, hesitou por um instante, como que receoso do que poderia encontrar

lá dentro.

Depois de abrir a porta, deparou-se com Anita sentada ao lado dos berços onde os seus filhos dormiam. Ela ergueu o olhar e seu semblante assumiu prontamente uma expressão de alarme.

— O que aconteceu? — Anita perguntou, dirigindo-se ao marido.

Arutha fechou a porta às suas costas, indicando a Carline e aos outros que esperassem lá fora.

— Nada, por enquanto. — Fez uma pausa. — Quero que vá fazer uma visita à sua mãe com os bebês.

— Ela ficaria muito feliz — respondeu Anita, mas seu timbre de voz deixou claro que sabia que havia algo mais do que lhe fora revelado. — Ela já venceu a doença, embora ainda não se sinta com forças para viajar. Vai ficar maravilhada. — Em seguida, fitou Arutha com um olhar inquisidor. — E estaremos mais protegidos na pequena propriedade dela do que aqui.

Arutha sabia que de nada adiantava tentar esconder algo de Anita.

— Sim. Temos de nos preocupar outra vez com os Falcões Noturnos.

Anita aproximou-se do marido e encostou a cabeça em seu peito. A última tentativa de assassinato quase lhe roubara a vida.

— Não receio por mim, mas os bebês...

— Partirão amanhã.

— Tratarei dos preparativos.

Arutha beijou-a e encaminhou-se para a porta.

— Volto logo. Jimmy aconselha que não saiamos dos aposentos enquanto o palácio estiver repleto de desconhecidos. Um bom conselho, mas devo me manter em público durante mais algum tempo. Os Falcões Noturnos não sabem que estamos cientes de seu regresso. Não podemos permitir que percebam, ao menos, não agora.

— Jimmy continua querendo ser o Conselheiro Principal do Príncipe? — disse Anita, encontrando disposição para rir em meio ao terror.

Arutha sorriu ao ouvi-la.

— Há quase um ano que não diz nada sobre ser nomeado Duque de Krondor. Por vezes, acho-o mais apto para ocupar esse cargo do que muitos dos outros que provavelmente vão assumi-lo.

Arutha abriu a porta e encontrou Gardan, Jimmy, Laurie e Carline à espera. Os outros tinham sido afastados por uma companhia da Guarda da Casa Real. O Capitão Valdis aguardava ao lado de Gardan.

— Capitão, pela manhã, quero um batalhão completo de lanceiros preparados

para avançar — ordenou Arutha. — A Princesa e os Príncipes vão se deslocar até as propriedades da mãe da Princesa. Você deve protegê-los bem.

O Capitão Valdis bateu continência e voltou-se para dar ordens. Arutha virou-se para Gardan e ordenou:

— Comece a posicionar lentamente homens por todo o palácio e esquadrinhe todos os possíveis esconderijos. Se alguém perguntar por mim, diga que Sua Alteza, a Princesa, está indisposta e que estou fazendo companhia a ela durante algum tempo. Em breve, regressarei ao Grande Salão. — Gardan acenou com a cabeça e afastou-se. — Quero que transmita um recado meu — disse Arutha, dirigindo-se a Jimmy.

— Partirei imediatamente.

— O que acha que vai fazer? — indagou Arutha.

— Ir às docas — respondeu o rapaz com um sorriso sinistro.

Arutha acenou com a cabeça, novamente feliz e surpreso com a perspicácia do rapaz.

— Sim, procure a noite inteira, se for preciso. Mas, assim que for possível, encontre Trevor Hull e o traga até mim.

2

Descoberta

Jimmy espiou o salão.

A Estalagem do Caranguejo Violinista era o covil de muitos que procuravam um porto seguro onde não se faziam perguntas; além disso, ficava longe de olhares indiscretos. Quando o sol começava a se pôr, o salão lotava de frequentadores assíduos, por isso, Jimmy foi prontamente alvo de curiosidade, pois suas vestes denunciavam que era forasteiro. Alguns dos habitantes locais o conheciam de vista (depois do Bairro Pobre, as docas haviam sido uma segunda casa para ele), mas a maior parte dos clientes da estalagem o confundiu com um garoto rico que vinha se divertir durante a noite, e que talvez tivesse algum ouro a mais.

Um deles — um marinheiro, a julgar pela aparência —, embriagado e encrenqueiro, impediu a passagem de Jimmy.

— Ora, veja só, um jovem e sofisticado cavalheiro como você deve ter uma ou duas moedas sobrando para pagar um copo e brindar à pequena Princesa, não deve? — Pousou a mão sobre a adaga que trazia no cinto.

Jimmy desviou-se agilmente do homem e passou por ele, afirmando:

— Não, não deve. — O homem agarrou Jimmy pelo ombro e tentou detê-lo. Jimmy voltou-se com um movimento fluido e encostou a ponta de um punhal em sua garganta.— Eu disse que não tenho uma moeda sobrando. — afirmou.

O homem recuou e vários espectadores desataram a rir. Outros, no entanto, começaram a rodeá-lo. O escudeiro percebeu imediatamente que cometera um erro. Não tivera tempo de encontrar roupas apropriadas para aquele ambiente, mas poderia ter entregado ao homem uma bolsa meio vazia. O confronto, porém, depois de iniciado, não poderia ser interrompido. Instantes antes, a bolsa de Jimmy correra risco; agora era sua vida que estava em jogo.

Jimmy recuou, procurando ficar de costas para a parede. Ostentava uma expressão inflexível e não dava mostras de qualquer indício de temor, de modo

que alguns dos homens que o rodeavam não demoraram a compreender que estavam diante de alguém que sabia como as coisas aconteciam nas docas.

— Procuro Trevor Hull — disse delicadamente.

Os homens pararam imediatamente de avançar em direção ao rapaz. Um deles virou-se e indicou com a cabeça uma porta nos fundos da estalagem.

Jimmy apressou-se na direção indicada e afastou a cortina.

Um grupo de homens jogava em um cômodo amplo e enevoado de fumaça. A julgar pelo monte de fichas em cima da mesa, as apostas eram altas. Jogavam *lin-lan*, que era muito praticado no Reino do Sul e no norte de Kesh. Uma série de cartas coloridas era disposta, os jogadores apostavam e as distribuíam em turnos, determinando as probabilidades e os pagamentos à medida que as cartas eram viradas. Entre os apostadores estavam dois homens, um deles com uma cicatriz que se estendia da testa ao queixo, atravessando o olho direito branco como leite, enquanto o outro era calvo e tinha o rosto cheio de escoriações.

Aaron Cook, o homem calvo e primeiro imediato do navio de controle alfandegário *Corvo Real*, ergueu o olhar enquanto Jimmy se aproximava da mesa. Deu uma cotovelada no outro homem, que continuava observando suas cartas com repugnância, atirando-as sobre a mesa. Ao ver o jovem, o homem do olho branco sorriu; porém, ao perceber a expressão de Jimmy, seu sorriso morreu. Jimmy falou em voz alta, sobrepondo-se ao ruído da sala:

— Seu velho amigo Arthur precisa de você.

Trevor Hull, antigamente um pirata e contrabandista, percebeu imediatamente a quem Jimmy se referia. Arthur era o nome que Arutha usara quando os contrabandistas de Hull e os Zombadores haviam unido forças para tirarem o Príncipe e Anita de Krondor, enquanto a polícia secreta de Guy du Bas-Tyra esquadrinhava a cidade à procura dos dois. Após a Guerra do Portal, Arutha perdoara os crimes cometidos por Hull e por sua tripulação no passado e alistara-os nos Serviços Alfandegários Reais.

Hull e Cook levantaram-se ao mesmo tempo e abandonaram a mesa. Um dos outros jogadores, um forte e atarracado comerciante com algumas posses, a julgar por suas roupas, falou sem tirar o cachimbo da boca:

— Para onde está indo? O jogo ainda não acabou.

Hull, com o cabelo grisalho desgrenhado rodeando a cabeça como uma auréola, gritou:

— Para mim, acabou. Que diabos, só tenho uma sequência azul e um par de quatro condes para jogar. — Dizendo isso, encostou-se na cadeira e virou suas cartas.

Jimmy estremeceu quando os homens sentados à mesa começaram a praguejar e a atirar suas cartas. No salão principal, enquanto os dois se dirigiam para a porta de saída, o escudeiro acrescentou:

— Você é maldoso, Hull.

O antigo contrabandista nomeado agente alfandegário soltou uma gargalhada malévola.

— Aquele gordo imbecil estava ganhando, e com o meu ouro. Eu só quis que ele ficasse um pouco irritado. — As regras do jogo ditavam que, assim que alguém revelasse suas cartas, o jogo não podia continuar. A única coisa justa a fazer seria ignorar as apostas e repetir a jogada completa, algo que não interessava em nada aos que tinham um bom jogo.

Depois de saírem da estalagem, percorreram as ruas apressadamente, passando por alguns foliões, enquanto o festival ganhava mais fôlego e as sombras da tarde se estendiam.

Arutha estava observando os mapas em cima da mesa. Os mapas pertenciam aos seus arquivos, tendo sido disponibilizados pelo Arquiteto Real, e ilustravam as ruas de Krondor em detalhes. Um outro, que retratava a rede de esgotos, fora usado no último ataque lançado contra os Falcões Noturnos. Nos últimos dez minutos, Trevor Hull os estudara atentamente. Antes de entrar para o serviço de Arutha, Hull fora o líder do grupo de contrabandistas mais próspero de Krondor, e os esgotos e vielas sombrias haviam sido o meio utilizado para transportar contrabando para a cidade.

Hull conversou com Cook, e o mais velho dos dois esfregou o queixo. Seu dedo indicou um ponto no mapa onde dezenas de túneis se entrecruzavam, formando um labirinto.

— Se os Falcões Noturnos estivessem vivendo nos esgotos, o Justo os teria detectado imediatamente. Mas pode ser que eles estejam usando os esgotos como meio de entrada e saída. — Mudou o dedo para outro ponto no mapa. — Aqui. — Seu dedo demorou-se sobre uma parte das docas que fazia lembrar uma meia-lua ao longo da baía. No meio da curva, as docas terminavam e começava o distrito dos armazéns, mas também se estendia, junto à água, uma pequena parte do Bairro Pobre, como um triângulo encaixado entre as áreas mercantis mais prósperas.

— A Aldeia dos Pescadores — disse Jimmy.

— A Aldeia dos Pescadores? — repetiu Arutha.

— É a zona mais pobre do Bairro Pobre — explicou Cook.

Hull acenou com a cabeça.

— Costumam chamá-la de Aldeia dos Pescadores, Vila dos Mergulhadores, Estaleiro, entre outras coisas. Era uma vila pesqueira. À medida que a cidade se expandiu para o norte e ao longo da baía, ficou rodeada de estabelecimentos comerciais, mas ainda vivem lá algumas famílias de pescadores. Dedicam-se principalmente à caça de lagostas e moluscos ao longo da baía, ou à caça de ostras nas praias ao norte da cidade. Mas também fica perto da zona dos curtidores, tintureiros e outros bairros fedorentos de Krondor, por isso as condições de vida naquela zona são deploráveis.

— Alvarny disse que o Justo achava que eles estavam escondidos em um local fedorento — disse Jimmy. — Por isso, ele também deve desconfiar da Aldeia dos Pescadores. — Jimmy abanou a cabeça ao contemplar o mapa. — Se os Falcões Noturnos estão escondidos na Aldeia dos Pescadores, será difícil encontrá-los. Nem mesmo os Zombadores controlam essa região com a mesma firmeza com que controlam o resto do Bairro Pobre e das docas. Ali há muitos lugares onde uma pessoa pode se perder.

Hull concordou.

— Nós costumávamos entrar e sair por um ponto ali perto, através de um túnel que desembocava em uma plataforma que antigamente era utilizada para carregar mercadorias para o ancoradouro, a partir do porão de um mercador qualquer. — Arutha estudou o mapa e acenou com a cabeça. Sabia onde ficava essa plataforma. — Nós utilizávamos vários pontos diferentes, levando a mercadoria de um lugar para outro, e mudávamos frequentemente o local de armazenamento. — Ergueu o olhar para o Príncipe. — Nosso primeiro problema são os esgotos. É provável que exista uma dúzia de galerias entre as docas e a Aldeia dos Pescadores. Teremos de bloquear todas elas. Uma é tão grande que será necessário destacar uma embarcação com uma tripulação inteira.

— O problema é que não sabemos o local exato onde estão se escondendo na Aldeia dos Pescadores — disse Cook.

— Se é realmente lá que se esconderam — acrescentou Arutha.

— Duvido que o Justo mencionasse isso se não tivesse bons motivos para acreditar que andam por lá — disse Cook.

Hull concordou com a cabeça.

— Sem dúvida. Não imagino em que outro local da cidade possam estar escondidos. O Justo teria descoberto o local assim que um Zombador avistasse o primeiro Falcão Noturno. Embora os ladrões utilizem muito os esgotos para se

deslocarem sorrateiramente, há partes que não utilizam. E na Aldeia dos Pescadores é pior ainda. As famílias de pescadores mais antigas são independentes e resistentes, quase como clãs. Se alguém ocupasse uma das velhas cabanas perto das docas e se isolasse... Mesmo os Zombadores não conseguem arrancar uma palavra de quem vive na Aldeia dos Pescadores fazendo-lhes perguntas. Se os Falcões Noturnos tivessem se infiltrado aos poucos, apenas os moradores teriam percebido. Aquilo é um autêntico viveiro, com pequenas ruelas retorcidas.— Abanou a cabeça. — Essa parte do mapa é inútil. Metade dos edifícios desse ponto já pegou fogo. E eles construíram cabanas e casebres onde quer que houvesse espaço. Aquilo é uma bagunça. — Olhou para o Príncipe. — A Aldeia dos Pescadores também é conhecida como o Labirinto.

— Trevor tem razão — disse Jimmy. — Eu já estive na Aldeia dos Pescadores tanto quanto qualquer Zombador, e isso não é muito. Não há nada ali que valha a pena roubar. Porém ele está errado em relação a uma coisa. O principal problema não será bloquear as vias de fuga. O principal problema será localizar os Falcões Noturnos. Naquela região da cidade vive muita gente honesta e não podemos entrar por ali e matar todos. Temos de encontrar o esconderijo — ponderou. — Pelo que sei dos Falcões Noturnos, eles procuram um local que, antes de mais nada, possa ser defendido, e de onde seja fácil bater em retirada. É provável que estejam aqui. — Seu dedo indicou um ponto no mapa.

— É uma possibilidade — disse Trevor Hull. — Aquele edifício está protegido por duas paredes, por isso só têm duas frentes para defender. E há uma rede de túneis por baixo das ruas, e esses túneis são todos pequenos e difíceis de percorrer por alguém que não os conheça. Sim, provavelmente é ali que se escondem.

— É melhor que eu mude de roupa — disse Jimmy, voltando-se para Arutha.

— Não gostaria de concordar, mas você é o mais apto para fazer o reconhecimento — disse Arutha.

Cook trocou olhares com Hull, que meneou ligeiramente a cabeça.

— Eu posso acompanhá-lo.

— Você conhece algumas partes dos esgotos melhor do que eu, Aaron — disse Jimmy —, mas eu consigo me mover pela água sem fazer barulho. Você não. E não há maneira de você entrar na Aldeia dos Pescadores sem chamar atenção, mesmo em uma noite barulhenta como a de hoje. Será mais seguro se eu for sozinho.

— Não seria melhor esperar? — perguntou Arutha.

Jimmy abanou a cabeça.

— Se eu conseguir localizar o esconderijo sem que saibam que foram descobertos, talvez consigamos eliminá-los sem terem tempo de reagir. Às vezes, as pessoas têm comportamentos estranhos, mesmo os assassinos. Como hoje é dia de festival, é provável que as sentinelas não esperem nenhum intrometido. Além disso, considerando os festejos na cidade, os ruídos serão camuflados. Barulhos estranhos e pouco comuns não despertarão tanta desconfiança de quem andar por baixo dos edifícios. E, se eu tiver de investigar na superfície, um rapaz pobre desconhecido na Aldeia dos Pescadores não levantará tantas suspeitas em uma noite como a de hoje. Mas devo partir agora.

— Você é quem sabe — disse Arutha. — Mas eles reagirão se perceberem que alguém está procurando por eles. Basta verem você para que venham imediatamente atrás de mim.

Jimmy percebeu que isso, por si só, não perturbou Arutha. Parecia a Jimmy que o Príncipe não temia um confronto aberto. Não, o escudeiro sabia que o motivo da preocupação de Arutha era a segurança dos outros.

— Sei disso, mas há boas probabilidades de virem atrás de você esta noite, de todo modo. O palácio está cheio de desconhecidos. — Jimmy espiou pela janela em direção ao pôr do sol. — Já são quase sete da noite. Se eu estivesse planejando atacá-lo, esperaria mais duas ou três horas, até os festejos estarem em sua melhor hora. Artistas e convidados estarão atravessando os portões. Todos estarão um pouco bêbados, exaustos de uma celebração que durou o dia todo e sentindo-se muito relaxados. Porém não esperaria muito mais do que isso, pois os guardas poderiam desconfiar de um convidado que chegasse tão tarde à festa. Se você continuar alerta, ficará em segurança enquanto eu investigo. Trarei notícias assim que descobrir algo.

Arutha deu autorização para Jimmy se retirar. Trevor Hull e seu primeiro imediato seguiram-no, deixando o Príncipe com seus pensamentos, preocupado e agitado. Arutha recostou-se, com o punho cerrado diante da boca, enquanto seus olhos miravam o vazio.

Já enfrentara os servos de Murmandamus perto do Lago Negro, em Moraelin, mas o confronto final ainda estava por vir. Arutha recriminou-se pela sua complacência ao longo do último ano. Quando regressara com o Espinho de Prata, o antídoto para salvar Anita dos efeitos do veneno dos Falcões Noturnos, estivera praticamente pronto para regressar imediatamente ao norte. Os afazeres da corte, no entanto, seu próprio casamento, a viagem a Rillanon para assistir ao

casamento do irmão com a Rainha Magda — e depois o funeral de Lorde Caldric —, o nascimento de seus filhos, tudo isso o ocupara, impedindo-o de tratar dos assuntos no norte do Reino. Para lá das grandes cordilheiras, estendiam-se as Terras do Norte. Era lá que residia o âmago do poder de seu inimigo. Era lá que Murmandamus disciplinava suas forças. E era a partir desse reduto que avançava mais uma vez para atingir a vida do Príncipe de Krondor, Senhor do Ocidente, a Ruína das Trevas, o homem que a profecia afirmava que iria liquidá-lo. Caso sobrevivesse. Mais uma vez, Arutha estava se debatendo nos confins de seu próprio domínio, a batalha prestes a ser travada às suas portas. Arutha bateu com o punho na palma da mão e praguejou em um tom de voz grave e dissonante. A si mesmo e a quem quer que o ouvisse, jurou que, quando a batalha que se travaria em Krondor terminasse, Arutha conDoin rumaria para o norte para combater Murmandamus.

As trevas ocultavam mil tesouros entre um milhão de pedaços de lixo sem qualquer valor. As águas dos esgotos fluíam lentamente, e uma enorme quantidade de resíduos acumulava-se com frequência em um enorme congestionamento. Os coletores que separavam esses detritos flutuantes ganhavam a vida procurando por objetos de valor perdidos nos esgotos. Além disso, mantinham a fluidez dos detritos, pois destroçavam os congestionamentos de entulho que ameaçavam obstruir os esgotos. Nada disso interessava a Jimmy, mas havia um coletor a menos de sete metros dele.

O jovem escudeiro vestira-se todo de preto, exceto por suas velhas e confortáveis botas. Surrupiara um capuz negro de carrasco que estava na câmara de tortura. Por baixo das vestes negras, usava trajes mais simples, que seriam necessários para se infiltrar no Bairro Pobre. O coletor olhou várias vezes para o local onde o rapaz estava, mas, por mais que quisesse, não conseguiria vê-lo.

Havia quase meia hora que Jimmy permanecia imóvel sob a penumbra em uma encruzilhada, enquanto o velho coletor separava a imundície fedorenta que ia passando. Jimmy esperava que aquele não fosse o local escolhido pelo homem para trabalhar, caso contrário poderia ter de ficar ali durante horas. Jimmy esperava ainda mais fervorosamente que o homem fosse um coletor de verdade, e não uma sentinela dos Falcões Noturnos.

Finalmente o homem foi embora e Jimmy relaxou, embora permanecesse imóvel até o coletor ter tido tempo de desaparecer por um túnel lateral. Depois disso, Jimmy seguiu furtivamente ao longo do túnel até a área que ficava abaixo

da Aldeia dos Pescadores.

Seguiu em silêncio por uma série de túneis. Mesmo quando tinha de passar pela água, conseguia agitá-la apenas ligeiramente. Aquilo com que a natureza o contemplara (reflexos rápidos, uma extraordinária coordenação e a capacidade de tomar decisões para reagir quase instantaneamente) havia sido ampliado com a formação dada pelos Zombadores e aprimorado no meio mais adverso: o cotidiano de um ladrão que assim ganhava a vida. Jimmy dava cada passo como se sua vida dependesse do fato de não ser detectado, porque realmente dependia.

Seguiu pelas sombrias galerias dos esgotos, com os sentidos ampliados pela escuridão. Sabia como ignorar os tênues ruídos que vinham das ruas acima e sabia como soaria o delicado barulho da água se roçasse nas pedras; a mais ligeira variação alertaria alguém escondido. O cheiro fétido dos esgotos ocultava qualquer potencial odor de alerta, mas o ar estava quase inerte, de modo que conseguiria detectar qualquer movimento se alguém o estivesse perseguindo.

Ao sentir uma súbita mudança no ar, Jimmy estacou. Algo mudara e o rapaz agachou-se prontamente na penumbra protetora de uma mureta. A uma curta distância, escutou o leve roçar de couro em metal, e percebeu que havia alguém descendo uma escada que dava para as ruas da superfície. Uma ligeira perturbação da água aumentou a ansiedade do jovem. Alguém entrara na água e andava em sua direção, alguém que se movimentava quase tão silenciosamente quanto ele. Jimmy agachou-se, encolhendo-se na penumbra o máximo que podia, e esperou. Na obscuridade, negro sobre negro, conseguiu entrever, ou melhor, pressentir, uma silhueta que caminhava em sua direção. Em seguida, uma luz o iluminou e Jimmy conseguiu vislumbrar o homem que se aproximava. Era esguio, trazia um capote e vinha armado. Virou-se e murmurou em tom ríspido:

— Cubra essa maldita lanterna.

Naquele instante, Jimmy viu um rosto que lhe era bem familiar. Quem estava no esgoto era Arutha, ou pelo menos se parecia suficientemente com ele para enganar quem não o conhecesse muito bem.

Jimmy prendeu a respiração, pois o falso Príncipe iria passar a apenas alguns metros dele. Quem seguia atrás apagou a lanterna, e a escuridão envolveu o túnel, impedindo que Jimmy fosse visto. Em seguida, ouviu o segundo homem passando. Atento a ruídos que revelassem a aproximação de outras pessoas, Jimmy esperou até ter certeza de que ninguém mais se aproximava. Levantou-se rápida e silenciosamente de seu esconderijo e dirigiu-se até o local onde os dois homens tinham emergido da escuridão. Havia uma interseção de três túneis e

seria preciso tempo para determinar por qual deles o falso Príncipe e seu companheiro haviam descido. Jimmy pensou brevemente em suas opções, depois considerou que seria mais importante seguir os dois homens do que descobrir qual fora a entrada utilizada.

Jimmy conhecia aquela parte dos esgotos como qualquer outra parte de Krondor, mas, se ficasse muito para trás, perderia o rastro dos homens. Deslizou pela escuridão, escutando, a cada interseção, os ruídos que lhe indicavam a direção em que suas presas se moviam.

Avançou apressadamente pelas tenebrosas passagens abaixo da cidade, aproximando-se lentamente dos dois homens. Por instantes, avistou uma tênue luz, como se a lanterna coberta tivesse sido ligeiramente desvelada para que os caminhantes se orientassem. Jimmy continuou em seu encalço.

Ao contornar uma esquina, uma súbita mudança no ar deu o alerta. Esquivou-se e sentiu algo passando perto do ponto onde sua cabeça estivera. Ouviu então um grunhido de esforço. Sacou o punhal e virou-se para o local de onde vinha o barulho, prendendo a respiração. Lutar nas trevas era um exercício de terror controlado. Cada um dos oponentes podia perder a vida por força de uma imaginação ativa demais, ao procurar uma pista da posição do adversário. Ruídos, movimentos ilusórios produzidos pelo canto do olho, o local onde se pisava, tudo poderia induzir ao erro, fazendo com que sua posição fosse revelada, o que seria fatal. Os dois homens permaneceram imóveis durante bastante tempo.

Jimmy sentiu um movimento abrupto perto de seus pés e reconheceu imediatamente a presença de uma ratazana, que deveria ser enorme a julgar pelo barulho enquanto fugia de problemas. Impediu-se de investir na direção do barulho mesmo antes de começar e aguardou. Seu adversário também ouviu a ratazana, mas atacou-a, acertando a pedra. O tinir do aço era tudo o que Jimmy precisava. Ele investiu com seu punhal, sentindo a ponta penetrar fundo no homem. O oponente empertigou-se e depois, com um suspiro baixo, caiu sobre a água. O combate resumira-se a três golpes, desde aquele que se destinava a Jimmy na escuridão até sua estocada final.

Jimmy puxou o punhal de volta e escutou. Não havia sinal do companheiro do homem. O jovem praguejou em silêncio. Embora estivesse a salvo de outro ataque, o outro conseguira escapar. Jimmy sentiu uma fonte de calor por perto e quase queimou a mão na lanterna de metal. Expôs a chama e examinou o rival. Era um desconhecido, mas sabia que era um dos Falcões Noturnos. Não havia outra explicação possível para alguém que andava pelos esgotos com um sósia

do Príncipe. Jimmy investigou o corpo e reparou no falcão de ébano que usava junto à pele e no anel negro com veneno. Não restavam dúvidas. Os Falcões Noturnos haviam retornado. Jimmy encheu-se de coragem e abriu o peito do homem, arrancou-lhe o coração e lançou-o aos esgotos. Tratando-se de Falcões Noturnos, nunca era possível saber quais iriam ressuscitar e servir o mestre, por isso o melhor seria não correr riscos.

Jimmy abandonou a lanterna, deixou o corpo flutuar em direção ao mar junto com os outros detritos e iniciou a viagem de regresso ao palácio. Acelerou o passo, lamentando o tempo que perdera com o cadáver. Chapinhando ruidosamente na direção da saída mais próxima para a superfície, tinha a certeza de que o falso Príncipe havia desaparecido muito tempo antes. Ao dobrar uma esquina, um súbito alarme soou-lhe na cabeça, pois um eco parecia alterado. Agachou-se, mas foi tarde demais. Evitou a estocada da lâmina de um gládio, porém o punho atingiu-o na cabeça. Caiu desamparado contra a parede e a cabeça bateu na mureta. Lançou-se para a frente e foi cair no centro do canal do esgoto, mergulhando em uma água coberta de esterco. Meio atordoado, conseguiu virar-se e levantar a cabeça. Atordoado, ouviu alguém pular na água a curta distância. De maneira desconexa e estranha, sabia que alguém o estava procurando. Mas a lanterna ficara no ponto onde o primeiro homem havia tombado, e, na escuridão, o rapaz seguiu à deriva na corrente, afastando-se do local onde o homem procurava, em vão, encontrá-lo para pôr fim à sua vida.

Umas mãos abanaram o jovem, despertando-o de uma alucinação. Parecia-lhe estranho estar flutuando no meio das trevas, pois tinha de se encontrar com o Príncipe de Krondor. Todavia, não encontrava as botas boas, e o Mestre de Cerimônias deLacy nunca lhe autorizaria o acesso ao Grande Salão se estivesse calçando as velhas.

Ao abrir os olhos, Jimmy se deparou com um rosto enrugado sobre o seu. Um sorriso desdentado deu-lhe as boas-vindas à consciência total.

— Ora, ora — disse o ancião, rindo entre dentes. — Já recuperou a consciência, sim. Já vi todo tipo de coisas boiando nos esgotos ao longo dos anos, mas nunca pensei que veria um carrasco real por aqui. — Continuou a rir, e seu rosto parecia uma grotesca máscara iluminada pela luz da vela gotejante.

Jimmy só compreendeu as palavras do ancião quando se lembrou do capuz que tinha posto. O velho deveria tê-lo retirado.

— Quem...?

— Chamo-me Tolly, jovem Jimmy, a Mão. — Deu uma risadinha. — Você deve ter passado maus bocados para ficar nesse estado.

— Quanto tempo?

— Dez ou quinze minutos. Ouvi a água esparramando e vim ver o que estava acontecendo. Encontrei você boiando. Puxei-o para fora para ver se havia algum ouro com você. O outro homem estava furioso por não ter encontrado você. — Outra risadinha. — Com certeza ele o encontraria se continuasse à deriva. Mas eu o puxei para este pequeno túnel que utilizo como esconderijo e só acendi uma luz depois de ele ter ido embora. Encontrei isso — disse, devolvendo a bolsa de Jimmy.

— Fique com ela. Você salvou minha vida e muito mais. Onde fica a saída para a rua mais próxima?

O homem ajudou Jimmy a se levantar.

— Você vai encontrar as escadas para o porão da loja de curtume de Teech. Está abandonada. Fica na Avenida dos Fedores. — Jimmy acenou com a cabeça. A rua era a Collington, mas toda a gente do Bairro Pobre a conhecia por Avenida dos Fedores por causa das casas de curtume, matadouros e tinturarias que se aglomeravam por ali.

— Você abandonou a guilda, Jimmy — disse o ancião —, mas disseram por aí que você poderia aparecer por estes lados, por isso vou revelar que a senha desta noite é “pintassilgo”. Não sei quem eram aqueles homens com quem estava brigando, mas tenho visto muita gente estranha por aqui nos últimos dias. Acredito que os acontecimentos estejam evoluindo rapidamente.

Jimmy percebeu que aquele simples coletor estava contando com as altas patentes dos Zombadores para combater os intrusos no seu território.

— Sim, trataremos deles dentro dos próximos dias — Jimmy confirmou. — Olhe, essa bolsa tem mais de trinta soberanos de ouro. Procure Alvarny, o Veloz. Diga a ele que as suspeitas se confirmaram e que estou convicto de que meu novo mestre irá agir imediatamente. Depois, pegue o ouro e vá se divertir durante uns dias.

O homem fitou Jimmy com o canto do olho, dando seu sorriso desdentado.

— Está me dizendo que devo ficar alerta, é isso? Pois bem, com esse ouro posso passar um ou dois dias bebendo. É o bastante?

— Sim — respondeu Jimmy —, em dois dias trataremos do assunto. — Ao se dirigir para o túnel que dava acesso às ruas, acrescentou: — De uma maneira ou de outra... — Olhou ao redor na penumbra e percebeu que a corrente o havia puxado até o lugar onde avistara pela primeira vez os dois Falcões Noturnos. —

Há alguma escada de metal aqui perto? — perguntou, indicando a interseção.

— Há três que podem ser utilizadas — o homem respondeu, indicando-lhe os locais.

— Mais uma vez, obrigado, Tolly. Agora, vá depressa transmitir minha mensagem a Alvarny.

O velho coletor seguiu com dificuldade para um enorme túnel, e Jimmy começou a inspecionar a escada mais próxima. Era perigosa e enferrujada, assim como a segunda, mas a terceira tinha sido recentemente reparada e estava presa com firmeza às pedras. Jimmy subiu-a apressadamente e examinou o alçapão no topo.

Era de madeira e, portanto, fazia parte do chão de um edifício. Jimmy considerou a sua localização em relação à loja de curtume de Teech. Se seu senso de direção não o enganava, encontrava-se abaixo do edifício que provavelmente era o esconderijo dos Falcões Noturnos, ou assim lhe parecia. Colocou um dos ouvidos junto ao alçapão durante muito tempo, mas não ouviu nada.

Empurrou o alçapão lentamente para cima e espiou pela minúscula fenda formada no chão. À frente de seu nariz, estava um par de botas, apoiadas uma em cima da outra. Jimmy estacou. Como os pés não se mexiam, levantou o alçapão mais alguns centímetros. Os pés que as botas calçavam pertenciam a um sujeito mal-encarado que dormia profundamente com uma garrafa meio vazia que apertava com força junto ao peito. A julgar pelo cheiro enjoativo que pairava no cômodo, Jimmy percebeu que o homem estava bebendo *paga*, uma forte bebida fermentada, altamente condimentada, importada de Kesh, à qual se misturava um fraco narcótico adocicado.

Jimmy arriscou uma rápida olhada ao redor. Além da sentinela adormecida, não havia mais ninguém no cômodo, mas conseguia escutar vozes ao longe, que vinham da única porta na parede mais próxima.

Respirou fundo e, em silêncio, transpôs o alçapão, com cuidado para não tocar na sentinela que dormia. Andou sorrateiramente até a porta e escutou. As vozes eram fracas. Uma minúscula fresta na porta de madeira permitiu que Jimmy pudesse espiar.

Conseguiu vislumbrar apenas as costas de um homem e o rosto de outro. A julgar pelo modo como conversavam, havia mais pessoas naquele aposento, e, considerando o ruído dos movimentos, eram muitos, talvez uma dúzia. Jimmy olhou ao redor. Tratava-se do quartel dos Falcões Noturnos. E aqueles homens eram, sem sombra de dúvida, Falcões. Mesmo que não tivesse encontrado o

falcão de ébano no homem que liquidara, os que estavam naquele quarto em nada se pareciam com o povo da Aldeia dos Pescadores.

Jimmy gostaria de poder investigar melhor o edifício, pois havia pelo menos mais meia dúzia de cômodos, mas os ruídos inquietos da sentinela adormecida indicaram ao antigo ladrão que chegara a hora de partir. O falso Príncipe não demoraria a entrar no Palácio, e, embora Jimmy pudesse correr pelas ruas e o falso Arutha tivesse de seguir com dificuldade pelos esgotos, não tinha certeza de quem chegaria primeiro ao Palácio.

Jimmy se afastou da porta sem fazer barulho e regressou ao alçapão. Baixou-o lentamente por cima da cabeça. No instante em que chegava à metade do caminho entre o alçapão e os esgotos, ouviu vozes vindas lá de cima.

— Matthew!

O coração de Jimmy pulou quando outra voz disse:

— O que foi?

— Se você bebeu até dormir, seus olhos serão servidos no jantar.

— Só fechei os olhos por alguns instantes — respondeu a outra voz em tom irritado. — E não me ameace ou dou o seu fígado aos corvos.

Jimmy escutou alguém levantando o alçapão e, sem hesitar, esquivou-se para um dos lados da escada. Ficou pendurado, segurando-se precariamente com apenas uma das mãos e uma das botas encostadas aos pequenos degraus enquanto se agarrava à parede. Achava que passaria despercebido graças às suas roupas negras e ao fato de os olhos dos homens lá de cima precisarem de algum tempo para se habituarem à escuridão dos esgotos. Uma luz incidiu sobre ele, fazendo-o desviar o rosto, a única parte de seu corpo que não estava coberta de negro, e prendeu a respiração. Durante um longo e apavorante momento, ficou pairando no espaço, com dores no braço e na perna devido à força que fazia para se manter imóvel. Sem se atrever a olhar para cima, só conseguia imaginar o que os dois Falcões Noturnos acima de sua cabeça poderiam estar fazendo. Naquele instante, poderiam estar desembainhando suas armas. Era bem possível que tivessem apontado uma besta para a sua cabeça e logo estaria morto, perdendo a vida sem aviso prévio. Ouviu o arrastar de pés e respirações ofegantes lá no alto e uma voz dizendo:

— Está vendo? Nada. Agora, feche isso ou vai acabar boiando junto com o resto do lixo.

Jimmy quase caiu quando fecharam o alçapão por cima de sua cabeça. Contou em silêncio até dez e depois desceu apressadamente a escada até a água e afastou-se.

Escutando o burburinho de vozes diminuindo de intensidade às suas costas, Jimmy encaminhou-se para a loja de curtume de Teech, para só então regressar ao Palácio.

Já se passara metade da noite, mas os festejos ainda estavam animados. Jimmy atravessou apressadamente o Palácio, ignorando as atordoadas pessoas com quem cruzava. Era incomum vestir-se todo de negro. Estava machucado, com um enorme galo na cabeça, e cheirava a esgoto. Por duas vezes, Jimmy perguntou aos guardas sobre o paradeiro do Príncipe e informaram-no de que este se dirigira aos seus aposentos. Jimmy passou perto dos rostos familiares e sobressaltados de Gardan e Roald, o mercenário, que conversavam. O Marechal da Corte de Krondor aparentava cansaço devido a um longo dia que ainda não acabara, e o amigo de infância de Laurie parecia embriagado. Desde que regressara de Moraelin, Roald permanecia no palácio como convidado, embora continuasse a não aceitar a oferta que Gardan lhe fazia constantemente para ocupar um posto na guarda de Arutha.

— É melhor que me acompanhem — disse Jimmy. Os dois obedeceram ao rapaz e o seguiram. — Nem vão acreditar no que eles andam tramando desta vez. — Não era necessário dizer quem eram *eles*. Gardan acabara de informar Roald sobre o aviso do Justo. Ambos já haviam lutado ao lado de Arutha contra os Falcões Noturnos e os Exterminadores Negros de Murmandamus.

Ao dobrar o corredor, os três homens encontraram Arutha prestes a abrir a porta de seus aposentos. O Príncipe parou e esperou que os três se aproximassem, com uma expressão de franca curiosidade estampada em seu rosto.

— Alteza — disse Gardan —, Jimmy descobriu algo.

— Digam de uma vez — disse Arutha, um pouco irritado. — Tenho coisas a fazer que não podem esperar, por isso sejam breves.

O Príncipe abriu a porta e conduziu-os pela antecâmara que dava para seus aposentos privados. Antes de conseguir levar a mão à porta, ela se abriu.

Roald arregalou os olhos negros. Diante deles, estava outro Arutha. O Príncipe que saía pela porta fitou-os e exclamou:

— O que...?

Subitamente, os dois Arutha desembainharam as armas. Roald e Gardan hesitaram; não conseguiam acreditar em seus próprios olhos. Jimmy observou os dois Príncipes começarem a lutar, enquanto o “segundo” Arutha, aquele que já

estava nos aposentos, recuava com um salto para o interior, de modo a ganhar espaço. Gardan gritou, chamando os guardas, e logo uma dúzia deles apareceu.

Jimmy observou-os atentamente. A semelhança era extraordinária. Não conhecia ninguém no Palácio tão bem como conhecia o Príncipe, mas, enquanto os dois homens travavam um furioso duelo, não conseguia distingui-los. Até na luta o impostor demonstrava a mesma destreza do Príncipe.

— Prendam os dois — ordenou Gardan.

— Esperem — gritou Jimmy. — Se prenderem primeiro o príncipe errado, o impostor pode matá-lo.

Gardan retirou prontamente as ordens que dera.

Os dois lutadores atacavam e defendiam, andando por todo o aposento. Os semblantes de ambos assumiram expressões determinadas. Foi então que Jimmy atravessou o cômodo correndo e, sem hesitar, investiu contra um dos homens. O escudeiro acertou-o com o punhal, fazendo-o cair para trás. Os guardas invadiram o quarto e prenderam o outro lutador, seguindo as ordens de Gardan. O Marechal da Corte não estava certo quanto às ações de Jimmy e não queria correr riscos. Os dois homens seriam aprisionados até o assunto ser esclarecido.

Jimmy engalfinhou-se no chão com um Arutha, que o golpeou com as costas da mão, deixando-o atordoado e afastando-o. Esse Arutha começou a levantar-se, mas depois parou quando sentiu o bico do sabre de Roald apontado em direção à sua garganta.

— O rapaz enlouqueceu — bradou o homem caído no chão. — Guardas! Prendam-no! — Em seguida, levantando-se, segurou o lado do corpo. Tirou de lá a mão coberta de sangue. O homem empalideceu e começou a cambalear. Parecia prestes a desmaiar. O outro Arutha permaneceu imóvel, suportando as mãos dos guardas que o prendiam.

Jimmy abanou a cabeça para se recuperar do segundo golpe forte que recebia naquele dia. Ao perceber o estado do homem ferido, Jimmy gritou:

— Cuidado com o anel!

Enquanto o rapaz falava, o homem ferido levou a mão à boca e, quando Roald e um guarda o agarraram, tombou, inconsciente.

— O sinete real é falso — disse Roald. — Trata-se de um anel falso, como o que os outros usavam.

Os guardas libertaram o Arutha verdadeiro, que disse:

— Ele chegou a utilizá-lo?

Gardan inspecionou o anel.

— Não. Desmaiou com o ferimento.

— As semelhanças são incríveis — disse Roald. — Jimmy, como você sabia?

— Cruzei com ele nos esgotos.

— Mas como sabia que este era o impostor? — indagou Gardan.

— Pelas botas. Estão cobertas de esterco.

Gardan observou as botas pretas e engraxadas de Arutha e as botas enlameadas do impostor.

— Ainda bem que não fui passear no jardim que Anita plantou recentemente. Vocês teriam me prendido em meus próprios calabouços.

Jimmy contemplou o impostor desmaiado e o Príncipe verdadeiro. Os dois usavam roupas com o mesmo corte e da mesma cor.

— Quando entramos, Vossa Alteza estava conosco ou já estava na sala? — Jimmy perguntou a Arutha.

— Entrei com vocês. Ele deve ter entrado no Palácio com os convidados mais atrasados e se dirigiu aos meus aposentos.

Jimmy concordou.

— A ideia dele era encontrá-lo aqui, matá-lo, largar seu corpo em uma das passagens secretas ou nos esgotos e tomar o seu lugar. Não acredito que conseguisse manter o disfarce durante muito tempo, mas, ainda que só conseguisse por poucos dias, conseguiria criar uma confusão completa por aqui.

— Se saiu muito bem mais uma vez, Jimmy — disse Arutha. E, virando-se para Roald, acrescentou: — Ele sobreviverá?

— Não sei — explicou Roald. — Esses sujeitos têm o péssimo hábito de morrer quando não devem e de não permanecer mortos quando devem.

— Chame Nathan e os outros. Leve-o para a torre oriental. Gardan, você sabe o que fazer.

Jimmy observou enquanto Padre Nathan, um sacerdote de Sung, a Branca, e um dos conselheiros de Arutha, examinavam o assassino. Todas as pessoas que tiveram autorização para entrar na torre escolhida para abrigar o prisioneiro ficaram assombradas com a semelhança. O Capitão Valdis, um homem de ombros largos que fora o sargento de Gardan e lhe sucedera no posto de chefe da guarda de Arutha, abanou a cabeça.

— Não me admiro que meus homens não tenham feito nada além de saudá-lo quando entrou no palácio, Alteza. Ele é um sósia perfeito.

O homem ferido jazia amarrado às extremidades da cama. Tal como da outra vez em que tinham capturado um Falcão Noturno, haviam lhe retirado o anel

com o veneno e quaisquer outros meios com que pudesse se suicidar. Nathan afastou-se do prisioneiro.

— Perdeu sangue e tem a respiração fraca — disse o sacerdote corpulento. — Em circunstâncias normais, sua vida estaria por um fio.

O cirurgião real acenou em concordância.

— Eu diria que ele sobreviveria, Alteza, se já não tivesse constatado anteriormente a vontade deles de morrer. — Olhou pela janela enquanto a luz da manhã começava a entrar. Tinham trabalhado durante horas, reparando as lesões provocadas pelo punhal de Jimmy.

Arutha começou a raciocinar. A última tentativa de interrogar um Falcão Noturno produzira apenas um cadáver animado que liquidara vários guardas e quase conseguira assassinar a Suma Sacerdotisa de Lims-Kragma, além do próprio Príncipe.

— Se ele recuperar a consciência — disse, dirigindo-se a Nathan —, utilize todas as artes possíveis para descobrir o que sabe. Se morrer, queime o cadáver imediatamente. Venham comigo — ordenou a Gardan, Jimmy e Roald. — Capitão, redobre a guarda imediatamente, sem chamar atenção — disse para Valdis.

Abandonando o cômodo altamente vigiado, conduziu os companheiros até os seus aposentos.

— Já que Anita e os bebês viajam em segurança para a casa da mãe dela, só tenho de me preocupar em expulsar esses assassinos antes que encontrem uma maneira de chegar até mim.

— Mas, Vossa Alteza, a Princesa ainda não partiu — disse Gardan.

— O quê? — disse Arutha, rodopiando. — Ela se despediu de mim com os primeiros raios de luz há uma hora.

— Talvez, Alteza, mas parece que ainda faltam inúmeros detalhes. Sua bagagem só foi carregada há alguns instantes. Os guardas estão a postos faz duas horas, mas acho que as carruagens ainda não partiram.

— Então se apressem e se certifiquem de que estão em segurança até partirem.

Gardan afastou-se rapidamente e Arutha, Jimmy e Roald prosseguiram caminho.

— Sabem o que nos aguarda — disse Arutha. — De todos os presentes, só aqueles que estiveram em Moraelin sabem que tipo de inimigo nos espera. Também sabem que é uma guerra sem tréguas, até que um dos lados acabe derrotado.

Jimmy concordou, um pouco surpreso com o tom de voz de Arutha. Havia algo no último ataque que o perturbara. Desde que Jimmy conhecera o Príncipe, Arutha sempre fora um homem cauteloso, tendo o cuidado de considerar todas as informações a seu dispor para tomar as melhores decisões possíveis. A única exceção que Jimmy testemunhara fora quando Anita jazia ferida pela flecha extraviada da besta de Jack Risonho. Naquela ocasião, Arutha mudara. E, naquele momento, tal como quando Anita quase perdera a vida, parecia novamente um homem à beira da fúria, um homem repleto de ira diante da invasão de seu santuário. Seu bem-estar e o de sua família estavam em perigo e ele demonstrava uma ânsia assassina pelos responsáveis, controlada com dificuldade.

— Chame outra vez Trevor Hull — disse a Jimmy. — Quero seus melhores homens preparados para avançarmos após o pôr do sol. Quero que ele venha o mais depressa possível com Cook. E quero que planejem tudo com Gardan e Valdis. Roald, sua função é manter Laurie ocupado durante o dia de hoje. Certamente irá perceber que algo não está bem quando eu não comparecer na corte à tarde. Mantenha-o ocupado com alguma coisa, talvez com uma visita a velhos conhecidos na cidade, e faça com que fique afastado da torre oriental. — Jimmy pareceu surpreso. — Agora ele é marido de Carline, arriscarei apenas um membro da família. Ele é suficientemente tolo para querer nos acompanhar.

Roald e Jimmy trocaram olhares. Ambos anteviam o que o Príncipe planejava para aquela noite. A expressão de Arutha tornou-se pensativa.

— Vão logo, acabei de me lembrar de uma coisa que tenho de falar com Nathan. Avisem-me quando Hull voltar.

Sem dizer mais nada, foram tratar das tarefas a eles designadas, enquanto Arutha regressava aos aposentos para falar com o sacerdote de Sung.

3

Assassinato

Os homens armados estavam a postos.

Krondor ainda festejava, pois Arutha proclamara um segundo dia de festival, com a fraca desculpa de que, se havia dois filhos, deveria haver dois dias de Apresentação. O anúncio foi recebido com entusiasmo por toda a população, exceto pelos serviçais do palácio, mas o Mestre de Cerimônias deLacy não demorou a deixar tudo sob controle. Com os convivas continuando a encher estalagens e cervejarias, e o estado de espírito festivo do dia anterior parecendo crescer, a circulação contínua de muitos homens — aparentemente fora de serviço, incumbidos de dar um ou outro recado, sem serem notados — passava praticamente despercebida. Mas à meia-noite todos os homens tinham se reunido em cinco locais diferentes: no salão comum da Estalagem do Papagaio do Arco-Íris, em três armazéns bastante afastados e controlados pelos Zombadores, e no *Corvo Real*.

Quando soasse o sinal previamente combinado — o toque incorreto de hora no relógio da cidade —, as cinco companhias começariam a se deslocar em direção à fortaleza da irmandade de assassinos.

Arutha liderava a companhia que se reunira no Papagaio do Arco-Íris. Trevor Hull e Aaron Cook comandavam os marinheiros e soldados que adentravam os esgotos em embarcações. Jimmy, Gardan e o Capitão Valdis dirigiam as companhias que se escondiam nos velhos armazéns espalhados pelas vielas do Bairro Pobre.

Jimmy olhou à sua volta enquanto os últimos soldados passavam silenciosamente pelas portas entreabertas do armazém. O armazém de objetos roubados dos Zombadores estava repleto de gente. Voltou sua atenção para a única janela através da qual observava a rua que levava diretamente à fortaleza dos Falcões Noturnos. Roald consultou uma ampulheta que virara quando a última hora soou no relógio da cidade. Os soldados escutavam junto à porta do

armazém. Jimmy olhou novamente para a companhia reunida. Laurie, que aparecera inesperadamente na companhia de Roald havia uma hora, sorriu nervoso para Jimmy.

— Isto é mais confortável do que as cavernas debaixo de Moraelin.

Jimmy devolveu um fraco sorriso ao companheiro que não fora convidado para o ataque noturno.

— Pois é. — Sabia que o menestrel, nomeado nobre, estava tentando aliviar a preocupação que todos sentiam. Estavam mal preparados sob diversos aspectos e não faziam ideia do número de servos de Murmandamus que teriam de combater. Porém o aparecimento do falso Príncipe pressagiara uma nova série de ataques pelos agentes moredhel e Arutha deixara bem claro que era preciso agir depressa. Fora Arutha quem decidira reunir rapidamente seus cavaleiros e atacar os Falcões Noturnos antes que outra madrugada caísse sobre Krondor. Jimmy implorara por mais tempo para investigar a área, mas o Príncipe fora inflexível. Jimmy caíra no erro de revelar a Arutha como quase fora descoberto. Além disso, Nathan informara que o impostor havia morrido, e Arutha dissera que não havia maneira de saber se ele teria ou não cúmplices no palácio, nem se seus companheiros dispunham de outros meios para saber do sucesso ou fracasso do plano. Corriam o risco de cair em uma emboscada ou, pior ainda, de encontrar o esconderijo vazio. Jimmy compreendia a impaciência do Príncipe, mas continuava achando que era necessária outra incursão de investigação. Sequer tinham a certeza de que haviam bloqueado todas as vias de fuga.

Tinham procurado aumentar as possibilidades de êxito enviando grandes quantidades de cerveja e vinho para a cidade, “presentes” do Príncipe para os cidadãos. Foram ajudados pelos Zombadores, que desviaram um grande número de barris e tonéis para o Bairro Pobre, principalmente para a Aldeia dos Pescadores. A boa população da Aldeia dos Pescadores — apesar de pouco numerosa, Jimmy pensava com pesar — já estaria reunida à volta dos copos naquela hora. Foi então que alguém disse:

— Escutem, os sinos estão tocando.

Roald consultou a ampulheta. Ainda tinha areia para mais vinte e cinco minutos.

— É o sinal.

Jimmy foi o primeiro a passar pela porta, liderando o grupo. Sua companhia de soldados seria a primeira a chegar ao covil dos Falcões Noturnos. Jimmy era o único que conhecia minimamente o interior do edifício, por isso ofereceu-se para fazê-los sair de lá. As companhias de Gardan e Valdis estariam por perto

para dar apoio, preenchendo as ruas que circundavam o edifício-alvo com soldados do exército do Príncipe enquanto os homens de Jimmy assaltavam a fortaleza inimiga. As companhias sob as ordens de Arutha e Trevor Hull já haviam entrado nos esgotos pelo alçapão do porão do Papagaio do Arco-Íris e pelo túnel dos contrabandistas na doca. Estavam se aproximando por baixo dos Falcões Noturnos e cabia-lhes a responsabilidade de fechar as vias de fuga do esgoto pelas quais os assassinos provavelmente seguiriam.

Os soldados se espalharam pelos flancos, servindo-se das sombras enquanto desciam apressadamente a rua estreita. As ordens eram para que, se possível, seguissem furtivamente, porém, com tantos homens armados juntos, a rapidez era mais importante. Além disso, tinham recebido ordens de atacar imediatamente caso fossem detectados. Depois de chegarem ao cruzamento perto do edifício onde se escondiam os Falcões Noturnos, Jimmy espiou as redondezas, mas não avistou qualquer sentinela. Fez sinal para duas estreitas ruelas que os ladeavam, indicando a necessidade de as bloquearem, e os soldados obedeceram prontamente. Quando assumiram suas posições, Jimmy avançou em direção à entrada do edifício. Os últimos vinte metros até a porta foram os mais complicados, pois havia poucos locais para se esconder. Jimmy sabia que os Falcões Noturnos provavelmente mantinham a porta de saída livre, prevendo a possibilidade de um ataque em uma noite como aquela. Também sabia que certamente haveria ao menos um homem de vigia no canto da sala do segundo andar, observando as duas ruas que conduziam ao cruzamento onde o edifício se localizava. Um distante som de metal contra pedra ecoou do outro lado do edifício, e Jimmy soube que os homens de Gardan também se aproximavam, tal como a companhia de Valdis que chegava por trás da sua. Percebeu a movimentação na janela do segundo piso e parou por um momento. Não fazia ideia se tinham sido vistos, mas sabia que, se assim fosse, logo mandariam alguém investigar, a menos que conseguisse desviar as suspeitas. Afastou-se da parede cambaleando e depois se deixou cair de joelhos, com os braços esticados para se apoiar, apenas outro bêbado vomitando o excesso de vinho em um estômago atormentado. Virando a cabeça, percebeu que Roald se encontrava por perto, oculto pela penumbra. Por entre ruídos de ânsia em voz alta, disse em tom baixo:

— Preparem-se.

Passado um momento, recomeçou a cambalear em direção à esquina do edifício. Fez mais uma pausa, depois continuou. Durante todo esse tempo, cantarolou uma cantiga simples, na esperança de o tomarem por um dos últimos

bêbados que voltavam para casa. Ao se aproximar da entrada do edifício, foi cambaleando na direção oposta, como se pretendesse dobrar a esquina para a outra rua, mas depois saltou para a parede ao lado da porta. Jimmy prendeu a respiração e escutou. Conseguiu ouvir um som abafado, como o de alguém falando. A voz não parecia preocupada. Jimmy acenou com a cabeça e, em seguida, afastou-se cambaleando da parede e desceu um pouco a rua que conduzia ao ponto onde a companhia de Gardan aguardava. Encostou-se à parede e fingiu vomitar outra vez, depois gritou alguma coisa alegre e sem sentido. Esperava que sua voz distraísse a sentinela por alguns instantes.

Uma dúzia de homens subiu rapidamente a rua, transportando um aríete leve, e se posicionou, enquanto quatro arqueiros se preparavam às suas costas. Dispunham de uma linha de tiro direta para as janelas do segundo andar, bem como para a entrada do edifício. Jimmy continuou aos tropeços até o edifício e depois, quando chegou a um ponto debaixo da janela, conseguiu visualizar uma cabeça curiosa que seguia seus movimentos. A sentinela observou sua representação e não reparou nos cavaleiros que se aproximavam. Jimmy esperava que Roald soubesse o que tinha de fazer.

Uma flecha atravessou a noite rapidamente, revelando que o mercenário estava a postos. Se houvesse uma segunda sentinela lá em cima, não perdiam nada em liquidar a primeira, mas, se não houvesse, ganhariam mais uns minutos de surpresa. A sentinela inclinou-se mais, como que tentando seguir os movimentos de Jimmy, que permanecia perto da parede. Continuou a se inclinar até que caiu na rua, a alguns passos do jovem. Jimmy ignorou o corpo. Não demoraria até que um dos homens de Gardan fosse lhe arrancar o coração.

Jimmy chegou à porta, sacou seu florete e fez um sinal. Os seis homens a postos avançaram com o aríete — uma viga com uma das pontas revestida de metal temperado. Encostaram silenciosamente essa extremidade na porta, recuaram, balançaram-no três vezes e depois, na quarta, bateram com o aríete na porta. Ela não havia sido fechada com uma trave, por isso explodiu para o interior, expelindo estilhaços da fechadura e fazendo com que os homens lá dentro corressem desesperados atrás de suas armas. Antes que os homens que seguravam o aríete pudessem largá-lo e sacar suas armas, uma saraivada de flechas passou por eles. Roald e seus homens cruzaram a entrada quando o aríete bateu nas pedras do chão, quicando.

Os ruídos de luta, gritos e xingamentos encheram o cômodo, enquanto outras vozes, vindas de outros pontos do edifício, gritavam perguntas. Jimmy analisou a disposição do lugar com um único olhar e praguejou de frustração. Girou para

falar com o sargento que liderava a segunda companhia:

— Abriram passagens para os edifícios do outro lado das paredes. Há mais cômodos lá!

Apontou para duas portas de onde haviam soado gritos interrogativos. O sargento avançou prontamente com seu destacamento, dividindo o pelotão e enviando homens pelas duas passagens. Outro sargento liderou seu grupo escadas acima, enquanto os homens de Roald e de Laurie subjugavam os poucos assassinos que ocupavam o primeiro cômodo e começavam a procurar alçapões no chão.

Jimmy correu até a porta, convicto de que ela conduzia ao cômodo acima dos esgotos. Abriu-a com um pontapé e vislumbrou um Falcão Noturno sem vida e os homens de Arutha já entrando pelo alçapão. O cômodo tinha uma segunda porta e pareceu a Jimmy que alguém fugira por ali. Seguiu naquela direção, dando ordens para que alguém o acompanhasse, e virou a esquina. Esquivou-se para um lado, mas não havia ninguém ali para lhe fazer uma emboscada. Da última vez em que haviam travado uma batalha com os Falcões Noturnos, os homens de Arutha tinham percebido que os assassinos preferiam morrer a ser capturados. Mas, dessa vez, pareciam mais determinados a escapar.

Jimmy avançou velozmente pelo corredor, seguido de perto por meia dúzia de soldados. Escancarou uma porta lateral e encontrou três Falcões Noturnos mortos, caídos no chão de um dos cômodos que ficava atrás do primeiro, por onde tinham entrado. Os soldados já estavam preparando suas tochas. As ordens de Arutha tinham sido claras: todos os assassinos mortos deveriam ter seus corações arrancados e, em seguida, queimados. Naquela noite, nenhum Exterminador Negro voltaria à vida para matar em nome de Murmandamus.

— Alguém passou correndo por aqui? — perguntou Jimmy.

— Não vi ninguém, escudeiro — respondeu um soldado. — Mas estávamos ocupados até alguns instantes atrás.

Jimmy acenou com a cabeça e desatou a correr por um corredor ao lado. Ao dobrar uma esquina, deparou-se com uma luta corpo a corpo. Esquivou-se por entre os guardas que subjugavam rapidamente os assassinos e correu na direção de outra porta. Não estava totalmente fechada, como se alguém a houvesse batido às suas costas mas não tivesse voltado para verificar se ficara trancada. Jimmy escancarou-a e passou para um beco amplo. Do outro lado, havia três portas abertas e não vigiadas. Jimmy sentiu um aperto no coração. Virou-se e viu Arutha e Gardan logo atrás. O Príncipe praguejou de frustração. Aquilo que anteriormente fora um enorme edifício incendiado havia sido substituído por

vários prédios menores e, no lugar onde antes existia uma sólida parede, havia agora portas convidativas. E nenhum dos soldados de Arutha chegara a tempo de impedir que alguém fugisse por aquele caminho.

— Alguém escapou por aqui? — perguntou o Príncipe.

— Não sei — respondeu Jimmy. — Talvez alguém tenha fugido por uma daquelas portas.

— Devemos prosseguir com a perseguição, meu senhor? — perguntou um dos homens de Gardan.

Arutha voltou-se para o edifício quando foram ouvidos gritos questionadores dos habitantes da Aldeia dos Pescadores, acordados pelo barulho do combate.

— Não vale a pena — disse o Príncipe, prostrado. — Tão certo quanto o amanhecer, estas casas têm portas que conduzem a outras ruas. Esta noite, falhamos.

— Se havia alguém aqui, deve ter fugido correndo assim que percebeu nosso ataque — disse Gardan, abanando a cabeça.

Outros guardas apareceram subindo pelo beco estreito, muitos deles ensanguentados. Um deles correu até o Príncipe.

— Achamos que dois conseguiram fugir por uma rua lateral, Alteza.

Arutha afastou o soldado e entrou novamente no edifício. Ao chegar ao cômodo principal, avistou Valdis supervisionando seus homens enquanto estes se dedicavam à medonha tarefa de se certificar de que nenhum assassino voltaria à vida. Os soldados abriam implacavelmente o peito dos homens mortos e extraíam seus corações, que logo eram queimados.

— Vossa Alteza, o Capitão Hull pede que vá conversar com ele imediatamente — disse um marinheiro, ofegante.

Arutha, Jimmy e Gardan abandonaram o cômodo no instante em que Roald e Laurie apareceram, ainda com as armas na mão.

— O que está fazendo aqui? — indagou Arutha ao ver o cunhado salpicado de sangue.

— Só vim controlar as coisas — respondeu. Roald olhou embaraçado para o Príncipe quando Laurie acrescentou: — Ele nunca foi muito bom em mentir. Assim que me convidou para uma jogatina, percebi que algo de errado estava acontecendo.

Arutha fez um sinal com a mão para que o assunto fosse encerrado e seguiu o marinheiro até o cômodo que dava para os esgotos; desceu as escadas, com os demais logo atrás. Deslocaram-se por um túnel até o ponto onde Hull e seus homens aguardavam nas embarcações. Hull fez sinal para que Arutha

embarcasse, e ele e Gardan subiram em um barco; Jimmy, Roald e Laurie foram em outro.

Rumaram até um enorme espaço onde convergiam seis canais. Um barco estava atracado a uma das margens, e havia um alçapão no teto, do qual pendia uma escada de corda.

— Detivemos três barcos que fugiam, mas este conseguiu passar. Quando chegamos aqui, todos os homens já haviam fugido.

— Quantos? — indagou o Príncipe.

— Meia dúzia, talvez — respondeu Hull.

Arutha praguejou outra vez.

— Perdemos dois ou três por uma rua lateral e agora sabemos que perdemos mais esse grupo todo. Uma dúzia de Falcões Noturnos pode estar à solta pela cidade. — Fez uma pausa, depois encarou Gardan, com os olhos cerrados em uma ira controlada, e acrescentou: — Krondor está sob lei marcial. Feche a cidade.

Pela segunda vez em quatro anos, Krondor estava sob lei marcial.

Quando Anita conseguiu escapar do cativeiro do palácio do pai, o chefe da polícia secreta de Guy du Bas-Tyra, Jocko Radburn, fora à sua procura e a cidade havia sido fechada. Agora, o marido da Princesa esquadrinhava a cidade em busca de possíveis assassinos. Os motivos poderiam ser diferentes, contudo, os efeitos sobre o povo eram os mesmos. Além disso, chegando logo após as celebrações, a lei marcial era inquestionavelmente um duro golpe para os cidadãos.

Poucas horas após a decretação da lei, os comerciantes dirigiram-se em massa ao palácio para apresentar suas reclamações. Os primeiros a chegar foram os agentes marítimos, cuja atividade sofria as consequências de suas embarcações ficarem retidas no porto ou lhes ser negada a entrada no ancoradouro. Trevor Hull liderou o batalhão nomeado para o bloqueio, pois o antigo contrabandista conhecia todas as artimanhas utilizadas para furar um cerco. Houve duas ocorrências de embarcações que tentaram zarpar, e as duas foram interceptadas e abordadas. Os respectivos capitães foram detidos e as tripulações ficaram retidas nas embarcações. Nos dois casos, não demorou a ser esclarecido que os motivos eram meramente comerciais, e não uma tentativa de escapar da sanção de Arutha. No entanto, como não sabiam a quem procurar, todos os homens detidos eram mantidos na prisão da cidade, nas masmorras do palácio ou nas casernas da

prisão.

Em pouco tempo, os transportadores imitaram os agentes marítimos; depois os moleiros, quando foi impedida aos agricultores a entrada na cidade; outros se seguiram, todos com pedidos razoáveis de exceção para seus casos em particular. Todos os pedidos foram recusados.

A lei do Reino baseava-se no conceito da Grandiosa Liberdade, a lei comum. Todos os homens aceitavam, de livre e espontânea vontade, prestar serviço ao seu amo, com exceção de algum ocasional criminoso condenado à escravidão, ou de algum servo cumprindo seu contrato. Os nobres recebiam os benefícios do posto em troca de proteção aos que estavam sob seu poder, e a hierarquia de vassalagem subia desde o agricultor comum, que pagava uma renda ao proprietário das terras, até o escudeiro e o barão, que pagavam impostos ao conde. Por sua vez, o conde prestava vassalagem ao duque, que respondia perante a coroa. Porém, quando seus direitos eram negligenciados, os homens livres não demoravam a demonstrar seu descontentamento. Havia inimigos demais dentro e fora dos limites do Reino para que um nobre que abusava de seu poder conseguisse manter o cargo por muito tempo. Piratas das Ilhas do Ocaso, corsários queguianos, bandos de goblins e, como sempre, a Irmandade da Senda das Trevas (os elfos negros) exigiam alguma estabilidade interna no Reino. Apenas uma vez na História a população suportara a opressão sem um protesto, sob o governo do louco Rei Rodric, predecessor de Lyam, pois como último recurso devia-se reclamar junto à coroa. Sob o governo de Rodric, entretanto, para o crime de lesa-majestade fora estabelecida a pena capital, e os homens não podiam expressar publicamente seu descontentamento. Lyam erradicara novamente tal crime das leis da terra; desde que a traição não estivesse em causa, os homens tinham liberdade para dizer aquilo que pensavam. E os homens livres de Krondor faziam bom uso dessa liberdade.

Krondor transformou-se em uma cidade tumultuada, e sua estabilidade estava em risco. Durante os primeiros dias em que a lei marcial vigorou, as queixas foram fracas, mas, quando o bloqueio à cidade chegou à segunda semana, a escassez começou a se propagar. Os preços dispararam quando a procura excedeu a oferta. Quando acabou a cerveja na primeira cervejaria das docas, um motim generalizado estourou.

Arutha ordenou o toque de recolher obrigatório.

Esquadrões armados da Guarda da Casa Real passaram a patrulhar as ruas juntamente com as rondas normais da cidade. Agentes do Chanceler e do Justo interceptavam conversas, atentos a indícios que levassem ao paradeiro dos

assassinos.

E os homens livres protestavam.

Jimmy atravessou o corredor a passos largos, em direção aos aposentos privados do Príncipe. Fora enviado para transmitir mensagens ao comandante dos vigias na cidade e regressava agora com o comandante a seu lado. Arutha se transformara em um homem impelido pela necessidade de encontrar os assassinos escondidos. Todos os outros assuntos assumiam contornos de menor importância. As atividades cotidianas do principado tinham diminuído de intensidade, chegando a atingir uma estagnação total, enquanto Arutha procurava os Falcões Noturnos.

Jimmy bateu à porta dos aposentos do Príncipe e recebeu autorização para entrar acompanhado pelo comandante dos vigias. Jimmy colocou-se ao lado de Laurie e da Duquesa Carline, enquanto o comandante ficava à frente do Príncipe. Gardan, o Capitão Valdis e o Conde Volney estavam de pé atrás da cadeira de Arutha, que levantou o olhar para o comandante.

— Comandante Bayne? Mandei que lhe fossem transmitidas ordens. Não solicitei sua presença.

O comandante, um veterano cujo cabelo começava a ficar grisalho e que prestava serviço havia trinta anos, disse:

— Alteza, li suas ordens. Acompanhei o escudeiro para confirmá-las.

— As ordens são exatamente as que foram redigidas, Comandante. Mais alguma coisa?

O comandante enrubesceu, deixando transparecer sua ira ao pronunciar cada palavra.

— Sim, Alteza. Perdeu completamente o juízo? — Todos os presentes na sala ficaram boquiabertos diante da explosão. Antes que Gardan ou Volney pudessem censurar as observações do comandante, ele prosseguiu: — As ordens escritas exigem que eu efetue a detenção de mais de mil homens. Para começar...

— Comandante! — vociferou Volney, ao se recuperar do espanto.

Ignorando o enérgico Conde, o comandante prosseguiu com a sua reclamação:

— Para começar, essa ideia de efetuar a detenção de todos os “desconhecidos de pelo menos três cidadãos respeitáveis” significa que cada marinheiro que tenha aportado em Krondor pela primeira vez, qualquer viajante, vagabundo, menestrel, bêbado, pedinte, prostituta, apostador ou qualquer simples desconhecido terá de ser capturado sem comparecer perante um juiz, o que viola a lei comum. Além disso, não disponho de homens para realizar tal empreitada

de maneira adequada. Além disso, não disponho de celas suficientes para abrigar quem for detido e interrogado, nem para aqueles que permanecerem detidos devido a respostas insatisfatórias. Que diabos! Mal há espaço para os que já foram feitos prisioneiros! E, para terminar, toda esta situação cheira mal. Homem, perdeu o juízo? Terá uma rebelião na cidade dentro de duas semanas. Nem mesmo o maldito Radburn tentou fazer algo assim.

— Comandante, basta! — bradou Gardan.

— Está se esquecendo de quem você é! — acrescentou Volney.

— Sua Alteza é que se esquece de quem é, meus senhores. E, a menos que o crime de lesa-majestade tenha voltado a integrar a lista de infrações do Reino, eu posso dizer o que penso.

Arutha fitou fixamente o comandante.

— Isso é tudo?

— Isso não é nem a metade — clamou o comandante. — Vossa Alteza retirará suas ordens?

— Não — respondeu Arutha, sem deixar transparecer qualquer emoção.

O comandante levou a mão à sua insígnia e arrancou-a da túnica.

— Neste caso, procure outro para punir a cidade, Arutha conDoin. Eu não o farei.

— Muito bem. — Arutha recolheu a insígnia. Entregou-a ao Capitão Valdis e disse: — Encontre a sentinela mais graduada e faça com que seja promovida.

— Ninguém aceitará, Alteza — disse o antigo comandante. — As sentinelas estão comigo. — Inclinou-se para a frente, apoiando-se com os nós dos dedos sobre a mesa de reunião de Arutha, até que seus olhos ficassem na mesma altura dos do Príncipe. — É melhor chamar seu exército. Meus homens não querem ter nada a ver com isso. Quando tudo acabar, serão eles que terão de percorrer as ruas depois de anoitecer, em grupos de dois ou três, tentando recuperar a sanidade de uma cidade enlouquecida e cheia de ódio. Vossa Alteza é o responsável pela situação; então, deve resolvê-la.

— Isso é tudo. Pode se retirar — disse Arutha calmamente. — Envie destacamentos da guarnição e assuma o comando dos postos de vigia — disse, dirigindo-se a Valdis. — Todas as sentinelas que desejem permanecer de serviço são bem-vindas. Todas as que recusarem seguir esta ordem serão exoneradas.

Proferindo palavras ásperas, o comandante virou-lhe as costas obstinadamente e abandonou a sala. Jimmy abanou a cabeça e trocou um olhar preocupado com Laurie. O antigo menestrel compreendia tão bem quanto o antigo ladrão o tipo de problema que estava fermentando nas ruas.

Passou-se outra semana e Krondor permaneceu estagnada sob a lei marcial. Arutha fingia não ouvir todos os pedidos para terminar com o estado de sítio. Ao fim da terceira semana, todos os homens ou mulheres que não podiam ser devidamente identificados foram detidos. Jimmy conversou com agentes do Justo, que afirmaram que os Zombadores estavam realizando uma limpeza por conta própria. Até o momento, haviam sido encontrados seis corpos boiando na baía.

Arutha e seus conselheiros já estavam prontos para interrogar os prisioneiros. Uma grande área dos armazéns na extremidade norte da cidade, perto do Bairro dos Mercadores, havia sido transformada em calabouços. Arutha, rodeado por uma companhia de guardas de aspecto feroz, observou os primeiros cinco prisioneiros.

Jimmy afastou-se para um lado e conseguiu ouvir um soldado murmurar para outro:

— Do jeito que as coisas andam, daqui a um ano ainda estaremos conversando com esses homens.

Jimmy viu durante algum tempo o modo como Arutha, Gardan, Volney e o Capitão Valdis interrogavam os prisioneiros. Muitos deles não passavam de pessoas simples que foram apanhadas em uma trama que não compreendiam, ou então representavam muito bem. Todos pareciam imundos, subnutridos, e mostravam-se ora assustados, ora insolentes.

Jimmy ficou inquieto e abandonou o local. Atrás da multidão, vislumbrou Laurie sentado em um banco do lado de fora de uma cervejaria. Jimmy juntou-se ao Duque de Salador, que lhe disse:

— Só há cerveja de fabricação caseira, e não é barata, mas está fresca. — Olhou para a frente, enquanto Arutha prosseguia os interrogatórios debaixo do sol de verão.

Jimmy limpou a testa.

— Isso é inútil. Não leva a lugar algum.

— Acalma a ira de Arutha.

— Nunca o vi assim. Nem mesmo quando cavalgávamos para Moraelin. Ele...

— Está zangado, assustado e sente-se impotente. — Laurie balançou a cabeça. — Carline já me falou muito sobre meu cunhado. Quer saber uma coisa sobre Arutha, se é que ainda não sabe? Ele não tolera sentir-se impotente. Está em um beco sem saída e seu temperamento não permite admitir que está diante

de um muro de pedra. Além disso, se suspender o bloqueio, os Falcões Noturnos poderão entrar e sair quando quiserem.

— E depois? De qualquer maneira, já estão na cidade, e, independentemente do que Arutha pensa, não temos nenhuma garantia de que tenham sido capturados. Talvez eles tenham se infiltrado entre os empregados da corte, assim como se infiltraram no esconderijo dos Zombadores ano passado. Quem sabe? — Jimmy soltou um suspiro. — Se Martin estivesse aqui, ou talvez o Rei, poderíamos pôr fim a esta situação.

Laurie deu um gole em sua bebida e fez uma careta ao sentir o gosto amargo da cerveja.

— Talvez. Esses são os dois únicos homens do mundo a quem ele daria ouvidos. Carline e eu tentamos falar com ele, mas ele se limita a escutar pacientemente e acaba por responder de modo negativo. Nem Gardan e Volney conseguem dissuadi-lo.

Jimmy ficou algum tempo observando o interrogatório do Príncipe quando trouxeram três outros grupos de prisioneiros.

— Bem, nem tudo são más notícias. Libertaram quatro homens.

— E, se forem apanhados por outra patrulha, serão atirados em outra cela e só ao fim de alguns dias é que alguém irá verificar se suas alegações de terem sido libertados pelo Príncipe são verdadeiras. E outros dezesseis foram reenviados para o cárcere. Tudo o que nos resta é esperar que Arutha compreenda que não ganhará nada com isso. Faltam menos de duas semanas para o Festival de Banapis e, se o bloqueio não for suspenso até lá, motins explodirão em toda a cidade. — Laurie franziu os lábios, de frustração. — Talvez, se houvesse alguma maneira mágica que nos permitisse saber quem é um Falcão Noturno...

— O quê? — disse Jimmy, empertigando-se na cadeira.

— O que o quê?

— O que você acabou de dizer. Por que não?

Laurie virou-se lentamente para encarar o escudeiro.

— No que está pensando?

— Estou pensando que chegou a hora de ter uma conversa com o Padre Nathan. Você vem comigo?

Laurie colocou a caneca de cerveja amarga de lado e levantou-se.

— Tenho um cavalo amarrado logo ali.

— Não será a primeira vez que partilhamos uma sela. Venha, Vossa Alteza.

Pela primeira vez em dias, Laurie riu.

Nathan escutou com a cabeça inclinada, durante o tempo em que Jimmy expôs sua ideia. O sacerdote de Sung, a Branca, esfregou o queixo por instantes, enquanto pensava, parecendo-se mais com um antigo lutador do que com um clérigo.

— Há magias que obrigam as pessoas a dizerem a verdade, mas são demoradas e nem sempre confiáveis. Duvido que fossem mais úteis que os métodos atualmente empregados. — Seu tom de voz deixava transparecer que não tinha uma boa impressão dos métodos que vinham sendo utilizados.

— E a magia dos outros templos? — indagou Laurie.

— Eles dispõem de métodos diferentes dos nossos, pequenos detalhes quanto ao modo como os feitiços são elaborados. As dificuldades não são menores.

Jimmy parecia derrotado.

— Eu tinha esperança de que houvesse uma maneira de distinguir os assassinos em meio ao povo, mas deve ser impossível.

Nathan levantou-se por trás da mesa da sala de reuniões de Arutha, que estava livre enquanto o Príncipe supervisionava os interrogatórios.

— Apenas quando um homem morre e é levado para o domínio de Lims-Kragma é que todas as perguntas são respondidas.

A expressão de Jimmy escureceu enquanto pensava, mas logo se iluminou.

— Essa pode ser a solução.

— Qual pode ser a solução? Não pode matar todo mundo — disse Laurie.

— Não — disse Jimmy, repudiando o absurdo da observação. — Prestem atenção. Pode pedir a Julian, o sacerdote de Lims-Kragma, que venha até aqui?

— Está se referindo ao Sumo Sacerdote Julian do Templo de Lims-Kragma? — observou Nathan friamente. — Você esquece que ele ascendeu à supremacia depois que seu antecessor foi considerado louco quando esse palácio foi atacado. — Pelo rosto de Nathan transparecia um tremular de emoção, pois o próprio sacerdote de Sung derrotara os mortos-vivos que serviam Murmandamus, pagando um elevado preço por isso. Nathan continuava a ser atormentado por pesadelos, fruto daquele acontecimento.

— Oh! — exclamou Jimmy.

— Se eu pedir, poderá nos conceder uma audiência, mas duvido que venha correndo só porque eu pedi. Posso ser o conselheiro espiritual do Príncipe, mas, na hierarquia do templo, não passo de um sacerdote de modestos feitos.

— Nesse caso, veremos se ele nos recebe. Estou convicto de que, se ele concordar em nos ajudar, poderemos acabar com essa loucura que assola

Krondor. Quero ter a certeza, porém, da colaboração do Templo de Lims-Kragma antes de expor a ideia ao Príncipe. De outro modo, ele poderá não me dar ouvidos.

— Enviarei uma mensagem. Não é habitual os templos se envolverem em assuntos da cidade, mas tem havido um estrito relacionamento entre eles e os representantes do principado desde o aparecimento de Murmandamus. Talvez Julian tenha a amabilidade de colaborar. Presumo que tenha um plano.

— Sim — concordou Laurie. — Que trunfo está escondendo nessa manga enorme?

Jimmy reclinou a cabeça e sorriu.

— Você apreciará a parte teatral, Laurie. Vamos criar um espetáculo e assustar tanto os Falcões Noturnos que eles acabarão revelando a verdade.

O Duque de Salador recostou-se e ficou pensando nas palavras do jovem; após alguns segundos de ponderação, sua barba loura foi brandamente dividida por um largo sorriso. Nathan trocou olhares com os dois interlocutores e, quando começou a compreender a jogada, também se pôs a sorrir, soltando depois uma gargalhada, parecendo esquecer sua posição. O clérigo da Deusa do Caminho Único recompôs-se, mas depois não se esforçou para esconder sua satisfação e desatou a rir.

Entre os principais templos de Krondor, o menos visitado pelo povo era o que prestava devoção à Deusa da Morte, Lims-Kragma, embora fosse de conhecimento geral que, mais cedo ou mais tarde, a deusa reclamava aquilo que lhe pertencia. Era habitual fazerem oferendas e uma oração pelos mortos, mas apenas alguns a veneravam com regularidade. Em séculos passados, os devotos da Deusa da Morte haviam praticado ritos sanguinolentos, incluindo sacrifícios humanos. Com o passar dos anos, contudo, tais práticas tinham caído em desuso e os seguidores de Lims-Kragma haviam adotado os costumes comuns da sociedade. No entanto, os temores do passado perduravam. Mesmo agora, fanáticos praticavam atos sangrentos em nome da Deusa da Morte com a intenção de manter o templo envolto em uma névoa de terror aos olhos dos homens comuns. E, naquele momento, um grupo de homens comuns, talvez acompanhados por alguns menos comuns escondidos entre eles, era conduzido para o templo.

Arutha permaneceu em silêncio à entrada do santuário do Templo de Lims-Kragma. Guardas armados rodeavam a antecâmara, enquanto os guardas do

templo, trajados com as vestes negras e prateadas de sua ordem, aguardavam no interior. Sete sacerdotes e sacerdotisas encontravam-se de pé em trajes formais, como se uma importante cerimônia estivesse prestes a ser realizada sob o comando de Julian, o Sumo Sacerdote. Inicialmente, Julian não se mostrara disposto a participar daquela armadilha, mas, como seu antecessor passara o limiar da sanidade mental ao confrontar o agente de Murmandamus, ele ficou propenso a qualquer tentativa de contrariar aquele mal. Relutantemente, por fim concordara.

Os prisioneiros foram empurrados em conjunto para a frente, até a entrada obscura. A maior parte deles recuou e teve de ser impelida por soldados que empunhavam lanças. O primeiro grupo era constituído por aqueles que apresentavam mais probabilidades, ao que parecia, de serem membros da irmandade de assassinos. Arutha concordara relutantemente com a simulação, mas insistira que os principais suspeitos de serem Falcões Noturnos fossem incluídos no primeiro grupo a ser “testado”, para evitar que, caso fosse revelado, o esquema chegasse aos ouvidos dos outros prisioneiros.

Quando os relutantes prisioneiros estavam dispostos diante do altar da Deusa da Morte, Julian proferiu:

— Que comece o julgamento.

Prontamente os sacerdotes, sacerdotisas e monges iniciaram um cântico que entoavam obscura e aterradoramente. Voltando-se para os cerca de cinquenta homens retidos pelos silenciosos guardas do templo, o Sumo Sacerdote continuou:

— Diante da pedra do altar da morte, nenhum homem pode dizer falsidades, pois perante Aquela que Espera, perante a Arrastadora de Redes, perante a Adoradora da Vida, todos os homens devem declarar solenemente seus atos. Fiquem sabendo, homens de Krondor, que entre vocês se encontram alguns que renegaram nossa Senhora, que se alistaram nas fileiras da obscuridade e que servem a poderes malévolos. São homens que renunciaram à misericórdia da morte, ao descanso final concedido por Lims-Kragma. Esses homens desdenham de tudo e de todos, submetendo-se apenas à vontade de seu amo. Agora serão separados de nós, pois aqueles que se deitarem sobre a pedra da Deusa da Morte serão testados, e os que disserem a verdade nada têm a temer. Porém aqueles que celebraram pactos obscuros serão revelados e terão de enfrentar a ira d’Aquela que Espera.

A estátua por trás do altar, uma imagem de pedra negra de uma bela mulher de aparência austera, começou a brilhar, cintilando com estranhas luzes azul-

esverdeadas. Jimmy ficou impressionado ao contemplar o espetáculo com Laurie. O efeito acrescentava um intenso sentido de drama ao momento.

Julian fez sinal para que trouxessem o primeiro prisioneiro e arrastaram um homem até junto do altar. Três guardas robustos o colocaram sobre o altar, que fora utilizado anos antes para sacrifícios humanos, e Julian desembainhou um punhal da manga. Segurando-o junto ao peito do homem, limitou-se a perguntar:

— Serve a Murmandamus?

O homem mal conseguiu murmurar uma resposta negativa e Julian afastou o punhal de seu peito.

— Este homem é inocente — entoou o sacerdote. Jimmy e Laurie trocaram olhares, pois o homem era um dos marinheiros de Trevor Hull, esfarrapado e sujo, mas acima de qualquer suspeita e, a julgar pela representação, um excelente ator. Haviam decidido utilizá-lo para dar realismo ao ato, e o mesmo acontecia com o segundo homem, que então era arrastado até o altar. Soluçava lamentavelmente, gritando que o deixassem em paz, implorando por piedade.

— Ele está exagerando — disse Jimmy, tapando a boca com a mão.

— Pouco importa — murmurou Laurie. — Estão todos apavorados.

Jimmy contemplou o aglomerado de prisioneiros, que observavam fascinados os rituais, enquanto o segundo homem era inocentado das acusações de ser um assassino. Agora os guardas seguravam o primeiro homem que seria efetivamente testado. Tinha o ar de um pássaro encurralado por uma serpente e foi conduzido sem demora até o altar. Depois de quatro outros homens serem levados sem protestar, Arutha atravessou o salão e foi para junto de Laurie e Jimmy. Virou as costas ao julgamento, de modo que os impedisse de olhar os prisioneiros, e murmurou:

— Isto não vai dar certo.

— É possível que nenhum Falcão Noturno tenha sido chamado — disse Jimmy. — Sejamos pacientes. Mesmo que todos passem no teste, os prisioneiros continuam sob custódia.

Subitamente, um homem que se encontrava perto da linha de frente dos prisioneiros tentou fugir pela porta, derrubando dois guardas do templo. Os homens de Arutha logo o impediram. O homem investiu contra eles, forçando-os a recuar. No meio da confusão, agarrou um punhal e tentou tirá-lo do cinto de um guarda; outro, porém, acertou-lhe um golpe na mão e o punhal deslizou pelo chão, enquanto um terceiro guarda o golpeava no rosto com o cabo de uma lança. O homem caiu no chão de pedra.

Jimmy, assim como os outros, estava a postos para tentar conter o homem.

Em seguida, como se o tempo andasse mais devagar, vislumbrou outro prisioneiro abaixando-se tranquilamente e pegando o punhal. O homem levantou-se sem perder a compostura, voltou-se, virou o punhal, segurou a lâmina entre o polegar e o indicador; puxou o braço para trás e, enquanto a boca de Jimmy se abria para gritar um aviso, arremessou-o.

Jimmy lançou-se para a frente no intuito de derrubar Arutha, mas era tarde demais. O punhal atingira o alvo.

— Blasfêmia! — bradou um dos sacerdotes ao contemplar o ataque. Logo todos olharam para o Príncipe. Arutha cambaleou, arregalando os olhos de espanto ao observar a lâmina saindo de seu peito. Laurie e Jimmy o agarraram pelos braços, mantendo-o de pé. Arutha olhou para o escudeiro, movimentando a boca em silêncio, como se tentar falar fosse a coisa mais difícil do mundo. Depois revirou os olhos e caiu para a frente, ainda nos braços de Laurie e Jimmy.

Jimmy estava sentado em silêncio, enquanto Roald andava de um lado para outro na sala. Carline estava sentada em frente ao jovem, perdida em seus pensamentos. Estavam diante da porta do quarto de Arutha, esperando enquanto Padre Nathan e o cirurgião real trabalhavam com afinco para tentar salvar a vida do Príncipe. Nathan não revelara qualquer respeito pela hierarquia quando ordenara que todos saíssem do quarto, impedindo até Carline de ver o irmão, mesmo de relance. A princípio, Jimmy pensara que o ferimento era grave, mas não fatal. Já vira homens sobreviverem a coisas piores, mas o tempo estava passando e o jovem começava a se inquietar. Àquela hora, Arutha já deveria estar repousando tranquilamente, mas não havia notícias vindas de seus aposentos. Jimmy tinha medo de que isso fosse um sinal de complicações.

Fechou os olhos e esfregou-os por instantes, suspirando sonoramente. Mais uma vez, suas ações tinham sido lentas demais para impedir uma calamidade. Combatendo seus próprios sentimentos de culpa, foi sobressaltado por uma voz ao seu lado, que disse:

— Não foi sua culpa.

Virou-se e reparou que Carline viera sentar-se ao seu lado.

— Agora lê pensamentos, Duquesa? — disse, esboçando um fraco sorriso.

Ela abanou a cabeça, combatendo as lágrimas.

— Não. Estou só me lembrando da sua reação quando Anita foi atingida.

Jimmy limitou-se a acenar com a cabeça. Laurie chegou e atravessou a antecâmara para trocar impressões em voz baixa com o guarda, que se apressou

a entrar e regressou pouco depois, murmurando uma resposta. Laurie aproximou-se muito sério da esposa e beijou-a levemente no rosto.

— Dei ordens para buscarem Anita e acabei com o bloqueio — disse. Na qualidade de nobre mais proeminente da cidade, Laurie assumira um cargo de autoridade, colaborando com Volney e Gardan para restaurar a ordem na tumultuada cidade. Embora a crise tivesse provavelmente terminado, algumas restrições foram mantidas para impedir reações secundárias de alguns cidadãos descontentes. O toque de recolher obrigatório permaneceria em vigor durante mais alguns dias, e multidões deveriam ser dispersadas.

— Tenho mais ordens a dar — disse Laurie serenamente. — Regressarei em breve. — Levantou-se e abandonou a antecâmara. O tempo arrastou-se.

Jimmy permaneceu perdido em seus pensamentos. Durante o breve tempo em que estivera sob as ordens do Príncipe, seu mundo mudara radicalmente. A transição de menino de rua e ladrão para escudeiro trouxera consigo uma mudança de atitude em relação aos outros, embora alguns vestígios de sua antiga desconfiança o ajudassem a lidar com as intrigas da corte. Ainda assim, o Príncipe, seus familiares e amigos haviam se tornado as únicas pessoas na vida de Jimmy que significavam alguma coisa, e ele se preocupava com eles. Sua inquietação aumentara proporcionalmente com o passar das horas, e ele já se encontrava no limite do desespero. O trabalho do cirurgião e do sacerdote estava demorando tempo demais. Jimmy sabia que algo de muito errado estava acontecendo.

Foi então que a porta se abriu e chamaram um guarda para dentro. Este saiu instantes depois, atravessando apressadamente o corredor. Pouco depois, Laurie, Gardan, Valdis e Volney estavam diante da porta. Sem desviar o olhar da entrada fechada, Carline esticou o braço e agarrou a mão de Jimmy. Ele a olhou de relance e se assustou ao ver seus olhos banhados de lágrimas. Com enorme apreensão, o jovem soube o que estava acontecendo.

A porta se abriu e por ela Nathan saiu pálido. Olhou ao redor da sala e começou a falar, mas depois parou, como se as palavras fossem difíceis demais para serem proferidas. Finalmente, limitou-se a dizer:

— Ele está morto.

Jimmy não conseguiu se conter. Levantou-se apressadamente e abriu caminho por entre o grupo que se juntava em frente à porta, sem reconhecer sua própria voz quando gritou:

— Não!

Os guardas estavam atordoados demais para conseguirem reagir enquanto o

jovem escudeiro forçava a passagem para o quarto de Arutha. Lá dentro, ele se deteve, pois diante do jovem jazia sobre a cama a inconfundível silhueta do Príncipe. Jimmy aproximou-se rapidamente dele e estudou seu semblante inerte. Esticou o braço para tocá-lo, mas sua mão estacou a poucos centímetros de seu rosto. Jimmy não precisava tocá-lo para ter certeza de que o homem que jazia sobre a cama, e cujas feições lhe eram tão familiares, estava efetivamente morto. Jimmy abaixou a cabeça sobre a colcha da cama para esconder os olhos quando começou a chorar.

4

Embarque

Tomas acordou.

Algo o despertara. Sentou-se e examinou a escuridão; seus olhos sobre-humanos lhe revelaram todos os detalhes de seu quarto como se ainda estivesse anoitecendo. Os aposentos da Rainha e de seu consorte eram pequenos, esculpidos no tronco de uma enorme árvore viva. Nada parecia estar faltando. Por um instante, Tomas teve medo que seus sonhos perturbadores tivessem regressado, mas depois, à medida que foi despertando, deixou de lado seus temores. Naquele local, mais do que em qualquer outro, era senhor de seus poderes. Ainda assim, algumas vezes os antigos horrores brotavam em sua mente.

Tomas contemplou sua mulher. Aglaranna dormia, respirando alto. Levantou-se, dirigindo-se ao local onde Calis estava deitado. Com quase dois anos, o menino ficava em um quartinho contíguo ao aposento dos pais. O pequeno Príncipe de Elvandar dormia profundamente, e seu rosto transparecia tranquilidade.

Foi então que sentiu o chamado outra vez. E Tomas sabia quem o chamava. Em vez de se sentir tranquilizado por sua fonte, teve um estranho e fatídico pressentimento. Dirigiu-se para o local onde se encontrava sua armadura branca e dourada. Desde que a Guerra do Portal terminara, só usara aquela vestimenta uma vez, para destruir os Exterminadores Negros que haviam invadido Elvandar. Mas sabia que era hora de usar novamente o traje de guerra.

Pegou a armadura em silêncio e levou-a para fora. A noite de verão emanava as fragrâncias dos frutos e plantas que floresciam, enchendo o ar de delicados aromas, que se misturavam com os preparativos que os padeiros dos elfos faziam para as refeições do dia seguinte.

Tomas vestiu-se sob a verdejante cúpula de Elvandar. Sobre a camisa e as calças, colocou a cota de malha dourada que cobria a cabeça, o peito e os braços.

Em seguida, vestiu o manto com o dragão dourado. Afivelou o sabre dourado, pegou o escudo branco e colocou o elmo.

Permaneceu alguns instantes empertigado da mesma forma que Ashen-Shugar, último dos valheru, os Senhores dos Dragões. O místico legado que cruzava os tempos os unia, e, de um modo estranho. Tomas era tão valheru quanto humano. Sua natureza era a de um jovem criado pelo pai e pela mãe na cozinha do castelo de Crydee, mas seus poderes ultrapassavam inequivocamente os dos humanos. A armadura já não tinha mais aquele poder, pois fora apenas uma conjuração de Macros, o Negro, o feiticeiro que conspirara para que Tomas herdasse os antigos poderes dos valheru. Agora os poderes habitavam o próprio Tomas, mas ele continuava a senti-los ligeiramente mais fracos quando não vestia a armadura branca e dourada.

Fechou os olhos e, recorrendo aos poderes que havia muito não usava, desejou transportar-se até o local onde aquele que o convocara aguardava.

Tomas foi envolvido por uma luz dourada e, subitamente, mais depressa do que os olhos conseguiram perceber, saiu voando por entre as árvores da floresta dos elfos. Passou a grande velocidade pelas sentinelas, que não o viram, até chegar a uma grande clareira localizada a noroeste da corte da Rainha. Em seguida, assumiu novamente a forma corpórea e procurou o autor do chamado. Um homem de negro saiu do meio das árvores e se aproximou; Tomas reconheceu seu rosto. Quando o homem baixo o alcançou, os dois se abraçaram, pois tinham sido criados como irmãos adotivos.

— Este encontro é muito estranho, Pug — disse Tomas. — Reconheci imediatamente o seu chamado, mas por que usar magia? Por que simplesmente não foi até nossa casa?

— Temos de conversar em particular. Estive ausente por um tempo.

— Foi o que Arutha me disse no verão passado. Ele me contou que você estava no mundo dos tsurani para descobrir a causa por detrás dos obscuros ataques de Murmandamus.

— Aprendi muitas coisas durante o último ano, Tomas. — Pug conduziu o amigo até uma árvore caída e sentaram-se no tronco. — Agora tenho certeza absoluta de que o que está por trás de Murmandamus é aquilo que os tsurani chamam de Inimigo, uma força antiga de poderes fantásticos. Essa terrível entidade procura invadir nosso mundo e manipula os moredhel e seus aliados. Para quê, não sei. Não compreendo como a reunião de um exército de moredhel ou assassinos que querem matar Arutha pode auxiliar a entrada do Inimigo em nosso espaço-tempo. — Permaneceu pensativo durante algum tempo. — Há

tantas coisas que ainda não compreendo, apesar de tudo o que aprendi. Quase concluí minha investigação na biblioteca da Assembleia, só ficou faltando uma coisa. — Contemplando o amigo de infância, Pug parecia possuído por uma emergência vital. — Aquilo que descobri na biblioteca não passava de uma pista, mas me conduziu até o longínquo Norte de Kelewan, a um lugar fabuloso abaixo do gelo polar. Durante o último ano, vivi em Elvardein.

— Elvardein? — Tomas piscou, confuso. — Isso significa "refúgio dos elfos", assim como Elvandar significa "lar dos elfos". Quem...?

— Eu estive estudando com os eldar.

— Os eldar! — Tomas parecia ainda mais confuso. Memórias de sua vida como Ashen-Shugar vinham em uma torrente. Os eldar eram os elfos em quem os Senhores dos Dragões, seus amos, depositavam mais confiança. Tinham acesso a vários livros de poder que foram saqueados dos mundos que os Senhores dos Dragões tinham atacado. Em comparação com seus mestres, os eldar eram fracos. Porém, em comparação com outros mortais de Midkemia, eram uma espécie de poderosos magos. Haviam desaparecido durante as Guerras do Caos e pensava-se que tinham perecido com seus amos. — E vivem na terra natal dos tsurani?

— Kelewan é tanto terra dos tsurani quanto dos eldar. Ambas as raças encontraram refúgio lá durante as Guerras do Caos. — Pug fez uma pausa, pensativo. — Elvardein foi criada como um posto de vigia para suprir as necessidades de épocas como a de agora. É muito semelhante a Elvandar, Tomas, mas tem ligeiras diferenças. — Ficou pensativo. — Quando cheguei lá, fui recebido de braços abertos. Os eldar me transmitiram seus ensinamentos. Seu método de ensino, porém, é totalmente diferente de qualquer outro que já conheci. Um elfo chamado Acaila parecia ser o responsável pela minha educação, embora muitos outros me transmitissem também os seus conhecimentos. Durante todo o ano que passei debaixo do gelo polar, não fiz uma única pergunta. Eu sonhava. — Abaixou os olhos. — Era tão estranho. Apenas você, de todos os homens, pode entender o que estou dizendo.

Tomas pousou a mão sobre o ombro de Pug.

— E entendo. Esse tipo de magia não está ao alcance dos homens. — Sorriu. — Contudo, tivemos de aprender, não é?

Pug sorriu ao ouvir suas palavras.

— É verdade. Acaila e os outros começavam um feitiço e eu observava. Demorei semanas até compreender que já estavam me ensinando. Até que, certo dia... me juntei a eles. Aprendi a tecer feitiços com eles. Foi então que começou

minha educação. — Pug sorriu. — Eles estavam bem preparados. Sabiam que eu estava para chegar.

— Como? — perguntou Tomas, arregalando os olhos.

— Macros. Ao que parece, ele lhes disse que um "potencial aluno" estava prestes a chegar.

— Isso revela alguma relação entre a guerra e os estranhos acontecimentos do ano passado.

— Sim. — Pug ficou em silêncio. — Aprendi três coisas: a primeira é que não há uma verdade para nosso conceito de vários caminhos para a magia. Tudo é mágico. Apenas os limites do praticante ditam o caminho seguido; segunda, apesar de minha formação, só agora começo a compreender tudo o que me ensinaram, pois eu nunca fiz uma pergunta, e os eldar nunca me deram uma resposta. — Estremeceu. — Eles são diferentes... de tudo. Não sei se é o isolamento, a falta do convívio com os outros de sua raça, ou seja lá o que for, mas Elvardein é um local tão estranho que faz com que Elvandar seja tão familiar como os bosques que rodeiam Crydee. — Pug suspirou. — Houve momentos em que foi extremamente decepcionante. Eu me levantava todos os dias e vagava pelos bosques à espera de uma oportunidade para aprender. Atualmente, sei mais de magia do que qualquer outro neste mundo, agora que Macros partiu, mas não sei nada a mais sobre aquilo que enfrentaremos. De algum modo, fui forjado como uma ferramenta, sem compreender integralmente meu objetivo.

— Mas você tem alguma suspeita?

— Tenho, embora não vá revelá-la, nem mesmo a você, enquanto não tiver certeza. — Pug se levantou. — Aprendi muito, mas tenho de aprender mais. Uma coisa é certa, e esta é a terceira coisa que disse que aprendi: os dois mundos deparam-se com a mais grave ameaça que já os afligiu desde as Guerras do Caos. — Pug ficou de pé, fitando Tomas nos olhos. — Temos de partir.

— Partir? Para onde?

— Mais tarde você entenderá. Não estamos devidamente equipados para participar do combate. Temos poucas informações, e o conhecimento demora a chegar. Por isso, devemos procurar o conhecimento com urgência. Você deve me acompanhar. Imediatamente.

— Para onde?

— Para onde possamos aprender algo que nos dê alguma vantagem: para o Oráculo de Aal.

Tomas analisou o semblante de Pug. Em todos os anos que se conheciam,

Tomas nunca vira o jovem mago tão decidido.

— Para outros mundos? — indagou Tomas serenamente.

— Por isso preciso de você. Não domino suas artes. Consigo criar um portal para Kelewan, mas não uma viagem até mundos que só conheço por livros milenares... Juntos, temos uma chance. Vai me ajudar?

— É claro. Tenho de falar com Aglaranna...

— Não. — O tom de Pug era incisivo. — Tenho meus motivos. Primeiramente, suspeito de algo ainda mais aterrador do que aquilo que já sei. Se as minhas suspeitas se confirmarem, ninguém além de nós deve estar ciente de nossa tarefa. Se partilharmos a notícia dessa missão, corremos o risco de arruinar tudo. Aqueles que você deseja reconfortar serão destruídos. Será melhor deixá-los no escuro por algum tempo.

Tomas ponderou as palavras de Pug. Uma coisa era certa para o rapaz de Crydee que se tornara um valheru: estava diante de um dos poucos seres do universo dignos de extrema e completa confiança.

— Isso não me agrada em nada, mas aceitarei seu conselho de prudência. Como devemos proceder?

— Para atravessar o cosmos, talvez até navegar pela corrente do tempo, precisamos de um corcel que apenas você pode comandar.

Tomas desviou o olhar, fitando a escuridão.

— Já se passaram... anos. Assim como todos os antigos servidores dos valheru, aqueles de quem você fala ficaram mais fortes com o passar dos séculos, e é pouco provável que nos sirvam de boa vontade. — Ficou pensativo, recordando imagens de tempos passados. — De qualquer modo, tentarei.

Tomas dirigiu-se à clareira, fechou os olhos e ergueu os braços por cima da cabeça. Pug observou-o em silêncio. Durante muito tempo, nenhum dos homens se mexeu. Depois, o jovem de branco e dourado virou-se para Pug.

— Alguém escutou meu chamado. Vem de muito longe, mas se desloca com velocidade. Não vai demorar.

O tempo passou e as nuvens sobre suas cabeças seguiram seu caminho. Um tempo depois, ouviu-se ao longe o barulho de asas poderosas batendo no ar da noite. Após alguns minutos, esse barulho transformou-se em uma ruidosa torrente de vento e uma silhueta formidável encobriu as estrelas.

Uma figura gigantesca pousou na clareira, aterrissando com rapidez e leveza, apesar de seu porte. Asas com mais de três metros de largura se fecharam delicadamente junto a um corpo maior do que o de qualquer outra criatura de Midkemia. Os lampejos prateados do luar dançaram sobre escamas douradas

quando um enorme dragão pousou no solo. Uma cabeça do tamanho de um pesado vagão abaixou-se até ficar pairando acima e diante dos dois homens. Olhos gigantescos cor de rubi os olharam. Então a criatura falou:

— Quem se atreve a me convocar?

— Eu, que em tempos passados fui Ashen-Shugar — respondeu Tomas.

O estado de espírito da criatura era evidente: um misto de irritação e curiosidade.

— O senhor acha que pode me dar ordens como seus antepassados deram aos meus? Pois saiba que a espécie dos dragões evoluiu em poder e astúcia. Nunca mais serviremos voluntariamente. Estão dispostos a me contradizer?

Tomas levantou as mãos em sinal de súplica.

— Procuramos aliados, não servidores. Eu sou Tomas, aquele que, na companhia de Dolgan, o anão, velou por Rhuagh quando este estava às portas da morte. Ele me considerava um amigo, e me presenteou com a possibilidade de me tornar novamente um valheru.

O dragão ponderou sobre aquelas palavras.

— O senhor fala bem, Tomas, amigo de Rhuagh — respondeu. — Em nossa doutrina, foi a coisa mais maravilhosa que já aconteceu, pois, quando Rhuagh morreu, orou aos céus uma última vez, como se sua juventude tivesse sido recuperada, e entoou com vigor seu cântico de morte. Nesse cântico, falou do senhor e de Dolgan, o anão. Todos os veneráveis dragões ouviram esse cântico e agradeceram aos senhores. Considerando sua bondade, escutarei seus desejos.

— Procuramos lugares que estão vedados a nós pelas barreiras do espaço e do tempo. Sobre o seu dorso, poderei derrubar essas barreiras.

O dragão pareceu contrário à ideia de um de sua raça transportar um valheru, apesar de Tomas tê-lo tranquilizado.

— Por que deseja isso?

— Um enorme perigo está prestes a cair sobre este mundo — interveio Pug —, e representa uma terrível ameaça até mesmo para a espécie dos dragões.

— Observei estranhas movimentações no norte — disse o dragão — e um vento suspeito tem soprado a terra nas últimas noites. — Fez uma pausa, refletindo sobre o que haviam dito. — Acho que podemos chegar a um acordo. Por esse motivo, estou disposto a transportá-lo e ao seu amigo. Chamo-me Ryath. — O dragão baixou a cabeça e Tomas subiu agilmente, indicando a Pug onde colocar os pés de modo a não provocar qualquer desconforto àquela criatura gigantesca. Assim que subiram, sentaram-se em uma concavidade no ponto onde o pescoço se unia aos ombros, entre as asas.

— Estamos em dívida com você, Ryath — disse Tomas.

O dragão bateu as asas com força e partiu em direção aos céus. Enquanto ascendiam a grande velocidade sobre Elvandar, a magia de Tomas os mantinha firmemente sentados sobre o dorso de Ryath.

— Dívidas entre amigos não são dívidas — disse o dragão. — Descendo de Rhuagh; segundo suas leis, ele era meu pai, e eu, sua filha. Embora não consideremos tal relação de parentesco tão vital como os humanos, ela continua a ser importante. Vamos, valheru, é chegada a hora de assumir o comando.

Convocando poderes que não eram utilizados havia milênios, Tomas abriu uma passagem para aquele lugar além do tempo e do espaço que seus irmãos e irmãs outrora cruzavam à vontade para levar a destruição a diversos lugares. Pela primeira vez em muitos anos, um Senhor dos Dragões atravessava as fronteiras dos mundos.

Tomas orientou mentalmente o rumo de Ryath. À medida que precisava, descobria capacidades que nunca utilizara. Mais uma vez sentiu a presença de Ashen-Shugar dentro de si, mas em nada se assemelhava à loucura consumidora que suportara antes de finalmente subjugar a herança dos valheru e recuperar sua humanidade.

Tomas manteve uma ilusão de espaço à volta de Pug, do dragão e de si mesmo quase instintivamente. Ao redor, o esplendor de milhões de estrelas iluminava a escuridão. Os dois homens sabiam que não se encontravam naquilo que Pug chamava de “espaço real”, já que viajavam por aquele vazio desolado que o mago tinha presenciado quando fechou o Portal entre Kelewan e Midkemia juntamente com Macros. Faltava matéria naquele vazio, que existia entre os próprios fios do tecido do espaço-tempo. Naquele lugar, podiam envelhecer enquanto apareciam novamente no ponto de partida, imediatamente após terem começado a viagem. O tempo não existia no não espaço. No entanto, a mente humana tinha limites, por mais abençoada que fosse, e Tomas sabia que Pug, apesar de seus poderes, era humano, e que aquele não era o momento para testar seus limites. Ryath parecia indiferente à ilusão do espaço real à sua volta. Tomas e Pug sentiam o dragão mudar de direção.

Pug interessava-se pela capacidade do dragão de navegar no vazio. Suspeitava que Macros tivesse guardado alguns ensinamentos sobre as viagens entre mundos no tempo que passou estudando com Rhuagh anos antes. Pug fez uma nota mental para investigar tais informações nas obras de Macros que

mantinha em Doca da Estrela.

Emergiram no espaço normal, retumbando para a existência com um sonoro estampido. Ryath bateu as asas com força, voando por céus tempestuosos, obscurecidos por nuvens carregadas de chuva, sobre uma paisagem acidentada de montanhas antigas. O ar tinha um odor metálico e amargo, vestígio de algo fétido que era soprado por um vento cortante e gelado. Ryath enviou um pensamento a Tomas. *Este lugar é muito estranho. Não gosto.*

— Não ficaremos muito tempo aqui, Ryath — respondeu Tomas em voz alta, para que Pug ouvisse. — E, daqui, nada temos a temer.

Eu não temo nada, valheru. Simplesmente não gosto de lugares misteriosos.

Pug indicou uma direção a Tomas, que se voltou para seguir o gesto do mago. Usando comandos mentais, Tomas repassou ao dragão as instruções de Pug. Avançaram por entre picos recortados, uma paisagem aterrorizante de pedra retorcida. Ao longe, poderosos vulcões cuspiam torres de fumaça negra que se espalhavam em direção ao céu, e seus cumes brilhavam em tons de laranja. As encostas das montanhas refulgiam com desenhos de pedras derretidas. Foi então que chegaram a uma cidade. Muralhas que haviam sido gloriosas, outrora, jaziam cheias de rachaduras, emolduradas por paredes despedaçadas. Por todo lado, torres altas ainda espiavam a destruição, mas as ruínas imperavam. Não se viam sinais de vida.

Aterrissaram no que antes fora uma praça pública, que formava um círculo no centro da cidade, onde um dia se aglomeraram multidões. Agora, podiam ouvir apenas o som das asas de Ryath por entre o vento glacial.

— Onde estamos? — indagou Tomas.

— Não sei. Sei que é um mundo dos Aal, ou pelo menos foi. É um local antigo. Olhem o sol.

Tomas observou um ponto branco distorcido por trás das nuvens que passavam.

— É estranho.

— É antigo. Brilhava como o nosso, cintilante e quente. Agora está morrendo.

A ciência dos valheru, havia muito adormecida, regressou a Tomas.

— Aproxima-se do fim de seu ciclo. Sei como é. Por vezes, simplesmente definham até desaparecerem. Outras vezes... explodem em uma fúria titânica. Como irá acontecer desta vez?

— Não sei. Talvez o oráculo saiba. — Pug indicou a Tomas uma cordilheira distante.

Seguiram para essa cordilheira a toda a velocidade, levados pelas poderosas asas de Ryath. A cidade localizava-se, eles suspeitavam, no limite de um planalto outrora cultivado. Contudo, não restavam quaisquer vestígios das explorações agrícolas, à exceção de uma única extensão do que parecia ser um aqueduto, isolado no centro do vasto planalto, um monumento silencioso a um povo desaparecido muito tempo antes. Em seguida, Ryath começou a aumentar de altitude ao se aproximarem das montanhas. Voavam mais uma vez entre os topos das montanhas envelhecidas e desgastadas pelo vento e pela chuva.

— Ali está — disse Pug. — Chegamos.

Seguindo as instruções mentais de Tomas, Ryath fez um círculo sobre um cume, cujos rochedos se voltavam para o sul. Vislumbraram um pedaço de terra plano e desobstruído em frente a uma enorme gruta. Não havia espaço suficiente para o dragão gigante aterrissar, por isso Tomas usou seus poderes de levitação para desmontarem de seu dorso. Ryath enviou uma mensagem na qual informava que iria caçar e que regressaria assim que Tomas a convocasse. Tomas desejou-lhe boa sorte, mas achava que o dragão regressaria faminto.

Pairaram através de um céu úmido e batido pelo vento, tão escuro devido à tempestade que mal conseguiam distinguir o dia da noite. Pousaram sobre uma elevação diante da gruta.

Observaram Ryath se afastar, veloz.

— Aqui não corremos perigo — disse Pug —, mas é provável que tenhamos de viajar até locais muito perigosos. Você acha que Ryath realmente não tem medo?

Tomas virou-se sorridente para Pug.

— Acho que sim. Em meus sonhos sobre os tempos antigos, toquei as mentes de seus antepassados, e esse dragão é para eles como eles foram para seu Fantus.

— Nesse caso, é bom que ela tenha se juntado a nós por livre e espontânea vontade. De outro modo, teria sido difícil convencê-la.

Tomas concordou.

— Eu poderia tê-la destruído, sem dúvida, mas forçá-la a submeter-se à minha vontade? Duvido. Os tempos de hegemonia dos valheru acabaram há muito.

Pug examinou a paisagem estranha abaixo da elevação.

— Que lugar triste e assombrado. Os livros da biblioteca de Elvardein descrevem este mundo. Antigamente, era coberto por grandes cidades e nações; agora, não resta nada.

— O que aconteceu com seus habitantes? — indagou Tomas placidamente.

— O sol minguou e o clima mudou. Terremotos, fome, guerra. O que quer que tenha sido, trouxe uma destruição completa.

Viraram-se de frente para a gruta quando uma silhueta apareceu na entrada, envolta dos pés à cabeça por um manto; apenas um braço esguio saía de uma manga. O braço terminava em uma mão velha e nodosa que segurava um cajado. O homem, ou pelo menos o que parecia ser um, aproximou-se lentamente e, quando chegou perto, uma voz fraca como um vento antigo emanou do capuz escuro:

— Quem procura o Oráculo de Aal?

— Eu, Pug, conhecido como Milamber, mago de dois mundos — respondeu Pug.

— E eu, Tomas, conhecido como Ashen-Shugar, que vivi duas vezes.

A silhueta fez sinal para que entrassem na gruta. Tomas e Pug enveredaram por um túnel baixo e escuro. Com um movimento da mão, Pug iluminou o espaço à sua volta. O túnel desembocava em uma enorme caverna.

Tomas parou.

— Estávamos a poucos metros abaixo do topo. Esta caverna não pode caber dentro...

Pug colocou a mão no braço de Tomas.

— Estamos em outro lugar.

A caverna era iluminada por uma luz tênue que brotava das paredes e do teto, de modo que Pug suspendeu seu feitiço. Era possível ver várias outras silhuetas com mantos em cantos distantes da caverna, mas nenhuma se aproximou.

O homem que os recebera na elevação passou por eles, e eles o seguiram.

— Como devemos chamá-lo? — perguntou Pug.

— Como quiserem — respondeu o homem. — Aqui não temos nomes, nem passado ou futuro. Somos simplesmente aqueles que servem ao oráculo. — Conduziu-os até um grande afloramento de pedra, sobre o qual repousava uma estranha figura. Era uma jovem mulher, ou, para ser mais exato, uma menina, talvez com menos de treze ou catorze anos, talvez um pouco mais velha; era difícil dizer. Estava nua e suja, coberta de arranhões e de seus próprios excrementos. Seu longo cabelo castanho estava emaranhado pela sujeira. Seus olhos abriram-se mais quando se aproximaram, e ela se afastou precipitadamente por entre as pedras, guinchando de terror. Os dois homens perceberam que era completamente louca. Não parava de guinchar enquanto abraçava o próprio corpo, mas depois diminuiu o tom, mudando para um riso enlouquecido. Subitamente, a menina olhou para os homens com ar de quem os estudava e

começou a puxar os cabelos, em uma atitude deplorável que se parecia com o ato de se pentear, como se de repente estivesse preocupada com sua aparência.

Sem proferir uma palavra sequer, o homem do cajado fez um sinal para a menina.

— Então ela é o oráculo? — indagou Tomas.

O homem encapuzado confirmou com a cabeça.

— Ela é o oráculo atual. Servirá até morrer, depois outra virá, tal como essa veio após a morte da que a precedeu. Sempre foi assim, e assim sempre será.

— Como conseguem sobreviver neste mundo sem vida?

— Negociamos. Nossa raça pereceu, mas outros, como vocês, procuram por nós. Assim perduramos. — Apontou para a menina, que se encolhia. — Ela é nossa riqueza. Perguntem a ela o que quiserem.

— E o preço? — indagou Pug.

— Perguntem o que quiserem — repetiu o homem encapuzado. — O oráculo responde ao que quer, quando quer. Ela dirá o preço. Pode pedir um doce, um fruto ou os seus corações ainda batendo para comer. Pode pedir uma besteira para brincar. — Indicou um monte de objetos estranhos atirados em um canto. — Pode pedir cem ovelhas ou o peso de cem ovelhas em grãos ou ouro. Vocês devem decidir se os conhecimentos que procuram valem o preço solicitado. Às vezes, as respostas não têm preço. Em outras, ela não responderá, não importa seja o que for que vão lhe oferecer. Sua índole é inconstante.

Pug aproximou-se da menina agachada. Ela o fitou durante bastante tempo, depois sorriu, brincando despreocupadamente com os cabelos emaranhados.

— Queremos saber o futuro — disse Pug.

Os olhos da menina estreitaram-se e, subitamente, todos os vestígios de loucura desapareceram. Era como se outra pessoa passasse a ocupar instantaneamente seu corpo.

— Para saberem isso, pagarão meu preço? — perguntou com uma voz plácida.

— Diga seu preço.

— Salvem-me.

Tomas encarou o guia. Debaixo do capuz, a voz impassível disse:

— Não compreendemos o que ela quer dizer. Ela está presa em seu próprio cérebro. É essa loucura que lhe confere o dom da vidência. Se a libertarem, não será mais o oráculo. Por isso, suas palavras devem ter outro significado.

— Quer que a salvemos de quê? — perguntou Pug.

A garota soltou uma gargalhada, depois a voz plácida voltou:

— Se não compreendem, não podem me salvar.

A silhueta do manto pareceu encolher os ombros. Pug pensou por algum tempo, e depois disse:

— Acho que compreendo. — Aproximou-se dela e segurou sua cabeça entre as mãos. Ela se enrijeceu, como se estivesse prestes a gritar, mas Pug enviou uma mensagem mental tranquilizadora. Aquilo que estava prestes a tentar era algo que antes julgava ser uma habilidade exclusiva dos sacerdotes, mas o tempo que passou com os eldar em Elvardein lhe ensinou que os únicos limites reais para a magia eram os limites do executante.

Pug fechou os olhos e entrou em sua loucura.

Pug encontrava-se entre paredes que se moviam, em um labirinto de cores e formas enlouquecidas. O horizonte mudava a cada passo que dava e perspectiva era algo que não existia. Olhou para suas mãos e as viu subitamente aumentando até ficarem do tamanho de melões, e depois encolhendo com a mesma rapidez até ficarem menores do que as de uma criança. Olhou para cima e conseguiu vislumbrar as paredes do labirinto se afastando e se aproximando, aparentemente de modo aleatório, enquanto suas cores e padrões se alternavam com uma rapidez alucinante. Mesmo o chão sob seus pés era, em um momento, um tabuleiro de xadrez vermelho e branco, e, no outro, um padrão de linhas pretas e cinzentas, depois enormes pontos azuis e verdes sobre um fundo vermelho. Luzes furiosas e repetitivas tentavam cegá-lo.

Pug assumiu o controle de sua própria percepção. Sabia que continuava no interior da caverna e que aquela ilusão era uma extensão de sua própria necessidade de um paralelo físico para enfrentar a loucura da menina. Primeiro, estabilizou-se de modo que a estranha mudança de tamanho dos membros terminasse. Qualquer ato precipitado poderia destruir a mente instável da garota e não havia maneira de saber quais seriam as consequências disso para si mesmo, considerando o contato que estava estabelecendo com aquela mente. Poderia ficar preso dentro de sua loucura, uma perspectiva nada agradável. Durante o último ano, Pug aprendera muito sobre o controle de suas artes, mas também aprendera quais eram os seus limites, e sabia que seus atos tinham riscos.

Em seguida, estabilizou a área que o rodeava, alterando as paredes que se moviam e estremeciam com as luzes ofuscantes. Ao perceber que tanto valia seguir em uma direção quanto em outra, avançou. Os passos também eram

ilusórios, ele o sabia, mas a ilusão de movimento era necessária para que conseguisse alcançar o espaço da consciência da menina. Assim como qualquer problema, aquilo exigia uma estrutura de referência, e seria a garota quem a forneceria. Pug não iria reagir a qualquer ilusão que sua mente enlouquecida preparasse para ele.

Abruptamente, viu-se mergulhado em trevas, em um silêncio tão intenso que se assemelhava apenas à morte. Depois disso, chegou aos seus ouvidos um único e estranho ruído. Não demorou para que se repetisse, vindo de outra direção. Então percebeu uma tênue vibração no ar. Cada vez mais depressa, as trevas foram entrecortadas por movimentos no ar e estranhos ruídos. Por fim, a escuridão ficou repleta de vibrações e de odores fétidos. Estranhas brisas percorriam seu rosto e estranhos seres emplumados roçaram em seu corpo, afastando-se depressa demais para que ele conseguisse agarrá-los. Criou luz e percebeu que estava em uma enorme caverna, muito semelhante à caverna real onde se encontravam. Não havia qualquer movimento. Em meio à ilusão, ele gritou. Não obteve resposta.

A paisagem estremeceu e mudou, e Pug se viu em um belíssimo campo verde, entrecortado por frondosas árvores, perfeitas demais para existirem na realidade. Formavam o limite de um palácio de uma beleza impossível, de mármore branco, adornado de dourado e turquesa, âmbar e jade, opalas e calcedônia, um local tão extraordinariamente encantador que Pug se limitou a contemplar em silêncio. A imagem carregava uma carga emocional que fazia com que se acreditasse que aquele era o lugar mais perfeito do universo, um santuário onde nenhum problema se intrometeria, onde era possível aguardar a eternidade em uma felicidade absoluta.

A paisagem voltou a mudar, e Pug se viu nos salões de um palácio. Desde o chão de mármore branco salpicado de ouro até as colunas de ébano, era a imagem de maior opulência que já vira, ainda maior do que a do palácio do Senhor da Guerra em Kentosani. O teto era esculpido em quartzo, deixando passar a luz solar com um brilho rosado, e as paredes eram adornadas com ricas tapeçarias, tecidas com fios de ouro e prata. Portas de ébano com detalhes de marfim e parafusos de pedras preciosas eram visíveis em todos os portais e, para onde quer que Pug olhasse, via ouro. No centro de todo aquele esplendor, um círculo de luz branca iluminava uma plataforma, sobre a qual estavam duas figuras: uma mulher e uma menina.

Ele se aproximou. Subitamente, guerreiros brotaram do chão como plantas germinando. Eram criaturas imponentes e de aspecto terrível. Um deles parecia

um javali meio humano, outro, um louva-a-deus gigante. Um terceiro parecia ter uma cabeça de leão sobre um corpo humano, e um quarto tinha feições de elefante. Todos estavam armados, usando armaduras de metais ricos e joias, e rugiam assustadoramente. Pug manteve-se em silêncio.

Os guerreiros atacaram e Pug permaneceu imóvel. À medida que cada uma das criaturas do pesadelo o atacava, a arma atravessava seu corpo e elas desapareciam. Quando, por fim, todas desapareceram, Pug aproximou-se da plataforma sobre a qual permaneciam as duas figuras.

A plataforma começou a se afastar, como se estivesse sobre minúsculas rodas ou pernas, e, logo, a ganhar velocidade. Pug caminhou em sua direção, esforçando-se para alcançá-la. Não demorou para que a paisagem que o rodeava ficasse desfocada, e considerou que a ilusão do palácio deveria ter quilômetros de extensão. Pug sabia que conseguiria deter a plataforma em fuga com as duas passageiras, mas fazê-lo poderia ser prejudicial para a garota. Qualquer ato de violência, mesmo uma atitude tão insignificante como dar ordens para que as duas fugitivas parassem, poderia deixar marcas permanentes nela.

A plataforma seguia ruidosamente por uma passagem inclinada entre uma série de obstáculos e salas, e Pug viu-se obrigado a se desviar e a evitar os objetos que surgiam em seu caminho. Também poderia ter destruído qualquer coisa que impedisse sua passagem; o resultado, porém, teria efeitos tão nocivos como se tivesse dado ordens para as duas pararem. Não, pensou. Quando alguém entrava na realidade de outra pessoa, devia seguir as regras do lugar.

A plataforma enfim perto parou e Pug chegou ao pé delas. A mulher se levantou em silêncio, examinando o mago que se aproximava, enquanto a menina continuava sentada a seus pés. Ao contrário de sua aparência real, a garota daquele lugar estava elegantemente vestida com uma túnica de seda macia e transparente. Tinha o cabelo amarrado no topo da cabeça, causando um efeito magnífico devido às presilhas de prata e de ouro que o prendiam; cada presilha em si era uma joia. Enquanto na caverna era impossível imaginar qual seu aspecto por baixo do esterco, ali era uma jovem mulher de extraordinária beleza.

Em seguida, a bela menina levantou-se e cresceu, transformando-se diante dos olhos de Pug em um horror de proporções gigantescas. Enormes braços peludos brotaram dos ombros delicados, enquanto sua cabeça assumia as formas de uma águia enfurecida. Relâmpagos emanavam de seus olhos de rubi; garras se lançavam na direção de Pug.

Ele permaneceu imóvel. As garras o atravessaram sem provocar qualquer

dano, pois ele se recusava a participar daquela realidade. Subitamente, o monstro desapareceu e a menina assumiu a forma que Pug vira antes na caverna, nua, imunda e louca.

— Você é o oráculo — disse o mago, virando-se para a mulher.

— Sou. — Era esplêndida, altiva e estranha. Embora parecesse totalmente humana, Pug achava que aquilo também fazia parte da ilusão. Na realidade, ela devia ser outra coisa... ou fora, antes de morrer. Pug compreendia agora.

— Se eu a libertar, o que será de você?

— Terei de encontrar outra pessoa, e depressa, ou perderei minha existência. Sempre foi assim, e assim sempre será.

— Então outro terá de suportar tudo isso?

— Sempre foi assim.

— Se eu libertá-la, o que será dela?

— Voltará a ser o que era quando a trouxeram para cá. É jovem e recuperará sua sanidade.

— Você resistirá?

— Sabe que não posso resistir. Você conseguiu compreender as ilusões. Sabe que não passam de monstros e de tesouros criados pela mente. No entanto, antes de libertá-la de meu jugo, entenda uma coisa, mago: no início dos tempos, quando a miríade de universos estava em formação, nós fomos criados... nós, os Aal. Quando seu companheiro valheru e os de sua raça começaram a esbravejar pelos céus, já éramos antigos, detentores de uma sabedoria muito além de seu entendimento. Sou a última fêmea de minha raça, embora isso seja um rótulo conveniente, e não uma descrição. Os que estão na caverna são machos. Nós nos esforçamos para manter nosso legado mais precioso, o poder do oráculo, pois somos os guardiões da verdade, os servos do conhecimento. Há muito tempo percebemos que eu poderia subsistir nas mentes dos outros, mas o preço a pagar era a própria sanidade dessas mentes. Foi considerado um mal necessário corromper alguns membros de raças inferiores em troca da manutenção do poder dos Aal. Gostaríamos que não fosse assim, mas assim é, pois preciso de mentes com vida para nelas existir. Levem a menina, mas fiquem sabendo que não demorarei a encontrar outra para sobreviver. Ela não vale nada, é uma simples criança, cujos pais são desconhecidos. Em sua terra natal teria se tornado, na melhor das hipóteses, a escrava de um camponês qualquer, e, na pior,uma prostituta para dar prazer aos homens. Em sua mente, dei a ela riquezas que ultrapassam os sonhos dos reis mais poderosos. O que vocês poderão dar a ela em sua terra?

— O seu próprio destino. Mas creio que alguém mencionou outro tipo de salvação. Uma salvação para ambas.

— Você é inteligente, mago. A estrela em órbita da qual este mundo se move está morrendo. Seu ciclo errático é a causa da ruína do planeta. Já sofremos uma era de ação vulcânica nunca vista na eternidade. Dentro de dez anos, este mundo perecerá afinal pelo fogo. Já é o terceiro mundo que os Aal utilizam como abrigo. Mas agora nossa raça se perdeu no tempo e não possuímos meios para encontrar um quarto mundo. Para que tenha respostas às suas perguntas, terá de estar disposto a responder às nossas.

— Transportá-los para outro mundo não é difícil. Vocês são menos de uma dúzia. Está combinado. Talvez até encontremos uma maneira de evitar o sacrifício de outra mente. — Inclinou a cabeça na direção da menina, que se agachava.

— Isso seria preferível, mas a verdade é que ainda não descobrimos como fazê-lo. No entanto, se encontrar um refúgio para nós, responderei às suas perguntas. Estamos de acordo.

— Neste caso, proponho o seguinte: em meu mundo, disponho de meios para garantir um lugar seguro para você e para seus semelhantes. Meu Rei me tem em alta conta e estará disposto a dizer sim ao meu pedido. Porém saibam que meu mundo corre perigo, e que terão de partilhar esse risco.

— Isso é inaceitável.

— Sendo assim, não temos acordo e todos pereceremos, pois eu não concluirei minha missão e este mundo desaparecerá em uma nuvem de gases flamejantes.

A mulher assumiu um ar circunspecto. Após um longo silêncio, disse:

— Alterarei nosso acordo. Proporcionarei a você o que quer do oráculo em troca desse refúgio seguro, depois de concluir a sua jornada.

— Jornada?

— Eu leio o futuro, e, à medida que nos aproximamos de um acordo, as linhas das probabilidades são solucionadas e o futuro mais provável é revelado a mim. Mesmo enquanto falamos, antevejo seus feitos, e é um caminho repleto de perigos. — Permaneceu em silêncio por instantes, depois prosseguiu delicadamente: — Agora compreendo aquilo que está enfrentando. Concordo com estes termos, e você terá de fazer o mesmo.

Pug encolheu os ombros.

— De acordo. Quando tudo estiver resolvido da melhor forma, eu os transportarei para um lugar seguro.

— Retorne à caverna.

Pug abriu os olhos. Tomas e os servos do oráculo continuavam de pé tal como estavam quando iniciara o contato mental.

— Há quanto tempo estou aqui? — ele perguntou a Tomas.

— Alguns instantes, não mais do que isso.

Pug afastou-se da menina. Ela abriu os olhos e sua voz era forte, sem traços de loucura, mas deixava transparecer alguns vestígios do discurso da mulher estranha:

— Saibam que as trevas se revelam e se reúnem, brotando de onde estavam confinadas, procurando reaver aquilo que tinham perdido, para a total destruição de todos os que amam, para a redenção de todos os que temem. Vão e procurem aquele que tudo sabe, aquele que, desde o início, compreendeu a verdade. Apenas ele poderá orientá-los para o confronto final... apenas ele.

Tomas e Pug trocaram olhares e, ao fazer a pergunta, Pug já sabia a resposta:

— Quem devo procurar?

Os olhos da menina pareceram perfurar-lhe a alma, ao dizer calmamente:

— Você deve procurar Macros, o Negro.

5

Crydee

Martin se agachou.

Fez um sinal para que aqueles que o seguiam fizessem silêncio enquanto tentava ouvir o som do movimento por entre a densa floresta. O sol estava se pondo e os animais deveriam estar aparecendo na beira da lagoa, mas algo afugentara a maior parte da caça. Martin procurava a causa de tal perturbação. Os bosques estavam silenciosos, com exceção dos pássaros sobre suas cabeças. Então ouviu algo se movimentando na mata.

Um veado saltou para a frente, passando sobre os limites da clareira. Martin desviou para a direita, evitando seus chifres e cascos quando o animal assustado passou com um salto. Conseguiu ouvir seus companheiros se afastarem apressadamente ao evitarem o ataque do animal em fuga. Em seguida, Martin ouviu um rosnado profundo vindo do local por onde o veado fugira. O que quer que tivesse afugentado o animal aproximava-se pela vegetação. Martin aguardou com o arco a postos.

Viu o urso saltar do bosque para a clareira. Pela época, o animal deveria estar gordo e ter o pelo brilhante, porém estava fraco e magro, tão magro como se tivesse acabado de acordar de uma longa hibernação. Martin o observou abaixar a cabeça para beber na lagoa. Algum ferimento fazia com que ele mancasse, deixando-o doente e impedindo-o de conseguir os alimentos de que precisava. Havia duas noites, o urso atacara um agricultor que tentava defender sua vaca leiteira. O homem morrera e, desde então, Martin o andava perseguindo. Era uma ameaça e tinha de ser abatido.

O som de cavalos ecoou pelo bosque, e o urso levantou o focinho para farejar o ar. Soltou um grunhido de indagação e ergueu-se sobre as patas traseiras, rosnando de raiva ao sentir o cheiro de cavalos e humanos.

— Maldição — disse Martin, levantando-se e apontando a flecha. Esperava dar um tiro certeiro, mas o animal estava prestes a se virar e fugir.

A flecha avançou sobre a clareira, acertando a omoplata do urso abaixo do pescoço. Não teve um efeito imediato. O animal levou as patas à flecha e rosnou, emitindo um som borbulhante e líquido. Martin contornou a lagoa com a faca de caça na mão e três companheiros logo atrás. Garret, que se tornara o Mestre de Caça de Crydee, disparou sua flecha enquanto Martin corria na direção do animal. A segunda flecha acertou no peito, provocando outro ferimento grave, mas não fatal. Martin lançou-se ao urso enquanto a criatura tentava arrancar com as patas as setas cravadas em sua espessa pelagem. A grande faca de caçador do Duque de Crydee penetrou com força e fundo, precisamente na garganta do animal enfraquecido e confuso. O urso morreu assim que caiu no chão.

Baru e Charles seguiram com os arcos a postos. Charles, baixo e com pernas arqueadas, usava as mesmas vestes de couro verde de Garret, o uniforme dos caçadores a serviço de Martin. Baru, alto e musculoso, usava um manto xadrez verde e preto sobre um dos ombros, o símbolo do Clã Hadati das Montanhas de Ferro, além de calças de couro e botas de pele de gamo.

Martin ajoelhou-se sobre o animal. Começou a trabalhar com a adaga na omoplata, virando ligeiramente a cabeça ao sentir o fedor adocicado de podridão que emanava do ferimento gangrenado; depois, sentou-se, mostrando uma ponta de flecha ensanguentada e coberta de pus.

— Quando eu trabalhava para o meu pai como Mestre da Caça — disse com repulsa, dirigindo-se a Garret —, era frequente ignorar alguns casos de caça ilegal nos anos de maior escassez, mas, se encontrarem o homem que feriu este urso, quero enforcá-lo. E, se ele possuir algo de valor, entregue à viúva do agricultor. É tão responsável pela morte do homem como se o tivesse acertado diretamente com a flecha em vez do urso.

Garret pegou a ponta da flecha e examinou-a.

— Esta ponta é de fabricação caseira, Alteza. Veja a estranha linha que percorre a lateral. O homem que a fundiu não lima as pontas. É tão desajeitado fazendo flechas como caçando ursos. Se encontrarmos uma aljava com pontas de flechas com a mesma falha, acharemos nosso homem. Falarei com os caçadores. — Depois disso, o Mestre da Caça de rosto comprido acrescentou: — Se Vossa Alteza tivesse alcançado o urso antes que eu o tivesse acertado, poderíamos ter dois assassinatos para acusar o caçador.

Martin sorriu.

— Confio plenamente em sua pontaria, Garret. É o único homem que conheço que atira melhor do que eu. Esse é um dos motivos pelos quais você se tornou Mestre de Caça.

— E também porque é o único de seus caçadores que consegue acompanhá-lo quando você decide caçar — acrescentou Charles.

— Você é realmente muito rápido, Lorde Martin — Baru concordou.

— Bem — disse Garret, ainda não totalmente satisfeito com a resposta de Martin —, é possível que tivéssemos mais uma chance de acertar antes de o urso fugir.

— Talvez sim, talvez não. Eu prefiro atacá-lo aqui na clareira, com o apoio dos três, a segui-lo para o meio da vegetação, mesmo que ele estivesse com três flechas no corpo. — Fez sinal em direção ao denso bosque. — Pode ficar um pouco apertado ali dentro.

Garret olhou para Charles e Baru.

— Quanto a isso, não tenho nada a dizer, Alteza. Mas chegamos bem perto daqui — acrescentou.

Ouviu-se uma voz próxima chamando. Martin se levantou.

— Vá ver quem está fazendo tanto barulho. O animal quase nos escapou. — Charles apressou-se a ir averiguar.

Baru abanou a cabeça ao contemplar o urso sem vida.

— O homem que feriu esse urso não é nenhum caçador.

Martin olhou para o bosque.

— Sinto falta disso, Baru. Quase perdoo um pouco o caçador, já que ele me deu uma desculpa para sair do castelo.

— Uma desculpa muito pouco válida, meu senhor. Por lei, essa tarefa deveria ser minha e de meus caçadores.

Martin sorriu.

— Fannon, o Mestre de Armas, insistiu.

— Compreendo — disse Baru. — Durante quase um ano permaneci com os elfos, e agora com vocês. Sinto falta das colinas e dos prados das Terras Altas de Yabon.

Garret não disse nada. Tanto ele como Martin compreendiam por que o hadati não regressara. Sua aldeia fora destruída pelo chefe dos moredhel, Murad. E, embora Baru tivesse vingado o feito liquidando-o, não tinha mais casa. Algum dia, no futuro, poderia encontrar outra aldeia hadati onde se estabelecer, mas por enquanto preferia ficar longe de sua terra. Depois de seus ferimentos terem sarado em Elvandar, viera para Crydee, onde Martin o recebera por um tempo.

Charles voltou com um soldado de Crydee. O soldado bateu continência e disse:

— O Mestre de Armas Fannon solicita seu imediato regresso, Alteza.

Martin trocou um breve olhar com Baru.

— O que será que nos espera?

Baru encolheu os ombros.

— O Mestre de Armas tomou a liberdade de enviar mais cavalos, Alteza — disse o soldado. — Ele sabia que estava a pé.

— Vá na frente — disse Martin, e seguiram o soldado até onde os outros esperavam com os cavalos. Enquanto se preparavam para regressar ao castelo de Crydee, o Duque sentiu-se subitamente perturbado.

Quando Martin desmontou, Fannon estava de pé à sua espera.

— O que aconteceu, Fannon? — perguntou Martin enquanto sacudia a poeira da estrada de sua túnica de couro verde.

— Vossa Alteza esqueceu que Lorde Miguel chegará hoje de tarde?

Martin contemplou o sol que se punha.

— Sendo assim, ele está atrasado.

— Avistaram sua embarcação depois do ponto da Mágoa dos Marinheiros há uma hora. Passará pelo farol da Ponta Longa em direção ao porto na próxima hora.

Martin sorriu para seu Mestre de Armas.

— Tem razão, é claro. Tinha me esquecido. — Subindo as escadas quase correndo, acrescentou: — Venha conversar enquanto mudo de roupa, Fannon.

Martin dirigiu-se apressadamente para seus aposentos, que antigamente pertenceram ao seu pai, Lorde Borric. Os pajens tinham enchido uma banheira com água quente e Martin despiu rapidamente a roupa de caça. Pegou o sabão de aroma intenso e as pedras-pomes e disse ao pajem:

— Traga muita água limpa. Esse cheiro pode agradar à minha irmã, mas irrita meu nariz. — O pajem saiu para ir buscar mais água. — Agora, Fannon, o que traz o ilustre Duque de Rodez ao outro lado do Reino?

Fannon sentou-se em um sofá.

— Vem simplesmente aproveitar o verão. Não é a primeira vez que ele faz isso, Alteza.

Martin riu.

— Fannon, estamos a sós. Pode parar de fingir que não sabe. Ele vem para cá trazer uma filha em idade de casar.

Fannon suspirou.

— Duas. Miranda tem vinte anos e Inez, quinze. Dizem que as duas são

muito belas.

— Quinze anos? Pelos deuses, homem! É uma criança.

Fannon sorriu com dificuldade.

— Segundo me disseram, dois duelos já foram disputados por causa dessa criança. Não esqueça que são habitantes do Leste.

Martin se esticou na banheira.

— Por aqueles lados, eles ainda se metem muito na política, não é?

— Olhe, Martin, queira ou não, você é o Duque, irmão do Rei. E nunca se casou. Se não morasse na região mais remota do Reino, já teria recebido sessenta visitas sociais desde seu retorno para casa, e não apenas seis.

Martin fez uma careta.

— Se esta for igual à última, fujo para a floresta e para o meio dos ursos. — A última visita fora do Conde de Tarloff, vassalo do Duque de Ran. Sua filha havia sido suficientemente encantadora, no entanto, tendia a ser fria e a dar risadinhas estridentes, um capricho que punha os nervos de Martin à prova. Deixou a menina com vagas promessas de que um dia visitaria Tarloff. — Contudo — acrescentou —, ela era uma moça bem bonita.

— A beleza não é o cerne da questão, você sabe. As coisas continuam confusas no Leste, embora já tenham se passado quase dois anos da morte do Rei Rodric. Guy du Bas-Tyra está em algum lugar, preparando só os deuses sabem o quê. Uma parte de sua facção ainda está esperando para ver quem será nomeado Duque de Bas-Tyra. Com Caldric morto e o lugar de Duque de Rillanon também desocupado, o Oriente está prestes a desmoronar. À menor agitação, tudo desabará sobre a cabeça do Rei. Tully aconselhou sensatamente Lyam a aguardar a chegada de filhos e sobrinhos. Então poderá ter mais aliados na corte. Seria uma boa ideia você não perder de vista a realidade da família do Rei, Martin.

— Sim, Mestre de Armas — disse Martin, abanando com pesar a cabeça. Sabia que Fannon tinha razão. Assim que Lyam o elevara ao posto de Duque de Crydee, perdera grande parte de sua liberdade, e parecia que a coisa não pararia por aí.

Chegaram três pajens com baldes de água fria. Martin levantou-se e deixou-os jogar a água por cima dele. Tremendo, enrolou-se em uma toalha delicada e, depois que os pajens saíram, continuou:

— Fannon, o que diz é verdade, sem sombra de dúvida, mas... bem, ainda não se passou um ano desde que voltei de Moraelin com Arutha. Antes disso... fiz aquela longa viagem pelo Oriente. Será que não posso ter uns meses para viver

tranquilamente em casa?

— Foi o que você fez no inverno passado.

Martin soltou uma gargalhada.

— Muito bem. Mas me parece que as pessoas demonstram mais interesse do que o necessário por um duque rural.

Fannon abanou a cabeça.

— Mais interesse do que é preciso dedicar ao irmão do Rei?

— Nenhum herdeiro meu poderia reclamar a coroa, ainda que três outros, talvez quatro, muito em breve, não tivessem privilégio de sucessão antes de mim. Não se esqueça de que abdiquei de todo e qualquer direito em relação à minha descendência.

— Você não é um homem qualquer, Martin. Não finja que é um simples camponês. Você pode ter dito o que passou pela sua cabeça na coroação de Lyam, mas, se algum dos seus descendentes estiver em posição de herdar a coroa, seus votos não terão qualquer valor se alguma facção da Assembleia de Lordes quiser nomeá-lo.

Martin começou a se vestir.

— Eu sei, Fannon. Meu único objetivo foi evitar que outras pessoas se opusessem a Lyam em meu nome. Posso ter passado a maior parte da vida nas florestas, mas quando jantava com você, Tully, Kulgan e meu pai, mantinha os ouvidos bem abertos. Aprendi bastante.

Alguém bateu à porta e um guarda apareceu.

— Uma embarcação com o estandarte de Rodez está passando pelo farol da Ponta Longa, Alteza.

Martin fez sinal para que o guarda fosse embora.

— É melhor nos apressarmos para receber o Duque e suas belas filhas — disse, voltando-se para Fannon, ainda acabando de se vestir. — Serei avaliado e cortejado por elas, Fannon, mas, pelo amor dos deuses, espero que nenhuma dê risadinhas. — Fannon meneou a cabeça concordando enquanto seguia Martin para fora do cômodo.

Martin sorriu ao ouvir a piada do Duque Miguel. Fazia referência a um lorde Martin do Oriente que vira apenas uma vez. As fraquezas do homem poderiam ter sido motivo de humor para os lordes do Oriente, mas Martin não compreendera a piada. Olhou de soslaio para as filhas do Duque. As duas eram adoráveis: feições delicadas, rostos pálidos emoldurados por cabelos quase

negros, e ambas tinham grandes olhos escuros. Miranda estava sentada, conversando com o jovem escudeiro Wilfred, terceiro filho do Barão de Carse e novo na corte. Inez estava sentada, observando Martin e avaliando-o descaradamente. Martin sentiu o pescoço começar a enrubescer e voltou sua atenção novamente para o pai delas. Compreendia porque Inez provocara um duelo entre jovens de cabeça quente. Martin não sabia muito sobre mulheres; era, porém, um caçador experiente e sabia reconhecer um predador quando via um. A garota podia ter apenas quinze anos, mas era uma veterana das cortes do Oriente. Martin não duvidava de que ela logo arranjaria um marido poderoso. Miranda não passava de mais uma bela dama da corte; Inez, por outro lado, ostentava características que Martin não achava atraentes. A menina era claramente perigosa e já tinha experiência em lidar com homens a seu bel prazer. Martin estava determinado a nunca se esquecer daquela informação.

A refeição decorreu tranquilamente, como já era costume de Martin, mas no dia seguinte haveria malabaristas e cantores, pois um grupo de menestréis andava pelas redondezas. Depois da jornada pelo Oriente, Martin não tinha se empolgado mais com banquetes formais, entretanto uma espécie de espetáculo começava a se desenhar. Foi então que um pajem entrou apressadamente no salão, contornando as mesas até chegar ao lado de Samuel, o Mordomo-Mor. Falou em voz baixa, e o Mordomo-Mor aproximou-se da cadeira de Martin.

— Chegaram pombos de Ylith, Alteza. Oito — disse, curvando-se.

Martin compreendeu. Para serem utilizadas tantas aves, era sinal de que a mensagem tinha urgência. Normalmente, utilizavam duas ou três para o caso de um dos pássaros não terminar o perigoso voo sobre a Cordilheira das Torres Cinzentas. Eram necessárias duas semanas para levá-los de volta, de carroça ou de barco, por isso os pombos não eram utilizados com muita frequência. Martin levantou-se.

— Vossa Alteza me dá licença? — disse, voltando-se para o Duque de Rodez. — Minhas senhoras? — Fez uma mesura às duas irmãs e depois seguiu o pajem para fora do salão.

Em uma antecâmara da torre de vigia, encontrou o falcoeiro responsável pela criação de falcões e pombos à espera com os pequenos pergaminhos. Entregou-os a Martin e se retirou. Martin reparou que as pequenas tiras de papel estavam lacradas com o selo real de Krondor sobre o rolo de papel que envolviam, indicando que apenas o Duque poderia abri-las.

— Lerei as mensagens na câmara do conselho — disse.

Sozinho na câmara do conselho, Martin constatou que as tiras de papel

tinham sido identificadas com os números um e dois. Quatro pares. A mensagem fora enviada quatro vezes para garantir que chegaria intacta. Martin desdobrou uma das tiras com o número um e arregalou os olhos enquanto tremia para abrir outra. A mensagem era a mesma. Depois, leu a mensagem número dois. Seus olhos ficaram banhados em lágrimas.

Passaram-se longos minutos e Martin abriu todas as tiras, na esperança de encontrar algo diferente, algo que lhe dissesse que tinha compreendido mal. Durante muito tempo, não conseguiu fazer mais do que permanecer sentado, fitando os papéis diante de seus olhos, enquanto um frio abatia seu estômago, provocando-lhe mal-estar. Finalmente, alguém bateu à porta e ele respondeu debilmente:

— Sim?

A porta se abriu e Fannon entrou.

— Você está ausente há quase uma hora... — Interrompeu-se quando viu o semblante carregado e os olhos vermelhos de Martin. — O que aconteceu?

Martin não conseguiu fazer nada além de indicar os pedaços de papel. Fannon os leu, depois cambaleou e sentou-se em uma cadeira. Cobriu o rosto com uma mão trêmula durante muito tempo. Os dois homens permaneceram em silêncio. Por fim, Fannon disse:

— Como isso pôde acontecer?

— Não sei. A mensagem só fala em um assassino.

Martin examinou a sala com o olhar. Cada pedra da parede e cada peça de mobiliário trazia-lhe memórias de seu pai, Lorde Borric. E, dentre seus familiares, aquele que mais se parecera com o pai fora Arutha. Martin adorava todos, mas Arutha fora, de muitas maneiras, um espelho do próprio Martin. Haviam partilhado certo modo de encarar o mundo e tinham passado por muita coisa juntos: o cerco ao castelo durante a Guerra do Portal no período em que Lyam estava ausente com o pai, a longa e perigosa jornada em busca do Espinho de Prata em Moraelin. Não, Arutha era o melhor amigo de Martin em inúmeros sentidos. Devido à sua educação com os elfos, Martin estava consciente da inevitabilidade da morte, mas ele era um mortal e sentiu um enorme vazio dentro de si. Recompôs-se quando se levantou.

— É melhor informar o Duque Miguel. Sua visita não se prolongará. Amanhã, partiremos para Krondor.

Martin ergueu o olhar quando Fannon voltou a entrar na sala.

— Precisaremos da noite toda e da manhã para tratar dos preparativos, mas o

capitão diz que sua embarcação estará pronta para partir com a maré da tarde.

Martin indicou-lhe uma cadeira para que sentasse e esperou um longo momento antes de falar.

— Como isso foi acontecer, Fannon?

— Não sei responder, Martin — disse o Mestre de Armas. Ficou pensativo por instantes. — Sabe que partilho de sua tristeza. Todos nós partilhamos. Ele e Lyam eram como filhos para mim — acrescentou delicadamente.

— Eu sei.

— Mas há outros assuntos que não podem ser deixados de lado.

— Quais?

— Estou velho, Martin. Subitamente, sinto o peso dos anos sobre os ombros. A notícia da morte de Arutha... faz com que sinta novamente minha mortalidade. Quero me aposentar.

Martin esfregou o queixo enquanto pensava. Fannon já tinha mais de setenta anos e, embora suas capacidades mentais permanecessem intactas, faltava-lhe a energia física que era exigida do braço direito do Duque.

— Compreendo, Fannon. Quando eu regressar de Rillanon...

— Não, isso é muito tempo, Martin — Fannon o interrompeu. — Você ficará ausente por vários meses. Preciso que nomeie um sucessor imediatamente, para que eu possa garantir que ele esteja apto a desempenhar suas tarefas quando eu deixar o cargo. Se Gardan ainda estivesse aqui, não duvido de que a transição ocorreria sem problemas, mas como Arutha o levou de nós... — os olhos do ancião encheram-se de lágrimas — nomeando-o Marechal da Corte de Krondor, bem...

— Compreendo — disse Martin. — Tem alguém em mente? — Fez a pergunta distraidamente, enquanto se esforçava para manter a calma.

— Há vários sargentos que serviriam, mas não temos ninguém com a capacidade de Gardan. Não, eu tinha pensado em Charles.

— Pensei que não confiava nele — disse Martin com um débil sorriso.

Fannon suspirou.

— Isso foi há muito tempo, durante a guerra. Desde então, já demonstrou seu valor centenas de vezes, e não creio que haja no castelo alguém mais destemido. Além disso, ele foi um oficial tsurani, o que equivale a um Tenente da Corte. Tem conhecimentos sobre manobras e táticas de guerra. Já conversamos várias vezes por muitas horas sobre as diferenças entre as operações militares tsurani e as nossas. Uma coisa é certa: quando ele aprende uma coisa, nunca mais a esquece. É um homem inteligente e vale por uma dúzia de homens menos

valorosos. Além disso, os soldados o respeitam e o seguirão.

— Pensarei no caso e decidirei hoje à noite. Algo mais? — disse Martin.

Fannon permaneceu em silêncio por algum tempo, como se falar lhe fosse muito difícil.

— Martin, nós dois nunca tivemos grande afinidade. Quando seu pai o chamou para servir, eu e muitos outros achamos que havia algo de estranho em você. Estava sempre distraído e se comportava de modo estranho, assim como os elfos. Sei que o mistério estava em parte relacionado com a verdade sobre seu relacionamento com Borric. De certo modo, duvidei de você, Martin. Custa-me admitir isso... mas o que estou tentando dizer é... você faz jus à memória de seu pai.

Martin respirou fundo.

— Obrigado, Fannon.

— Digo isso para garantir que compreenda o que tenho de dizer agora. Esta visita do Duque Miguel não passava de um simples incômodo; agora, é um assunto de grande importância. Você deve falar com o Padre Tully assim que chegar a Rillanon e pedir a ele que encontre uma mulher para você.

Martin jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada amarga e furiosa.

— Isso é alguma brincadeira, Fannon? Meu irmão morreu e você quer que eu procure uma mulher?

Fannon permaneceu inabalável diante da ira crescente de Martin:

— Você não é mais o Mestre de Caça de Crydee, Martin. Antes, ninguém se importava se você se casaria e se teria filhos ou não. Agora, você é irmão do Rei. O Oriente continua tumultuado. Bas-Tyra, Rillanon e Krondor estão sem duque. E agora não há Príncipe em Krondor. — A voz de Fannon tornou-se dura pelo cansaço e pela emoção: — O trono de Lyam está ameaçado caso Bas-Tyra se atreva a regressar do exílio. Como agora os únicos sucessores são os dois bebês de Arutha, Lyam precisa de aliados. É aqui que quero chegar. Tully saberá quais casas nobres devem ser garantidas por matrimônio para bem da causa do Rei. Se for Inez, a pequena filha endiabrada de Miguel, ou mesmo a filha de Tarloff, com suas risadinhas, case-se, Martin, pelo bem de Lyam e pelo bem do Reino.

Martin se acalmou. Fannon tocara em uma questão delicada, ainda que tivesse razão. Em todos os aspectos, Martin era um homem solitário e pouco partilhava com os outros homens, à exceção dos irmãos. E nunca se saíra bem na companhia das mulheres. Agora, diziam-lhe que deveria se casar com uma desconhecida para o bem da estabilidade política do irmão. Sabia, contudo, que as palavras de Fannon eram sábias. Caso o traidor Guy du Bas-Tyra continuasse

conspirando, a coroa de Lyam não estava segura. A morte de Arutha deixava claro como todos os governantes são mortais.

— Também pensarei sobre esse assunto, Fannon — disse Martin finalmente.

O velho Mestre de Armas levantou-se lentamente. Quando chegou à porta, virou-se.

— Sei que a esconde bem, Martin, mas a dor está aí. Lamento se parece que ainda estou piorando as coisas, mas eu precisava dizer tudo isso. — Martin limitou-se a acenar com a cabeça.

Fannon saiu e Martin ficou sozinho sentado em seus aposentos; era a única sombra com movimento formada pelas velas gotejantes dos candelabros de parede.

Martin estava de pé, observando com impaciência os atribulados preparativos para a partida do Duque de Rodez e também da sua. O Duque convidara Martin para acompanhá-lo a bordo de sua embarcação, mas Martin inventara uma desculpa qualquer. Apenas a evidente perturbação que a morte de Arutha causara lhe permitiu recusar a oferta do Duque sem que isso representasse um grave insulto.

O Duque Miguel e as filhas chegaram da torre de vigia vestidos para a viagem. As moças não escondiam sua decepção por terem de retornar tão cedo. Levaria duas semanas inteiras ou mais até estarem de volta a Krondor. Depois, na qualidade de membro da aristocracia, seu pai seguiria apressadamente para Rillanon para assistir ao funeral de Arutha.

O Duque Miguel, um homem franzino de maneiras e vestes requintadas, disse:

— É uma tragédia termos de abandonar seu maravilhoso lar em circunstâncias tão tenebrosas, Alteza. Se me permite, teria todo o gosto em oferecer a hospitalidade de minha residência, caso Vossa Alteza deseje repousar um pouco após o funeral de seu irmão. Rodez fica a curta distância da capital.

O primeiro impulso de Martin foi recusar, porém, ao se lembrar das palavras de Fannon na noite anterior, respondeu:

— Se tiver tempo e as circunstâncias o permitirem, Vossa Alteza, terei todo o prazer em visitá-lo. Obrigado. — Olhou de relance para as duas filhas e decidiu naquele instante que, se Tully aconselhasse uma aliança entre Crydee e Rodez, cortejaria Miranda, a mais recatada.

Inez significava, pura e simplesmente, problemas demais em um só lugar.

O Duque e as filhas seguiram em uma carruagem em direção ao porto de embarque. Martin recordou o tempo em que seu pai era Duque. Ninguém de Crydee precisava de uma carruagem, uma vez que de pouco ou nada servia nos caminhos de terra do ducado, que se transformavam frequentemente em uma lama espessa devido às chuvas da costa. Todavia, por causa do crescente número de visitantes ao Ocidente, Martin ordenara que uma carruagem fosse construída. Aparentemente, as damas do Oriente não se davam bem no dorso de um cavalo quando estavam vestidas com roupas de corte. Lembrou-se de Carline cavalgando como um homem durante a Guerra do Portal, com calças justas e uma túnica, a toda a velocidade ao lado do escudeiro Roland, o que deixara a governadora horrorizada. Martin suspirou. Nenhuma das filhas de Miguel alguma vez montaria assim.

Martin ficou pensando se, em algum lugar, haveria uma mulher que partilhasse a sua necessidade de um estilo de vida agitado. Talvez o melhor que poderia esperar fosse uma mulher que aceitasse sua necessidade e não se queixasse de suas longas ausências enquanto fosse caçar ou visitar os amigos em Elvandar.

Os pensamentos de Martin foram interrompidos por um soldado que acompanhava o falcoeiro, que, por sua vez, lhe entregou outro pequeno pergaminho.

— Acabou de chegar, Alteza.

Martin recebeu um pergaminho com o selo de Salador. Esperou que o falcoeiro fosse embora para abri-lo. Era provável que fosse uma mensagem pessoal de Carline. Abriu-o e leu. Leu novamente e depois, pensativo, enfiou o pergaminho no bolso do cinto. Após um longo momento de reflexão, virou-se para um soldado que estava de guarda na torre de vigia.

— Chame o Mestre de Armas Fannon.

Passados poucos minutos, o Mestre de Armas encontrava-se na presença do Duque.

— Pensei no que me disse e concordo com você — disse Martin. — Nomearei Charles para o cargo de Mestre de Armas.

— Ótimo — disse Fannon. — Espero que ele aceite.

— Dito isto, Fannon, assim que eu partir, inicie imediatamente a instrução de Charles para o cargo.

— Sim, Alteza — disse Fannon. Começou a se afastar, mas depois se virou novamente para Martin. — Vossa Alteza?

Martin parou, pois começara a se encaminhar para a torre.

— Diga.

— Está tudo bem?

— Ótimo, Fannon — disse Martin. — Acabei de receber uma mensagem de Laurie me informando que Carline e Anita estão bem. Continue com seus afazeres. — Sem dizer outra palavra, regressou para a torre de vigia, transpondo as enormes portas.

Fannon hesitou antes de ir embora. Estranhara o tom de voz e o comportamento de Martin. Havia algo incomum no modo como o havia olhado ao se afastar.

Baru encarava Charles silenciosamente. Os dois homens estavam sentados no chão com as pernas cruzadas. Um pequeno gongo repousava à esquerda de Charles e um incensório ardia entre os dois, enchendo o ar com um odor adocicado. Quatro velas iluminavam a sala. As únicas mobílias eram um tapete no chão, que Charles preferia a uma cama, uma pequena arca de madeira e um monte de almofadas. Os dois homens vestiam túnicas simples. Cada um tinha um sabre sobre os joelhos. Baru esperava enquanto Charles mantinha os olhos focados em um ponto invisível entre os dois. Foi então que o tsurani disse:

— Qual é o Caminho?

Baru respondeu:

— O Caminho consiste em prestar um serviço fiel a um amo e profunda lealdade nos relacionamentos com os companheiros. O Caminho, considerando o lugar de cada um na Roda, consiste em colocar o dever acima de tudo o mais.

Charles concordou levemente com a cabeça.

— No que diz respeito ao dever, o código do guerreiro é absoluto. O dever acima de tudo. Até a morte.

— Entendido.

— Nesse caso, qual é a natureza do dever?

Baru falou brandamente:

— Há o dever para com nosso senhor. Há o dever para com nosso clã e nossa família. Há o dever para com nosso trabalho, que permite compreender o dever para com nós mesmos. Em conjunto, todos se tornam o dever que nunca é satisfatoriamente cumprido, ainda que o fardo de toda uma vida seja concluído. O dever de tentar uma existência perfeita, de alcançar um lugar mais elevado na Roda.

Charles acenou uma vez com a cabeça.

— Assim é. — Pegou um pequeno martelo de feltro e bateu em um minúsculo gongo. — Escute. — Baru fechou os olhos em meditação, escutando o som à medida que se desvanecia, diminuindo, tornando-se mais tênue. Assim que o som se extinguiu por completo, Charles continuou: — Descubra onde o som termina e o silêncio começa. Então viva esse momento, pois nele encontrará seu centro secreto do ser, o local perfeito da paz interior. E relembre a lição mais antiga dos tsurani: o dever é o peso de todas as coisas, tão pesado quanto um fardo pode pesar, enquanto a morte não é nada, é leve como o ar.

A porta abriu-se e Martin entrou. Baru e Charles começaram a se levantar, mas Martin sinalizou-lhes para continuarem sentados.

Ajoelhou-se entre eles com os olhos fixos no incensório que estava no chão.

— Desculpem-me a interrupção.

— Não nos interrompeu, Alteza — respondeu Charles.

— Durante anos, lutei contra os tsurani e sempre os considerei inimigos honrados — disse Baru. — Agora, aprendo mais sobre eles. Charles me autorizou a aprender o Código do Guerreiro à maneira de seu povo.

Martin não pareceu surpreso.

— Aprendeu muita coisa?

— Que eles são como nós — disse Baru com um leve sorriso. — Não sei muito sobre isso, mas presumo que sejamos como duas árvores jovens da mesma raiz. Eles seguem o Caminho e compreendem a Roda, tal como os hadati. Eles compreendem os conceitos de honra e de dever, tal como os hadati. Nós, que vivemos em Yabon, recebemos muito do Reino, os nomes de nossos deuses e a maior parte de nossa língua, mas os hadati mantiveram muito dos tempos ancestrais. A crença dos tsurani no Caminho é em tudo semelhante à nossa, o que não deixa de ser estranho, pois até a chegada dos tsurani nenhuma outra raça conhecida partilhava de nossas crenças. — Martin contemplou Charles. O tsurani encolheu ligeiramente os ombros. — Talvez apenas encontremos a mesma verdade nos dois mundos. Quem sabe?

— Isso me parece o tipo de assunto para se conversar com Tully e Kulgan — disse Martin. Então ficou em silêncio por instantes e depois acrescentou: — Charles, aceita o cargo de Mestre de Armas?

O tsurani pestanejou; o único sinal de surpresa.

— Muito me honra, Alteza. Aceito.

— Ótimo, fico feliz. Fannon iniciará sua instrução assim que eu partir. — Martin ergueu o olhar para a porta, depois abaixou o tom de voz: — Além disso, desejo que os dois me prestem um serviço.

Charles não hesitou em concordar. Baru estudou Martin atentamente. Haviam estabelecido uma ligação na viagem a Moraelin com Arutha. Baru quase perdera a vida, mas o destino o poupara. Baru sabia que sua sorte estava de algum modo relacionada com aqueles que procuraram o Espinho de Prata. Os olhos do Duque escondiam algo, mas Baru não iria questioná-lo. A seu tempo, ficaria sabendo do que se tratava.

— Também aceito — disse por fim.

Martin sentou-se entre os dois homens e começou a falar.

Martin aconchegou o manto à sua volta. A brisa da tarde era gelada e soprava do norte. Olhou para a popa enquanto Crydee desaparecia por trás das terras da Mágoa dos Marinheiros. Com um aceno para o capitão da embarcação, desceu do tombadilho pela escotilha. Entrou na cabine do capitão e trancou a porta com a chave. O homem que o esperava lá dentro era um dos soldados de Fannon, chamado Stefan; tinha uma constituição física idêntica à do Duque e usava uma túnica e calças da mesma cor das de Martin. Entrara sorrateiramente a bordo antes do amanhecer, vestido como um marinheiro comum. Martin despiu o capote e entregou-o ao homem.

— Você não deve subir ao convés antes de anoitecer e só o faça depois de o navio passar por Queg. Caso a embarcação seja obrigada a atracar em Carse, Tulan ou nas Cidades Livres, não quero que os marinheiros percebam meu desaparecimento.

— Entendido, Alteza.

— Quando chegar a Krondor, presumo que uma carruagem esteja à sua espera. Não sei durante quanto tempo conseguirá manter a farsa. A maioria dos nobres que me conhecem já está a caminho de Rillanon, e temos semelhanças suficientes para que a maioria dos criados não o reconheça. — Martin observou seu sósia. — Se mantiver a boca fechada, poderá se fazer passar por mim até chegar a Rillanon.

Stefan pareceu inquieto diante da possibilidade de ter de se passar por nobre durante muito tempo, mas se limitou a dizer:

— Farei o possível, Alteza.

O navio oscilou quando o capitão ordenou uma alteração da rota.

— Aqui está o primeiro aviso — disse Martin. Descalçou rapidamente as botas e despiu a túnica e as calças, até ficar apenas com as roupas de baixo.

A cabine do capitão tinha só uma janela articulada que rangeu ao se abrir.

Martin passou as pernas para o lado de fora. Ouviu a voz zangada do capitão vinda de cima:

— Estamos nos aproximando muito da costa! Tudo para estibordo!

— Certo, capitão, tudo para estibordo! — respondeu um confuso timoneiro.

— Que a sorte o acompanhe, Stefan.

— E ao senhor também, Alteza.

Martin saltou da cabine do capitão. Ele o alertara do risco de bater na enorme cana do leme, e por conta disso Martin não teve dificuldade em evitá-la. O capitão aproximou-se o máximo que pôde da costa, dentro dos limites de segurança, e depois rumou para águas mais profundas. Martin avistou a praia a menos de uma milha de distância. Não era grande nadador, mas era forte e chegou à costa facilmente com uma série de braçadas. Graças à ondulação, não era provável que alguém da equipagem reparasse no homem que estavam deixando para trás.

Algum tempo depois, Martin levantou-se cambaleando na praia, ofegante. Olhou ao redor, procurando pontos de referência. A força da corrente o tinha levado mais para o sul do que imaginara. Respirou fundo e começou a correr pela praia.

Em menos de dez minutos, três cavaleiros chegaram a um baixo e íngreme terreno e apressaram-se a descer para a areia. Quando os viu, Martin parou. Garret foi o primeiro a desmontar, enquanto Charles se aproximava com um cavalo a mais. Baru manteve-se alerta, à procura de sinais, caso alguém se aproximasse. Garret entregou a Martin uma trouxa de roupa. A corrida pela praia deixara seco o corpo do Duque e ele não demorou para se vestir. Na parte de trás da sela do cavalo adicional estavam pendurados um arco e flechas em uma aljava.

— Alguém os viu partir? — indagou Martin enquanto se vestia.

— Garret já tinha partido do castelo com seu cavalo antes do amanhecer — respondeu Charles — e eu disse aos guardas que iria acompanhar Baru por parte do caminho de volta a Yabon. Ninguém suspeitou de nada.

— Ótimo. Já sabemos que o sigilo é essencial, conforme aprendemos da última vez que tivemos de enfrentar os agentes de Murmandamus. Obrigado pela ajuda de vocês — disse Martin ao montar. — Charles, você e Garret devem regressar prontamente, antes que alguém desconfie.

— O que quer que o destino guarde para você, Alteza, que também lhe traga honra.

— Boa sorte, Alteza — disse Garret.

Os quatro cavaleiros partiram, dois de volta à Estrada da Costa, que conduzia a Crydee, e dois afastando-se da costa, em direção à floresta, para nordeste.

As florestas estavam silenciosas, mas o silêncio era entrecortado pelos habituais cantos dos pássaros e pelos ruídos dos pequenos animais, que indicavam que a normalidade imperava. Já fazia dias que Martin e Baru cavalgavam, levando os cavalos ao limite da resistência. Tinham atravessado o rio Crydee poucas horas antes.

Uma figura vestida de túnica verde e calças de couro marrom emergiu de trás de uma árvore. Acenou e disse:

— Que prazer, Martin do Arco e Baru, Caçador de Serpentes.

Martin reconheceu o elfo, embora não o conhecesse bem.

— Saudações, Tarlen. Viemos em busca do conselho da Rainha.

— Sigam o caminho, pois vocês são sempre bem-vindos à corte. Eu tenho de ficar aqui, vigiando. As coisas têm estado um pouco estranhas desde a última visita de vocês.

Martin reconheceu o tom de suas palavras. Algo deixara os elfos perturbados, mas Tarlen não iria dizer o quê. Martin teria de se encontrar com a Rainha e com Tomas para saber do que se tratava. Especulou. Da última vez em que os elfos tinham ficado perturbados com alguma coisa, Tomas estava quase ficando louco. Martin esporeou o cavalo para que avançasse.

Mais tarde, os dois cavaleiros se aproximaram do centro da floresta dos elfos, Elvandar, onde eles habitavam. A cidade de árvores estava banhada de luz, pois o sol estava em seu auge, coroando as enormes árvores com luminosidade. Folhas verdes e douradas, vermelhas e brancas, de prata e de bronze cintilavam, formando um dossel sobre Elvandar.

Um elfo aproximou-se enquanto desmontavam.

— Trataremos de seus cavalos, Lorde Martin. Sua Majestade deseja que se apresentem imediatamente.

Martin e Baru subiram apressadamente as escadas que iam do caule de uma árvore até a cidade dos elfos. Subiram por elevados arcos nas costas dos galhos. Finalmente, chegaram a uma enorme plataforma que formava o centro de Elvandar, a corte da Rainha.

Aglaranna estava serenamente sentada no trono e Tathar, seu conselheiro sênior, encontrava-se a seu lado. Ao redor da corte estavam sentados os Tecedores de Feitiços, formando o conselho da Rainha. O trono ao seu lado

estava vazio. Sua expressão era imperscrutável para a maioria, mas Martin conhecia os modos dos elfos e percebeu a tensão em seus olhos. Apesar disso, a Rainha era bela, esplêndida e seu sorriso emanava cordialidade quando disse:

— Bem-vindo, Lorde Martin. Bem-vindo, Baru dos hadati. — Os dois homens fizeram uma mesura. — Acompanhem-me, temos de conversar — a Rainha completou. Levantou-se e os conduziu até uma câmara na companhia de Tathar. Uma vez lá dentro, virou-se e pediu-lhes para se sentarem. Foram servidos vinho e alimentos, mas Martin ignorou-os e disse:

— Há algo de errado. — Não era uma pergunta.

O semblante carregado de preocupação de Aglaranna aprofundou-se ainda mais. Martin não a via assim tão perturbada desde a Guerra do Portal.

— Tomas partiu.

— Para onde? — indagou Martin, piscando.

— Não sabemos — respondeu Tathar, o conselheiro. — Desapareceu de noite alguns dias após o Festival do Solstício de Verão. Ele já havia sumido antes para ficar só com seus pensamentos, mas nunca demorou mais de um dia. Quando não apareceu ao fim de duas noites, enviamos batedores. Não encontraram quaisquer pegadas saindo de Elvandar, embora isso não seja estranho. Ele possui outros meios de locomoção. Encontramos, porém, marcas de suas botas em uma clareira ao norte. Havia também vestígios da presença de outro homem ali, pegadas de sandálias na terra.

— Tomas foi se encontrar com alguém e não regressou — disse Martin.

— Havia um terceiro conjunto de pegadas — interveio a Rainha dos Elfos. — Pertencentes a um dragão. O valheru voltou a voar no dorso de um dragão.

Martin recostou-se, tentando compreender.

— Teme que a loucura de Tomas retorne?

— Não — disse Tathar prontamente. — Tomas já não sofre com isso e é mais forte do que ele mesmo pensa. Não, temos medo daquilo que o levou a partir sem nos dar qualquer explicação. Tememos a presença do outro.

Martin arregalou os olhos.

— As sandálias?

— Vocês sabem que poderes são necessários para alguém conseguir penetrar em nossas florestas sem ser detectado. Apenas um homem conseguiu tal proeza: Macros, o Negro.

Martin refletiu.

— Talvez não seja o único. Sei que Pug permaneceu no mundo tsurani para estudar o problema de Murmandamus e aquilo que chamava de Inimigo. Talvez

tenha voltado.

— Pouco importa o tipo de feiticeiro sobre o qual estamos falando — disse Tathar.

Foi Baru quem falou em seguida:

— O que importa é que dois homens de enormes poderes partiram em uma missão misteriosa, em uma época em que os problemas parecem ter regressado do Norte.

— Sim — concordou Aglaranna. — Chegaram até nós rumores da morte de alguém que era próximo de vocês — disse, virando-se para Martin. Era a lei dos elfos evitar dizer o nome dos mortos.

— Há coisas que não posso revelar, Majestade, nem mesmo a alguém de sua classe. Tenho uma missão.

— Nesse caso — disse Tathar —, posso perguntar para onde estão indo e o que os traz aqui?

— Chegou a hora de ir novamente para o norte — respondeu Martin —, para terminar aquilo que se iniciou ano passado.

— Ainda bem que vieram por aqui — disse Tathar. — Avistamos sinais de grandes grupos de goblins em migração para o norte. Além disso, os moredhel estão arriscando fazer reconhecimentos ao longo das fronteiras de nossas florestas. Parecem interessados em saber se algum de nossos guerreiros atravessou as fronteiras. Também foram vistos humanos renegados cavalgando em direção ao norte, perto da fronteira com a Montanha de Pedra. Os gwali fugiram para o sul, para o Coração Verde, como se receassem a aproximação de algo. E há meses somos visitados por um vento maléfico, que transporta uma peculiaridade mística, como se o poder estivesse sendo convocado para o Norte. Muitas são as coisas que nos preocupam.

Baru e Martin trocaram olhares.

— As coisas estão evoluindo rapidamente — disse o hadati.

A conversa foi interrompida por um grito vindo de baixo; em seguida, um elfo apareceu junto ao cotovelo da Rainha.

— Majestade, venha, um Regresso.

— Venham, Martin e Baru, venham testemunhar um milagre.

Tathar seguiu a Rainha e virou-se para dizer:

— Trata-se de um verdadeiro Regresso, e não de um truque.

Os outros conselheiros juntaram-se à Rainha e a Tathar, descendo precipitadamente as escadas até o chão da floresta. Quando chegaram lá embaixo, foram recebidos por vários guerreiros que rodeavam um moredhel.

Martin achou o elfo negro estranho, pois aparentava estar mais calmo do que era normal nos elfos negros.

O moredhel viu a Rainha e fez-lhe uma mesura, abaixando a cabeça.

— Regressei, senhora — disse brandamente.

A Rainha acenou com a cabeça para Tathar. Ele e outros Tecedores de Feitiços reuniram-se em volta do moredhel. Martin sentia uma estranha sensação de destino, como se a atmosfera ficasse subitamente carregada e como se quase conseguisse ouvir música. Sabia que os Tecedores de Feitiços estavam fazendo magia.

— Ele regressou! — exclamou Tathar.

— Qual é seu nome? — indagou Aglaranna.

— Morandis, Majestade.

— Não é mais. A partir de agora, você se chama Lorren.

Martin aprendera no ano anterior que não havia uma real diferença entre as etnias dos elfos, separados apenas pelo poder da Senda das Trevas, o poder que levava os moredhel a uma vida de ódio assassino contra todos os que não fossem de sua espécie. Havia, contudo, uma sutil diferença de atitude, postura e maneiras entre ambas.

O moredhel levantou-se e os elfos que o rodeavam ajudaram-no a despir a túnica verde dos clãs da floresta dos moredhel. Martin vivera com os elfos durante toda a vida e havia combatido os moredhel muitas vezes; por isso, reconhecia a diferença. Ali, no entanto, seus sentidos estavam confusos. Em um momento, o moredhel lhe parecia estranho, algo diferente do que esperavam, e no outro deixara de ser um moredhel. Entregaram-lhe uma túnica marrom e, como que por milagre, Martin viu ali um elfo. Tinha os olhos e os cabelos negros dos moredhel, mas também outros elfos os tinham, tal como alguns moredhel tinham cabelos louros e olhos azuis. Era um elfo!

Tathar observou a reação de Martin àquela mudança e explicou:

— Às vezes, um dos nossos irmãos perdidos consegue escapar da Senda das Trevas. Se seus semelhantes não descobrirem a mudança e não o matarem antes de ele chegar até nós, o acolhemos em sua terra natal. É motivo de alegria. — Martin e Baru observaram enquanto todos os elfos das redondezas abraçavam Lorren, dando-lhe as boas-vindas. — No passado, os moredhel tentaram enviar espiões, mas nós conseguimos sempre distinguir os autênticos dos falsos. Este regressou mesmo ao seu povo.

— Isso acontece com muita frequência? — perguntou Baru.

— De todos os que vivem em Elvandar, eu sou o mais velho — disse Tathar.

— Presenciei apenas sete Regressos antes deste. — Ficou alguns segundos em silêncio. — Um dia, esperamos poder resgatar todos os nossos irmãos, quando o poder da Senda das Trevas for por fim derrotado.

Aglaranna virou-se para Martin.

— Venham, temos de festejar.

— Não podemos, Majestade — respondeu Martin. — Devemos partir para nos encontrarmos com os outros.

— Posso saber qual é o seu plano?

— É simples — respondeu o Duque de Crydee. — Vamos à procura de Murmandamus. E depois — acrescentou inexpressivamente — nós o mataremos.

6

Despedida

Jimmy sentou-se em silêncio.

Observou, distraído, a lista que tinha consigo, tentando se concentrar no assunto que tinha em mãos. Mas não conseguiu se concentrar. A lista de tarefas dos escudeiros para o cortejo da tarde estava definida, ou esperavam que estivesse. Jimmy sentiu um vazio interior e a necessidade de saber qual escudeiro tinha a colocação que lhe parecia mais trivial.

Havia duas semanas que Jimmy lutava com a sensação de que se encontrava em um sonho terrível, do qual não conseguia escapar. Nada em sua vida, até então, o havia afetado tão profundamente como o assassinato de Arutha, e ainda não se sentia capaz de lidar com as emoções provenientes do acontecimento. Dormiu longamente durante todas as noites, como se dormir fosse uma forma de escapar, e, quando estava acordado, andava nervoso e ansioso por fazer alguma coisa, como se estar ocupado pudesse mantê-lo afastado de sua dor. Mantinha-a escondida, para lidar com ela mais tarde.

Jimmy suspirou. Uma coisa o jovem sabia: aquele funeral estava demorando um tempo infernal para ser organizado. Laurie e Volney haviam adiado pela segunda vez a saída do cortejo fúnebre. O caixão fora colocado dentro de sua carruagem dois dias após a morte de Arutha, à espera de seu corpo. A tradição dizia que o cortejo do Príncipe deveria ter partido para Rillanon, para seu jazigo ancestral, três dias após sua morte, mas Anita demorou vários dias para voltar das terras de sua mãe, e depois mais alguns dias se recuperando o bastante para partir; então tiveram de esperar por outros nobres que chegariam. Reinava a confusão no palácio e fora dele. Todavia, Jimmy sabia que não iria superar a tragédia enquanto Arutha não fosse levado embora. Saber que ele jazia na cripta provisória que Nathan preparara, não muito longe do local onde o escudeiro estava sentado, era demais. Esfregou os olhos e abaixou a cabeça quando sentiu as lágrimas se formando novamente. Em sua curta existência, Jimmy só havia

conhecido um homem que o impressionara tão profundamente. Arutha deveria ter sido um dos últimos homens do mundo a se importar com o destino de um jovem ladrão, mas tinha se preocupado. Provou ser um amigo, e até mais do que isso. Ele e Anita foram o que Jimmy tivera de mais próximo da família que nunca conheceu.

Uma batida na porta fez Jimmy levantar a cabeça e ver Locklear de pé na entrada. Acenou e o rapaz mais novo sentou-se do outro lado da escrivaninha. Jimmy passou-lhe o pergaminho.

— Aqui, Locky, é isso o que tem de fazer.

Locklear passou os olhos rapidamente pela lista e pegou uma pena.

— Está quase pronto, só que Paul está com diarreia e o cirurgião quer que ele fique de cama durante o dia. Precisa descansar. Esta lista está confusa. É melhor eu passar outra vez a limpo.

Jimmy assentiu com a cabeça, distraído. Através do manto cinzento de dor que envolvia sua mente, havia algo que o perturbava ligeiramente. Algo que havia três dias zunia em um canto escondido da mente do rapaz. Todos no palácio ainda estavam em choque com a morte de Arutha, mas aqui e ali havia certa peculiaridade; de vez em quando, alguém dizia ou fazia algo que era de alguma forma dissonante. Jimmy não era capaz de apontar exatamente do que se tratava, nem mesmo se era importante de verdade. Fez um esforço para afastar esse pensamento da cabeça. Pessoas diferentes reagiam de maneiras diferentes ante a tragédia. Alguns, como Volney e Gardan, atiravam-se ao trabalho. Outros, como Carline, desapareciam para lidarem sozinhos com a dor à sua maneira. Já o Duque Laurie era como Jimmy: limitava-se a colocar a dor de lado para lidar mais tarde com ela. De repente, Jimmy reconheceu uma das razões que o levaram a ter aquela sensação de estranheza em relação ao palácio. Laurie dirigira o palácio desde que Arutha fora atingido, mas nos últimos três dias estava quase sempre ausente.

Ao olhar para Locklear enquanto o rapaz mais novo reescrevia a lista de tarefas, Jimmy disse:

— Locky, você tem visto o Duque Laurie ultimamente?

Sem tirar os olhos do trabalho, Locklear respondeu:

— Esta manhã, bem cedo. Eu estava incumbido de distribuir o café da manhã aos nobres que nos visitam e o vi sair a cavalo pelo portão. — Ergueu a cabeça, com uma expressão estranha. — Pelo portão dos fundos.

— Por que ele saiu pelos fundos? — indagou Jimmy.

Locklear encolheu os ombros e voltou a dar atenção à lista.

— Porque essa é a direção que ele precisava tomar?

Jimmy ponderou. Que motivos teria o Duque de Salador para cavalgar em direção ao Bairro Pobre na manhã do cortejo fúnebre do Príncipe? Suspirou.

— Conforme fico mais velho, fico cada vez mais desconfiado.

Locklear riu, o primeiro som de satisfação ouvido naquele palácio em dias. Depois, como se tivesse cometido um pecado, olhou para cima com ar culpado.

Jimmy se levantou.

— A lista está pronta?

Locklear passou-lhe o pergaminho.

— Terminada.

— Ótimo — disse Jimmy. — Vamos, deLacy não vai mostrar sua habitual paciência se nos atrasarmos.

Apressaram-se em direção ao local em que se juntavam os escudeiros. Naquele dia, não houve os habituais empurrões nem sussurros animados, pois se tratava de uma ocasião solene. DeLacy chegou alguns minutos depois de Jimmy e Locklear se sentarem em seus lugares e, sem preâmbulos, pediu:

— A lista.

Jimmy a passou para deLacy e ele a avaliou.

— Muito bem, ou está melhorando a caligrafia, ou arranjou um assistente.

Ouviu-se um ligeiro burburinho entre os rapazes, que não demonstravam abertamente se estavam se divertindo.

— Mas vou mudar a atribuição de uma tarefa — disse deLacy. — Harold e Bryce acompanharão a carruagem das Princesas Alicia e Anita. James e Locklear permanecerão aqui, para dar apoio no palácio ao Mordomo-Mor da Casa Real.

Jimmy ficou assombrado. Ele e Locklear não seguiriam o cortejo até os portões. Ficariam ali inutilmente, para o caso de haver algum problema insignificante que levasse o Mordomo-Mor a julgar necessária a presença de um escudeiro.

DeLacy leu distraidamente, em voz alta, o resto da distribuição de tarefas e depois dispensou os rapazes. Locklear e Jimmy trocaram olhares e Jimmy colocou-se no caminho do Mestre de Cerimônias, que já estava de saída.

— Meu senhor... — começou Jimmy.

DeLacy interrompeu-o:

— Se é por causa da distribuição de tarefas, nem vale a pena perder tempo.

Jimmy corou de raiva.

— Mas eu era o Escudeiro do Príncipe! — respondeu fervorosamente.

Em um momento pouco habitual de coragem, Locklear disse bruscamente:

— E eu era Escudeiro de Sua Alteza Real. — DeLacy fitou o rapaz mais novo com espanto. — Bem, mais ou menos... — corrigiu.

— Isso não interessa — realçou deLacy. — Eu sigo minhas ordens. Vocês devem seguir as suas. Isso é tudo. — Jimmy ia protestar de novo, mas foi impedido pelo velho Mestre: — Eu disse que isso é tudo, Escudeiro.

Jimmy virou-se e saiu. Locklear seguiu ao lado dele.

— Não sei o que está acontecendo aqui — disse Jimmy —, mas pretendo descobrir. Vamos.

Jimmy e Locklear apressaram-se, olhando ao redor. Uma ordem de qualquer pessoa mais velha da corte inviabilizaria a visita inesperada, por isso foram cautelosos para evitar que alguém os visse e lhes desse uma tarefa qualquer. O cortejo fúnebre sairia do palácio em menos de duas horas, de modo que ainda haveria uma quantidade imensa de tarefas para dois escudeiros. Assim que o cortejo saísse, começaria um lento desfile pela cidade com uma pausa na Praça do Templo, onde seriam proferidas orações públicas, e então se iniciaria uma longa jornada até Rillanon e ao túmulo dos antepassados de Arutha. Assim que o cortejo saísse da cidade, os escudeiros regressariam ao palácio. Mas Jimmy e Locklear foram impedidos até mesmo de participar daquele pequeno trecho da procissão.

Jimmy aproximou-se da porta da Princesa e perguntou ao guarda no exterior:

— Será que Sua Alteza poderia me dar um minuto de sua atenção?

O guarda ergueu as sobrancelhas, mas, por mais insignificante que fosse um membro da corte — assim como um escudeiro —, ele não estava em posição de questionar a pergunta, por isso deu o recado. Quando o guarda empurrou a porta para abri-la, Jimmy pensou ter escutado algo que não fazia sentido, um som que terminou antes que conseguisse determinar sua natureza. Jimmy tentou compreender o que tinha ouvido, mas o retorno do guarda acabou por desconcentrá-lo. Pouco depois, ele e Locklear foram autorizados a entrar.

Carline estava sentada com Anita ao lado de uma janela, esperando serem chamadas para irem assistir ao funeral. Tinham as cabeças quase encostadas e falavam baixinho. Alicia, a mãe da Princesa, estava inclinada sobre o ombro da filha. As três estavam vestidas de preto. Jimmy entrou acompanhado por Locklear e fez uma mesura.

— Peço perdão pela intromissão, Alteza — disse suavemente.

Anita sorriu.

— Você nunca é um intruso, Jimmy. O que está acontecendo?

Sentindo, de repente, que estava sendo egoísta por ter sido excluído do funeral, Jimmy disse:

— Na verdade, não é nada importante. Alguém me ordenou que permanecesse hoje no palácio e pensei... bem, Vossa Alteza pediu que eu ficasse aqui?

Carline olhou para Anita, e depois a Princesa de Krondor declarou:

— Não, não pedi, Jimmy. — Seu tom de voz era reflexivo. — Mas talvez o Conde Volney tenha pedido. Você é um Escudeiro Superior e deve permanecer em seu posto, ou pelo menos foi isso que o Conde deve ter decidido.

Jimmy estudou sua expressão. Alguma coisa soava estranha. A Princesa Anita tinha voltado das terras da mãe exibindo a dor que seria de se esperar. Mas, em pouco tempo, percebeu uma sutil diferença nela. O choro de um bebê, rapidamente seguido de outro, interrompeu a conversa. Anita se levantou.

— Nunca é apenas um — ela disse, sem esconder a ternura que sentia. Carline sorriu ao ouvi-la, mas, de repente, sua expressão tornou-se sombria.

— Nós a estamos incomodando, Alteza. Lamento tê-la importunado com assuntos tão insignificantes — disse Jimmy.

Jimmy saiu, seguido de Locklear.

— Deixei escapar alguma coisa ali dentro, Locky? — perguntou Jimmy quando o guarda já não conseguia ouvi-lo.

Locklear virou-se e observou momentaneamente a porta.

— Há algo de... estranho. É como se estivessem nos mantendo fora do caminho.

Jimmy pensou por um minuto. Então entendeu o que tinha lhe chamado a atenção do lado de fora, pouco antes de entrarem nos aposentos. O som que o alertou foi o das vozes das Princesas, ou melhor, um tipo específico de som: de conversas descontraídas, como se estivessem se divertindo.

— Começo a achar que você tem razão. Venha. Não temos muito tempo — disse Jimmy.

— Tempo para quê?

— Você vai ver. — Jimmy apressou-se a percorrer o corredor e o rapaz mais novo teve de se esforçar para acompanhá-lo.

Gardan e Volney dirigiam-se apressadamente para o pátio, acompanhados por

quatro guardas, quando os rapazes os interceptaram. O Conde mal olhou para eles ao perguntar:

— Não deveriam estar no pátio?

— Não, senhor — respondeu Jimmy. — Fomos postos ao serviço do Mordomo-Mor.

Gardan pareceu ligeiramente surpreso com aquilo, mas Volney limitou-se a dizer:

— Então espero que o encontrem logo, para o caso de serem necessários. Temos de dar início ao cortejo.

— Meu senhor — perguntou Jimmy —, ordenou que nós permanecêssemos no palácio?

Volney contornou a questão:

— Era o Duque Laurie quem estava tratando desses detalhes com o Mestre deLacy.

Não perdeu mais tempo com os rapazes e afastou-se com Gardan.

Jimmy e Locklear ficaram parados, enquanto o Conde e o Marechal da Corte desapareciam ao virar uma esquina, ao som dos saltos das botas dos homens que os escoltavam batendo ruidosamente no chão de pedra.

— Acho que estou entendendo — disse Jimmy. Agarrou Locklear pelo braço. — Vamos.

— Para onde? — indagou Locklear, denotando alguma frustração.

— Você vai ver — respondeu enquanto seguia praticamente correndo.

Locklear apressou-se atrás dele, imitando-o.

— *Você vai ver, você vai ver*. Vou ver o quê, diabos?!

Havia dois guardas de sentinela. Um deles disse:

— Onde os jovens cavalheiros pretendem ir?

— À Administração do Porto — disse Jimmy com irritação, exibindo prontamente uma ordem manuscrita. — O Mordomo-Mor não encontra a declaração de um barco e está desesperado para arranjar outra. — Jimmy estava prestes a começar uma investigação e ficara irritado por ter de cumprir aquela tarefa. Também lhe parecera uma ocasião despropositada para o Mordomo-Mor ficar obcecado com a necessidade daqueles documentos.

— Só um minuto — disse o guarda, que examinou os papéis.

Fez um sinal a outro soldado que estava próximo da sala dos oficiais, ao lado da entrada principal do palácio. O guarda aproximou-se rapidamente e a primeira

das sentinelas disse:

— Você pode desperdiçar um pouco de seu tempo para levar esses rapazes ao oficial do porto e trazê-los de volta? Precisam tratar de um assunto para o Mordomo-Mor.

O guarda mostrou-se indiferente. Ir e voltar levaria menos de uma hora. Assentiu com a cabeça e lá foram os três.

Vinte minutos mais tarde, Jimmy estava no gabinete da Administração do Porto, lidando com um funcionário insignificante enquanto todos estavam do lado de fora, vendo o cortejo sair da cidade. O homem resmungou, enquanto manuseava uma pilha de papéis, à procura de uma cópia da última declaração de mercadorias entregues nas docas reais. Enquanto remexia desajeitadamente nos papéis, Jimmy olhou para outra folha pendurada na parede do gabinete, colocada ali para que todos a vissem. Era a escala de partidas da semana. Algo chamou sua atenção e ele foi até lá olhar melhor. Locklear o seguiu.

— O que foi?

Jimmy apontou.

— Interessante.

Locklear olhou para a folha pendurada e perguntou:

— Por quê?

— Não tenho certeza — respondeu Jimmy, abaixando o tom de voz —, mas pense por um instante em algumas coisas que têm acontecido no palácio; nós fomos mantidos afastados da procissão e depois fomos perguntar à Princesa o que estava acontecendo. Nem dez minutos depois de termos saído do quarto dela, fomos enviados para esta missão inútil. Diga: não parece que estamos sendo mantidos fora do caminho? Há algo de... estranho aqui.

— Foi exatamente o que eu disse — Locklear resmungou impacientemente.

O funcionário encontrou o documento solicitado e o entregou, e o guarda escoltou os rapazes de volta ao palácio. Jimmy e Locklear acenaram distraidamente ao passarem pelos guardas postados à entrada e depois se dirigiram ao gabinete do Mordomo-Mor.

No interior do palácio, chegaram ao gabinete quando o Barão Giles, o Mordomo-Mor, estava saindo.

— Aí estão vocês — afirmou em tom de acusação. — Pensei que ia ter de mandar uns guardas para encontrá-los, onde quer que estivessem dormindo. — Jimmy e Locklear trocaram olhares. O Mordomo-Mor parecia ter se esquecido por completo do documento. Jimmy o entregou a ele.

— O que é isto? — Examinou a folha. — Oh, sim — entendeu, atirando o

documento para cima da escrivaninha. — Trato disso mais tarde. Tenho de sair para ver o cortejo deixar o palácio. Vocês ficam aqui. Caso haja alguma emergência, um de vocês deve ficar no gabinete enquanto o outro vai me procurar. Voltarei assim que o féretro sair pelo portão.

— Está esperando que aconteça algum problema, meu senhor? — perguntou Jimmy.

— Claro que não, mas não custa nada estar atento — disse o Mordomo-Mor, passando pelos rapazes. — Não devo demorar.

Depois que ele saiu, Locklear virou-se para Jimmy.

— Está bem. O que está acontecendo? E não se atreva a dizer *você vai ver*.

— As coisas não são o que parecem. Vamos.

Jimmy e Locklear subiram apressadamente as escadas. Ao chegarem a uma janela de onde se via o pátio, observaram silenciosamente os preparativos que estavam sendo feitos lá embaixo. O cortejo era organizado, a carruagem fúnebre colocada em seu lugar e escoltada por uma companhia de guardas reais escolhidos a dedo. Era puxada por um conjunto de seis cavalos pretos idênticos, cada um adornado com plumas negras e guiado por um lacaio trajado de preto. Os soldados se alinharam em ambos os lados da carruagem.

Um grupo de oito homens de armas surgiu vindo do palácio, transportando o caixão com o corpo de Arutha. Dirigiram-se para um andaime, que lhes permitiu erguê-lo para cima da carruagem funerária. Vagarosamente, quase com reverência, alojaram o Príncipe de Krondor em cima da estrutura preta coberta por uma mortalha.

Jimmy e Locklear olharam para baixo, na direção do caixão, e pela primeira vez conseguiram ver nitidamente o Príncipe. A tradição ditava que a procissão deveria sair com o caixão aberto para que a população pudesse contemplar pela última vez seu governante. O caixão seria fechado depois que cruzassem os portões da cidade, no exterior, para não ser mais aberto, resguardado novamente até a privacidade do jazigo familiar sob o palácio do Rei em Rillanon, onde a família de Arutha lhe daria um último adeus.

Jimmy sentiu um aperto na garganta. Engoliu com força, tentando diminuir o aperto. Viu que Arutha fora vestido com seu traje preferido, a túnica de veludo marrom e as calças de malha marrom-avermelhada. Fora acrescentado um colete verde, embora ele raramente o usasse. Seu florete favorito fora colocado em suas mãos e sua cabeça estava descoberta. Parecia dormir. Ao se afastar de seu campo

de visão, Jimmy reparou nas sandálias largas de cetim delicado nos pés do Príncipe.

Um criado avançou, conduzindo o cavalo de Arutha, que seguiria atrás do caixão, sem cavaleiro. Era um magnífico garanhão cinzento que, de cabeça bem erguida, se debatia contra o criado. Outro pajem apareceu correndo e os dois conseguiram amansar a montaria indócil.

Jimmy estreitou os olhos. Locklear virou-se a tempo de reparar em sua expressão de estranheza.

— O que foi?

— Raios! Alguma coisa está estranha. Vamos, quero que veja uma coisa. Ou duas.

— Onde?

Mas Jimmy já tinha saído, limitando-se a dizer, ao descer as escadas:

— Depressa, só nos restam alguns minutos!

Locklear o seguiu, resmungando em voz baixa.

Jimmy se escondeu nas sombras dos estábulos.

— Olhe — disse, empurrando Locklear para a frente. Locklear parecia um bobo ao se esgueirar em frente à entrada dos estábulos quando a última das montarias da guarda de honra era levada para o exterior. Praticamente toda a guarnição iria a pé atrás do caixão do Príncipe, mas, assim que chegassem ao exterior da cidade, uma companhia completa dos Lanceiros Reais serviria de escolta durante todo o trajeto até Salador.

— Ei, rapaz! Saia da frente! — Locklear teve de pular para o lado quando um lacaio saiu correndo dos estábulos entre dois cavalos, levando-os pelas rédeas. Quase derrubou Locklear, que recuou lentamente e se agachou no canto ao lado de Jimmy.

— Não imagino o que pretende encontrar, mas não, não está aqui.

— Encontrei o que esperava encontrar. Vamos — ordenou Jimmy, voltando rapidamente rumo ao palácio central.

— Para onde?

— Você vai ver.

Locklear lançou um olhar raivoso às costas de Jimmy enquanto atravessavam o pátio de manobras correndo.

Jimmy e Locklear subiram apressadamente as escadas, saltando os degraus de dois em dois. Ao chegarem à janela que dava para o pátio, tentaram recuperar o fôlego. A corrida de ida e volta até os estábulos levara dez minutos e o cortejo estava prestes a deixar a cidade. Jimmy observou atentamente. As carruagens subiram até chegarem aos degraus do palácio e os pajens correram para abrir os portões. Segundo a tradição, apenas a família real, por consanguinidade e casamento, poderia seguir a cavalo. Todos os outros deveriam seguir a pé atrás do carro fúnebre, em sinal de respeito. A Princesa Anita e Alicia desceram e entraram na primeira carruagem, enquanto Carline e Laurie seguiram imediatamente para a segunda, com o Duque, muito apressado, quase correndo. Ele praticamente pulou na carruagem depois de Carline, fechando rapidamente as cortinas da janela de seu lado.

Jimmy observou Locklear, que estava parado com uma nítida expressão de curiosidade ante o comportamento de Laurie. Sem ver a necessidade de comentar aquilo com o outro jovem, Jimmy permaneceu em silêncio.

Gardan tomou seu lugar à frente da procissão, levando uma pesada capa negra sobre os ombros. Fez um sinal e um tambor solitário iniciou um surdo e lento rufar. Sem que ninguém precisasse dar ordem, a procissão avançou à quarta batida do tambor. Os soldados se deslocaram em marcha silenciosa, enquanto as carruagens rodaram para a frente. De súbito, o garanhão cinzento empinou e foi necessário mais um lacaio intervir para colocá-lo no lugar. Jimmy abanou a cabeça. Sentiu algo familiar: todas as peças de um estranho quebra-cabeça estavam prestes a se encaixar. Então, lentamente, um sorriso de entendimento começou a se desenhar em seu rosto.

Locklear reparou na mudança de expressão do amigo.

— O que foi?

— Agora entendi o que Laurie está tramando. Já sei o que aconteceu — declarou, com uma palmada amiga no ombro de Locklear. — Vamos, temos muito o que fazer e quase nenhum tempo.

Jimmy conduziu Locklear por um túnel secreto, com a tocha gotejante projetando sombras tremeluzentes e ondulantes para todos os lados. Os dois escudeiros tinham vestuário adequado para viajar e levavam armas, mochilas e esteiras.

— Tem certeza de que ninguém estará na saída? — perguntou Locklear pela

quinta vez.

— Já expliquei — respondeu Jimmy, impaciente. — Esta é a única saída que nunca mostrei a ninguém, nem mesmo a Laurie. — E acrescentou, como que tentando justificar o fato de ter omitido a informação: — Há velhos hábitos que são mais difíceis de perder do que outros.

Tinham passado toda a manhã tratando de seus deveres. Depois de todos os escudeiros terem se retirado, esgueiraram-se para o local onde tinham escondido, antecipadamente, suas mochilas. Já era perto da meia-noite.

Ao chegar a uma porta de pedra, Jimmy puxou uma alavanca e os dois ouviram um estalo. Jimmy afastou a tocha e encostou o ombro na porta. Após vários empurrões, a porta rangeu — tinha ficado emperrada com o tempo —, mas acabou se movendo. Rastejaram por uma porta menor — disfarçada de pedra — na base da parede atrás do pátio de triagem do Príncipe, na rua mais próxima do palácio. A menos de meio quarteirão rua acima ficava o portão traseiro, com suas sentinelas. Jimmy tentou empurrar a porta para fechá-la, mas ela recusou se mover. Fez um sinal a Locklear e o rapaz mais novo empurrou-a com esforço concentrado. A porta não cedeu logo, mas subitamente soltou-se e se trancou com uma batida ruidosa. De cima do portão veio uma voz inquiridora:

— Quem está aí? Responda agora. Levante-se e se identifique.

Sem hesitar, Jimmy começou a andar com Locklear colado ao seu lado. Nenhum dos rapazes olhou para trás para ver se estavam sendo perseguidos, mas mantiveram as cabeças abaixadas enquanto percorriam apressadamente a calçada de pedra.

Rapidamente se perderam no emaranhado de ruas existente entre o Bairro Pobre e as docas. Jimmy deteve-se para se orientar e depois apontou.

— Por ali. Temos de nos apressar. O *Corvo Real* sairá com a maré da meia-noite.

Os dois rapazes correram através da noite. Não demorou muito tempo até passarem em frente aos edifícios de portas trancadas da região do porto. Do cais ecoava o som de homens gritando ordens enquanto um barco se preparava para zarpar.

— Está partindo — gritou Locklear.

Jimmy não respondeu; limitou-se a acelerar o passo. Os escudeiros chegaram à ponta do cais quando soltavam a última amarra. Mãos fortes os puxaram para o barco e, em um instante, estavam no convés.

— Mais essa agora, o que é isso? — ouviram uma voz perguntar, e logo viram Aaron Cook. — Ora, muito bem, Jimmy, a Mão, está assim tão ansioso

para fazer uma viagem marítima que seria capaz de quebrar seu próprio pescoço só para subir a bordo?

Jimmy sorriu ironicamente.

— Olá, Aaron. Preciso falar com Hull.

O homem com o rosto marcado encarou os escudeiros.

— Para todos a bordo do *Corvo Real* é Capitão Hull, seja você ou não escudeiro do Príncipe. Vou ver se o capitão está disponível.

Não demorou muito até que os escudeiros se vissem frente a frente com o capitão, que os fitou com uma expressão ameaçadora enquanto os observava com seu olho são.

— Desertando de seus postos, hein?

— Trevor — começou Jimmy, mas, ao ver o olhar carrancudo de Cook, emendou: —, Capitão. Precisamos ir até Sarth. E vimos pela listagem dos navios na Administração do Porto que essa noite começaria a sua patrulha rumo ao norte.

— Muito bem. Você pode achar que precisa subir a costa, Jimmy, a Mão, mas você não tem posição suficiente para subir a bordo de meu barco quando bem entende. E, apesar do que anunciamos publicamente, para confundir os espiões, como deveria saber, minha rota segue para o Ocidente, pois foram detectados traficantes de escravos de Durbin no mar, à espera de emboscar infelizes comerciantes do Reino, e há sempre galeões de Queg metendo o nariz onde não são chamados. Não. Você vai desembarcar com o piloto assim que passarmos da arrebentação, a não ser que vocês tenham alguma razão além de quererem um transporte gratuito. — A expressão do antigo contrabandista revelou que, apesar do afeto que pudesse sentir por Jimmy, não toleraria idiotices a bordo do seu barco.

— Se me permitir, gostaria de ter uma palavra a sós com você — disse Jimmy.

Hull trocou olhares com Cook e depois encolheu os ombros. Jimmy demorou cinco minutos sussurrando ao ouvido do velho capitão. Subitamente, Hull, divertindo-se de verdade, gargalhou.

— Assim você me afunda! — Pouco depois, aproximou-se de Aaron Cook. — Leve esses rapazes lá para baixo. Assim que sairmos do porto, quero as velas esticadas. Ajuste a trajetória para Sarth.

Cook hesitou por algum tempo, até que se virou para um marinheiro e lhe ordenou que levasse os rapazes para baixo. Quando se foram e o piloto do porto saltou para seu escaler, o primeiro imediato chamou todo mundo aos mastros e

ordenou que abrissem todas as velas e rumassem para o norte. Deu uma olhada para trás, para o local onde o Capitão Hull estava com o timoneiro, mas o capitão sorriu apenas para si mesmo.

Jimmy e Locklear ficaram esperando na extremidade da amurada. Quando o barco ficou pronto, embarcaram. Trevor Hull colocou-se ao lado deles.

— Têm certeza de que não querem aportar em Sarth?

Jimmy balançou a cabeça.

— Prefiro não ser visto chegando em um barco de controle alfandegário. Chama muita atenção. Além disso, há um povoado aqui perto onde podemos comprar cavalos. E há um bom local para acampar a menos de um dia de distância a cavalo, onde ficamos da última vez. Dá para ver todos os que passam por lá. Será mais fácil avistá-los.

— Desde que eles já não tenham passado.

— Saíram apenas um dia antes de nós e velejamos a noite toda enquanto dormiam. Estamos à frente deles.

— Então muito bem, meus jovens, desejo a vocês a proteção de Kilian, que nos seus momentos mais bondosos olha pelos marinheiros e por outras pessoas ousadas, e de Banath, que faz o mesmo por ladrões, aventureiros e loucos. — Em um tom mais sério, acrescentou: — Tenham cuidado, rapazes.

Então sinalizou para que abaixassem o barco.

Fazia um tempo sombrio, pois o nevoeiro da costa ainda não havia sido dissipado pelo sol. O escaler apontou para a praia e os remadores esforçaram-se ao máximo. Avançaram rapidamente, até a proa raspar na areia e Jimmy e Locklear chegarem à costa.

A princípio, o estalajadeiro não quis vender os cavalos, mas a atitude séria de Jimmy, sua postura autoritária e o modo como usava a espada — além de uma grande quantidade de ouro — fizeram com que mudasse de ideia. Quando o sol começou a iluminar a floresta a leste do povoado de Estrada Longa, os dois jovens já estavam montados e com provisões, percorrendo a estrada entre Sarth e o Mirante de Questor.

Chegaram ao local, em uma passagem estreita da estrada, por volta do meio-dia. A leste, uma pequena elevação, coberta por uma densa mata, impedia que alguém passasse, ao mesmo tempo que, a oeste, o terreno levava abruptamente

para a praia. De seu ponto privilegiado, Jimmy e Locklear conseguiam vislumbrar qualquer viajante que subisse a estrada ou viesse da praia.

Improvisaram uma pequena fogueira para enfrentar o ar úmido e esperaram.

Nos três dias que se seguiram, os dois foram ameaçados duas vezes. Da primeira, por um grupo de bandidos desempregados, mercenários que seguiam para o sul, rumo ao Mirante de Questor. No entanto, o bando foi desencorajado pela determinação dos dois jovens, assim como pela probabilidade de não terem nada que merecesse ser roubado além dos dois cavalos. Um dos homens tentou se apoderar de um deles, mas a rapidez de Jimmy com o florete acabou por dissuadi-lo. Partiram antes que fosse derramado sangue por causa de um saque tão trivial.

O segundo encontro foi consideravelmente mais arriscado, já que ambos se viram obrigados a ficar lado a lado, de armas em punho, protegendo os cavalos de três bandidos de péssimo aspecto. Se houvesse um maior número de assaltantes na estrada, Jimmy não duvidava de que seriam mortos, mas os homens fugiram ao ouvirem cavaleiros se aproximando, uma pequena patrulha da guarnição do Mirante de Questor.

Os soldados interrogaram Jimmy e Locklear e aceitaram a história que contaram. Viajavam como filhos de um fidalgo de pouca importância, que ficara de se encontrar com eles naquele local. Os rapazes e o pai seguiriam depois para o sul, em direção a Krondor, para acompanharem o cortejo fúnebre do Príncipe. O sargento que comandava a patrulha desejou-lhes uma viagem sem sobressaltos.

Algum tempo depois, na tarde do quarto dia após a chegada, Jimmy avistou três cavaleiros percorrendo a praia. Observou demoradamente e depois gritou:

— São eles!

Jimmy e Locklear montaram com rapidez e cavalgaram ao longo da fenda no penhasco, em direção à praia. Pararam. Os cavalos ficaram escavando a areia enquanto aguardavam os cavaleiros se aproximarem.

Os três cavaleiros ficaram ao alcance da vista, pararam e depois se aproximaram com cautela. Tinham um ar cansado e sujo, parecendo-se com mercenários devido às armas e armaduras que portavam. Todos usavam barba, embora a dos dois de cabelo escuro fosse pequena e recente. O primeiro cavaleiro soltou um palavrão ao ver os dois jovens. O segundo balançou a cabeça, não querendo acreditar.

O terceiro cavaleiro fez seu cavalo passar pelos outros dois e só se deteve diante dos rapazes.

— Como é que vocês...?

Locklear ficou boquiaberto, mudo de espanto. No meio de tudo o que Jimmy lhe contara, aquele era o único ponto que o Escudeiro Superior lhe ocultara.

Jimmy sorriu abertamente.

— É uma história bem longa. Temos um pequeno acampamento no promontório, se quiserem descansar, embora seja perto da estrada.

O homem coçou sua barba de duas semanas.

— É a melhor alternativa. Não há motivo para viajar mais hoje.

Jimmy sorriu abertamente.

— Você é o cadáver mais vivo que já vi, e olhe que já vi alguns, devo dizer.

Arutha retribuiu o sorriso.

— Venham, vamos dar descanso aos cavalos e entender como esses patifes nos descobriram — disse virando-se para Laurie e Roald.

O fogo pareceu arder com vigor enquanto o sol desaparecia atrás do mar. Espalharam-se ao redor da fogueira, exceto Roald, que ficou vigiando a estrada.

— Fui juntando várias peças — explicou Jimmy. — As duas Princesas me pareceram mais preocupadas do que propriamente transtornadas. Quando fomos mantidos longe do cortejo, suspeitei que algo mais estava acontecendo.

— Foi algo que eu disse — Locklear acrescentou.

Jimmy olhou furiosamente para Locklear, deixando claro que a história era sua.

— Sim, foi. Ele disse que estávamos sendo colocados de lado. Agora percebo o porquê. Eu teria percebido que se tratava de um falso duque na carruagem. Depois, compreenderia que ele ia para o Norte para acabar com Murmandamus.

— Por isso você foi colocado de lado — confirmou Laurie.

— Era o motivo principal — Roald acrescentou.

Jimmy se sentiu traído.

— Poderia ter confiado em mim.

O semblante de Arutha revelava um misto de divertimento e irritação.

— Não se tratava de uma questão de confiança, Jimmy. Não quis que fosse assim. Não queria que você se envolvesse. — Com um resmungo irônico, acrescentou: — Agora, envolvi os dois.

Locklear olhou para Jimmy com uma expressão de preocupação, mas o tom

de voz do escudeiro deixou-o descontraído:

— Bem, até os príncipes cometem erros, às vezes. Pense no tipo de enrascada em que você teria se metido se eu não tivesse percebido aquela armadilha em Moraelin.

Arutha, sem argumentos, assentiu.

— Então você percebeu que estava acontecendo alguma coisa estranha e depois descobriu que Laurie e Roald seguiriam para o Norte, mas como chegou à conclusão de que eu ainda estava vivo?

Jimmy riu.

— Primeiro, usaram o garanhão cinzento na procissão, e seu cavalo não estava no estábulo. Eu me lembro de você ter me dito que nunca gostou daquele cavalo cinza.

Arutha assentiu com a cabeça.

— Ele é intratável. E o que mais?

— Percebi quando vimos o corpo passando. Se a ideia era ser sepultado com suas roupas preferidas, estaria calçado com suas botas. — Apontou para o par de botas que o Príncipe usava. — Mas o corpo usava sandálias. Isso porque as botas que o assassino usou no palácio estavam cobertas de sujeira do esgoto e de sangue. O mais provável é que quem quer que tenha vestido o corpo tenha ido procurar outro par ao invés de limpar as botas do assassino, mas não encontrou nenhum, ou não lhe servia, e por isso se limitou a calçar-lhe sandálias. Quando vi isso, entendi tudo. Você não queimou o corpo do assassino, apenas o coração dele. Nathan deve ter lançado um feitiço no corpo para mantê-lo intacto.

— Não sabia o que ia fazer com ele, mas achei que poderia vir a ser útil. Então aconteceu o atentado. Aquele punhal do assassino não era falso. — Ele alisou a cicatriz delicadamente. — Mas não foi um ferimento grave.

— Ah! Um dedo para cima e dois dedos para o lado e teríamos um funeral de verdade — disse Laurie.

— Na primeira noite, mantivemos as coisas entre nós, eu, Nathan, Gardan, Volney e Laurie, enquanto pensávamos no que devíamos fazer — esclareceu Arutha. — Decidi me passar por morto. Volney retardou a procissão fúnebre até os nobres da terra chegarem, o que me deu tempo para sarar o suficiente para conseguir cavalgar. Quis sair da cidade sem que ninguém percebesse. Se Murmandamus pensasse que eu estava morto, deixaria de me procurar. Com isso — exibiu o talismã oferecido pelo abade ishapiano de Sarth —, ele não será capaz de me encontrar através da magia. Tenho esperança de que ele se precipite.

— Rapazes, como vocês chegaram aqui? — indagou Laurie. — Não podem

ter nos ultrapassado na estrada.

— Convenci Trevor Hull a nos trazer até aqui — esclareceu Jimmy.

— Contaram alguma coisa para ele? — perguntou Arutha.

— Só para ele. Nem mesmo Cook sabe que você está vivo.

— Ainda assim, já é gente demais sabendo do segredo — disse Roald.

— Mas... meu senhor, todos os que sabem são de confiança — acrescentou Locklear.

— Não é essa a questão — frisou Laurie. — Carline e Anita sabem, assim como Gardan, Volney e Nathan. Mas até deLacy e Valdis foram mantidos na ignorância. O Rei não saberá até que Carline conte a ele em particular quando chegar a Rillanon. Só esses sabem.

— E Martin? — quis saber Jimmy.

— Laurie enviou uma mensagem para ele. Vai nos encontrar em Ylith — respondeu Arutha.

— É arriscado — comentou Jimmy.

— Ninguém, a não ser alguns de nós, entenderia a mensagem — disse Laurie. — Tudo o que dizia era “O Nortenho. Vir rapidamente.” Estava assinado “Arthur”. Ele compreenderia que ninguém deve saber que Arutha está vivo.

Jimmy mostrou-se satisfeito.

— Apenas nós sabemos que “O Nortenho” é uma estalagem em Ylith, onde Martin lutou com aquele tal de Longly.

— Quem é Arthur? — questionou Locklear.

— Sua Alteza — explicou Roald. — É o nome que usou quando viajou pela última vez.

— E usei quando vim a Krondor com Martin e Amos.

Jimmy ficou com um olhar pensativo.

— É a segunda vez que cavalgamos rumo ao Norte e é a segunda vez que gostaria de ter Amos Trask conosco.

— Bem, mas não terá — disse Arutha. — Vamos nos deitar. Temos uma longa jornada pela frente e preciso decidir o que fazer com vocês, seus pilantras.

Jimmy enroscou-se em sua esteira, assim como os outros, enquanto Roald ficava incumbido da primeira vigia. Então, pela primeira vez em semanas, Jimmy adormeceu rapidamente, com o coração livre do pesar.

7

Mistérios

Ryath voou como um raio em direção a céus conhecidos.

Ela rodopiou sobre as florestas do Reino e pensou: *Tenho de caçar*. O dragão preferia a comunicação mental enquanto voava, embora no solo falasse em voz alta.

Tomas olhou para trás, em direção a Pug, que informou:

— A ilha de Macros fica longe. A quase mil e seiscentos quilômetros.

Tomas sorriu.

— Conseguiremos chegar lá mais depressa do que você pode imaginar.

— Quanto mais Ryath consegue percorrer?

— Ela consegue dar a volta ao globo sem aterrissar; acho, porém, que não há um bom motivo para isso. Você ainda não viu um décimo da velocidade que ela é capaz de atingir.

— Ótimo — respondeu Pug. — Então, até aterrissarmos na Ilha do Feiticeiro.

Tomas pediu mais paciência ao dragão, que concordou de má vontade. Subindo bem alto no céu azul de Midkemia, Ryath seguiu as instruções de Pug, voando sobre os picos das montanhas em direção ao Mar Amargo. Com poderosas batidas de asas, subiu o máximo que pôde. A paisagem lá embaixo não demorou a passar cada vez mais rápido, e Pug tentou imaginar qual poderia ser o limite de velocidade do dragão. Avançavam mais rapidamente do que um cavalo a galope, e a velocidade parecia aumentar. Havia algo de mágico na capacidade de voo de Ryath, pois, apesar de o dragão aparentemente voar cada vez mais alto, estava na realidade aumentando a velocidade sem nem bater as asas. Voaram cada vez mais depressa. Graças à magia de Tomas, seguiam confortáveis; ele os protegeu do vento e do frio, embora Pug estivesse praticamente atordoado de alegria. As florestas da Costa Extrema abriam caminho para os picos das Torres Cinzentas, e depois sobrevoaram velozmente as terras das Cidades Livres de Natal. A seguir, sobrevoaram as águas do Mar

Amargo, com brilhos prateados e esverdeados no azul profundo; os barcos cruzavam as rotas comerciais de verão entre Queg e as Cidades Livres como meros brinquedos.

Ao passarem bem alto sobre o Reino da Ilha de Queg, avistaram a capital e os povoados afastados, mais uma vez parecendo brinquedos devido à distância. Muito abaixo, formas aladas voavam em formação sobre os limites da terra e o dragão soltou um divertido riso abafado. *O senhor as conhece, não é, Soberano do Horizonte das Águias?*

— Não são mais o que eram — disse Tomas.

— O que são? — quis saber Pug.

Tomas apontou para baixo.

— Aquelas são descendentes das águias gigantes que cacei, que Ashen-Shugar caçou, em outra era. Eu as adestrei tal como homens menores adestram falcões. Esses pássaros ancestrais eram praticamente inteligentes.

Os homens das ilhas os treinavam e os montavam como se faz com cavalos. São uma espécie em extinção.

Tomas pareceu irritado.

— Como muitas outras coisas, não passam de uma sombra do que já foram.

Com humor, o dragão respondeu:

Ainda assim, há aqueles de nós que melhoraram, valheru.

Pug não abriu a boca. Se realmente entendera o amigo, havia muitas crias nele que ninguém conseguiria descobrir. Tomas era único no mundo e carregava em sua alma fardos incompreensíveis aos outros. De forma muito vaga, Pug poderia compreender como aquelas descendentes das antes orgulhosas águias que Ashen-Shugar caçara outrora poderiam magoar Tomas, mas optou por não comentar nada. Quaisquer que tenham sido os tormentos pelos quais Tomas passara, só ele os sabia.

Pouco depois, avistaram outra ilha, minúscula se comparada à nação de Queg, mas ainda assim suficientemente grande para abrigar uma população significativa. Pug sabia, no entanto, que só alguns poucos moravam lá, pois se tratava da Ilha do Feiticeiro, lar de Macros, o Negro.

Ao passarem velozmente sobre a ponta noroeste da ilha, mergulharam mais para baixo, passaram por uma cordilheira e depois sobrevoaram um pequeno vale.

— Não pode ser! — exclamou Pug.

— O quê? — perguntou Tomas.

— Antes havia um local... estranho. Uma casa com anexos. Foi onde conheci

Macros. Kulgan, Gardan, Arutha e Meecham também estavam presentes.

Investiram contra árvores altas.

— Esses carvalhos e pinheiros não cresceram nos quase doze anos que se passaram desde que você conheceu o feiticeiro, Pug. Parecem antigos — Tomas notou.

— Mais um dos mistérios de Macros. Rezemos para que o castelo ainda esteja lá — disse Pug.

Ryath transpôs mais uma cordilheira e, no horizonte, surgiu a única construção visível na ilha, um castelo solitário. Fizeram uma curva inclinada sobre a praia onde Pug e os companheiros tinham chegado pela primeira vez, alguns anos antes; o dragão desceu rapidamente, pousando em uma trilha acima da praia. Despedindo-se dos companheiros, ela se lançou novamente ao ar, preparando-se para uma caçada. Tomas, observando Ryath desaparecer no céu azul, disse:

— Já tinha me esquecido de como era voar no dorso de um dragão. — Pareceu preocupado ao olhar para Pug. — Quando você me pediu para acompanhá-lo, eu estava mais uma vez com receio de despertar espíritos interiores adormecidos. — Bateu com a mão no peito. — Achei que Ashen-Shugar me aguardava aqui, esperando apenas um pretexto para me dominar de novo. — Pug observou atentamente o rosto de Tomas. Seu amigo estava disfarçando bem as emoções, mas ainda assim conseguiu discerni-las, poderosas e profundas. — Mas agora sei que não há diferença entre Ashen-Shugar e Tomas. Eu sou ambos. — Olhou por um momento para baixo, fazendo Pug se lembrar do aspecto que o rapaz outrora tivera, quando pedia desculpas à mãe ao cometer algum erro. — Sinto como se tivesse ganhado e perdido algo ao mesmo tempo.

Pug assentiu com a cabeça.

— Nunca mais seremos os rapazes que éramos, Tomas. Mas nos tornamos muito mais do que aquilo que alguma vez sonhamos. Ainda assim, poucas coisas de valor são eternamente simples ou fáceis.

Tomas fitou o mar.

— Estava pensando em meus pais. Não os visito desde o fim da guerra. Já não sou aquele que conheceram.

Pug compreendeu o que Tomas queria dizer.

— Será complicado para eles, mas são boa gente e aceitarão as mudanças em você. Gostarão de conhecer o neto.

Tomas suspirou e depois riu, tanto de prazer como de tristeza.

— Calis é diferente daquilo que podem esperar, mas afinal de contas, eu também sou. Não, não tenho medo de voltar a vê-los. — Falando baixinho, virou-se e olhou para Pug: — Não, o que temo é que nunca mais volte a vê-los.

Pug pensou em Katala, sua própria esposa, e em todos os outros em Doca da Estrela. Durante um longo momento de reflexão, não conseguiu fazer mais nada além de agarrar o braço de Tomas. Apesar de seus poderes e capacidades — talentos únicos naquele mundo —, eram mortais, e Pug, mais do que Tomas, conhecia a natureza terrível do que enfrentavam. Em seu íntimo, Pug nutria desconfianças mais profundas e temores mais sombrios. O silêncio dos eldar durante seu treino, a presença deles em Kelewan e os conhecimentos adquiridos ao estudar com aquela raça realçaram todas as possibilidades que Pug fervorosamente esperava que fossem falsas. Havia ali consequências sobre as quais não pensaria, enquanto fosse possível. Pondo de lado sua inquietação, disse:

— Vamos, temos de procurar Gathis.

Ficaram observando a praia em um local onde duas trilhas se fundiam numa só. Pug sabia que uma seguia até o castelo e que a outra atravessava o pequeno vale onde a estranha casa com anexos que o feiticeiro antigamente chamara de Villa Beata se encontrava — o lugar onde conhecera Macros. Pug desejou ter visitado o complexo quando ele e os outros regressaram para reclamar o legado de Macros, o coração da Academia na biblioteca de Doca da Estrela. O fato de aquelas construções terem desaparecido, sendo substituídas por árvores com ar antigo... era, como havia dito, mais um dos mistérios que envolviam Macros, o Negro. Seguiram a trilha em direção ao castelo.

O castelo ficava sobre um pequeno planalto, separado do resto da ilha por uma profunda ravina que descia para o mar. A arrebentação das ondas ao longo do estreito ecoava abaixo enquanto atravessavam lentamente a ponte levadiça abaixada. O castelo fora trabalhado em uma pedra escura desconhecida e, ao redor do grande arco sobre a ponte, acocoravam-se criaturas de pedra com um ar estranho, que pareciam observar Pug e Tomas com um olhar glacial enquanto os dois passavam por baixo. O exterior do castelo era muito parecido com o aspecto que tinha da última vez que Pug lá estivera, mas, assim que entraram, tornou-se evidente que todo o resto mudara.

Na visita anterior, o piso e o castelo tinham um ar bem cuidado, mas agora as pedras na base da construção tinham ervas daninhas crescendo em fendas e o chão estava cheio de excrementos de pássaros. Apressaram-se em direção às grandes portas de acesso à torre principal, que estavam destrancadas. Quando as

escancararam, o rangido das dobradiças testemunhou o quanto estavam enferrujadas. Pug conduziu o amigo ao longo do extenso corredor e pelas escadas da torre acima, até chegar à porta da sala de estudos de Macros. Da última vez que estivera naquele aposento, tivera de lançar um feitiço e responder a uma questão em tsurani para a porta se abrir, mas desta vez um pequeno empurrão bastou. O cômodo estava vazio.

Pug se virou e os dois desceram apressadamente as escadas até chegarem ao grande átrio do castelo.

— Há alguém no castelo? — gritou Pug, frustrado. Sua voz ecoou surdamente nas pedras.

— Parece que todos se foram — comentou Tomas.

— Não entendo. Quando nos falamos da última vez, Gathis disse que aguardaria aqui, à espera de Macros, enquanto mantinha a casa em ordem. Só o vi brevemente, mas posso garantir que seria capaz de manter o castelo do mesmo jeito que estava da última vez...

— Até não ser capaz de aguentar mais — disse Tomas. — Talvez alguém tenha achado interessante visitar a ilha. Piratas ou salteadores de Queg?

— Ou agentes de Murmandamus? — Pug inclinou-se para a frente. — Tive a esperança de que encontraríamos alguma pista de Gathis para começarmos nossa busca por Macros. — Pug olhou ao redor, avistou um banco de pedra em frente à parede e sentou-se lá. — Se nem sabemos se Macros ainda está vivo, como vamos conseguir encontrá-lo? — perguntou.

Tomas ficou em pé diante do amigo. Colocou uma bota no banco e inclinou-se para a frente, com os braços cruzados apoiados no joelho.

— Caso Macros tenha voltado e partido de novo, é possível que também o castelo esteja deserto.

Pug olhou para cima.

— Talvez... Há um feitiço... um feitiço do Caminho Inferior.

— Se entendo algo dessas coisas... — disse Tomas.

Pug o interrompeu:

— Aprendi muita coisa em Elvardein. Deixe eu tentar este. — Cerrou os olhos e lançou o encantamento, falando suavemente e em tom baixo enquanto dirigia a mente para um caminho que lhe era ao mesmo tempo estranho e conhecido. De repente, abriu os olhos. — Há uma espécie de feitiço sobre este castelo. As pedras... têm algo de errado.

Tomas fitou Pug com um olhar inquiridor. O mago se levantou e tocou nas pedras.

— Recorri a um feitiço que deveria ter colhido informações a partir das próprias paredes. O que quer que aconteça com um objeto deixa um leve vestígio, energias ficam marcadas nele. Podem ser lidas por quem sabe fazê-lo, como se estivéssemos lendo a escrita de um escriba. É difícil, mas possível. Estas pedras, no entanto, não revelam nada. É como se nenhum ser humano tivesse passado por este átrio. — De repente, Pug virou-se para as portas. — Vamos! — ordenou.

Tomas seguiu o amigo quando Pug saiu para o centro do pátio. Ele se deteve quando chegou lá, erguendo as mãos por cima da cabeça. Tomas sentiu energias poderosas se formando sobre eles enquanto Pug reunia poderes. Então Pug fechou os olhos e falou, rapidamente e em uma língua que, para Tomas, parecia ao mesmo tempo estranha e familiar. Os olhos de Pug se abriram e ele disse:

— Que a verdade seja revelada!

Como se uma ondulação desenhasse um movimento para o exterior, com Pug no centro, Tomas percebeu sua visão saindo de foco. O próprio ar tremeluziu e, de um lado, estava o castelo abandonado; contudo, quando a ondulação desapareceu, uma corte escondida foi revelada. O círculo se alargou rapidamente enquanto a ilusão se dissipava e de repente Tomas descobriu que estavam em um local bem preparado. Ali perto, uma estranha criatura transportava uma pilha de lenha. Ela se deteve, com a surpresa bem estampada em seu rosto inumano, e deixou cair a lenha.

Tomas começou a desembainhar a espada.

— Não — disse Pug, tocando em seu braço para detê-lo.

— Mas é um troll das montanhas.

— Gathis nos disse que Macros deu trabalho a muitos servos, julgando cada um pelos seus próprios méritos.

A criatura sobressaltada, de ombros largos, presas longas e aparência assustadora, virou-se de costas e fugiu curvada para a frente, como um macaco, em direção a uma porta no muro exterior. Outra criatura, algo nunca visto pelo homem naquele mundo, saiu do estábulo e parou. Tinha apenas noventa centímetros de altura e um focinho semelhante ao dos ursos, mas seu pelo era vermelho-dourado. Ao ver os dois humanos que a observavam, colocou a vassoura de lado e recuou lentamente pela porta do estábulo. Pug ficou olhando até ela desaparecer de vista. Colocando as mãos nos cantos da boca, gritou:

— Gathis.

Quase instantaneamente, abriram-se as portas de acesso ao grande átrio e apareceu uma criatura, muito bem-vestida, que lembrava um goblin, ainda que

fosse mais alta. Tinha grossas sobrancelhas unidas sobre os olhos e o nariz enorme da tribo dos goblins, mas suas feições, de certo modo, eram mais nobres, os movimentos mais graciosos. Vestido com uma camiseta azul sem mangas e calças de malha, com um gibão amarelo e botas pretas, desceu apressadamente as escadas e fez uma mesura aos dois homens.

— Bem-vindo, Mestre Pug — disse com uma fala sibilante e observou atentamente Tomas. — E este só pode ser Mestre Tomas, não?

Tomas e Pug se entreolharam.

— Procuramos seu amo — disse Pug em seguida.

Gathis pareceu agitado.

— Isso pode ser um problema, Mestre Pug. Pelo que sei, Macros já não existe mais.

Pug sorveu seu vinho. Gathis os conduzira até uma sala onde comida e bebidas foram servidas. O mordomo do castelo se recusou a sentar, ficando de pé em frente dos homens enquanto eles o escutavam.

— Portanto, Mestre Pug, como disse da última vez em que nos falamos, eu e o Negro chegamos a um entendimento. Eu conseguia sentir sua... natureza? De certa forma, sabia que ele está sempre lá fora, em algum lugar. Cerca de um mês após sua partida, acordei subitamente durante uma noite, sentindo a ausência desse... contato. Foi extremamente perturbador.

— Então, Macros morreu — disse Tomas.

Gathis suspirou de uma forma muito humana.

— Receio que sim. Se não foi isso, está tão perdido e distante que pouca diferença faz.

Pug refletiu em silêncio enquanto Tomas perguntava:

— Então, quem criou essa ilusão?

— Meu amo. Eu a ativei assim que você e seu companheiro saíram do castelo após a última visita. Sem a presença de Macros, o Negro, para garantir nossa segurança, Macros sentiu a necessidade de nos fornecer uma “cor protetora”, por assim dizer. Ainda hoje, por duas vezes, piratas ousados vasculharam a ilha para fazer pilhagens. Não encontraram nada.

Pug levantou de repente a cabeça.

— Então, a Villa ainda existe?

— Sim, Mestre Pug. Também foi ocultada pela ilusão. — Gathis pareceu perturbado. — Devo confessar que, como não sou especialista nesses assuntos,

achava que desfazer o encantamento da ilusão estava fora do alcance de seus poderes. — Suspirou de novo. — Agora estou preocupado que o feitiço suma assim que partirem.

Pug fez um sinal com a mão para que não se preocupasse.

— Eu o refaço antes de partirmos. — A mente de Pug remoeu algo, uma estranha imagem de si mesmo conversando com Macros na Villa. — Quando perguntei a Macros se vivia na Villa, ele disse: "Não, embora em outros tempos tenha vivido." — Fitou Gathis. — Ele tinha uma sala de estudos na Villa, como a que havia na torre?

— Sim, há décadas, antes de eu chegar a este local — respondeu Gathis.

Pug ficou de pé.

— Temos de ir até ela imediatamente.

Gathis conduziu-os pelo caminho abaixo, em direção ao vale. Os telhados de telhas vermelhas eram como Pug recordava.

— Esse é um lugar estranho, embora pareça bastante agradável. Com tempo bom, seria um lar confortável — afirmou Tomas.

— Meu mestre também pensou assim, antigamente — informou Gathis. — Mas esteve muito tempo fora, como me contou. E, quando regressou, a Villa estava deserta. Aqueles que viviam com ele tinham desaparecido inexplicavelmente. A princípio, ele procurou seus companheiros, mas rapidamente perdeu as esperanças de alguma vez saber qual fora seu destino. Depois disso, receou pela segurança de seus livros e trabalhos, assim como pelas vidas dos servos que planejara trazer para cá; assim, decidiu construir o castelo e tomar outras medidas... — acrescentou com um riso abafado.

— Criou a lenda de Macros, o Negro.

— O medo da magia diabólica funciona frequentemente melhor do que as robustas paredes de um castelo, Mestre Pug. E não era nada fácil: envolver esta ilha ensolarada em nuvens carregadas e manter aquela infernal luz azul brilhando no alto da torre a cada vez que um barco se aproximava. Um verdadeiro transtorno.

Entraram no pátio da Villa, que era cercado unicamente por um muro baixo. Pug se deteve para observar a fonte, onde três golfinhos se elevavam de um pedestal, e disse:

— Eu me inspirei nesta fonte ao decorar o padrão de minha sala de teletransporte.

Gathis levou-os até a edifício central e de repente Pug compreendeu. Não havia passagens de ligação nem telhados, mas a Villa combinava com sua casa em Kelewan, tanto em dimensão como em disposição. O estilo era idêntico. Pug parou, parecendo assustado.

— O que foi? — perguntou Tomas.

— Aparentemente, Macros influenciou sutilmente mais coisas do que imaginávamos. Construí minha casa em Kelewan à imagem desta, sem perceber. Não encontro nenhuma razão para ter escolhido esse modelo, a não ser que me pareceu a melhor forma de erguê-la. Tenho a impressão de que não tive alternativa. Venham, vou mostrar onde fica a sala de estudos. — Guiou-os com precisão até o cômodo que tinha uma localização idêntica à de sua própria sala de estudos. Em vez das portas deslizantes cobertas por tecido de Kelewan, deram com uma única porta de madeira, mas Gathis fez um aceno com a cabeça.

Pug abriu a porta e entrou. A sala era igual em tamanho e forma. Uma escrivaninha coberta de pó e uma cadeira estavam no local onde Pug colocara sua baixa mesa de escrita e as almofadas na sala correspondente. Pug riu, abanando a cabeça, feliz e maravilhado.

— O feiticeiro tinha muitos truques na manga. — Aproximou-se de uma pequena lareira. Levantando uma pedra, revelou a localização de um esconderijo. — Tenho um lugar igual construído na minha lareira, embora nunca tenha percebido para que servia. Não tinha motivos para usá-lo. — No esconderijo, jazia um pergaminho enrolado. Pug o pegou e observou atentamente. Uma única fita, sem selo, amarrava o rolo.

Ele o desenrolou, leu e seu rosto começou a revelar animação.

— Oh, muito esperto! — disse e, virando-se para Tomas e Gathis, explicou o que havia descoberto: — Está escrito em tsurani. Mesmo que o feitiço da ilusão fosse quebrado, alguém descobrisse este cômodo por acaso e encontrasse o esconderijo e o pergaminho, é quase certo que não seria capaz de ler isto. — Olhou de novo para o pergaminho e começou a ler em voz alta: — “Pug, quando ler esta mensagem, saiba que certamente estarei morto. Ou então estarei em algum lugar para além das fronteiras regulares do espaço e do tempo. Em qualquer uma das opções, serei incapaz de prestar a ajuda de que você precisa. Você descobriu algo da natureza do Inimigo e sabe que isso coloca em perigo tanto Kelewan como Midkemia. Procure por mim primeiro nos Salões dos Mortos. Se eu não estiver lá, então saberá que estou vivo. Caso isso aconteça, saberá que estou preso em um local difícil de encontrar. Terá, então, de escolher entre procurar saber mais sobre o Inimigo por conta própria, uma tarefa

extremamente perigosa, mas que pode ser bem-sucedida, ou procurar por mim. O que quer que faça, saiba que lhe desejo a bênção dos deuses. Macros."

Pug colocou o pergaminho de lado.

— Esperava mais.

— Meu mestre era um homem de poder, mas até ele tinha suas limitações — disse Gathis. — Como declarou na última carta dirigida a você, ele não conseguiu atravessar o véu do tempo depois de ter entrado ao seu lado no portal. Dali em diante, o tempo tornou-se opaco para ele, como para os outros homens. Ele só pôde especular.

— Então só nos resta seguir o caminho até os Salões dos Mortos — comentou Tomas.

— Mas onde podemos encontrá-los? — perguntou Pug.

— Escutem — disse Gathis. — Depois do Mar Interminável fica o continente meridional, conhecido por Novindus. Há uma cordilheira que corre de norte para sul, chamada *Ratn'gari* na língua do povo que a habita, o que significa *Pavilhão dos Deuses*. No alto dos dois picos mais elevados, os Pilares do Céu, fica a Cidade Celestial, ou, como dizem os homens, o lar dos deuses. Por baixo desses picos, no sopé, fica Necrópolis, a Cidade dos Deuses Mortos. O templo situado no local mais elevado na base das montanhas foi erguido em honra dos quatros deuses perdidos. Lá, vocês encontrarão um túnel para o coração das Montanhas Celestiais. Trata-se da entrada para os Salões dos Mortos.

Pug refletiu.

— Devemos dormir esta noite e depois chamamos Ryath para atravessarmos o Mar Interminável.

Tomas se virou sem fazer comentários, já voltando ao caminho para o castelo de Macros. Não houve discussão. Não havia alternativa. O feiticeiro fora extremamente preciso.

Ryath inclinou suas asas. Fazia horas que voavam mais rápido do que Pug alguma vez imaginou ser possível. O Mar Interminável deslizou abaixo, um vasto oceano aparentemente intransponível. O dragão, no entanto, não hesitou quando lhe foi indicado o destino pretendido. Depois de quatro horas, voavam sobre um continente no outro lado do mundo. Moveram-se do oriente para o ocidente e, ao mesmo tempo, cruzaram o hemisfério, conquistando a luz diurna. Já no fim da tarde, avistaram o continente meridional, Novindus. Primeiro, atravessaram uma grande porção de areia deserta, delimitada por elevados

penhascos que se estendiam por centenas de quilômetros ao longo da costa. Alguém que aportasse de barco naquela costa ao norte iria se deparar com uma viagem de dias e uma perigosa escalada antes de encontrar água potável. Em seguida, o dragão cruzou vastas pradarias. Muito abaixo, centenas de estranhas carroças cercadas por rebanhos de gado, ovelhas e cavalos seguiam do norte para o sul. Um grupo de pastores de algum povo nômade seguia o rumo de seus antepassados, alheios ao dragão no alto.

Avistaram, então, a primeira cidade. Um rio enorme, que fazia recordar a Pug o Gagajin de Kelewan, atravessava a pradaria. Na margem sul, surgiu uma cidade, e ao longe avistavam-se terras cultivadas. Bem mais ao longe, a sudoeste, por entre a névoa do entardecer, erguia-se uma cordilheira: o Pavilhão dos Deuses.

Ryath iniciou a descida e rapidamente se aproximaram do centro da cordilheira, dois cumes que se elevavam bem acima dos outros ao lado, desaparecendo nas nuvens. Os Pilares do Céu. No sopé das montanhas, florestas densas ocultavam o que quer que ali pudesse existir. O dragão passou os últimos minutos de voo procurando uma clareira onde pudesse aterrissar. Afinal pousou e disse:

— Vou caçar. Quando terminar, devo dormir. Vou descansar um pouco.

Tomas sorriu.

— Você não será necessária para concluirmos esta jornada. Poderemos não regressar do local onde vamos nos aventurar, e haveria dificuldade para você nos encontrar.

O dragão pareceu querer rir da última ideia.

— Perdeu a noção das coisas, valheru? De outro modo, recordaria que não há lugar nos limites do espaço que eu não consiga alcançar, desde que tenha um motivo.

— Esse lugar fica além de seu alcance, Ryath. Vamos entrar nos Salões dos Mortos.

— Então, de fato, estarão fora de meu alcance, Tomas. Todavia, se o senhor e seu amigo sobreviverem à missão e regressarem ao reino dos vivos, basta me chamar e responderei. Boa caçada, valheru. É o que eu própria pretendo fazer. — O dragão subiu, abrindo as asas. Depois, com uma batida e um salto, lançou-se ao céu cada vez mais escuro.

— Ela está cansada — Tomas comentou. — Dragões normalmente caçam animais selvagens, mas não me espantaria se amanhã algum lavrador desse pela falta de duas ovelhas ou vacas. Ryath vai descansar durante dias com a barriga

cheia.

Pug olhou ao redor, para as trevas cada vez mais densas.

— Com nossa pressa, negligenciamos esse tipo de provisão para nós mesmos.

Tomas sentou-se em um tronco caído e disse:

— Essas coisas nunca ocorreram naquelas sagas da nossa juventude. — Pug olhou interrogativamente para o amigo e Tomas prosseguiu: — Você se lembra do bosque ao lado de Crydee que frequentávamos quando éramos mais novos? — Sua expressão ganhou vida. — Em todas as nossas fantasias juvenis, derrubamos sempre nossos inimigos a tempo de irmos para casa jantar.

Pug sentou-se ao lado do amigo, com um pequeno riso contido.

— Eu me lembro. Você sempre interpretou o herói caído de uma grande e trágica batalha, que tinha de se despedir de seus leais seguidores.

A voz de Tomas demonstrava o quanto estava pensativo:

— Só que, desta vez, depois de mortos, não podemos pura e simplesmente nos levantar e regressar à cozinha de minha mãe para uma refeição quente.

Passou algum tempo antes de Pug voltar a falar.

— Seja como for, podemos tentar permanecer o mais confortáveis possível. Este local é tão bom quanto qualquer outro para aguardar o amanhecer. Suspeito que Necrópolis esteja oculta pela vegetação, caso contrário já a teríamos localizado do ar. Amanhã teremos melhores condições para descobri-la. — E acrescentou, com um fraco sorriso: — Além disso, não é só Ryath que está exausta.

— Durma, se sentir necessidade. — Tomas parou para ouvir alguma coisa se movendo entre os arbustos. — Aprendi a ignorar essa necessidade. — Sua expressão fez com que Pug virasse a cabeça, seguindo o olhar de Tomas. Algo se moveu na escuridão.

Ouviu-se, então, um rugido ecoando na floresta atrás deles. Em um momento, a clareira estava em profundo silêncio, mas logo algo, ou alguém, andava aos saltos na mata atrás de Tomas.

O som, uma mistura de grito com rugido, obteve a resposta de mais uma dúzia de gritos. Pug se ergueu de um salto quando Tomas foi projetado para a frente pelo impacto da coisa em suas costas. Mas, se por um lado aquela criatura, ou homem, parecia ser do mesmo tamanho que Tomas, nenhum mortal em Midkemia teria sua força. Tomas limitou-se a se manter ereto, agarrando a coisa em suas costas por um punhado de pelos. Com um puxão, atirou-a por cima da cabeça, como se fosse uma criança, projetando-a contra outra criatura que corria em sua direção.

Pug uniu as mãos por cima da cabeça e, na clareira, soou o estrondo de um trovão acima dele. Era ensurdecedor, e os que estavam por perto vacilaram. Uma luz ofuscante brotou das mãos erguidas de Pug, paralisando todos ao redor dele e de Tomas.

Eram parecidos com tigres, mas os corpos tinham sido alterados para formas humanas. Tinham as cabeças cor de laranja com listras pretas, assim como os braços e as pernas. Usavam uma couraça de metal azul e calças de montar até o meio das coxas, feitas de um material qualquer azul e preto. Cada um transportava uma espada pequena e uma faca de bolso.

O brilho ofuscante os obrigou a se agachar, cegos pela luz da magia de Pug. Ele rapidamente proferiu outro encantamento e os homens-tigre caíram. Pug cambaleou, inspirando profundamente ao sentar-se de novo no tronco.

— Foi por pouco. Um feitiço do sono dirigido a tantos...

Tomas pareceu não estar totalmente concentrado ao ouvi-lo. Tinha a espada desembainhada e o escudo a postos.

— Há mais deles na floresta.

Pug afastou a névoa que os cercava e se levantou. Na floresta que os rodeava, o som de movimentos suaves murmurava como a agitação leve de galhos com uma ligeira brisa, mas era uma noite sem vento. Então, de repente, mais uma dúzia de vultos, idênticos aos que haviam sido derrubados, se materializou vindos das trevas. Um deles falou em um discurso rude e pouco claro:

— Larguem suas armas, homens. Estão cercados.

Os outros pareciam estar agachados, prontos a saltar como os felinos gigantes que pareciam ser.

Tomas olhou para Pug, que assentiu com a cabeça. Tomas deixou que um dos homens-tigre o desarmasse. O líder acenou para os outros e disse:

— Prendam-nos!

Tomas permitiu que lhe atassem as mãos, assim como Pug.

— Abateram muitos de meus guerreiros — acusou o chefe.

— Estão apenas dormindo — esclareceu Pug.

Um dos tigres guerreiros ajoelhou-se e examinou um dos companheiros adormecidos.

— Tuan, é verdade!

Aquele a quem chamavam Tuan examinou de perto o rosto de Pug.

— Você é um lançador de feitiços, aparentemente. Por que se deixou capturar tão facilmente?

— Por curiosidade e porque não queremos, de forma nenhuma, machucá-los

— explicou Pug.

Os homens-tigre começaram a rir, ou a fazer algo parecido com isso. Então Tomas se limitou a afastar os pulsos. As cordas que o amarravam cederam no mesmo instante. Esticou a mão para o guerreiro que segurava sua espada dourada e a arma voou da mão da criatura espantada para a sua. As gargalhadas desapareceram.

Assustado e enfurecido, aquele a quem chamavam Tuan rosnou e lançou uma mão com garras ao rosto de Pug, com os dedos em gancho com longas unhas saindo deles. Pug ergueu imediatamente a mão e uma pequena luz dourada brotou de sua palma. As garras da criatura refletiram a luz como se fossem de aço.

As criaturas ao redor começaram de novo a apertar o cerco e duas agarraram Tomas pelas costas. Ele se limitou a afastá-las e a agarrar aquela a quem chamavam Tuan pela nuca. Tuan media mais de um metro e oitenta, mas Tomas não teve dificuldade em erguê-lo no ar. Como qualquer gato pego pelo cangote, ele ficou suspenso e inerte.

— Parem ou ele morre! — ordenou Tomas.

As criaturas hesitaram. E então um dos homens-tigre se ajoelhou apoiado em apenas um joelho. Os outros o imitaram. Tomas largou Tuan e deixou-o cair. O chefe dos homens-tigre pousou com leveza e rodopiou.

— Que espécie de criatura são vocês?

— Eu me chamo Tomas, antes conhecido como Ashen-Shugar, Soberano do Horizonte das Águias. Sou um dos valheru.

Ao ouvir isso, o tigre começou a emitir suaves miados, entre rosnados e lamentos.

— É um dos Antigos! — repetiram um de cada vez, amontoando-se atrapalhadamente, aterrorizados.

— O que é isso e quem são essas criaturas? — perguntou Pug.

— Eles me temem porque sou uma lenda que se materializou. Estas são as criaturas de Draken-Korin — explicou Tomas. Ao perceber o olhar confuso de Pug, acrescentou: — Um dos valheru. Era o Senhor dos Tigres e criou estes seres para serem guardas de seu palácio. — Olhou em volta. — Calculo que tenha sido em uma das cavernas existentes nesta floresta. — Virou-se e perguntou a Tuan: — Estão em guerra com os homens?

— Nós combatemos todos aqueles que invadem nossa floresta, Antigo — rosnou Tuan, ainda agachado. — É nossa terra, como deveria saber. Foi você quem nos tornou um povo livre.

Tomas estreitou os olhos e depois os arregalou.

— Eu... eu me lembro. — Ficou ligeiramente pálido e depois se dirigiu a Pug: — E eu achava que já tinha me lembrado de tudo o que aconteceu naqueles tempos.

— Pensávamos que fossem apenas homens — disse Tuan. — Rana de Maharta declarou guerra ao Rei Sacerdote de Lanada. Seus elefantes de guerra dominam as planícies, mas as florestas ainda são nossas. Durante este ano, ele se aliou ao Suserano da Cidade do Rio Serpente, que cede soldados a ele. Rana então os envia para nos combater. Portanto, matamos quem quer que apareça aqui: anões, goblins ou homens-serpente.

— Pantathianos! — exclamou Pug.

— É assim que os homens os chamam — confirmou Tuan. — A terra das serpentes está em algum lugar ao sul, mas por vezes eles vêm do norte para confundir. Somos cruéis com eles. Você veio para nos escravizar novamente, Antigo? — perguntou a Tomas.

Tomas se recuperou de seu devaneio.

— Não, aquela época está perdida no passado. Nós procuramos os Salões dos Mortos, na Cidade dos Deuses Mortos. Leve-nos até lá.

Tuan acenou para seus guerreiros.

— Vou guiá-los. — Dirigiu-se aos outros em uma linguagem gutural e rosnada. De repente, desapareceram nas trevas entre os troncos das árvores. Quando todos partiram, acrescentou: — Venham, temos um longo caminho a percorrer.

Tuan os guiou durante toda a noite e, enquanto viajavam, Pug perguntou diversas coisas. A princípio, o homem-tigre se mostrou relutante em falar com o mago, mas Tomas indicou que ele deveria cooperar e o líder dos homens-tigre assim o fez. A nação tigre vivia em uma pequena cidade a leste do local onde o dragão aterrissara. Os dragões eram odiados pelos tigres havia muito tempo, pois atacavam seus rebanhos. Por isso, foi enviada uma patrulha para o caso de ser necessário afugentar o dragão.

Sua cidade não tinha nome, sendo conhecida apenas por Cidade dos Tigres. Não havia sobrevivido nenhum homem que tivesse visto aquele local, pois os homens-tigre matavam todos os invasores. Tuan revelava uma grande desconfiança em relação aos homens e, quando interrogado, disse apenas:

— Já estávamos aqui antes dos homens. Eles se apoderaram de nossas

florestas orientais. Resistimos. Sempre houve guerra entre nós.

Dos pantathianos, Tuan pouco sabia, exceto que os matavam assim que eram vistos. Quando Pug perguntou como surgiram os homens-tigre ou como Tomas os havia libertado, a única resposta foi o silêncio. Como Tomas também se mostrara reticente, Pug não insistiu no assunto.

Após escalarem as colinas arborizadas abaixo dos Pilares do Céu, deram com uma passagem profunda. Tuan se deteve. A leste, a coloração cinzenta do amanhecer se aproximava.

— Aqui vivem os deuses — informou.

Olharam para cima. Os cumes das montanhas acolhiam os primeiros raios de sol. Nuvens brancas cobriam os picos dos Pilares do Céu, envolvendo-os em uma bruma brilhante que refletia a luz com uma cintilação branca e prateada.

— Que altura têm os picos? — perguntou Pug.

— Ninguém sabe. Nenhum mortal os escalou. Permitimos aos peregrinos que passem sem problemas se eles se mantiverem ao sul de nossos territórios. Aqueles que escalam não regressam. Os deuses prezam muito a privacidade. Venham.

Ele os guiou até a passagem, que descia para uma ravina.

— Depois desta passagem, a ravina se abre para um vasto planalto na base das montanhas. Ali se estende a Cidade dos Deuses Mortos. Encontra-se atualmente coberta por árvores e trepadeiras. Dentro da cidade, fica o grande templo dedicado aos deuses perdidos. Do outro lado, fica o domicílio dos que partiram. Não vou além, Antigo. Você e seu companheiro lançador de feitiços podem sobreviver, mas, para mortais, é uma viagem sem volta. Entrar nos Salões dos Mortos é deixar a terra dos vivos.

— Já não precisamos de você. Parta em paz.

— Boa caçada, Antigo — disse Tuan. Depois partiu correndo sobre as quatro patas.

Sem trocarem mais palavras, Tomas e Pug entraram na ravina.

Pug e Tomas atravessaram lentamente a praça. Pug anotou mentalmente cada uma das maravilhas que avistou. Edifícios com formas estranhas — hexagonais, pentagonais, romboidais, piramidais — surgiam dispostos de um modo aparentemente aleatório, mas de uma forma que parecia fazer sentido, como se o observador não fosse suficientemente sofisticado para entender o padrão. Obeliscos com um formato improvável, grandes colunas apontadas para o céu

em azeviche e marfim com estranhas inscrições rúnicas gravadas, desconhecidas de Pug, estavam colocados nos quatros cantos da praça. Era, sem dúvida, uma cidade, mas uma cidade diferente de todas as outras, pois não tinha mercados ou estrebarias. Era uma cidade sem tabernas ou sequer a mais tosca das cabanas para um homem viver. Para onde quer que se virassem, só se viam túmulos. E sobre cada um deles havia um único nome inscrito à entrada.

— Quem construiu este lugar? — pensou Pug em voz alta.

— Os deuses — respondeu Tomas. Pug observou atentamente seu companheiro e notou que não havia humor em suas palavras.

— Isto pode mesmo ser verdade?

Tomas encolheu os ombros.

— Até para pessoas como nós, algumas coisas permanecem em mistério. Alguma entidade construiu estes túmulos. — Apontou para um dos maiores edifícios ao lado da praça. — Aquele ostenta o nome Isanda. — Tomas pareceu perdido em suas memórias. — Quando minha linhagem se levantou contra os deuses, eu me mantive à parte. — Pug não deixou escapar a referência de Tomas à *sua* linhagem; no passado, se referia a Ashen-Shugar como um ser independente. Tomas prosseguiu: — Na época, os deuses eram novos e ganhavam poder, enquanto os valheru eram antigos. Foi o fim de uma velha ordem e o nascimento de uma nova. Mas os deuses eram poderosos, pelo menos aqueles que sobreviveram. Da centena formada por Ishap, apenas dezesseis sobreviveram, doze deuses menores e quatro maiores. Os outros jazem aqui. — Apontou de novo para o edifício. — Isanda era a Deusa da Dança. — Olhou vagarosamente ao redor. — Foi a época das Guerras do Caos.

Tomas nitidamente relutava em continuar a falar quando passou por Pug. Em outro edifício estava inscrito o nome Tith-Onanka.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Pug.

Tomas falou calmamente enquanto caminhava:

— O Guerreiro Alegre e o Planejador de Batalhas foram mortalmente feridos, mas, combinando a essência que lhes restava, conseguiram sobreviver em conjunto como um novo ser, Tith-Onanka, o Deus da Guerra com Duas Faces. Aqui jazem as partes de cada um que não conseguiram sobreviver.

— Sempre que penso que testemunhei a coisa mais maravilhosa... eu me sinto muito humilde — Pug observou, tranquilamente. Após uma longa pausa, durante a qual passaram por dezenas de edifícios nos quais estavam inscritos nomes desconhecidos para Pug, o mago voltou a falar: — Como os imortais morrem, Tomas?

Tomas não olhou para o amigo enquanto respondia:

— Nada é eterno, Pug. — A seguir, olhou para o amigo, que percebeu um estranho brilho em seus olhos, como se Tomas estivesse preparado para o combate. — Nada. Imortalidade, poder, domínio, tudo isso não passa de uma ilusão. Não entende? Não passamos de peões em um jogo que fica além de nossa compreensão.

Pug deixou os olhos se fixarem sobre a velha cidade, sua estranha disposição de edifícios já encoberta por cipós.

— Isso faz com que eu me sinta ainda mais insignificante.

— Agora, devemos procurar alguém que consiga interpretar esse jogo: Macros. — Apontou para um edifício gigantesco, uma construção que fazia com que as outras nas imediações parecessem minúsculas. Em seu topo estavam inscritos quatro nomes: Sarig, Drusala, Eortis e Wodar-Hospur.

— O monumento aos deuses perdidos — disse Tomas, apontando para cada um dos nomes. — Sarig, o Deus perdido da Magia, que, acredita-se, ocultou seus segredos quando desapareceu. E pode ter sido por isso que apenas o Caminho Inferior se impôs neste mundo entre os homens. Drusala, a Deusa da Cura, cujo bastão tombado foi recolhido por Sung, disposta a guardá-lo até o regresso da irmã. Eortis, o velho com cauda de golfinho, o verdadeiro Deus do Mar. Kilian domina agora seus territórios. É agora a mãe de toda a natureza. E Wodar-Hospur, o Guardião do Saber, que, entre todos os seres abaixo de Ishap, conheceu a Verdade.

— Tomas, como você sabe tanto?

Olhando para o amigo, Tomas respondeu:

— Eu me lembro. Não fui criado para desafiar os deuses, Pug, mas estava lá. E vi. E me lembro.

Notava-se um resquício de uma terrível dor amarga em sua voz, que não conseguiu disfarçar diante de seu velho amigo.

Começaram a andar e Pug percebeu que Tomas não iria abordar mais aquele assunto, pelo menos não naquele momento. Tomas conduziu Pug até o vasto átrio dos quatro deuses perdidos. Uma luz sobrenatural iluminava o templo, enchendo a gigantesca sala de um brilho cor de âmbar. Mesmo no elevado teto abobadado, não se viam sombras. De cada um dos lados do átrio, um par de gigantescos tronos de pedra permanecia vazio e à espera. Do lado oposto à entrada, uma vasta caverna abria caminho para a escuridão. Apontando para aquela garganta negra, Tomas disse:

— Os Salões dos Mortos.

Sem comentários, Pug começou a andar e rapidamente foram envolvidos pelas trevas.

Em um momento pertenciam a um mundo real, apesar de ser um mundo estranho, mas logo já tinham adentrado um reino de espíritos. Era como se uma frieza além do imaginável os tivesse perpassado; ambos sentiram um supremo instante de desconforto e outro instante de quase êxtase. Então deram por si verdadeiramente no interior dos Salões dos Mortos.

As formas e as distâncias pareciam significar pouco, pois, se em um momento pareciam estar num túnel estreito, em seguida sentiam-se em um infindável campo relvado iluminado pelo sol. Então passaram por um jardim com regatos murmurantes e árvores carregadas de frutos. E depois disso caminharam sob uma grande massa de gelo, uma catarata congelada de um azul esbranquiçado que fluía de um penhasco, envolta por um salão gigantesco de onde jorrava música alegre. Então pareceu-lhes que caminhavam sobre as nuvens. Mas, por fim, perceberam estar em uma caverna escura e enorme, com rochas antigas e sem vida formando um acesso abobadado para uma escuridão impenetrável. Pug passou a mão pela rocha e descobriu que a superfície parecia se esfarelar como se fosse de pedra-sabão. Contudo, quando esfregou o polegar nos outros dedos, não havia resíduos. Pug afastou sua curiosidade. Um rio largo atravessava vagarosamente seu caminho e, ao longe, conseguiram discernir a outra margem por entre o denso nevoeiro. Então, do meio da névoa surgiu um pequeno bote, com um único vulto, escondido por pesados mantos, na popa, impelindo a embarcação com uma vara. Quando o barco atracou suavemente na margem, o vulto ergueu o enorme remo da água e gesticulou a Tomas e Pug para que subissem a bordo.

— O barqueiro? — questionou Pug.

— É uma lenda muito conhecida. Aqui, pelo menos, é verdadeira. Venha.

Embarcaram e o vulto estendeu uma mão enrugada. Pug retirou duas moedas de cobre de sua bolsa e as depositou na mão estendida. Em seguida, sentou-se e ficou espantado ao descobrir que a barcaça invertera o rumo e atravessava de novo o rio. Não sentiu movimento. Um som vindo de trás o obrigou a se virar. Sobre o ombro, viu formas indistintas na margem de onde tinha partido, rapidamente ocultadas pelo nevoeiro.

— Aqui estão aqueles que temem atravessar ou que não podem pagar ao barqueiro — explicou Tomas. — Aguardam eternamente na margem mais

longínqua, ou pelo menos é isso que devem fazer. — Pug apenas assentiu. Olhou para baixo, em direção ao rio, e ficou ainda mais espantado ao verificar que a água tinha um ligeiro brilho, projetado de baixo por uma luz amarelo-esverdeada. Em suas profundezas havia vultos, cada um deles fitando o barco que passava por cima. Acenaram debilmente para o barco ou esticaram os braços, como se tentassem agarrá-lo, mas a embarcação passou depressa demais. — Esses são os que tentaram passar sem a permissão do barqueiro. Encurralados por toda a eternidade — esclareceu Tomas.

— Em qual sentido tentavam atravessar? — perguntou Pug em um tom baixo.

— Só eles sabem — respondeu Tomas.

O barco bateu na margem mais distante e o barqueiro apontou em silêncio. Desembarcaram e Pug olhou para trás para se certificar de que o bote desaparecera.

— É uma jornada de um único sentido — disse Tomas. — Venha.

Pug vacilou, mas então percebeu que acabara de cruzar o ponto de não retorno e que não valia a pena hesitar. Olhou para o rio pela última vez, demoradamente, e seguiu Tomas.

Fizeram uma pausa na caminhada. Em um instante, Pug e Tomas caminhavam ao longo de uma planície vazia, acinzentada e negra; no instante seguinte, um enorme edifício erguia-se à frente deles, isso se realmente fosse um edifício. Estendia-se nas duas direções até desaparecer no horizonte, mais parecendo uma parede de dimensões gigantescas. Erguia-se acima até não ser mais possível distinguir seus traços, rumo ao bizarro cinza que servia de céu para aquele local perdido. Era de fato uma parede e tinha uma porta.

Pug olhou por cima do ombro e não viu nada além da planície. Ele e Tomas tinham falado poucas vezes desde que deixaram o rio, já havia algum tempo imensurável. Não havia nada para comentar, e quebrar o silêncio parecia-lhes, de algum modo, inapropriado. Pug voltou a olhar para a frente e descobriu que Tomas o fitava.

Tomas apontou e Pug assentiu com a cabeça, e ambos subiram os degraus simples de pedra que davam acesso ao enorme portão que se abria adiante. Cruzando a soleira, detiveram-se, pois foram brindados com uma vista que lhes confundiu todos os sentidos. Em todas as direções, mesmo atrás deles, se estendia um vasto chão de mármore, sobre o qual estavam dispostas em fileiras

uma série de camas mortuárias. Sobre cada uma delas jazia um corpo. Pug aproximou-se do mais próximo e examinou suas feições. O vulto parecia dormir, pois não tinha marcas, mas o peito não se movia. Era uma menina com não mais de sete anos.

Atrás, jaziam homens e mulheres de todos os gêneros, desde mendigos esfarrapados até pessoas com vestes da realeza. Corpos velhos e apodrecidos, outros despedaçados ou queimados, o que tornava impossível o reconhecimento, também estavam estendidos ao lado dos corpos conservados. Bebês natimortos jaziam ao lado de velhos mirrados de pele enrugada. Estavam, sem dúvida, no interior dos Salões dos Mortos.

— Parece que cada direção é igual à outra — disse Tomas em voz baixa.

Pug balançou a cabeça.

— Estamos dentro dos limites da eternidade. Acho que devemos descobrir um caminho, ou vagaremos sem rumo durante décadas. Não sei se o tempo tem algum significado por aqui, mas se tem, não podemos nos permitir desperdiçá-lo. — Pug cerrou os olhos e se concentrou. Juntaram-se névoas brilhantes sobre sua cabeça, formando um globo pulsante que começou a girar com velocidade. Era possível ver em seu interior uma fraca luz branca; depois, o encantamento dissipou-se. Os olhos de Pug permaneceram fechados. Tomas observou tranquilamente. Sabia que Pug estava recorrendo a alguma visão mágica para vasculhar em minutos o que levaria anos para se fazer a pé. Então, Pug abriu os olhos e apontou. — Por ali.

Vários vultos esperavam tranquilamente fora do portão de acesso ao salão seguinte. Era uma estranheza própria daquele lugar que, de um determinado ângulo, pudessem ser vistos mais corpos se estendendo em todas as direções, formando um tabuleiro de xadrez de figuras deitadas, e que, de outro, um novo salão, com um portão em arco, fosse visível. À frente, mais de mil homens, mulheres, rapazes e moças aguardavam de pé em silêncio. Quando Pug e Tomas se aproximaram, um dos vultos deitados sentou-se e saiu da cama mortuária para passar por eles e juntar-se àqueles que esperavam ao lado da porta. Pug olhou para trás e viu outra pessoa se aproximando, vinda de uma direção distinta. Olhou de relance para a cama vaga e viu que outro corpo tomara o lugar do anterior. Pug e Tomas passaram pelos que rondavam a porta, descobrindo que não percebiam a presença dos visitantes. Pug estendeu a mão e tocou no ombro de uma criança. O garoto, ausente, sacudiu a mão de Pug, como se ele fosse um

inseto que pousara sobre si momentaneamente. Mas o garoto não deu mais sinais de perceber a presença do mago. Tomas, com um movimento brusco de cabeça, indicou que deveriam prosseguir. Do outro lado da porta, depararam-se com mais pessoas à espera, em fileiras que desapareciam no horizonte, para além do que conseguiam ver. Mais uma vez, não houve reações quando passaram. Rapidamente, os dois homens se dirigiram para o começo da fila.

Durante o que pareceram horas, uma luz brilhou à frente. Milhares de vultos formavam filas silenciosas que enfrentavam aquele brilho, todos eles sem demonstrar qualquer sinal de impaciência. Passaram pelos que permaneciam voltados para a luz, com expressões indecifráveis estampadas nos rostos. De vez em quando, Pug reparava naqueles que, em uma das filas, davam um passo à frente, mas as filas avançavam ao ritmo de um caracol. Quando se aproximaram da luz brilhante, Pug olhou para trás e viu que não havia projeção de sombras. Mais uma peculiaridade daquele reino, percebeu. Até que, por fim, chegaram às escadas.

No alto de uma dúzia de degraus estava um trono, envolto em um brilho dourado. Algo parecido com música tilintava nos limites da audição de Pug, mas não tinha substância suficiente para ser compreendido. Ergueu os olhos até contemplar a figura que estava no trono. Ela era deslumbrante em sua beleza, ainda que assustadora. Suas feições eram inacreditavelmente perfeitas, mas, de alguma forma, intimidadoras. Ela contemplava as linhas convergentes da humanidade à sua frente e observava cada uma das pessoas que em algum momento ficavam à frente da fila. Então apontava para uma das figuras e se movia. Na maior parte das vezes, as figuras simplesmente desapareciam, para qualquer que fosse o destino eleito pela deusa, mas, ocasionalmente, uma voltava e iniciava a longa jornada de regresso à planície das camas mortuárias. Após algum tempo, ela se virou para observar os dois homens. Pug sentiu o olhar preso por olhos que pareciam carvão cheio de fuligem, azeviche puro sem qualquer ponta de calor ou luz interior. Os olhos da morte. Ainda assim, apesar de todo o seu comportamento assustador e do rosto pálido como cal, era uma figura extremamente sedutora, cuja forma sensual pedia a plenos pulmões que a abraçassem. Pug sentiu-se arder por dentro, com a necessidade de ser abraçado por aqueles braços alvos, de ser puxado para aquele peito. O mago recorreu a seus poderes para repelir aqueles desejos e manter os pés firmes no chão. Então a mulher no trono riu, e foi o som mais gélido e mortífero que Pug alguma vez

escutou.

— Bem-vindos ao meu domínio, Pug e Tomas. O modo como chegaram aqui é muito pouco usual. — Pug sentiu sua mente hesitar e acelerar. Cada palavra da mulher era como uma punhalada gelada que atravessava seu cérebro. Uma dor fria, como se compreender a existência da deusa fosse algo um pouco além de suas capacidades. Não teve dúvidas de que, sem seu treino e a herança de Tomas, teriam sido subjugados, afastados e certamente mortos pela força de sua primeira ordem. Contudo, manteve o equilíbrio e não perdeu a firmeza.

— Minha senhora — Tomas falou —, você sabe do que precisamos.

A figura assentiu.

— Na verdade, talvez melhor do que vocês mesmos.

— Então pode nos dizer o que precisamos saber? Não gostamos de estar aqui, tanto quanto nossa presença a desagrada.

E, de novo, soou a gargalhada capaz de gelar ossos.

— Você não me desagrada de forma alguma, valheru. Há muito tempo desejo ter um de sua raça a meu serviço. Mas o tempo e as circunstâncias nunca permitiram que isso acontecesse. E Pug, com o tempo, acabará por vir até aqui. Contudo, quando isso acontecer, ele estará como estes à minha frente, pacientemente na fila à espera de sua vez para ser julgado. Para meu deleite, todos aguardam; alguns regressarão para mais uma volta na Roda; a outros será concedido o último castigo, o esquecimento; poucos são aqueles que conquistarão o êxtase final, a unicidade com o Supremo. De qualquer modo — ela acrescentou, como se ponderasse o assunto —, ainda não é a hora dele. Não, todos devemos agir como está predestinado. Aquele que estão procurando ainda não mora comigo. De todos aqueles que vivem nos reinos mortais, ele foi o mais astuto em recusar minha hospitalidade. Não, para que encontrem Macros, o Negro, precisam procurar do outro lado.

Tomas refletiu sobre aquilo.

— E podemos saber onde ele está?

A mulher no trono inclinou-se para a frente.

— Há limites, valheru, até para aquilo que posso fazer. Ponha sua mente para trabalhar e descobrirá onde aguarda o feiticeiro negro. Só há uma resposta. — Voltou o olhar de novo para Pug. — Continua em silêncio, mago? Você não disse nada.

— Estou pensando, minha senhora — respondeu Pug tranquilamente. —Mas, se me permite perguntar — e acenou com a mão para os que estavam à volta —, não há alegria neste reino?

A mulher no trono observou momentaneamente as fileiras silenciosas de pessoas dispostas à sua frente. Era como se nunca tivessem feito aquela pergunta para ela. Até que respondeu:

— Não, não há alegria no reino dos mortos. — Voltou a fitar o mago. — Mas pense nisto: também não há dor. Agora devem partir, pois em pouco tempo os mais rápidos estarão aqui. E há aqueles em meu reino que causariam dor em vocês caso os vissem. Vocês devem partir.

Tomas assentiu e, com uma mesura rígida, guiou Pug para longe. Passaram apressadamente pelas extensas fileiras, enquanto, para trás, se extinguia o brilho da deusa. Pareceu que haviam caminhado durante horas. De repente, Pug se deteve, trespassado pela dor ao reconhecer alguém. Um jovem de cabelo castanho ondulado estava muito quieto na fila, olhando fixamente para a frente.

— Roland — chamou Pug com uma voz quase inaudível.

Tomas parou, observando a expressão de seu companheiro de Crydee, morto havia quase três anos. Ele não percebeu a presença de seus antigos amigos.

— Roland, sou eu, Pug — disse mais uma vez, sem obter reação. Pug gritou o nome do escudeiro de Tulan e notou um estremecimento quase imperceptível em seus olhos, como se Roland tivesse ouvido uma voz ao longe chamando-o. Pug pareceu ter ficado magoado quando seu rival de infância na luta pelo afeto de Carline avançou um passo na comprida fila daqueles que aguardavam o julgamento. Pug esforçou-se para encontrar algo para lhe dizer, até que, por fim, gritou:

— Carline está bem, Roland. Está feliz.

Por um instante, não houve reação, mas depois, debilmente, os cantos da boca de Roland se levantaram por um breve momento. Pug teve a impressão de que ele parecia mais em paz quando olhava absortamente para a frente. Então, de repente, percebeu a mão de Tomas em seu braço e o poderoso guerreiro o afastou de Roland. Pug debateu-se por uns instantes, em vão, e acabou por acompanhar Tomas. Um pouco mais tarde, Tomas largou seu braço.

— Estão aqui todos, Pug. Roland. Lorde Borric e sua senhora, Catherine — disse brandamente. — Os homens que pereceram no Coração Verde e os que foram levados pelo espectro em Mac Mordain Cadal. O Rei Rodric. Todos os que morreram na Guerra do Portal. Estão todos aqui. Era a isso que Lims-Kragma se referia quando disse que estavam aqui aqueles cujo encontro nos perturbaria.

Pug limitou-se a assentir. Mais uma vez, experimentou um profundo sentimento de perda em relação àqueles cujo destino afastou de si. Fazendo

voltar o pensamento ao motivo daquela estranha viagem, perguntou:

— Para onde vamos agora?

— Ao não responder, a Senhora da Morte nos deu a resposta. Só há um lugar que não está ao alcance dela. É uma raridade no exterior do universo conhecido. Temos de descobrir a Cidade da Eternidade, esse local que fica além dos limites do tempo.

Pug parou. Olhando ao redor, reparou que tinham passado de novo pela grande planície de corpos, todos alinhados em filas ordenadas.

— Então a questão reside em saber como a encontraremos?

Tomas esticou o braço e pousou a mão no rosto de Pug, fechando-lhe os olhos. O mago foi percorrido por um frio de fazer torcer os ossos e, de repente, sentiu o peito explodindo de calor quando inspirou profundamente. Seus dentes trepidaram e estremeceu violenta e descontroladamente enquanto seu corpo era assolado por uma espiral de dor. Mexeu-se e percebeu que estava deitado em um frio chão de mármore. A mão de Tomas já não lhe tapava a vista e ele abriu os olhos. Jazia no chão do Templo dos Quatro Deuses Perdidos, logo à entrada da escura caverna. Tomas ergueu-se, sobre pernas vacilantes, ao seu lado; ele também respirava com dificuldade. Pug verificou que o rosto do amigo estava pálido e que seus lábios tinham um aspecto róseo. O mago observou suas próprias mãos e viu que as unhas estavam azuis da ponta até a carne. Levantando-se, sentiu o calor subindo lentamente pelos membros, que doíam e tremiam. Falou, e sua voz era um crocitar seco:

— Aquilo foi real?

Tomas olhou ao redor, e suas estranhas feições pouco revelaram.

— De todos os mortais no mundo, você deve ser quem melhor sabe quão fútil é essa pergunta. Vimos o que vimos. Quer fosse um lugar ou uma visão, isso não interessa. Devemos agir segundo nossa experiência. Então, de certa forma, sim, foi tudo real.

— E agora?

— Devo convocar Ryath, se ela não estiver dormindo profundamente — explicou Tomas. — Temos de viajar outra vez por entre as estrelas.

Pug limitou-se a concordar. Tinha a mente entorpecida e pensou vagamente nos eventuais prodígios que poderia encontrar para além daquele que já deixara para trás.

8

Yabon

O silêncio reinava na estalagem.

Faltavam duas horas para o pôr do sol e a agitação da festa noturna ainda não tivera início. Arutha sentia-se agradecido por isso. Sentou-se e se ocultou o máximo que conseguiu na penumbra. Roald, Laurie e os dois escudeiros ocupavam outras cadeiras. Seu cabelo, recentemente cortado mais curto do que já estivera em muitos anos, e sua barba cada vez mais cerrada lhe davam um ar sinistro, dando crédito ao papel que desempenhavam como mercenários. Jimmy e Locklear tinham comprado roupas mais adequadas para a viagem no Mirante de Questor e haviam queimado suas túnicas de escudeiro. De modo geral, os cinco homens pareciam simplesmente um bando de guerreiros desempregados. Até Locklear tinha um ar convincente, pois não era mais novo do que alguns dos que passaram por eles, jovens espadachins ansiosos pela primeira missão.

Fazia três dias que esperavam por Martin, e Arutha se mostrava cada vez mais apreensivo. Levando-se em conta a data em que recebera a mensagem, esperava que Martin fosse o primeiro a chegar a Ylith. Além disso, cada dia passado na cidade aumentava as possibilidades de alguém se lembrar da última vez em que estiveram ali. Uma briga de taverna terminada em morte, embora não fosse algo assim tão incomum, era o suficiente para que alguns se lembrassem de um rosto.

Uma sombra cruzou a mesa e eles olharam para cima. Martin e Baru estavam em frente deles. Arutha se ergueu lentamente e Martin estendeu calmamente a mão. Em silêncio, as apertaram.

— É bom vê-lo saudável — disse Martin.

Arutha sorriu com o canto dos lábios.

— Eu também acho.

O sorriso de resposta de Martin foi idêntico ao do irmão.

— Você parece diferente.

Arutha limitou-se a assentir. Depois, ele e os outros saudaram Baru.

— Como ele chegou aqui? — perguntou Martin, apontando para Jimmy.

— Quem consegue detê-lo? — perguntou Laurie.

Martin olhou para Locklear e ergueu uma sobrancelha.

— Esse aqui também não me é estranho, embora não me lembre de seu nome.

— É o Locky.

— O protegido de Jimmy — acrescentou Roald com um riso abafado.

Martin e Baru trocaram olhares.

— E agora são dois? — perguntou o alto Duque.

— É uma longa história — disse Arutha. — Não devemos demorar muito por aqui.

— Concordo — respondeu Martin —, mas vamos precisar de cavalos novos. Os nossos estão cansados e, ao que me parece, ainda temos uma longa caminhada pela frente.

Arutha estreitou os olhos e confirmou:

— Sim. Muito longa.

A clareira não passava de um alargamento da estrada. Para o grupo de Arutha, a estalagem junto à estrada funcionava como um farol bem-vindo, onde cada uma das janelas de ambos os andares exibia uma agradável luz amarela que cortava a escuridão opressiva da noite. Tinham cavalgado sem problemas desde que deixaram Ylith, tendo passado por Zūn e Yabon, e estavam agora no último posto avançado do Reino, onde a estrada da floresta virava para nordeste, rumo a Tyr-Sog. Para viajar diretamente para o norte, era necessário entrar na província de Hadati, ou seja, nos territórios desconhecidos mais ao norte para além das fronteiras do Reino. Como não tinham surgido problemas, todos estavam aliviados por chegarem à estalagem.

Um moço de estrebaria de ouvido aguçado escutou o trotar dos cavalos e desceu de seu palheiro para abrir o celeiro — eram poucos os que viajavam após o pôr do sol pelas estradas da floresta e ele já estava quase se deitando. Trataram rapidamente dos cavalos. Jimmy e Martin espiavam de vez em quando a floresta em busca de sinais que indicassem problemas.

Quando terminaram, juntaram suas trouxas e se dirigiram à estalagem. Ao

atravessarem o espaço aberto entre o celeiro e o edifício principal, Laurie disse:

— Uma refeição quente cairia bem.

— Talvez seja a última, por algum tempo — comentou Jimmy, dirigindo-se a Locklear.

Quando chegaram à entrada do estabelecimento, viram o letreiro pendurado sobre a porta: um homem dormindo em uma carroça enquanto a mula, já livre dos arreios, fugia.

— Está na hora de uma refeição quente — anunciou Laurie. — O Carroceiro Adormecido é uma das melhores estalagens da província que poderemos encontrar, embora às vezes seja ocupada por clientes meio estranhos.

Empurrando a porta, adentraram um salão iluminado e alegre. Em uma grande lareira havia fogo crepitando e, adiante, estavam dispostas três mesas compridas. Em frente à porta, do outro lado do salão, ficava o comprido balcão do bar, atrás do qual se viam grandes barris de cerveja. E, dirigindo-se aos viajantes, com um sorriso estampado no rosto, vinha o estalajadeiro, um homem corpulento de meia-idade.

— Ah, clientes! Sejam bem-vindos! — Quando se aproximou deles, seu sorriso tornou-se ainda mais largo. — Laurie! Roald! Diabos me levem! Já faz alguns anos! Fico feliz em vê-los.

— Saudações, Geoffrey — disse o menestrel. — Estes são meus companheiros.

Geoffrey pegou Laurie pelo cotovelo e conduziu-o até uma mesa próxima ao bar.

— Seus companheiros são tão bem-vindos quanto você — acrescentou, fazendo com que se sentassem à mesa. — Apesar de estar muito satisfeito por vê-lo, gostaria que tivesse vindo há dois dias. Teria me ajudado a presença de um bom cantor.

Laurie sorriu ao ouvi-lo.

— Problemas?

Um olhar firme de preocupação cruzou o rosto do estalajadeiro.

— Sempre. Tivemos aqui um grupo de anões que não pararam de cantar canções sobre bebidas. Insistiram em acompanhar o ritmo batendo nas mesas com o que tivessem à mão, copos de vinho, canecas, machados, sem prestarem atenção no que estava na mesa. Quebraram um monte de louça e riscaram várias mesas. Só consegui devolver ao salão um pouco de normalidade esta tarde, e tive de consertar metade de uma mesa. — Fitou Roald e Laurie com uma expressão que era um misto de bom humor e preocupação. — Por isso, não arranjem

problemas, como da última vez. Uma confusão já é o bastante por semana. — Seu olhar vagou pelo salão. — Por ora, está tudo tranquilo, mas espero a chegada de uma caravana a qualquer momento. Ambros, o comerciante de prata, costuma passar por aqui nesta época do ano.

— Geoffrey, estamos morrendo de sede — disse Roald.

O homem pediu imediatamente desculpas.

— É verdade, me perdoem. Vocês acabaram de sair da estrada e eu não paro de falar. O que desejam beber?

— Cerveja — respondeu Martin, no que foi acompanhado em coro pelos restantes.

O homem foi prontamente tratar do pedido e regressou pouco depois com uma bandeja de canecas de estanho, todas transbordando de cerveja fresca. Após a primeira golada do líquido cortante, Laurie lançou a pergunta:

— O que trouxe os anões para tão longe de casa?

O estalajadeiro juntou-se a eles na mesa, limpando as mãos no avental.

— Não sabem das novidades?

— Acabamos de chegar do sul. Que novidades? — indagou Laurie.

— Os anões se juntaram na Montanha de Pedra e se reuniram no grande salão do Chefe Harthorn, na aldeia de Delmoria.

— Para quê? — quis saber Arutha.

— Bem, os anões que passaram por aqui vinham de Dorgin e, pela conversa, é a primeira vez em eras que os anões do Oriente se aventuram para visitar seus irmãos no Ocidente. O velho Rei Halfdan, de Dorgin, enviou seu filho Hogne e seus companheiros desordeiros para testemunhar a restauração da linhagem de Tholin no Ocidente. Com o regresso do martelo de Tholin durante a Guerra do Portal, os anões ocidentais andaram enchendo Dolgan de Caldara para se apoderar da coroa perdida com Tholin. Os anões das Torres Cinzentas, da Montanha de Pedra, de Dorgin e de lugares de que nunca ouvi falar estão se reunindo para assistir à coroação de Dolgan como rei dos anões ocidentais. Como Dolgan aceitou reuni-los, Hogne acha que se pode concluir que Dolgan irá assumir a coroa, mas vocês sabem como os anões são... Em algumas coisas, são rápidos na decisão; em outras, demoram anos para refletir. Acho que é porque vivem muito tempo.

Arutha e Martin trocaram olhares vagos. Ambos se lembravam de Dolgan com afeto. Arutha o conhecera alguns anos antes, quando cavalgava para o Oriente com o pai, levando notícias sobre a iminente invasão tsurani para o Rei Rodric. Dolgan serviu-lhes de guia na antiga mina Mac Mordain Cadal. Martin o

conhecera mais tarde, durante a guerra. O chefe dos anões era alguém de grandes princípios e valentia, com uma perspicácia incrível e uma mente mordaz. Ambos sabiam que daria um excelente rei.

Enquanto bebiam, foram aos poucos se livrando dos equipamentos de viagem, tirando elmos, pondo armas de lado e se deixando descontrair, incitados pelo ambiente tranquilo da estalagem. Geoffrey não deixou que cerveja lhes faltasse e, após algum tempo, providenciou uma ótima refeição composta por carnes, queijos, legumes quentes e pão. A conversa se centrou em temas cotidianos, com Geoffrey contando histórias trazidas por viajantes.

— Geoffrey, esta noite está muito calma — disse Laurie enquanto comiam.

— Sim, além de vocês, só tenho mais um hóspede — respondeu Geoffrey, apontando para um homem no canto mais afastado, e por um momento todos ficaram surpresos.

Arutha fez um sinal aos outros para que continuassem a comer. Todos ponderaram o fato de não terem ainda percebido sua presença. O estranho parecia indiferente aos recém-chegados. Era um sujeito simples, de meia-idade, sem nada que o fizesse ser notado, tanto no que dizia respeito ao comportamento quanto ao vestuário. Usava uma capa marrom que ocultava qualquer armadura de aço ou de couro que pudesse trajar. Havia um escudo encostado à mesa, com o brasão oculto por uma capa de couro lisa. Arutha ficou curioso, pois só um homem deserdado ou alguém em uma jornada sagrada optaria por esconder seu brasão — isso entre os homens honestos, acrescentou Arutha em silêncio.

— Quem é ele? — perguntou a Geoffrey.

— Não sei. Chama-se Crowe. Já está aqui há dois dias; chegou assim que os anões partiram. É um cara sossegado. Muito fechado. Mas paga as contas e não arranja problemas. — Geoffrey começou a limpar a mesa.

Quando o estalajadeiro foi para a cozinha, Jimmy debruçou-se sobre a mesa como se pretendesse alcançar algo em um saco do outro lado e disse calmamente:

— Ele é bom. É discreto, mas faz um grande esforço para ouvir nossas conversas. Cuidado com o que dizem. Eu ficarei de olho no nosso amigo ali.

— Qual seu destino, Laurie? — perguntou Geoffrey quando retornou.

— Tyr-Sog — respondeu Arutha.

Jimmy pareceu notar uma centelha de interesse no ocupante solitário da outra mesa, mas não pôde ter certeza. O homem parecia concentrado em sua refeição.

Geoffrey segurou Laurie pelo ombro.

— Não está voltando para ver sua família, está?

Laurie abanou a cabeça.

— Não, na verdade, não. Já se passou muito tempo. Diferenças demais. — Todos, exceto Baru e Locklear, sabiam que Laurie fora renegado pelo pai. Quando mais novo, Laurie demonstrara pouco interesse pela lavoura, mostrando-se mais interessado em fantasias e em cantar. Com tantas bocas para alimentar, o pai o deixara por sua conta e risco quando tinha apenas treze anos.

— Seu pai passou por aqui há dois... não, há três anos — contou o estalajadeiro. — Pouco antes do fim da guerra. Ele e outros agricultores levavam cereais até LaMut, para o exército. — Parou e observou atentamente o rosto de Laurie. — Falou de você.

Uma expressão estranha passou pela face do antigo menestrel, ilegível por aqueles que estavam à mesa.

— Eu disse a ele que você já não passava por aqui havia alguns anos e ele disse: “Bem, então nós somos felizardos! Aquele vagabundo inútil também não me aborrece há anos.”

Laurie começou a rir e Roald o acompanhou.

— É o meu pai. Espero que o velho chato continue bem.

— Suponho que sim — disse Geoffrey. — Ele e seus irmãos parecem estar se saindo bem. Se puder, direi a ele que você passou por aqui. Da última vez em que ouvimos falar de você, estava em algum lugar com o exército, e isso já foi há cinco ou seis anos. De onde você veio?

Laurie olhou para Arutha, os dois partilhando o mesmo pensamento. Salador era uma distante corte oriental, e a informação de que um filho de Tyr-Sog se tornara Duque e se casara com a irmã do Rei ainda não atravessara a fronteira. Ambos ficaram aliviados.

Arutha tentou soar espontâneo em sua resposta:

— Temos andado por aí. Recentemente, estivemos em Yabon.

Geoffrey sentou-se à mesa, tamborilando os dedos no tampo de madeira.

— Talvez não seja má ideia vocês esperarem que Ambros passe por aqui — disse. — Ele vai a caminho de Tyr-Sog. Tenho certeza de que não recusaria mais uns guardas, e viaja-se melhor por essas estradas com muita companhia.

— Há problemas? — perguntou Laurie.

— Na floresta? — respondeu Geoffrey com uma pergunta. — Sempre. Mas, nos últimos tempos, tem havido mais. Já faz algumas semanas que há relatos de goblins e salteadores dando trabalho para os viajantes. Não é nada de novo, mas aparentemente parece estar acontecendo com mais frequência do que o habitual. E outra coisa estranha é que a maior parte das pessoas diz que os goblins e os

bandidos são quase sempre vistos viajando para o norte. — Manteve-se alguns segundos em silêncio. — Além disso, há ainda algo que os anões mencionaram quando chegaram aqui. Foi muito estranho.

Laurie fingiu um desinteresse divertido.

— Os anões já são estranhos por si sós.

— Mas isso também é pouco comum, Laurie. Os anões alegam que cruzaram com alguns Irmãos das Trevas e, sendo anões, logo os atacaram. Dizem que perseguiam os Irmãos das Trevas e mataram um, ou pelo menos assim pensaram, pois a criatura não teve a decência de morrer. Talvez aqueles jovens desejassem apenas enganar um simples estalajadeiro, mas disseram que atingiram o Irmão com um machado; quase lhe cortaram a cabeça em duas, mas, segundo contaram, a criatura teria juntado os pedaços e corrido atrás de seus companheiros. Os anões ficaram tão espantados que pararam de persegui-los. E há outra coisa: os anões disseram que nunca encontraram um bando de Irmãos das Trevas tão determinado a fugir, como se tivessem de estar em algum lugar e não tivessem tempo para lutar. Normalmente, os Irmãos das Trevas são malvados e não gostam de anões, assim como não gostam de mais ninguém. — Geoffrey sorriu e piscou um olho. — Sei que os anões mais velhos são meio carrancudos e não costumam aumentar a verdade, mas acho que esses jovens estavam brincando comigo.

Arutha e os outros não mostraram grande reação, mas todos sabiam que a história era verdadeira — e isso significava que os Exterminadores Negros andavam de novo pelo Reino.

— Provavelmente seria melhor aguardar a caravana do mercador de prata, mas temos de partir à primeira luz da manhã — disse Arutha.

— Já que você só tem mais um hóspede, acho que não haverá problema com os quartos — disse Laurie.

— Claro que não. — Geoffrey inclinou-se para a frente e sussurrou: — Não pretendo faltar com o respeito a um hóspede bom pagador, mas ele dorme na sala de jantar. Eu lhe ofereci um quarto com desconto, pois não falta espaço, mas ele recusou. O que alguns fazem para poupar uns trocados... — Geoffrey levantou-se. — Quantos quartos?

— Devemos ficar confortáveis com dois — respondeu Arutha.

O estalajadeiro pareceu decepcionado, mas, sabendo que viajantes em geral andavam frequentemente com pouco dinheiro, não se surpreendeu.

— Vou pôr alguns catres extras nos quartos.

Enquanto Arutha e os companheiros pegavam seus pertences, Jimmy olhou

rapidamente para o outro homem. Parecia concentrado no conteúdo de seu copo de vinho e em alguma outra coisa. Geoffrey trouxe algumas velas e acendeu-as com um pedaço de lenha da lareira. Então guiou-os pelas escadas escuras até os quartos.

Algo despertou Jimmy. Os sentidos do antigo ladrão eram mais sensíveis a mudanças noturnas do que os de seus companheiros. Ele e Locklear dormiam com Roald e Laurie. Arutha, Martin e Baru dormiam do outro lado do estreito corredor, em um quarto sobre o salão, e, como o som que o despertou veio de fora, Jimmy teve a certeza de que não acordou o antigo Mestre de Caça de Crydee ou o montanhês. O jovem escudeiro da corte do Príncipe apurou sua audição ao máximo. Surgiu de novo um som vindo da noite, um suave farfalhar. Levantou-se silenciosamente de seu catre no chão, ao lado de Locklear. Passando pelos vultos adormecidos de Roald e Laurie, espiou pela janela por entre suas camas.

Percebeu um rápido movimento na escuridão, como se algo ou alguém tivesse se movido atrás do celeiro. Jimmy pensou se deveria acordar os outros, mas achou que seria uma idiotice alarmá-los por nada. Pegou sua espada e saiu silenciosamente do quarto.

Seus pés descalços não fizeram barulho ao avançar para as escadas. No topo delas havia outra janela que ficava na parte frontal da estalagem. Jimmy espiou por ali e, na escuridão, avistou vultos em movimento ao lado das árvores do outro lado da estrada. Partiu do princípio de que não seria normal que alguém andasse se esgueirando no meio da noite com motivações honestas.

Jimmy desceu apressadamente as escadas e encontrou a porta destrancada. Ficou confuso, pois estava quase certo de que tinha sido trancada quando se retiraram para os quartos. Então Jimmy se lembrou do outro hóspede da estalagem. Olhou em volta e verificou que o homem desaparecera.

Jimmy aproximou-se de uma janela, espiando rapidamente por uma fresta, mas não viu nada. Em silêncio, saiu pela porta e percorreu às escondidas a parte da frente do edifício, confiante de que a escuridão da noite o ocultaria. Dirigiu-se apressado para o local onde avistara o movimento.

A habilidade de Jimmy para caminhar sem fazer barulho foi prejudicada por ter que andar em meio à floresta durante a noite. Apesar de ter se habituado melhor àqueles ambientes desde sua jornada com Arutha até Moraelin, ainda era um rapaz da cidade. Viu-se obrigado a se mover lentamente. Então, ouviu vozes.

Aproximou-se com cautela do ponto de origem da conversa e viu uma luz fraca.

Começou a entender alguns trechos do que estava sendo discutido e então, de repente, viu meia dúzia de vultos em uma pequena clareira. O homem de capa marrom e com o escudo tapado falava com alguém de armadura. Jimmy encheu o peito de ar para se acalmar. Tratava-se de um Exterminador Negro. Quatro outros moredhel estavam tranquilamente parados em um dos lados, três vestindo as capas cinzentas dos clãs das florestas e o outro com calças e colete dos clãs da montanha. O homem de marrom estava falando:

— ...nada, diria. Pelo aspecto, parecem espadachins e um menestrel, mas...

O Exterminador Negro interrompeu o de marrom. A sua voz era profunda e parecia vir de longe, ecoando com um estranho som de respiração. A voz era inquietantemente familiar para Jimmy.

— Você não é pago para pensar, humano. É pago para servir. — Realçou a ideia com uma batida forte do dedo no peito do outro. — Se eu continuar satisfeito com seu trabalho, esta relação se mantém. Se me desagradar, sofrerá as consequências.

O indivíduo de capa marrom parecia ser do tipo que não se assustava facilmente, um homem endurecido em batalha, mas se limitou a assentir. Jimmy compreendeu tal comportamento, pois os Exterminadores Negros eram temíveis. Lacaios de Murmandamus, eles o serviam mesmo quando mortos.

— Você diz que há um cantor e um rapaz?

Jimmy engoliu em seco.

O homem retirou a capa, revelando uma cota de malha marrom, e disse:

— Bem, agora que penso melhor, poderia dizer que há dois rapazes, mas já são quase do tamanho de um homem.

Isso fez com que o Exterminador Negro praticamente despertasse de seus devaneios.

— Dois?

O homem assentiu com a cabeça.

— Pelo que vi, podem até mesmo ser irmãos. São mais ou menos do mesmo tamanho, embora a cor do cabelo seja diferente. Mas são parecidos em muitos aspectos, como se fossem irmãos.

— Em Moraelin, havia um rapaz, mas não dois... Diga, havia um hadati entre eles?

O homem de marrom encolheu os ombros.

— Sim, mas há montanheses por toda parte. Esse é de Yabon.

— Aquele a que me refiro seria do Noroeste, das terras ao lado do Lago do

Céu. — Durante um longo momento, só se escutou o som pesado da respiração proveniente do elmo preto, como se o moredhel tivesse se perdido em pensamentos ou estivesse conversando com outra pessoa. O Exterminador Negro bateu com o punho na palma da mão. — Podem ser eles. Havia um com um ar inteligente, um guerreiro magro com cabelo preto quase até os ombros, rápido de movimentos e bem barbeado?

O homem balançou a cabeça.

— Um deles está bem barbeado, mas é grande. E outro é magro, mas tem cabelo curto e barba. Quem você acha que são?

— Isso não é da sua conta — disse o Exterminador.

Jimmy relaxou as pernas, passando o peso de seu corpo de uma perna para outra. Percebeu que o Exterminador Negro estava tentando ligar seu grupo ao que investira sobre Moraelin à procura do Espinho de Prata no ano anterior. Então o moredhel afirmou:

— Devemos esperar. Há dois dias chegou a notícia de que o Senhor do Ocidente morreu, mas não sou assim tão tolo a ponto de acreditar que um homem está morto até pegar seu coração. Pode não ser nada. Se um elfo estivesse com eles, eu incendiaria aquela estalagem hoje mesmo, mas não tenho certeza. Seja como for, permaneça alerta. Podem ser seus companheiros querendo causar algum estrago ou vingá-lo.

— Sete homens, e dois deles não passam de rapazes. Que mal podem fazer?

O moredhel ignorou a pergunta.

— Volte à estalagem e observe, Morgan Crowe. Está sendo bem pago para obedecer rapidamente, não para fazer perguntas. Se partirem da estalagem, siga-os a uma distância discreta. Se continuarem na estrada para Tyr-Sog até o meio-dia, regresse à estalagem e aguarde. Se virarem para o norte antes disso, eu gostaria de saber. Volte aqui amanhã à noite e me diga qual foi o caminho tomado. Mas não se atrase, pois Segersen traz seu bando para o norte e você deve se reunir a ele. Se não receber o próximo pagamento, ele levará os homens embora. Preciso de seus soldados de engenharia. O ouro está seguro?

— Sempre comigo.

— Ótimo. Agora vá. — Por um momento, o Exterminador Negro pareceu estremecer, e depois cambalear, até que recuperou os movimentos. Por fim, declarou, com uma voz completamente diferente: — Faça como manda nosso senhor, humano. — Depois voltou-se e foi embora. Rapidamente, a clareira ficou vazia.

Jimmy ficou boquiaberto. Agora compreendia. Já tinha ouvido a primeira voz

no palácio onde os mortos-vivos moredhel haviam tentado matar Arutha, e de novo na caverna da Casa dos Salgueiros quando destruíram os Falcões Noturnos em Krondor. O homem de nome Morgan Crowe não estava falando com o Exterminador Negro, mas sim através dele. E Jimmy não tinha dúvidas de quem falava: Murmandamus!

O espanto de Jimmy o levou a hesitar e, de repente, percebeu que não poderia regressar à estalagem antes de Crowe. O homem já deixara a clareira, levando com ele a lanterna. Na escuridão, Jimmy tinha de se mover cautelosamente.

Ao chegar à clareira ao lado da estrada, Jimmy vislumbrou a luz vermelha da lareira do salão quando Crowe fechou a porta da estalagem. Ouviu o ferrolho sendo colocado em seu lugar.

Deslocando-se rapidamente pela borda da clareira, Jimmy aguardou até estar em frente à janela de seu quarto. Atravessou a clareira correndo e rapidamente começou a escalar a parede, cuja superfície irregular oferecia muitos pontos de apoio para mãos e pés. De dentro da túnica, retirou um cordão e um gancho, e logo conseguiu prendê-lo na tranca simples que fechava a janela. Puxou-a para a abrir e entrou.

Duas espadas pontiagudas encostaram-se imediatamente em seu peito e ele parou. Laurie e Roald baixaram as armas quando viram quem era. Locklear também tinha a espada empunhada e fazia guarda à porta.

— O que é isso? Procurando uma nova forma de morrer trespassado por seus amigos? — perguntou Roald.

— O que você tem aí? — Laurie apontou para o gancho e para o cordão. — Pensei que tinha deixado tudo isso para trás.

— Calma — disse o rapaz, colocando de lado suas ferramentas de ladrão. Então disse, em tom sussurrado: — Você não é mais menestrel há quase um ano, e ainda assim leva aquele alaúde para todo lado. Agora, escutem, estamos em apuros. Aquele homem do salão trabalha para Murmandamus.

Laurie e Roald trocaram olhares.

— É melhor você informar Arutha — aconselhou Laurie.

— Bem, sabemos pelo menos que eles ouviram a notícia de minha morte — disse Arutha. — E sabemos que Murmandamus está desconfiado, apesar do espetáculo em Krondor. — Estavam todos reunidos no quarto de Arutha, onde falavam em voz baixa às escuras.

— No entanto — realçou Baru —, ele parece estar agindo a partir do

pressuposto de que você está morto até que se prove o contrário, por mais dúvidas que possa ter.

— Ele não pode confiar na aliança da Irmandade — Laurie notou. — Terá de fazer algo rapidamente ou tudo desmoronará à sua volta.

— Se avançarmos durante mais um dia rumo a Tyr-Sog, eles nos deixarão em paz — Jimmy os lembrou.

— Sim — murmurou Roald —, mas ainda temos de contar com Segersen.

— Quem é ele? — perguntou Martin.

— Um general mercenário — respondeu Roald. — Mas bem estranho. Não tem uma companhia muito grande, nunca passa dos cem homens, muitas vezes abaixo dos cinquenta. Normalmente, emprega especialistas: mineiros, engenheiros, estrategistas. Tem os melhores equipamentos no negócio. Sua especialidade é derrubar paredes ou erguê-las, dependendo de quem paga. Já o vi trabalhar. Ajudou o Barão Croswaith em sua disputa de fronteiras com o Barão Lobromill no tempo em que eu trabalhava para Croswaith.

— Também já ouvi falar dele — disse Arutha. — Trabalha para as Cidades Livres ou para Queg, pois assim, sendo mercenário, não precisa lidar com as leis do Reino.

— O que pretendo saber é para que Murmandamus precisa de um grupo tão caro de engenheiros. Se trabalha aqui tão longe, no Ocidente, ele precisará passar por Tyr-Sog ou Yabon. Mais para o Oriente, para os Baronatos da Fronteira. Mas continua do outro lado das montanhas e não necessitará deles durante meses, se for montar um cerco.

— Talvez queira se assegurar de que mais ninguém contrate esse Segersen? — arriscou Locklear.

— Talvez — concordou Laurie. — Mas o mais provável é que precise de algo que Segersen pode fornecer.

— Então temos de fazer tudo para que ele não o obtenha — disse Arutha.

— Avançamos meio dia em direção a Tyr-Sog e depois fazemos meia-volta? — propôs Roald.

Arutha limitou-se a assentir.

Arutha fez um sinal.

Roald, Laurie e Jimmy avançaram lentamente, enquanto Baru e Martin se afastaram para dar uma volta. Locklear ficou atrás para vigiar os cavalos. Passaram metade do dia percorrendo a estrada em direção a Tyr-Sog. Pouco

depois do meio-dia, Martin saiu da estrada e se deixou ficar para trás. Regressou com a novidade de que o homem chamado Crowe tinha dado meia-volta. De noite, seguiram-no enquanto o renegado se encontrava de novo com seus empregadores moredhel.

Arutha ergueu-se silenciosamente para espiar sobre o ombro de Jimmy. Mais uma vez, o Príncipe observou um dos Exterminadores Negros de Murmandamus. O moredhel vestido de ferro falou:

— Você seguiu o bando?

— Eles subiram a estrada rumo a Tyr-Sog, sem desvios. Maldição! Eu disse que não tinha importância. Desperdicei um dia para persegui-los.

— Faça o que nosso senhor ordena.

— Não é a mesma voz. É a segunda voz — sussurrou Jimmy.

Arutha assentiu. O rapaz explicara que havia duas vozes; já tinham visto Murmandamus se apoderar de seus servos antes.

— Ótimo — murmurou o Príncipe.

— Agora aguarde Segersen. Sabe... — disse o moredhel.

O Exterminador Negro pareceu saltar para a frente, para ser subitamente apanhado por Crowe, que o susteve por momentos antes de deixá-lo cair. O renegado encarou, com espanto e de olhos arregalados, a flecha de quase um metro que sobressaía abaixo do borda do elmo da criatura. A flecha de Martin trespassara a cota de malha do pescoço, matando-o instantaneamente.

Antes que os outros quatro moredhel pudessem sacar suas armas, Martin abateu mais um e Baru saltou de seu posto em meio às árvores com sua longa espada, quase imperceptível ao derrubar mais um moredhel. Roald atravessou a clareira e matou outro. Martin derrubou o último moredhel enquanto investiam sobre Crowe, o renegado. Ele praticamente não tentou se defender, chocado com o ataque súbito e reconhecendo imediatamente que seus inimigos estavam em maior número. Pareceu confuso, especialmente ao ver Martin e Baru começarem a tirar a armadura do Exterminador Negro.

O medo foi substituído pelo espanto quando viu Martin abrindo o peito do Exterminador e retirando-lhe o coração. Seus olhos se arregalaram quando percebeu quem derrotara o bando de moredhel.

— Vocês, então... — Observou cada um dos rostos conforme o rodeavam, depois fitou o rosto de Arutha. — Você! Você deveria estar morto!

Jimmy rapidamente lhe retirou as armas escondidas e procurou por algo em seu pescoço.

— Sem falcão de ébano. Não é um deles.

Uma luz selvagem pareceu se iluminar nos olhos de Crowe.

— Eu, um deles? Não, de modo algum, Vossas Excelências. Só transmito mensagens, meu senhor. Para ganhar algum ouro, nada mais, Vossa Gentileza. Sabe como é.

Arutha acenou para Jimmy.

— Vá buscar Locky. Não quero que ele fique sozinho aqui fora se houver mais Irmãos das Trevas por aí. — Voltou-se para o prisioneiro. — Qual é a ligação entre Segersen e Murmandamus?

— Segersen? Quem é ele?

Roald deu um passo à frente e, empunhando um pesado punhal em sua mão enluvada, golpeou o rosto de Crowe, fazendo seu nariz sangrar e rasgando-lhe a maçã do rosto.

— Pelo amor dos deuses, não quebre o maxilar — pediu Laurie —, ou ele não vai poder contar nada para nós.

Roald chutou o homem enquanto ele se contorcia no chão.

— Escute, amigo, não tenho tempo para gentileza. Então é melhor que me responda, ou voltará para a estalagem em pedacinhos. — Ele alisou a ponta do punhal para dar mais ênfase.

— Qual é a ligação entre Segersen e Murmandamus? — repetiu Arutha.

— Não sei — insistiu o homem por entre os lábios sangrentos, e gritou de novo quando Roald o chutou outra vez. — Eu realmente não sei. Só ordenaram que me encontrasse com ele e que lhe transmitisse a mensagem.

— Qual mensagem? — indagou Laurie.

— A mensagem é simples. Era apenas: “Pela Fenda de Inclindel.”

— A Fenda de Inclindel é uma passagem estreita entre as montanhas, que vai diretamente para o norte a partir daqui — explicou Baru. — Se Murmandamus a cercou, pode mantê-la aberta por tempo suficiente para que a equipe de Segersen a atravesse.

— Mas continuamos sem saber para que Murmandamus precisa de um grupo de engenheiros — observou Laurie.

— Para fazer o que os engenheiros fazem, diria eu — explicou Roald com sarcasmo.

— O que há para cercar lá? Tyr-Sog? — perguntou Arutha. — É muito fácil de reforçar a partir da cidade de Yabon, e ele tem de encontrar uma passagem pelos nômades do Inferno Trovejante no outro lado das montanhas. A Passagem de Ferro e a Sentinela do Norte ficam muito longe a leste e ele não precisaria de engenheiros para derrotar os anões ou os elfos. Só resta o Castelo Alto.

— Talvez, mas é a maior das fortalezas dos Barões Fronteiriços — disse Martin, que já terminara seu trabalho sangrento.

— Eu não me daria ao trabalho de fazer um cerco — destacou Arutha. — As fortalezas foram concebidas para resistir a ataques. Seria mais fácil um ataque direto, e Murmandamus nunca deu indicações que levem a pensar que sinta qualquer relutância em desperdiçar vidas. Além disso, iria colocá-lo no centro do Mundo Elevado, sem ter para onde ir. Não, isso não faz sentido.

— Olhem — disse o homem no chão. — Não passo de um mensageiro pago para fazer um trabalho. Não podem me responsabilizar por aquilo que a Irmandade está preparando, podem, Vossa Gentileza?

Jimmy voltou com Locklear atrás dele.

— Não me parece que ele saiba mais alguma coisa — disse Martin a Arutha.

Uma expressão sombria cruzou o rosto de Arutha.

— Ele sabe quem somos.

Martin assentiu.

— Sim, ele sabe.

De repente, o rosto de Crowe ficou pálido.

— Podem confiar em mim. Mantenho a boca fechada, Vossa Alteza. Não tem de me dar nada. Só me deixe partir e desapareço da região. Juro.

Locklear olhou para seus companheiros com um ar carrancudo, sem compreender o que acontecia.

Arutha reparou e acenou levemente com a cabeça para Jimmy. O jovem agarrou abruptamente Locklear pelo antebraço e o levou embora.

— O que... — disse o escudeiro mais jovem.

A uma curta distância, Jimmy parou.

— Temos de esperar.

— Pelo quê? — perguntou o rapaz, com a confusão estampada no rosto.

— Que eles façam o que precisam fazer.

— Que eles façam o quê?

— Que matem o renegado. — Locklear ficou com um ar enojado. Jimmy optou por ser direto: — Locky, isto é uma guerra e as pessoas morrem. E Crowe está entre os menos importantes daqueles que vão perecer. — Locklear não conseguia acreditar na expressão dura que estava vendo estampada no rosto de Jimmy. Durante mais de um ano vira o trapaceiro, o patife, o sedutor, mas agora via alguém que nunca esperara encontrar, o frio e cruel veterano da vida, um jovem que já havia matado e que mataria de novo. — Aquele homem deve morrer — disse Jimmy com frieza. — Ele sabe quem Arutha é, e você acha, por

um minuto que seja, que a vida do Príncipe tem algum valor para Crowe se ele for libertado?

Locklear parecia trêmulo, o rosto pálido. Fechou lentamente os olhos.

— Não podíamos...

— O quê? — Jimmy perguntou furioso. — Esperar que passe uma patrulha ou uma milícia para que o entreguemos para ser julgado em Tyr-Sog? Para que abra a boca e conte tudo? Que o amarremos por alguns meses? Se isso ajuda, não se esqueça que Crowe é um fora da lei e um traidor, e Arutha está apenas aplicando a Justiça Suprema. De todo modo, não há alternativa.

A mente de Locklear pareceu girar, e, depois, um grito estrangulado pôde ser ouvido vindo da clareira e o rapaz estremeceu. A confusão que assolava sua mente pareceu se dissipar e ele se limitou a assentir. Jimmy pousou a mão no ombro do amigo e apertou-o ligeiramente. De repente, percebeu que Locklear nunca mais pareceria tão jovem.

Voltaram à estalagem e ficaram esperando, para deleite de Geoffrey, que, de alguma forma, não deixou de ficar surpreso. Passados três dias, apareceu um desconhecido que se aproximou de Roald, que passara a ocupar o lugar anteriormente usado por Crowe. O desconhecido trocou breves palavras e depois saiu furioso quando Roald lhe disse que o acordo entre Murmandamus e Segersen fora cancelado. Martin disse a Geoffrey que um famoso e procurado general de mercenários talvez estivesse acampado na região e que tinha certeza de que haveria uma recompensa para quem indicasse à guarda local onde ele poderia ser encontrado. Partiram no dia seguinte, rumo ao norte. Assim que cavalgaram para longe, perdendo a estalagem de vista, Jimmy disse:

— Geoffrey vai ter uma bela surpresa.

— Por quê? — perguntou Arutha.

— Bem, Crowe não chegou a pagar a estadia dos dois últimos dias, então Geoffrey ficou com o escudo dele para compensar a dívida.

Roald riu, acompanhando Jimmy.

— Quer me dizer que um dia desses ele vai ver o que está por baixo da cobertura?

Todos pareceram confusos, a não ser Roald, e Jimmy explicou:

— É de ouro.

— Por isso Crowe se dava ao trabalho de andar sempre com ele e nunca o deixava para trás — acrescentou Roald.

— E por isso que você enterrou tudo o que sobrou, exceto o que Baru está usando, e trouxe aquilo de volta — concluiu Martin.

— Era o pagamento de Segersen. Ninguém quer saber de um combatente deserdado sem um tostão, certo? — disse Jimmy, fazendo todos rirem. — Achei apropriado que Geoffrey fique com ele. Os deuses sabem que, para onde vamos, aquilo de nada serviria.

As gargalhadas esmoreceram.

Arutha fez sinal para pararem.

Tinham saído da estalagem havia uma semana e avançavam rumo ao norte, determinados, tendo parado por duas vezes em povoados hadati onde Baru era conhecido. Fora saudado respeitosamente e louvado, pois de alguma forma souberam pelas Terras Altas que ele havia liquidado Murad. Se os montanheses sentiram curiosidade em saber quem eram os companheiros de Baru, nunca deixaram transparecer. E Arutha e os outros tinham a certeza de que sua passagem por ali nunca seria comentada.

Eles se encontraram ante uma trilha estreita que levava ao topo das montanhas, até a Fenda de Inclindel. Baru, que seguia viagem ao lado de Arutha, disse:

— Mais uma vez entramos em território inimigo. Se Segersen não aparecer, talvez os moredhel deixem de vigiar o local, mas pode ser que cavalguemos direto para seus braços.

Arutha limitou-se a assentir.

Baru prendera o cabelo atrás da cabeça e embrulhara suas espadas tradicionais na faixa que usava ao ombro, escondendo-as em sua esteira. Agora usava a espada de Morgan Crowe à cinta e a cota de malha sobre a túnica. Era como se o hadati tivesse desaparecido para dar lugar a mais um mercenário vulgar. Era esse o disfarce. Seriam simplesmente mais um bando de renegados em viagem para se juntarem à causa de Murmandamus, e tinham esperança de que essa história se sustentasse aos olhos de estranhos. Durante vários dias ao longo da viagem, discutiram o problema que seria chegar a Murmandamus. Todos tinham concordado que, mesmo que ele suspeitasse que Arutha estava vivo, a última coisa que Murmandamus esperaria seria que o Príncipe de Krondor se alistasse em seu exército.

Sem mais conversas, seguiram adiante, com Martin e Baru à frente da comitiva, Arutha e Jimmy atrás, seguidos de Laurie e Locklear, e depois Roald. O experiente mercenário vigiava constantemente a retaguarda enquanto subiam pela Fenda de Inclindel.

Subiram durante dois dias, até que o caminho virou para nordeste. Parecia que, de alguma forma, seguia a ascensão das montanhas, embora ainda percorresse a vertente sul. Estranhamente, tinham de deixar o Reino, pois os cumes que se elevavam sobre eles eram os escolhidos pelos cartógrafos reais para delimitar as fronteiras entre o Reino e as Terras do Norte. Jimmy não tinha ilusões quanto a isso. Estavam em território hostil. Quem quer que encontrassem provavelmente os atacaria assim que os avistasse.

Martin estava à espera em uma curva da estrada. Voltara ao velho hábito da viagem a Moraelin, de ir inspecionar o caminho a pé. O terreno era muito pedregoso para que os cavalos avançassem depressa, então podia facilmente seguir à frente do grupo. Fez sinal e os outros desmontaram. Jimmy e Locklear pegaram os cavalos e recuaram um pouco com eles pela trilha, pondo-os em posição, caso fosse necessário fugir rapidamente. Contudo, pensou Jimmy, isso se revelaria também um problema, pois a trilha era tão estreita que a única passagem que havia era por onde tinham entrado.

Os outros se juntaram ao Duque e ele fez um sinal com a mão para que se mantivessem em silêncio. Ao longe, conseguiram escutar o que o levara a parar o grupo: um rugido profundo, acompanhado por latidos e contraposto por um outro rugido menos familiar.

Empunharam as armas e avançaram cautelosamente. Em um local a menos de dez metros depois da curva, deram com uma encruzilhada: um caminho seguia para nordeste, o outro para o Ocidente. Um homem jazia no chão, mas não conseguiram distinguir se estava morto ou desmaiado. Sobre seu corpo estava um cão gigante, parecido com um mastim, mas com o dobro do tamanho, chegando à cintura dos homens. No pescoço, uma coleira de couro com espetos de ferro fazia com que parecesse ter uma crina de aço. Enquanto mostrava os dentes, rosnava e ladrava. À sua frente, estavam três trolls agachados.

Martin disparou uma de suas flechas longas, atingindo a cabeça do troll mais afastado. A haste perfurou o espesso crânio e a criatura morreu sem sequer entender o que estava acontecendo. Os outros se viraram, o que se revelou fatal para o troll que estava mais próximo do cão, que saltou para cima dele, cravando presas terríveis na garganta da criatura. O terceiro, quando viu a investida dos cinco homens, tentou fugir, mas Baru foi mais rápido, saltando sobre a confusão de corpos para rapidamente liquidar o troll.

Logo o único som que se ouvia era o do cão que atacava o troll morto. Quando os homens se aproximaram, o cão largou o troll e recuou, ficando de pé

outra vez, de guarda sobre o homem deitado de bruços.

Baru olhou para o animal, assobiou baixinho e falou com uma voz sussurrada:

— Não é possível.

— O quê? — perguntou Arutha.

— Esse cão.

— Acreditem ou não, se aquele homem ainda não estiver morto, pode morrer porque esse monstro não deixa que nos aproximemos — disse Martin.

Baru proferiu uma palavra com um som estranho e as orelhas do cão se empinaram. Virou lentamente a cabeça e deixou de rosnar. O cão avançou lentamente e Baru se ajoelhou, afagando o animal atrás das orelhas.

Martin e Arutha foram rapidamente ver como estava o homem, enquanto Roald e Laurie ajudaram os rapazes a buscar os cavalos. Quando todos se reuniram, Martin anunciou:

— Está morto.

O cão olhou para o morto e gemeu ligeiramente, mas deixou que Baru continuasse a lhe fazer carinho.

— O que aconteceu? — perguntou Laurie em voz alta. — O que traz um homem e seu cão para um lugar tão ermo?

— E olhem para estes trolls — acrescentou Roald.

Arutha assentiu com a cabeça.

— Usavam armas e armaduras.

— Trolls da montanha — indicou Baru. — Mais inteligentes, astutos e cruéis do que seus primos das Terras Baixas. São mais do que bestas; são terríveis adversários. Murmandamus recrutou aliados.

— Mas este homem? — perguntou Arutha, apontando para o corpo caído.

Baru encolheu os ombros.

— Não sei dizer quem ele era. Mas posso tentar adivinhar o que é. — Olhou para o cão à sua frente, que sentou-se tranquilamente com os olhos fechados, contente com o carinho de Baru em sua nuca. — Este cão é como os de nossos povoados, mas maior. Nossos cães descendem desta raça, uma raça que já não é vista em Yabon há um século. Este animal é conhecido como Fera Canídea. Em outros tempos, meu povo vivia em aldeias pequenas e dispersas nestas montanhas, e nas colinas mais abaixo. Não tínhamos cidades e nos reuníamos em assembleia duas vezes por ano. Para protegermos nossos rebanhos, criávamos este tipo de cão, a Fera Canídea. O dono deles era chamado Caçador de Feras. Os cães foram criados para atingirem um tamanho que faria até mesmo

um urso das cavernas hesitar. — Apontou para as dobras no pelo ao redor dos olhos. — O cão crava os dentes no pescoço do inimigo e estas dobras afastam o sangue para longe de seus olhos. E não larga até estar morto, ou até seu dono ordenar. Esta coleira com pontas impede que um predador maior o morda no pescoço.

Locklear pareceu assombrado.

— Um predador maior! Esta coisa já tem quase o tamanho de um pônei!

Baru sorriu diante de seu exagero.

— Eram usados para caçar serpes.

— O que é uma serpe? — perguntou Locky.

Jimmy respondeu.

— Um dragão pequeno e estúpido, com cerca de três metros e meio de altura. — Locky olhou para os outros para ver se Jimmy estava brincando. Baru balançou a cabeça, indicando que não estava.

— Aquele homem era o dono dele? — indagou Martin.

— Provavelmente — respondeu Baru. — Olhe para sua armadura de couro preto e seu capuz. Em sua bagagem você provavelmente vai encontrar uma máscara de ferro com tiras de couro para a cabeça, para poder usar sobre o capuz. Meu pai tinha uma idêntica em sua cabana, uma recordação do passado transmitida de geração a geração por seus antepassados.

Olhou ao redor e viu algo nos trolls derrubados.

— Traga aquilo ali.

Locklear apressou-se até o local indicado e voltou com uma besta enorme. Passou-a a Martin, que assobiou alto.

— Que coisa gigantesca.

— É duas vezes maior do que a maior besta que já vi — Roald comentou.

Baru meneou a cabeça em concordância.

— É um Punho de Bessy. Não sei de onde vem o nome Bessy, mas se trata sem dúvida de um punho. Meu povo costumava ter um Caçador de Feras em cada aldeia, para proteger os rebanhos dos leões, dos ursos das cavernas, dos grifos e de outros predadores. Quando o Reino chegou a Yabon e seus nobres erigiram castelos e cidades, e suas patrulhas começaram a circular e a pacificar as terras rurais, ter Caçadores de Feras tornou-se menos necessário, perderam a utilidade. Os Feras Canídeas também se tornaram menores, foram criados como mascotes e se dedicaram à caça de animais menores.

Martin pousou a besta. Examinou um dardo que o homem tinha em uma aljava que trazia à cinta. Tinha a ponta de aço e o dobro do tamanho normal de

uma flecha.

— Isto parece ser capaz de fazer um buraco no muro de um castelo.

Baru sorriu levemente.

— Não é para tanto, mas é o bastante para fazer um buraco do tamanho do seu pulso nas escamas de uma serpe. Pode não matá-las, mas faz com que uma serpe pense duas vezes antes de atacar um rebanho.

— Mas você disse que não havia mais Caçadores de Feras — Arutha notou.

Baru afagou o cão na cabeça e se levantou.

— Era o que se supunha. Contudo, aí está um deles. — Manteve-se calado por alguns instantes. — Quando o Reino veio para Yabon, éramos uma associação indisciplinada de clãs, e estávamos divididos quanto ao modo de tratar nosso povo. Alguns de nós acolheram bem seus ancestrais, outros nem tanto. A maioria de nós, os hadati, continuamos seguindo nossos velhos modos de vida, vivendo nas Terras Altas e criando nossas ovelhas e nosso gado. Mas os clãs das cidades rapidamente foram absorvidos quando seus compatriotas chegaram em grande número, até que se tornou difícil distinguir um homem de uma cidade de Yabon daqueles vindos do Reino. Laurie e Roald já nasceram nessa geração. E, assim, Yabon tornou-se parte do Reino. Mas alguns rejeitaram o Reino e a resistência deu lugar a uma guerra aberta. Seus soldados chegaram em grande número e a rebelião foi rapidamente esmagada. Mas conta-se uma história, na qual nem todos creem, de que alguns optaram por não se curvar perante o Reino nem por combatê-lo. Preferiram fugir, rumando para o norte em direção a novos lugares fora do controle do Rei.

Martin olhou para o cão.

— Então talvez a história seja verdadeira.

— Assim parece — disse Baru. — Acho que temos parentes afastados em algum lugar por aí.

Arutha observou atentamente o cão por algum tempo.

— E encontramos aliados. Estes trolls serviam a Murmandamus, com certeza, e este homem era inimigo deles.

— E o inimigo de nosso inimigo é nosso aliado — declarou Roald.

Baru abanou a cabeça.

— Não se esqueçam que este povo fugiu do Reino. Ainda podem não sentir grande simpatia por você, Príncipe. Você pode estar trocando um problema por outro. — Aquela última frase foi seguida por um sorriso forçado.

— Não temos escolha — disse Arutha. — Até descobrirmos o que há depois destas montanhas, devemos procurar qualquer ajuda que a sorte nos coloque no

caminho.

Arutha autorizou uma breve pausa para que o corpo abatido do Caçador de Feras fosse coberto por pedras, formando um túmulo tosco. O cão aguentou estoicamente enquanto faziam isso. Quando tudo terminou, o cão recusou-se a sair, pousando a cabeça sobre o túmulo do dono.

— Vamos deixá-lo? — questionou Roald.

— Não — respondeu Baru. Mais uma vez falou na língua estranha e o cão, relutantemente, pôs-se a seu lado. — A linguagem usada para dar ordens aos nossos cães ainda deve ser a mesma, já que ele a obedece.

— Então como devemos proceder? — perguntou Arutha.

— Com cautela, mas acho que é melhor deixar que ele nos oriente — respondeu o montanhês, apontando para o cão. Proferiu uma única palavra e o cão levantou as orelhas e começou a percorrer a trilha, esperando no limite do alcance de sua vista para que o seguissem.

Montaram rapidamente os cavalos e Arutha perguntou:

— O que disse para ele?

— Eu disse “casa” — explicou Baru. — Ele vai nos levar até seu povo.

9

Prisioneiros

O vento uivava.

Os cavaleiros vestiram e apertaram firmemente as capas. Já seguiam Fera Canídea havia mais de uma semana. Dois dias depois de terem encontrado o cão, passaram pelo cume da Grande Cordilheira Setentrional. Agora, avançavam por uma trilha estreita abaixo de um pico elevado, dirigindo-se para nordeste.

O cão acabou por aceitar Baru como dono, pois obedecia a todas as ordens dadas pelo hadati, ao mesmo tempo que ignorava tudo o que os outros diziam. Baru o chamou de Blutark, explicando que significava, na antiga língua hadati, um velho amigo redescoberto ou regressado de uma longa viagem. Arutha teve esperanças de que fosse um bom presságio e que aqueles que tinham criado o cão sentissem o mesmo em relação à sua comitiva.

Por duas vezes o cão demonstrara sua utilidade, indicando perigos ao longo do caminho. Conseguia cheirar até o que os olhos de caçador de Baru e Martin deixavam escapar. Em duas ocasiões, surpreenderam goblins acampados ao longo do caminho. Era óbvio que Murmandamus controlava aquela rota para as Terras do Norte. Os dois encontros aconteceram em cruzamentos com trilhas que nitidamente davam acesso para baixo.

A trilha seguia na direção sudeste desde Inclindel e depois virava para leste, abraçando a vertente norte dos cumes das montanhas. Ao longe, puderam ver a vasta extensão das Terras do Norte, que os deixou estupefatos. Para a maior parte dos homens do Reino, *as Terras do Norte* era o título apropriado para aquele lugar desconhecido no outro lado das montanhas, cuja natureza só poderia ser especulada. Mas agora conseguiam vê-las abaixo, e a realidade do lugar reduzia qualquer especulação a nada, pois era uma imensa realidade. A nordeste, estendia-se uma vasta planície até uma névoa longínqua, o Inferno Trovejante. Poucos homens do Reino alguma vez haviam cruzado aquele território coberto de ervas daninhas, e os únicos que o fizeram tiveram o consentimento dos

nômades que consideravam o Inferno Trovejante sua casa. Na ponta oriental erguia-se uma cordilheira e atrás desta ficavam terras nunca vistas por homens do Reino. A cada curva no caminho, a cada avanço na trilha, abria-se uma nova vista ante seus olhos.

O fato de o cão ter se recusado a descer deixou a comitiva preocupada, pois Martin declarou que estariam mais protegidos nas colinas lá embaixo do que em cima, na trilha desprotegida. Serpenteando pelos cumes das montanhas, apenas por acaso desceram abaixo da linha onde começava um bosque. Em três ocasiões, repararam em indícios apontando que aquele caminho não era inteiramente natural; era como se alguém tivesse, havia muito tempo, se encarregado de conectar diversas trilhas.

Não era a primeira vez que Roald reparava nisso.

— Não restam dúvidas de que aquele caçador vagava a uma grande distância de casa. — Já estavam, sem dúvida, mais de cento e cinquenta quilômetros a leste do ponto onde haviam encontrado o corpo.

— Sim, e isso é estranho — disse Baru —, pois a cada Caçador de Feras foi atribuída a defesa de uma área. Talvez tenha sido perseguido durante algum tempo por aqueles trolls. — Mas ele tinha noção, tal como os outros, de que tal perseguição seria uma questão de poucos quilômetros, e não de dezenas. Não, deveria existir outra explicação para o fato de o caçador estar tão longe de casa.

Para passar o tempo, Arutha, Martin e os rapazes decidiram aprender o dialeto hadati de Baru, ansiando pelo dia em que encontrariam o povo do dono de Blutark. Laurie e Roald falavam fluentemente yabonês e também tinham noções do dialeto hadati, e não sentiram dificuldades em dominar a língua. Jimmy foi o que achou mais difícil, mas conseguiu começar a falar frases simples.

De repente, Blutark começou a percorrer a trilha para trás, sacudindo furiosamente a cauda peluda. Demonstrando um comportamento atípico, latiu alto e começou a girar.

— Que estranho! — Baru comentou.

O cão, quando pressentia perigo, normalmente colocava-se em posição de sentido, até ser atacado ou até Baru lhe dar ordens para atacar. Baru e Martin passaram apressados pelos outros, e o hadati ordenou ao cão que avançasse. Blutark avançou impetuoso, transpondo uma curva ladeada por paredes altas, no local em que a trilha voltava a descer.

Passaram a curva e pararam, pois em uma clareira Blutark estava frente a frente com outra Fera Canídea. Os dois cães cheiraram-se mutuamente e

abanaram as caudas. Atrás do outro cão, no entanto, estava um homem com uma armadura de couro preto e uma estranha máscara de ferro no rosto. Apontou-lhes um Punho de Bessy, montado em uma vara de madeira. Falou, mas o vento tornou suas palavras ininteligíveis.

Baru levantou as mãos e gritou algo, e a maior parte das palavras foi imperceptível para os outros, embora tornassem óbvias as suas intenções amistosas. De repente, de cima, redes caíram sobre eles, emboscando os sete cavaleiros. Uma dúzia de soldados vestidos de couro marrom saltou sobre o grupo e logo os derrubou de seus cavalos. Rapidamente, os sete perceberam que estavam presos, como pássaros engaiolados. O homem de armadura preta retirou a vara, dobrando-a, e pendurou-a às costas juntamente com a besta. Aproximou-se e acariciou amigavelmente seu cão e Blutark.

O som de cavalos acompanhou a chegada de mais um destacamento de homens de marrom, desta vez cavaleiros. Um dos homens dirigiu-lhes a palavra no Idioma do Rei, com uma pronúncia carregada:

— Venham conosco — ordenou. — Não falem alto ou teremos de amordaçá-los. Não tentem escapar ou os matamos.

Baru acenou levemente com a cabeça aos companheiros, mas Roald começou a dizer algo. No mesmo instante, várias mãos o cercaram, lhe puseram uma mordaça e cobriram sua cabeça com um capuz para silenciá-lo. Arutha olhou ao redor, mas limitou-se a acenar com a cabeça para os outros. Os prisioneiros foram bruscamente levados de volta para as suas selas, com os pés amarrados aos estribos. Sem mais palavras, os cavaleiros começaram a descer a trilha, levando Arutha e os outros.

Cavalgaram durante um dia e uma noite. Foram feitas breves paradas para os cavalos descansarem. Enquanto tratavam dos animais, os grilhões de Arutha e de seus companheiros eram ligeiramente afrouxados para suavizar as cãibras que os afligiam. Algumas poucas horas após terem sido capturados, removeram a mordaça de Roald, para seu grande alívio, mas era óbvio que seus captores não iriam permitir que falassem.

Depois do amanhecer, perceberam que já haviam percorrido praticamente metade da distância entre a trilha ao longo do cume das montanhas e o sopé lá embaixo. Passaram por uma pequena manada de gado, com três pastores vigilantes e armados, que acenaram, e se aproximaram de uma comunidade fortificada em uma colina.

O muro exterior era robusto, com troncos pesados amarrados uns aos outros e assentados com barro. Os cavaleiros foram obrigados a se aproximar em círculos pelas trincheiras profundas, que subiam a colina por um caminho em zigue-zague ao lado do muro. Dos dois lados do caminho, as trincheiras revelavam estacas de madeira afiadas, endurecidas pelo fogo, prontas a empalar qualquer cavaleiro que tropeçasse. Roald olhou ao redor.

— Devem ter vizinhos muito simpáticos — murmurou.

Um dos guardas aproximou-se imediatamente com a mordaça pronta, mas o líder sinalizou para que se afastasse, enquanto todos se aproximavam do portão, que se abriu. Então, depararam-se com um segundo muro atrás do primeiro. Não havia pontos de defesa, mas toda a área entre os muros era efetivamente um campo de batalha. Ao transporem o segundo muro, Arutha admirou o trabalho bem executado. Um exército moderno não teria dificuldade em invadir rapidamente aquele povoado, mas perderia muitas vidas. Bandidos e trolls seriam facilmente repelidos.

Dentro dos muros, Arutha observou os arredores. Tratava-se de uma aldeia com menos de uma dúzia de cabanas, todas feitas de barro e vime. Havia crianças brincando por ali, mas seus olhos eram sérios. Usavam armaduras que se assemelhavam a uma cota de malha ou, no caso dos mais velhos, a uma malha de couro. Todas tinham punhais. Mesmo os velhos andavam armados, e um passou mancando, usando uma lança como bengala.

— Agora podem falar, pois as regras da trilha não se aplicam aqui — anunciou o chefe da companhia. Falou no Idioma do Rei. Seus homens cortaram os grilhões que prendiam os pés dos prisioneiros aos estribos e os ajudaram a desmontar. Depois, sinalizou para entrarem em uma cabana.

Lá dentro, Arutha e os outros ficaram frente a frente com o comandante da patrulha. Blutark, que não saíra do lado de Baru, deitou-se ofegante aos pés do hadati, com sua comprida língua para fora.

— O cão é de uma raça rara, de extrema importância para nosso povo — disse o líder da patrulha. — Onde o encontraram?

Arutha assentiu com a cabeça na direção de Baru.

— Encontramos o dono dele morto por trolls — explicou o hadati. — Nós matamos os assassinos e o cão decidiu nos seguir.

O homem refletiu.

— Se vocês tivessem matado seu dono, o cão teria matado vocês ou teria morrido tentando. Portanto, devo acreditar em suas palavras. Mas a raça dele é treinada para obedecer apenas a poucos. Como consegue dar ordens a ele?

O montanhês proferiu uma palavra e o cão sentou-se com as orelhas erguidas. Proferiu outra e o cão se deitou em posição de descanso.

— Minha aldeia tinha cães de uma raça parecida, embora não tão grandes quanto este.

O chefe estreitou os olhos.

— Quem é você?

— Sou Baru, conhecido como o Caçador de Serpentes, da família Ordwinson do clã das Montanhas de Ferro. Sou um hadati. — Falou no dialeto hadati, enquanto desenrolava sua comprida esteira e dela retirava um tecido quadriculado e suas espadas.

O comandante assentiu com a cabeça e respondeu em uma língua suficientemente parecida com a de Baru, compreensível aos outros. As diferenças entre as duas línguas pareciam consistir essencialmente na pronúncia, sendo pouco significativas.

— Já passaram muitos anos desde que algum dos nossos, da raça hadati, passou pelas montanhas, Baru, Caçador de Serpentes. Quase uma geração. Isso explica muita coisa. Mas os homens do Reino normalmente são sinônimo de problemas e, nos últimos tempos, já tivemos uma boa dose deles. Acho que não passam de renegados, mas isso é assunto para a sabedoria do Protetor. — Levantou-se. — Descansaremos aqui esta noite e amanhã partiremos. Alguém trará comida para vocês. Há um balde para as necessidades noturnas ali no canto. Não saiam desta cabana. Se tentarem sair, serão detidos; se resistirem, serão mortos.

— Para onde vai nos levar? — perguntou Arutha enquanto o homem se dirigia à porta.

— Armengar — ele respondeu, virando-se para trás.

Partiram a cavalo ao alvorecer, descendo das Terras Altas para uma floresta densa, com Blutark correndo alegremente ao lado do cavalo de Baru. Seus captores haviam ordenado mais uma vez para não abrirem a boca, mas devolveram as armas para eles. Arutha teve a impressão de que seus captores partiram do princípio de que agiriam como companheiros na estrada caso surgissem problemas. Como os únicos encontros prováveis seriam com os servos de Murmandamus, concluiu que era uma decisão sensata. Era visível que, em alguns pontos da floresta, árvores tinham sido derrubadas e o caminho parecia ser usado regularmente. Saindo de um bosque, passaram por um prado onde um

pequeno rebanho pastava, vigiado por três homens. Um deles era o Caçador de Feras que deixara a aldeia na noite anterior. Os outros eram pastores, mas todos estavam armados com lanças, espadas e escudos.

Naquele dia, passaram por mais um rebanho e por uma manada de gado. Ambos eram vigiados por guerreiros, muitos dos quais eram mulheres. Chegaram a outra aldeia ao pôr do sol e lhes deram um lugar para ficar, novamente com ordens para não saírem do abrigo.

Na manhã seguinte, o quarto dia de cativeiro, entraram por um desfiladeiro pouco profundo, seguindo um rio que vinha das montanhas. Acompanharam seu curso até depois do meio-dia e depois se seguiu uma longa subida. A estrada, em vez de seguir o rio, passou a circundar uma enorme colina, abrindo caminho pelas rochas, de modo que, durante quase uma hora, não conseguiram ver o que havia embaixo. Quando transpuseram a colina, Arutha e seus amigos, maravilhados, trocaram olhares em silêncio.

O chefe do grupo, que, descobriram, se chamava Dwyne, voltou-se para trás.

— Armengar — anunciou.

Não conseguiam ver a cidade em detalhes, mas o que observavam era assombroso. A muralha exterior tinha, sem dúvida, uma altura de quinze ou vinte metros. Havia, em cima, torres de defesa instaladas mais ou menos a cada quinze metros, possibilitando a ação de arqueiros ali colocados. Assim que atentaram de novo na muralha, perceberam mais alguns detalhes. Ela era enorme, sem dúvida com mais de trinta metros de um lado a outro. Os portões mais pareciam partes móveis da muralha. O rio saído das montanhas que seguiram transformava-se em um fosso que fluía paralelamente à muralha, com não mais do que trinta centímetros de terreno entre sua margem e a base da parede.

Ao se aproximarem da cidade, os portões se abriram com uma leveza surpreendente para sua aparência imponente e por eles saiu um grupo de cavaleiros. Cavalgaram em ritmo constante na direção dos acompanhantes de Arutha. Quando os dois grupos se cruzaram, os cavaleiros de cada lado ergueram a mão direita em saudação. Arutha reparou que se vestiam da mesma forma. Tanto homens como mulheres usavam proteções de couro sobre as cabeças, armaduras de couro ou cotas de malha, sem metal à vista. Todos usavam uma espada e carregavam um escudo, e as lanças e os arcos também estavam distribuídos igualmente. Não havia tabardos nem nada que tapasse os escudos. O encontro não foi demorado e Arutha voltou sua atenção à cidade. Estavam atravessando, então, uma ponte sobre o fosso que parecia ser permanente.

Ao cruzarem o portão da cidade, Arutha vislumbrou rapidamente um

estandarte esvoaçando em um canto exterior da barbacã. Só conseguiu reparar nas cores, dourado e preto, mas não nas insígnias; algo no estandarte, porém, provocou-lhe uma súbita inquietação. Então começaram a fechar os portões exteriores. Pareciam mover-se por conta própria.

— Deve haver algum mecanismo dentro dos muros para acioná-los — comentou Martin. — Arutha limitou-se a observar em silêncio. — Por ali, podem sair cem ou cento e cinquenta cavaleiros confiantes sem que seja necessário abrir os portões interiores — afirmou Martin, ao ver as dimensões do campo de batalha na barbacã. Arutha assentiu. Era a maior que já vira. As paredes pareciam ter uma inacreditável espessura de dez metros. Então os portões interiores se abriram e eles entraram em Armengar.

A cidade estava separada das muralhas por uma paliçada com cerca de trinta metros de largura. Depois, iniciava-se uma fileira compacta de construções, entrecortada por ruas estreitas. Não se via nada parecido com as largas avenidas de Krondor, nem placas sobre os edifícios revelando para que serviam. Seguiram sua escolta e repararam que algumas pessoas surgiam vagarosamente às portas. Se ali havia negócios, os companheiros de Arutha não conseguiram perceber quais eram. Para onde quer que olhassem, viam pessoas armadas. Só identificaram uma exceção em relação às armaduras: uma mulher nitidamente nos últimos dias de gravidez, embora até ela levasse um punhal preso no cinto. Mesmo as crianças que pareciam ter mais de sete ou oito anos usavam armas.

As ruas davam voltas e mais voltas, interceptando outras a intervalos irregulares.

— Esta cidade parece ter sido erguida sem nenhum planejamento — disse Locklear.

Arutha balançou a cabeça.

— Trata-se de uma cidade muito bem planejada, com nítidas intenções. Ruas retas favorecem os comerciantes e são fáceis de construir se o terreno for plano ou de fácil trato. Só se veem ruas curvas onde é difícil construí-las de maneira reta, assim como em Rillanon, que se localiza sobre colinas rochosas, ou perto do palácio de Krondor. Esta cidade foi construída sobre um planalto, o que significa que as ruas labirínticas foram feitas de propósito. Martin, o que acha?

— Acho que, se as muralhas fossem ultrapassadas, seria possível montar uma emboscada a cada quinze metros, daqui até a outra ponta da cidade. — Apontou para cima. — Repare que todos os edifícios são do mesmo tamanho. Aposto que os telhados são planos e acessíveis pelo interior. Um local perfeito para arqueiros. Olhe para o piso inferior.

Jimmy e Locklear olharam e entenderam o que o Duque de Crydee queria dizer. Cada construção tinha apenas uma porta no andar inferior, de madeira forte e com barras de ferro; não havia janelas.

— É uma cidade concebida para se defender — afirmou Martin.

— Você é perspicaz — disse Dwyne, virando-se para trás. Concentrou-se outra vez na travessia da cidade. Os habitantes observavam momentaneamente a passagem dos desconhecidos e depois voltavam às suas vidas.

Saíram do emaranhado de casas e desembocaram em um mercado. Para onde quer que olhassem, havia barracas e pessoas ao redor, comprando e vendendo.

— Olhem — disse Arutha, apontando para uma cidadela. Parecia nascer de um enorme penhasco, no qual se aninhava. Outra muralha, com dez metros de altura, a cercava, e ao redor da muralha havia mais um fosso.

— Devem estar esperando más companhias — disse Jimmy ao ver aquilo.

— Devem ter vizinhos irritantes — comentou Roald.

Ao ouvir aquilo, alguns dos guardas que entendiam a língua do Reino riram abertamente, assentindo em sinal de concordância.

— Se derrubássemos as barracas, haveria mais uma paliçada, proporcionando aos que estão nas muralhas um campo aberto para atacarem — disse Arutha. — Tomar esta cidade custaria uma série de vidas.

— Essa é a intenção — esclareceu Dwyne.

Entraram na cidadela e ordenaram-lhes que desmontassem. Levaram os cavalos. Então seguiram Dwyne até as masmorras, que pareciam limpas e razoavelmente espaçosas. Lá, mostraram-lhes uma grande cela comum, iluminada por uma lanterna de bronze, e Dwyne fez um gesto para que entrassem.

— Esperem aqui — ordenou. — Se ouvirem um alerta, vão para o pátio lá em cima e alguém vai lhes dizer o que fazer. Do contrário, esperem aqui até que o Protetor os convoque. Mandarei que comida seja servida. — E, com isso, partiu.

— Não vão trancar a porta nem levar nossas armas? — perguntou Jimmy, olhando ao redor.

Baru sentou-se.

— Por que se dariam ao trabalho?

Laurie esticou-se e pegou uma velha manta pousada em cima da palha.

— Certamente não conseguiríamos ir a lugar algum. Não poderíamos fingir ser desta cidade nem poderíamos nos esconder. E não estou disposto a lutar para sair daqui.

Jimmy sentou-se perto de Laurie.

— Tem razão. Então, o que fazemos agora?

Arutha retirou sua espada.

— Esperamos.

Esperaram durante horas. Levaram comida e eles comeram. Quando a refeição terminou, Dwyne regressou.

— O Protetor se aproxima. Ele gostaria de saber seus nomes e objetivos aqui.

Todos os olhares recaíram sobre Arutha.

— Acho que não ganhamos nada em ocultar a verdade e podemos ganhar algo se formos francos. — Voltou-se para Dwyne. — Eu me chamo Arutha, Príncipe de Krondor.

— Isso é um título? — indagou Dwyne.

— Sim — esclareceu Arutha.

— Nós, em Armengar, pouco recordamos do Reino, tampouco usamos tais títulos. Você é alguém importante?

Roald quase explodiu.

— Raios, homem! Ele é irmão do Rei, assim como o Duque Martin aqui. É o segundo senhor mais importante do Reino.

Dwyne não pareceu impressionado. Quis saber o nome dos outros, em seguida perguntou:

— Qual é o objetivo de vocês aqui?

— Acho que devemos esperar para abordarmos esse assunto com seu Protetor — disse Arutha. Dwyne não pareceu se ofender com a resposta e saiu.

Passou mais uma hora até que a porta se abrisse. Dwyne entrou, seguido de perto por um homem louro. Arutha levantou a cabeça em expectativa, pois talvez se tratasse do Protetor. Era o primeiro homem que viam que não usava armadura marrom. Vestia um casaco comprido de malha metálica sobre uma casaca que lhe caía até os joelhos. Uma cota de metal sobre sua cabeça fora puxada para trás, deixando-a descoberta. Tinha o cabelo curto e estava barbeado. Sua expressão poderia ser considerada franca e amistosa pela maioria das pessoas, mas notava-se uma dureza no olhar enquanto observava os prisioneiros. Não abriu a boca, limitando-se a observar, um a um, todos os rostos. Olhou atentamente para Martin, como se tivesse notado algo de familiar nele. Depois olhou para Arutha. Fitou o Príncipe durante um minuto, sem que seus olhos revelassem qualquer reação. Após um simples aceno dirigido a Dwyne, virou-se de costas e saiu.

— Há algo neste homem... — disse Martin.

— O quê? — questionou Arutha.

— Não sei, mas poderia jurar que já o vi antes. Ele usava um brasão sobre o peito, mas não consegui identificá-lo através da malha.

Pouco depois, a porta voltou a se abrir. Quem quer que a tivesse aberto permaneceu do lado de fora; só sua silhueta era visível. Então ouviu-se, de repente, uma gargalhada familiar, que mais parecia um mugido, capaz de arrebentar um tímpano, e um homem deu um passo à frente.

— Que eu seja filho de um santo! É mesmo verdade — disse, com um amplo sorriso rasgando sua barba cinzenta.

Arutha, Martin e Jimmy olharam para cima, não querendo acreditar. Arutha se ergueu lentamente, incapaz de crer no que seus sentidos lhe indicavam. À sua frente estava o último homem que teria esperado encontrar naquela cela. Jimmy levantou-se de um pulo.

— Amos! — exclamou.

Amos Trask, outrora um pirata e companheiro de Arutha e Martin durante a Guerra do Portal, entrou na cela. O robusto capitão do mar envolveu Arutha em um abraço apertado e depois repetiu o gesto com Martin e Jimmy. Foi prontamente apresentado aos outros.

— Como chegou aqui? — perguntou Arutha.

— É uma verdadeira lenda, filho, uma lenda pincelada de sagas, mas fica para outra ocasião. O Protetor aguarda o prazer de sua companhia, e ele não costuma esperar pacientemente. Podemos trocar histórias mais tarde. Você e Martin devem me acompanhar imediatamente. Os outros esperam aqui.

Martin e Arutha seguiram Amos pelo corredor e pelas escadas que subiam até o pátio. Amos se dirigiu rapidamente ao edifício principal da cidadela.

— Não posso revelar muito a vocês, apenas que devemos nos apressar — disse, assim que chegaram a uma estranha plataforma situada em uma espécie de torre. Amos sinalizou para que permanecessem ao seu lado. Puxou uma corda e, de repente, a plataforma começou a subir.

— O que é isto? — indagou Martin.

— Uma plataforma de içar, um elevador. Temos de transportar projéteis pesados até as catapultas que estão no telhado. É impulsionada por alguns cavalos ou por um guindaste lá embaixo. Também evita que um velho e gordo capitão do mar tenha de enfrentar vinte e sete lances de escadas. Já não tenho o fôlego de antigamente, rapazes. — Seu tom de voz tornou-se sério: — Agora, escutem. Sei que vocês devem ter uma centena de perguntas, mas terão de

esperar pelo momento certo. Explicarei tudo depois de falarem com o Ciclope.

— O Protetor? — indagou Arutha.

— Ele mesmo. Bem, não sei como dizer isso, mas estão prestes a sofrer um grande choque. Vocês devem se manter calmos até que possamos nos sentar e conversar. Martin, fique de olho neste rapaz. — Colocou a mão no ombro de Arutha e se aproximou. — Companheiro de bordo, lembre-se, aqui você não é um príncipe. É um desconhecido, e, com esse pessoal, normalmente isso quer dizer que não passa de isca para corvos. Desconhecidos são uma raridade e poucas vezes são bem-vindos em Armengar.

O elevador parou e eles saíram. Amos percorreu apressadamente um corredor comprido. Na parede à esquerda havia uma série de janelas abobadadas, que proporcionavam uma vista clara sobre a cidade e a planície mais atrás. Martin e Arutha só conseguiram dar uma olhada rápida, mas não deixaram de reparar que era impressionante. Apressaram-se quando Amos se virou para trás e sinalizou para que avançassem. O homem louro os aguardava em frente a uma porta.

— Por que não disse nada? — perguntou severamente a Amos com um sussurro.

— Ele quis um relatório completo sobre vocês — explicou Amos, apontando com o polegar para a porta. — Sabem como ele é. Nada pessoal, até que o negócio esteja concluído. Não parece, mas ele leva isso a sério.

O homem louro assentiu, exibindo uma expressão carrancuda.

— É difícil de acreditar. Gwynnath morreu. Foi um grande choque para todos nós. — Tinha retirado a cota de malha. Em sua roupa, sobre o coração, via-se um pequeno brasão vermelho e dourado, mas ele se virou e entrou pela porta antes que Arutha pudesse distinguir os detalhes daquela insígnia.

— A patrulha do Protetor foi vítima de uma emboscada e algumas pessoas morreram — explicou Amos. — Isso é raro, mas ele está revoltado e se culpa, por isso sejam cautelosos. Venham; ele cortará minhas orelhas se demorarmos mais.

Amos escancarou a porta e fez sinal aos irmãos para que entrassem. Estavam em uma espécie de sala de reuniões, onde uma grande mesa redonda se destacava. Aninhada na parede mais distante, uma enorme lareira projetava calor e luz. As paredes estavam cobertas por mapas, com exceção da parede esquerda, onde havia outras janelas grandes. No teto, um castiçal circular fornecia mais luz.

Em frente à lareira, o homem louro falava com outra pessoa, toda vestida de preto, da túnica às calças e à cota de malha que ainda não removera. Tinha as

vestes cobertas de pó e no rosto sobressaía um grande tapa-olho preto, colocado no lado esquerdo. O cabelo era cinzento e preto em proporções iguais, mas, por seu porte, não era possível definir sua idade. Por um momento, pareceu a Arutha que o homem o fazia se lembrar de alguém. Olhou para Martin, que retribuiu o olhar. Ele pensava o mesmo. Mais no comportamento do que pelo físico, aquele homem se assemelhava a seu próprio pai.

Então o homem deu um passo à frente e Arutha conseguiu ver com nitidez o brasão sobre o tabardo. Uma águia dourada estendia as asas sobre um campo de areia. Arutha percebeu, então, o que lhe causara desconforto quando vira a bandeira sobre o portão. Só um homem no mundo usava aquela insígnia. Um homem que outrora fora considerado o melhor general do Reino e depois marcado como traidor pelo Rei por ter sido responsável pela morte do pai de Anita. Ali estava, perante eles, o mais odiado dos inimigos de seu pai.

O homem a quem o povo de Armengar chamava de Protetor indicou com a mão dois lugares para se sentarem. Sua voz era profunda e autoritária, embora falasse suavemente.

— Não querem sentar... primos? — perguntou Guy du Bas-Tyra.

Por um breve momento, a mão de Arutha apertou com força o punho da espada, mas não disse nada enquanto sentava com Martin. Sentiu a mente rodopiar enquanto uma centena de perguntas se debatiam em sua cabeça.

— Como...? — quis perguntar.

Guy o interrompeu enquanto pegava uma cadeira:

— É uma longa história; vou deixar que Amos a conte. Por ora, tenho outras preocupações. — Revelou um estranho e duro olhar por um instante. Em seguida, virou-se rápido para o lado e depois se voltou outra vez para os irmãos. Observou atentamente Martin. — Você é muito parecido com o Borric quando ele era mais novo, sabia?

Martin assentiu.

— Você também se parece com ele de alguma forma — Guy acrescentou, voltando-se para Arutha —, mas também é parecido com... sua mãe. A forma dos olhos... ou a cor. — Falou a última parte suavemente. Depois endureceu o tom, quando um soldado carregado de canecas e cerveja chegou: — Não temos vinho em Armengar. Por aqui, esqueceram a arte de fazê-lo, pois o clima é pouco apropriado para vinhas, mas sabem fazer cerveja preta, e estou morto de sede. Juntem-se a mim, se quiserem. — Encheu uma caneca para si e deixou que

Arutha e Martin se servissem. Guy esvaziou sua caneca e, por alguns momentos, deixou a máscara cair novamente. — Pelos deuses, estou cansado — declarou. Então fitou os irmãos. — Muito bem, quando Armand revelou quem Dwyne havia trazido, mal consegui crer no que ouvia. Agora, meus olhos são testemunhas.

O olhar de Arutha se voltou para o local ao lado da lareira onde o homem louro estava.

— Armand? — Observou o brasão, um escudo curvo com um dragão vermelho aninhado em uma bandeira dourada e um leão de pé com as garras no ar em uma bandeira vermelha.

— Armand de Sevigny! — exclamou Martin. O homem inclinou a cabeça na direção do Duque.

— Barão de Gyldenholt? Marechal dos Cavaleiros de São Gunther? — tentou adivinhar Arutha.

Martin praguejou.

— Sou mesmo um imbecil. Eu sabia que já o tinha visto antes. Estava no palácio de Rillanon dias antes de vocês se juntarem a nós, Arutha. Mas não estava lá no dia da coroação, no dia em que chegaram.

O homem louro sorriu levemente.

— Ao seu serviço, Alteza.

— Pelo que me lembro, não. Você não estava entre aqueles que juraram fidelidade a Lyam.

O homem louro abanou a cabeça.

— É verdade. — Sua expressão parecia quase de arrependimento.

— Mais uma vez, parte integrante da história de como chegamos aqui — disse Guy. — Neste momento, minha preocupação é com o que os trouxe até aqui, e se isso constitui alguma ameaça para esta cidade. Por que vieram para o Norte?

Arutha sentou-se silenciosamente, de braços cruzados, e estreitou os olhos para observar atentamente du Bas-Tyra. Estava surpreso por tê-lo encontrado liderando aquela cidade. Hesitava em responder sua pergunta. A importância de encontrar Murmandamus poderia, de alguma forma, ir contra o que Guy considerava como de seu próprio interesse. Além disso, Arutha suspeitava de que havia algo envolvendo Guy. Seu primo conspirara abertamente para se apoderar do trono, quase provocando uma guerra civil. O pai de Anita morrera por ordem sua. Du Bas-Tyra representava tudo aquilo que o pai de Arutha lhe ensinara a não gostar e a desconfiar. Era um genuíno senhor oriental, astuto,

sagaz e bem treinado nas sutilezas da intriga e da traição. Em relação a Sevigny, Arutha pouco sabia, a não ser que integrava a lista dos governantes mais capazes do Oriente, mas era vassalo de Guy e sempre o fora. E, apesar de o Príncipe gostar de Amos e confiar nele, Trask desde sempre fora um pirata e não passava de um fora da lei. Não, havia inúmeras razões para ser prudente.

Martin observava Arutha, à espera de uma resposta. O comportamento do Príncipe era aparentemente agressivo, mas isso era apenas o que os outros na sala viam. Martin sabia que seu irmão estava lutando contra a surpresa provocada pelo que acontecera ali, com o desejo de que nada interferisse na missão de encontrar e matar Murmandamus. Martin olhou ao redor da sala e percebeu que tanto Amos como Armand pareciam preocupados devido à ausência de uma resposta de Arutha.

Vendo que a resposta não surgia, Guy bateu pesadamente com a mão na mesa.

— Não brinque com minha paciência, Arutha. — Apontou o dedo. — Nesta cidade, você não é um príncipe. Em Armengar, só uma voz comanda, e essa voz é a minha! — Sentou-se com o rosto vermelho atrás do tapa-olho negro. Suavizou a voz: — Eu... não quis ser rude. Tenho a cabeça em outras coisas. — Caiu em um silêncio reflexivo enquanto os observava prolongadamente. — Não faço ideia do que o trouxe até aqui, Arutha — acabou por dizer —, mas ou algo muito estranho está guiando suas escolhas, ou então não aprendeu nada com seu pai. O Príncipe de Krondor e os duques de Salador e Crydee, dois dos mais poderosos nobres do Reino, cavalgando nas Terras do Norte com um mercenário, um montanhês hadati e dois rapazes? Ou você está completamente louco, ou é mais esperto do que eu consigo entender.

Arutha permaneceu em silêncio, e foi Martin quem acabou falando:

— Houve mudanças desde a última vez em que você esteve no Reino, Guy.

Guy voltou a cair em silêncio.

— Acho que algo está acontecendo e preciso saber o quê. Não posso prometer ajuda, mas acho que nossos objetivos podem ser conciliáveis. — Virou-se para Amos. — Arranje os melhores aposentos para eles e lhes dê algo para comer. — Então dirigiu-se a Arutha: — Aguardo até de manhã, mas, quando voltar a falar, não coloque minha paciência à prova. Devo saber o que trouxe vocês aqui. É vital. Pode me procurar antes de amanhã, quando quiser falar. — Sua voz voltou a se tornar pesada devido à emoção: — Devo estar aqui quase toda a noite.

Com um aceno, indicou a Amos que os levasse. Arutha e Martin seguiram o

lobo do mar até o corredor e Amos parou assim que a porta se fechou. Fitou Arutha e Martin demoradamente.

— Para dois rapazes espertos, vocês se mostraram muito estúpidos.

Amos limpou a boca com as costas da mão. Arrotou e depois engoliu mais um pedaço de pão com queijo.

— E então?

— Então... — respondeu Martin —, quando voltamos, Anita obteve a permissão de Arutha em menos de uma hora, e pouco depois Carline e Laurie ficaram noivos.

— Ah! Você se lembra daquela primeira noite fora de Krondor, a bordo do *Corredor Marinho?* Você me disse que seu irmão era isca para peixe... nunca teria chance.

Arutha sorriu ao ouvir aquilo. Estavam todos sentados ao redor de um grande cesto de comida e de um barril de cerveja, em uma sala espaçosa que lhes fora arranjada. Não havia criados — a comida tinha sido levada por soldados — e eles mesmos se serviram. Baru afagava distraidamente a orelha de Blutark enquanto o cão mastigava um pedaço de carne. Ninguém pareceu se importar com a presença da Fera Canídea ao lado do hadati.

— Amos, estamos tagarelando há meia hora — Arutha acabou por falar. — Você pode nos dizer o que está acontecendo? Raios! Como você chegou aqui?

Amos olhou em volta.

— O que está acontecendo é que vocês são prisioneiros, ou algo parecido, e assim permanecerão até que o Ciclope mude as coisas. Já vi uma boa dose de celas, mas esta é a melhor em que já estive. — Com um aceno com a mão, indicou o grande e espaçoso cômodo. — Falando sério, para quem quer ficar preso, aqui é um bom lugar. — Estreitou os olhos. — Mas não se esqueçam de que isto é uma prisão, rapazes. Arutha, passei anos suficientes ao seu lado e ao de Martin para conhecê-los um pouco. Não me recordo de serem tão desconfiados, mas me parece que muita coisa aconteceu nos últimos dois anos e isso os deixou inflexíveis demais. Porém aqui vocês têm de viver, respirar e comer confiança, ou morrerão. Compreendem?

— Não — o Príncipe limitou-se a responder. — O que você quer dizer concretamente?

Amos ponderou por uns momentos antes de voltar a falar.

— Esta é uma cidade de pessoas cercadas por nada mais do que inimigos.

Confiar no vizinho é uma boa forma de vida para quem pretende continuar a respirar. — Fez uma pausa e reconsiderou. — Muito bem, eu conto a vocês como chegamos aqui e talvez, então, vocês compreendam. — Amos relaxou, serviu-se de mais uma caneca de cerveja e começou a contar a sua história: — Bem, a última vez em que vi vocês dois foi quando zarpei do porto a bordo do barco de seu irmão. — Martin e Arutha sorriram ao recordarem o momento. — Agora, se vocês estão lembrados, todo o povo da cidade andava procurando Guy. Não o encontraram, pois ele tinha se escondido em um lugar onde ninguém se lembrara de procurá-lo.

Martin abriu os olhos de espanto, uma das poucas expressões de surpresa que qualquer um dos presentes na sala já vira nele.

— No barco do Rei!

— Quando soubemos que o Rei Rodric nomeara Lyam como herdeiro, Guy cortou os laços com Krondor e rumou para Rillanon. Tinha esperanças de ver alguns de seus planos aproveitados quando a Assembleia de Lordes se reunisse para validar a sucessão. Quando Lyam chegou a Rillanon, já havia suficientes senhores orientais aliados a Guy para avaliar a situação da região. Era claro que Lyam seria o Rei. Isso foi antes de alguém saber de você, Martin, por isso Guy se resignou a ser julgado por traição. E então, na manhã da convocação e da coroação, começou a se ouvir dizer que Martin seria legitimado, e Guy aguardou para ver o que aconteceria mais tarde naquele dia.

— Esperando para aproveitar a ocasião — comentou Arutha.

— Não seja precipitado em julgar — atirou Amos, antes de prosseguir em um tom mais brando: — Ele estava preocupado com a possibilidade de haver uma guerra civil, e, se isso acontecesse, estava pronto para lutar. Mas, enquanto aguardava para ver o que se passaria, sabia que os homens de Caldric andavam bisbilhotando. Já se esquivava deles havia algum tempo, e por duas vezes quase fora apanhado. Guy ainda tinha amigos na capital e alguns deles colocaram Armand e ele furtivamente a bordo do *Grifo Real* quando os sacerdotes ishapianos chegaram ao palácio para dar início à coroação. Deuses! Aquele era um barco veloz! Seja como for, quando eu... peguei o barco emprestado, descobrimos que tínhamos passageiros. Portanto, eu estava pronto a atirar Guy e Armand à água, ou a dar meia-volta e entregá-los a vocês de pés e mãos amarrados, mas Guy, à sua maneira, consegue ser um canalha muito convincente, por isso concordei em levá-lo até Bas-Tyra, em troca de uma boa recompensa.

— Para que pudesse conspirar contra Lyam? — Arutha perguntou, incrédulo.

— Raios, rapaz — rugiu Amos. — Você ficou dois míseros anos longe de mim e já está pronto para ser estúpido comigo. — Olhou para Martin e prosseguiu: — Deve ser por causa da companhia com quem tem andado.

— Deixe-o terminar — Martin disse ao irmão.

— Não, não foi para conspirar. Foi para que pudesse tratar de seus próprios assuntos. Calculou que Lyam tivesse pedido sua cabeça, queria tratar de algumas coisas para que depois eu pudesse levá-lo de volta a Rillanon e, então, pudesse *se entregar*. — Arutha ficou espantado. — A única coisa que ele pretendia era obter perdão para Armand e seus outros seguidores. Seja como for, chegamos a Bas-Tyra e ficamos alguns dias por lá. Depois, chegou a notícia do banimento. A essa altura, eu e Guy já tínhamos nos tornado um pouco mais amigos, então conversamos e fizemos outro acordo. Ele queria deixar o Reino para procurar outro lugar. É um excelente general e não faltaria quem lhe desse trabalho, especialmente Kesh, mas ele pretendia ir para qualquer lugar bem remoto, para nunca mais ter de encarar os soldados do Reino no campo de batalha. Optamos por rumar em direção ao Oriente, e depois por virar ao sul até chegarmos à Confederação Keshiana. Conquistaríamos uma boa reputação na região. Ele queria ser general e eu achei que me daria bem sendo almirante. Tivemos um pequeno atrito com Armand, pois Guy queria enviá-lo de volta a Gyldenholt, mas Armand é um cara engraçado. Tinha jurado lealdade a Guy uns anos antes e, como não fizera o mesmo em relação a Lyam, não abdicava de sua vassalagem ao seu senhor. O argumento mais distorcido que já ouvi. Seja como for, ele continuou conosco. Então içamos as velas e rumamos para a Confederação. Mas, três dias depois de sairmos de Bas-Tyra, fomos perseguidos por uma armada de piratas ceresianos. Eu bem teria gostado de afundar dois ou três barcos deles, mas cinco? O *Grifo* era mais rápido, mas os piratas não saíam de nossos calcanhares. Durante quatro dias, houve sempre céu limpo, visão ilimitada e ventos favoráveis. Eles eram bem espertos para piratas do Mar do Reino. Espalhavam-se por todos os lados e, assim, de noite não conseguia me livrar deles. Todas as noites velejava ao redor, por um lado e por outro, mas depois, de manhã, lá estavam as cinco velas no horizonte. Eram como enguias, eu não conseguia me livrar deles. Então tivemos um problema com o tempo, quando começou a rugir um temporal vindo do oeste, conduzindo-nos para leste durante um dia e meio; depois um vendaval soprou e nos levou para o norte, ao longo de uma costa que não existe nos mapas. A única coisa boa daquela tempestade é que finalmente nos livramos dos ceresianos. Quando encontrei um porto de abrigo, estávamos em águas de que nunca tinha ouvido falar, e muito menos

visto. Acostamos e verificamos como estava o barco. Precisava de alguns reparos. Não estava danificado a ponto de afundar, mas os estragos eram suficientes para dificultar bastante a navegação. Levei-o por um grande rio acima, em algum lugar a leste dos territórios do Reino. Bem, na segunda noite que passamos ancorados, um maldito exército de goblins invadiu o barco, matando as sentinelas e aprisionando todos os outros. Os malditos puseram fogo no *Grifo* e o afundaram. Depois, eles nos levaram a pé para um local na floresta onde alguns Irmãos das Trevas estavam à espera. Estes assumiram nossa guarda e nos levaram para o norte. Os rapazes que eu havia recrutado eram duros, mas a maior parte morreu durante a marcha. Os malditos nem quiseram saber. Não tínhamos quase nada para comer e, se algum homem ficasse doente, era imediatamente abatido. Apanhei uma diarreia e Guy e Armand me carregaram durante dois dias, e acreditem que não foi agradável para nenhum de nós. Seguíamos para noroeste, em direção às montanhas, que depois transpusemos. Felizmente para nós, estávamos no fim do verão, ou então teríamos morrido congelados. Ainda assim, foi arriscado. Então encontramos outros Irmãos das Trevas que também traziam prisioneiros. A maior parte dos prisioneiros falava uma língua estranha, muito parecida com a yabonesa, mas havia alguns que falavam o Idioma do Rei, ou línguas do Reino Oriental. Por mais duas vezes nos reunimos com outros grupos de Irmãos das Trevas e prisioneiros humanos, todos marchando para oeste. Perdi a noção do tempo, mas já deveríamos ter caminhado por mais de dois meses. Quando estávamos prestes a atravessar a planície, que, sei agora, chama-se Planície de Isbandia, começou a nevar. Agora sei para onde íamos, embora na época nem imaginasse. Murmandamus estava reunindo escravos em Sar-Sargoth para empurrarem suas máquinas de cerco. Até que, uma noite, nossos guardas foram atacados por uma companhia de cavaleiros daqui. Dos cerca de duzentos escravos, só sobreviveram uns vinte, pois os goblins e os Irmãos das Trevas decidiram nos matar assim que os cavaleiros atacaram o acampamento. Guy estrangulou um com suas correntes, quando nosso captor se preparava para me matar com uma espada. Peguei a espada e liquidei outro logo depois de ele ter arrancado o olho do Protetor. Armand foi ferido, mas não o suficiente para morrer. É um filho da mãe resistente. Mas nós três e mais outros dois éramos os únicos sobreviventes do *Grifo*. E de lá fomos trazidos até aqui.

— Uma história incrível — comentou Arutha, apoiando as costas na parede. — Seja como for, estes são tempos incríveis.

— E como é que um estrangeiro se tornou governante desta terra? —

perguntou Martin.

Amos bebeu mais cerveja.

— Este povo é um pouco estranho, Martin. Em certas coisas, são os mais honestos e corretos que se pode encontrar, mas em outras são tão esquisitos como aqueles tsurani. Aqui, não há hierarquia hereditária; em vez disso, dão grande valor à competência. Em poucos meses, tornou-se claro que Guy era um general de primeira categoria, por isso lhe entregaram o comando de uma companhia. Armand e eu servimos sob suas ordens. Em poucos meses, tornou-se evidente que ele era de longe o melhor comandante que tinham. Aqui não há nada semelhante à Assembleia de Lordes, Arutha. Quando é preciso decidir algo, convocam todo o povo para uma reunião na grande praça do mercado. Chamam à reunião *volksraad*, e todos votam. Quando isso não acontece, as decisões são deixadas para os que são eleitos pela *volksraad*. Convocaram Guy e disseram-lhe que agora era o Protetor de Armengar. É como ser nomeado Marechal do Rei, sendo, ao mesmo tempo, responsável pela segurança da cidade como um xerife, um policial, um magistrado e um oficial de justiça.

— E o Protetor anterior achou o quê disso tudo? — indagou Arutha.

— Deve ter achado uma boa ideia, já que foi ela quem a propôs.

— Ela? — perguntou Jimmy.

— É outra das coisas com que precisamos nos habituar por aqui — explicou Amos. — Mulheres. São como os homens. Quero dizer, no que diz respeito a dar e receber ordens, a votar na *volksraad*... e outras coisas. Vocês vão ver. — A expressão de Amos tornou-se vaga. — Ela se chamava Gwynnath. Era a mulher mais correta que já conheci. Não tenho vergonha de admitir que me senti ligeiramente apaixonado por ela, embora... — Seu tom tornou-se um pouco mais suave: — Nunca vou me aquietar, mas, se o fizesse, seria com alguém como ela. — Abaixou a cabeça para a sua caneca de cerveja. — Mas ela e Guy... Sei algumas coisas sobre ele, que aos poucos fui aprendendo nos dois últimos anos, Arutha. Não posso trair a confiança dele. Se ele diz, tudo bem. Mas, digamos que, no fim das contas, havia um relacionamento entre homem e mulher; eles estavam profundamente apaixonados. Foi ela quem se afastou e lhe entregou a cidade. Teria morrido por ele. E ele por ela. Ela o acompanhava e combatia como uma leoa. — A voz dele esmoreceu. — Morreu ontem.

Arutha e Martin trocaram olhares. Baru e Roald permaneceram em silêncio. Laurie pensou em Carline e estremeceu. Até os rapazes conseguiram entender um pouco o sentimento de perda de Amos. Arutha se recordou do que Amos dissera a Armand antes de se encontrarem com Guy.

— E ele se culpa por isso.

— Sim. O Ciclope é como qualquer bom capitão: se algo acontece sob seu comando, a responsabilidade é sua. — Amos encostou-se com uma expressão pensativa. — Os goblins e os armengarianos levaram durante muito tempo as coisas de um modo muito simples. Atacavam, partiam algumas cabeças, e depois se retiravam. Os armengarianos eram muito parecidos com os tsurani, guerreiros ferozes, mas pouco organizados. Porém, quando Murmandamus apareceu, os Irmãos das Trevas se organizaram, inclusive em companhias. Agora são capazes de coordenar duas ou três centenas de guerreiros sob as ordens de um único comandante. A Irmandade andava castigando regularmente os armengarianos quando nós aparecemos. Guy, por conhecer a arte da guerra moderna, se revelou uma verdadeira bênção para este povo. Treinou-os, e agora eles têm uma excelente cavalaria e uma infantaria bem equipada, embora seja um tormento obrigar um armengariano a desmontar de seu cavalo. Ainda assim, Guy fez progressos. Estavam conseguindo fazer frente aos Irmãos das Trevas. Mas ontem...

Ninguém abriu a boca por um bom tempo.

— Temos assuntos bem sérios para discutir, Amos — disse Martin. — Você sabe bem que não estaríamos aqui se algo de grave não estivesse acontecendo ao Reino.

— Bem, deixarei vocês a sós por um tempo. São bons companheiros e os considero muito honrados. — Ficou de pé. — Só mais uma coisa: o Protetor é o homem mais poderoso da cidade, mas até seu poder é limitado no que se refere às questões de segurança em Armengar. Se ele disser que tinha uma velha dívida a tratar com vocês, ninguém interferirá enquanto se digladiam em um duelo. Se ganhar, serão libertados e poderão seguir viagem e ninguém na cidade erguerá um dedo para detê-los. Mas basta que ele diga que são espiões e estarão mortos antes de se virarem. Arutha, Martin, sei que a relação entre vocês e Guy é ruim, por causa de seu pai e de Erland. E também sei de algumas coisas que levaram a isso. Deixarei que Guy, a seu tempo, resolva isso com vocês. Mas vocês devem saber algo sobre como as coisas funcionam aqui. São livres para ir e vir desde que não desrespeitem nenhuma lei, ou desde que Guy não ordene que partam ou não os mande enforcar, ou algo assim. Mas a responsabilidade é *dele*. Ele garante o bom comportamento de vocês, de todos vocês. Se traírem a cidade, a vida dele estará em risco tanto quanto as suas. É como eu disse, este povo pode ser bastante estranho, ao seu modo, e seu modo pode ser severo. Portanto, compreendam o que quero dizer quando digo isto: se traírem a confiança de Guy,

mesmo que pensem que é em benefício do Reino, eles os matarão. E não tenho certeza se eu mesmo tentaria detê-los.

— Você sabe que somos de confiança, Amos — replicou Martin.

— Eu sei, mas quis que soubessem o que sinto. Gosto de vocês, rapazes, e detestaria, tanto quanto vocês, vê-los de garganta cortada. — Sem mais nada a dizer, Amos retirou-se.

Arutha recostou-se, refletindo sobre tudo o que Amos lhes dissera, e de repente percebeu que se sentia completamente esgotado. Olhou para Martin e seu irmão assentiu. Não era preciso discutir mais. Arutha já sabia que na manhã seguinte contaria toda a história para Guy.

Arutha e seus companheiros aguardaram enquanto o elevador subia; depois pararam no piso da sala de reuniões do Protetor. A manhã já estava quase no fim. O meio-dia se aproximava quando a convocação para se reunirem com Guy chegou. Caminharam um pouco ao longo do corredor e então pararam. O guarda que foi buscá-los aguardou enquanto olhavam pela janela, maravilhados com a vista lá embaixo. Armengar estendia-se para além do fosso sobre a cidadela e através do mercado ao ar livre, em direção à enorme muralha da cidade. Mas, do outro lado da muralha, conseguiam ver uma vasta planície se estendendo para nordeste até se misturar com a névoa distante. Dos dois lados da cidade, erguiam-se montanhas até bem alto no céu. A oeste, nuvens brancas ondeadas percorriam um céu de azul profundo, assim como um campo verde pontuado de âmbar se estendia até o limite da visão. Era um panorama incrível. Jimmy olhou para trás e notou uma expressão estranha no rosto de Locklear.

— O que foi?

— Estava pensando nessa terra toda — disse, apontando para a planície.

— O que tem? — indagou Arutha.

— Era possível plantar muita coisa em tantos terrenos.

Martin deixou seu olhar vagar pelo horizonte.

— Trigo suficiente para alimentar o Reino Ocidental — comentou.

— Você queria ser lavrador? — disse Jimmy.

Locklear sorriu abertamente.

— O que você pensa que um barão faz em um lugar pequeno como o Limiar da Terra? Basicamente, lida com disputas entre agricultores e cobra impostos justos sobre as colheitas. É preciso saber dessas coisas.

— Entrem, o Protetor os espera — anunciou o guarda.

Quando Arutha e seus companheiros entraram, Guy olhou para cima. Estava acompanhado por Amos, Dwyne, Armand de Sevigny e uma mulher. Arutha olhou para o irmão e reparou que Martin se detivera logo atrás dele. O Duque de Crydee olhava para a mulher, apreciando-a descaradamente. Arutha deu um toque no braço de Martin e ele voltou a seguir o irmão. Arutha olhou outra vez disfarçadamente para a mulher e compreendeu por que motivo o irmão se distraíra. À primeira vista, parecia uma mulher simples, mas, assim que se moveu, seus modos deram uma nova dimensão à sua aparência. Era extremamente atraente. Usava uma armadura de couro, túnica e calças marrons, assim como quase todos na cidade. Mas as grossas vestimentas não eram capazes de disfarçar sua extrema elegância; tinha um porte ereto, próprio da realeza. O cabelo era castanho-escuro, com uma surpreendente mecha acinzentada na têmpora direita, presa para trás com um lenço verde. Seus olhos eram azuis. A julgar pelo vermelho neles, era óbvio que andara chorando.

Guy fez sinal a Arutha e a seus companheiros para que se sentassem. O Príncipe apresentou todo seu séquito.

— Já conhecem Amos e Armand — disse, por sua vez, Guy. — Esta é Briana — apontou para a mulher —, uma de minhas comandantes. — Arutha assentiu com a cabeça, mas reparou que a mulher tinha se recuperado do que quer que a tivesse levado a chorar. Ela retribuía o olhar avaliador de Martin.

Rapidamente e de forma sucinta, Arutha contou a Guy sua história, começando pelo regresso da longa viagem com Lyam até o Oriente, passando depois pelo primeiro ataque dos Falcões Noturnos, pelas revelações na Abadia de Sarth e pela jornada pelo Espinho de Prata, até a morte simulada do Príncipe de Krondor.

— Para terminar, viemos atrás de Murmandamus, para matá-lo — concluiu.

Ao escutar isso, Guy abanou a cabeça, descrente.

— Primo, este é um plano ousado, mas... — Virou-se para Armand. — Quantos já tentamos infiltrar nos territórios dele?

— Seis?

— Sete — Briana corrigiu.

— Mas não eram homens do Reino, eram? — perguntou Jimmy, pegando um falcão de ébano pendurado em uma corrente. — E não usavam o talismã dos Falcões Noturnos, usavam?

Guy, quase irritado, olhou para Jimmy.

— Armand?

O antigo Barão de Gyldenholt abriu a gaveta de uma papeleira e tirou de lá

uma bolsa. Desatou-a e despejou uma dúzia de talismãs em cima da mesa.

— Tentamos, Escudeiro. E sim, alguns eram homens do Reino, pois há sempre alguns entre os que são salvos pelos armengarianos quando atacam as caravanas de escravos dos Irmãos das Trevas. Não há nada que nos tenha escapado. Eles sabem quem são os verdadeiros salteadores e quem são os espiões.

— É mais provável que seja devido a magia — atentou Arutha.

— É um problema que já enfrentamos antes — disse Guy. — Não encontramos lançadores de feitiços nesta cidade... magos ou sacerdotes. Eles estão em permanente estado de guerra, com todos constantemente preparados para combater, o que não permite a placidez necessária para os estudos... ou todos os professores foram mortos. Mas, seja como for, pagamos um preço bem caro nessas ocasiões em que Murmandamus ou sua serpente colocaram a mão nos nossos. — Refletiu um pouco. — Embora, por algum motivo, ele pareça relutante em usar seus poderes contra nós, graças aos deuses. — Guy recostou-se. — Nós temos um interesse em comum, primo. Para deixar mais claro, deixe-me falar um pouco deste lugar. Você sabe que os antepassados dos armengarianos percorreram as montanhas quando o Reino anexou Yabon. Descobriram uma terra rica, mas que já era habitada, e os que tinham chegado aqui primeiro se mostraram pouco favoráveis à incursão dos armengarianos. Briana, quem ergueu esta cidade?

A mulher falou com uma voz suave de contralto:

— Reza a lenda que os deuses ordenaram a uma raça de gigantes que construíssem esta cidade e que depois a abandonassem. Nós ficamos quando a encontramos.

— Ninguém sabe quem viveu aqui antes — explicou Guy. — Há outra cidade, mais ao norte, Sar-Sargoth. É uma cidade gêmea desta, e a capital de Murmandamus.

— Então, como nós o procuramos, é lá que o encontraremos — concluiu Arutha.

— Se o encontrarem, ele não hesitará em espetar suas cabeças em estacas — rosnou Amos.

Guy fez um sinal de concordância.

— Temos outras prioridades, Arutha. No ano passado, ele comandou um exército com mais de vinte mil guerreiros. Tão poderoso quanto os Exércitos do Oriente em seu auge, durante tempos de paz. Nós nos preparamos para um massacre em larga escala, mas nada aconteceu. Agora, acho que foi o fato de seu

amigo — apontou para Baru — ter liquidado o general preferido de Murmandamus que deve ter abortado a campanha. Mas este ano ele voltou e está ainda mais forte. Estimamos que tenha mais de vinte e cinco mil goblins e Irmãos das Trevas em seu poder, e a cada dia que passa chegam mais. Estimo que sejam mais de trinta mil quando começar a marcha.

Arutha olhou para Guy.

— Por que ainda não começou?

Guy estendeu os braços, incitando os outros a tentarem adivinhar.

— Estava esperando sua morte, lembra? — explicou Jimmy. — É uma coisa religiosa.

— A esta altura, a notícia já chegou aos ouvidos dele — disse Arutha. — Foi o que ele disse para aquele renegado do Morgan Crowe.

Guy estreitou seu único olho são.

— O que está querendo dizer?

Arutha contou o que havia acontecido com o renegado na estalagem na estrada para Tyr-Sog e o plano para contratar os engenheiros de Segersen.

— Era o que ele estava esperando, então — disse Guy, batendo com a mão pesadamente na mesa. — Tem sua magia, mas por alguma razão não a usa contra nós. Sem os engenheiros militares do Segersen, não consegue derrubar nossos muros. — Vendo que Arutha não estava entendendo aonde queria chegar, Guy foi mais claro: — Se ele fosse capaz de derrubar as muralhas de Armengar, não estaria tentando contratar Segersen. Ninguém sabe quem construiu estas muralhas, Arutha, mas quem quer que tenha sido provou ser dotado de uma habilidade além do normal. Já vi todo tipo de fortificações, mas nenhuma como as de Armengar. Os engenheiros de Segersen podem até não conseguir abrir fendas nos muros, mas são os únicos que conheço que terão alguma chance de fazê-lo.

— Então, se Segersen não vier, estarão em boa posição para se defender.

— Sim, mas há outras questões que também devem ser levadas em conta. — Guy se levantou. — Temos mais assuntos para discutir, mas podemos prosseguir mais tarde. Agora tenho uma reunião com o Conselho da Cidade. Por ora, são livres para entrar e sair de Armengar à vontade. — Puxou Arutha de lado. — Preciso falar com você em particular. Hoje à noite, após o jantar.

A reunião terminou e Briana, Armand e Guy foram embora. Dwyne e Amos ficaram. Amos aproximou-se de Arutha e de Martin enquanto o Duque olhava para a mulher que saía.

— Quem é ela, Amos? — perguntou Martin.

— Uma das melhores comandantes da cidade, Amos. A filha da Gwynnath.

— Agora compreendo seu sofrimento — disse o Duque.

— Soube hoje de manhã da morte da mãe. — Amos apontou para a cidade. — A patrulha dela estava a oeste, ao longo da linha de fazendas e cercados de animais, e voltou apenas há algumas horas. — Martin se mostrou confuso. — As comunidades agrícolas são fazendas e as comunidades que tratam de gado e rebanhos são aldeias rodeadas por cercados. Ela está lidando com a perda da Gwynnath. Quem me preocupa é o Guy.

— Ele disfarça muito bem a sua dor — realçou Arutha.

Arutha sentiu dentro de si um conflito de emoções. O desprezo que sentia por Bas-Tyra, conquistado por influência de seu pai, debatia-se com sua compaixão pela dor do homem. Quase perdera Anita, e conseguia sentir esse terror e a dor ao pensar na sorte de Guy. Contudo, o primo ordenara a prisão do pai de Anita, o que resultara em sua morte. E Guy era um traidor. Arutha afastou tais sentimentos, pois o deixavam perturbado. Acompanhou Amos e Martin enquanto o irmão continuava a fazer perguntas sobre Briana.

10

Compromisso

Jimmy cutucou levemente as costelas de Locklear.

Passeavam pelo mercado, tentando descobrir o pouco que havia de interessante para ver em Armengar. Eram raros os rapazes da idade deles, e os poucos que viram andavam armados e ostentavam armaduras. As diferenças entre aquele mercado e o de Krondor chamaram a atenção de Jimmy.

— Já estou aqui há uma hora ou mais e juro que ainda não vi um pedinte ou um ladrão nas redondezas — notou.

— Faz sentido — realçou Locklear. — Pelo que Amos nos disse, a confiança é essencial para a sobrevivência desta cidade. Não há ladrões, pois precisam se manter unidos, e, além disso, onde poderiam se esconder? Não sei muito sobre cidades e coisas do gênero, mas me parece que este lugar é mais uma guarnição militar do que uma cidade, apesar de seu tamanho.

— Quanto a isso, você tem toda a razão.

— E não há pedintes porque provavelmente dão emprego para todo mundo em lugares como o exército.

— Refeitórios e enfermarias?

— Sim — concordou Locklear.

Foram passando em frente a várias barracas e Jimmy foi observando o tipo de artigos que ali se vendiam.

— Viu algum de luxo? — Locklear fez um sinal negativo. As barracas dedicavam-se à venda de alimentos, roupas simples e artigos de pele, assim como armas. Todos os artigos eram baratos e praticamente não viram ninguém pechinchando.

Após um breve passeio, Jimmy sentou-se sob um alpendre na ponta do mercado.

— Isto é entediante.

— Vi algo que não é nada entediante.

— O quê? — perguntou Jimmy.

— Garotas. — Locklear apontou. Duas moças emergiram da multidão de clientes e estavam apreciando alguns artigos em uma barraca na outra ponta do mercado. Aparentavam ter a mesma idade dos rapazes. Ambas se vestiam igualmente: botas de couro, calças, túnicas, coletes de pele, facas na cintura e espadas. Cada uma tinha um lenço enrolado para manter afastado dos olhos o cabelo comprido até os ombros. A moça mais alta percebeu que Jimmy e Locklear as observavam e disse algo à amiga. A segunda garota olhou para os rapazes enquanto conversavam baixinho, com as cabeças encostadas. A primeira deixou de lado os artigos que estava segurando e, acompanhada pela outra, dirigiu-se a Jimmy e Locklear.

— E então? — disse a mais alta, fitando-os diretamente com seus olhos azuis.

Jimmy levantou-se e se surpreendeu ao ver que ela era quase tão alta quanto ele.

— Então, o quê? — respondeu em um armengariano hesitante.

— Estavam olhando para nós.

Jimmy olhou para baixo em direção a Locklear, que se ergueu.

— E isso tem algum mal? — questionou o rapaz mais novo, que falava aquela língua melhor do que Jimmy.

As duas moças trocaram olhares e riram; não mais do que algumas risadinhas.

— É falta de educação.

— Somos estrangeiros — arriscou Locklear.

— Nota-se. Já ouvimos falar de vocês. Todo mundo em Armengar já ouviu falar de vocês.

Locklear corou. Bastou-lhe um segundo para compreender que ele e Jimmy eram notoriamente diferentes de qualquer outra pessoa da região no que dizia respeito à aparência. A segunda moça observou atentamente Locklear com seus olhos escuros.

— Lá, de onde vêm, também ficam olhando para as garotas? — indagou.

Sorrindo abertamente, Locklear foi rápido na resposta:

— Sempre que tenho oportunidade.

Os quatro desataram a rir.

— Eu me chamo Krista — anunciou a garota mais alta. — Esta é a Bronwynn. Servimos na Décima Companhia. Estamos de folga até amanhã à noite.

Jimmy não entendeu a menção à companhia, mas também se apresentou:

— Sou o Escudeiro James... Jimmy. Este é o Escudeiro Locklear.

— Locky.

— Vocês têm o mesmo nome? — perguntou Bronwynn.

— “Escudeiro” é um título — explicou Locklear. — Estamos a serviço do Príncipe.

As garotas trocaram olhares de incompreensão.

— Não compreendemos essas coisas bizarras sobre as quais falam — disse Krista.

Em um gesto rápido, Jimmy encaixou seu braço no dela.

— Então, por que não nos mostram a cidade e nós explicamos o que são essas coisas bizarras? — propôs.

Envergonhado, Locklear seguiu o exemplo do amigo, mas nem deu para perceber quem agarrou primeiro o braço de quem, ele ou Bronwynn.

Com uma risada bem feminina, Bronwynn e Krista levaram os rapazes, abrindo caminho por entre as ruas da cidade.

Martin comeu em silêncio, observando Briana enquanto ouvia as conversas ao redor da mesa. A comitiva de Arutha, com exceção de Jimmy e Locklear, sentou-se em torno de uma mesa enorme com Guy, Amos e Briana. Outro dos comandantes de Guy, Gareth, também jantou com eles. A ausência dos rapazes não era motivo de preocupação, Amos assegurou, pois não poderiam arranjar problemas na cidade sem que logo notícias chegassem aos ouvidos do Protetor. E não havia forma de saírem de Armengar, nem mesmo alguém tão talentoso quanto Jimmy conseguiria isso. Ao contrário de Amos, Arutha não tinha tanta certeza, mas se absteve de fazer comentários.

Arutha tinha noção de que ele e Guy rapidamente teriam de chegar a um entendimento, e de alguma maneira já conseguia imaginar o que seria, mas não quis especular até ouvir o que o outro tinha a lhe dizer em particular. Arutha examinou atentamente o Protetor. Guy estava bastante sombrio, o que, de um modo muito estranho, fazia Arutha se lembrar de seu próprio pai quando exibia o mesmo estado de espírito. Guy pouco comera, mas bebia sem parar já fazia uma hora.

Arutha voltou a atenção para seu irmão, que desde a manhã se comportava de um modo muito estranho. Martin era capaz de se manter em silêncio por longos períodos de tempo, uma característica que ambos partilhavam, mas, desde que conhecera Briana, ficara praticamente mudo. Ela chegara com Amos aos

aposentos de Arutha para a refeição do meio-dia e, desde então, não dirigira sequer uma dúzia de palavras a quem quer que fosse. Mas no jantar, tal como no almoço, seus olhos *falavam* muito, e, se Arutha era um bom juiz em tais assuntos, Briana correspondia. Pelo menos, parecia ter passado mais tempo olhando para Martin do que para qualquer outra pessoa à mesa.

Guy pouco falou durante a noite. Se a mãe de Briana fosse como ela, Arutha era capaz de compreender a perda de Guy, pois, nas poucas horas em que a observou, desde cedo percebeu que se tratava de uma mulher especial. Também compreendeu os motivos pelos quais Martin se sentia atraído por ela. Não havia em sua aparência nada de extraordinário, mas, por mais que fosse bem diferente de sua amada Anita, era incrivelmente atraente, com uma natureza dura e determinada que se revelava magnética. Parecia ser muito transparente e, para Arutha, havia algo em sua maneira de ser que sugeria que sua essência combinava bem com a de seu irmão. Havia muito tempo que todas as atenções de Arutha se concentravam em assuntos bem mais sérios, mas ainda dispunha de algum tempo para se divertir; parecia-lhe que Martin estava mergulhando rapidamente em águas profundas.

A refeição pareceu, de algum modo, estranha a Arutha e a Martin, pois não havia criados no salão de Guy ou em qualquer outro lugar de Armengar. Houve soldados que, por cortesia, levaram a refeição de Guy, mas ele se serviu sozinho, assim como os convidados. Amos destacou que, na maior parte das noites, ele e Armand levavam a louça usada de volta para a copa e ajudavam a lavá-la. Todos na cidade ajudavam.

— Eu, Gareth e Armand temos de fazer rondas pelas muralhas — disse Amos quando terminou a refeição. — Esta noite não precisamos ir à copa para podermos receber bem os convidados. Querem se juntar a nós? — Tratou-se de um convite geral para todos os que estavam à mesa. Roald, Laurie e Baru pediram para acompanhá-los; o hadati estava particularmente curioso para conhecer melhor sua família distante.

Martin levantou-se e dirigiu-se a Briana, o que lhe pareceu um esforço heroico:

— Talvez a comandante queira me mostrar a cidade? — Quando ela concordou, ele pareceu ficar ao mesmo tempo feliz e preocupado.

Arutha sinalizou para que o irmão acompanhasse a mulher, indicando que permaneceria ali para conversar com Guy. Martin saiu apressadamente do salão enquanto Briana abria caminho.

No extenso corredor de acesso ao elevador, Martin deteve-se para observar as

luzes da cidade abaixo. Mil pontinhos luminosos brilhavam na escuridão.

— Por mais que eu passe por aqui — disse Briana —, nunca me canso desta vista. — Martin concordou, assentindo com a cabeça. — Sua terra é como Armengar?

Martin não olhou para ela.

— Crydee? — ele pensou em voz alta. — Não. Meu castelo é minúsculo se comparado à sua cidadela, e a cidade de Crydee não passa de um décimo do tamanho desta. Não temos muralhas gigantes e meu povo não anda constantemente armado. É um lugar pacato, ou pelo menos parece ser agora. Antes, eu costumava fugir sempre que podia, indo para a floresta, para caçar e ficar sozinho com meus pensamentos. Ou podia ir até a torre mais alta do castelo para ver o sol se pôr sobre o mar. É a melhor parte do dia. No verão, a brisa que vem da água refresca o calor do dia, enquanto o sol pinta o mar em tons coloridos. No inverno, as torres ficam cobertas de branco e parece um cenário saído de uma lenda. É possível ver grandes nuvens deslizando sobre o mar. E as trovoadas são ainda mais magníficas, com os relâmpagos e o ribombar dos trovões, como se o céu tivesse vida. — Olhou para baixo e viu que ela o observava com atenção. De repente, sentiu-se um idiota e sorriu levemente, o único sinal de que estava envergonhado. — Estava divagando.

— Amos já me falou dos oceanos. — Ela inclinou ligeiramente a cabeça, como se estivesse refletindo. — Parece algo estranho, toda aquela água.

Martin não evitou uma pequena risada, sentindo o nervosismo desaparecer.

— É algo estranho. Estranho e poderoso. Nunca gostei de barcos, mas tive de navegar neles, e com o tempo é possível apreciar toda a beleza do mar. É como... — Calou-se, sem saber como explicar. — Laurie pode dizer a você, ou Amos. Ambos têm o dom da oratória, eu não.

Ela pousou a mão em seu braço.

— Preferia ouvir de você. — Virou-se para a janela, com a silhueta do rosto recortada pela luz laranja de um archote, o cabelo de um preto de azeviche à meia-luz. Manteve-se em silêncio por algum tempo e depois fitou Martin. — Você é um bom caçador?

De repente, Martin percebeu que sorria abertamente, sentindo-se um idiota.

— Sim, muito bom. — Os dois sabiam que ele não estava se gabando, mas também sabiam que não havia ali falsa modéstia. — Fui ensinado por elfos e só conheço um homem capaz de atirar melhor com um arco do que eu.

— Gosto muito de caçar, mas raramente tenho tempo, agora que sou comandante. Talvez possamos tirar algum tempo para caçar. Aqui talvez seja

mais perigoso do que em seu Reino, pois, enquanto caçamos, há outros que podem nos caçar.

— Já tive de lidar com moredhel antes — disse Martin descontraidamente.

Ela o fitou com um olhar franco.

— Você é um homem forte, Martin — acrescentou, colocando a mão sobre seu braço. — E acho que também é um bom homem. Eu sou Briana, filha de Gwynnath e Gurtman, da linhagem dos Alwynne. — Aquelas eram palavras formais, mas traziam algo mais, como se de algum modo ela estivesse se revelando para ele, tornando-se mais próxima.

— Eu sou Martin, filho de Margaret... — Pela primeira vez em anos, pensou em sua mãe, uma bela criada da corte do Duque Brucal. — E de Borric, da linhagem de Dannis, o primeiro dos conDoin. Sou conhecido como Martin do Arco.

Ela fitou demoradamente seu rosto, como se estudasse cada uma de suas feições. Mudou de expressão ao sorrir. Martin sentiu o peito ardendo ao ver aquele sorriso. E, então, ela riu.

— Esse nome lhe cai perfeitamente, Martin do Arco. É tão alto e poderoso quanto a sua arma. Você é casado?

— Não... nunca conheci ninguém... — Martin respondeu calmamente. — Nunca fui muito bom com as palavras... ou com as mulheres. Não conheci...

Ela levou o dedo a seus lábios.

— Eu compreendo.

De repente, e sem perceber como, Martin estava com ela em seus braços, a cabeça dela em seu peito. Ele a segurou gentilmente, como se ao menor movimento ela pudesse fugir.

— Não sei como as coisas em seu Reino são feitas, Martin, mas Amos diz que vocês evitam falar abertamente de coisas que nós, em Armengar, tomamos por banais. Não sei se esta é uma dessas coisas. Mas, esta noite, não quero ficar sozinha. — Olhou de novo para o rosto do Duque e ele viu em seus olhos desejo e receio, e compreendeu as necessidades dela. Ela acrescentou baixinho, de um modo praticamente inaudível: — É tão gentil quanto forte, Martin do Arco?

Martin observou seu rosto e percebeu que palavras não eram necessárias. Abraçou-a em silêncio por bastante tempo, até que ela lentamente se afastou e o conduziu para seus aposentos.

Arutha ficou sentado durante muito tempo observando Guy. O Protetor de

Armengar estava perdido em seus próprios sentimentos, bebendo, distraído, de sua caneca de cerveja. O único som que se ouvia na sala era o crepitar da lareira. Até que, por fim, Guy começou a falar:

— Acho que aquilo de que mais sinto falta é o vinho. Há momentos em que cairia bem, não acha?

Arutha assentiu com a cabeça, provando a sua própria cerveja.

— Amos nos falou de sua perda.

Guy acenou distraidamente e Arutha percebeu que ele estava ligeiramente embriagado, pois os movimentos eram inseguros e um pouco descontrolados, embora sua voz fosse perfeitamente clara. Suspirou profundamente.

— A perda maior é sua, Arutha, pois não a conheceu.

Arutha não soube o que dizer. Sentiu-se subitamente irritado com aquelas palavras, pois foi de alguma forma forçado a partilhar um laço de dor com um homem que deveria odiar.

— Você me disse que precisávamos conversar, Guy.

O outro assentiu, afastando a caneca. Permanecia com o olhar distante.

— Preciso de você. — Virou-se para encará-lo. — Preciso do Reino, pelo menos, e isso significa que preciso de Lyam. — Arutha indicou a Guy que prosseguisse. — Pessoalmente, pouco me interessa se tenho seu apoio moral ou não. Mas é óbvio que necessito de sua bênção enquanto líder deste povo. — Deixou-se cair em um momento de reflexão antes de voltar a falar: — Achei que o seu irmão se casaria com Anita. Era a coisa lógica a se fazer para sustentar sua reivindicação. Mas, seja como for, ele era Rei antes de saber disso. Rodric fez um favor a todos ao ter um momento único de lucidez antes de morrer. — Lançou um olhar duro a Arutha. — Anita é uma jovem excepcional. Eu não desejava me casar com ela, era apenas uma necessidade de momento. Teria deixado que ela escolhesse suas próprias... satisfações. É melhor assim. — Recostou-se. — Estou bêbado. Minha mente divaga. — Fechou os olhos e, por um instante, Arutha achou que ele pudesse ter dormido, mas Guy voltou a falar: — Amos contou para vocês como chegamos a Armengar, então não vou repetir essa história. Mas acho que há assuntos que ele não discutiu com vocês. — Voltou a se calar por um tempo. Houve então um longo período sem palavras antes que ele tornasse a abrir a boca. — Seu pai alguma vez contou a você como nasceu tanta amargura entre nós?

Arutha manteve um tom calmo:

— Ele disse que você era o centro de todas as conspirações da corte contra o Reino Ocidental, e que usara sua posição junto a Rodric e ao pai dele antes para

minar a posição de meu pai.

Para espanto de Arutha, Guy confirmou.

— É quase tudo verdade. Uma interpretação diferente de meus atos poderia servir para dar um ar mais leve ao que fiz, mas meus atos no reinado de Rodric e, antes, no do pai dele, nunca estiveram de acordo com os interesses de seu pai ou do Ocidente. Não, eu me refiro a... outras coisas.

— Ele nunca falou de você a não ser para classificá-lo como inimigo. — Arutha refletiu por um minuto. — Dulanic disse que você já foi amigo de meu pai, um dia.

Guy voltou a olhar para o fogo. Estava com um ar ausente, como se recordasse algo.

— Sim, grandes amigos — disse suavemente, antes de voltar a cair em silêncio. Só quando Arutha estava prestes a falar de novo, retomou a palavra: — Começou quando éramos dois jovens na corte, durante o reinado de Rodric, o Terceiro. Estávamos entre o grupo dos primeiros escudeiros enviados para a corte real; a inovação de Caldric era gerar governantes que tivessem mais conhecimento do que seus pais. — Guy refletiu um pouco. — Deixe-me dizer como foi e, quando eu terminar, talvez você compreenda por que razão você e seu irmão nunca foram enviados para a corte. Eu era três anos mais novo do que seu pai, que ainda não tinha dezoito anos. Éramos, porém, do mesmo tamanho e tínhamos muito em comum. Logo de início, fomos postos juntos, pois ele era um primo distante e queriam que eu ensinasse boas maneiras ao filho de um duque rude. Acabamos nos tornando amigos. Ao longo dos anos, jogamos, andamos atrás de garotas e lutamos juntos. Ah, mas mesmo naquela época havia coisas em que éramos muito diferentes. Borric era filho de um nobre da fronteira, mais preocupado com velhos conceitos de honra e dever do que em compreender as verdadeiras causas do que acontecia à sua volta. Eu, bem... — Passou a mão pelo rosto, como se tentasse se manter acordado; seu tom de voz tornou-se mais vivo: — Eu fui criado nas cortes orientais e, desde novo, soube que seria um líder, um dia. Minha família era antiga e honrada como qualquer outra do Reino, até mesmo a sua. Se Delong e seus familiares tivessem sido generais um pouco menos talentosos e meus antepassados ligeiramente melhores, os Bas-Tyra teriam sido reis em vez dos conDoin. Portanto, desde pequeno aprendi como eram conduzidos os jogos políticos nos reinos. Veja, eu e seu pai éramos diferentes de muitas maneiras, mas em toda a minha vida nunca houve um homem que eu adorasse mais do que Borric. — Lançou um olhar penetrante a Arutha. — Foi o irmão que nunca tive.

Arutha estava intrigado. Não duvidava que Guy estivesse pintando um quadro que servia melhor a seus propósitos; suspeitava até que a embriaguez não passasse de um fingimento, mas sentia curiosidade em ouvir histórias da juventude de seu pai.

— Então, o que afastou vocês?

— Como todo jovem, competíamos na caça, no jogo e na conquista do afeto das damas. Nossas diferenças políticas levavam, de vez em quando, a discussões acaloradas, mas encontrávamos sempre alguma maneira de ultrapassar as diferenças e nos reconciliarmos. Uma vez, chegamos a brigar de verdade por causa de umas observações estúpidas que fiz. Disse que seu bisavô não passara de um ressentido terceiro filho de um rei, tentando obter pela força das armas aquilo que não encontrava no Reino. Borric o via como um grande homem que cravou o estandarte do Reino em Bosania. Eu defendi que o Ocidente estava sugando recursos do Reino. As distâncias eram muito longas para permitir uma administração efetiva. Você governa Krondor. Sabe como se governa um reino independente, onde apenas as principais orientações políticas vêm de Rillanon. O Reino Ocidental é praticamente uma nação independente. Seja como for, discutimos por causa disso e depois lutamos. Mais tarde, nossa raiva diminuiu. Mas foi o primeiro sinal do quanto nossas divergências sobre a política dos reinos eram profundas. Ainda assim, não foram essas divergências que afetaram nossa amizade.

— Você faz com que isso pareça apenas uma divergência aceitável de opiniões políticas entre dois homens honrados. Mas eu conhecia meu pai. Ele o odiava e era um ódio profundo; deve haver algo mais.

Guy voltou a olhar atentamente para a lareira.

— Seu pai e eu éramos rivais em muitas coisas, principalmente por causa de sua mãe — revelou brandamente.

Arutha inclinou-se para a frente.

— O quê?

— Quando seu tio Malcolm morreu de febre, seu pai foi chamado para casa. Como era o irmão mais velho, Borric seria o herdeiro, e foi por isso que o enviaram para a corte para ser educado. Mas, quando Malcolm morreu, seu avô ficou sozinho. Assim, seu avô pediu ao Rei para nomear seu pai Administrador do Ocidente e o enviou de volta para Crydee. Seu avô estava ficando velho; sua avó já havia morrido, e, com a morte de Malcolm, ele pareceu decair muito rapidamente. Acabou morrendo em menos de dois anos, e Borric tornou-se Duque de Crydee. Então Brucal regressou a Yabon; ele era, então, Escudeiro

Superior da corte do Rei. Fiquei aguardando a volta de Borric, pois ele deveria se apresentar ao Rei para jurar lealdade, assim como deveriam fazer todos os novos duques durante o primeiro ano de serviço.

Arutha fez seus cálculos e concluiu que aquilo deveria ter ocorrido na época em que seu pai visitou Brucal em Yabon, quando ia à capital. Foi durante essa visita que uma bela criada conquistou a afeição de Borric e daquela união nasceu Martin, algo que Borric só soube cinco anos mais tarde.

Guy continuou a falar:

— No ano anterior ao regresso de Borric a Rillanon, sua mãe foi para a corte, para ser dama de honra da Rainha Janica, a segunda mulher do Rei e mãe do Príncipe Rodric. Foi quando Catherine e eu nos conhecemos. Até conhecer Gwynnath, ela foi a única mulher que eu amei.

Guy caiu de novo em silêncio e, de repente, Arutha sentiu-se estranhamente envergonhado, como se de alguma forma o tivesse obrigado a recordar duas perdas dolorosas.

— Catherine era única, Arutha. Sei que você compreende isso; ela era sua mãe. Quando a conheci, era agradável como uma manhã de primavera, com as faces rosadas e uma certa jovialidade no sorriso. Tinha o cabelo dourado e brilhante. Mal a conheci e já me apaixonei, assim como seu pai. Daquele dia em diante, nossa disputa para conquistar a atenção dela tornou-se implacável. Nós a cortejamos durante dois meses e, ao fim do segundo mês, eu e seu pai já não nos falávamos, pois nossa rivalidade por causa de Catherine se tornara implacável. Seu pai adiara sua volta à Crydee, optando por ficar para cortejar Catherine. Queria conquistá-la, desesperadamente. Um dia, eu deveria ter ido cavalgar com ela, mas, quando cheguei a seus aposentos, ela estava se preparando para viajar. Era prima-irmã da Rainha Janica e, como tal, um trunfo no jogo de intrigas da corte. As lições que ensinei ao seu pai nos anos anteriores provaram ter sido valiosas, pois, enquanto eu andei cavalgando e passeando pelos jardins com Catherine, ele falou com o Rei. Rodric ordenou à sua mãe que se casasse com seu pai, pois tinha esse direito, uma vez que era o protetor dela. Foi um casamento político, pois naquela altura o Rei já se tornara cético quanto às capacidades do filho e quanto à saúde do irmão. Os três filhos de seu primeiro casamento morreram antes de chegarem à idade adulta e ele nunca superou a morte deles, assim como não superou a morte de sua amada, a Rainha Beatrice. E seu irmão mais novo, Erland, era bem mais jovem e sofria dos pulmões. Era só dez anos mais velho do que o Príncipe Rodric. A corte sabia que o Rei desejava nomear seu pai como sucessor, mas Janica lhe dera um filho, um rapaz tímido

que Rodric desprezava. Acho que o Rei obrigou sua mãe a se casar com seu pai para reforçar os laços com o trono, para assim poder nomeá-lo seu herdeiro, e os deuses sabem que ele passou os doze anos seguintes tentando fazer com que o Príncipe se tornasse um homem melhor ou destruí-lo durante o processo. Mas o Rei nunca chegou a nomear um herdeiro antes de morrer, e fomos deixados com Rodric, o Quarto, um homem ainda mais triste e mais despedaçado do que o pai.

Arutha fitou-o, seu rosto ardendo.

— O que quer dizer com isso de o Rei ter obrigado minha mãe a se casar com meu pai?

O único olho de Guy flamejou.

— Foi um casamento político, Arutha.

A ira de Arutha se intensificou.

— Mas minha mãe amava meu pai!

— Quando você nasceu, não duvido que ela já tivesse aprendido a amá-lo. Seu pai era um homem bom o bastante e ela era uma mulher carinhosa. No entanto, naquela época, ela me amava. — Sua voz tornou-se embargada devido às emoções do passado. — Ela me amava. Eu a tinha conhecido um ano antes da volta de Borric. Já tínhamos jurado nos casar, enquanto eu treinava para escudeiro, mas em segredo, um juramento de crianças feito durante a noite no jardim. Escrevi a meu pai pedindo-lhe que intercedesse junto à Rainha para que a mão de Catherine fosse entregue a mim. Nunca me passou pela cabeça falar com o Rei. Eu, o filho esperto de um senhor do Oriente, fui enganado pelo rapaz nobre do campo em uma intriga palaciana. Maldição! Eu me achava tão esperto! Mas naquela época eu só tinha dezenove anos. Foi há muito tempo. Fiquei furioso. Meu temperamento era muito parecido com o de seu pai, naqueles dias. Saí correndo do quarto de sua mãe e fui procurar Borric. Lutamos, no palácio do Rei; duelamos e quase nos matamos. Você deve ter reparado no extenso ferimento no flanco esquerdo de seu pai, passando por cima das costelas. Fui eu que lhe dei aquela cicatriz. Ele também me fez um ferimento muito parecido. Quase morri. Quando me recuperei, seu pai já tinha partido havia uma semana para Crydee, levando Catherine consigo. Eu deveria ter ido atrás deles, mas o rei me proibiu, ameaçando-me com a pena de morte. Ele tinha razão, pois eles haviam se casado. Passei a me vestir de preto como uma marca pública de minha vergonha. Então fui enviado para combater Kesh em Taunton Profundo. — Soltou uma gargalhada amarga. — Grande parte de minha reputação como general se originou nesse confronto. Em parte, devo meu sucesso a seu pai. Castiguei os keshianos por ele ter me roubado Catherine. Fiz coisas que um

general em seu perfeito juízo nunca faria, liderando ataque após ataque. Penso agora que desejava morrer. — Sua voz esmoreceu e ele riu entre dentes. — Quase fiquei desapontado quando pediram trégua e se renderam. — Guy suspirou. — Muito do que viria a acontecer em minha vida começou ali. Parei de me sentir mal por causa de Borric, mas ele... ficou alterado quando ela morreu. Rejeitou a ideia de enviar os filhos para a corte do Rei. Acho que ele pensava que eu me vingaria em você e em Lyam.

— Ele amava minha mãe; nunca mais foi feliz depois de sua morte — afirmou Arutha, sentindo-se estranhamente desconfortável e furioso. Não precisava justificar o comportamento do pai ao mais odiado de seus inimigos.

Guy assentiu com a cabeça.

— Eu sei, mas quando somos jovens não conseguimos suportar a ideia de que os sentimentos dos outros podem ser tão profundos quanto os nossos. Nosso amor é tão mais nobre, nossa dor tão mais intensa. Mas, conforme fui crescendo, compreendi que Borric amava Catherine tanto quanto eu. E acho que ela o amava. — O olho são de Guy se fixou num ponto no vazio. Seu tom de voz tornou-se mais brando, reflexivo: — Ela era uma mulher maravilhosa e generosa, com espaço em seu coração para muitos amores. Contudo, penso que, bem lá no fundo de seu coração, seu pai mantinha algumas dúvidas. — Guy olhou para Arutha com uma expressão que misturava admiração e pena. — Consegue imaginar algo assim? Que triste teria sido? Talvez, de um modo distorcido, eu tenha sido o mais sortudo, pois *soube* que ela me amou. Não tive dúvidas. — Arutha reparou em um leve brilho de umidade no olho são de Guy. O Protetor limpou a lágrima que se formava com um gesto irrefletido. Recompôs-se, fechando o olho e levando a mão à testa. — Às vezes, a vida é injusta — acrescentou tranquilamente.

Arutha meditou.

— Por que me contou isso? — perguntou depois de um tempo.

Guy ergueu-se, mudando de atitude.

— Porque preciso de você. E não pode haver dúvidas de sua parte. Para você, não passo de um traidor que quis tomar conta do Reino para sua própria glória. Em parte, você tem razão.

Outra vez, Arutha ficou surpreso com a franqueza de Guy.

— Mas como você pode justificar o que fez a Erland?

— Sou responsável pela morte dele. Não posso negar. Foi meu capitão que ordenou que ele permanecesse preso depois de eu ter ordenado sua libertação. Radburn tinha sua serventia, mas tendia a ser cuidadoso demais. Compreendo o

pânico dele, pois eu também teria punido Erland por tê-lo deixado escapar com Anita. Precisava dela para consolidar minha posição na sucessão, e você teria sido um bom troféu para negociar com seu pai — acrescentou ao ver a surpresa estampada no rosto de Arutha. — Oh, sim, meus agentes sabiam de sua presença em Krondor, eles me relataram quando regressei, mas Radburn cometeu o erro de pensar que você o levaria até Anita. Nunca lhe ocorreu que você não tinha nada a ver com sua fuga. O idiota deveria ter acorrentado você em uma jaula e continuado a procurá-la.

Arutha sentiu sua desconfiança regressar e a compaixão esmorecer. Apesar do discurso franco de Guy, irritou-se com suas referências indiferentes ao uso de pessoas para seu próprio interesse.

— Mas nunca quis que Erland morresse — prosseguiu Guy. — Eu já era vice-rei de Rodric, o que me dava domínio total sobre o Ocidente. Não precisava de Erland, mas sim de uma ligação com o trono: Anita. Rodric, o Quarto, estava louco. Assim como Caldric, fui um dos primeiros a saber que as pessoas fechavam os olhos e perdoavam comportamentos de reis que não tolerariam de outros. Não iriam permitir que Rodric governasse por muito mais tempo. Os primeiros oito anos da guerra foram suficientemente difíceis na corte, mas no último ano de seu reinado Rodric perdeu quase totalmente a razão. Kesh sempre teve um olho voltado para o norte, à procura de sinais de fraqueza. Não quis problemas com a realeza, mas mesmo com seu pai como herdeiro, depois de Erland, achei simplesmente que eu era mais talentoso para governar do que quem quer que se seguisse na linha de sucessão.

— Mas por que todas essas intrigas? Você tinha o apoio do Congresso de Lordes. Caldric, meu pai e Erland praticamente não fizeram frente à sua tentativa de se tornar regente do Príncipe Rodric antes de ele atingir a maioridade. Você poderia ter encontrado outra forma.

— O Congresso pode validar um Rei — respondeu Guy, apontando um dedo para Arutha —, mas não pode retirá-lo do trono. Eu precisava encontrar uma forma de me apoderar do trono sem uma guerra civil. A guerra com os tsurani arrastou-se e Rodric não iria entregar a seu pai os Exércitos do Oriente. Nem os entregaria a mim, e eu era o único homem em quem ele confiava. Nove anos de uma guerra perdida e um Rei louco; a nação ferida e morrendo. Não, aquilo tinha de acabar, mas, por mais apoio que eu tivesse, havia aqueles, como Brucal e seu pai, que teriam se oposto a mim. Por isso, eu queria Anita como esposa e você como moeda de troca. Estava disposto a oferecer a Borric uma escolha.

— Que escolha?

— Eu teria preferido deixar Borric governar o Ocidente, dividir o Reino e deixar cada um seguir seu destino; contudo, eu sabia que nenhum dos senhores ocidentais permitiria isso. Assim sendo, minha oferta a Borric era permitir que ele nomeasse meu sucessor, mesmo que fosse Lyam ou você. Eu teria nomeado qualquer um que ele escolhesse para Príncipe de Krondor, e asseguraria que eu não teria filhos para reclamar a coroa. Mas seu pai teria de me aceitar como Rei de Rillanon e jurar lealdade.

De repente, Arutha compreendeu o homem. Ele pôs de lado todas as questões de honra pessoal depois de ter perdido a mãe de Arutha para Borric, mas manteve uma honra acima de todas: sua honra perante o Reino. Mostrara-se disposto a fazer tudo, até regicídio — o que faria com que fosse encarado na História como um usurpador ou traidor —, para que um rei louco fosse derrubado. Isso deixou um sabor amargo na boca de Arutha.

— Com a morte de Rodric e a nomeação de Lyam como herdeiro, tudo isso deixou de ser importante. Não conheço seu irmão, mas penso que partilha parte do espírito de seu pai. Seja como for, o Reino estará em melhores mãos do que se Rodric continuasse a ocupar o trono.

Arutha suspirou.

— Você me deu muito em que pensar, Guy. Não aprovo seu raciocínio ou seus métodos, mas compreendo o que se passou.

— Sua aprovação é irrelevante. Não me arrependo de nada do que fiz, e reconheço que minha decisão de reclamar o trono para mim, ignorando o lugar de seu pai na linha de sucessão, foi em parte motivada por despeito. Se eu tive de abdicar de sua mãe, achei que seu pai teria de abdicar do trono. Mas, para além de meus motivos egoístas, também estou fortemente convencido de que seria um rei melhor do que seu pai. O que eu faço melhor é governar. Mas isso não significa que me sinto bem com o que tive de fazer. Não, o que quero é ser compreendido. Você não precisa gostar de mim, mas deve me aceitar como sou. Preciso de sua aceitação para assegurar o futuro de Armengar.

Arutha permaneceu calado, sentindo-se pouco confortável. Surgiu em sua mente a lembrança de uma conversa de dois anos antes.

— Não estou em posição de julgar — disse após um prolongado silêncio. — Eu me lembro de uma conversa que tive com Lyam sobre o túmulo de nosso pai. Eu estava pronto a aceitar a morte de meu irmão Martin em vez de arriscar uma guerra civil. Meu próprio irmão... — acrescentou suavemente.

— Tais decisões são uma consequência de governar. — Guy recostou-se, observando Arutha, até que por fim voltou a falar: — Como se sentiu depois

dessa decisão relativa a Martin?

Arutha pareceu relutante em partilhar aquilo com Guy. Contudo, depois de outro longo silêncio, fitou diretamente o Protetor.

— Sujo. Eu me senti muito sujo.

Guy esticou o braço.

— Então você compreende. — Lentamente, Arutha pegou a mão estendida e a apertou. — Agora, vamos ao que está em jogo. Quando chegamos aqui, Amos, Armand e eu estávamos doentes, feridos e morrendo de fome. Estas pessoas cuidaram de nós, desconhecidos em um mundo desconhecido, sem fazerem perguntas. Quando nos recuperamos, nós nos oferecemos para lutar, e depois descobrimos que era esperado que todos os que estivessem aptos servissem sem questionar. Assim, assumimos nossos postos na guarnição da cidade e começamos a conhecer Armengar. O Protetor anterior a Gwynnath era um comandante capaz, assim como ela, mas ambos sabiam pouco de táticas de guerra modernas. Mesmo assim, mantiveram a Irmandade e os goblins sob controle, sustentando um maldito equilíbrio. Então apareceu Murmandamus e as coisas se alteraram. Quando cheguei, a Irmandade ganhava três em cada quatro batalhas. Os armengarianos, pela primeira vez em sua História, estavam perdendo, sendo diariamente derrotados. Ensinei-lhes táticas de guerra modernas e acabamos impondo nossa força. Agora, nada acontece em um raio de trinta quilômetros de nossa cidade sem ser visto por um de nossos batedores ou patrulhas. Mas, mesmo assim, é tarde demais.

— Por que tarde demais?

— Mesmo que Murmandamus não estivesse a caminho para nos esmagar, a nação não aguentaria mais duas gerações. Esta cidade está definhando. Até onde sei, duas décadas atrás havia talvez umas quinze mil almas vivendo na cidade e nos campos ao redor. Há dez anos, eram onze ou doze mil. Agora, são mais ou menos sete mil, ou talvez até menos. O eterno estado de guerra, mulheres em idade fértil morrendo em combate, crianças morrendo quando uma fazenda ou aldeia é arrasada, tudo ajuda a criar uma população em declínio, um declínio que parece estar se acelerando. E há mais. É como se os anos de constante estado de guerra tivessem exaurido as forças desta gente. Apesar de toda a boa vontade em combater, parecem de algum modo indiferentes às necessidades do dia a dia. A cultura está desvirtuada, Arutha. Tudo o que eles têm é luta e, no final, morte. Sua poesia limita-se a sagas de heróis e a música não passa de cânticos de guerra. Você reparou que não há placas na cidade? Todo mundo sabe onde todos vivem e trabalham. Para que placas? Arutha, ninguém que nasceu em Armengar

sabe ler ou escrever. Não há tempo para aprender. É uma nação que desliza inexoravelmente para o barbarismo. Mesmo que não houvesse Murmandamus, bastariam duas décadas para a nação deixar de existir. Seriam como os nômades do Inferno Trovejante, e foram as lutas constantes que os deixaram assim.

— Percebo como tudo isso pode ter provocado certa frieza nesse povo, mas o que posso fazer para ajudar?

— Precisamos de auxílio. Entregaríamos com gosto o governo desta cidade a Brucal...

— Vandros. Brucal se aposentou.

— Que seja Vandros. Armengar ficaria pertencendo ao Ducado de Yabon. Estas pessoas fugiram do Reino há muito, muito tempo. Agora, não hesitariam em acolhê-lo, desde que eu ordenasse, pois mudaram demais. Mas, se me derem dois mil homens fortes de infantaria das guarnições de Yabon e de Tyr-Sog, eu mantenho a cidade contra as investidas de Murmandamus por mais um ano. Acrescentem mais mil e ainda dois mil cavalos, e liberto a Planície de Isbandia de todos os goblins e Irmãos das Trevas. Se me derem os Exércitos do Ocidente, eu empurro Murmandamus de volta até Sar-Sargoth, e destruo a cidade com ele lá dentro. Então poderemos ter comércio e crianças, e não pequenos guerreiros. Os poetas poderão compor, e os pintores, pintar. Teremos música e danças. E esta cidade talvez possa voltar a crescer.

— E você deseja permanecer como Protetor ou como Conde de Armengar? — questionou Arutha, ainda não totalmente livre de sua desconfiança.

— Maldição! — exclamou Guy, batendo pesadamente com a mão na mesa. — Se Lyam tiver a inteligência de um saco de pregos, sim. — Guy deixou-se cair de novo na cadeira. — Estou cansado, Arutha. Estou bêbado e cansado. — Seu olho são marejou. — Perdi a única coisa que me interessou em muitos anos, e tudo o que me resta são as necessidades deste povo. Não vou falhar com eles, mas assim que estiverem seguros...

Arutha estava espantado. Guy abrira sua alma para ele, e o que viu foi um homem sem grandes razões para continuar a viver. Era triste de se ver.

— Acho que sou capaz de convencer Lyam a aceitar, se você entender a atitude que ele terá em relação a você.

— Não me interessa o que ele pensa de mim, Arutha. Pode ter minha cabeça em troca. — Sua voz, mais uma vez, fez sobressair o quão cansado estava. — Acho que já não há nada que me interesse.

— Vou enviar mensagens.

Guy riu, demonstrando toda a amargura e frustração.

— Esse é o problema, querido primo. Você não achou que fiquei aqui sentado durante um ano esperando que o Príncipe de Krondor aparecesse por engano em Armengar, não é? Enviei uma dúzia de mensagens para Yabon e para o Castelo Alto, descrevendo em detalhes o que se passava aqui e aquilo que propus a você. Mas o complicado é que, se por um lado Murmandamus deixa todo mundo vir para o norte, nada, nem ninguém, passa para o sul. Aquele Caçador de Feras que você encontrou foi um dos últimos a tentar passar. Não sei o que aconteceu ao mensageiro que ele escoltava, mas imagino... — Deixou que a ideia se afastasse. — Está vendo, Arutha, estamos isolados do Reino. Completa e totalmente, e, a não ser que tenha uma ideia que nós ainda não tenhamos pensado, só nos resta rezar.

Martin acordou falando apressadamente, cuspindo a água que lhe enchia a boca. A gargalhada de Briana preencheu o quarto e ela atirou-lhe uma toalha. Voltou a repor na mesa o jarro de água.

— Você é tão difícil de acordar quanto um urso no inverno.

— Devo ser — disse Martin, piscando os olhos enquanto se secava. Fitou-a com um olhar sombrio, mas depois sua ira se desvaneceu quando viu o rosto sorridente dela. Após alguns momentos, retribuiu o sorriso. — Nos bosques, tenho o sono leve. Dentro de casa, relaxo.

Ela ajoelhou-se ao lado da cama e o beijou. Vestia uma túnica e calças.

— Tenho de ir a cavalo a uma de nossas fazendas. Quer vir? É só durante o dia.

Martin sorriu abertamente.

— Com certeza.

Ela voltou a beijá-lo.

— Obrigada.

— Por quê? — indagou, nitidamente confuso.

— Por ficar aqui comigo.

Martin olhou-a fixamente.

— Você está me agradecendo?

— Naturalmente, já que eu pedi.

— Vocês são um povo estranho, Bri. A maior parte dos homens que conheço não teria problemas em cortar minha garganta para poder ficar esta noite em meu lugar.

Ela girou ligeiramente a cabeça com um olhar espantado no rosto.

— Verdade? Que estranho. Poderia dizer o mesmo em relação a você e às mulheres daqui, Martin. Embora ninguém fosse lutar pelo direito de partilhar a cama com alguém. Aqui você é livre para escolher seus parceiros, e eles são livres para dizerem sim ou não. Por isso eu lhe agradeci, por dizer sim.

Martin a agarrou-a e a beijou, de maneira um pouco rude.

— Em minha terra, fazemos as coisas de maneira diferente. — Largou-a, de repente, preocupado com a possibilidade de ter sido brusco demais. Ela pareceu hesitante, mas não assustada. — Desculpe. É só que... *não* se tratou de um favor, Bri.

Ela se inclinou e colocou sua cabeça sobre o ombro dele.

— Você está falando de algo que vai além dos prazeres de uma cama.

— Sim.

Ela se manteve calada por muito tempo.

— Martin, aqui em Armengar somos suficientemente sábios para não planejar nada para um futuro muito distante. — Calou-se e surgiu-lhe um brilho nos olhos. — Minha mãe deveria ter casado com o Protetor. Meu pai morreu há onze anos. Teria sido uma união feliz. — Martin percebeu as lágrimas que escorriam pelo rosto dela. —Antigamente, tive um noivo. Ele foi a cavalo lutar contra uma investida de goblins em um povoado. Nunca voltou. — Ela o fitou atentamente. — Não fazemos promessas levianas. Uma noite a dois não é uma jura de amor.

— Não sou um homem leviano.

Ela o observou atentamente.

— Eu sei — disse em tom suave. — E eu não sou uma mulher leviana. Escolho meus parceiros com muito cuidado. Há algo crescendo rapidamente entre nós, Martin. Irá... se desenvolver, se permitirem o tempo e as circunstâncias, e nos preocuparmos com as consequências disso será um esforço desperdiçado. — Ela mordeu o lábio inferior enquanto lutava para escolher as palavras seguintes. — Sou uma comandante, conheço coisas que a maior parte das pessoas da cidade desconhece. Por ora, só posso lhe pedir que não espere mais do que aquilo que posso livremente oferecer. — Ao ver que ele ficava taciturno, ela sorriu e o beijou. — Venha, vamos cavalgar.

Martin se vestiu rapidamente, sem saber ao certo o que conquistara, mas com a certeza de que se tratava de algo importante. Sentiu-se simultaneamente aliviado e preocupado: aliviado por ter manifestado seus sentimentos, e preocupado por não ter sido muito claro e por ela ter lhe dado uma resposta perturbadora. Fosse como fosse, ele fora criado por elfos, e, tal como Briana

havia dito, a seu tempo, o que tivesse de acontecer aconteceria.

Arutha acabara de contar a Laurie, Baru e Roald a conversa que tivera na noite anterior. Os rapazes tinham saído já havia mais de um dia. Martin não regressara a seus aposentos, mas o irmão tinha uma ideia de onde ele poderia ter passado a noite.

Laurie pensou profundamente no que Arutha lhes contara.

— Então, a população está em declínio.

— Ou, pelo menos, assim diz Guy.

— Ele tem razão — disse uma voz vinda da porta.

Olharam e viram Jimmy e Locklear à entrada, cada um abraçando uma bela garota pela cintura. Locklear tinha dificuldade em manter uma expressão séria. Por mais que se esforçasse, sua boca insistia em mostrar um sorriso.

Jimmy apresentou Krista e Bronwynn e depois se explicou:

— As garotas nos mostraram a cidade. Arutha, há bairros inteiros vazios, casa após casa, sem ninguém vivendo nelas. — Olhou ao redor e, ao descobrir uma travessa de frutas, atacou uma pera. — Acho que antigamente viviam aqui mais de vinte mil pessoas. Agora, acho que nem metade.

— Já concordei, a princípio, em ajudar Armengar, mas o problema está em fazer chegar mensagens a Yabon. Parece que Murmandamus é negligente no que diz respeito a deixar as pessoas virem para cá, mas é mais rigoroso ao assegurar que ninguém saia.

— Faz sentido — afirmou Roald. — A maior parte dos que vêm do norte se dirigem, de qualquer maneira, para este campo de batalha. Portanto, que diferença faz se algumas pessoas conseguirem chegar à cidade para ajudar? Ele está engrossando as fileiras de seu exército e provavelmente, se quisesse, conseguiria chegar aqui.

— Acho que consigo passar — disse Baru — se for sozinho. — Arutha pareceu interessado, o que incentivou Baru a prosseguir: — Sou um montanhês e, apesar de este povo ter a mesma origem que eu, não deixam de ser pessoas da cidade. Apenas os que vivem nas fazendas e nos povoados mais altos devem ter capacidades como as minhas. Avançando de noite e me escondendo de dia, devo conseguir atravessar o território até as Montanhas de Yabon. Uma vez lá, não haverá um moredhel ou um goblin que consiga me acompanhar.

— O problema reside em chegar às Montanhas de Yabon — realçou Laurie. — Vocês se lembram de como aqueles goblins perseguiram aquele Caçador de

Feras durante o quê... dias? Não sei.

— Vou pensar nisso, Baru — disse Arutha. — Até pode ser que essa jogada desesperada seja nossa única saída, mas talvez haja outra forma. Podemos formar um grupo de assalto para levar alguém até o cume e depois dar a volta e combater, oferecendo a quem for para o sul o maior tempo possível para avançar. Pode não ser viável, mas vou discutir o assunto com Guy. Se não conseguirmos delinear outro plano, permitirei que você tente. Embora não me pareça que ir sozinho seja necessariamente a melhor opção. Nós nos saímos bem como uma pequena companhia, entrando e saindo de Moraelin. — Levantou-se. — Se algum de vocês pensar em um plano melhor, será bem-vindo. Vou me juntar a Guy na inspeção às ameias. Se estivermos enfiados aqui quando o ataque começar, será bem-vinda toda a ajuda que pudermos oferecer. — Saiu da sala.

O cabelo de Guy esvoaçou livremente ao vento enquanto observavam a planície para além da cidade.

— Inspecionei cada milímetro desta muralha e ainda não consigo acreditar na excelência da engenharia.

Arutha concordou plenamente. As pedras utilizadas tinham sido cortadas com uma precisão inimaginável pelos mestres de obras e pelos pedreiros do Reino. Ao fazer deslizar sua mão pelas junções, mal conseguia perceber onde começava uma pedra e terminava outra.

— É uma muralha que poderia ter desafiado os engenheiros militares de Segersen, caso tivessem vindo.

— Temos bons engenheiros em nosso exército, Arutha. Não sei como esta muralha poderia ser derrubada, a não ser por um milagre. — Sacou sua espada e bateu com força suficiente para fazer a lâmina retinir. Então apontou para o merlão que atingira. Arutha inspecionou o local e viu apenas um pequeno arranhão com uma cor mais leve. — Parece uma espécie de granito azul, como pedra de ferro, mas ainda mais duro. É uma pedra bastante comum nestas montanhas, mas mais difícil de trabalhar do que qualquer outro material que eu conheça. Não se sabe como foi trabalhada. E as bases abaixo das colunas estão enterradas seis metros debaixo de terra e têm nove metros da frente à parte de trás. Nem consigo imaginar como os blocos foram transportados das pedreiras nas montanhas até aqui. Se conseguíssemos fazer um túnel por baixo, o mais provável era que toda a seção da muralha afundasse e nos esmagasse. E nem mesmo isso é viável, porque a muralha está sobre um leito de rocha.

Arutha apoiou-se na parede, e olhou para a cidade e para a cidadela mais atrás.

— Esta é, sem dúvida, a cidade mais defensável que já conheci. Você poderia ganhar apostas de vinte contra um, no mínimo.

— Dez para um é a probabilidade mais comum para invadir um castelo, mas estou tentado a acreditar no que você diz. A não ser por uma coisa: a maldita magia de Murmandamus. Ele pode não ser capaz de derrubar estas paredes, mas apostaria que tem meios para transpô-las, seja como for. Caso contrário, não viria até aqui.

— Tem certeza? Por que não junta uma pequena força de ataque e empurra o exército dele para o sul?

— Ele não é capaz de nos esquecer. Já andava nos importunando um ano antes de eu assumir o comando e já teria nos destruído até a morte se eu não tivesse alterado as regras do jogo. Durante os dois últimos anos, ensinei aos nossos soldados tudo o que sei. Com Armand e Amos ajudando a ensiná-los, agora conhecem as vantagens das táticas modernas de guerra. Não, Murmandamus sabe que tem um exército de setecentos armengarianos pronto a persegui-lo caso opte por dar a volta e ir embora. Ele não pode nos deixar para trás. Já pisamos em seus calcanhares.

— Portanto, ele primeiro tem de se livrar de vocês para depois poder voltar suas atenções para o Reino.

— Sim, e deve fazer isso rapidamente ou vai perder mais uma estação. O inverno chega muito rápido por aqui. A neve começa a cair algumas semanas antes de cair no Reino. Os caminhos ficam bloqueados em poucos dias, às vezes em poucas horas. Assim que avançar para o sul, não lhe restará alternativa além de vencer, pois não poderá recuar o exército para o norte antes da chegada da primavera. O tempo já está contando para ele. Eles devem chegar dentro de duas semanas.

— Então temos de fazer passar a mensagem rapidamente.

Guy assentiu com a cabeça.

— Venha, vou mostrar mais umas coisas.

Arutha seguiu o homem, assolado por um estranho sentimento de lealdade dividida. Sabia que tinha de ajudar os armengarianos, mas ainda não se sentia muito à vontade com Guy. Arutha acabara de saber por que razão Guy fizera o que fizera e, de certa forma, contrariado, ele até o admirava, embora não gostasse dele. E sabia por que não gostava: Guy o levou a perceber uma semelhança de caráter entre os dois, uma disponibilidade para fazer o que é

necessário, independentemente do custo. Até então, Arutha nunca fora tão longe quanto Guy, mas percebeu que, se estivesse em seu lugar, poderia ter agido do mesmo modo. Descobriu, por isso, algo em si mesmo que teria preferido não saber.

Avançaram pelo meio da cidade e Arutha lhe fez perguntas sobre os detalhes que observara quando entraram pela primeira vez em Armengar.

— Sim — disse Guy —, não há linhas diretas de fogo, para que cada canto possa ocultar uma emboscada. Tenho um mapa da cidade na cidadela, e a cidade foi desenhada assim intencionalmente, nada surgiu por acaso. Assim que se percebe o padrão, é fácil saber que direções escolher para chegar a determinado ponto da cidade, mas sem conhecer o padrão, é fácil andar em círculos e ir para a muralha exterior. — Apontou para um edifício. — Nenhuma casa tem janelas para a rua e todos os telhados têm uma plataforma para instalar arcos. Esta cidade foi erguida para fazer a vida dos atacantes um inferno.

Rapidamente entraram na cidadela e viram os rapazes atravessando o pátio.

— Onde estão as garotas? — perguntou Arutha.

Locklear tinha um ar desapontado.

— Foram fazer algumas coisas antes de regressarem ao serviço.

Guy observou os dois escudeiros.

— Bem, assim sendo, se vocês não têm nada melhor para fazer, podem nos acompanhar.

Seguiram Guy até o primeiro andar e entraram no elevador. Guy tocou a sineta, dando sinal para que subissem até o telhado mais alto. Ao chegarem lá, olharam para baixo, em direção à cidade e à planície mais atrás.

— Armengar. — A mão dele percorreu o horizonte. — Ali — apontou — fica a Planície de Isbandia, cortada pelo Vale de Isbandia, o limite de nossos domínios ao norte e a noroeste. A planície mais atrás é controlada por Murmandamus. A leste, fica a Floresta de Edder, quase tão vasta quanto o Bosque Negro ou o Coração Verde. Pouco sabemos sobre ela, a não ser que é seguro ir buscar madeira em seus limites. Quem quer que se infiltre alguns quilômetros para o interior provavelmente nunca mais será visto. — Apontou para o norte. — Para além do vale, fica Sar-Sargoth. Quem for suficientemente corajoso pode escalar as colinas na vertente norte do vale para olhar sobre a planície as luzes da cidade gêmea desta.

Jimmy observou com atenção as máquinas de guerra dispostas no telhado.

— Não conheço muito sobre o assunto, mas estas catapultas são capazes de disparar para além da muralha exterior?

— Não — Guy limitou-se a responder. — Acompanhem-me.

Todos voltaram ao elevador e Guy puxou a corda. Arutha reparou que havia um código para indicar se era para subir ou descer e também, calculou, para cada andar.

Desceram ao térreo e depois ainda mais abaixo. Chegaram a um porão vários níveis abaixo do solo e Guy os conduziu para fora da plataforma. Passaram por um mecanismo gigante de guindaste, com um grupo de quatro cavalos engatado a uma roda enorme, que Arutha calculou se tratar da fonte de energia do elevador. Tinha, sem dúvida, uma aparência impressionante, com uma enorme lingueta e rodas dentadas e uma estranha corda múltipla e mecanismos de roldanas. Todavia, Guy não prestou atenção à equipe de cavalos e de tratadores e passou por eles sem parar. Indicou uma porta enorme, trancada por dentro.

— É o buraco por onde se pode fugir daqui. Nós o mantemos selado, pois, por algum motivo, quando a porta se abre, sopra constantemente uma brisa por aqui, algo a ser evitado. — Em frente à grande porta havia outra, que ele abriu, conduzindo-os a um túnel natural. Pegou uma estranha lanterna que estava ao lado da porta; brilhava com uma luz mais tênue do que seria de esperar.

— Esta coisa recorre a uma espécie de alquimia para gerar luz — disse Guy. — Não é algo que eu compreenda totalmente, mas funciona. Não nos arriscamos a ter chamas por aqui. Já vão ver por quê.

Jimmy examinava as paredes e arrancou uma substância com textura de cera, branca e escamosa. Esfregou-a com o polegar e o indicador e cheirou-a.

— Já entendi — disse, fazendo uma careta. — Nafta.

— Sim. — Guy olhou para Arutha. — Ele é esperto.

— E está sempre pronto a me lembrar disso. Como você sabe disso?

— Você se lembra da ponte ao sul de Sarth, no ano passado? Aquela que incendiei para impedir que Murad e os Exterminadores Negros a cruzassem? Foi isso que usei, nafta destilada.

— Venham — disse Guy, levando-os por outra porta.

O cheiro desagradável de alcatrão penetrou em suas narinas quando entraram na câmara. Havia baldes estranhos e enormes pendurados em correntes. Uma dúzia de homens de tronco nu trabalhava para enfiar os baldes em uma enorme lagoa de líquido negro. As estranhas lanternas ardiam na caverna, mas o local estava praticamente mergulhado na escuridão.

— Temos túneis ao longo de toda a montanha, e encontramos esta substância em todos eles. Há alguma fonte natural de nafta lá embaixo e está sempre vindo para a superfície. Temos sempre de retirá-la, caso contrário, começa a jorrar lá

em cima nos porões da cidade, através de fendas na base de rocha. Se parássemos o trabalho, a substância levaria poucos dias para inundar os porões. No entanto, como os armengarianos já fazem isso há anos, a situação está controlada.

— Já entendi por que você não quer arriscar um incêndio — disse Locklear, sem disfarçar o espanto.

— Com incêndios nós podemos lidar. Já tivemos dezenas deles, o último ainda no ano passado. O que descobrimos, ou melhor, o que os armengarianos descobriram foram alguns usos para este material que não temos no Reino. — Levou-os para outra câmara, onde estranhos tubos espiralados corriam entre tanques. — Aqui, fazemos a destilação, assim como outras misturas. Compreendo um décimo do que se processa aqui, mas os alquimistas podem explicar. Fazem uma série de coisas a partir desta nafta, até mesmo uns unguentos esquisitos que impedem a putrefação das feridas, mas uma coisa que descobriram foi o segredo de fazer o fogo dos queguianos.

— O fogo dos queguianos! — exclamou Arutha.

— Não é assim que eles chamam, mas dá no mesmo. As paredes são de calcário, e é o pó do calcário que transforma a nafta no óleo do fogo dos queguianos. Se for lançado de uma catapulta, começa a queimar e nem a água o apaga. Por isso, temos de ser tão cuidadosos para que não comece a queimar. — Olhou para Locklear. — Os gases são pesados e se infiltram no solo, mas, se os deixarmos acumular para depois os ventilarmos e acendermos uma centelha, eles explodem. — Apontou para uma caverna distante, cheia de barris de madeira. — Aquele porão de armazenamento não existia há dez anos. Quando se esvazia um barril, ele é de novo enchido ou colocado debaixo da água até ser utilizado. Algum palerma deixou três deles vazios e, de alguma forma, uma centelha atingiu um e... Basta o material que se infiltra na madeira e depois evapora para gerar uma tremenda explosão. Por isso, mantemos as portas fechadas. A brisa das montanhas que percorre o buraco de fuga pode soprar todo este complexo em um dia ou dois. E se tudo isso explodir de uma vez... — Deixou que a imaginação deles traçasse o quadro. — Já faz dois anos que coloquei os armengarianos para fazer isto, para brindar Murmandamus com uma calorosa recepção quando chegar.

— Quantos barris? — perguntou Arutha.

— Mais de vinte e cinco mil.

Arutha ficou abismado. Quando conheceu Amos, o pirata tinha duzentos barris no porão de seu barco, um fato desconhecido pelos salteadores tsurani que

puseram fogo em seu navio. Quando este explodiu, cuspiu uma coluna de fogo que atingiu uma altura de dezenas de metros, engolindo o barco em um instante e incinerando-o em poucos minutos. A luz gerada pelas chamas foi vista a quilômetros de distância ao longo da costa. Se metade da cidade já não tivesse sido incendiada pelos salteadores tsurani, o fogo teria devastado Crydee.

— É o suficiente...

— Para incendiar toda a cidade — Guy terminou a frase.

— Para que tanto? — quis saber Jimmy.

— Há algo que todos vocês devem compreender. Os armengarianos nunca pensaram em sair daqui. Segundo eles, não há outro local onde possam se refugiar. Vieram para o norte para fugir do Reino, então entendem que não podem voltar ao sul. Por todos os lados, veem inimigos. Se acontecer o pior, preferem pôr fogo na cidade em vez de a deixarem cair nas mãos de Murmandamus. Desenvolvi um plano além desse, mas, em ambos os casos, ter muito fogo pode se revelar útil. — Regressou ao túnel que dava acesso ao elevador, seguido pelos outros.

Martin sentou-se para descansar encostado em uma árvore. Beijou o cabelo de Briana quando ela se aconchegou em seus braços. Ela se pôs a olhar para algum local imaginário. À frente, um pequeno regato abria caminho por entre o bosque, que os brindava com uma sombra fresca e leve. A patrulha dela se dispersara ao meio-dia para uma refeição, fornecida pelos agricultores locais. A região de bosques deixara Martin mais relaxado do que conseguira ficar nos últimos meses, mas ainda assim continuava preocupado. Tinham feito amor debaixo das árvores e, agora, limitavam-se a tirar prazer da companhia um do outro, mas Martin ainda sentia falta de algo.

— Bri, queria que isto durasse para sempre — disse ao ouvido dela.

Ela suspirou e abanou ligeiramente a cabeça.

— Eu também, Martin. Você é um homem como... nunca conheci nenhum. Penso que não poderia desejar melhor.

— Quando tudo isto terminar...

Ela o interrompeu:

— Quando tudo isto terminar, poderemos conversar. Venha, devemos voltar. — Ela se vestiu rapidamente, enquanto Martin a apreciava descaradamente. Não tinha a beleza delicada das mulheres que ele conhecera em sua terra. Havia certa dureza em sua compleição, mas mesclada com uma enorme feminilidade. Não

era, segundo nenhum padrão de beleza, uma mulher bonita, mas era atraente e, com a apelativa autoconfiança que Martin via nela, era espantosa, até mesmo bela. Conquistara-o de todas as formas possíveis.

Acabou de se vestir e, antes que ela pudesse se afastar, esticou a mão e agarrou-a pelo braço, virando-a e puxando-a para si.

— Eu não preciso falar, mas você conhece minha necessidade e meu desejo — ele disse depois de beijá-la com grande paixão. — Esperei tempo demais por você.

Ela olhou para cima e fitou seus olhos negros. Ergueu a mão e tocou em seu rosto.

— E eu por você. — Beijou-o suavemente. — Temos de voltar.

Ele deixou que ela o guiasse até a aldeia. Dois guardas dirigiram-se a eles quando saíram do bosque. Pararam.

— Comandante, estávamos prestes a ir buscá-la — disse um deles.

Ela olhou para o outro homem, que não pertencia à sua companhia.

— O que está acontecendo?

— O Protetor ordenou às patrulhas que passem em todas as fazendas e povoados ordenando que as pessoas os abandonem. Todo o povo deve se dirigir imediatamente para a cidade. O exército de Murmandamus está em marcha. Ainda esta semana estarão posicionados diante das muralhas.

— Deem ordem de partida — indicou Briana. — Vamos dividir a patrulha. Grenlyn, leve metade dos homens e se dirija à aldeia das terras baixas e às fazendas ribeirinhas. Eu levo os outros mais para cima ao longo da colina. Quando terminar, volte logo. O Protetor vai precisar de todas as sentinelas que puder reunir. Parta rapidamente. — Olhou para trás, em direção a Martin. — Venha, temos muito a fazer.

11

Descoberta

Gamina sentou-se, gritando.

Em um segundo, Katala estava no quarto da criança, segurando-a nos braços. Gamina soluçou por alguns momentos e depois se acalmou, no instante em que o sonolento William entrou em seu quarto, seguido por um dragonete mal-humorado.

— Foi um pesadelo, querida? — perguntou Katala.

Gamina fez que sim.

— Foi, mamãe — respondeu com brandura. Estava, enfim, aprendendo a falar, mas nem sempre conseguia acompanhar o discurso mental que a tornara um talento especial desde seu nascimento.

Após a morte de sua família, Gamina havia sido protegida por Rogen, o vidente cego, antes de ele levá-la para Doca da Estrela. Rogen ajudara Pug a descobrir que o Inimigo, além de todos os outros problemas, estava atacando o Reino. Ao desvendar esse segredo, o velho se ferira. Ele e Gamina tinham ficado com a família de Pug enquanto se restabelecia, e, durante o último ano, praticamente haviam se tornado familiares. Rogen fora como um avô para William, enquanto Katala se tornara uma espécie de mãe para Gamina, e William um irmão. O velho morrera tranquilamente durante o sono três meses antes, mas, enfim, estava feliz, pois viu sua protegida encontrar outros, além dele, a quem pudesse amar e nos quais poderia confiar. Katala abraçou e acariciou a criança enquanto ela se acalmava.

Meecham, um homem livre alto, precipitou-se em direção ao quarto, à procura da origem de um eventual perigo. Regressara da Assembleia de Kelewan com Hochopepa e Elgahar pouco depois de Pug ter partido em busca dos Vigilantes. Seu outro companheiro, o Irmão Dominic, regressara à abadia ishapiana de Sarth. Meecham decidira, por conta própria, assumir o cargo de protetor da família de Pug enquanto o mago estivesse em Kelewan. Apesar de

sua aparência feroz e de seu comportamento estoico, era um dos favoritos de Gamina. Ela o chamava de Tio Meecham. Ele se colocou atrás de Katala, exibindo à menina um de seus raros sorrisos.

Hochopepa e Kulgan entraram no quarto, dois magos de mundos diferentes, mas parecidos um com o outro em muitos sentidos. Ambos se apressaram em direção à criança.

— Ainda trabalhando? — perguntou Katala.

— Claro que sim, ainda é cedo — respondeu Hochopepa. Então levantou a cabeça. — Não é?

— Não, a não ser que pretenda dizer... que já é cedo em relação a amanhã — informou Meecham. — Já é uma hora da madrugada.

— Bem, estávamos envolvidos em uma conversa bastante interessante e...

— Perderam a noção do tempo — concluiu Katala. O tom de sua voz era levemente reprovador e igualmente bem-humorado. Pug era o legítimo proprietário de Doca da Estrela e, desde que partira, ela assumira o comando da comunidade. Sua calma inata, sua inteligência e a capacidade para lidar bem com as pessoas fizeram dela a líder natural das diversas comunidades de usuários de magia e respectivas famílias, embora ocasionalmente se ouvisse Hochopepa chamá-la de “aquela mulher tirânica”. Ninguém se importava, pois sabiam que ele falava com respeito e afeto.

— Estávamos discutindo alguns relatórios enviados por Shimone à Assembleia — explicou Kulgan. Haviam estabelecido que o portal entre os dois mundos seria aberto por breves instantes, sempre em uma mesma base, em data agendada, para que pudessem ser trocadas mensagens entre a Academia de Doca da Estrela e a Assembleia dos Magos de Kelewan.

Katala olhou para cima esperançosa, mas Hochopepa disse:

— Ainda não há sinal de Pug.

— Hocho, Kulgan, podem fazer como quiserem em suas pesquisas — disse Katala suspirando e repentinamente irritada —, mas o pobre Elgahar parece prestes a desistir. Ele dá a maior parte do treinamento aos novos magos do Caminho Superior, e nunca se queixa. Vocês devem fazer algum esforço para ajudá-lo.

— Fomos devidamente repreendidos — disse Kulgan, depois de sacar seu cachimbo. Ele e Hochopepa trocaram olhares. Ambos sabiam que os modos bruscos de Katala se deviam à frustração de ter o marido ausente já havia mais de um ano.

— É verdade — disse Hochopepa. Ele também preparou um cachimbo,

hábito adquirido após um ano trabalhando ao lado de Kulgan. Tal como Meecham havia dito anteriormente, os dois magos eram farinha do mesmo saco.

— E, se pretendem acender essas coisas malcheirosas, levem-nas para fora daqui — ordenou Katala. — Este é o quarto da Gamina, e não quero o lugar fedendo a fumo.

Kulgan estava prestes a acender seu cachimbo, mas se deteve.

— Muito bem. Como está a criança?

Gamina já havia parado de chorar e falou suavemente:

— Estou bem. — Desde que aprendera a falar, nunca elevara a voz acima de um delicado murmúrio infantil, a não ser quando gritara, alguns minutos antes. — Tive... um pesadelo.

— Que tipo de pesadelo? — quis saber Katala.

Os olhos de Gamina começaram a brilhar com lágrimas.

— Ouvi papai me chamando.

Kulgan e Hochopepa olharam atentamente para baixo, em direção à criança.

— O que ele disse, menina? — perguntou suavemente Kulgan, para não assustá-la.

Katala ficou pálida, mas não mostrou outros sinais de medo. Nascera de uma linhagem de guerreiros e podia enfrentar tudo, exceto não saber o que se passava com o marido.

— O que ele disse, Gamina? — perguntou, com delicadeza.

— Ele estava... — Como sempre fazia ao ficar nervosa, passou a se comunicar através da mente. *Ele estava em um lugar estranho, muito longe daqui. Estava com outra pessoa. Ou outras? Ele disse, ele disse...*

— O quê, menina? — insistiu Hochopepa.

Ele disse que temos de esperar por uma mensagem, e depois qualquer coisa... se alterou. Ele... desapareceu? Em um lugar vazio? Fiquei assustada. Eu me senti tão sozinha.

Katala apertou a criança em seus braços. Controlou a voz, mas foi com medo que falou:

— Você não está sozinha, Gamina.

Contudo, dentro dela, ecoavam ainda os pensamentos da menina. Nem mesmo quando Pug foi afastado dela pela Assembleia para se tornar um Grande ela se sentira assim tão solitária.

Pug fechou os olhos devido ao cansaço. Deixou a cabeça cair para a frente até

pousá-la no ombro de Tomas, que olhou para trás.

— Conseguiu passar?

— Sim — respondeu, suspirando forte. — Mas... foi mais complicado do que pensava e assustei a criança.

— Mas, ainda assim, conseguiu chegar lá. Pode fazer de novo?

— Acho que sim. A mente da menina é única, e da próxima vez deve ser mais fácil alcançá-la. Já sei melhor como funciona. Antes só tinha a teoria; agora, a prática.

— Ótimo. Podemos precisar dessa habilidade.

Estavam atravessando rapidamente o espaço cinzento que começaram a designar de *portal-espaço*, aquele lugar entre as margens do tempo e do universo físico. Tomas convocara Ryath quando Pug comunicou o fim de seu contato com Doca da Estrela. O dragão acabara de enviar uma mensagem por telepatia: *Para onde deseja viajar, valheru?*

— Para a Cidade da Eternidade — Tomas respondeu em voz alta.

Ryath pareceu estremecer ao controlar o vazio que a envolvia, para poder utilizá-lo em seu proveito na viagem. O cinza pouco característico acima deles pulsou e, de alguma forma, mudaram de direção dentro daquela dimensão sem limites, daquele não lugar. E então a faixa acinzentada que estava sobre eles se rasgou e logo estavam em outro lugar.

Um ponto estranho formou-se à frente no meio do cinza, o primeiro indício de qualquer realidade dentro do portal-espaço. Cresceu rapidamente, como se Ryath estivesse percorrendo velozmente algum plano físico e eles fossem por cima. Era uma cidade, um lugar de uma beleza terrível e estranha. Possuía torres de simetria harmonizada, inacreditavelmente esguias, edifícios com uma arquitetura estranha que se estendiam por baixo dos arcos abobadados que uniam as torres. De fontes com formas complexas jorrava um líquido prateado que se transformava em cristais, enchendo o ar com um tinido musical quando eles se estilhaçavam sobre os azulejos das fontes, tornando-se de novo líquidos e escorrendo por ralos.

O dragão deu uma volta e diminuiu a altitude, sobrevoando o centro de uma magnífica avenida com quase cem metros de largura. Toda a rua estava coberta de azulejos e neles brilhavam tonalidades suaves, cada uma sutilmente diferente da seguinte, de modo que, a alguma distância, mais parecia um arco-íris que pouco a pouco mudava de cor. E, conforme a sombra do dragão passava por

cima, os azulejos piscavam e reluziam, mudando depois de cor, e a música enchia a atmosfera, uma melodia de beleza majestosa, gerando uma saudade lancinante de campos verdes entrecortados por riachos brilhantes, enquanto o crepúsculo em leves tons pastel pintava as magníficas montanhas. As imagens eram arrebatadoras e Pug sacudiu a cabeça para limpar a mente, pondo de lado a suave tristeza gerada pelo conhecimento de que nunca seria possível encontrar outro lugar tão maravilhoso como aquele. Enquanto se dirigiam para o centro da cidade, voaram sob arcos gigantescos com trezentos metros de altura e sob minúsculas pétalas de um branco e dourado reluzente, brilhando em tons de rosa e escarlate; tons pastel azuis e verdes derramaram-se sobre eles, como uma suave carícia de chuva com aroma de flores silvestres.

— Quem construiu estas maravilhas? — indagou Pug.

— Ninguém sabe — respondeu Tomas. — Alguma raça desconhecida. Talvez os deuses falecidos. — Pug observou atentamente a cidade enquanto a sobrevoavam. — Ou talvez ninguém a tenha construído.

— Como isso é possível? — questionou Pug.

— Em um universo infinito, todas as coisas não só são possíveis como também, por mais improvável que seja, certamente existem em algum lugar e em algum tempo. É possível que esta cidade tenha desabrochado no próprio momento da criação. Os valheru foram os primeiros a encontrá-la, em uma era já muito distante, tal como você a vê agora. É um dos maiores mistérios dos muitos universos que os valheru percorreram. Nunca ninguém viveu aqui, ou, pelo menos, nós, os valheru, nunca encontramos ninguém aqui. Alguns vieram para cá passar algum tempo, mas ninguém permaneceu muito. Este local nunca se altera, pois está situado onde não existe o verdadeiro tempo. Dizem que a Cidade da Eternidade pode ser a única coisa imortal do universo. — Quando voltou a falar, seu tom era triste e pesaroso: — Alguns valheru já tentaram destruí-la, só por despeito. Pode ser, portanto, a única coisa insensível à raiva deles.

E então um leve movimento chamou a atenção de Pug, e de repente um formigueiro de criaturas saltou do topo de um edifício distante; abriram as asas e inclinaram-se em sua direção. Pug apontou para lá.

— Parece que somos aguardados — afirmou Tomas.

As criaturas se aproximaram velozes. Eram versões vermelhas maiores dos seres elementais que Pug destruíra nas margens do Grande Lago das Estrelas no ano anterior. Tinham forma de homens e enormes asas de morcego cor de carmim que batiam ao vento conforme se aproximavam dos dois viajantes de dragão.

— É melhor pousarmos? — perguntou Pug calmamente.

— Isto não passa do primeiro teste. São insignificantes.

Ryath soltou um grito de guerra e o exército de demônios se retraiu, para depois investir novamente. À primeira passagem, a espada dourada de Tomas desenhou um arco e duas criaturas tombaram sobre as pedras abaixo, lançando gritos agonizantes depois de lhes terem sido cortadas as asas semelhantes às de morcegos. Pug reuniu energias azuis que dançaram de criatura em criatura, levando-as a se contorcer de dor enquanto caíam, incapazes de voar. Sempre que uma delas caía no solo, desvanecia-se em uma chama verde e em centelhas prateadas. Ryath soltou um sopro de fogo e todas as que estavam a seu alcance foram reduzidas a cinzas. As criaturas não demoraram muito a desaparecer.

O dragão fez uma curva e voou na direção de uma sinistra construção feita de pedra preta, instalada no seio da beleza como um mal melancólico.

— Alguém fez com que se tornasse bem óbvio onde fica nosso destino — notou Tomas. — É uma armadilha, sem dúvida.

— Será necessário proteger Ryath? — perguntou Pug.

O dragão bufou, mas Tomas respondeu:

— Apenas contra a magia mais poderosa, e, se isso falhar, estaremos mortos e ela poderá regressar ao verdadeiro universo. Você ouviu?

Escutei e compreendi, respondeu o dragão.

Desceram rapidamente sobre um pátio de tijolos e o dragão traçou um círculo. Tomas recorreu a seus poderes para elevar a si mesmo e a Pug do dorso de Ryath; pousaram nas pedras.

— Volte às montanhas e descanse. A água é doce e a região, tranquila. Se algo der errado, parta quando quiser. Se precisarmos de você, aqui ou em Midkemia, ouvirá meu chamamento.

Responderei, Tomas.

O dragão partiu e Tomas se virou para Pug.

— Vamos em frente, certamente iremos encontrar uma recepção interessante adiante.

Pug olhou para o amigo de infância.

— Mesmo quando éramos crianças, sua noção de interessante era um pouco mais abrangente do que a minha. Contudo, não há como escolher. Iremos encontrar Macros aqui?

— Provavelmente não, pois fomos encaminhados para cá. Suspeito que o Inimigo não iria facilitar as coisas.

Entraram pela única porta do enorme edifício preto e, assim que ambos a

transpuseram, uma grande porta preta desceu, bloqueando sua saída. Tomas olhou para trás, divertindo-se.

— Lá se foi uma retirada fácil.

Pug avaliou a pedra.

— Se for necessário, poderei lidar com isso, mas levará algum tempo.

Tomas assentiu com a cabeça.

— Também me parece. Vamos em frente.

Percorreram um comprido corredor, e Pug gerou uma luz que brilhava intensamente em um círculo, envolvendo-os. As paredes não tinham marcas e eram macias e lisas, conduzindo-os em uma única direção. O chão parecia feito do mesmo material.

No final do corredor, deram com uma porta lisa, impossível de ser aberta. Pug observou-a atentamente e lançou um feitiço. Com um rangido, a porta subiu, dando-lhes passagem. Subiram para um enorme átrio circular onde havia várias portas. Ao entrarem, essas portas se abriram e delas saiu uma horda desorganizada de criaturas, rosnando e guinchando. Macacos com cabeças de águia, gatos gigantes com carapaças de tartaruga, serpentes com braços e pernas, homens com braços a mais — um exército de horrores investiu sobre eles.

— Prepare-se, Pug — gritou Tomas, desembainhando a espada e erguendo o escudo.

Pug lançou um feitiço e um anel vermelho flamejante explodiu para cima, sobre eles, engolindo a primeira fileira de criaturas, que explodiram em raios extremamente quentes e prateados. Muitas das criaturas se esconderam, mas as que conseguiram saltar ou voar se afastaram da parte de cima para serem despedaçadas pela espada dourada de Tomas. Quando as golpeava, elas se desfaziam em uma chuva de faíscas reluzentes e prateadas, acompanhada por um odor fétido. As criaturas continuaram a pressionar e não paravam de surgir, vindas de todas as portas. Conforme avançavam, as que seguiam na frente eram empurradas para as chamas mágicas de Pug e explodiam em um clarão de luz antes mesmo de se desintegrarem.

— Parecem não ter fim — Pug comentou.

Tomas assentiu enquanto cortava ao meio um rato gigante com asas de águia.

— Consegue fechar as portas?

Pug trabalhou sua magia e um gemido alto de metal e pedra rangendo encheu a sala quando as portas foram forçadas a se fechar. As criaturas que tentavam abrir caminho à força foram esmagadas entre as portas e a parede, perecendo em meio a gritos de misericórdia, guinchos e piados. Tomas se livrou de todos os

monstros que escaparam das chamas e, por um minuto, ele e Pug ficaram sozinhos no círculo de fogo.

Tomas arquejou de leve.

— Isto é muito irritante.

— Eu consigo acabar com isto — garantiu Pug. O círculo ardente começou a se expandir para fora, matando cada criatura em que tocava. Rapidamente, passou a pressionar as próprias paredes da sala e, quando a última criatura morreu na explosão e guinchou, as chamas se extinguiram. Pug olhou em volta. — Atrás de cada uma das portas há dezenas destas feras. Qual será o melhor caminho?

— Acho que será para baixo — respondeu Tomas.

Pug estendeu a mão e Tomas colocou seu escudo nas costas. Deu a mão a Pug, enquanto ainda apertava sua espada. Foi proferido mais um encantamento e Tomas viu seu companheiro ficar transparente. Olhou para baixo e verificou que conseguia ver o chão através de seu próprio corpo. Pug falou, mas pareceu distante:

— Não largue minha mão enquanto eu não mandar, ou será difícil trazê-lo de volta.

Então Tomas viu o chão subir, ou melhor, viu a si mesmo afundar. Foram engolidos pelas trevas enquanto atravessavam as rochas. Após um bom tempo, a luz voltou quando entraram em outra câmara. Algo cruzou rapidamente o ar e Tomas sentiu uma dor no flanco. Olhou para baixo e viu um guerreiro de pé, um ser com ombros poderosos e cabeça de javali, vestindo uma armadura metálica de um azul-turquesa no peito e nas costas. A criatura rugiu, baba pingando de suas longas presas ao apontar para Tomas um terrível machado de lâmina dupla. Tomas mal teve forças para conseguir levantar sua própria espada.

— Largue-me! — gritou Pug.

Tomas soltou a mão de Pug e instantaneamente tornou-se de novo sólido. Pousou no chão, caindo ligeiramente à frente do homem-javali no momento em que a criatura impulsionava seu machado. Tomas se esquivou novamente e recuou, enquanto tentava pegar seu escudo. Pug caiu de pé e começou a proferir um encantamento. O javali moveu-se mais rapidamente do que seria de esperar de uma criatura tão grande e Tomas não teve alternativa além de se defender. Então o valheru contra-atacou, desviando-se e golpeando, e feriu a criatura. O javali recuou, rugindo de raiva.

Pug gerou uma corda de fumaça pulsante que se expandia lentamente, movendo-se como uma serpente. Avançou apenas alguns metros nos primeiros

segundos, mas depois começou a ganhar velocidade. Então, como uma serpente atacando, a fumaça chicoteou e atingiu o javali nas pernas. A fumaça se tornou instantaneamente sólida, prendendo a criatura em botas tão pesadas quanto pedras. A coisa rugiu de raiva ao tentar se mover. Sem possibilidade de se defender, o homem-javali foi rapidamente eliminado por Tomas. Ele limpou sua lâmina.

— Obrigado pela ajuda. Já estava ficando irritado.

Pug sorriu ao ver que seu amigo de infância continuava o mesmo em alguns aspectos. Sabia que Tomas acabaria derrotando a criatura, mas não queria desperdiçar tempo.

Tomas retraiu-se ao examinar seu flanco.

— Aquele machado tinha algum poder mágico inesperado, pois me atingiu enquanto estávamos incorpóreos.

— É raro, mas não é algo de que nunca tenha ouvido falar — concordou Pug. Tomas fechou os olhos e Pug viu o ferimento sarando. Primeiro o sangue parou de jorrar e em seguida a pele se fechou. Surgiu uma cicatriz vermelha enrugada, que começou a desaparecer até a pele se tornar imaculada. Não demorou muito até que a cota de malha dourada e o tabardo branco ficassem remendados. Pug estava impressionado.

Olhou ao redor, sentindo-se desconfortável.

— Isso parece fácil demais. Depois de tanta fúria e barulho, essas armadilhas são de dar pena.

— Não são assim tão ruins. — Tomas passou os dedos em seu próprio flanco. — Mas, de modo geral, eu concordo. Acho que esperam que fiquemos ousados demais e sejamos imprudentes.

— Então, vamos ser cautelosos.

— Vejamos. O que vem agora?

Pug olhou em volta. A câmara era toda de pedra, sem nenhum propósito especial que não fosse servir de ponto de encontro a diversos túneis; no entanto, não sabiam para onde levavam aqueles túneis. Pug sentou-se sobre uma grande pedra.

— Vou enviar minha visão. — Cerrou os olhos e, sobre sua cabeça, afluiu outra daquelas estranhas esferas esbranquiçadas, que girava rapidamente. Então ela entrou em um dos túneis. Regressou pouco depois e entrou em outro túnel. Após quase uma hora, Pug convocou a esfera e, com um aceno, fez com que ela desaparecesse. Abriu os olhos. — Os túneis dão todos a volta e vêm novamente desembocar aqui.

— Este é um ponto isolado?

Pug se levantou.

— Um labirinto, uma armadilha para nós, nada mais do que isso. Temos de voltar a descer.

Deram-se as mãos e de novo Pug fez com que atravessassem a rocha sólida. Durante o que pareceu um longo tempo, desceram pela escuridão. Depois, deram por si flutuando logo abaixo do teto de uma imensa caverna. Mais abaixo e a alguma distância, um grande lago estava completamente cercado por um anel de fogo, que iluminava a caverna com um brilho vermelho-alaranjado. Para além das chamas, um barco balançava junto à margem, um convite evidente. No centro do lago, era possível ver uma ilha, nas margens da qual aguardava um bando de seres de forma humana, todos vestidos para combate. Cercavam uma torre, que tinha uma única porta ao nível do solo e uma única janela lá no alto.

Pug fez com que descessem até o solo e tornou-os novamente sólidos.

— Acho que esperam que ultrapassemos o fogo, peguemos o barco e escapemos ao que quer que se oculte debaixo d'água, para depois derrotarmos todos aqueles guerreiros e subirmos à torre — disse Tomas depois de olhar para o anel de chamas.

— É isso que esperam que façamos — concordou Pug, parecendo cansado. Então aproximou-se do fogo. — Mas não faremos. — Pug agitou a mão com um movimento circular e depois repetiu o gesto. O ar da caverna começou a se agitar, seguindo o círculo descrito pela mão do mago e movimentando-se ao longo da curva da imensa cúpula de pedra. No começo, não passou de uma simples rajada, uma brisa com alguma vida, e depois rapidamente um vento leve. Pug se movimentou outra vez. O vento logo ganhou força e as chamas começaram a dançar, iluminando a caverna com uma série de cores e sombras bruxuleantes. Um novo gesto de Pug e o vento soprou mais rápido e mais forte, até o fogo começar a ser repelido. Tomas observou, capaz de aguentar sem dificuldade a pressão do ar. A labareda começou a crepitar e a ceder, como se não conseguisse aguentar ante a pressão do vento. Pug fez um movimento maior e mais amplo com o braço, quase rodando a si mesmo com aquele gesto impetuoso. A água ficou coberta de espuma quando surgiram ondas brancas sobre o lago. A água guiada pelo vento subiu bem alto no ar, enquanto a espuma branca era levada em uma dança de cambalhotas e a água varria as margens da ilha. Rolavam ondas enormes e rapidamente o barco inclinou-se e afundou de um lado, o fogo desaparecendo com um sibilar, conforme a arrebentação varria as margens. Pug gritou uma palavra e uma luz branca iluminou a caverna,

substituindo o brilho do fogo vermelho. Então Pug girou o braço como se fosse uma criança brincando de imitar um moinho de vento. Em poucos minutos, os guerreiros na ilha, incapazes de se manter de pé, cambalearam para trás, impelidos pela força do vento. A bota de um deles tocou a água e algo verde e semelhante a couro ergueu-se e cortou a perna do guerreiro. O combatente agonizante foi puxado para baixo d'água. A cena repetiu-se várias vezes quando cada vez mais guerreiros foram empurrados para a água, para serem capturados pelos habitantes do lago. Assim, quando a tempestade de vento atingiu o auge de sua fúria, guinchando em seus ouvidos, Pug e Tomas viram o último vulto ainda presente na ilha sendo empurrado para a água e apanhado pelo que quer que existisse sob a superfície espumosa do lago. Com um bater de palmas, Pug parou o vento.

— Venha — disse.

Tomas utilizou suas habilidades para fazê-los voar sobre a superfície do lago em direção à porta da torre. Eles a abriram e entraram.

Pug e Tomas passaram cinco minutos discutindo sobre o que iriam encontrar no topo da torre. A escada que conduzia para cima era bastante estreita, por isso tinham de subir os degraus em espiral no interior da torre em fila indiana.

— Bem, estamos tão preparados como sempre estivemos — disse Pug por fim. — Não nos resta mais nada a não ser subir. — Seguiu o amigo quando o guerreiro vestido de branco e dourado começou a subir os degraus. Perto do topo, Pug olhou de relance para baixo e percebeu que seria uma grande queda até as pedras no fundo, enquanto Tomas alcançava o alçapão no topo.

Tomas empurrou a porta e desapareceu através da abertura. Pug o seguiu. Havia um único quarto no topo da torre, com um conjunto simples de cama, cadeira e janela. Um homem se achava sentado na cadeira, vestindo uma toga castanha apertada na cintura com um cinto de corda. Estava sentado lendo um livro, que fechou quando Pug e Tomas se juntaram a ele. Lentamente, sorriu.

— Macros — disse Pug.

— Viemos para buscá-lo — explicou Tomas.

O feiticeiro se levantou parecendo fraco, como se estivesse ferido ou cansado. Cambaleou ao se dirigir aos dois. Hesitou. Pug avançou para amparálo, mas Tomas foi mais rápido. Pôs o braço ao redor da cintura de Macros.

Então o feiticeiro emitiu um som estranho, parecido com um rugido escutado através de uma tempestade de vento distante. Contraiu o braço, segurando Tomas

com uma força capaz de estilhaçar as costelas quando o alçapão se fechou com um estrondo. Em um momento Tomas atirou a cabeça para trás e gritou de dor, e depois Macros o jogou violentamente contra a parede. Pug ficou paralisado por um instante, antes de começar a proferir um encantamento, mas o feiticeiro foi muito rápido ao avançar para ele. A figura vestida de marrom esticou os braços, pegou facilmente Pug e o arremessou contra a parede em frente. Pug colidiu com uma força capaz de quebrar ossos, e sua cabeça bateu no chão, fazendo-o caindo com um baque, visivelmente tonto.

Quando Macros se virou, Tomas já estava de pé com a espada em punho. Então, de repente, o feiticeiro desapareceu e em seu lugar surgiu uma criatura de aspecto aterrador, em posição de ataque. Só se via seu contorno: tinha mais de dois metros de altura e sem dúvida mais do dobro do peso de Tomas, com enormes asas abertas recobertas de penas. Quando se moveu, tornou-se visível um enorme par de chifres sobre a cabeça e grandes orelhas empinadas. Olhos cor de rubi brilhantes observavam o valheru através de uma máscara negra e sem feições. Totalmente envolta por uma escuridão de fumaça, ostentava apenas um brilho vermelho-alaranjado que emanava dos olhos e da boca, como se lá dentro ardesse em fogo. Fora isso, era uma coisa de sombras sinistras, e cada um dos detalhes do rosto e do corpo não passavam de sugestões. Tomas deu um golpe com a espada e a lâmina atravessou a criatura sem lhe causar danos aparentes. Recuou com o avanço da criatura.

— Coisinha insignificante — sussurrou, um eco em um tom de escárnio. — Acha que aqueles que se opõem a você não se preparam para destruí-lo completamente?

Tomas se agachou, com a espada em riste. Olhos apertados sob o elmo dourado observaram a coisa enquanto ela falava.

— Que tipo de criatura você é?

— Eu, guerreiro? — respondeu a voz sussurrante. — Sou um filho do vazio, irmão do fantasma e do espectro. Sou um Mestre do Medo. — Com rapidez assombrosa, investiu e partiu em dois o escudo de Tomas, despedaçando-o com um simples movimento e atirando-o para longe. Tomas tentou atingi-lo, mas a coisa esticou a mão e pegou pelo pulso o braço que empunhava a espada. Tomas uivou de dor. — Fui enviado para cá para pôr fim à sua existência — disse o ser ilusório. Depois, com muita facilidade, puxou e arrancou o braço de Tomas do ombro. Em meio a um jorro de sangue, Tomas caiu sobre as pedras, gritando de agonia.

— Estou desapontado — disse a coisa. — Haviam me dito que devia temê-

los, mas vocês são insignificantes.

O rosto de Tomas estava lívido e banhado em suor, e seus olhos estavam arregalados devido à dor e ao medo.

— Quem... — arquejou. — Quem o avisou?

— Aqueles que conhecem a sua essência, homem-coisa. — O monstro segurava o braço e a espada de Tomas. — Eles previram como vocês viriam até aqui em vez de procurarem a verdadeira prisão do feiticeiro.

— Onde ele está? — perguntou Tomas com a voz entrecortada, parecendo prestes a desmaiar.

— Você falhou — disse a coisa em um murmúrio carregado de maldade.

Visivelmente quase perdendo os sentidos, Tomas obrigou-se a continuar alerta; sua voz mais parecia um rosnar quando voltou a falar:

— Então você não sabe. Por sua atitude, vejo que não passa de um servo. Não sabe nada a não ser aquilo que o Inimigo conta. — Com desprezo, insultou-o: — Escravo.

Com um uivo surdo de satisfação, a besta voltou a falar:

— Minha posição é bem elevada. Sei onde o feiticeiro está escondido. Ele aguarda, como você deveria ter adivinhado, no local menos parecido com uma prisão, ou seja, no lugar mais provável; ele vive no Jardim.

Tomas se levantou de um salto, sorrindo abertamente. A coisa hesitou, pois o braço que segurava desvaneceu-se em matéria incorpórea, reaparecendo no corpo de Tomas, enquanto o escudo voltava à sua forma original, em meio a ruídos metálicos, atravessando rapidamente a sala para voltar a seu braço esquerdo. A coisa avançou na direção de Tomas, mas o guerreiro de branco brandiu sua espada com uma rapidez inimaginável e, desta vez, a lâmina acertou com fúria, explodindo em uma chuva de faíscas douradas através de um sonoro sibilar. Do local em que o atingiu, saiu uma fumaça penetrante, e a criatura soltou um guincho surdo de dor.

— Parece que não sou o único presunçoso arrogante — disse Tomas, enquanto repelia a criatura com uma série de golpes. — Nem seus senhores são os únicos capazes de criar ilusões. Coisa estúpida, não sabe que eu e meus irmãos afastamos você e seus semelhantes deste universo? Acha que eu, Tomas, também conhecido por Ashen-Shugar, temo alguém como você? Eu, que outrora derrubei os Mestres do Medo?

A coisa se encolheu de pavor, aterrorizada e furiosa, seus gritos mais parecendo ecos longínquos. Então, com um tinido musical, brotaram no ar e ao redor da criatura gemas brilhantes e cristalinas. Cada uma delas alongou-se

rapidamente, formando uma rede de barras transparentes em volta da criatura. Tomas sorriu abertamente, enquanto Pug concluía a jaula mágica em torno do ser negro como a noite. A fera atirou-se violentamente contra as grades e soltou um uivo surdo de dor ao tocar nas barras transparentes. Pug levantou-se do lugar onde se deitara, simulando inconsciência, e se colocou ao lado da criatura, que tentava alcançá-lo por entre as barras semelhantes a vidro; no entanto, retraía-se assim que as tocava. Guinchou e uivou, e sua voz se tornou semelhante a um estranho murmúrio rouco.

— O que é esta coisa? — perguntou Pug.

— Um Mestre do Medo, um dos Inexistentes. Uma coisa cuja natureza é desconhecida, mesmo à essência de nosso ser. É oriunda de um universo desconhecido nos limites mais longínquos do tempo e do espaço, onde apenas alguns seres conseguem violá-los e sobreviver. Alimenta-se da própria essência da vida, tal como o fazem todos os de sua espécie quando entram neste universo. Queima a grama quando a pisa. É uma criatura extremamente destrutiva, a segunda mais poderosa, logo abaixo dos Mestres do Medo, seres com os quais até mesmo os valheru se mostram cautelosos. O fato de esta coisa ter sido trazida para a Cidade da Eternidade demonstra que o Inimigo e Murmandamus são insensíveis à potencial destruição que podem desencadear. — Fez uma pausa, ostentando um olhar preocupado. — Também me leva a pensar no que mais estará envolvido com este Inimigo que até agora podemos não ter percebido. — Olhou para Pug. — Como você está?

— Acho que quebrei uma costela — contou Pug, esticando-se.

Tomas assentiu com a cabeça.

— Sorte não ter quebrado mais nada. Desculpe, mas tinha de mantê-lo ocupado.

Pug encolheu os ombros e se retraiu.

— O que faremos com ele? — Apontou para a criatura, que uivava baixinho.

— Podíamos enviá-lo de volta a seu universo, mas iria demorar muito.

— A jaula aguentará por quanto tempo?

— Normalmente, por séculos. Aqui, talvez por toda a eternidade — indicou Pug.

— Ótimo — exclamou Tomas, dirigindo-se à porta.

A coisa negra soltou um grito de terror.

— Não, mestre! — clamou. — Não me deixe aqui! Vou definhar durante séculos antes de sucumbir! Será uma dor constante! Mesmo agora, já estou esfomeado. Liberte-me e serei seu servo, mestre!

— Podemos confiar nele? — perguntou Pug.

— Claro que não — disse Tomas.

— Detesto ver sofrimento onde quer que seja — disse Pug.

— Você sempre teve uma natureza sensível — retorquiu Tomas, descendo apressadamente as escadas. Pug seguiu-o de perto, enquanto se ouviam gritos agudos e blasfêmias. — Esses seres são os mais destrutivos de todos os universos — explicou Tomas —, são antivida. Assim que são libertados, os Mestres do Medo tornam-se impossíveis de controlar.

Chegaram à porta e saíram.

— Está em condições de nos levar de volta à superfície? — perguntou Tomas.

Pug esticou-se suavemente, testando seu lado mais dolorido.

— Eu consigo.

Proferiu seu feitiço e, segurando a mão de Tomas, subiram no ar, outra vez imateriais, atravessando o teto de rocha da caverna. Com a partida deles, os únicos sons que restaram foram os fracos gritos desumanos vindos do topo da torre na ilha.

— O que é o Jardim? — perguntou Pug.

— É um local que pertence à cidade mas que fica à parte — explicou Tomas. Fechou os olhos e pouco depois Ryath desceu dos céus. — Ryath, vamos ao Jardim — disse Tomas depois de montarem.

O dragão lançou-se ao ar e rapidamente estavam de novo sobrevoando a grande velocidade as estranhas paisagens da Cidade da Eternidade. Mais edifícios bizarros deslizavam abaixo, deixando-os adivinhar sua serventia, mas sem a revelarem totalmente. Ao longe, caso fosse possível medir distâncias naquele lugar impossível, Pug avistou sete pilares erguendo-se na cidade. A princípio, pareceram-lhe pretos, mas, conforme se aproximaram, Pug viu, no interior, minúsculos pontos de luz.

— As Torres das Estrelas, Pug — disse Tomas, reparando no interesse do amigo. Mentalmente, transmitiu uma ordem a Ryath, e o dragão inclinou-se, aproximando-se bastante de um dos pilares, que estavam dispostos em círculo ao redor de uma grandiosa praça aberta, sem dúvida com quilômetros de largura.

Ao passarem, Pug ficou espantado ao descobrir que os pilares eram compostos por estrelas, cometas e planetas minúsculos, galáxias em miniatura rodopiando dentro dos limites do pilar, enclausurados em um vazio tão negro quanto o verdadeiro espaço. Tomas riu do espanto de Pug.

— Não, não sei do que se trata. Ninguém sabe. Pode ser arte. Pode ser uma ferramenta para o conhecimento. — Fez uma pausa. — Pode ser que o verdadeiro universo esteja confinado dentro destes pilares — acrescentou.

Ao se afastarem, Pug olhou para trás, em direção às Torres das Estrelas.

— Mais um mistério da Cidade da Eternidade?

— Sim, e nem é o mais espetacular — afirmou Tomas. — Olhe ali. — Apontou para o horizonte, onde podia ser visto um clarão vermelho. Conforme se aproximavam, transformou-se em uma parede de chamas, encoberta por uma luz difusa de calor que distorcia tudo o que estava atrás. Ao passarem sobre as chamas, ondas de calor abrasador ergueram-se ao encontro deles.

— O que foi aquilo?

— Uma parede de chamas — explicou Tomas. — Percorre mais ou menos mil e quinhentos metros em linha reta. Não tem, aparentemente, nenhum propósito, nenhuma razão de ser, nenhuma utilidade. Pura e simplesmente está ali.

Continuaram a voar até se aproximarem de um terreno sem qualquer tipo de construção. O dragão desceu em direção a uma área verde. Conforme foram perdendo altitude, Pug percebeu uma forma circular escura realçada sobre o cinza do portal-espaço, flutuando nos limites da cidade.

— Essa é a característica mais estranha deste lugar muito estranho — disse Tomas. — Se eu tivesse sua natureza perspicaz, poderia ter pensado no Jardim da primeira vez que viemos para cá. É um lugar flutuante de plantas. Partindo do princípio que os poderes de Macros podem ter sido neutralizados, este é o último lugar de onde ele poderia escapar. Há muitos tesouros inesperados escondidos por toda a Cidade da Eternidade. Além de ouro e outras riquezas mais óbvias, há máquinas de guerra poderosíssimas de outros mundos, objetos misteriosos de poder, talvez meios para regressar ao verdadeiro espaço. Mas, mesmo que haja na cidade formas de regressar a Midkemia, Macros não consegue alcançá-las.

Pug olhou para baixo. Estavam a trezentos metros de altura sobre a cidade e descendo rapidamente. Depois das fronteiras da Cidade da Eternidade era possível ver o cinza do portal-espaço. Ao se aproximarem dos limites do Jardim, Pug conseguiu vislumbrar quedas d’água envoltas em brumas descendo de diversos pontos ao longo da orla. O Jardim era rodeado por algo que a Pug pareceu ser um fosso. Contudo, ao invés de haver água fluindo ao longo dos limites do Jardim, não havia nada, literalmente, só o vazio do portal-espaço.

Passaram sobre a borda do Jardim e Pug conseguiu perceber que, de alguma forma, um enorme círculo de terra flutuava além da cidade. Sobre o círculo de

terra havia um jardim de vegetação luxuriante, em todos os milímetros de sua superfície. Estava recheado de riachos labirínticos, que jorravam por suas bordas. Árvores frutíferas de todos os tipos podiam ser vistas.

— Este é, de fato, o lugar mais improvável — disse Pug.

Tomas apontou para um artefato de pedra.

— Devia haver uma ponte ali. — Prontamente, Pug percebeu que, de fato, houvera ali um vão em arco sobre o fosso. Fora despedaçado, deixando uma base de pedra no chão. Do outro lado do fosso, estava instalada a gêmea dessa base. — Se este lugar alguma vez existiu em algum mundo real, então quem quer ou o que quer que o tenha trazido para cá se esqueceu de incluir o rio que corria ao redor do Jardim. Com as pontes destruídas, não há forma de sair dele.

Começaram a procurar, vasculhando por cima das árvores. Havia ali não só as variedades que Pug conhecera em Midkemia, mas também muitas que conhecia de Kelewan, além de uma série de trepadeiras de outros mundos nunca antes vistos. Voaram sobre um espaço de grandes plantas tubulares que começaram a emitir um perturbador som de flauta, quase musical, devido ao vento provocado pelas asas do dragão. Voaram sobre um terreno cor de vinho, repleto de flores, que explodia em branco, pois eram projetadas sementes na direção do céu, impulsionadas pela brisa que provocavam ao passar. E, tal como Tomas e Pug previram, havia mais pontes destruídas ao longo do perímetro do Jardim.

Era possível ver pequenos animais fugindo precipitadamente sob a vegetação, escondendo-se de eventuais predadores que voassem sobre eles. Surgiu, então, outra forma no céu, voando na direção do grupo.

Mais rápido do que uma flecha, algo se deslocou a grande velocidade pelo céu diretamente para eles. Um instante antes de se aproximarem, Ryath soltou um grito de batalha de gelar os ossos. E obteve resposta.

Um dragão negro e gigante atacou de garras estendidas, com a cabeça esticada para a frente e jatos de fogo jorrando pela boca. Tomas ergueu uma barreira, evitando que ele e Pug fossem atingidos pelo fogo.

Ryath respondeu ao ataque e ambas as criaturas se envolveram em uma luta. Travaram uma batalha corpo a corpo com garras e presas enquanto voavam sobre o Jardim. Tomas tentou dar golpes com sua espada, mas não conseguiu atingir o outro dragão.

— É uma fera antiga — gritou Tomas. — Essa espécie não existe mais em Midkemia. Faz eras que nenhum dragão negro vive lá.

— De onde veio? — gritou Pug, mas Tomas aparentemente não ouviu a

pergunta. Pug sentiu a vibração irregular das asas negras, mas a magia de Tomas foi o bastante para mantê-los sentados e em segurança. Só teriam dificuldades se Ryath não vencesse o combate, pois, embora Pug achasse que já tinha uma ideia de como a fera viajava entre os mundos, não desejava ter de pôr em prática sua teoria. Se Ryath fosse derrubada, poderiam ficar presos naquele lugar.

No entanto, a força do dragão dourado era equivalente à do negro e Tomas investia contra o rival sempre que ele se aproximava o suficiente para ser golpeado. Pug teceu um feitiço e lançou um ataque. Quando energias crepitantes atingiram o dragão inimigo, a fera urrou de raiva e de dor, atirando a cabeça para trás. Ryath aproveitou a abertura e mordeu seu pescoço, cravando as garras até rasgar a barriga desprotegida. As presas do dragão dourado só conseguiram abocanhar as pesadas escamas do pescoço, e não parti-las, mas as garras provocaram danos consideráveis na parte inferior do dragão negro. A luta acabou afastando os dois poderosos dragões do centro do Jardim, até ficarem pairando perto do fosso.

O dragão negro tentou escapar, mas as garras de Ryath estavam cravadas com força. Pug e Tomas sentiram o dragão dourado vacilar e começar a ser arrastado para baixo. E, de repente, perceberam que estavam descendo novamente. O dragão negro sucumbiu e parou de voar. O súbito peso a mais puxara Ryath para baixo, mas ela o largou a tempo de evitar que todos fossem arrastados.

Pug ficou vendo o dragão negro cair pela orla do Jardim, desaparecendo no fosso entre o lugar e a cidade. Enquanto olhava, o dragão negro continuava caindo para baixo da cidade, até não passar de um ponto escuro que contrastava com o cinza. Por fim desapareceu de vista.

— Lutou bem, Ryath — disse Tomas. — Nunca montei nenhum dragão tão talentoso, nem mesmo o poderoso Shuruga.

Pug sentiu o orgulho radiante que o dragão projetou ao dizer: *Fala com sinceridade, Tomas. Agradeço por tais palavras. Mas esse de quem fala era um macho ancestral, um menos poderoso do que eu, então era um concorrente menor do que aparentava. Se não tivesse você e Pug em meu dorso, teria sido menos cautelosa. Todavia, o auxílio de vocês foi muito importante.*

Voaram em círculos sobre a ilha e retomaram a busca. Era um lugar imenso e a vegetação era densa, mas por fim Pug apontou e gritou:

— Tomas!

Tomas olhou para onde o amigo indicava e ali, no centro da clareira, uma figura saltava para cima e para baixo, acenando com os braços sobre a cabeça. Acenaram em resposta e Tomas instruiu o dragão a descer. A figura cambaleou

para trás, protegendo os olhos do vento provocado pelas enormes asas. Tinha um cajado na mão e usava a habitual roupa marrom de fabricação caseira. Era Macros. Continuou a acenar-lhes enquanto aterrissavam.

Seu rosto demonstrava resignação quando o dragão tocou o solo. Após um momento estranho e curiosamente silencioso, eles o ouviram soluçar.

— Gostaria que não tivessem feito isso — disse por fim.

O universo entrou em colapso e desmoronou sobre eles.

Era como se o chão tivesse desabado e desaparecido debaixo deles. Pug cambaleou um instante, depois, endireitou-se e viu Tomas fazer o mesmo. Macros inclinou-se sobre o cajado, olhando ao redor, então sentou-se sobre uma rocha. A sensação de queda diminuiu até cessar, mas o céu acima alterou-se, pois o cinza do portal-espaço foi substituído por um resplandecente conjunto de estrelas em um vazio escuro como breu.

— Devia fazer alguma coisa a respeito do céu desta ilha, Pug — disse Macros. — No momento, não o temos.

Pug não hesitou e, rapidamente, lançou um encantamento e fechou os olhos. Sobre eles, os outros puderam ver nascer uma abóbada com um brilho pálido. Pug voltou a abrir os olhos.

— Bem, vocês não poderiam ter adivinhado — disse Macros. Depois estreitou os olhos e a fúria em sua voz pôde ser percebida: — Mas deveriam ter sido suficientemente espertos para antecipar a armadilha!

Pug e Tomas foram afligidos por uma culpa semelhante à que sentiam quando mais novos, ao serem repreendidos pelo pai de Tomas por terem falhado em alguma coisa na cozinha. Pug afastou aquela sensação.

— Achamos que não havia problema, já que estava acenando para nós — disse.

Macros fechou os olhos e apoiou por um momento a cabeça no cajado, soltando um profundo suspiro.

— Um dos problemas de ter minha idade é que se encara todos os que são mais novos como se fossem crianças, e, quando *todo mundo* à sua volta é mais jovem, vivemos em um universo de crianças. Portanto, tendo a ser excessivamente resmungão. — Abanou a cabeça. — Perdoem-me por ter sido tão duro com vocês. Estava tentando avisar para que se afastassem. Se tivesse pensado em recorrer a uma das capacidades que aprendeu com os eldar, poderíamos ter nos comunicado mesmo com o barulho do dragão. Assim, Tomas

poderia ter me levitado e não teríamos nos metido nessa confusão.

Pug e Tomas trocaram olhares de culpa mais uma vez.

— Seja como for, não há nada que se possa fazer e não se ganha nada com recriminações — disse Macros. — Pelo menos, chegaram aqui a tempo.

Tomas estreitou os olhos.

— A tempo? Você sabia que viríamos?

— A mensagem que deixou para Kulgan e para mim dizia que não podia mais ler o futuro — comentou Pug.

Macros sorriu.

— Eu menti.

Pug e Tomas ficaram mudos de espanto. Macros levantou-se e começou a caminhar.

— A verdade é que, quando escrevi minha última mensagem para vocês, podia ver o futuro, mas agora já não consigo. Perdi a capacidade de ver o que vai acontecer quando meus poderes me foram tirados.

— Você perdeu seus poderes? — perguntou Pug, compreendendo prontamente que perda terrível fora para Macros. Acima de qualquer um, Macros era o mestre das artes mágicas e Pug nem conseguia imaginar o que seria perder de repente aquilo que definia seu ser, sua existência e natureza. Um mago sem magia era como um pássaro sem asas. Pug fixou, por um instante, o olhar em Macros, e ambos perceberam que surgia ali um laço de entendimento.

— Os que me puseram aqui não conseguiram me destruir, ainda sou duro como uma casca de nogueira, mas conseguiram me neutralizar — anunciou Macros em tom mais suave. — Agora, não tenho poderes. — Apontou para a cabeça. — Mas tenho meus conhecimentos e vocês têm poder. Posso guiá-los como nenhum outro no universo, Pug. — Inspirou profundamente. — Posso calcular as situações baseado em informações superiores àquelas que vocês têm no presente. Sei mais sobre o que enfrentamos do que qualquer outro no universo, exceto os deuses. Posso ajudar.

— Como você chegou a este lugar? — inquiriu Pug.

Macros sinalizou para que sentassem e assim fizeram. O mago virou-se para Ryath.

— Filha de Rhuagh, há caça, embora escassa, nesta ilha de plantas. Com esperteza, você não passará fome.

— Irei caçar — disse o dragão.

— Evite os limites do escudo protetor que ergui ao redor do Jardim — avisou Pug.

— Assim farei — respondeu o dragão ao levantar voo.

— Quando fechamos o portal, Pug — disse Macros, olhando para os dois —, você direcionou energias demolidoras para meu uso. Em consequência disso, eu me tornei de repente um farol na escuridão para aqueles que se esforçavam para penetrar na barreira entre mundos.

— O Inimigo — disse Pug.

Macros assentiu com a cabeça.

— Fui apanhado e seguiu-se uma batalha. Felizmente, apesar de ele ser tão poderoso, eu... não fiquei sem poderes próprios.

— Eu me lembro de vê-lo em minha visão na Torre da Provação, afastando o portal deformado que quase permitiu ao Inimigo reconquistar esse universo — disse Pug.

Macros encolheu os ombros.

— Se você viver o bastante, aprenderá algumas coisas. Talvez seja impossível me matar. — Esta última afirmação foi proferida em tom de mágoa. — Em todas as ocasiões, lutamos durante algum tempo. Não sei dizer quanto, pois, como vocês provavelmente repararam, o tempo pouco significa no espaço entre mundos. Mas, finalmente, fui forçado a ficar aqui no Jardim, e meus poderes foram limitados. Não conseguia chegar à cidade, apesar de dispor de meios para aumentar alguns de meus poderes recorrendo a truques inteligentes. Portanto, lutamos até chegarmos a um impasse, até que me tiraram os poderes e a armadilha foi montada. O Inimigo destruiu as pontes e partiu, então me vi obrigado a esperar até que vocês chegassem.

— Então, por que não disse nada em sua última mensagem? — interrogou Pug. — Poderíamos ter vindo mais cedo.

— Não queria que viessem antes que fosse o momento certo. Tomas, você tinha de se reconciliar consigo mesmo, e, Pug, você precisava do treino que só os eldar poderiam fornecer. E gastei o tempo com um objetivo: curei algumas feridas e — apontou para o seu cajado — até aprendi a arte de entalhar madeira. Embora não recomende o uso de pedras como ferramentas. Não, tudo teria de seguir seu ritmo normal. Agora vocês são armas de precisão para a batalha que se aproxima. — Olhou em volta. — Se conseguirmos escapar desta armadilha.

Pug observou a concha brilhante que tinham sobre as cabeças. Conseguiam ver as estrelas através dela, mas havia algo de estranho em sua aparência, como se tremeluzissem em ritmos bizarros.

— Que tipo de armadilha é esta?

— É das mais inteligentes que há — anunciou Macros. — Uma armadilha do

tempo. Foi ativada assim que puseram os pés no Jardim. Aqueles que a instalaram estão nos enviando para trás no tempo, ao ritmo de um dia por cada verdadeiro dia que se passa. Neste momento, vocês estão no dorso do dragão olhando para mim, acho eu. Dentro de cinco minutos, estarão combatendo o dragão negro. E assim sucessivamente.

— O que devemos fazer?

Macros pareceu se divertir.

— Fazer? No presente, estamos isolados e desamparados, pois aqueles que se opõem a nós sabem que não os derrotamos no passado, embora a natureza estabeleça limites em tal paradoxo, então nossa única esperança é, de alguma forma, nos libertarmos e regressarmos ao nosso devido tempo... antes que seja tarde.

— E como fazemos isso? — perguntou Pug.

Sentando-se novamente sobre a rocha, Macros alisou a barba.

— O problema é esse. Não sei, Pug. Pura e simplesmente, não sei.

12

Mensageiros

Arutha vasculhou o horizonte.

Companhias de cavaleiros galopavam em direção ao portão, enquanto atrás deles era possível ver uma densa nuvem de pó. O exército de Murmandamus marchava sobre Armengar. Os últimos residentes dos povoados e fazendas estavam chegando aos portões, trazendo manadas de gado e rebanhos de ovelhas, além de carroças carregadas de cereais, todos se arrastando pesadamente para a cidade. Com o declínio da população ao longo dos anos, havia alojamento disponível para todos, e até mesmo espaço para o gado.

Durante três dias, Guy, Amos, Armand de Sevigny e os outros comandantes lideraram equipes de ataque com o intuito de retardar o avanço das colunas, enquanto as populações da região chegavam a Armengar. Arutha e os outros os acompanharam ocasionalmente, ajudando quando possível.

Ao lado de Arutha, Baru e Roald observaram a última companhia de cavaleiros a deixar o campo antes de as tropas de Murmandamus saírem impetuosamente do meio da nuvem de poeira.

— O Protetor — disse Baru.

— O Ciclope arriscou tudo desta vez — Roald concordou.

Os valentes cavaleiros eram seguidos de perto por goblins a pé e pela cavalaria moredhel. Os elfos negros rapidamente deixaram seus aliados para trás para perseguirem a companhia de Guy. Mas, assim que alcançaram o último cavaleiro, os arqueiros de outra companhia moveram-se em círculo e começaram a disparar por cima dos homens de Guy, lançando uma chuva de flechas sobre os moredhel, que cederam e se retiraram; com isso, as duas companhias armengarianas voltaram a se dirigir apressadamente para o portão.

— Martin estava com eles — Arutha falou em tom calmo.

Jimmy e Locklear se aproximaram rapidamente, com Amos logo atrás.

— De Sevigny diz que, se alguém vai viajar até Yabon, tem de ir esta noite

— anunciou o velho lobo do mar. — Depois disso, todas as patrulhas nas colinas irão se retirar para os redutos que há nos cumes. Amanhã, ao meio-dia, só haverá Irmãos das Trevas e goblins nas colinas lá fora.

Arutha finalmente concordou com o plano de Baru para levar a mensagem ao sul.

— Está bem, mas quero dar uma última palavra com Guy antes de enviar alguém.

— Se bem conheço o Ciclope — disse Amos —, e conheço, ele estará ao seu lado alguns minutos depois de o portão se fechar.

A previsão de Amos se mostrou correta, pois, assim que os últimos retardatários passaram em segurança pelos portões, Guy estava no alto da muralha, observando o exército que se aproximava.

Fez um sinal e recolheram a ponte sobre o fosso, que desapareceu lentamente entre as fundações da muralha.

— Estava pensando como planejam tratar daquilo — disse Roald, olhando para baixo.

Guy dirigiu-se ao fosso, já intransponível.

— Uma ponte levadiça pode ser abaixada a partir do exterior. Esta tem um guindaste debaixo da guarda que só pode ser operado de lá. — Depois, dirigiu-se a Arutha: — Calculamos mal. Achei que só íamos enfrentar vinte e cinco mil, no máximo trinta mil.

— Quantos acha que são? — perguntou Arutha.

— Cerca de cinquenta mil — respondeu Guy no instante em que Martin e Briana acabaram de subir as escadas.

Arutha olhou para o irmão.

— Sim, nunca vi tantos goblins e moredhel, Arutha — confirmou Martin. — Surgem das encostas e dos bosques como se fossem uma inundação. E não é tudo. Também há trolls das montanhas, companhias inteiras. E gigantes.

Locklear arregalou os olhos.

— Gigantes! — Lançou um olhar sombrio a Jimmy quando o rapaz mais velho lhe deu uma cotovelada para que se mantivesse quieto.

— Quantos? — quis saber Amos.

— Parecem ser algumas centenas — esclareceu Guy. — Eles têm cerca de um metro e meio a mais do que os outros. Seja como for, estão espalhados em números iguais, e alguns milhares devem ter vindo para aderir à causa de Murmandamus. Neste exato momento, a maior parte de seu exército ainda está no campo ao norte do Vale de Isbandia, que fica a pelo menos uma semana

daqui. Os que investiram contra nós são apenas a vanguarda. Esta noite, haverá cerca de dez mil inimigos acampados do outro lado das nossas muralhas. E, daqui a dez dias, serão cinco vezes isso.

Arutha olhou por alguns instantes para além da muralha, em silêncio, antes de voltar a falar:

— Então o que você quer dizer é que não consegue aguentar até que os reforços cheguem de Yabon.

— Se este fosse um exército normal, diria que seríamos capazes — respondeu Guy. — Mas a experiência nos diz que Murmandamus trará alguns truques na manga. Acredito que ele levará apenas quatro semanas para conquistar a cidade, caso contrário não terá tempo para atravessar as montanhas. Ele precisa fazer os soldados passarem por uma dúzia de caminhos estreitos, reorganizar o exército do outro lado e se dirigir imediatamente para o sul, em direção a Tyr-Sog. Não pode rumar para o Ocidente, para Inclindel, pois demoraria muito tempo para chegar à cidade e a instalar as guarnições antes de os reforços de Yabon e Loriel chegarem. Ele tem de se estabelecer rapidamente no Reino, para se preparar para uma campanha de primavera. Se demorar aqui, nem que seja uma semana a mais do que o programado, arrisca-se a ser apanhado nas montanhas assim que caírem os primeiros sinais de neve. O tempo é, agora, seu maior inimigo.

— Os anões! — Martin disse.

Arutha e Guy olharam para o Duque de Crydee.

— Dolgan e Harthorn estão reunidos na Montanha de Pedra com todo o seu povo. Deve haver dois ou três mil anões lá — disse Martin.

— Dois mil anões guerreiros podem equilibrar a balança até que a infantaria pesada de Vandros atravesse as montanhas vindo de Yabon — concordou Guy. — Mesmo que só consigamos segurar Murmandamus por mais duas semanas, acho que sua campanha pode ser abortada. Caso contrário, é provável que seu exército fique encurralado nas Montanhas de Yabon durante o inverno.

Baru olhou de Arutha para Guy.

— Vamos partir uma hora depois de a noite cair.

— Vou com Baru e viajaremos para a Montanha de Pedra — anunciou Martin. — Dolgan me conhece. — Esboçou um sorriso forçado. — Não tenho dúvidas de que ficaria com raiva se perdesse esta luta. Depois, sigo para Yabon.

— Você consegue chegar à Montanha de Pedra em duas semanas? — perguntou Guy.

— Será difícil, mas possível — respondeu o hadati. — Um grupo pequeno, se

deslocando com velocidade... sim, é possível. — Ninguém precisou acrescentar “talvez”. Todos sabiam que implicaria percorrer cerca de cinquenta quilômetros por dia.

— Também gostaria de tentar. Nunca se sabe... — disse Roald. Não explicou ao que se referia, mas todos sabiam que funcionaria como uma opção, caso Martin ou Baru não sobrevivessem.

Arutha concordara que Martin acompanhasse Baru, pois, apesar de o Duque de Crydee ter menos habilidade para viajar pelas montanhas do que o hadati, o Príncipe não sabia das intenções de Roald. Esteve prestes a não autorizar que fosse também, mas foi impedido por Laurie:

— É melhor eu ir também. Vandros e seus comandantes me conhecem, e, caso as mensagens se percam, temos de ser persuasivos. Lembre-se, todos pensam que você está morto. — A expressão de Arutha tornou-se sombria. — Todos estivemos em Moraelin e de lá voltamos, Arutha — assegurou Laurie. — Sabemos como é viajar nas montanhas.

— Não tenho certeza de que é uma boa ideia, mas não tenho outra melhor — o Príncipe disse por fim. Olhou para o exterior, para o exército que se aproximava. — Não sei o quanto acredito em profecias, mas, se sou a Ruína das Trevas, então devo permanecer e lutar com Murmandamus.

Jimmy e Locklear se entreolharam, mas Arutha impediu mais atos de voluntarismo.

— Vocês ficam. Nos próximos dias, este certamente não será o lugar mais seguro, mas é sem dúvida melhor do que andar de noite a galope pelos cumes das montanhas em meio ao exército de Murmandamus.

— Vou providenciar para que você tenha apoio durante algum tempo — anunciou Guy a Martin. — Até de madrugada, haverá atividade suficiente nos cumes depois da cidade para encobrir sua fuga. Nossas fortalezas ainda controlam grande parte das colinas depois de Armengar. Os bárbaros de Murmandamus não vão marchar atrás de nós nos próximos dias. Vamos esperar que pensem que todos se dirigem para a cidade e que não sejam muito cuidadosos ao olhar para quem avança na direção contrária.

— Partiremos a pé — anunciou Martin. — Assim que deixarmos para trás as patrulhas, pegamos alguns cavalos. — Sorriu para Arutha. — Vamos conseguir.

Arutha olhou para o irmão e assentiu com a cabeça. Martin pegou Briana pelo braço e partiu. Arutha sabia a importância que a mulher ganhara na vida de Martin e percebeu que seu irmão iria querer passar suas últimas horas em Armengar com ela. Sem pensar, Arutha esticou a mão e a colocou no ombro de

Jimmy. Ele ergueu o olhar para o Príncipe e depois observou a planície à frente da cidade, onde se aproximava um exército sob uma imensa nuvem de poeira.

Martin abraçou Briana. Os dois tinham se retirado para os aposentos dela para passar a tarde. Ela dera ordens a seus subalternos para que a importunassem somente se algo de muito grave acontecesse. Fizeram amor primeiro freneticamente, depois muito gentilmente. Até que, por fim, se limitaram a ficar agarrados um ao outro, aguardando enquanto o tempo corria.

Martin acabou por falar:

— Em breve, terei de partir. Os outros vão se reunir na porta do túnel que dá para as colinas.

— Martin — sussurrou ela.

— O que foi?

— Só quis dizer seu nome. — Observou-o atentamente. — Martin.

Ele a beijou e provou o sal de lágrimas em seus lábios. Ela se aconchegou ainda mais.

— Diga o que vai acontecer amanhã.

— Amanhã? — Martin sentiu-se repentina e inesperadamente confuso. Tinha honrado o pedido dela de não falar do futuro. Sua natureza meio élfica o fizera paciente, mas o que sentia por ela também exigia compromisso. Pusera de lado o conflito interior resultante dessa contradição e passara a viver no presente. — Você me disse que não devíamos pensar no futuro — ele a lembrou com um tom suave.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sei, mas agora quero pensar. — Ela fechou os olhos e falou em tom calmo: — Eu disse uma vez que era comandante e que tinha o conhecimento de coisas que a maior parte das pessoas nesta cidade ignora. Sei que o mais provável é não conseguirmos proteger a cidade e termos de fugir para as colinas. — Calou-se por um instante. — Compreenda, Martin, sabemos que nada poderá salvar Armengar. Até o Protetor vir para cá, nunca nenhum de nós imaginou alguma vez a possibilidade de viver em outro lugar. Agora, tenho uma leve esperança. Conte sobre amanhã e sobre depois de amanhã e o dia seguinte a esse. Diga como serão.

Ele se aconchegou nos cobertores, acomodando gentilmente a cabeça dela em seu peito e sentindo crescer dentro de si um fluxo quente de amor e necessidade.

— Vou atravessar as montanhas, Bri. Ninguém conseguirá me deter. Trarei

Dolgan e os seus. Aquele velho anão vai tomar como uma ofensa pessoal não ser convidado para esta batalha. Manteremos Murmandamus longe e arruinaremos sua campanha pela segunda vez. O exército dele vai se destroçar e iremos caçá-lo como o animal raivoso que ele é. Iremos destruí-lo. Vandros enviará seu exército de Yabon para reforçar o seu, e você estará a salvo. Terá tempo para que suas crianças sejam apenas crianças.

— E o que será de nós dois?

— Você deixará Armengar e irá para Crydee — disse ele, ignorando as lágrimas que escorriam pelo rosto dela. — Viverá lá comigo e seremos felizes.

— Quero acreditar nisso — ela murmurou.

Ele a afastou com gentileza e ergueu-lhe o queixo.

— Acredite, Bri — disse, beijando-a. Nunca em sua vida ele pensara que poderia sentir tal felicidade agridoce, pois descobrir que o amor tinha regressado era uma alegria eclipsada pela iminente loucura e destruição.

Ela o fitou atentamente e depois cerrou os olhos.

— Quero me lembrar de você assim. Vá, Martin. Não diga nada.

Ele se levantou e se vestiu rapidamente. Limpou as lágrimas em silêncio, lidando com os sentimentos à moda dos elfos, enquanto se preparava para enfrentar os perigos que tinha pela frente. Olhando-a demoradamente pela última vez, deixou os aposentos. Quando ela ouviu a porta se fechar, enfiou o rosto nos cobertores e continuou a chorar mansamente.

A patrulha subiu em direção a um desfiladeiro. Cavalgou como se estivesse fazendo uma última ronda pela área antes de se retirar para as fortalezas mais elevadas que protegiam os penhascos acima da cidade. Martin e seus três companheiros se agacharam abrigados em uma grande formação rochosa, esperando. Tinham saído da cidade pela passagem secreta da torre de vigia que atravessava a montanha atrás de Armengar. Tomando posição na rota das patrulhas, esconderam-se em uma estreita galeria situada a pouca distância do desfiladeiro. Blutark estava deitado em silêncio, com a mão de Baru sobre sua cabeça. O hadati descobrira a origem da indiferença dos armengarianos ante o fato de ter se tornado dono do cão. Era a primeira vez, na memória dos habitantes de Armengar, que uma Fera Canídea sobrevivia à morte de seu dono, e, como o cão parecia aceitar Baru como amo, ninguém se opôs.

— Esperem — sussurrou Martin.

Passou um longo tempo até ser possível ouvir as leves passadas vindas da

escuridão. Um pelotão de goblins se aproximava, movimentando-se sem iluminação e em silêncio, enquanto projetavam sombras na rota da patrulha. Martin aguardou até que desaparecessem ao descer a ravina e depois fez um sinal.

Baru e Blutark se ergueram no mesmo instante, correndo ao longo da galeria. O hadati saltou para a borda mais elevada do riacho raso e desceu quando Blutark saltou. Com a ajuda do montanhês, a enorme Fera Canídea ultrapassou a beira da pequena depressão. Laurie e Roald saltaram para a margem, seguidos pouco depois por Martin. Então Baru os conduziu ao longo de uma saliência na rocha em campo aberto. Durante terríveis e longos minutos, correram agachados, expostos a quem quer que pudesse olhar para aquele lado, até saltarem para dentro de uma pequena fenda.

Baru olhou para um lado e para outro enquanto seus companheiros se erguiam ao seu lado. Com um breve aceno da cabeça, indicou-lhes que estava na hora de seguirem caminho para o Ocidente, rumo à Montanha de Pedra.

Avançaram durante três dias, acampando logo à primeira luz do dia e ocultando-se em uma caverna ou galeria escondida até cair a noite, quando saíam outra vez. Conhecer o caminho ajudava, pois assim evitaram muitas das trilhas erradas e outros caminhos que os afastariam da rota principal. Ao redor, tudo provava que o exército de Murmandamus andava vasculhando as colinas, assegurando-se de que estavam livres de armengarianos. Por cinco vezes em três dias, tiverem de se deitar no chão para se esconderem de patrulhas de cavalaria e infantaria. Foram salvos todas as vezes por se esconderem imóveis em vez de fugirem. Arutha tinha razão. As patrulhas procuravam retardatários que se dirigiam à cidade, e não mensageiros que saíssem de lá. Martin tinha certeza de que não seria sempre assim.

No dia seguinte, seus receios se provaram verdadeiros, pois uma passagem estreita, impossível de atravessar, estava guardada por uma companhia de moredhel. Meia dúzia de elfos negros dos clãs das montanhas estava sentada ao redor de uma fogueira, enquanto outros dois vigiavam ao lado de seus cavalos. Baru só por pouco não foi detectado, e foi o alerta de Blutark que impediu que se expusesse. O hadati encostou-se a uma rocha, erguendo oito dedos. Indicou que havia dois sobre as pedras e com gestos explicou que vigiavam. Depois, ergueu seis dedos e agachou-se, indicando por gestos que estavam comendo. Martin confirmou com a cabeça. Avançou um pouco. Baru balançou a cabeça.

Martin preparou o arco. Sacou duas flechas, colocando uma entre os dentes enquanto preparava a outra. Levantou dois dedos e apontou para si mesmo e depois para os outros, e confirmou com a cabeça. Baru ergueu seis dedos e fez sinal de que havia compreendido.

Martin avançou calmamente e se expôs, fazendo voar a primeira flecha. Um dos elfos negros caiu de costas, de cima da rocha na qual estava empoleirado, enquanto o outro se preparava para saltar para baixo. Antes de fazê-lo, outra flecha já lhe atravessava o peito.

Baru e os outros já tinham passado por Martin de armas em punho. A lâmina de Baru silvou no ar quando a fez cair sobre um moredhel, matando-o antes que conseguisse se aproximar. Blutark já tinha derrubado outro. Roald e Laurie trataram de mais dois, enquanto Martin largava o arco para desembainhar a espada.

A luta foi feroz, pois os moredhel rapidamente se recuperaram da surpresa. Entretanto, quando Martin acabou com outro, o som ritmado de cascos pôde ser ouvido. Um moredhel fora deixado sem oponente e optara por escapar em sua montaria. Esporeou o cavalo e passou a toda a velocidade pelos atacantes antes de conseguirem detê-lo. Rapidamente, Martin e seus companheiros despacharam outro moredhel e o acampamento ficou em silêncio.

— Maldição! — praguejou Martin.

— Não dava para evitar — Baru disse.

— Se tivesse ficado com meu arco, poderia tê-lo derrubado. Fui impaciente — disse Martin, como se fosse um grave erro. — Bem, agora não há nada a fazer, como diria Amos. Temos os cavalos deles, portanto, vamos usá-los. Não sei se adiante haverá mais acampamentos, mas agora devemos nos apressar, e não mais andar escondidos. Aquele moredhel não demorará a voltar com seus amigos.

— Amigos de sua espécie — acrescentou Laurie, enquanto montava em um cavalo.

Roald e Baru também montaram rapidamente e Martin cortou as barrigueiras das selas dos três cavalos restantes.

— Podem ficar com os cavalos, mas terão de montá-los em pelo.

Os outros não disseram nada, mas aquele pequeno ato de vandalismo indicava nitidamente o quanto Martin estava furioso consigo mesmo por causa da fuga do moredhel. O Duque de Crydee fez um sinal e Baru indicou a Blutark para seguir na frente. O cão começou a percorrer a trilha e os cavaleiros foram logo atrás.

O gigante virou a cabeça quando a flecha de Martin o atingiu entre os ombros. A criatura com três metros de altura cambaleou para trás ao sentir outra seta no pescoço. Seus dois companheiros se arrastaram pesadamente na direção de Martin enquanto ele disparava uma terceira flecha no gigante ferido, que já caía.

Baru ordenara a Blutark que se mantivesse quieto, pois os humanoides gigantes empunhavam espadas do tamanho de humanos, grandes o bastante para cortar em dois, de um só golpe, o enorme cão. Apesar de seus movimentos desajeitados, as criaturas peludas poderiam investir com velocidade suficiente para se tornarem extremamente perigosas. Baru agachou-se quando a espada passou sobre sua cabeça e depois atacou com força com sua espada ao passar pelo violento oponente. Com um único golpe, paralisou a criatura, derrubando-a. Roald e Laurie trataram, entre eles, de manter o terceiro gigante na defensiva e o obrigaram a recuar até Martin poder matá-lo com o arco.

Quando os três jaziam mortos, Laurie e Roald foram buscar os cavalos. Blutark farejou os corpos, rosnando bem alto. Os gigantes possuíam certo aspecto humano, mas tinham em média entre três e três metros e meio de altura. Em comparação aos humanos, eram mais pesados, e tinham cabelos e barba pretos.

— Os gigantes normalmente se mantêm longe dos homens — disse o hadati. — Que poder você acha que Murmandamus tem sobre eles?

Martin balançou a cabeça.

— Não faço ideia. Já ouvi falar deles, e há alguns nas montanhas perto das Cidades Livres. Mas os patrulheiros nataleses também dizem que evitam o contato conosco, por isso, em geral, não costumam causar problemas. Talvez não sejam mais imunes ao apelo da riqueza e do poder, assim como as outras criaturas.

— Reza a lenda que antigamente eram homens, como você ou eu, mas algo os transformou — comentou Baru.

— Isso é algo que acho difícil de crer — disse Roald enquanto montavam nos cavalos.

Martin sinalizou que deveriam retomar a marcha e cavalgaram em frente, depois de terem ultrapassado com sucesso o segundo confronto com sentinelas de Murmandamus.

O rosnado grave de Blutark indicou que havia algo no caminho. Estavam

atravessando o local sobre a Fenda de Inclindel, onde deixariam para trás as colinas e desceriam para Yabon. Percorreram o caminho o mais rapidamente que conseguiram durante três dias. Estavam completamente exaustos, chegando a adormecer sobre as selas, mas seguiram em frente. Os cavalos estavam perdendo peso, pois os mantimentos dos moredhel tinham se esgotado dois dias antes e não havia forragem que os substituísse. Teriam de deixar os animais pastar assim que encontrassem alguma área de grama, mas Martin sabia que, com o que estavam exigindo dos cavalos, eles necessitariam de mais do que grama para conseguirem prosseguir. Ainda assim, estava grato pelos cavalos, pois os três dias de cavalgada aumentaram suas chances, que de desesperadoras se tornaram aceitáveis. Mais dois dias a cavalo e, mesmo que os animais morressem, seria certo que chegariam a tempo à Montanha de Pedra.

Baru sinalizou aos outros para que se mantivessem em posição. Avançou lentamente pela trilha apertada, desaparecendo após a curva. Martin permaneceu imóvel, com o arco e as flechas prontas, enquanto Laurie e Roald se mantinham em seus cavalos.

Baru reapareceu e fez um sinal para que regressassem.

— Trolls — sussurrou.

— Quantos? — perguntou Laurie.

— Uma dúzia.

Martin praguejou.

— Podemos dar a volta?

— Se deixássemos os cavalos e fôssemos pelas bordas, talvez fosse possível, mas não sei.

— E tentar surpreendê-los? — perguntou Roald, já sabendo a resposta.

— São muitos — disse Martin. — Três para um em uma passagem estreita? Trolls das montanhas? Não, é melhor tentar passar ao redor deles. Peguem o que precisarem dos cavalos e os soltem. — Martin resmungou em silêncio contra aquela alteração no rumo da sorte. Abandonar os cavalos àquela altura diminuiria drasticamente as possibilidades de chegarem a tempo até os anões.

Pegaram todo o material que conseguiram; Roald e Laurie afastaram os cavalos, enquanto Martin e Baru se mantiveram extremamente vigilantes, atentos a quaisquer indícios de que os trolls manifestassem a intenção de subir a trilha. De repente, Laurie e Roald apareceram correndo.

— Irmãos das Trevas — anunciou Roald.

— A que distância? — perguntou Martin.

— Próximos demais para ficarmos aqui parados discutindo o assunto — disse

Roald, enquanto começava a escalar as rochas ao longo do caminho. Subiram apressadamente, o cão os seguindo, e se dirigiram ao declive de uma colina, mantendo as rochas entre eles e a trilha, na esperança de evitar os trolls.

Chegaram a um ponto ao longo do percurso em que, de repente, este voltava para trás. Baru avaliou sua extensão. Fez sinal e desceram mais o declive, voltando a saltar para a trilha. Subitamente, ouviram gritos ao longe.

— Os moredhel devem ter alcançado os trolls e é provável que tenham achado nossos cavalos. — Fez um sinal e começaram a correr pela trilha.

Correram enquanto tiveram fôlego, mas atrás deles conseguiam escutar o ruído de cavaleiros. Martin desviou-se para trás de uma alta formação rochosa que havia de um dos lados.

— Aqui! — gritou. — Conseguem chegar aqui em cima e empurrar estas pedras para baixo? — perguntou quando os outros pararam.

Baru saltou e escalou a parede lateral da trilha para depois se agachar atrás do afloramento instável. Fez sinal a Laurie e a Roald para que se juntassem a ele.

Os cavaleiros entraram no campo de visão e o que seguia à frente esporeou seu cavalo quando viu Martin e o cão; os outros cavaleiros apareceram logo em seguida. O Duque de Crydee calmamente apontou para o cavaleiro que liderava o grupo. Martin disparou quando o cavaleiro chegou à parte mais estreita do caminho, e uma flecha de ponta larga cravou-se no peito do cavalo. O animal caiu bruscamente e o cavaleiro moredhel voou por cima do pescoço da montaria, colidindo com o chão com grande estrondo. O segundo cavalo tropeçou no que estava tombado, projetando mais um cavaleiro. Martin liquidou esse cavaleiro com mais uma flecha. Atrás reinava a confusão, pois os cavalos se depararam com uma barricada de animais e cavaleiros mortos. Outros dois cavalos pareciam estar feridos, mas Martin não conseguiu ter certeza. Então, Baru gritou. Blutark saltou prontamente para a passagem estreita.

Martin correu atrás do cão quando o som de pedras se aproximando encheu o ar. Quase parecia uma explosão. A queda dos rochedos surgiu como uma torrente. Martin conseguiu ouvir seus companheiros praguejando e gritando quando uma chuva de pequenas pedras se derramou no caminho atrás de si.

Martin parou para observar a queda das pedras. Uma nuvem de pó encheu o ar. Em seguida, quando a poeira começou a baixar, ouviu Laurie chamá-lo. Foi rapidamente para trás e começou a escalar o declive. No topo, mãos o agarraram e, por entre olhos lacrimejantes, viu Laurie.

— Roald — disse ele, apontando.

O mercenário tinha se desequilibrado e escorregado pela encosta, caindo do

lado errado do bloqueio de pedras. Estava sentado de costas para a inclinação, olhando para cima em direção à trilha, onde os moredhel e os trolls se reagrupavam.

— Vamos dar cobertura — gritou Martin.

Roald se virou e esboçou um sorriso carrancudo.

— Não vale a pena — gritou. — Minhas pernas estão quebradas. — Apontou para onde suas pernas haviam caído e Martin e Laurie viram uma poça de sangue se formar. Era possível ver um osso saindo de uma delas. Sentou-se com a espada no colo e com os punhais prontos para serem arremessados.

— Vão. Eu os atraso por alguns minutos. Fujam.

Baru apareceu ao lado de Laurie e Martin.

— Temos de sair daqui — disse o hadati.

— Não vamos deixá-lo para trás — gritou Laurie.

Roald gritou, mas tinha os olhos fixos mais acima na trilha, onde silhuetas indistintas se moviam por entre a poeira.

— Sempre quis morrer como um herói. Não estrague tudo, Laurie. Quero uma canção em minha honra, e das boas. Agora, vão embora daqui!

Baru e Martin puxaram Laurie pelas rochas abaixo e pouco depois ele já descia por iniciativa própria. Quando chegaram ao local onde Blutark os aguardava, Laurie foi o primeiro a iniciar a descida pelo caminho. Seu rosto era uma máscara severa, mas já tinha os olhos secos. Atrás, ouviam os brados dos trolls e dos moredhel, acompanhados por gritos de dor, e perceberam que Roald estava se saindo bem. Então os ruídos de luta cessaram.

13

Primeiro sangue

As trombetas soaram.

Arqueiros armengarianos olharam para as tropas que se preparavam para atacar a cidade. Esperaram por seis dias pelo ataque que, enfim, se iniciava. Mais uma vez, um goblin fez soar sua trombeta, correspondida ao longo das fileiras por outras. Rufaram tambores e a ordem de ataque foi dada. A fila de atacantes avançou, uma onda viva pronta a colidir contra as muralhas de Armengar. No começo, avançaram lentamente, mas, quando os da frente começaram a correr, todo o exército investiu. Guy levantou a mão e fez sinal para que as catapultas lançassem seus projéteis mortíferos sobre aqueles que estavam além das muralhas. Voaram pedras em um arco elevado, que esmagaram os atacantes. Goblins correram por cima dos corpos dos companheiros caídos. Era o terceiro assalto à cidade desde a madrugada. O primeiro fora impedido antes de chegarem à muralha. No segundo, os atacantes chegaram ao fosso, mas então foram derrotados ali e fugiram.

Avançaram até o limite do alcance dos arqueiros. Guy lhes ordenou que disparassem. Uma chuva de flechas despencou sobre os goblins e moredhel. Centenas caíram, alguns mortos, outros feridos, mas todos esmagados pelas botas dos que vinham atrás.

Mesmo assim, continuaram avançando. Ordens foram dadas e escadas compridas foram trazidas para serem instaladas sobre pesadas plataformas sobre o fosso. As escadas, depois de erguidas, foram imediatamente empurradas por longas varas. Em um esforço inútil, os goblins não desistiam de tentar subi-las, enquanto a morte chovia acima deles. Guy indicou o que desejava, e baldes e caldeirões de óleo fervente foram despejados sobre os invasores. A chuva de pedras, flechas, óleo e fogo tornou-se intensa demais para os atacantes sobreviverem. Não passou muito tempo até que trombetas soassem da retaguarda das linhas das forças de Murmandamus, determinando a retirada total. Guy

ordenou o cessar fogo.

Olhou para baixo, para o leito de corpos sob o castelo, centenas de mortos e de feridos.

— O comandante não tem imaginação. Desperdiça vidas — disse ele, virando-se para Amos e Arutha.

Amos apontou para o local onde uma companhia de moredhel se instalara sobre um colina, observando a investida.

— Estão contando nossos arqueiros.

Guy praguejou.

— Isso me passou despercebido. Não os vi.

— Faz dois dias que você não dorme. Você está exausto — disse Arutha.

— E já não sou tão jovem como antigamente — Guy respondeu.

Amos riu.

— Nunca foi.

Armand de Sevigny apareceu para fazer um relatório.

— Não há atividade em nenhum setor e as fortalezas do outro lado do penhasco também não têm nada de relevante a reportar.

Guy observou o sol poente.

— Por hoje, estamos livres deles. Ordene às companhias que descansem e dê comida a todos. Durante a noite quero um vigia para cada cinco pessoas. Estamos todos cansados.

Guy percorreu a muralha em direção às escadas que conduziam para baixo, seguido pelos outros. Jimmy e Locklear vinham subindo as escadas, apressados, vestidos com armaduras de couro fornecidas pelos armengarianos.

— Vão ficar com o primeiro turno de vigia? — perguntou Arutha.

— Sim — respondeu Jimmy. — Trocamos com alguns companheiros que conhecemos.

— As meninas também estão no primeiro turno — acrescentou Locklear.

Arutha despenteou o cabelo do sorridente Locklear e o mandou seguir Jimmy.

— Temos uma guerra violenta acontecendo e ele pensa em garotas — Arutha disse ao chegar ao fim das escadas.

Amos assentiu.

— Nós também já fomos jovens, embora já seja difícil eu me lembrar desses anos. Eu me lembro, porém, daquela vez em que navegava pelo delta keshiano inferior, ao lado das Terras dos Dragões...

Arutha sorriu enquanto se dirigiam para a cozinha comunitária. Havia coisas que não mudavam e as histórias de Amos eram uma delas, e naquele momento

isso era muito bem-vindo.

No segundo dia, as tropas de moredhel e de goblins atacaram pela manhã e foram repelidas sem grande dificuldade, apenas uma pequena investida de cada vez, seguida de retirada. Ao final da tarde, era evidente que os sitiantes estavam se instalando. Perto da hora do pôr do sol, Arutha e Guy observaram do alto da muralha, e Amos apareceu correndo na direção deles.

— As sentinelas no alto da cidadela estão observando uma movimentação ao longo das planícies atrás dessas companhias. Parece ser a maior parte do exército de Murmandamus em marcha. Devem chegar aqui por volta do meio-dia de amanhã.

Guy olhou para seus dois companheiros.

— Vão demorar um dia inteiro para se colocar em posição. Assim, ganhamos mais dois dias. Mas, depois de amanhã, assim que amanhecer, vão investir com toda a força.

O terceiro dia passou muito lentamente. Os defensores observavam milhares de soldados moredhel e aliados tomando posição nos campos que circundavam a cidade. Após o sol se pôr, filas de tochas em movimento revelaram que havia mais companhias chegando. Durante a noite, o som de soldados em marcha encheu a escuridão e Guy, Amos, Arutha e Armand foram várias vezes espiar o mar de fogueiras espalhado pela planície de Armengar.

O quarto dia chegou e o exército sitiante não fez mais nada além de se instalar, parecendo aguardar a hora certa de atacar. Durante todo o dia, o exército dos defensores manteve suas posições nas muralhas, à espera da investida. Já quase na hora do crepúsculo, Arutha foi conversar com Amos.

— Não acha que eles vão tentar aquela manobra tsurani de atacar de noite para não vermos os sapadores?

Amos abanou a cabeça.

— Não são assim tão espertos. Queriam os rapazes do Segersen porque não têm soldados de engenharia. Se tivessem sapadores em túneis sob estas muralhas, gostaria de conhecer esses rapazes: teriam de ser toupeiras comedoras de pedras. Não, eles estão preparando outra coisa, mas nada tão elaborado. Parece-me apenas que esse grupo de bastardos não imaginava que iria encontrar problemas aqui. Esse arrogante amante de porcos pensa em nos subjugar com

um único ataque. É o que me parece.

Guy ouvia aquelas palavras, mas seu único olho são estava fixo na massa de inimigos que acampara na planície.

— Conquistamos mais um dia para o seu irmão chegar à Montanha de Pedra, Arutha — disse por fim. Martin e os outros já haviam partido havia dez dias.

— É verdade — concordou Amos. Observaram em silêncio enquanto o sol se punha atrás das montanhas. Permaneceram de vigia até a escuridão dominar por completo o cenário, e depois deixaram vagarosamente a muralha para irem comer e, se possível, descansar.

De madrugada, uma poderosa onda de entusiasmo emergiu das tropas sitiantes, uma mistura de gritos, guinchos, tambores rufando e trombetas soando. Mas, em vez do esperado ataque, a vanguarda do exército abriu caminho para uma enorme plataforma. Movia-se pela força de uma dúzia de gigantes, e as altas criaturas peludas a empurravam sem grande esforço. Em cima da plataforma, era possível ver um trono dourado com incrustações, sobre o qual estava sentado um moredhel vestido com uma túnica branca curta. Atrás dele via-se um vulto aninhado, cujas feições eram ocultadas por uma túnica grossa. A plataforma aproximou-se da muralha em ritmo lento.

Guy se inclinou para a frente, com o braço apoiado nas pedras azuis da muralha, enquanto Arutha permanecia a seu lado, de braços cruzados. Amos tapou os olhos com a mão para protegê-los dos raios do sol nascente. O lobo do mar cuspiu por cima da muralha.

— Acho que, finalmente, conheceremos pessoalmente Sua Grande *Bastardeza* Real.

Guy limitou-se a assentir. Um subcomandante de companhia apareceu a seu lado.

— Protetor, o inimigo está tomando posição diante de toda a muralha.

— Houve alguma tentativa de chegar às fortalezas na montanha? — Guy apontou para o penhasco atrás da cidadela.

— Armand relatou apenas alguns poucos ataques aos postos avançados nos rochedos. Não parecem dispostos a escalar e combater.

Guy assentiu e voltou a atenção para campo. A plataforma parou e o vulto no trono se levantou. Como se por magia, sua voz encheu o ar e foi ouvida por todos nas muralhas, como se estivesse apenas a alguns metros.

— Ó meus filhos — declarou —, prestem atenção em minhas palavras. —

Arutha, espantado, olhou para Amos e Guy, pois Murmandamus parecia cantar. Todos os sons de suas palavras vinham marcados com o calor de uma melodia de alaúde. — Partilhamos o destino do amanhã. Oponham-se ao que foi traçado e estarão se arriscando à destruição total. Venham, venham. Coloquemos de lado velhas divergências.

Fez um sinal e uma companhia de cavaleiros humanos dirigiu-se a trote para o seu lado.

— Aqui, conseguem ver? Já há comigo muitos de vocês que compreenderam nosso destino. Todos os que desejarem me servir de livre e espontânea vontade serão bem-vindos. Comigo, encontrarão um lugar grandioso. Venham, venham, deixemos o passado para trás. Vocês não passam de crianças desorientadas.

Amos bufou.

— Meu velho pai era um patife, mas isso é um insulto.

— Venham, eu acolherei qualquer um que quiser se unir a mim. — Suas palavras eram doces e sedutoras, e olhares e perguntas silenciosas eram trocados nas muralhas.

Guy e Arutha olharam ao redor.

— A voz dele está carregada de arte e poder — disse du Bas-Tyra. — Veja, meus próprios soldados estão pensando que talvez não tenham de combater.

— Preparem as catapultas — ordenou Amos.

Arutha se interpôs.

— Espere!

— Por quê? — perguntou Guy. — Para ele acabar com a determinação de meu exército?

— Para tentar ganhar tempo. O tempo é nosso aliado e inimigo dele.

— Mas aqueles que se opuserem — berrou Murmandamus —, aqueles que não abrirem caminho e que bloquearem nossa marcha rumo ao nosso destino, serão impiedosamente esmagados.

Só então o tom de sua voz se revelou ameaçador, e os que estavam em cima das muralhas foram assolados por uma sensação de total insignificância.

— Estou dando uma chance a vocês! — Afastou os braços do corpo e sua curta túnica caiu, revelando um corpo de incrível poder, com a marca de nascença do dragão púrpura claramente à vista. Usava apenas uma tanga branca. — Vocês podem ter paz e servir à causa do destino. — Servos avançaram correndo para lhe colocar rapidamente uma armadura: chapas e grevas de ferro, cota de malha e couro; um elmo negro com as asas levantadas de um dragão nos dois lados. Os cavaleiros humanos afastaram-se e, mais atrás, viu-se uma

companhia completa de Exterminadores Negros. Avançaram e assumiram posições ao redor de Murmandamus. Ele pegou uma espada e a apontou para a muralha. — Mas, se resistirem, serão dizimados. Escolham!

Arutha sussurrou algo no ouvido de Guy. Em seguida, o Protetor gritou sua resposta a Murmandamus:

— Não posso ordenar a ninguém que abandone a cidade. Devemos convocar uma *volksraad*. Decidiremos esta noite.

Murmandamus fez uma pausa, como se não aguardasse aquela resposta. Começou a falar, mas foi interrompido pelo sacerdote da serpente. Com um gesto brusco, silenciou o sacerdote. Virou-se outra vez para a muralha e então Arutha pensou ter visto um sorriso sob a viseira do elmo negro de Murmandamus.

— Eu esperarei. À primeira luz de amanhã, abram os portões da cidade e saiam. Vocês serão acolhidos como irmãos que voltam de uma guerra, minhas crianças. — Fez sinal e os gigantes recuaram a plataforma. Em um instante, desapareceu no meio de suas tropas.

Guy balançou a cabeça

— A *volksraad* não servirá de nada. Esmurrarei qualquer louco que ache que há um indício sequer de sinceridade nas palavras daquele monstro.

— Ainda assim, ganhamos mais um dia — Amos disse.

Arutha encostou-se na parede.

— E Martin e os outros estão um dia mais próximos da Montanha de Pedra.

Guy permaneceu em silêncio, vendo o sol da manhã se erguer, enquanto o exército sitiante recuava, regressando ao acampamento, mas mantendo o cerco. Durante horas, o Protetor e seus comandantes se limitaram a observar.

Viam-se tochas ardendo ao longo da muralha. Havia soldados de vigia em todas as frentes, sob o comando de Armand de Sevigny. A maior parte da população se reuniu no grande mercado.

Jimmy e Locklear avançaram pela multidão. Encontraram Krista e Bronwynn e acompanharam as garotas. Jimmy começou a falar, mas Krista sinalizou para que se calasse quando Guy, Arutha e Amos subiram à tribuna. Com eles, estava um ancião com uma túnica marrom que parecia tão antiga quanto seu portador. Tinha um cajado ornamentado que pendia da curva de seu braço, com arabescos e símbolos rúnicos entalhados por todo o seu comprimento.

— Quem é ele? — perguntou Locklear.

— O Guardião da Lei — sussurrou Bronwynn. — Silêncio.

O ancião ergueu a mão livre e a multidão emudeceu.

— A *volksraad* está reunida. Escutem, então, a lei. O que for dito é verdadeiro. O que for aconselhado é para ser ouvido. O que for decidido é a vontade do povo.

Guy ergueu as mãos acima da cabeça e falou:

— Vocês entregaram esta cidade aos meus cuidados. Sou seu Protetor. Meu conselho é o seguinte: nosso inimigo aguarda no exterior e procura obter com palavras sedutoras o que não obterá pela força das armas. Quem defenderá a causa dele? — Ouviu-se uma voz vinda da multidão. — Há muito tempo que os moredhel têm sido nossos inimigos viscerais. Que benefício nos traria servir à causa deles?

A resposta veio também de alguém do meio da multidão:

— Ainda assim, não poderíamos escutar de novo esse tal Murmandamus? Parece falar com sinceridade. — Todos os olhares se voltaram para o Guardião da Lei.

O Guardião fechou os olhos e se manteve em silêncio por algum tempo, depois falou:

— A Lei diz que os moredhel estão além das convenções dos homens. Eles não têm laços com nosso povo. Mas, no Ano Décimo Quinto, o Protetor Bekinsmaan se reuniu com um chamado Turanalor, chefe do Clã Texugo dos moredhel no Vale de Isbandia, e foi estabelecida uma trégua durante o festival de Banapis. Durou três solstícios de verão. Quando Turanalor desapareceu na Floresta de Edder, durante o Ano Décimo Nono, seu irmão, Ulmslascor, tornou-se chefe do Clã Texugo. Violou a trégua, dizimando toda a população da aldeia de Dibria. — Parecia avaliar as tradições que conhecia. — Escutar as palavras dos moredhel não é algo sem precedentes, mas é necessária muita cautela, pois são traiçoeiros.

Guy avançou para perto de Arutha.

— Este homem, que já conhecem, se chama Arutha, e é um Príncipe do Reino que antes foi considerado inimigo de vocês. Agora, ele é nosso amigo. É meu parente distante. Já teve que lidar com Murmandamus antes, mas não é de Armengar. Pode ser dada a ele a voz na *volksraad*?

O Guardião da Lei levantou a mão, aguardando resposta. Soou um coro afirmativo e o Guardião da Lei indicou que o Príncipe poderia falar. Arutha chegou um pouco para a frente.

— Já combati estes lacaios do demônio antes. — Falou sucintamente dos

Falcões Noturnos, dos ferimentos de Anita e da viagem até Moraelin. Falou do chefe moredhel, Murad, que foi abatido por Baru. Falou dos terrores e maldades que viu, todos incitados por Murmandamus.

Quando terminou, Amos levantou a mão e falou:

— Cheguei até vocês doente e ferido. Vocês cuidaram de mim, um desconhecido. Agora, sou um de vocês. Vou dizer quem é Arutha. Convivi com ele, lutei ao seu lado e aprendi a considerá-lo um amigo ao longo de quatro anos. Não é um homem de duas caras. Tem um coração generoso e podem confiar em suas palavras. O que ele disse não é nada além da mais pura das verdades.

— Qual deverá ser nossa resposta? — perguntou Guy.

Foram levantadas espadas e brandidas tochas ao mesmo tempo que ecoou um coro de vozes pelo grande mercado:

— *Não!*

Guy aguardou enquanto as tropas de Armengar clamavam seu grito desafiador a Murmandamus. Manteve os punhos cerrados, luvas negras por cima da cabeça, enquanto o som de milhares de armengarianos ecoava. Seu único olho iluminou-se e seu rosto pareceu ganhar vida, como se a coragem da população da cidade estivesse varrendo seu cansaço e sua tristeza. Aos olhos de Jimmy, parecia um novo homem.

O Guardião da Lei aguardou até que o ruído esmorecesse para voltar a falar:

— A *volksraad* decretou a lei. A lei é esta: nenhum homem deverá abandonar a cidade para se pôr às ordens de Murmandamus. Que nenhum homem viole a lei.

— Regressem a seus postos — instruiu Guy. — Amanhã, a guerra começará cedo.

A multidão começou a se dispersar.

— Nem por um minuto duvidei de que isso aconteceria — afirmou Jimmy.

— Seja como for, aquele Irmão das Trevas com uma marca no rosto tem jeito com as palavras — disse Locklear.

— É verdade — reconheceu Bronwynn —, mas combatemos os moredhel desde que Armengar foi fundada. Não pode haver paz entre nós. — Olhou para Locklear com uma expressão séria em seu belo rosto. — Quando deve se apresentar ao serviço?

— Jimmy e eu estamos escalados para a primeira luz do alvorecer — respondeu.

Ela e Krista trocaram olhares e acenos de cabeça. Bronwynn levou Locklear pela mão.

— Venha comigo.

— Para onde?

— Sei de uma casa onde podemos passar a noite. — Com firmeza, afastou-o do amigo em meio à multidão que se dispersava rapidamente.

Jimmy olhou de relance para Krista.

— Ele nunca...

— Nem Bronwynn — disse ela. — Decidiu que, se era para morrer amanhã, pelo menos conheceria um homem.

Jimmy pensou por alguns minutos.

— Bem, pelo menos escolheu um rapaz gentil. Serão bons um para o outro.

Jimmy começou a andar, mas foi detido pela mão de Krista. Olhou para trás e viu que ela observava seu rosto à luz da tocha.

— Eu também nunca conheci os prazeres carnais — declarou.

Jimmy sentiu, de repente, o sangue subir para o rosto. Durante todo o tempo que passaram juntos, Jimmy nunca conseguira ficar a sós com Krista. Os quatro tinham passado muitas horas juntos, com alguns momentos apaixonados, escondidos em cantos escuras, mas as moças sempre conseguiram manter os dois escudeiros sob controle. E sempre houve certa sensação de que tudo não passava de brincadeira. Então, de repente, Jimmy percebeu que não era mais uma brincadeira. A ideia de que uma catástrofe aconteceria imperava e, ao mesmo tempo, nascera um desejo de viver com mais intensidade, nem que fosse apenas por uma noite.

— Eu já, mas apenas duas vezes — disse ele por fim.

Ela pegou sua mão.

— Também sei de uma casa aonde podemos ir.

Em silêncio, levou Jimmy dali. Ao segui-la, ele percebeu um novo sentimento crescendo dentro de si. Sentiu a inevitabilidade da morte, gravada em oposição ao seu desejo de fazer a vida acontecer. E com ela veio o medo. Jimmy apertou com força a mão de Krista enquanto a acompanhava.

Os mensageiros corriam ao longo da muralha, transmitindo instruções. A tática armengariana era simples. Esperavam. Quando amanheceu, viram Murmandamus cavalgar para a frente, enquanto seu cavalo branco se empinava ao avançar e recuar diante das tropas reunidas. Era óbvio que aguardava uma resposta. A única resposta que obteve foi o silêncio.

Arutha convencera Guy a não fazer nada. Cada hora que ganhavam antes do

ataque era mais uma hora em que o auxílio poderia aparecer. Se Murmandamus esperava ver os portões se abrirem, ou um desafio provocador, ficou desapontado, pois foi apenas saudado pelo silêncio das fileiras de defensores armengarianos visíveis no alto das muralhas. Finalmente, cavalgou até se colocar a meio caminho entre seu exército e as muralhas. Mais uma vez, e por artes misteriosas, sua voz era perfeitamente audível:

— Ó meus filhos relutantes, por que hesitam? Não ouviram meus conselhos? Não perceberam o quão inútil é resistirem? Qual é, então, a resposta de vocês?

O silêncio foi a única resposta. Guy dera instruções para que ninguém falasse mais alto do que um murmúrio, de modo que quem se sentisse tentado a gritar provocações pudesse ser impedido. Não haveria desculpas para Murmandamus ordenar um ataque um minuto que fosse antes do necessário. O cavalo mais uma vez andou em círculo, empinando.

— Devo saber! — bradou Murmandamus. — Se não receber uma resposta até eu voltar às minhas fileiras, então cairão a morte e o fogo sobre todos.

Guy esmagou a mão enluvada na parede.

— Maldito seja eu se esperar mais cinco minutos. Catapultas!

Indicou que deviam disparar. Uma saraivada de pedras do tamanho de melões passou em arco sobre as cabeças deles e se esmagaram perto de Murmandamus. O garanhão branco foi atingido e tombou em um banho de sangue. Murmandamus caiu e foi repetidamente atingido por pedras. Nas muralhas, soltaram vivas de entusiasmo.

Contudo, os vivas morreram quando Murmandamus voltou a se levantar. Incólume, dirigiu-se apressadamente às muralhas, até ficar ao alcance dos arcos e flechas.

— Desdenharam de meu presente e de minha generosidade. Rejeitaram minha soberania. Então conheçam a destruição!

Os arqueiros dispararam, mas as flechas desviaram-se do moredhel como se ele estivesse envolto em uma espécie de escudo protetor. Apontou a espada e um som surdo e estranho de explosões pôde ser ouvido quando surgiram disparos de fogo ofensivo. O primeiro impacto deu-se na orla das muralhas e três arqueiros gritaram de dor quando seus corpos foram consumidos por chamas. Outros agacharam-se atrás dos muros para evitar as sucessivas investidas. Com toda a força defensiva agachada, não houve mais danos. Com um brado de raiva, Murmandamus voltou-se para seu exército.

— Destruam-nos! — berrou.

Guy olhou por cima da ameia e viu o moredhel se afastar a passos largos

enquanto seu exército avançava em grande número pela planície, cruzando com ele. Como uma ilha tranquila em um mar revolto, regressou a pé para a tribuna e para o trono que o aguardava.

Guy ordenou, então, que soltassem as máquinas de guerra e deu início a uma chuva destruidora. As forças invasoras quebraram, mas recuperaram o ímpeto ao se aproximarem das muralhas. O fosso estava coberto de destroços e de plataformas de ataques anteriores, e mais plataformas foram novamente lançadas sobre a água. Ergueram outra vez mais escadas e de novo os atacantes subiram aos montes.

Gigantes avançaram empurrando caixas com um aspecto estranho, algumas com seis metros de largura e três de altura. Avançavam sobre plataformas com rodas, com varas compridas apontadas para a frente e para a retaguarda, abrindo caminho de forma trepidante sobre o terreno duro e repleto de corpos. Quando se aproximaram das muralhas, um mecanismo foi acionado e as varas se moveram e ergueram as caixas até a altura do topo das muralhas. De repente, a parte da frente das caixas caiu, formando uma nova plataforma, e de lá saíram goblins que se colocaram no topo das muralhas, enquanto eram lançadas cordas das caixas para que mais invasores pudessem subir. A tática foi imitada em vários locais ao longo das muralhas até que centenas de moredhel, goblins e trolls começaram a combater corpo a corpo com os defensores da cidade.

Arutha desviou-se do golpe de um goblin e passou por cima da criatura verde, levando-a a cair aos gritos em cima das rochas da paliçada abaixo. Crianças armengarianas avançaram de punhais em riste e se asseguraram de que a criatura não sobrevivesse. Todos os que eram capazes de ajudar na batalha estavam ali.

O Príncipe de Krondor passou correndo por Amos, que lutava com um moredhel, cada um segurando o pulso do outro. Arutha atingiu o moredhel na cabeça com o punho de sua espada e continuou a avançar ao longo da muralha. O elfo negro ficou espantado e Amos agarrou-o pela garganta e entre as pernas. Ergueu-o e atirou a criatura por cima do muro, derrubando uma série de outras que tentavam subir uma escada. Ele e outro defensor trataram então de empurrar a escada da muralha.

Jimmy e Locklear correram impetuosamente ao longo da muralha, lançando golpes quando precisavam ultrapassar atacantes que procuravam detê-los. Chegaram ao local onde Guy comandava as tropas.

— Meu senhor, Armand alerta que uma segunda onda dessas caixas se aproxima — disse Jimmy.

Guy observou as linhas de defesa. Estavam retirando os atacantes abatidos das muralhas e quase todas as escadas tinham sido derrubadas.

— Varas e óleo fervendo! — gritou, e passaram a ordem ao longo da muralha.

Quando a segunda onda de caixas subiu a muralha, usaram varas compridas, lanças e espadas para impedir a parte da frente de se abrir, embora diversas tentativas tenham falhado. Mas as que se mantiveram fechadas foram atacadas com sacos de pele encharcados de óleo, lançados por fortes armengarianos por cima das paredes das caixas. Flechas em chamas os incendiaram e logo as caixas começaram a queimar. Atacantes aos gritos saltaram para a morte lá embaixo em vez de enfrentarem as chamas.

As poucas companhias de moredhel que alcançaram as muralhas foram rapidamente repelidas e, menos de uma hora depois do início do assalto, soou a ordem de retirada vinda do acampamento.

Arutha olhou ao redor e se virou para Guy. O Protetor ofegava, mais devido à tensão do que propriamente à luta. Sua posição de comando foi defendida com bravura para que pudesse continuar a dar ordens ao longo das muralhas. Olhou para trás, na direção de Príncipe.

— Tivemos sorte. — Esfregou o rosto com as mãos. — Se aquele louco tivesse enviado as duas fileiras ao mesmo tempo, poderia ter tomado um setor antes de sabermos como reagir. Teríamos de nos retirar para as ruas — acrescentou.

— Talvez, mas nosso exército é bravo e lutou bem — disse Arutha.

Guy parecia furioso.

— Sim, lutaram bem, e também morreram bem. O problema é mantê-los vivos.

Virou-se para Jimmy, Locklear e diversos outros mensageiros.

— Chamem os comandantes ao posto de comando avançado. Daqui a dez minutos — ordenou. — Gostaria que se juntasse a nós — disse para Arutha.

Arutha lavou o braço ensanguentado com água fresca levada por um velho que empurrava um carrinho de mão cheio de baldes.

— Claro — respondeu.

Abandonaram as muralhas e desceram as escadas até uma casa que fora convertida no posto de comando avançado de Guy. Em poucos minutos, todos os comandantes de companhia, assim como Amos e Armand, estavam em sua presença.

Guy começou a falar assim que chegaram:

— Duas coisas: primeiro, não sei quantos assaltos como este teremos capacidade de repelir em segurança, ou se eles terão capacidade para tentar fazer de novo. Se tivessem sido um pouco mais inteligentes ao usarem aquelas malditas caixas, a esta hora estaríamos combatendo nas ruas. Podemos repelir mais uma dúzia destes ataques, ou então o próximo pode nos liquidar. Quero que a evacuação da cidade comece imediatamente. As duas primeiras fases devem estar terminadas antes da meia-noite. Cavalos, mantimentos para os desfiladeiros e as crianças devem estar preparados. E quero as duas últimas fases prontas à minha ordem, o que pode ser a qualquer momento. Em segundo lugar, se alguma coisa me acontecer, quem me sucederá no comando será Amos Trask, seguido por Armand de Sevigny e pelo Príncipe Arutha.

De certo modo, Arutha esperava ouvir protestos dos comandantes armengarianos, mas estes saíram para cumprir as ordens sem proferirem uma palavra. Guy calou Arutha antes mesmo que este conseguisse falar:

— Você é melhor comandante de campo do que qualquer outro homem da cidade, Arutha. E, se tivermos de deixá-la, você pode se encarregar de liderar uma parte da população. Quis que soubessem que deveriam obedecê-lo. Assim, mesmo que só um dos comandantes locais esteja a seu lado, suas ordens serão acatadas.

— Por quê?

— Pois assim talvez mais alguns de meus homens consigam chegar vivos a Yabon — respondeu Guy, avançando para a porta. — Venha, é melhor que esteja ciente do que estamos planejando aqui.

O segundo grande ataque começou enquanto Guy mostrava a Arutha a disposição das unidades na cidadela, para o caso de a própria cidade cair. Apressaram-se em regressar às muralhas, enquanto idosos rolavam barris pelas ruas. Quando chegaram à paliçada exterior, Arutha viu dezenas de barris sendo dispostos em cada canto.

Chegaram ao topo da muralha e se depararam com confrontos intensos por todos os lados. Caixas em chamas oscilavam ao vento a curta distância das paredes, mas nenhuma companhia de moredhel, goblins ou trolls ultrapassou as ameias em segurança.

Assumindo seu posto de comando, Guy encontrou Amos supervisionando a colocação das companhias de reserva. Sem esperar pela pergunta de Guy, Amos relatou a situação:

— Tivemos mais duas dúzias dessas engenhocas se aproximando. Desta vez, nós as enchemos de flechas incendiárias e só depois despejamos o óleo, para que pegassem fogo a uma distância maior das muralhas. Nossos rapazes os estão castigando severamente e, por ora, vamos resistir. Sua *Bastardeza* impiedosa está pronta para levar uma surra. — Apontou para a colina onde Murmandamus se instalara. Era difícil ver, mas dava a impressão de que o líder dos moredhel estava muito pouco satisfeito com o desenrolar do ataque. Arutha desejou ter a visão de um caçador naquele momento, pois não conseguia enxergar bem o que Murmandamus estava fazendo.

— Para baixo! Todos para baixo! — Amos gritou de repente. Arutha agachou-se atrás dos merlões quando o alerta de Amos foi reproduzido por outros, e mais uma vez o fogo escarlate explodiu acima deles. Seguiu-se outra detonação, e depois uma terceira. Era possível ouvir o som distante de trombetas e Arutha se arriscou a espiar por cima do muro. O exército que os cercava estava se retirando, regressando à segurança de suas próprias fileiras.

— Olhem — disse Guy, erguendo-se.

Abaixo deles jaziam corpos incinerados e muita fumaça proveniente da explosão de chamas mágicas de Murmandamus. Amos inspecionou os estragos.

— Ele não aceita muito bem a derrota, não é? — comentou.

Arutha observou minuciosamente as muralhas.

— Matou seus próprios soldados e provocou poucas baixas nos nossos. Que tipo de inimigo é esse?

Amos colocou a mão sobre o ombro de Arutha.

— O pior tipo: um louco.

A fumaça cobriu o campo e os defensores praticamente desabaram devido ao cansaço e à falta de ar puro. Enormes construções de madeira e tapumes, feitas para queimar rapidamente, foram transportadas sobre carroças grandes e dispostas em frente às muralhas. Haviam posto fogo nelas e provocaram uma fumaça negra e fétida. Tentaram uma nova forma de escalar as paredes, com compridas escadas instaladas em plataformas. Eram carregadas por companhias de goblins. Aos defensores, parecia que uma parede de fumaça negra havia obscurecido o ar e, de repente, materializou-se uma escada bem em frente; enquanto tentavam em vão afastar as escadas, que estavam bem presas, os atacantes subiam em grande número. Os agressores usavam panos sobre a boca e o nariz, embebidos em uma mistura qualquer de óleos e ervas, que filtrava o ar.

Foram tomadas diversas posições ao longo da muralha, mas Arutha ajudou a comandar os reforços, que rapidamente empurraram os invasores novamente para trás. Guy ordenara que despejassem nafta sobre as chamas, levando-as a explodir de uma maneira incontrolável pelos invasores. Rapidamente, um inferno foi gerado na base da muralha e aqueles que estavam nas escadas das plataformas foram deixados para trás, morrendo queimados e em agonia. Quando o fogo finalmente se extinguiu, não restava uma única escada intacta.

O sol do fim da tarde mergulhou atrás da cidadela e Guy puxou Arutha de lado.

— Acho que por hoje é só.

— Não sei — Arutha respondeu. — Veja como se posicionam.

Guy viu que, daquela vez, as forças invasoras, ao contrário do que era habitual, não se retiraram para o acampamento. Realinharam-se em posição de ataque, com os comandantes se movendo à frente, organizando substituições nas fileiras.

— Eles não estão pensando em nos atacar à noite, não é?

Amos e Armand se aproximaram.

— Por que não? — questionou Amos. — Da forma como atiram os seus homens contra nós, pouco lhes interessa quem vê quem. O louco amante de porcos pouco se importa com quem vive ou morre. Será uma carnificina atroz, mas podem nos levar a ceder.

Armand vigiou a muralha. Os feridos e os mortos eram levados para enfermarias montadas na cidade.

— Hoje perdemos trezentos e vinte soldados. Quando verificarmos de novo todos os relatórios, esse número ainda pode aumentar. Isso nos deixa com uma força regular de cerca de seis mil, duzentas e vinte e cinco unidades.

Guy praguejou.

— Mesmo que Martin e os outros cheguem à Montanha de Pedra dentro do prazo e voltem para cá com a mesma rapidez, não será suficientemente rápido. E parece que nossos amigos têm algo planejado para esta noite.

Arutha debruçou-se sobre o muro.

— Não parecem estar se preparando para atacar.

Guy olhou para trás, em direção à cidadela. O sol já estava atrás das montanhas, mas o céu permanecia iluminado. Na planície à frente da cidade era possível ver estandartes e archotes.

— Parecem estar... esperando.

— Digam às companhias para descansarem, mas mantenham a vanguarda —

disse Guy. Ele e de Sevigny partiram sem ordenar uma vigilância atenta. Não era necessário.

Arutha permaneceu na muralha com Amos. Parecia capaz de sentir o que ainda viria, como se chegasse rapidamente a hora de desempenhar o seu papel, fosse ele qual fosse. Se a antiga profecia que os ishapianos lhe contaram em Sarth se revelasse verdadeira, ele era a Ruína das Trevas e a ele caberia derrotar Murmandamus. Pousou o queixo nos braços, sobre as frias pedras da muralha. Amos pegou um cachimbo e começou a enchê-lo de tabaco, trauteando uma canção de marinheiro. Enquanto aguardavam, o exército do outro lado foi envolto pelo manto da escuridão.

—Locklear, não — disse Bronwynn, afastando o rapaz.

O escudeiro pareceu confuso.

— Mas não estamos em serviço.

— Passei o dia correndo de um lado para outro, entregando mensagens, assim como você — explicou a menina, cansada. — Estou com calor e pegajosa, cheia de pó e de fumaça, e você quer se deitar comigo?

A voz de Locklear revelava um certo sentimento de traição.

— Mas... a noite passada.

— Isso foi a noite passada — realçou a menina em tom gentil. — Foi algo que quis fazer, e por isso agradeço a você. Mas agora estou cansada e imunda, e não estou com vontade.

— Agradece!? — repetiu o rapaz com secura. — Foi... um favor? — Seu orgulho ferido ficou bem evidente, sua voz embargada pela emoção. — Eu amo você, Bronwynn. Quando tudo isto terminar, você deve vir comigo para Krondor. Um dia, serei um homem rico. Podemos casar.

A moça respondeu, dividida entre a impaciência e a ternura:

— Locklear, você fala de coisas que não entendo. Os prazeres carnais são... tudo, menos promessas. Agora, devo descansar antes que nos chamem outra vez para trabalhar. Vá embora. Talvez outra hora.

Como se tivesse levado um tapa, o rapaz recuou com as bochechas queimando de vergonha.

— O que quer dizer com talvez outra hora? — Seu rosto ficou praticamente rubro e ele quase gritou: — Acha que isso é alguma brincadeira? Acha que não passo de um moleque? — Falou em tom desafiador.

Bronwynn fitou-o com tristeza no olhar.

— Sim, Locklear. Você não passa de um moleque. Agora, vá.

Cada vez mais alterado, Locklear começou a gritar:

— Eu não sou a droga de um moleque, Bronwynn. Você vai ver. Você não é a única mulher de Armengar. Eu não preciso de você. — Saiu aos tropeços pela porta, fechando-a com estrondo. Lágrimas de humilhação e irritação escorreram por seu rosto. Sentiu o estômago embrulhado devido à fúria cega e seu coração acelerou. Nunca em sua vida sentira tanta confusão e dor. Então ouviu Bronwynn chamando seu nome. Hesitou por um momento, pensando que a garota talvez pretendesse pedir desculpas ou que ela simplesmente quisesse que desse algum recado. Então ela gritou.

Locklear abriu repentinamente a porta e viu a garota agarrando as costelas enquanto brandia um punhal desajeitada. Tinha sangue escorrendo pelo braço, pelo flanco e pela coxa. À sua frente, estava agachado um troll montanhês com a espada erguida. A mão de Locklear voou até seu florete.

— Bronwynn! — gritou. O troll hesitou quando o rapaz saltou em sua direção, mas, quando Locklear ergueu a arma, a lâmina do troll desceu.

Em uma fúria cega, Locklear atacou com fúria, acertando a nuca do troll. A criatura cambaleou e tentou se virar; o rapaz, porém, voltou a investir com a ponta do florete, descobrindo um ponto debaixo do braço da criatura que não estava protegido pela armadura. O troll estremeceu e sua espada escorregou desamparada de seus dedos frouxos quando ele caiu no chão.

Locklear trespassou-o mais uma vez com o florete e depois pulou por cima dele para se juntar a Bronwynn. A garota jazia em uma poça de sangue. Locklear percebeu imediatamente que ela estava morta. Escorreram lágrimas pelo rosto do rapaz enquanto a embalava nos braços, apertando-a com força.

— Desculpe, Bronwynn. Desculpe ter ficado zangado — murmurou no ouvido da garota morta. — Você não pode morrer. Eu serei seu amigo. Não queria gritar. Droga! — Balançou-se para a frente e para trás, enquanto o sangue de Bronwynn escorria por seus braços. — Droga! Droga! Droga!

Locklear chorou bem alto. Doía como se tivesse um ferro em brasa cravado no estômago, seu coração batia descompassado e sentia um nó nos músculos. Tinha a pele quente, como se o ódio e a raiva que sentia se esvaíssem pelos poros, e os olhos ardiam em sua cabeça, repentinamente quentes demais e sem capacidade para produzir mais lágrimas.

Então o soar do alarme despertou-o de seu luto particular. Ergueu-se e pousou gentilmente a moça em cima da cama que tinham partilhado na noite anterior. Depois pegou seu florete e abriu a porta. Inspirou profundamente e sentiu algo

gelando dentro de si, como se uma montanha de gelo tivesse substituído a agonia ardente que o atormentara pouco antes.

À sua frente, uma mulher segurava uma criança, enquanto um goblin avançava para ela de espada erguida. Locklear avançou tranquilamente e, com um movimento violento da espada, atingiu o goblin no pescoço, decepando a cabeça da criatura. Locklear olhou ao redor e viu uma luz bruxuleando brevemente na noite, e, de repente, um guerreiro moredhel surgiu diante dele. Locklear atacou sem hesitar. Feriu o moredhel no flanco, mas o inimigo conseguiu evitar a morte pelas mãos do rapaz. De qualquer forma, o ferimento era grave e Locklear era um espadachim acima da média. Estava tomado por uma fúria cega, não dando atenção à sua própria segurança, o que o tornou o mais destemido dos oponentes, alguém disposto a arriscar tudo, pois já não queria saber de sua vida. Com uma fúria espantosa, encostou o moredhel à parede do edifício e perfurou-o.

Locklear girou à procura de mais inimigos e viu um vulto se aproximando pela rua, a meio quarteirão. O rapaz começou a correr em direção ao goblin.

De repente, invasores apareceram por toda a cidade. Assim que soou o alarme, os defensores iniciaram a luta, mas um grupo de goblins e moredhel se uniu e começou a lutar dentro da cidade. Quando a invasão dos guerreiros transportados por magia atingiu seu ápice, o exército do lado de fora das muralhas iniciou o ataque. De repente, o risco de soldados demais terem sido retirados das muralhas para lidar com os teletransportados tornou-se grande, o que permitiria que os invasores ainda no exterior descobrissem uma brecha nas defesas por onde pudessem passar.

Guy enviou uma companhia de reforço para o local onde incidia o ataque mais intenso sobre a muralha, e outra para fora dela, de modo a ajudar os que estavam do lado de dentro. Óleo fervendo e flechas rapidamente repeliram os inimigos que estavam na muralha, mas as constantes aparições dentro da cidade não tinham fim. Arutha combateu o cansaço entorpecente e observou o mais odiado rival de seu pai, tentando imaginar como o homem encontrava forças para prosseguir. Era um homem muito mais velho que ele e mesmo assim Arutha se viu invejando a energia de Guy e sua rapidez para tomar decisões, mostrando que sempre tinha noção de onde estava cada uma das unidades sob seu comando. Arutha ainda não conseguia se obrigar a gostar daquele homem, mas o respeitava e, mais do que gostaria de admitir, até o admirava.

Guy observou a colina ao longe, o lugar de onde Murmandamus vigiava seu exército. Viu um leve bruxulear de luz; pouco depois, outro; e, em seguida, um terceiro. Arutha seguiu o olhar de Guy e, depois de ter visto as luzes, se dirigiu a ele.

— É de onde eles vêm?

— Eu apostaria nisso. O rei-bruxo ou o sacerdote da serpente está por trás disso.

— Está longe demais, até mesmo para o arco de Martin — disse Arutha —, e aposto que nenhum de seus arqueiros pode atingi-lo. Nem mesmo suas catapultas.

— O maldito está fora do alcance.

Amos apareceu na muralha.

— As coisas parecem estar sob controle — anunciou —, mas eles continuam aparecendo por todo lado. Disseram que havia três na cidadela, e um apareceu no fosso e afundou como uma pedra... Para onde está olhando?

Arutha apontou para a colina e Amos a observou por alguns minutos.

— Nossas catapultas não chegam lá. Droga. — Então surgiu um sorriso rasgado no rosto do velho lobo do mar. — Tive uma ideia.

Guy acenou para a paliçada, onde um troll com uma expressão de espanto havia aparecido, sendo prontamente derrubado por três soldados. Mas, assim que morreu, outro surgiu e desatou a correr por uma rua.

— Aceito qualquer coisa. Mais cedo ou mais tarde, vão acabar se reunindo em uma companhia suficientemente grande para causar graves problemas.

Amos se dirigiu apressadamente a uma plataforma de catapulta. Deu algumas instruções e logo puseram um caldeirão para aquecer. Orientou os preparativos e voltou. Inclinou-se sobre o muro.

— A qualquer momento — disse.

— O quê? — perguntou Guy.

— O vento vai mudar. Acontece sempre a esta hora da noite.

Arutha balançou a cabeça. Estava cansado e, de repente, veio-lhe à mente uma imagem engraçada.

— Vai navegar mais perto, capitão?

Abruptamente, surgiu um troll na fortaleza, piscando os olhos, confuso. Guy acertou-o com a parte de trás do punho, derrubando a criatura sobre as pedras lá embaixo. Ela aterrissou com estrondo e não se mexeu mais.

— Parece que eles ficam alguns segundos desorientados, o que é algo muito bom — afirmou o Protetor. — De outro modo, este poderia ter se servido de suas

pernas no almoço, Amos.

Amos enfiou um dedo na boca e depois o ergueu. Após um *Ah* de satisfação, gritou:

— Catapulta! Fogo!

A poderosa máquina de guerra desenrolou-se, lançando seu projétil com tal força que quase a fez saltar sobre a muralha. No escuro, o projétil ganhou velocidade em silêncio. Amos soltou um uivo de satisfação. Arutha observou um momento e não viu mais clarões de luz.

— Amos, o que você fez? — perguntou Guy.

— Bem, Ciclope, se trata de um truque que aprendi com nossos velhos amigos keshianos. Estava em Durbin quando uma tribo de homens do deserto se rebelou e decidiu ocupar a cidade. O governador-geral, aquela velha raposa do Hazara-Khan, viu as muralhas sendo varridas com flechas de fogo e ordenou que atirassem areia quente para cima.

— Areia quente? — questionou Arutha.

— Sim, basta aquecer até se tornar vermelha e atirá-la contra eles. O vento a transporta até bem longe e, se não tiver esfriado muito antes de atingi-los... queima como o diabo! Infiltra-se na armadura, debaixo da túnica, nas botas, no cabelo, em todo lado. Se Murmandamus estava olhando para cá, talvez tenhamos cegado o maldito filho de uma ratazana execrável. Em todo caso, durante uma hora ou duas não vai proferir feitiços.

Arutha riu.

— Seja como for, acho que será só por alguns minutos.

Amos tirou de dentro de sua túnica um cachimbo e um pavio que acendeu em uma tocha.

— Sim, tem razão. — Seu tom tornou-se sério. — Tem razão.

Os três voltaram a olhar para a escuridão, à procura de algum indício do que viria em seguida.

14

Destruição

O vento soprou poeira por cima da muralha.

Arutha olhou de soslaio para os cavaleiros que percorriam as fileiras de inimigos reunidos, dirigindo-se para o estandarte de Murmandamus. Os ataques prosseguiram sem parar durante três dias antes de cessarem. Uma espécie de conselho de guerra estava se reunindo no acampamento de Murmandamus, ou pelo menos assim parecia a Arutha.

A reunião durou uma hora. Arutha considerou a situação. As últimas investidas do inimigo tinham sido intensas, assim como as anteriores, porém as preocupantes e súbitas aparições de guerreiros transportados por magia para dentro das muralhas não voltaram a ocorrer. O desaparecimento dos ataques mágicos deixou Arutha confuso. Especulou se haveria alguma razão de força maior para Murmandamus não usar as artes mágicas novamente, ou se atingira algum limite para suas capacidades durante um determinado período de tempo. Ainda assim, Arutha suspeitava que Murmandamus preparava algo, uma vez que convocara todos os seus comandantes.

Amos percorreu lentamente a muralha, inspecionando os soldados de serviço. Já era tarde e os homens começavam a relaxar, pois pelo visto havia poucas chances de surgir algum ataque antes da manhã seguinte. No acampamento inimigo, ninguém parecia estar se preparando para o combate, e levariam horas até reunirem as forças necessárias para isso. Amos colocou-se ao lado de Arutha.

— Se você fosse o comandante, o que estaria fazendo?

— Se tivesse homens suficientes, baixava a ponte, saía e os atacava antes que pudessem organizar suas forças. Murmandamus montou seu posto de comando próximo demais da linha da frente e, sem nenhuma razão aparente, uma companhia de goblins foi deslocada, deixando o caminho praticamente livre até seu pavilhão. Se atacasse com arqueiros e cavaleiros, com alguma sorte seria possível matar alguns de seus capitães antes que revidassem. Quando

despertassem para a realidade, eu já estaria de volta à cidade.

Amos sorriu.

— Bem, que rapaz esperto você me saiu, Alteza. Se quiser, pode vir brincar conosco.

Arutha olhou interrogativamente para Amos e o lobo do mar inclinou a cabeça. O Príncipe olhou por cima dele, para a paliçada, e viu cavaleiros se preparando diante do portão interior da barbacã.

— Venha, tenho um cavalo a mais para você.

Arutha seguiu Amos escadas abaixo até os cavalos.

— E se Murmandamus tiver mais uma magia na manga reservada para nós?

— Então morreremos e Guy ficará triste por perder a melhor companhia que já teve nos últimos vinte anos: eu. — Amos montou no cavalo. — Você se preocupa demais, rapaz. Já disse isso a você?

Arutha exibiu seu habitual meio sorriso enquanto montava.

— Tenha o dobro de cuidado — recomendou Guy, que aguardava ao lado dos portões. — Se conseguirem feri-lo, excelente, mas nada de ataques suicidas heroicos, se houver uma pequena chance de apanhar Murmandamus. Precisamos de vocês de volta.

Amos riu.

— Ciclope, sou o mais improvável candidato a herói que você poderia conhecer. — Sinalizou para que abrissem o portão interior. Enquanto o portão se fechava, era possível ouvir o ruído da ponte sendo abaixada. De repente, o portão exterior abriu-se e Amos liderou a companhia. Logo vários membros do grupo tomaram posição nos flancos, enquanto o corpo principal da companhia de Amos se lançava contra o exército sitiante. A princípio, pareceu que o inimigo não percebera que estava sob ataque dos sitiados, pois nem foi dado o alarme. Já estavam praticamente em cima dos primeiros membros do exército de Murmandamus quando finalmente soou uma trombeta. Quando os goblins e os trolls começaram a procurar suas armas, desesperados, Amos e seus cavaleiros já os caçavam.

Arutha, acompanhado por três arqueiros, cavalgou diretamente para a colina onde os comandantes de Murmandamus se reuniam. Não sabia o que o impelia, mas, de repente, sentiu uma necessidade urgente de enfrentar o Senhor das Trevas. Um esquadrão de cavaleiros, próximo dos invasores, galopou para interceptar os armengarianos que seguiam Arutha, que se viu frente a frente com um renegado humano, que sorriu ao investir contra ele. Arutha o aniquilou rápida e eficientemente. Então a luta começou.

Arutha olhou para o pavilhão de comando e viu nitidamente Murmandamus, ao lado de seu companheiro das serpentes. O líder moredhel pareceu indiferente à carnificina que caía sobre suas forças. Diversos armengarianos tentaram se aproximar do pavilhão, mas foram interceptados por renegados e cavaleiros moredhel. Um arqueiro parou seu cavalo e tranquilamente disparou flechas contra o pavilhão. Tendo aprendido a lição relativa à invulnerabilidade de Murmandamus, optou por outros alvos. Outro arqueiro juntou-se a ele, e rapidamente dois chefes tribais de Murmandamus foram abatidos; um morreu com uma flecha no olho. Outra companhia de infantaria correu para o local onde Arutha fazia estragos com sua espada, decapitando goblins, trolls e moredhel, de maneira a proteger os arqueiros enquanto atacavam os chefes tribais. Durante um tempo que pareceu interminável, tudo o que Arutha ouviu foi o retinir do aço e as batidas fortes do coração em seus ouvidos. Até que Amos gritou:

— Comecem a retirada!

O grito foi repetido por outros cavaleiros, até que todos os atacantes o ouvissem.

Arutha viu de relance o local onde Amos tinha seu cavalo e detectou outra companhia de cavaleiros se dirigindo para eles. O Príncipe voltou a golpear com sua espada, derrubou outro renegado foi ao encontro de Trask. Os renegados recém-chegados atacaram os invasores comandados por Amos, cercando-os. Então os invasores se uniram e atacaram a cavalaria de Murmandamus. Aos poucos, os cavaleiros começaram a se debater para conseguir escapar do acampamento, matando quem quer que atravessasse o seu caminho. Uma brecha surgiu na massa compacta que os envolvia, um caminho livre até os portões. Arutha esporeou seu cavalo para que avançasse e juntou-se aos outros em uma fuga desordenada de volta à cidade. Olhou por cima do ombro. Uma companhia de cavaleiros vestidos de negro passou em grande velocidade pelo pavilhão de Murmandamus, perseguindo-os bravamente.

— Exterminadores Negros — gritou para Amos.

Amos fez um sinal e diversos cavaleiros saíram da formação para enfrentar os Exterminadores Negros. Avançaram e se entrechocaram com um sonoro estrondo de aço, o que levou vários cavaleiros de ambas as facções a caírem dos cavalos. A caótica luta corpo a corpo terminou quando os armengarianos se afastaram, depois de verem outra companhia de moredhel avançando para o local. A maior parte dos armengarianos que caíram voltou a saltar para cima das selas, mas nem todos conseguiram. Uma dúzia de soldados permaneceu sobre o solo arenoso da planície.

Os portões se abriram quando a companhia de Amos chegou à muralha e rapidamente foram trancados outra vez, assim que entraram na barbacã. Mais atrás, a retaguarda tentava se apressar, envolvida em um combate em alta velocidade com Exterminadores Negros e outros moredhel. Uma dúzia de armengarianos lutava para escapar de mais de trinta perseguidores.

Amos colocou-se ao lado de Arutha enquanto os Exterminadores Negros derrubavam dois cavaleiros.

— Dez — disse Amos, referindo-se à quantidade de cavaleiros que restavam. E prosseguiu a contagem decrescente conforme iam se aproximando do portão. — Nove, oito — e depois — sete. — Sobre a planície empoeirada, uma fileira de cavaleiros de armadura negra esmagava meia dúzia de soldados em fuga. — Seis, cinco, quatro — disse Amos. — Fechem o portão! — gritou em um tom carregado de raiva.

Quando o portão começou a rodar para se fechar, Arutha prosseguiu a contagem.

— Três, dois... — Os dois últimos cavaleiros do grupo de ataque foram abatidos.

Então, do alto, ouviu-se o som de catapultas em ação. Logo escutaram-se gritos agonizantes de moredhel e cavalos morrendo. Quando os portões interiores se abriram, Amos esporeou seu cavalo para que avançasse.

— Pelo menos os malditos pagaram com a vida — disse Amos. — Vi ao menos quatro chefes caídos, dois deles certamente mortos. — Amos olhou rapidamente para trás, como se fosse possível ver através dos grossos portões. — Mas por que o maldito não usou magia? É isso que não entendo. Ele podia ter nos capturado, não podia?

Arutha não teve alternativa senão concordar. Ele também pensara aquilo. Entregou seu cavalo a um rapaz destacado para tratar dos animais e subiu as escadas correndo para conversar com Guy em seu posto de comando.

— Maldição! — rosnou quando se juntou ao Protetor.

Vários vultos de armadura negra caídos estavam se levantando em um movimento brusco e desajeitado, regressando às suas fileiras. Logo seus movimentos tornaram-se mais equilibrados e não demorou muito para que corressem como se nunca tivessem sido feridos.

— Quando você me falou disso... — Guy começou a dizer.

— ...você não conseguiu acreditar — Arutha completou. — Eu sei. É preciso ver para crer.

— Como podemos matá-los?

— Com fogo, magia ou arrancando-lhes o coração. Caso contrário, até os pedaços encontram alguma maneira de se reencontrarem e eles se tornam mais fortes a cada minuto que passa. Não há outra forma de detê-los.

Guy olhou para fora, para a retirada dos Exterminadores Negros.

— Nunca tive o fascínio de seu pai pela magia, Arutha, mas agora daria metade do meu ducado, de meu antigo ducado, por um mago talentoso.

Arutha considerou aquelas palavras.

— Algo me preocupa aqui. Sei pouco sobre isso, mas me parece que, apesar de todos os seus poderes, Murmandamus não se esforça muito para nos incomodar de verdade. Eu me lembro de Pug, um mago que conheço, ter me falado de certas coisas que fez... Bem, ultrapassam de longe o que vimos até agora. Acho que Pug poderia abrir os portões da cidade, se quisesse.

— Não entendo nada disso — admitiu Guy.

Amos estava logo atrás, aproximando-se do Protetor.

— Talvez o rei dos porcos não pretenda que seu exército conte muito com ele. — Tanto Guy como Arutha fitaram Amos com enorme curiosidade. — Pode ser uma questão de moral.

Guy abanou a cabeça.

— Não sei, mas acho que é algo mais complexo do que isso.

Arutha observou a confusão que reinava no acampamento inimigo.

— Seja o que for, é provável que não demoremos muito para descobrir.

Amos debruçou-se sobre o muro.

— Já se passaram duas semanas desde que seu irmão e os outros partiram. Se tudo correu conforme planejado, Martin deve ter chegado à Montanha de Pedra hoje.

— Se tudo correu conforme planejado — assentiu Arutha.

Martin se agachou na depressão no solo, as costas bem apoiadas no granito úmido. O som de botas rangendo nas pedras acima indicou-lhe que seus perseguidores andavam à procura de sinais de sua passagem. Segurou o arco à sua frente, observando a corda arrebentada. Tinha mais uma na bagagem, mas não dispunha de tempo para substituí-la. Se fosse descoberto, largaria a arma para desembainhar a espada.

Respirou lentamente, tentando se manter calmo. Pensou se o destino teria sido gentil com Baru e Laurie. Dois dias antes, tinham aparentemente chegado às Montanhas de Yabon propriamente ditas. Até aquele dia, não tinham detectado

sinais de perseguidores; contudo, pouco depois de o sol nascer, foram surpreendidos por uma patrulha de cavaleiros de Murmandamus. Evitaram ser descobertos escalando as rochas acima da trilha, mas os moredhel desmontaram e os seguiram. Por azar, Martin e os outros estavam em lados opostos do caminho; Laurie e Baru foram forçados a seguir para o sul, enquanto Martin escapou indo para oeste. Teve esperança de que fossem suficientemente sensatos para prosseguirem para o sul, até Yabon, e não tentassem se reunir a ele. A perseguição durou todo o dia. Martin olhou para cima, observando o sol se movendo atrás das montanhas. Calculou que só restassem duas horas de luz. Se conseguisse evitar ser capturado até escurecer, então estaria a salvo.

O som das botas tornou-se cada vez mais tênue e Martin se movimentou. Deixou o abrigo da rocha suspensa e disparou, correndo agachado, seguindo um riacho pela montanha acima. Parecia estar perto da Montanha de Pedra, embora nunca tivesse estado ali vindo do nordeste. Mas alguns dos pontos de referência pareciam-lhe vagamente familiares e, se não tivesse outras preocupações naquele momento, certamente acharia fácil encontrar os anões.

Martin contornou uma curva e, de repente, deparou-se com um guerreiro moredhel. Sem hesitar, atacou-o violentamente com o arco, atingindo o elfo negro na cabeça com a pesada arma de teixo. O moredhel foi pego de surpresa e, antes de conseguir se recuperar, Martin já empunhara a espada, com a qual o abateu.

Martin olhou em volta, à procura de sinais dos companheiros do moredhel. Pensou ter visto um movimento ao longe, mas não teve certeza. Rapidamente, apressou-se a subir e se deparou com mais uma curva. Espiando por ela, Martin avistou meia dúzia de cavalos amarrados. De alguma forma, tinha conseguido passar pelos perseguidores e percebeu que estava perto de seus cavalos. Correu e se atirou sobre a sela de um dos animais. Usou a espada para cortar as rédeas dos outros e bateu nos flancos deles com a superfície plana da arma para afugentá-los.

Fez seu cavalo girar e esporeou-o para que avançasse. Poderia correr seguindo o riacho até chegar à trilha. Depois, poderia passar à frente dos moredhel em direção à Montanha de Pedra.

Então um vulto escuro se atirou do alto de uma rocha quando Martin passava, derrubando-o da sela. Martin rolou pelo chão e se ergueu em posição de combate, a espada em riste, tal como o moredhel. Os dois combatentes olharam um para o outro enquanto o moredhel gritava no áspero dialeto élfico para seus companheiros. Martin atacou, mas o moredhel era um espadachim hábil e o

manteve à distância de uma espada. O Duque tinha a noção de que, se fugisse, levaria uma lâmina nas costelas, mas, se permanecesse ali, não demoraria a se ver diante de cinco moredhel. Chutou pedras e seixos em direção ao oponente, mas o guerreiro era um lutador experiente que se afastava para os lados, evitando que a poeira lhe atingisse os olhos.

Então o som de botas pôde ser ouvido em ambas as direções. O moredhel voltou a gritar e obteve resposta vinda do lado esquerdo de Martin, ao sul. Do lado direito, o som de armaduras e botas se intensificou. Os olhos do moredhel se viraram por um instante para aquela direção e Martin lançou-se ao ataque. O elfo negro evitou o golpe por pouco, mas foi levemente atingido no braço. Martin se aproveitou de sua ligeira vantagem e, enquanto o moredhel estava desequilibrado, investiu com um ataque arriscado que, se falhasse, o deixaria exposto. Não falhou. O moredhel ficou muito rígido e caiu, enquanto Martin libertava sua espada.

Martin não hesitou. Saltou para as rochas à procura de uma posição elevada, antes de ser atacado de ambos os lados. Guerreiros moredhel apareceram de repente em seu campo de visão, vindos da ponta sul do riacho, e um deles se preparava para golpeá-lo com a espada.

Martin o chutou inesperadamente e o guerreiro se abaixou, o que fez com que o golpe falhasse. Em seguida, também de forma inesperada, uma mão esticou-se para baixo e agarrou a túnica de Martin.

Duas poderosas mãos puxaram o Duque de Crydee até a margem do riacho. Martin olhou e se deparou com um rosto sorridente, com uma espessa barba ruiva.

— Desculpe o puxão, mas as coisas estavam ficando feias por ali.

O anão apontou para algo atrás de Martin, que se virou para ver uma dúzia de anões saindo rapidamente de uma ravina, vindos do norte. Os moredhel viram o número superior de guerreiros anões e se viraram para fugir, mas os anões saltaram sobre eles antes que conseguissem percorrer dez metros. A luta foi breve.

Outro anão juntou-se ao que estava ao lado de Martin. O primeiro passou um cantil com água para Martin, que se levantou e bebeu. Olhou para baixo, em direção aos dois anões, ambos com cerca de um metro e meio de altura.

— Obrigado — disse para eles.

— De nada. Os Irmãos das Trevas têm andado xeretando muito por aqui ultimamente, por isso temos patrulhado a área. Como temos convidados — apontou para alguns anões que estavam escalando para se juntarem a eles —,

não nos faltam rapazes dispostos a ensinar uma lição a eles. Geralmente, os covardes fogem, pois sabem que estão próximos demais de nossa casa, mas desta vez foram um pouquinho lentos. Agora, se não se importa, quem é você e o que faz na Montanha de Pedra?

— Aqui é a Montanha de Pedra? — perguntou Martin.

O anão apontou para trás de Martin e o Duque se virou. Logo atrás, ao lado da margem do riacho, onde havia se agachado, erguia-se uma fileira de árvores. Olhando para a floresta, verificou que cobria os lados de um enorme cume que se erguia até as nuvens. Estivera tão concentrado na perseguição, tão concentrado em se esconder, que não vira nada além de rochas e ravinas. Agora, reconhecia aquele cume. Faltava meio dia de caminhada para chegar à Montanha da Pedra.

Martin olhou para os anões reunidos. Retirou a luva direita e exibiu o selo real.

— Sou Martin, Duque de Crydee. Preciso falar com Dolgan.

Os anões pareceram céticos, como se não fosse provável que um senhor do Reino se apresentasse daquele jeito, mas se limitaram a olhar para seu líder.

— Eu me chamo Paxton. Meu pai é Harthorn, Comandante Militar dos clãs da Montanha de Pedra e chefe do clã da aldeia de Delmoria. Venha, Lorde Martin, vamos levá-lo para ver o Rei.

Martin riu.

— Então, ele ficou com a coroa.

Paxton sorriu ironicamente.

— De certo modo. Depois de o chatearmos por alguns anos, aceitou ser nosso Rei, mas não usa uma coroa. Senta-se, porém, em um trono no salão grande. Venha, Vossa Graça. Chegaremos ao cair da noite.

Os anões partiram e Martin os seguiu. Pela primeira vez em semanas, sentia-se seguro, mas seu pensamento se dirigiu ao irmão e aos outros em Armengar. Quanto tempo conseguiriam aguentar?

Uma cacofonia de tambores, trombetas e gritos reverberava por todo o acampamento. De todos os cantos veio a resposta à ordem de mobilização. Guy observava enquanto a primeira luz da manhã se preparava para surgir.

— Antes do meio-dia, eles vão lançar tudo o que têm — disse a Arutha. — Murmandamus pode ter preferido poupar suas forças para a invasão em Yabon, mas não pode se permitir mais um dia de atraso que seja. Hoje, virão com força

total.

Arutha assentiu, enquanto via todas as companhias diante da cidade se mobilizando para a batalha. Nunca se sentira tão exausto. A matança dos capitães de Murmandamus deixara o acampamento inimigo em alvoroço por dois dias, até a ordem se restabelecer. Arutha não imaginava que tipo de acordo tinha sido obtido ou que promessas haviam sido feitas, mas finalmente regressaram, três dias depois.

Na semana seguinte, os ataques prosseguiram, e cada vez mais atacantes chegaram às muralhas. O último ataque do dia anterior os obrigara a enviar todas as forças de reserva que havia para onde pudesse surgir uma brecha, de forma que a integridade da muralha fosse mantida intacta. Mais alguns minutos e os invasores teriam conquistado posições no alto da muralha, e, então, mais guerreiros poderiam subir as escadas em segurança, libertando uma potencial onda de morte sobre a cidade. Arutha verificou que já tinham passado vinte e sete dias desde que Martin partira. Mesmo que a ajuda viesse, seria tarde demais.

Jimmy e Locklear aguardavam por perto, à espera de mensagens para levarem. Jimmy observou seu jovem amigo. Desde a morte de Bronwynn, Locklear se tornara irritadiço. Estava sempre querendo lutar, ignorando muitas vezes as ordens de se dedicar apenas ao serviço de mensageiro. Por três vezes, Jimmy viu o rapaz envolvido em combates que deveria ter evitado. Sua habilidade com a espada e agilidade valeram-lhe muito, por isso sobrevivera. Jimmy, porém, não sabia por quanto tempo o amigo conseguiria resistir, ou até mesmo se isso era seu desejo. Tentara falar com Locklear sobre a garota, mas o jovem escudeiro se recusara. Jimmy já vira morte e destruição demais em seus dezesseis anos. Tornara-se insensível em diversos aspectos. Mesmo quando acreditava que Arutha estava morto, não se afastara de Anita, como Locklear. Jimmy, preocupado com seu amigo, desejou saber como proceder em situações como aquela.

Guy avaliou a força do exército que tinha à sua frente.

— Não conseguiremos contê-los na muralha — afirmou por fim, com uma voz calma.

— Concordo — disse Arutha. Nas quatro semanas desde a partida de Martin, a cidade resistira, e os guerreiros de Armengar tinham se saído melhor do que todas as expectativas. Deram tudo o que tinham, mas o desgaste estava finalmente exaurindo as reservas do exército. Na última semana, mais de mil soldados tinham sido mortos ou incapacitados de lutar. Agora, os defensores estavam espalhados demais para poderem lidar com todo o poder dos invasores,

e era evidente, pelo modo cuidadoso de Murmandamus, que se preparava para lançar toda a força de seu exército em um assalto final. Guy acenou na direção de Amos. O lobo do mar se dirigiu a Jimmy:

— Levem a mensagem aos comandantes de companhia: iniciem agora a terceira fase da evacuação da cidade.

Jimmy deu uma cotovelada em Locklear, que parecia quase em transe, e levou seu companheiro dali. Correram ao longo da muralha, à procura dos comandantes de companhia. Arutha ficou olhando quando alguns soldados escolhidos deixavam a muralha assim que a ordem era dada. Desceram apressadamente as escadas até a paliçada, correndo para a cidadela.

— Quem você escolheu? — perguntou Arutha.

— Um combatente robusto, dois velhos armados, homens ou mulheres, três crianças mais velhas, também armadas, e cinco menores — esclareceu Guy.

Arutha sabia que, em poucos minutos, dezenas desses grupos começariam a ir para as montanhas através do extenso túnel que partia da caverna sob a cidade. Deveriam se dirigir para o sul, à procura de refúgio em Yabon. Tinham esperança de que assim pelo menos algumas das crianças de Armengar sobreviveriam. O único soldado seria o líder do grupo e tinha ordens para proteger as crianças. Além disso, os soldados também tinham ordens para matá-las em vez de deixá-las cair nas mãos dos moredhel.

O sol ergueu-se vagarosamente, movendo-se com firmeza, indiferente ao conflito que se passava abaixo. Quando atingiu a posição do meio-dia, ainda não havia sinais do ataque.

— O que estão esperando? — Guy pensou em voz alta.

Quase duas horas depois, ouviu-se um tênue ruído surdo vindo do exército na planície. Os defensores quase não conseguiam ouvi-lo. O som se manteve durante quase meia hora; depois ouviram trombetas soando entre as fileiras atacantes. Então, vindas de trás das tropas, surgiram estranhas figuras que se destacavam sob o brilhante céu azul. Pareciam aranhas negras gigantes, ou algo semelhante. Começaram a avançar pelo meio do exército, de forma lenta e calculada. Saíram, enfim, das linhas inimigas e se aproximaram da cidade. Arutha as observava com atenção à medida que se aproximavam. Gritos interrogativos foram lançados por toda a muralha.

— Por todos os deuses, o que são aquelas coisas? — perguntou Guy.

— Alguma espécie de máquina — respondeu Arutha. — Torres de cerco móveis. — Pareciam caixas gigantescas, três ou quatro vezes maiores do que aquelas que tinham sido erguidas na base da muralha uma semana antes.

Avançavam sobre rodas enormes, aparentemente sem qualquer força motriz, pois não parecia haver nenhum gigante, escravo ou animal para puxá-las ou empurrá-las. Moviam-se por conta própria, de alguma forma mágica. Suas rodas imensas estrondeavam quando transpunham as irregularidades do solo.

— Catapultas! — gritou Guy, deixando cair a mão.

Pedras foram lançadas sobre suas cabeças e foram de encontro às caixas. Uma atingiu um suporte, que se quebrou, levando a coisa a oscilar e cair, atingindo o chão com um estrondo ensurdecedor. Devido à colisão, pelo menos uma centena de goblins, moredhel e humanos morreram.

— Dentro de cada um desses aparatos deve haver duzentos ou trezentos soldados — disse Arutha.

Guy contou rapidamente.

— Mais dezenove estão se aproximando. Se um em cada três chegar às paredes, serão mil e quinhentos inimigos de uma só vez na muralha. Flechas incendiárias! — gritou.

Os defensores procuraram atear fogo às caixas enquanto se amontoavam em direção às muralhas. No entanto, algo fora aplicado na madeira e, apesar de o óleo arder em cima de algumas das máquinas, só as chamuscava e escurecia a madeira. Gritos vindos de dentro indicavam que as chamas haviam atingido os atacantes, mas a marcha das caixas não foi detida.

— Todas as forças de reserva, para as muralhas! Arqueiros, para cima dos telhados à frente da paliçada! Companhias a cavalo, aos seus postos!

As ordens de Guy foram prontamente transmitidas enquanto os defensores aguardavam a chegada das caixas. As torres mágicas de cerco encheram a atmosfera matinal com um som alto, desagradável, gerado pelas rodas que giravam pesadamente. As tropas do exército de Murmandamus caminharam lentamente atrás das torres móveis, mantendo uma pequena distância, pois todo o fogo defensivo era dirigido às caixas rolantes.

Então a primeira das caixas alcançou as muralhas. A parte lateral dela foi virada para a cidade e caiu para a frente, tal como as menores haviam feito, e dezenas de goblins e moredhel saltaram para lutar com os defensores. Imediatamente, cada centímetro da muralha foi tomado por um combate intenso. Os atacantes chegavam da planície aos bandos, encobertos por suas torres mágicas. A parte de trás das caixas também se abrira, e de lá eram lançadas escadas de corda, possibilitando que os atacantes em terra escalassem e entrassem na cidade. Foram lançados longos mantos de pele entre as caixas, atrapalhando as flechas em chamas disparadas em direção aos que subiam as

escadas. Os comandantes das catapultas continuaram a disparar, e muitos dos soldados de Murmandamus pereceram esmagados pelas pedras. No entanto, com os arqueiros alinhados na primeira fileira de casas e os outros defensores ocupados com os atacantes vindos das torres, não havia flechas com fogo para deter as tropas que subiam as escadas encostadas às muralhas lá embaixo.

Arutha lutou com um moredhel que se atirara sobre um soldado armengariano caído e o golpeou, levando o elfo negro a cambalear para trás. O moredhel caiu do muro e foi esmagado nas pedras lá embaixo.

O Príncipe se virou e viu Guy liquidando mais um. O Protetor olhou ao redor.

— Não conseguiremos segurá-los aqui — gritou. — Passe a ordem para recuarmos para a cidadela!

A ordem foi passada e, de repente, os defensores começaram a fugir desordenadamente daqueles que estavam conquistando as muralhas. Uma companhia de soldados de elite guardava cada uma das escadas enquanto seus companheiros escapavam em direção à cidade. Todos eram voluntários e todos estavam preparados para morrer.

Arutha atravessou correndo a paliçada e viu o último dos defensores na muralha ser subjugado. Quando chegou a meio caminho da ampla área aberta, os atacantes saltaram das escadas e se dirigiram ao portão. De repente, uma chuva de flechas caiu dos telhados dos edifícios que ficavam do outro lado e todos os atacantes foram abatidos. Guy apareceu, então, ao lado de Arutha, e Amos passou correndo por eles.

— Podemos segurá-los do lado de fora da casa da guarda até que coloquem seus arqueiros na muralha. Depois, nossos homens terão de se retirar. — Arutha olhou para cima e viu que tábuas grossas de madeira tinham sido colocadas sobre as ruas, começando pelos telhados ao lado da paliçada. Quando os arqueiros abandonassem a primeira linha de edifícios, puxariam as tábuas. As tropas de goblins teriam de usar aríetes para derrubar as portas, subir as escadas e depois se envolver em duelos com os arqueiros. A essa altura, estes já teriam recuado para outra fileira de casas. Dispariam constantemente sobre as ruas, obrigando os invasores a pagar bem caro por cada metro conquistado. Durante o último mês, centenas de aljavas tinham sido deixadas em esconderijos sobre aqueles telhados, juntamente com cordas e arcos de reserva. Na opinião de Arutha, avançar da primeira paliçada para a segunda custaria a Murmandamus mais de duas mil vidas.

Um pelotão de homens com enormes bastões de madeira apareceu correndo na direção da paliçada. Aguardaram em frente a pesados barris colocados nos

cantos, à espera de ordens. Por um momento, pareceu que seriam dominados, pois um mar de goblins e aliados surgiu, vindo aos montes das muralhas. Então a cavalaria vinda de uma rua lateral apareceu fazendo os invasores recuarem.

Uma série de flechas voou por cima de Arutha e Guy.

— Os arqueiros estão em seus postos. Façam soar a ordem de retirada — disse o Protetor.

O som de uma trombeta irrompeu do esquadrão de arqueiros posicionados a meio caminho da rua e os homens com os bastões bateram com força nos barris, derrubando-os. Quando o óleo começou a verter lentamente, seu cheiro em pouco tempo misturou-se com o odor oxidado de sangue que pairava no ar. Os soldados que empunhavam os bastões correram rapidamente pela rua acima, e havia barris à espera em cada esquina.

Guy puxou a manga de Arutha.

— Para a cidadela. Vamos dar início à fase seguinte.

Arutha seguiu Guy enquanto a sangrenta luta começava em cada esquina.

Ao fim de duas horas, a terrível luta ainda não tinha terminado, e Guy e Arutha observavam do primeiro posto de comando no topo do muro da cidadela. Ouviam os gritos dos homens que lutavam na cidade em uma contínua onda de injúrias e berros. Em cada esquina havia uma companhia de arqueiros à espera, para que cada quarteirão conquistado pelos invasores custasse a perda de vários companheiros. Murmandamus conquistaria a cidade exterior, mas pagaria um preço terrível. Arutha especulava que as baixas de Murmandamus giravam em torno de mais de três ou quatro mil soldados para conseguir atingir a paliçada interior e o fosso que circundava a cidadela. E ainda teria de lidar com as fortificações internas de Armengar.

Arutha observava fascinado. Começava a se tornar difícil ver com nitidez, pois o sol tinha se posto atrás das montanhas e a cidade estava na penumbra. Faltava mais ou menos uma hora para a noite cair; de qualquer modo, ainda conseguia ver a maior parte do que estava acontecendo. Os arqueiros ágeis e sem armadura saltavam de telhado em telhado sobre as tábuas compridas que puxavam depois de atravessar. Vários goblins tentaram escalar pelo exterior de alguns edifícios, mas foram derrubados por flechas disparadas de outras construções. Guy observava a batalha em curso com um olhar penetrante.

— Esta cidade foi construída para este tipo de combate — Arutha comentou.

Guy concordou com um aceno.

— Se eu quisesse construir uma cidade para sangrar um exército invasor, não teria feito melhor. — Fitou Arutha com um olhar duro. — Armengar vai cair, a não ser que chegue ajuda nas próximas horas. Temos até amanhã de manhã, no máximo. Mas o maldito vai sofrer: sairá seriamente enfraquecido. Quando marchar sobre Tyr-Sog, terá perdido um terço de seu exército.

— Um terço? Eu diria um décimo — disse Arutha.

Guy respondeu com um sorriso desprovido de humor.

— Espere e verá. — O Protetor de Armengar se voltou para um de seus homens encarregados da comunicação através de bandeiras. — Por mais quanto tempo? — gritou.

O homem agitou uma bandeira azul e branca na direção do topo da cidadela. Arutha olhou para cima e viu a resposta ser dada com um par de bandeiras amarelas.

— Não mais de dez minutos, Protetor — respondeu o soldado.

Guy refletiu antes de voltar a falar.

— Lance mais um ataque de catapulta para a paliçada exterior — instruiu. As ordens foram transmitidas e uma chuva de pedras pesadas foi lançada para a extremidade mais distante da cidade. Guy falou baixinho, quase como se fosse apenas para si mesmo: — Deixe que pensem que conseguimos aumentar nosso alcance de disparo e talvez se apressem a entrar.

O tempo passou vagarosamente e Arutha viu os arqueiros recuarem de telhado em telhado. Com a noite chegando, uma companhia de especialistas em emboscadas percorreu corajosamente a rua, dirigindo-se à ponte levadiça e ao portão exterior da barbacã da cidadela. Guy observou o comandante da ponte ordenar que esta fosse recolhida. O último soldado tinha acabado de alcançá-la quando ela começou a se mover sobre o fosso. De cima dos telhados, mais arqueiros armengarianos dispararam sobre os invasores.

— São homens corajosos e estão ficando para trás — notou Arutha.

— Corajosos, sem dúvida, mas não vão morrer — disse Guy.

Enquanto falava, os arqueiros sobre os telhados alcançaram a última fileira de casas. Baixaram cordas até o nível da rua e logo deslizaram por elas. Correram em direção à cidadela, jogando as armas para o lado enquanto corriam. Logo atrás, eram seguidos por uma multidão de atacantes. Quando os inimigos chegaram à metade da área descoberta do mercado, os arqueiros instalados no alto do muro da cidadela lançaram uma saraivada de flechas. Os armengarianos que tentavam fugir correram para a margem do fosso e mergulharam.

— Serão abatidos se tentarem escalar a parede — afirmou Arutha. Reparou,

então, que não regressaram à superfície.

Guy sorriu.

— Há túneis debaixo d'água que levam à torre da guarda e a outros cômodos existentes nas muralhas. Nossos rapazes e moças virão para cá e as entradas serão seladas. — Um grupo particularmente ousado de goblins correu atrás e mergulhou também. — Mesmo que essa escória descubra os túneis, não serão capazes de abrir os alçapões. Para o bem deles, é melhor que saibam respirar debaixo d'água.

Amos surgiu do interior da cidadela.

— Tudo pronto.

— Excelente — respondeu Guy, olhando para o topo da cidadela, de onde Armand observava os combates na cidade.

Uma bandeira amarela foi agitada.

— Preparar catapultas! — gritou Guy. Por um longo momento, nada aconteceu. — O que de Sevigny está esperando? — Guy finalmente perguntou.

Amos riu.

— Se tivermos sorte, está vendo Murmandamus liderar seu exército através dos portões, ou então está esperando que mais mil entrem.

Arutha estava observando a catapulta mais próxima, um trabuco gigante, carregado com um estranho conjunto de barris amarrados em laços frouxos. Os barris eram semelhantes aos pequenos tonéis de aguardente usados nas estalagens e tabernas, contendo pouco mais de quatro litros. Cada grupo era composto por uns vinte ou trinta daqueles barris.

— O sinal! — exclamou Amos.

Arutha ficou olhando enquanto uma bandeira vermelha acenava.

— Catapultas, fogo! — Guy gritou. Ao longo do muro, uma dúzia de catapultas gigantes lançou sua carga de barris, que descreveram um amplo arco sobre os telhados da cidade. No ar, os tonéis se espalharam, colidindo contra a paliçada exterior em uma chuva de madeira. Os homens voltaram a carregar as catapultas com uma velocidade que Arutha considerou espantosa, pois em menos de um minuto foi ordenado outro lançamento e viu-se mais um voo de barris. Enquanto um terceiro carregamento era preparado, Arutha reparou que saía fumaça de um quarteirão da cidade.

Amos também viu.

— Os queridinhos estão nos poupando trabalho — comentou. — Devem ter começado um grande incêndio para nos castigar por não termos ficado para morrer. Deve ser um choque estar ali e de repente chover nafta.

Arutha compreendeu tudo. Enquanto observava, o fogo intensificou-se rapidamente e começou a se espalhar em uma linha, indicando que toda a paliçada exterior estava sendo consumida.

— Há barris como esses em todas as esquinas?

Amos assentiu com a cabeça.

— Cento e noventa litros em cada. No primeiro quarteirão, quebramos os barris, então o líquido se espalhou pelo chão, dos edifícios até a muralha. Um monte desses assassinos andou por cima da nafta e devem ter descoberto que seus pés e pernas estão encharcados. Há barris em cada edifício e um em cada telhado. Na hora em que os cavalos foram retirados da cidade, na segunda fase da evacuação, também deixamos de controlar o fluxo ascendente do óleo. Todos os porões da cidade estão prontos para explodir. A cidade vai proporcionar uma calorosa recepção a Murmandamus.

Guy fez um sinal e o terceiro carregamento de barris foi lançado. As duas catapultas centrais arremessaram pedras envoltas em trapos embebidos em óleo queimando. Os projéteis cruzaram o céu em um arco flamejante. De repente, toda uma área junto à barbacã, na parede exterior, explodiu em uma luz brilhante. Uma coluna de chamas se ergueu ao céu, subindo cada vez mais alto. Arutha observou. Um pouco depois, escutou uma pancada surda, logo seguida por uma brisa quente. As chamas continuaram a se elevar e durante muito tempo pareceu que aquilo nunca terminaria. Até que começaram a diminuir, mas uma coluna de fumaça preta continuou subindo, abrindo-se como um guarda-chuva sobre a cidade, que refletia o brilho laranja do inferno abaixo.

— A barbacã se foi — anunciou Amos. — Armazenamos centenas de barris sob o complexo dos portões, com respiros para as chamas entrarem. Desapareceram com um estrondo. Se estivéssemos perto da muralha, a esta hora nossos ouvidos estariam zumbindo.

Ouviram-se gritos e obscenidades ecoando na cidade quando as chamas começaram a se espalhar. As catapultas continuaram lançando suas cargas explosivas em direção às chamas.

— Diminua o alcance — ordenou Guy.

— Vamos guiá-los para a cidadela — disse Amos —, para que nossos arqueiros possam praticar tiro ao alvo com os que não forem assados.

Arutha observou a luz cada vez mais intensa. Outra explosão aconteceu e, em seguida outra série de explosões, cada uma delas acompanhada de um baque surdo. Ventos quentes atingiram a cidadela, enquanto colunas espiraladas de chamas começaram a dançar na cidade. Seguiu-se outra série de explosões; era

claro que uma grande quantidade de barris fora deixada em posições estratégicas. Incidindo com força nos ouvidos, os estrondos surdos das sucessivas explosões indicavam que uma morte flamejante avançava rapidamente da paliçada exterior para a cidadela. Logo Arutha conseguia perceber apenas pelo som a diferença entre a explosão de um monte de barris ou de um porão. Tratava-se, como Guy dissera, de uma calorosa recepção a Murmandamus.

— Um sinal — alertou um soldado, o que levou Guy a olhar para cima. Duas bandeiras vermelhas estavam sendo agitadas, bem visíveis sob a luz brilhante que iluminava a cidade, apesar de o sol já ter se posto.

— Armand está indicando que toda a cidade para além da cidadela está em chamas — Amos explicou a Arutha. — É intransponível. Até os Exterminadores Negros ficarão torrados se forem pegos lá dentro. — Sorriu demoniacamente enquanto esfregava o queixo. — Só espero que a própria Grande Alteza Sugadora de Água Suja também tenha tido pressa de entrar na cidade.

Da cidade vinham gritos de horror e fúria, em meio ao som de passos de gente correndo. As chamas avançaram com firmeza rumo à paliçada interior. Seu progresso era marcado por estrondos abafados, com intervalos de poucos minutos, à medida que os barris colocados em cada esquina pegavam fogo. Já era possível sentir o calor sobre o muro da cidadela.

— A tempestade de fogo vai sugar o ar dos pulmões deles — Arutha comentou.

Amos assentiu com a cabeça.

— Esperemos que sim.

Guy olhou para baixo por um instante, revelando todo o seu cansaço.

— Armand concebeu este plano final. Ele é um maldito gênio, talvez o melhor comandante de batalha que já tive. Esperou que entrasse o máximo possível. Vamos ter de tentar fugir pelas montanhas, e lá teremos de massacrá-los enquanto pudermos.

Arutha, contudo, viu que por trás das palavras objetivas havia o gosto da derrota em um líder cuja posição estava prestes a ser perdida.

— Você liderou uma defesa magistral — disse.

Guy limitou-se a assentir e tanto Arutha como Amos perceberam o que aquele silêncio significava: *Mas não foi o suficiente*.

Os primeiros invasores em fuga surgiram correndo na direção da cidadela, detendo-se ao perceberem que haviam se exposto àqueles que estavam no topo do muro. Agacharam-se, abrigados do vento pelo último edifício, como que

esperando um derradeiro milagre para salvá-los. O número de soldados de Murmandamus que fugiam das labaredas foi aumentando conforme o fogo avançava. As catapultas continuaram alimentando o fogo com tonéis de nafta, encurtando o alcance do tiro a cada lançamento para fazer com que as chamas se aproximassem cada vez mais da paliçada interior. Os que estavam sobre o muro da cidadela conseguiam ver as chamas explodindo sobre os telhados a apenas meia dúzia de casas de distância do mercado, depois a cinco casas, depois a quatro. Os moredhel, goblins e humanos começaram a gritar, no meio de uma confusão de trolls e gigantes. Então começaram a lutar entre si, devido à pressão exercida por aqueles que fugiam do calor insuportável; o número dos que eram empurrados para o espaço aberto era cada vez maior.

— Mande os arqueiros dispararem — Guy disse a Amos.

Amos gritou a ordem e os arqueiros armengarianos começaram a atirar. Arutha os observou, completamente abismado.

— Isto não é uma guerra — disse em voz baixa. — É uma carnificina. — Os invasores estavam amontoados na extremidade do mercado, de forma que qualquer seta que lá chegasse certamente os atingiria. Caíam sobre os mortos e continuavam a ser empurrados por trás. Foram lançados mais tonéis com nafta e as chamas prosseguiram seu avanço rumo à cidadela, inabaláveis.

Arutha levantou a mão, pois a luz do fogo praticamente cegava e o calor começava a se tornar insuportável. Percebeu o quanto deveria ser devastador para aquelas criaturas na extremidade do mercado, cem metros mais perto.

Então explodiram mais barris e, entre guinchos e gritos, uma fuga generalizada rumo à cidadela começou. Muitos dos que atravessaram a paliçada correndo foram abatidos, mas alguns mergulharam no fosso. Os que usavam cota de malha afundaram, tentando em vão retirar a armadura debaixo d’água, e até alguns que usavam couro se afogaram. Ainda assim, muitos regressaram à superfície, nadando como cães.

Parecia a Arutha que já havia cerca de dois mil mortos em seu campo de visão. Outros quatro ou cinco mil deviam ter perecido na cidade. Os arqueiros armengarianos começaram a ficar tão cansados que mal conseguiam acertar seus alvos, mesmo aqueles nitidamente visíveis sob a luz das chamas.

— Abram os canos — ordenou Guy.

Um estranho ruído, parecido com um arquejo, foi ouvido no instante em que despejaram óleo sobre a água do fosso. Quando os que estavam mergulhados na água perceberam o que ia acontecer, a atmosfera foi preenchida por gritos de terror. Assim que as chamas se espalharam pela paliçada, vindas da cidade já

completamente incendiada, fardos de algodão em chamas foram empurrados por cima dos muros, de modo a caírem na água. A superfície do fosse explodiu em chamas azuis e brancas, que dançaram sobre a água agitada. Os guinchos rapidamente diminuíram até que, por fim, desapareceram por completo.

Arutha e os outros foram forçados a recuar quando ondas de calor se ergueram do fosso. As chamas mal haviam se extinguido quando ele olhou para baixo e viu corpos negros boiando no fosso. Sentiu-se enojado e percebeu que seus sentimentos eram os mesmos que o rosto de Guy demonstrava. Amos simplesmente parecia sombrio.

— Preciso de uma bebida — disse Guy, enquanto a cidade ardia descontroladamente. — Venha. Só nos restam algumas horas.

Em silêncio, Amos e Arutha seguiram o Protetor de uma cidade agonizante em direção ao edifício interior da cidadela.

Guy esvaziou sua caneca e apontou para o mapa aberto sobre a mesa. Arutha olhou para lá, ao lado de Briana, que estava coberta de fuligem e, assim como os outros comandantes, aguardava as ordens finais de Guy. Jimmy e Locklear voltaram de sua última missão e se colocaram ao lado de Arutha. Mesmo dentro da Sala do Conselho, conseguiam sentir o calor do fogo, constantemente alimentado pelo lançamento de mais nafta pelas catapultas. Fosse qual fosse a parte do exército de Murmandamus que escapara à armadilha, aquele inferno a forçara a aguardar do lado de fora da muralha exterior.

— Aqui — indicou o Protetor, apontando para um dos pontos verdes no mapa — é onde estão escondidos os cavalos. — Voltou-se, então, para Arutha. — Foram levados da cidade na segunda fase de evacuação. — Depois, voltou a se dirigir a todos: — Não sabemos se os goblins se depararam com alguns ou até com todos. Mas esperamos que alguns tenham permanecido em segurança. Acho que concluíram que batemos em retirada para além de nossas fortalezas e devem achar que já não precisam nos vigiar. O túnel secreto que dá para o exterior da cidade ainda é seguro; só uma patrulha de Irmãos das Trevas andou rondando por perto. Eles nos viram ir embora e não investigaram a região. Portanto, as ordens são estas: as companhias deixarão a cidade em turnos, da Primeira à Décima Segunda, com todos os auxiliares destacados para cada companhia. Só devem deixar o túnel depois de terem certeza que a área ao redor está segura. Quero a Primeira Companhia funcionando como uma unidade de perímetro, até ser substituída pela Segunda Companhia. Quando a Décima Segunda começar a

sair do túnel, a Décima Primeira também deve partir. Apenas os soldados destacados para permanecer aqui, de serviço na retaguarda, poderão ficar. Não quero ações heroicas de última hora comprometendo nossa retirada. Não quero mal-entendidos. Todos sabem o que têm a fazer?

Ninguém fez comentários.

— Ótimo — disse Guy. — Agora, façam com que todos entendam que, assim que estiverem fora da cidade, é cada um por si. Quero que haja o máximo possível de gente chegando a Yabon. — Prosseguiu com uma irritação gélida na voz: — Um dia, reconstruiremos Armengar. — Fez uma pausa, como se fosse difícil proferir as palavras. — Que comece a fase final da retirada.

Os comandantes saíram da sala.

— Quando você irá partir? — perguntou Arutha.

— Serei o último, é claro — respondeu Guy. Arutha olhou para Amos, que assentiu com a cabeça.

— Você se importa que eu fique com vocês?

Guy pareceu surpreso.

— Ia sugerir que você partisse com a Segunda Companhia. A Primeira pode se deparar com surpresas e as últimas podem se defrontar com reforços vindos das montanhas. Os últimos a partir têm mais chances de serem apanhados.

— Não sei se acredito mesmo que estou predestinado a destruir Murmandamus, mas, se estou, talvez seja melhor eu ficar aqui — disse Arutha.

Guy refletiu por um longo momento.

— Por que não? Você não pode fazer mais do que já fez. A ajuda ou está a caminho, ou não está. De qualquer forma, chegará tarde demais para salvar a cidade.

Arutha olhou para Jimmy e Locklear. Jimmy parecia estar prestes a fazer alguma observação sarcástica, mas foi Locklear quem falou sucintamente:

— Nós ficamos.

Arutha ia dizer alguma coisa, mas viu algo estranho na expressão do escudeiro do Limiar da Terra. Já não era a incerteza juvenil que sempre estivera latente atrás do sorriso fácil de Locklear. Agora, tinha um olhar mais adulto, de alguma forma menos clemente e, sem qualquer dúvida, mais triste. Arutha assentiu com a cabeça.

Aguardaram algum tempo, bebendo um pouco de cerveja para fazer esquecer o cheiro pestilento dos incêndios e para se refrescarem. De vez em quando, aparecia um mensageiro informando que mais uma companhia abandonara a cidadela. As horas se arrastaram e a noite foi ficando cada vez mais escura,

pontilhada aqui e ali por uma explosão abafada quando o fogo chegava, por fim, a mais um porão. Arutha pensava em como era possível os porões resistirem tanto tempo e, sempre que achava que toda a cidade já tinha queimado, uma nova explosão anunciava que a destruição ainda progredia.

Quando foi relatado que a Sétima Companhia tinha saído em segurança, um soldado entrou no cômodo. Vinha vestido de couro, mas era visível que se tratava de um auxiliar, um dos pastores ou lavradores. Tinha o cabelo ruivo preso para trás, caindo abaixo dos ombros, e o rosto coberto por uma espessa barba ruiva.

— Protetor, venha ver!

Guy e os outros seguiram apressadamente o guerreiro até uma janela no grande salão acima da cidade em chamas. O inferno insano diminuíra, mas ainda havia incêndios descontrolados por toda a cidade. Chegaram a achar que teriam mais uma hora antes que Murmandamus pudesse enviar mais soldados para abrirem caminho pelas ruas tomadas pelo fogo. No entanto, os cálculos estavam errados. Entre os ainda fumegantes edifícios do mercado, era possível distinguir vultos avançando para a cidadela.

Guy saiu da sacada e dirigiu-se às pressas ao salão. Quando chegou lá, distinguiu as silhuetas negras de uma companhia de soldados em contraste com as chamas. Avançavam em ritmo lento, como se tivessem o cuidado de se manter dentro de uma área claramente definida. Enquanto os observavam, chegou outro mensageiro com a informação de que a Oitava Companhia estava começando a abandonar a cidadela. Os vultos que se aproximavam chegaram à paliçada exterior e Guy praguejou. Companhias enormes de goblins estavam alinhadas dentro de campos protetores invisíveis, que só se viam quando ocasionalmente um clarão de luz refletia em sua superfície. Murmandamus apareceu a cavalo.

— O que é isso? — perguntou Jimmy.

Sem qualquer dificuldade aparente, o líder dos moredhel cavalgava desprotegido, ignorando o ainda intenso calor, e a fera que ele montava era de dar medo. Tinha a forma de um cavalo, mas era coberta de escamas vermelhas reluzentes, como se a pele de uma serpente tivesse sido aquecida até quase derreter. A crina e a cauda da criatura eram chamas dançantes e seus olhos eram pedras de carvão em brasa. Sua respiração parecia vapor.

— O Corcel do Diabo — exclamou Amos. — É uma lenda. Só um demônio pode montar essa criatura.

A besta parou e Murmandamus desembainhou sua espada. Brandiu-a e algo negro se materializou diante das primeiras companhias de seu exército. Uma

escuridão densa que ocultava a luz. Formou uma poça nas pedras da paliçada, fluindo como mercúrio, e então parou, compondo um retângulo. Pouco depois, pareceu aos que estavam no muro da cidadela que se tornara uma plataforma negra como azeviche, com três metros de largura. Em seguida, ergueu-se lentamente, formando uma rampa de ébano sobre o fosso. Uma parte da escuridão se separou da rampa e flutuou a curta distância da ponte em ascensão. Estabilizou-se em outro bloco e começou a crescer. A partir daquele ponto, começou a formar outra ponte. Após mais uma espera, uma terceira seguiu sobre um quarto vão.

— Maldição! Ele está criando uma espécie de ponte até o muro — exclamou Guy. — Ordenem que apressem a retirada.

Quando as pontes de ébano estavam chegando à metade do fosso, as primeiras companhias de goblins avançaram e começaram a caminhar lentamente sobre a borda que seguia mais à frente. Pouco a pouco, as pontes negras avançaram na direção dos defensores. Guy ordenou aos arqueiros que disparassem.

As flechas atravessaram o espaço, mas foram desviadas, como se tivessem colidido com uma parede. O que quer que protegesse os atacantes do calor também os protegia dos disparos dos arcos. Vigias colocados no topo da cidadela avisaram que os incêndios na parte exterior estavam se apagando e que havia mais invasores entrando em Armengar.

— Todos para fora do muro! — gritou Guy. — Retaguarda, vão para a primeira sacada. Todas as outras unidades devem evacuar imediatamente! Ninguém deve esperar!

Se até então a retirada fora organizada, rapidamente seria transformada em uma fuga precipitada. Os invasores quebrariam a última defesa uma hora antes do que Guy imaginara, ou ainda mais cedo. Arutha percebeu que seria provável que houvesse confrontos ao longo dos cômodos das casas da cidadela e prometeu a si mesmo que, se chegasse a esse ponto, esperaria para enfrentar Murmandamus.

Passaram apressadamente pelo pátio e subiram correndo a escada interior de acesso à primeira das três sacadas, em direção ao som de janelas e portas sendo estilhaçadas e trancadas. Assim que abandonaram o comprido corredor da frente, Arutha viu uma pilha de barris diante da entrada do elevador. Havia barris em todas as portas e tudo o que pudesse queimar fora deixado junto. Todas as portas estavam fechadas e bloqueadas. Arutha sabia que o último ato de Guy du Bas-Tyra seria incendiar a cidadela na esperança de apanhar mais membros do

exército de Murmandamus. Pelo bem do Reino, Arutha teve a esperança de que houvesse algum limite na capacidade de Murmandamus de proteger seus soldados do fogo.

Apareceram soldados correndo pelo salão, destruindo os estranhos painéis das paredes, que estavam cobertas de quadros simples pintados de forma a se misturar com as pedras brancas. Atrás, havia buracos negros. Um leve odor de nafta foi sentido quando a brisa vinda dos buracos destampados empurrou os vapores acres pelos respiros. Enquanto saíam pelas sacadas, Amos reparou em Arutha olhando para trás.

— Eles ligam o porão ao telhado. Trazem mais ar para alimentar as chamas.

Arutha assentiu e ficou observando enquanto a primeira linha de assalto de Murmandamus investia contra o muro da cidadela. Assim que puseram os pés em cima do muro, o campo de força que os envolvia desapareceu e eles se espalharam, agachando-se para se protegerem dos arqueiros que atiravam da sacada. As catapultas eram inúteis, pois eles estavam próximos demais, mas doze balistas, parecidas com bestas gigantes, lançaram grandes projéteis em forma de lança contra os inimigos. Guy ordenou aos besteiros que evacuassem a sacada.

Guy observou seus arqueiros mantendo os invasores longe. Arutha sabia que ele contava cada minuto, pois, a cada um que passava, mais uma dúzia de pessoas abandonava a cidade.

Atrás dos goblins que avançavam era possível ouvir outros escalando o muro. Os soldados de Murmandamus invadiram a torre de guarda, abaixaram a ponte e abriram o portão, permitindo a entrada do exército. Os incêndios na cidade estavam se apagando, o que fazia com que houvesse cada vez mais companhias invasoras se aproximando rapidamente da cidadela.

— Acabou! — gritou Guy finalmente. — Todos para o túnel.

Cada um dos arqueiros disparou uma última flecha; depois se viraram e fugiram. Após dar a ordem, Guy esperou que todos entrassem, antes de seguilos, trancando a última porta. Todas as janelas da sacada tinham sido fechadas. De lá de baixo, ouviram batidas surdas quando os invasores se debateram no pátio contra as portas trancadas.

— O elevador está quebrado — gritou Amos. — Temos de ir pelas escadas.

Dobraram uma esquina e viraram em outro corredor, bateram e trancaram uma porta e correram ao longo de um estreito lance de escadas. No fundo, deram com uma enorme caverna. Todas as lanternas especiais tinham sido acendidas, iluminando a caverna com uma luz fantasmagórica. Arutha sentiu os olhos

arderem devido à fumaça, estimulada pela brisa vinda do túnel, por onde o resto da companhia de reserva fugia. Guy e os outros correram para a porta e tiveram de parar, pois o túnel só conseguia abrigar duas pessoas lado a lado. Vindo de cima, ouviu-se o barulho de gritos e pancadas na porta do alto das escadas.

Mais uma vez, Guy insistiu em ser o último a entrar e fechou a porta atrás de si, trancando-a com uma grande barra de ferro.

— Isto deve atrasá-los alguns minutos. — Assim que se virou para fugir pelo túnel, dirigiu-se a Arutha: — Reze para que nenhum daqueles malditos traga uma tocha para a caverna antes de sairmos daqui.

Apressaram-se em fugir, fechando diversas portas que foram encontrando pelo caminho; cada uma delas foi trancada pelo Protetor. Chegaram finalmente ao fim do túnel e Arutha entrou em uma grande caverna. Não longe dali, a boca escancarada da caverna deixava entrever a noite. Enquanto Guy trancava a porta, uma dúzia de arqueiros da retaguarda se colocou em posição, para o caso de o Protetor ser apanhado. Duas ou três dúzias de outros arqueiros estavam se encaminhando para o exterior, tentando esperar mais ou menos um minuto antes de saírem, para que não caíssem uns sobre os outros ao chegarem lá fora. Os estranhos ruídos noturnos revelaram que alguns dos que já tinham escapado se confrontavam com unidades inimigas. Arutha tinha a noção de que a maioria daqueles que deixavam a cidade estaria espalhada pelas colinas quando o sol se pusesse no dia seguinte.

Guy fez um sinal aos arqueiros para que abandonassem a caverna e aqueles que não integravam a força de retaguarda partiram rapidamente. Apenas a retaguarda, Locklear, Jimmy, Arutha e Amos permaneceram com Guy. O comandante ordenou à retaguarda que partisse; logo só os cinco restavam na caverna. Outro vulto veio da escuridão e Arutha percebeu que se tratava do guerreiro ruivo que trouxera notícias sobre a entrada de Murmandamus na cidade em chamas.

— Vá! — ordenou Guy.

O soldado encolheu os ombros, parecendo indiferente à ordem.

— O senhor disse que agora é cada um por si, Protetor, por isso posso ficar.

Guy assentiu.

— Como você se chama?

— Shigga.

— Já ouvi falar de você, Shigga, a Lança — disse Amos. — Você venceu os jogos do solstício de verão do ano passado. — O homem encolheu os ombros.

— Você viu de Sevigny? — perguntou Guy.

Shigga apontou com o queixo para a entrada da gruta.

— Ele e outros saíram pouco antes de vocês chegarem aqui, assim como ordenou. Já devem ter ultrapassado a última fortaleza, a cerca de cem metros daqui.

Pelo túnel, ouviram o som tênue de madeira se quebrando.

— Chegaram à última porta — alertou Guy. Agarrou uma corrente que passava por baixo da base da porta. — Ajudem aqui — pediu. Todos pegaram a corrente e ajudaram Guy a esticá-la, até que ele conseguisse prendê-la a uma balista posicionada na porta que dava para fora. A balista fora amarrada no chão de pedra da caverna. A máquina de guerra não tinha nenhum dispositivo de ferrolho, mas, assim que a corrente foi presa, Arutha percebeu para o que serviria.

— Você vai dispará-la para desmoronar o túnel lá atrás?

— A corrente passa por baixo dos suportes do túnel — explicou Amos — até o fundo, na caverna, ligando-os uns aos outros. A ideia é descer e fazer o entulho cair sobre as várias centenas de ratos que estão lá dentro. Mas há mais.

Guy assentiu com a cabeça.

— Fujam da caverna. Quando chegarem à saída, eu puxo isto.

Uma batida ritmada soou na última porta; tinham trazido uma espécie de aríete. Arutha e os outros saíram correndo da caverna e pararam para ver o que aconteceria. Guy disparou a balista e ela pareceu não reagir, mas depois, com um empurrão, ricocheteou a corrente para a frente apenas alguns centímetros. Foi o suficiente. Abruptamente, a porta saltou para fora enquanto Guy corria para a saída da caverna, perseguido por uma nuvem de pó. Alguns corpos de goblins ensanguentados e estripados caíram quando as pedras foram projetadas do túnel.

Todos acompanharam Guy na fuga para fora da caverna. Ele apontou para cima, para uma trilha que levava à parte de cima da caverna.

— Quero chegar rapidamente ali em cima. Se quiserem, já podem ir, mas eu vou apreciar isso.

— Eu não perderia isso por nada — Amos retrucou, seguindo-o. Arutha olhou para os dois e foi também.

Enquanto escalavam a parede da entrada da caverna, sentiram um ruído surdo e prolongado sob seus pés no momento em que soaram algumas explosões abafadas.

— Os elevadores estavam preparados para cair quando o túnel desabasse — Amos comentou. — Devem ter posto fogo nos barris em todos os andares da cidadela no caminho até a caverna. — Escutou-se mais uma série de explosões.

— Parece que a maldita engenhoca funcionou.

De repente, o chão ondulou. Um som parecido com o fim do mundo ecoou em seus ouvidos quando foram jogados no chão. Um tremendo abalo os deixou momentaneamente atordoados. Vinda de trás da saliência que estavam escalando, uma espantosa bola de chamas laranja e amarela rolou velozmente para o céu. Subiu rápido e, pelo caminho, foi ficando cada vez maior. Na terrível beleza de seu brilho era possível distinguir destroços arrastados para o ar. Pancadas abafadas soaram através do solo sob seus pés quando os últimos reservatórios de nafta se incendiaram, destruindo a fortaleza. Pedras, pedaços de madeira carbonizada e corpos foram impelidos para o céu como se soprados por uma ventania.

Arutha estava estendido no chão, espantado com o que via à sua volta. Um vento gritante passou por ele, seguido por uma enorme onda de calor. Por um instante, o ar queimou suas narinas e bochechas, como se estivessem sobre uma fornalha gigante. Amos teve de gritar por cima do barulho:

— Os armazéns explodiram sob a cidade. Ventilamos o lugar todo o dia e toda a noite para se tornar explosivo.

Suas palavras soavam fracas, pois tinha os ouvidos zumbindo, e depois foram abafadas por mais uma explosão titânica, que levou o chão a afundar e a ondular, seguida imediatamente de uma série de detonações menores, com abalos e estrondos açoitando-os como se fossem verdadeiras explosões. Ainda estavam a duzentos metros do penhasco sobre a cidade e o calor era quase insuportável.

Guy balançou a cabeça para ordenar as ideias.

— Foi... muito maior do que o que pensávamos.

— Se tivéssemos chegado à ponta do penhasco, teríamos sido cozidos — observou Locklear.

Jimmy olhou de soslaio para trás.

— Também foi bom termos saído da gruta.

Todos esticaram o pescoço para observarem o local para onde ele apontava. O chão continuava a ondular e soaram mais explosões, enquanto pedras passavam por eles e destroços rolavam pelos declives. Abaixo, a encosta da colina mudara. Todo o interior do túnel fora projetado pela primeira grande explosão, deixando a encosta em frente à caverna coberta por uma camada de restos de corpos e entulho. Então outra potente explosão se fez ouvir e o chão voltou a tremer e a levantar. Mais uma vez, ergueu-se uma bola de fogo sobre suas cabeças, embora não tão grande quanto a anterior.

O chão ondulou e pareceu se contorcer, ecoando uma terceira grande

explosão, seguida de abalos menores. Todos se deitaram, caso contrário seriam arremessados pela terra tremulante. Após um minuto, só se ouviam estrondos abafados; então se levantaram. A cerca de duzentos metros do penhasco, juntaram-se para observar o resultado da total destruição de Armengar. Em poucos e terríveis instantes, o lar de um povo, o coração de sua cultura, tinha sido varrido da face do mundo. Tratara-se de uma devastação sem precedentes nos anais da história das guerras de Midkemia. Guy observou o céu carregado e brilhante. Tentou se aproximar da beira do penhasco, mas o calor, uma cortina praticamente visível de ar aquecido que subia pela colina, obrigou-o a recuar. Permaneceu parado por alguns instantes, como se estivesse decidido a enfrentar o inferno e a contemplar o que restava de sua cidade, até que cedeu.

— Nada poderia ter sobrevivido àquela explosão — disse Arutha. — Todos os goblins e Irmãos das Trevas que estavam entre a cidadela e a muralha da cidade devem ter morrido.

— Talvez Sua *Bastardeza* tenha sido apanhado com as calças na mão — Amos disse. — Gosto de pensar que há limites para a magia dele.

— Seus soldados podem ter morrido, mas acho que ele, de alguma forma, conseguiu escapar — disse Arutha. — Não me parece que a fera que ele montava se incomodasse com o fogo.

— Olhem! — alertou Jimmy, apontando para o céu.

A nuvem de fumaça que pairava sobre eles brilhava em tons vermelhos devido ao reflexo da luz do fogo de baixo, pois uma coluna de chamas continuava a se erguer em direção ao céu. Em contraste com aquele pano de fundo, era possível ver uma única figura se destacando. Cavalgava no ar sobre um reluzente corcel vermelho. Parecia descer, como se percorresse um círculo, nitidamente voltando ao coração do acampamento de Murmandamus.

— Filho de uma cabra tinhosa! — vociferou Amos. — Não há nada que mate aquele comedor de bosta?

Guy olhou ao redor.

— Não sei, mas agora temos outras preocupações. — Começou a descer e descobriram que a caverna abaixo deles tinha sido completamente destruída. Onde ficava a entrada da gruta, havia apenas uma massa de destroços que se estendia até a ravina. Abriram caminho em meio ao entulho, passando por diversas fortalezas de pedra derrubada que haviam protegido a cidade dos ataques vindos de cima, e finalmente chegaram ao riacho que dava para o desfiladeiro onde os cavalos haviam sido escondidos.

— As montarias que estavam nos primeiros cinco ou seis desfiladeiros já

devem ter sido pegas pelos primeiros a escapar — disse Guy. — Se quisermos encontrar cavalos, teremos de avançar mais.

Arutha assentiu.

— De qualquer forma, ainda há uma escolha a ser feita: vamos para oeste, rumo a Yabon, ou para leste, rumo ao Castelo Alto.

— Rumo a Yabon — respondeu Guy. — Se alguma ajuda estiver vindo, temos chance de cruzarmos com ela pelo caminho. — Vasculhou a área ao redor, tentando ver qual seria o melhor caminho a tomar. — Quaisquer que sejam as tropas que Murmandamus mantém aqui em cima, é mais certo que estejam desorganizadas. Ainda podemos nos livrar delas.

Amos riu entre dentes.

— Mesmo os maiores exércitos se mostrarão relutantes em ficar no caminho de um exército em fuga. Não seria exatamente agradável.

— Ainda assim — destacou Guy —, se eles se sentirem encurralados, irão combater como os ratos que são. Além disso, à primeira luz do dia, haverá milhares de reforços aqui. Na melhor das hipóteses, só temos algumas horas para escapar.

O som de algo se movendo no desfiladeiro os levou a desembainhar as armas e a voltar ao pequeno esconderijo formado pelas rochas caídas. Guy sinalizou para que se preparassem.

Aguardaram em silêncio e na esquina surgiu um vulto. Guy saltou para a frente, detendo seu golpe a meio caminho.

— Briana!

A comandante da Terceira Companhia parecia levemente atordoada, com sangue escorrendo de um ferimento na têmpora. Ao ver Guy, relaxou.

— Protetor — disse, aliviada. — Fomos obrigados a dar meia-volta. Havia uma patrulha de trolls na ponta mais baixa do desfiladeiro, tentando se reunir às outras fileiras. Estávamos nos preparando para lutar, para passarmos por eles. E então, a explosão... fomos atingidos por uma chuva de pedras. Não sei o que aconteceu aos trolls. Acho que fugiram... — Apontou para a testa sangrando. — Alguns de nós ficaram feridos.

— Quem está com você? — ele perguntou.

Arutha deu um passo à frente enquanto Briana balançava a cabeça para se recompor antes de se mover. Entre o brilho dos incêndios da cidade, surgiram mais dois guardas e uma dúzia ou mais de crianças. De olhos arregalados de espanto, fitaram Arutha, Guy e os outros.

— Foram encurralados por Irmãos das Trevas em uma galeria. Alguns de

meus soldados mataram os Irmãos, mas nos separamos. Estamos andando há uma hora à procura dos que se perderam.

Guy os contou.

— Dezesseis. — Virou-se para Arutha. — O que fazemos agora?

— Apesar de ser cada um por si, não podemos deixá-los para trás — Arutha concluiu.

Amos, alertado pelo som de algo se aproximando, virou-se.

— O que quer que queiram fazer, é melhor fazer em outro lugar. Venham.

Guy apontou para a borda da galeria e ele e os outros começaram a ajudar as crianças a subir. Rapidamente, todos chegaram ao topo do desfiladeiro e partiram para oeste.

Arutha foi o último a alcançar a borda e, assim que os outros desapareceram, ajoelhou-se atrás de uma saliência nas rochas. Detectou uma companhia de goblins avançando com cuidado, como se esperassem ser atacados a qualquer momento, enquanto voltavam em segurança às suas fileiras. Por seu aspecto ensanguentado, era evidente que já tinham se deparado com alguns armengarianos em fuga. Arutha aguardou até ter certeza de que as crianças estavam a uma distância segura. Em seguida, pegou uma pedra e a lançou o mais longe que pôde por cima dos goblins. A pedra atravessou a escuridão sem ser vista e quicou atrás deles. Os goblins deram meia-volta e desataram a correr, como se temessem ser atacados pelas costas. Arutha escondeu-se atrás da rocha, correndo agachado, e depois saltou para a trilha seguinte. Não demorou a chegar ao último da fila de seu grupo, o homem chamado Shigga, que vigiava a retaguarda.

Shigga fez um sinal com a cabeça.

— Goblins — sussurrou Arutha.

O homem da lança assentiu e ambos prosseguiram, seguindo o grupo de pequenos fugitivos.

15

Fuga

Arutha sinalizou que deviam parar.

Todos, incluindo as crianças, se encostaram às pedras para não serem vistos. Todo o grupo se agachou na ravina por onde vieram durante a noite. O amanhecer se aproximava. Após a impetuosa destruição de Armengar, as colinas atrás da cidade haviam se tornado uma terra inóspita.

A queda da cidade fora um triunfo de Murmandamus, mas lhe custara muito mais caro do que poderia imaginar. As colinas para além da cidade mergulharam no caos; as tropas ali posicionadas foram devastadas pelo exército em fuga. Uma enorme quantidade de goblins e trolls abandonou as colinas e regressou apressadamente ao acampamento de Murmandamus.

Nas primeiras horas após a queda da cidade, o grupo de Arutha se deparou com poucos goblins e Irmãos das Trevas; era evidente que Murmandamus ordenara a muitas de suas tropas que retornassem às colinas. No começo, as forças de Murmandamus não dispunham de uma vantagem clara nas rochas. Não havia organização entre os comandantes, tampouco haviam enviado soldados suficientes às colinas para terem uma vantagem numérica sobre os armengarianos. Bandos de goblins e moredhel se aventuraram nas horas de escuridão, nas ravinas e riachos atrás da cidade, na tentativa de apanhar os fugitivos, mas muitos nunca regressaram. No entanto, a situação tendia a se equilibrar e não demoraria muito até que o inimigo controlasse a área por completo.

Arutha olhou de relance para trás, em direção às crianças que os seguiam desordenadamente. Muitos dos pequenos estavam cansados demais devido a uma noite sem dormir e ao medo permanente. A dificuldade de se encontrar uma passagem segura para o sul era agravada pela incapacidade dos mais novos de se moverem rápido. E, a cada curva, corriam o risco de se depararem com o inimigo. Por duas vezes, esbarraram em outras pessoas da cidade, mas Guy

ordenou que seguissem caminho, recusando-se a permitir que seu grupo se tornasse maior. Em duas outras ocasiões, encontraram corpos das duas facções.

O som de botas tornou-se cada vez mais nítido. Pela quantidade e pelo desinteresse em tentar ocultar a aproximação, Arutha achou que só poderia ser o inimigo. Indicou que todos deviam se esconder na ravina; até ele, Guy, Amos, Briana e Shigga se agacharam nas sombras, diante das crianças, que se acotovelavam. Jimmy e Locklear ficaram no meio das crianças, para as manterem caladas.

A patrulha, liderada por um moredhel, era composta por trolls e goblins. Os trolls farejavam o ar, mas o pesado cheiro de fumaça confundia seus sentidos. Passaram pela ravina e desceram o grande desfiladeiro. Quando já tinham passado, Arutha moveu-se e a companhia avançou com cuidado, viajando para oeste, para longe da rota da patrulha.

De repente, uma criança gritou assustada e Arutha e os outros se viraram no mesmo instante. Jimmy saltou para ficar ao lado da criança, com Locklear, armas em punho para enfrentar o ataque dos trolls. Se haviam descoberto os fugitivos ou simplesmente decidido voltar pelo desfiladeiro, Arutha não soube dizer, mas entendeu que tinham de eliminar rapidamente aquela patrulha, caso contrário alertariam os outros.

Arutha precipitou-se sobre o ombro de Locklear e matou um troll que ameaçava o rapaz pela retaguarda. Amos e Guy passaram por eles e logo toda a companhia estava lutando. Shigga atirou sua lança, abatendo mais um troll, enquanto o moredhel enfrentava Guy. O elfo negro reconheceu o Protetor de Armengar.

— Ciclope! — gritou, e atacou com selvageria, empurrando Guy para trás, mas Locklear imitou o truque de Arutha e, golpeando por cima de Guy, matou o moredhel.

De repente tudo terminou com cinco trolls mortos, assim como os goblins e o moredhel. Arutha respirava com dificuldade.

— Ainda bem que estávamos em uma ravina estreita — destacou. — Se tivessem nos cercado, nunca teríamos sobrevivido.

Guy olhou para o céu cada vez mais cinzento.

— Temos de encontrar um local para nos esconder — avisou. — As crianças estão quase caindo de cansaço e não há nenhum local por perto onde possamos atravessar as montanhas.

— Minha aldeia não fica longe; já passei por aqui, Protetor — anunciou Shigga. — Há um caminho a um quilômetro e meio a oeste que não é muito

usado. Leva a uma gruta pouco profunda. Talvez possamos ocultá-la. É uma escalada difícil...

— Mas não temos escolha — comentou Amos.

— Mostre o caminho — disse Guy.

Shigga avançou num ritmo rápido e constante, diminuindo apenas para observar desvios no caminho. Quando finalmente escalou as rochas do desfiladeiro, começaram a erguer as crianças. A última já estava do lado de cima quando Briana começou a escalar. No mesmo instante, ouviu um grito vindo do oeste. Meia dúzia de soldados da retaguarda armengariana lutava contra uma grande quantidade de goblins que os empurravam na direção de Arutha e de seus companheiros.

— Leve as crianças daqui — Guy gritou para Briana. Shigga se agachou, com sua lança pronta, enquanto a moça apressava as crianças em direção à gruta.

Arutha e os outros se juntaram aos armengarianos e bloquearam o desfiladeiro, recusando-se a ceder terreno para os goblins, que lutavam com desespero.

— Estão fugindo de alguém que está atrás deles — gritou Arutha de repente.

A pressão aumentava, ao mesmo tempo que os goblins começavam a saltar sobre os armengarianos. Guy ordenou uma retirada lenta e, passo a passo, deixaram que os goblins os empurrassem ao longo do desfiladeiro. Shigga se agachou, protegendo a pequena trilha de acesso à gruta de qualquer goblin ou troll que pudesse tentar escalar em direção às crianças, enquanto Briana as apressava. Os goblins, porém, optaram por ignorá-las, procurando desesperadamente passar pelo destacamento de Guy.

Então foi possível ouvir um grito vindo do outro lado, fora do alcance da vista de Arutha, e diversos goblins que seguiam atrás começaram a combater outro inimigo. Pararam de se mover, encurralados entre dois grupos de atacantes.

Um grito vindo de trás levou Arutha a se virar para lá. Jimmy e Locklear tinham ficado de vigia na retaguarda e mais uma companhia de goblins surgiu na ponta mais distante do desfiladeiro.

— Subam! Fujam!

Ele e os rapazes saltaram para as rochas e depois atacaram os goblins abaixo, de modo que dessem a Amos e a Guy uma oportunidade de escalarem. Arutha percebeu, então, o que levara o primeiro bando de goblins a fugir em sua direção. Uma companhia de anões os combatia ferozmente. Atrás dos anões, havia também dois elfos com arcos em punho, disparando por cima das cabeças de seus companheiros menores.

— Galain! — gritou Arutha ao reconhecer um dos elfos.

O elfo olhou para cima e acenou. Apoiou o arco no ombro e saltou para uma saliência na rocha, contornando o combate que se desenrolava abaixo. Com mais um salto veloz, passou por um riacho e aterrissou no desfiladeiro onde Arutha estava.

— Martin seguiu para Yabon. Você está bem?

Arutha assentiu ao mesmo tempo que inspirava profundamente.

— Sim, mas perdemos a cidade.

— Já sabemos — indicou o elfo. — A explosão foi visível a quilômetros de distância. Passamos a noite inteira encontrando refugiados. A maior parte dos anões sob as ordens de Dolgan formou uma espécie de corredor ao longo do caminho mais alto. — Apontou para trás, para a trilha principal pela qual se dirigiam a Armengar. — A maior parte dos que fugiram conseguiu passar.

— Há crianças naquela gruta lá em cima — informou Guy. Acenou para o local onde Shigga se agachara no outro lado do desfiladeiro.

— Arian! — chamou Galain. — Há crianças ali em cima. — Apontou para a gruta. O segundo destacamento de goblins juntou-se à luta e a conversa teve de ser interrompida. Vários inimigos tentaram subir atrás dos que estavam nas rochas, mas Amos chutou um no rosto e Jimmy expulsou outro; os demais acabaram mudando de ideia.

Uma pausa momentânea na luta permitiu que Arian, o outro elfo, gritasse:

— Vamos expulsá-los!

O elfo continuou disparando contra os inimigos, enquanto dois anões escalavam a pequena trilha para ajudar Shigga, Briana e os dois soldados armengarianos restantes a levar as crianças em segurança para baixo.

— Calin enviou uma de nossas companhias à Montanha de Pedra, para homenagear Dolgan por ele ter aceitado a coroa — explicou Galain. — Quando Martin chegou e nos contou o que estava acontecendo aqui, Dolgan partiu na mesma hora. Arian e eu decidimos vir imediatamente, enquanto os outros regressavam a Elvandar para alertarem os demais sobre a marcha de Murmandamus. Calin não pode deixar nossas florestas sem proteção, uma vez que Tomas está fora, mas penso que enviará uma companhia de arqueiros para ajudar os anões a levarem os sobreviventes pelas montanhas. O corredor dos anões está bem seguro, desde a Fenda de Inclindel até cerca de um quilômetro e meio a oeste daqui. Os guerreiros de Dolgan estão espalhados pelas colinas, então as coisas vão andar animadas por aqui durante algum tempo.

Os anões, protegidos por uma parede natural, impediram um ataque,

enquanto os companheiros mais acima levavam as crianças aos dois anões na retaguarda, que logo as deixaram em segurança. Jimmy puxou a manga de Guy e apontou para o local onde uma companhia de goblins escalava. Guy deu uma olhada e viu que havia mais de uma dúzia de inimigos entre ele e os anões, e então apontou para o leste. Acenou a Briana e a Shigga, indicando que deveriam fugir com as crianças. Rapidamente, Guy e os outros correram atrás dos inimigos e saltaram para baixo. Correram de volta para o último cruzamento por onde tinham passado e percorreram a ravina rasa. Agacharam-se no mesmo abrigo onde haviam se refugiado momentos antes.

— Aqueles trolls que vieram lá de baixo vão impossibilitar que cheguemos aos anões — notou Guy. — Talvez possamos descer mais um pouco e dar a volta.

— Aqui em cima está um caos — destacou Galain. — Vim com a vanguarda do exército de Dolgan e eles avançaram o máximo que puderam. Agora vão começar a se retirar. Se não os alcançarmos logo, seremos deixados para trás.

A conversa foi interrompida por gritos vindos de cima quando mais tropas de Murmandamus correram pelo cume da colina em direção aos anões invasores. Guy fez um sinal e todos começaram a descer agachados para uma parte mais profunda da ravina.

— Onde estamos? — perguntou Guy, depois de terem percorrido cerca de cem metros.

Todos se entreolharam e verificaram que tinham tomado um caminho diferente daquele que usaram para chegar até ali; estavam em algum lugar a oeste da caverna por onde saíram da cidade. Jimmy olhou para cima e começou a subir, e depois se agachou de novo. E apontou.

— Ali ainda se vê um brilho no céu. Deve ser onde fica a cidade.

Guy praguejou baixinho.

— Não estamos tanto a leste quanto pensei. Não sei aonde esta ravina nos levará.

Arutha olhou para o céu iluminado.

— É melhor prosseguirmos. — Apressaram-se a seguir em frente, sem terem a certeza de para onde se dirigiam, conscientes de que, se fossem capturados, seriam mortos.

—Cavaleiros — sussurrou Galain, que tinha ido à frente para avaliar o terreno. — Tanto Arutha quanto Guy apontaram para o mesmo local. — Renegados —

indicou o elfo. — Meia dúzia deles. Os imbecis estão à vontade em volta de uma fogueira. Até parece um piquenique.

— Há sinais dos outros? — perguntou Guy.

— Nada. Vi algum movimento mais a oeste, mas acho que passamos para trás das linhas de Murmandamus. Se esse grupo de descontraídos junto à fogueira indica alguma coisa, é que por aqui está tudo bem calmo.

Guy passou o polegar diante da garganta. Arutha assentiu com a cabeça. Amos sacou um punhal e sinalizou aos rapazes para cercarem o acampamento. Avançaram agachados até Jimmy dar o sinal e subir com Locklear para a parte de cima da trilha. Os dois escudeiros avançaram rápido e em silêncio, enquanto Arutha, Amos, Galain e Guy ficaram à espera. Ouviram um grito de espanto e avançaram, com violência.

Os dois escudeiros saltaram sobre um guarda na ponta mais afastada do pequeno acampamento; os outros cinco homens estavam de costas. Três morreram sem saber que alguém se aproximara por trás e os outros dois não demoraram muito a segui-los. Guy olhou ao redor.

— Peguem as capas deles. Se falarem conosco, com certeza seremos descobertos, mas, se seguirmos pelas laterais, talvez as sentinelas nos tomem apenas por outro bando à procura de retardatários.

Os rapazes vestiram as capas azuis sobre suas vestes armengarianas de couro marrom. Arutha também pegou uma capa azul, enquanto Amos ficou com uma verde. Guy manteve sua capa preta. Os armengarianos sempre se vestiam de marrom, pois assim poderiam se disfarçar momentaneamente em uma fuga. Arutha atirou uma capa cinzenta para Galain.

— Tome, tente parecer um Irmão das Trevas — disse.

— Arutha, você não imagina o quanto está testando minha amizade — disse o elfo secamente. — Tenho de pedir a Martin que explique algumas coisas a você.

— Com muito prazer — disse Arutha —, desde que seja em casa, com muito vinho e na companhia de nossas famílias.

Empurraram os corpos para uma ravina. Jimmy saltou para cima de uma rocha sobre o acampamento e escalou outra ainda mais alta, levantando-se para tentar ver onde estavam.

— Raios! — praguejou enquanto saltava de novo para baixo.

— O que foi? — perguntou Arutha.

— Uma patrulha, a cerca de oitocentos metros além da trilha. Não vêm com pressa, mas seguem nesta direção. Trinta ou mais cavaleiros.

— Vamos partir imediatamente — anunciou Guy. E montaram os cavalos dos renegados.

Arutha voltou a se dirigir a Galain enquanto seguiam caminho:

— Não tive oportunidade de perguntar pelos outros que acompanhavam Martin. — Preferiu não perguntar diretamente.

— Martin foi o único a chegar à Montanha de Pedra — disse Galain, encolhendo os ombros. — Sabemos que o amigo de infância de Laurie morreu — acrescentou, referindo-se a Roald, mas sem proferir o nome do falecido, como era costume entre os elfos. — Nada sabemos sobre Laurie e Baru, o Exterminador de Serpentes. — Arutha limitou-se a menear a cabeça. Sentiu pesar pela morte de Roald. O mercenário provara ser um companheiro leal. No entanto, estava mais preocupado com o destino incerto de Laurie; pensou em Carline. Esperava, pelo bem dela, que o amigo estivesse bem. Depois, colocou de lado essa preocupação, pois havia problemas mais imediatos com que lidar, e sinalizou a Galain para que seguisse na frente.

Rumaram para leste, tomando sempre que possível escolhendo o caminho mais elevado. Galain cavalgava à frente e pareciam uma companhia de renegados liderada por um moredhel.

Em um local onde se cruzavam dois caminhos, conseguiram avistar novamente a cidade. Estava aninhada na montanha, com fumaça saindo dos escombros. Ainda mais fumaça negra era cuspida da cratera onde outrora fora a torre de vigia. As rochas na encosta do penhasco pareciam vermelhas à luz do amanhecer.

— Não restou nada da torre? — perguntou Guy em voz baixa, espantado.

Amos olhou para baixo, com o rosto petrificado.

— Era ali — respondeu, apontando para um local na base do penhasco. Só se via um inferno atroz, pois a poça de nafta que ardera continuamente na cova profunda fizera as rochas explodirem. Não era possível ver nada que lembrasse a torre de vigia, a muralha interior, o fosso ou a primeira dúzia de quarteirões da cidade. Os edifícios mais próximos da cidadela que ainda se distinguiam melhor pareciam montes de entulho. Apenas a muralha exterior permanecia intacta, exceto no local onde a barbacã tinha explodido. Estava tudo destruído e chamuscado de preto, ou incandescente.

— Tudo desapareceu — Amos constatou. — Armengar desapareceu. — Nenhum edifício permanecera intacto; toda a encosta da montanha estava encoberta por uma névoa de fumaça de um preto azulado. Mesmo no exterior das muralhas, a camada de corpos era aterradora.

Era visível que Murmandamus levara uma terrível surra durante o assalto à cidade, mas ainda assim suas tropas dominavam a planície do lado de fora das muralhas. Havia estandartes esvoaçando ao vento e companhias em movimento, pois o senhor da guerra dos moredhel pusera seu exército em marcha. Amos cuspiu.

— Olhem! Ele tem um exército de reserva ainda maior do que aquele que lançou contra nós.

— Seu truque custou a ele quase quinze mil vidas — disse Arutha com uma voz cansada.

Guy o interrompeu:

— E ainda assim ele consegue pôr em marcha mais de trinta e cinco mil rumo a Tyr-Sog... — Havia tropas em movimento e batedores e escoltas já galopavam em direção a seus postos ao longo da linha de marcha. Guy observou o cenário por um minuto. — Maldito seja eu! Ele não segue para o sul! Está avançando para o leste!

Arutha olhou para Amos, e então para Guy.

— Mas isso não faz sentido. Ele consegue bloquear os anões a oeste, empurrando-os até chegar a Yabon.

— Para o leste... — disse Jimmy.

— ...fica o Castelo Alto — completou Arutha.

Guy assentiu com a cabeça.

— Fará o exército avançar até a Fenda do Lenhador, a guarnição do Castelo Alto.

— Mas por quê? — questionou Arutha. — Ele pode subjugar o Castelo Alto em poucos dias, mas ficará no meio do Mundo Elevado, desprotegido em ambos os lados. Isso não faz muito sentido.

— Se atacar exatamente para o sul, pode chegar em menos de um mês à Floresta Profunda — Guy concluiu.

— Sethanon — disse Arutha.

— Não entendo — confessou Guy. — Ele pode subjugar Sethanon. A guarnição de lá é pouco mais do que uma guarda de honra. Mas, chegando lá, vai fazer o quê? Pode passar o inverno vivendo da pilhagem da Floresta Profunda e de quaisquer reservas da cidade que conseguir, mas, com a chegada da primavera, Lyam pode atacá-lo vindo do Oriente, e você, com forças vindas do Ocidente. Ficará entre a cruz e a espada, com uma viagem de oitocentos quilômetros de volta às montanhas. Seria seu fim!

Amos cuspiu.

— Não devemos subestimar esse limpador de nariz. Ele está tramando alguma coisa.

Galain olhou ao redor.

— É melhor irmos logo. Se vão se dirigir para leste, nunca conseguiremos dar a volta e chegar a Inclindel. A patrulha que vimos deve ser uma companhia de batedores. Vão seguir sempre adiante em sua marcha nos seguindo de perto.

Guy assentiu com a cabeça.

— Então temos de chegar à Fenda do Lenhador antes de seus batedores.

Arutha esporeou seu cavalo e iniciaram a cavalgada em direção ao Oriente.

Chegaram ao fim do dia, conseguindo se manter à frente dos soldados de Murmandamus. Por vezes, avistavam batedores se destacando do exército principal, cavalgando bem mais abaixo na planície, e houve sinais de movimento atrás deles. Mas a trilha começou a descer e, já perto do pôr do sol, Arutha disse:

— Se continuarmos a seguir na direção da planície, com certeza vamos encontrar algumas de suas tropas.

— Se continuarmos a cavalgar depois de escurecer — realçou Guy —, podemos nos enfiar nos bosques na base das colinas. Se chegarmos ao pé das colinas e cavalgarmos toda a noite, entraremos na floresta propriamente dita. Duvido que alguém, mesmo Murmandamus, mande um grande número de soldados para a Floresta de Edder. Ele poderá facilmente circulá-la. A Floresta de Edder não é um lugar que me agrade nem um pouco, mas assim teremos cobertura. Se cavalgarmos toda a noite, poderemos nos manter à frente deles o bastante para ficarmos a salvo... pelo menos, a salvo deles.

Jimmy e Locklear se entreolharam com um ar interrogativo.

— Amos, o que ele quer dizer com isso? — perguntou Jimmy.

Amos olhou de soslaio para Guy, que fez um aceno afirmativo com a cabeça.

— A Floresta de Edder é um lugar mau, rapaz. Podemos... podemos entrar cerca de cinco quilômetros pelo bosque ao longo de seus limites. Um pouco mais para dentro um homem ainda pode caçar. Mas, mais do que isso, bem... não sabemos o que há lá. Até os goblins e os Irmãos das Trevas evitam o lugar. Quem quer que adentre o cerne da floresta pura e simplesmente não volta. Não sabemos o que há lá. Edder é imensa; qualquer coisa pode se esconder lá dentro.

— Então saltamos do caldeirão para cair no fogo — disse Arutha.

— Talvez — respondeu Guy. — Ainda assim, sabemos o que enfrentamos, se formos pela planície.

— Pode ser que passemos despercebidos, se mantivermos nossos disfarces — disse Jimmy.

Foi Galain quem respondeu:

— Isso não é viável, Jimmy. Basta um moredhel olhar uma vez para reconhecer prontamente um eledhel. É algo que normalmente não falamos, mas acredite em mim. É um reconhecimento instintivo.

Amos esporeou seu cavalo para que ele avançasse.

— Então, não há alternativa. Para a floresta, rapazes.

Cavalgaram o mais silenciosamente que puderam através do bosque sombrio e agourento. Ao longe, ouviram gritos do exército de Murmandamus, que acampou para passar a noite nas planícies ao norte. Avançando durante a noite, Arutha achou que estariam bem à frente do exército de Murmandamus quando o sol nascesse. Ao meio-dia, já estariam fora da floresta, de volta à planície, prontos para voltar a avançar a grande velocidade. Então, caso chegassem à Fenda do Lenhador e até Brian, o Senhor do Castelo Alto, teriam chances de retardar a marcha de Murmandamus pelo Mundo Elevado e através da Floresta Profunda.

Jimmy esporeou seu cavalo para que ele avançasse e alcançou Galain.

— Sinto que algo está errado.

— Eu também — disse suavemente o elfo. — Também sinto algo de familiar nestes bosques. Mas não sei dizer o que é. — Depois acrescentou algo, com seu humor élfico: — Mas, enfim, não passo de um rapaz, mal tenho quarenta anos.

Jimmy retribuiu a piada secamente:

— Um bebê.

— Talvez cheguemos ao Castelo Alto — disse Guy, que seguia ao lado de Arutha. Manteve-se alguns segundos em silêncio, antes de voltar a falar: — Arutha, voltar ao Reino me traz alguns problemas.

Arutha assentiu, dando sinais de compreensão, embora o gesto tenha passado despercebido na escuridão.

— Falarei com Lyam. Presumo que assim que, chegarmos ao Castelo Alto, terei a sua palavra de honra. Até nos livrarmos desta confusão, você permanecerá sob minha proteção.

— Não estou preocupado com meu destino — garantiu Guy. — Veja, tenho o que resta de uma pequena nação se deslocando para Yabon. Só quero... só quero garantir que serão bem tratados. — Sua voz revelava um forte desespero. —

Jurei reconstruir Armengar. Ambos sabemos que isso nunca será viável.

— Descobriremos uma forma de trazer seu povo para o Reino, Guy — disse Arutha. Observou atentamente o vulto que cavalgava lentamente a seu lado na escuridão. — Mas, e você?

— Não me preocupo nem um pouco comigo. Mas... considere interceder por Armand junto a Lyam... se é que ele escapou. É um excelente general e um líder capaz. Se eu tivesse ficado com a coroa, ele seria o próximo Duque de Bas-Tyra. Como não tenho filhos, não imagino ninguém melhor. Você precisará de gente como ele, Arutha, se pretende aguentar tudo o que vem por aí. Seu único defeito é o exagerado senso de lealdade e de honra.

Arutha prometeu pensar no pedido e depois caíram em silêncio. Continuaram a cavalgar até bem depois da meia-noite, quando Arutha e Guy entenderam que seria melhor fazer uma parada. Enquanto os cavalos descansavam, Guy foi ter com Galain.

— Entramos mais nesta floresta do que qualquer armengariano que já tenha voltado.

— Permanecerei alerta — garantiu Galain, analisando o rosto de Guy. — Já ouvi falar de você, Guy du Bas-Tyra. Da última vez em que verifiquei, você era alguém em quem talvez não se devesse confiar — disse com a condescendência típica dos elfos. — Ao que parece, algo mudou. — Apontou com a cabeça em direção a Arutha.

Guy deu um sorriso triste.

— Ao que parece, sim. O destino e as circunstâncias, por vezes, forjam alianças inesperadas.

O elfo sorriu ironicamente.

— Tem toda a razão. Você avalia as coisas à maneira dos elfos. Um dia, gostaria de ouvir sua história.

Guy assentiu com a cabeça. Amos se aproximou.

— Acho que ouvi algo por ali — disse. Guy olhou para o local para onde ele apontava. Depois os dois repararam que Galain partira.

Arutha foi encontrá-los.

— Também ouvi, assim como Galain. Ele voltará em breve.

Guy agachou-se, permanecendo alerta.

— Esperemos que consiga voltar.

Jimmy e Locklear cuidavam dos cavalos em silêncio. Jimmy olhava atentamente para seu amigo. Na escuridão, pouco era visível da expressão do rapaz, mas tinha certeza que Locklear ainda não se recuperara da morte de

Bronwynn. Jimmy foi, então, assolado por uma estranha sensação de culpa. Não pensara em Krista desde a retirada da muralha. Tentou afastar esse pensamento incômodo. Eles não tinham sido amantes por desejo e abraçado livremente a relação? Houve promessas? Sim e não, mas Jimmy sentiu-se irritado com sua própria falta de preocupação. Não desejava mal a Krista, mas para ele não fazia muito sentido se preocupar com ela. A garota era tão capaz de tomar conta de si mesma como qualquer outra mulher que Jimmy conhecera, pois fora treinada desde criança para ser um soldado. Não, o que irritava Jimmy era o fato de não se preocupar. Aliás, só sentia que algo lhe faltava de vez em quando. Ficou irritado. Já tivera sua dose de preocupação em sua vida, desde o ferimento de Anita até a morte simulada de Arutha. Envolver-se com outras pessoas era algo inconveniente demais. Até que percebeu que sua irritação se transformava em raiva.

Virou-se para Locklear e agarrou rudemente o amigo, virando-o.

— Já chega! — sibilou.

Locklear arregalou os olhos, surpreso.

— Já chega do quê?

— Deste maldito... silêncio. A morte de Bronwynn não foi culpa sua.

A expressão de Locklear se manteve inalterada, mas aos poucos era possível notar uma crescente umidade em seus olhos, seguida pelas lágrimas que começavam a escorrer por seu rosto. Encolheu os ombros para se libertar da mão de Jimmy.

— Os cavalos — disse, em voz baixa. Afastou-se, com as lágrimas ainda bem visíveis em seu rosto.

Jimmy suspirou. Não sabia o que passara por sua cabeça para se comportar daquela maneira, mas de repente sentiu-se estúpido e imprudente. Pensou em como Krista estaria se saindo naquilo tudo, e se ainda estaria viva. Voltou-se para os cavalos e lutou para se libertar daquelas fortes emoções.

Galain voltou correndo, em silêncio.

— Há uma espécie de luz bem no interior da floresta. Andei por perto, mas ouvi barulho. Eram discretos, quase passavam despercebidos, mas deu para perceber que vêm nesta direção.

Guy se dirigiu ao seu cavalo, assim como os outros. Galain montou o seu e, quando todos estavam prontos, apontou.

— Temos de nos dirigir para os limites da floresta — murmurou —, o mais longe possível da luz, para não sermos vistos pelos batedores de Murmandamus.

Esporeou seu cavalo e foi em frente. Tinha avançado uma dúzia de passos

quando um vulto saltou das árvores, fazendo-o cair da sela.

Mais atacantes saltaram e todos os cavaleiros foram derrubados de suas montarias. Arutha bateu no chão e rolou, levantando-se já com a espada em punho. Observou seu oponente e se deparou com um rosto parecido com o dos elfos, mas reconfigurado com uma máscara de ódio. Então viu um arqueiro logo atrás, apontando uma flecha para ele, e, com uma estranha sensação de desolação, pensou que assim seria seu fim. A profecia estava errada.

Logo o atacante que estava em cima de Galain o puxou pela túnica. Na outra mão, tinha uma faca e estava preparado para matá-lo. Parou, exclamando:

— Eledhel! — Seguiu-se uma frase em uma língua que Arutha desconhecia.

De repente, os atacantes avançaram, mas ninguém tentou matar os membros do séquito de Arutha. Seguraram-nos, enquanto o oponente de Galain o ajudava a se levantar. Falaram rapidamente naquela língua, e Galain se dirigiu a Arutha e aos demais. Os outros, que usavam capas cinzentas com capuz, assentiram e apontaram para o leste.

— Temos de ir com eles — disse Galain.

— Acham que somos renegados e que você é um deles? — perguntou Arutha em tom suave.

Deixando de lado sua habitual expressão élfica, em meio à escuridão, Galain se mostrou confuso:

— Não faço ideia de que tipo de milagre é este, Arutha, mas estes seres não são moredhel. São elfos. — Olhou ao redor da clareira. — E nunca vi algum deles em minha vida.

Foram levados a um velho elfo, sentado em uma cadeira de madeira instalada sobre uma plataforma elevada. A clareira tinha cerca de vinte metros de largura e ao redor viram elfos agachados e de pé. A área em torno era o lar deles, uma aldeia de cabanas e pequenas construções de madeira, mas sem a beleza e a graciosidade de Elvandar. Arutha olhou em volta. Os elfos se apresentavam com um vestuário surpreendente. Viam-se inúmeras capas cinzentas, muito parecidas com as usadas pelos moredhel, e as vestes dos guerreiros variavam entre armaduras de couro e peles. Nos pescoços de muitos deles, havia bizarras joias ornamentais de cobre e bronze, combinando com pedras brutas e colares com dentes de animais. As armas eram rudimentares, mas pareciam eficazes, faltando-lhes a perfeição comum às armas élficas que Arutha já conhecera. Que eram elfos, não restava dúvida, mas pareciam bárbaros, o que fez Arutha se

sentir bastante desconfortável. O Príncipe escutou quando o líder de seus captores falou com o elfo sentado na cadeira.

— *Aron Earanorn* — segredou Galain ao ouvido de Arutha. — Significa Rei Árvore Vermelha. É como chamam este rei.

O Rei sinalizou para que os prisioneiros avançassem e falou com Galain.

— O que ele disse? — perguntou Arutha.

— Eu disse — explicou o Rei — que, se seu amigo não tivesse sido reconhecido, o mais provável era que a esta altura todos vocês estivessem mortos.

— Você fala a língua do Rei — comentou Arutha.

O velho elfo assentiu com a cabeça.

— Assim como armengariano. Nós falamos as línguas dos homens, embora nada tenhamos a ver com eles. Nós as aprendemos ao longo dos anos com aqueles que capturamos.

Guy ficou furioso.

— São vocês que andam matando meu povo!

— E quem são vocês? — perguntou o Rei.

— Sou Guy du Bas-Tyra, Protetor de Armengar.

O Rei assentiu com a cabeça.

— Ciclope. Já ouvimos falar de você. Matamos quem quer que invada nossa floresta, seja homem, goblin, troll ou até de nossa espécie negra. Fora de Tauredder, não temos nada além de inimigos. Mas isso... — apontou na direção de Galain — é algo novo para nós. — Observou atentamente o elfo. — Deveria conhecer você e sua linhagem.

— Sou Galain, filho daquele que era irmão de quem governava — disse, não pronunciando os nomes dos mortos, como ditava a tradição dos elfos. — Meu pai era descendente daquele que expulsou os moredhel de nossos lares. Sou primo do Príncipe Calin e sobrinho da Rainha Aglaranna.

O velho elfo estreitou os olhos, observando Galain minuciosamente.

— Você fala de príncipes, mas meu filho foi assassinado por trolls há setenta invernos. Você fala de rainhas, mas a mãe de meu filho pereceu na batalha por Neldarlod, quando nossos irmãos negros procuraram nos destruir pela última vez. Você fala de coisas que não compreendo.

— Assim como você, Rei Earanorn — explicou Galain. — Desconheço onde fica Neldarlod, tampouco ouvi falar de alguém de nosso povo que viva ao norte das grandes montanhas. Falo dos elfos que vivem em minha terra, em Elvandar.

— Barmalindar! — disseram vários elfos em uníssono.

— O que significa essa palavra? — perguntou Arutha.

— Significa “pátria... local... terra dourada” — explicou Galain. — É um lugar lendário. Uma fábula para a maioria.

— Elvandar! Barmalindar! Você fala de lendas. Nossa antiga pátria foi destruída nos Dias da Fúria dos Deuses Loucos.

Galain permaneceu em silêncio por um bom tempo, como se refletisse profundamente. Por fim, virou-se para Arutha e Guy.

— Vou pedir que sejam levados daqui. Preciso falar de algumas coisas que não sei se seria conveniente partilhar com vocês. Tenho que falar daqueles que partiram para a Ilha Abençoada, e falar da humilhação de nossa raça. Espero que compreendam. — Então dirigiu-se ao Rei: — Falarei de tudo, mas só os eledhel devem me escutar. Vocês podem levar meus amigos para um lugar seguro enquanto falo?

O Rei assentiu e fez um sinal a dois guardas, que escoltaram os cinco humanos até outra clareira. Não havia lugar para sentarem a não ser o chão, então se acocoraram sobre o solo úmido. Não conseguiram ouvir o que Galain dizia, mas ouviram o som baixo de sua voz levado pela brisa noturna. Os elfos conferenciaram durante horas e Arutha se deixou vencer pelo cansaço.

De repente, Galain apareceu ao lado deles, dizendo para se levantarem.

— Falei de coisas que pensei ter esquecido, antiga sabedoria popular que me foi contada pelos Tecedores de Feitiços. Acho que agora eles já acreditam, embora estejam profundamente abalados.

Arutha olhou para os dois guardas que esperavam a certa distância, respeitando a privacidade de Galain.

— Quem são estes elfos?

— Sei que, quando você atravessou Elvandar com Martin, a caminho de Moraelin, Tathar lhe contou da humilhação de nossa raça, do genocídio conduzido pelos moredhel contra os glamredhel. Acho que estes são os descendentes dos glamredhel sobreviventes. Parecem de fato elfos e certamente não são moredhel, mas não têm Tecedores de Feitiços ou Guardiões do Saber. Tornaram-se mais primitivos, pouco mais do que selvagens. Perderam muitas das artes de meu povo. Não sei. Talvez aqueles que sobreviveram à última batalha, quando o primeiro Murmandamus liderou os moredhel, tenham vindo para cá procurando refúgio. O Rei disse que seus semelhantes viveram durante muito tempo em Neldarlod, que significa “Lugar das Faias”; só recentemente vieram para a Floresta de Edder.

— Já vivem aqui o suficiente para impedirem os armengarianos de caçar ou

cortar madeira — disse Guy. — Há pelo menos três gerações.

— Falo de coisas de elfos, em termos de anos élficos — explicou Galain. — Já estão aqui há mais de duzentos anos. — Observou os dois guardas. — E penso que não estão completamente livres do legado dos glamredhel. São muito mais belicosos e agressivos do que nós, em Elvandar, e quase tanto quanto os moredhel. Não sei. Este Rei não parece saber o que fazer. Está, agora, se aconselhando com os anciãos, e espero que dentro de um ou dois dias nós fiquemos sabendo o que desejam.

Arutha pareceu alarmado.

— Dentro de um ou dois dias Murmandamus estará de novo entre nós e a Fenda do Lenhador. Temos de partir hoje.

— Vou voltar à assembleia. Talvez consiga explicar a eles como o mundo funciona fora desta floresta. — Deixou-os e todos se sentaram outra vez, resignados com o fato de não poderem fazer mais nada a não ser esperar.

Já se passara quase metade do dia quando Galain voltou.

— O Rei vai nos deixar partir. Vai até nos providenciar uma escolta até o vale que leva à Fenda do Lenhador, ao longo de um caminho livre, então chegaremos lá antes do exército de Murmandamus. Eles vão ter de circundar a floresta, enquanto nós a atravessaremos.

— Pensei que poderíamos ter problemas — disse Arutha.

— Nós tivemos. Eles iam matar todos vocês e ainda estavam decidindo o que fazer comigo.

— O que os fez mudar de ideia? — perguntou Amos.

— Murmandamus. Bastou mencionar esse nome e pareceu que mexi em um vespeiro. Perderam muito da sabedoria popular, mas esse é um nome que ainda recordam. Não resta dúvida de que encontramos os descendentes dos glamredhel. Penso que vivem há trezentos ou quatrocentos na área ao redor, tendo em conta os presentes na assembleia. Há mais elfos vivendo em comunidades distantes, a tal distância que ninguém se dá ao trabalho de avisá-los, aconteça o que acontecer.

— Vão nos ajudar a escapar? — perguntou Guy.

Galain balançou a cabeça.

— Não faço ideia. Earanorn é esperto. Se tivesse de levar todo o seu povo para Elvandar, seriam bem-vindos, mas lá não confiariam totalmente neles. São selvagens demais. Anos se passariam antes que todos se sentissem confortáveis.

Ele também tem noção de que no conselho da verdadeira Rainha dos Elfos seria apenas um membro menor, pois sequer é um Tecedor de Feitiços. Seria aceito como um gesto de boa vontade para com seu povo e também porque está entre os mais velhos dos elfos que vivem na Floresta de Edder. Mas aqui é um rei, um rei pobre, mas ainda assim um rei. Não, este não é um problema fácil ou simples. Mas é aquele tipo de questão que nós, os elfos, estamos dispostos a discutir durante anos. Dei a Earanorn instruções claras sobre o caminho até Elvandar, para que seu povo possa regressar à nossa floresta mãe, caso assim deseje. Irão ou não, conforme queiram, mas, por ora, devemos partir para o Castelo Alto.

Arutha se levantou.

— Ótimo! Assim é um problema a menos — disse.

Jimmy seguiu Arutha até os cavalos e falou para Locklear:

— Como se os que deixamos para trás fossem coisas insignificantes.

Amos riu e deu um tapinha no ombro dos rapazes.

Os cavalos estavam em seu limite, pois Arutha e os companheiros já cavalgavam arduamente havia quase uma semana. Os animais, cansados e com as patas doloridas, revelavam-se cada vez mais lentos, e o Príncipe percebeu que tinham conseguido apenas se manter um pouco à frente dos invasores. No dia anterior, tinham avistado fumaça atrás de onde estavam, quando os batedores mais avançados acamparam ao final do dia. Aquele descuido dos batedores para se manterem ocultos demonstrou o desdém pela guarnição que seguia entre eles e o Reino.

A Fenda do Lenhador ficava na extremidade sul de um vasto vale, atravessando as Presas do Mundo, com rochas por todo o lado e espinheiros em quase toda a sua extensão. Depois, a vegetação desaparecia e só se via terra queimada. Jimmy e Locklear olharam ao redor.

— Chegamos ao limite do raio de ação das patrulhas do Castelo Alto. Provavelmente, fazem queimadas aqui todos os anos para manterem a região descoberta e assim evitar que alguém se aproxime sem ser detectado — Guy explicou.

Quando o final do sexto dia após terem deixado a Floresta de Edder se aproximava, o vale começou a se estreitar e entraram em uma fenda. Arutha diminuiu o passo de seu cavalo enquanto olhava em volta.

— Vocês se lembram de Roald dizer que trinta mercenários repeliram duzentos goblins aqui? — Arutha perguntou com calma na voz.

Jimmy assentiu com a cabeça, lembrando-se do mercenário que gostava de se divertir. Entraram na fenda em silêncio.

—Alto! Identifiquem-se! — ouviram alguém gritar das rochas mais acima.

Arutha e os outros pararam e esperaram que o dono da voz aparecesse. Um homem saiu de trás de uma rocha sobre a beira da fenda. Usava um tabardo com um penhasco de pedra vermelha desenhado, ainda visível à luz do crepúsculo. Uma companhia de cavaleiros vinda da parte de baixo do estreito desfiladeiro apareceu, enquanto lá em cima se erguiam arqueiros por todos os lados.

Arutha levantou as mãos lentamente.

— Sou Arutha, Príncipe de Krondor.

Uma série de gargalhadas se fez ouvir.

— E eu sou seu irmão, o Rei — disse o oficial em comando. — Foi engraçado e corajoso, renegado, mas o Príncipe de Krondor jaz morto na tumba de sua família em Rillanon. Se não tivesse andado lutando ao lado de goblins, já estaria sabendo disso.

— Levem-me a Brian, Senhor do Castelo Alto — Arutha respondeu, gritando.

O líder do grupo de cavaleiros se aproximou do Príncipe.

— Ponha as mãos atrás das costas e se comporte, amigo — ordenou.

Arutha retirou a luva e mostrou o sinete real. O homem o observou atentamente e depois gritou:

— Capitão, já viu o sinete real de Krondor?

— Uma águia sobrevoando o pico de uma montanha.

— Bem, seja ele o Príncipe ou não, está usando o anel. — O homem olhou, então, para os outros. — E também traz um elfo.

— Um elfo? Você quer dizer um Irmão das Trevas.

O soldado pareceu confuso.

— É melhor descer até aqui, meu senhor. — Virou-se para Arutha. — Vamos já esclarecer isso... Vossa Alteza — acrescentou em voz baixa, só por garantia.

O capitão levou alguns minutos para chegar até o chão da fenda e depois se colocou ao lado de Arutha. Analisou o rosto do Príncipe.

— Ele é extremamente parecido com o Príncipe, isso eu garanto, mas o Príncipe nunca usou barba.

— Estúpido como é, não admira que Armand o tenha enviado para o Castelo Alto, Walter de Gyldenholt — atirou Guy.

O homem olhou por bastante tempo para Guy antes de voltar a falar:

— Raios me partam! É o Duque de Bas-Tyra.

— E ele *é* o Príncipe de Krondor.

O homem chamado Walter continuava a olhar para a frente e para trás.

— Mas ele está morto, ou pelo menos era isso que dizia a proclamação real — disse. E se virou para Guy. — E é sua intenção regressar ao Reino, Vossa Graça?

— Leve-nos a Brian e já esclareceremos tudo — disse Arutha. — Sua Graça está sob minha proteção, assim como todos os outros. Podemos agora acabar com esta tolice e seguir em frente? Há um exército de Irmãos das Trevas e goblins a mais ou menos um dia de distância de nós, e achamos que Brian gostaria de ser informado sobre isso.

Walter de Gyldenholt fez um sinal ao homem que liderava a companhia para darem a volta.

— Leve-os ao Senhor do Castelo Alto. E, quando tudo estiver resolvido, volte e me conte o que diabos está acontecendo.

Arutha colocou de lado a navalha e passou a mão por seu rosto limpo.

— Então deixamos os elfos e cavalgamos diretamente para cá — disse.

— Uma história incrível, Alteza — disse Brian, Senhor do Castelo Alto, comandante do destacamento da Fenda do Lenhador. — Se eu não estivesse vendo o senhor com meus próprios olhos, com du Bas-Tyra sentado aqui, não teria acreditado em uma palavra do que disse. O Reino julga que está morto. Tivemos um dia de homenagem em sua honra, a pedido do Rei. — Sentou-se, observando os viajantes cansados enquanto eles se lavavam e comiam no quarto da caserna cedida a Arutha e seus companheiros. O velho comandante tinha uma postura rígida, como se permanecesse em constante vigilância. Parecia mais um soldado destacado para uma parada do que um comandante de fronteira.

Amos riu, extremamente ocupado com uma caneca de vinho.

— Se é para ter uma homenagem destas, é melhor tê-la antes de morrer para poder desfrutá-la. Foi uma pena que você tenha perdido, Arutha.

— Tem muitos de meus homens em sua companhia? — perguntou Guy.

— Muitos homens foram enviados para a Passagem de Ferro e para a Sentinela do Norte, mas temos dois de seus melhores homens: Baldwin de la Troville e Anthony du Masigny. Alguns permanecem em Bas-Tyra. Guiles Martine-Reems governa a cidade, conhecido agora como Barão du Corvis.

— Não duvido de que ele gostaria de ser Duque — disse Guy.

— Brian, eu gostaria de ir para Sethanon — afirmou Arutha. — É obviamente o alvo de Murmandamus e a cidade poderia se beneficiar da presença de soldados. Aquele lugar é indefensável.

O Senhor de Castelo Alto não disse nada por um bom tempo.

— Não, Alteza — disse por fim.

— Está dizendo não ao Príncipe? Ah! — exclamou Amos.

O Barão olhou de lado para Amos e depois se virou para Arutha.

— Conhece meu título e minhas incumbências. Sou vassalo de seu irmão e de mais ninguém. A mim foi outorgada a responsabilidade pela segurança desta passagem. Não vou abandoná-la.

— Por todos os deuses, homem! — exclamou Guy. — Não entendeu nada do que dissemos? Um exército de mais de trinta mil soldados está em marcha e você tem quantos aqui? Cem, duzentos soldados espalhados pelas colinas entre Sentinela do Norte e Tyr-Sog. Basta meio dia para que seja subjugado!

— É o que diz, Guy. Não tenho conhecimento, em primeira mão, se é verdade.

Arutha estava espantado e foi Amos quem tomou a palavra:

— Agora chama o Príncipe de mentiroso!

Brian ignorou Amos.

— Não duvido que você viu uma grande concentração de forças de Irmãos das Trevas lá no norte, mas trinta mil não me parece provável. Já lidamos com eles há anos e, pelo que sabemos, não é improvável que exista uma força com mais de dois mil membros na área, sob as ordens de um único comandante. E daqui conseguimos facilmente lidar com esse número.

— Estava sonhando acordado enquanto Arutha falava, Brian? — Guy disse, controlando sua raiva. — Ele não contou que perdemos uma cidade com uma muralha de dezoito metros de altura, que só podia ser atacada por um lado e que era defendida por sete mil soldados com experiência de combate sob meu comando?

— E quem é reconhecido como o melhor estrategista militar do Reino há décadas? — questionou Arutha.

— Conheço sua reputação, Guy — disse o Senhor do Castelo Alto —, e contra Kesh você se portou bem. Mas nós, os Barões da Fronteira, nos deparamos a todo instante com situações incomuns. Tenho certeza de que consigo lidar com esses Irmãos das Trevas. — O Barão afastou-se da mesa e se dirigiu para a porta. — Agora, se me desculpam, tenho meus deveres para

cuidar. Podem permanecer aqui e descansar o quanto desejarem, mas lembrem-se de que aqui eu sou o comandante supremo até o Rei decidir o contrário. Agora, acho que vocês precisam descansar. Por favor, sintam-se à vontade para jantar com meus oficiais e comigo, daqui a duas horas. Enviarei um guarda para acordá-los.

Arutha sentou-se à mesa.

— O homem é um idiota — disse Amos, depois que o Senhor do Castelo Alto saiu.

Guy inclinou-se para a frente com o queixo apoiado na mão.

— Não, Brian está apenas cumprindo seu dever, a seu modo de ver. Infelizmente, não é um general. Sua patente foi concedida por Rodric, uma espécie de brincadeira. É um homem do sul, um nobre da corte sem treino de combate. E tem tido poucos problemas com os goblins aqui em cima.

— Ele foi uma vez a Crydee, quando eu era mais novo — contou Arutha. — Eu o achei elegante. O Barão da Fronteira. — A última frase foi proferida com um humor amargo.

— Ele fará como entender — afirmou Guy. — E tem praticamente só desordeiros, como Walter de Gyldenholt, ao seu serviço. Armand o enviou para cá há cinco anos por roubar fundos da companhia. Antes disso, era o principal tenente da cavalaria. Mas — acrescentou —, por conta da política, também há homens bons aqui. Baldwin de la Troville e Anthony du Masigny são ambos oficiais condecorados, mas tiveram o azar de serem leais a mim. Tenho certeza de que foi Caldric quem sugeriu a Lyam que os enviasse para a fronteira.

— Ainda assim, de que isso adianta? — questionou Amos. — Você sugere que iniciemos uma revolta?

— Não — esclareceu Guy —, mas, ao menos, quando começar a carnificina, a guarnição sucumbirá sob as ordens de oficiais capazes junto com os loucos.

Arutha recostou-se na cadeira, sentindo o cansaço invadi-lo. Tinha a noção de que logo deveria tomar uma atitude, mas qual? Sentia a mente vagar e sabia que estava entorpecida devido ao sono e à tensão. Ninguém no cômodo falou mais nada. Pouco depois, Locklear levantou-se e se dirigiu aos beliches para se deitar. Sem falar com os outros, não demorou para adormecer.

— É a melhor ideia que vi nas últimas semanas — comentou Amos. Dirigiu-se a outro beliche e, com um grande gemido de satisfação, acomodou-se no conforto macio proporcionado pelo cobertor. — Vejo vocês na ceia. — Os outros o imitaram.

Logo todos adormecerem, exceto Arutha, que se virou e revirou na cama, a

mente sendo visitada por visões de tropas de goblins e moredhel subjugando sua nação, matando e incendiando tudo. Seus olhos se recusaram a permanecer fechados e, por fim, sentou-se, suando frio. Olhou ao redor e viu os outros dormindo. Ajeitou-se no beliche e esperou que o sono chegasse, mas ainda estava acordado quando chamaram para a ceia.

16

Criação

Macros abriu os olhos.

O feiticeiro entrou em transe poucos minutos depois de ter descoberto que estavam em uma armadilha do tempo, e desde então se mantivera imóvel. Após permanecerem observando-o durante horas, Pug e Tomas ficaram cada vez mais entediados e voltaram a atenção para outros assuntos. Tentaram descobrir tudo o que puderam sobre o Jardim, mas, como se tratava de uma mistura de plantas e vida animal alienígenas, muito do que observaram era quase incompreensível para eles. Depois do que lhes pareceu alguns dias de exploração, o feiticeiro ainda não despertara e se resignaram a aguardar.

— Acho que encontrei uma solução — disse Macros, espreguiçando-se. — Quanto tempo estive em transe?

— Acho que uma semana — respondeu Tomas, sentado em uma pedra próxima.

Pug, que os observava ao lado de Ryath, se aproximou.

— Talvez mais. É difícil precisar.

Macros piscou os olhos e se ergueu.

— Admito que voltar no tempo torna tudo ainda mais subjetivo, mas jamais imaginei que tivesse ficado tanto tempo meditando.

— Você não nos explicou direito o que está acontecendo aqui — disse Pug. — Tentei diversos truques para descobrir o que acontece ao nosso redor e a única coisa que consegui foi ter uma pequena noção de como funciona esta armadilha do tempo.

— O que você descobriu?

Pug franziu as sobrancelhas.

— Aparentemente, o feitiço foi concebido para fazer o tempo voltar em um campo que nos envolve. Enquanto estivermos nesse campo, estamos sujeitos a seus efeitos e não podemos alterá-lo. Somos transportados com o Jardim,

recuando em ritmo lento através da corrente do tempo. — Seu tom de voz revelava uma clara nota de frustração. — Macros, temos muitas frutas e avelãs, mas Ryath está faminta. Conseguiu sobreviver até agora caçando os pequenos seres que vivem aqui e até comeu algumas avelãs, mas não pode continuar assim por muito tempo. Em breve, tudo o que há para se caçar aqui acabará e ela passará fome.

Macros olhou para o lugar onde o dragão cochilava, de modo a conservar energia.

— Bem, então temos de sair daqui, seja por onde for.

— Como? — questionou Tomas.

— Será complicado, mas acho que vocês conseguirão. — Atreveu-se a sorrir, exibindo parte da confiança que demonstrara quando os dois o conheceram. — Todas as armadilhas têm seus pontos fracos. Mesmo algo tão simples como uma pedra que cai tem uma falha de concepção e pode errar. Acho que encontrei a falha desta armadilha.

— Seria reconfortante — disse Pug. — Pensei em uma dúzia de coisas para fazer, se estivesse fora do campo de ação da armadilha. Ryath tentou me levar para o exterior, mas fracassamos. Não descobri nada que fosse possível fazer de dentro para fugir através do tempo.

— O truque, meu caro Pug, consiste em acelerar o fluxo para trás através do tempo, e não em combatê-lo. Temos de viajar cada vez mais rápido, a uma velocidade inimaginável.

— Com que propósito? — perguntou Tomas. — Nós nos afastamos cada vez mais do conflito. O que ganhamos com isso?

— Pense, Milamber da Assembleia — disse Macros, recorrendo ao nome tsurani de Pug. — Se recuarmos o suficiente...

Pug nada disse por alguns instantes, mas depois começou a compreender a ideia.

— Voltaremos ao início dos tempos.

— E a antes disso... quando o tempo não tinha significado.

— Isso é possível? — questionou Pug.

Macros encolheu os ombros.

— Não sei, mas, como não me ocorre mais nada, estou disposto a tentar. Preciso da ajuda de vocês. Tenho o conhecimento, mas me falta o poder.

— Diga o que devo fazer — pediu Pug.

Macros indicou que Pug devia sentar-se e ficou a seu lado. Tomas colocou-se atrás do amigo, observando atentamente. Macros esticou as mãos e colocou-as

na cabeça de Pug.

— Deixe que meu conhecimento passe para você.

Pug sentiu sua mente sendo invadida por imagens...

...e o universo, como o conhecia, estremeceu. Sentira apenas uma vez aquele conhecimento panorâmico, quando esteve na Torre da Provação e entrara nos domínios dos Grandes. Agora, no entanto, é acompanhado por um observador mais maduro e com mais conhecimentos, que compreende melhor aquilo que vê: a simetria, a ordem, a espantosa magnificência que gira à sua volta, tudo unido em um plano que fica além de sua capacidade de compreensão. Sente-se intimidado.

Toma conhecimento de tudo que o rodeia, e mais uma vez se espanta com as maravilhas do universo. Navega de novo entre as estrelas, mais uma vez percebendo as linhas mágicas da força que unem tudo no universo. Detecta um puxão nessas linhas e vê algo lutando para entrar naquele universo, vindo de outro. É imundo, uma coisa cancerosa que ameaça a ordem. São trevas, uma espécie de buraco negro. O Inimigo. Mas está fraco e cauteloso. Medita em sua natureza, à medida que se afasta de sua compreensão. Está recuando no tempo.

Observa o Jardim. Consegue ver a si mesmo sentado em frente ao feiticeiro, com o amigo de infância logo atrás. Sabe o que deve fazer. O fluxo do tempo em volta do Jardim é poderoso, movendo-se em ritmos que combinam com a frequência normal do espaço e do tempo à sua volta, mas em um fluxo inverso; para cada segundo que passa, flui um segundo em sentido contrário no Jardim.

Ele estende a mão e sua mente encontra a chave para o fluxo do tempo, tão real como se o toque de sua alma fosse uma pedra em sua mão. Ele o acaricia e sente a pulsação do universo, o segredo da dimensão ilusória. Vê e sabe. Compreende e manipula aquele fluxo, e agora, para cada segundo que passa no universo, passam dois no Jardim. Sente uma alegria tranquilizadora, pois acabou de compreender algo que ainda julgava inalcançável por qualquer mago mortal. Põe de lado seu orgulho e se concentra na tarefa que tem em mãos. Mais uma vez manipula, e para cada segundo real fluem agora quatro ao redor de Tomas, Macros e de si mesmo. Uma e outra vez, e de novo, duplica seu feito, e então, para cada hora que envelhece o universo, recuam mais de um dia. Outra vez, e são dois dias, e depois quatro, em seguida mais de uma semana. Três vezes mais, e já se movem sem dúvida a mais de um mês por cada hora real. Outra vez, outra vez e outra vez, e rapidamente um ano passa para cada hora. Faz uma pausa e expande seu conhecimento.

Sua mente paira pelo cosmos como uma águia planando velozmente entre as

estrelas, como a poderosa ave de rapina desliza pelos picos das Torres Cinzentas. Espia a estrela quente e pintada de verde que lhe é tão familiar, e de repente compreende. Está sobre Kelewan, descobrindo o saber perdido dos eldar. Tinham se movido mais de um ano no tempo. Tão rápido como o raciocínio, recupera a consciência de seu próprio aqui e agora.

Mais uma vez, manipula o fluxo do tempo e agora são dois anos por hora, e depois quatro, oito, dezesseis. Faz mais uma pausa e observa o universo.

As estrelas giram de modo ordenado, deslocando-se ruidosamente através de um cosmos tão vasto que sua velocidade cega parece pouco mais do que um passo de caracol. Mas se movem em um padrão estranho, com movimentos invertidos, viagens em retrocesso. Ele reflete e volta a trabalhar na estrutura do tempo. Tornou-se mestre naquela arte, capaz de subjugar as mais loucas ambições do membro mais arrogante da Assembleia. Agora está consciente de sua própria natureza, muito mais do que já havia pensado estar, e manipula facilmente o fluxo do tempo. É trespassado por um pensamento sobre o qual não refletira: isto é como ser deus! Então todos os anos de treino lhe dão o aviso: atenção ao orgulho! *Lembre-se, você não passa de um mortal e seu primeiro dever é servir o Império*. Seus professores na Assembleia desempenharam bem sua função. Ele ignora o veneno do poder, redescobrindo seu espaço, o perfeito núcleo de seu ser, e de novo manipula o fluxo do tempo. Passa um ano em sentido oposto para cada segundo no verdadeiro universo. Aplica repetidamente suas capacidades na armadilha do tempo do Inimigo, acelerando-a além das expectativas daqueles que a conceberam. Agora, passa uma década a cada segundo e percebe que está vivendo antes de seu próprio nascimento. No tempo que leva para inspirar o ar, volta para a época em que o avô do Duque Borric invade Crydee. Trabalha mais uma passagem do tempo e agora o Reino só tem metade de seu futuro tamanho, as terras do Barão do Charco Negro delimitando a fronteira ocidental. Acelera o tempo mais duas vezes e as nações de toda a sua vida não são mais do que aldeias, povoadas por gente simples, cujos descendentes erguerão nações. Trabalha repetidamente a sua magia.

Então o universo treme. O próprio tecido da realidade é rasgado. Energias impossíveis de atravessar explodem sobre ele, com uma violência que não é capaz de apreender, e ele...

Pug abriu os olhos. Sentiu um deslocamento estranho à sua volta e, por um segundo, sua visão ficou turva. Tomas ficou de pé atrás dele.

— Está se sentindo bem?

Pug piscou.

— Algo lá fora... mudou — disse.

Tomas olhou na direção do céu.

— Alguma coisa está acontecendo.

Macros olhou para o céu. Estranhos padrões de energia giravam loucamente pelo firmamento enquanto estrelas oscilavam em sua rota.

— Se olharmos com atenção, veremos as coisas se acalmando com o tempo. Lembrem-se de que estamos vendo tudo de trás para a frente.

— Vendo o quê? — perguntou Pug.

— As Guerras do Caos — respondeu Tomas. Tinha um olhar perturbado, como se algo tivesse tocado profundamente em um ponto onde não esperava. Seu rosto, porém, mantinha-se uma máscara enquanto espiava o céu enlouquecido acima.

Macros assentiu com a cabeça. Levantando-se, apontou na direção do céu.

— Olhem, neste exato momento estamos passando por uma era anterior às Guerras do Caos, os Dias da Fúria dos Deuses Loucos, o Tempo da Estrela Morte, ou qualquer outro nome pitoresco que os mitos e a sabedoria popular atribuíram a esse período.

Pug fechou os olhos e sentiu a mente fria e entorpecida, a cabeça latejando com uma leve dor.

— Parece que nos movemos a um ritmo de trezentos ou quatrocentos anos por segundo em tempo reverso — disse Macros. Pug assentiu com a cabeça. — Portanto, a cada três segundos, cerca de um milênio se passa — calculou. — É um bom começo.

— Começo? — perguntou Pug. — A que velocidade precisamos nos mover?

— Pelas minhas expectativas, a *bilhões* de anos. A mil anos por segundo ainda não chegaremos ao início de nossas vidas. Mas ainda não. Precisamos de mais.

Pug assentiu com a cabeça, visivelmente cansado, mas fechou os olhos. Tomas olhou para o céu. Era possível ver as estrelas se movendo, embora, devido às imensas distâncias, ainda fosse um movimento lento. Contudo, apenas ver esse movimento já era algo perturbador. Então o movimento das estrelas pareceu se acelerar e logo se tornou visivelmente mais rápido. E Pug estava com eles outra vez.

— Gerei um segundo feitiço dentro da estrutura da armadilha. A cada minuto, o andamento duplica sem minha intervenção. Estamos agora nos movendo em

um ritmo superior a dois mil anos por segundo. Em um minuto, serão quatro mil; depois oito, dezesseis e assim sucessivamente.

A expressão de Macros era de aprovação.

— Muito bem. Isso nos dá algumas horas.

— Então acho que é hora de fazer algumas perguntas — disse Tomas.

Macros sorriu com um olhar incisivo.

— O que você quer dizer é que está na hora de algumas respostas — disse.

— Sim, é exatamente isso que quero dizer — concordou Tomas. — Há alguns anos, você me coagiu a trair o tratado de paz dos tsurani e me disse que era o responsável por minha atual existência. Você disse que me deu tudo. Para onde quer que eu olhe, vejo marcas suas. Eu gostaria de saber mais, Macros.

Macros voltou a sentar.

— Então, muito bem, já que dispomos de algum tempo, por que não? Estamos chegando a um ponto neste drama onde o conhecimento não prejudicará mais. O que desejam saber? — Olhou alternadamente para Tomas e Pug.

Pug deu uma olhada em seu amigo e depois encarou o feiticeiro com um olhar sério.

— Quem é você?

—Eu? — Macros pareceu achar a pergunta divertida. — Eu... quem sou eu? — A pergunta parecia quase retórica. — Já tive tantos nomes que nem lembro mais. — Suspirou ao se recordar daquilo. — Mas aquele que me deram quando nasci pode ser traduzido na Língua do Rei simplesmente por Falcão. — Sorriu e prosseguiu. — O povo de minha mãe era um pouco primitivo. — Refletiu por um instante. — Não sei por onde começar. Talvez no lugar e no tempo em que nasci...

“Em um mundo distante, existiu outrora um vasto império, que em seu auge poderia ser equiparado ao Grande Kesh e até a Tsuranuanni. Aquele império era, de muitas formas, simplista; não tinha artistas, filósofos ou líderes geniais, exceto um ou dois que se destacaram ocasionalmente ao longo dos séculos. Contudo, ele se manteve. E a única coisa digna de registro que conseguiu foi instalar a paz em seus domínios.

“Meu pai era um mercador completamente comum, exceto pelo fato de ser muito avarento, por isso, emprestava dinheiro a muitos dos mais poderosos homens da comunidade. Conto isso para vocês para que compreendam o

seguinte: meu pai não foi ninguém digno de grandes sagas. Era o homem mais discreto e comum que havia.

“Então, na terra natal de meu pai, apareceu outro homem comum, mas com uma capacidade oratória fascinante e o hábito irritante de levar as pessoas a pensar. Colocou questões que deixaram os que detinham o poder nervosos, pois, embora fosse um homem pacífico, reuniu seguidores, e alguns deles tinham propensão para ações radicais e violentas. Assim, os que governavam tramaram uma falsa acusação. Ele foi julgado a portas fechadas, sem direito de defesa. Com um veredicto cruel e severo, foi acusado de traição, o que era mentira, e sua execução foi ordenada. O cumprimento da sentença deveria ser público, como era costume na época, então o povo todo, inclusive meu pai, se reuniu para assistir. O pobre mercador de poucos talentos estava lá com alguns de seus conterrâneos de estratos mais altos e, para agradar a seus governantes, que lhe deviam dinheiro, participou da humilhação do condenado que caminhava para a morte. Por uma razão qualquer, capricho do destino ou pelo cáustico senso de humor dos deuses, o condenado fez uma pausa em sua caminhada para o local de execução e ficou frente a frente com meu pai. Entre todos os que o atormentavam e repreendiam, olhou para aquele simples mercador. Aquele homem talvez fosse um mago, ou simplesmente era um homem amaldiçoando outro a caminho de sua morte. Mas, entre todos os que estavam na avenida, foi a meu pai que amaldiçoou. Foi uma maldição estranha, a que meu pai não deu valor por entender que se tratava do delírio de um homem enlouquecido pelo terror. No entanto, após a morte daquele homem, depois de alguns anos, meu pai reparou que não envelhecia. Seus vizinhos e parceiros de negócios já ostentavam as marcas do tempo, mas meu pai continuava como era na época da maldição, um mercador com cerca de quarenta anos.

“Quando as diferenças se tornaram visíveis, meu pai fugiu de sua terra natal, para evitar que o rotulassem como membro das forças sombrias. Viajou durante dias. No começo, aproveitou bem seu tempo, tornando-se um grande estudioso. Depois, conheceu o real potencial da maldição. Sofreu um grave acidente que o deixou de cama durante quase um ano; assim, descobriu que a morte lhe fora negada. Mesmo que fosse ferido mortalmente, acabaria se curando. Logo começou a desejar a morte, um fim para os dias infinitos. Regressou à sua terra natal para tentar saber mais sobre o homem que o amaldiçoara e lá descobriu que o mito agora envolvia a verdade e que o homem estava no centro das discussões religiosas. Havia sido encarado por alguns como um charlatão, por outros como um mensageiro dos deuses, e por poucos como se ele mesmo fosse um deus. Por

fim, havia os que o viam como um demônio, arauto da danação. Essa discussão levou a uma cisão no império. Guerras religiosas nunca são bonitas de se ver. Uma história, porém, teimava em continuar: três artefatos mágicos associados ao morto tinham o poder da cura, de gerar a paz e até de remover maldições. Pelo que sei, consistiam em um bastão, uma capa e um cálice. Meu pai logo se lançou à procura de tais objetos.

"Séculos se passaram até que meu pai, por fim, chegou a um pequeno povoado nas fronteiras daquele império, onde supostamente poderia ser encontrado o último dos três artefatos – os outros dois foram considerados irremediavelmente perdidos. O império, enfim, estava se desintegrando, assim como acontece com tudo, e a terra se tornou um lugar selvagem. Ao chegar àquela nação, meu pai foi atacado por salteadores, que o feriram gravemente, deixando-o às portas da morte. Mas, naturalmente, meu pai apenas ficou agonizando, impotente, esperando sarar. Foi então que uma mulher o encontrou. Seu marido morrera em um acidente de pesca, deixando-a sem recursos. Meu pai era de uma raça antiga, com grandes raízes culturais e históricas, mas o povo de minha mãe, conhecido como o Povo dos Lagartos, era bastante primitivo. Uma viúva deveria ser evitada, pois alguém que se entregasse a uma delas deveria assumir a responsabilidade de mantê-la. Assim, aquela mulher praticamente sem meios de subsistência cuidou de meu pai e depois se deitou com ele, pois não tinha ninguém e meu pai era, ela presumiu, um homem com boa instrução, e possivelmente importante. Para resumir, assim fui concebido.

"Meu pai revelou seus objetivos à minha mãe, mas ela não sabia nada sobre o artefato que ele procurava, embora fosse uma lenda muito conhecida, mesmo naquela terra distante. Penso que ela quis simplesmente manter seu segundo marido por perto de casa, de modo que meu pai ficou com minha mãe por algum tempo. Segundo os cânones do povo de meu pai, um filho herda os pecados do pai, e sabe-se lá por quê, herdei a sua maldição. Meu pai ficou por tempo suficiente para me ensinar sua língua, sua história e a base da escrita e da leitura. Um boato abriu caminho até nossa terra, uma pista do artefato perdido, e meu pai retomou sua busca, seguindo para oeste por um vasto oceano. Nunca mais o vi. Até onde sei, ainda está em sua busca. Assim sendo, minha mãe me pegou e voltamos à sua aldeia natal.

"Minha mãe foi abandonada com um filho, mas sem uma explicação plausível para seu povo de como ele surgira. Portanto, ela forjou uma história qualquer sobre ter sido parceira de um demônio. Graças aos ensinamentos de meu pai, eu era bem mais sábio do que o mais erudito dos anciãos do lugar,

então meus conhecimentos ajudaram a dar credibilidade a tais histórias.

“Resumindo: minha mãe ganhou bastante influência dentro da comunidade. Tornou-se uma vidente, embora suas capacidades fossem mais teatrais do que mediúnicas. Mas eu, bem... Comecei a ter visões ainda criança. Quando tinha catorze anos, deixei minha mãe e viajei para um local onde vivia uma antiga ordem de sacerdotes, em uma terra que, naquela época, me parecia distante de meu lar; um mero pulo, passo ou salto se comparado com todas as viagens que já fiz desde então. Eles me treinaram, envolvendo-me no manto de uma sabedoria que já definhava. Quando tomei meu lugar naquela irmandade, minha alma foi transportada. Fui... levado para outro lugar, e uma entidade qualquer, talvez os próprios deuses, falou comigo. Fui considerado único, um eleito com raros poderes. Mas ficar com aqueles poderes implicaria um preço. Deram a mim uma escolha. Eu poderia permanecer um simples murmurador de orações, sem muita importância na ordem das coisas mas com uma vida segura e cômoda, ou poderia aprender artes mágicas de verdade. Ficou claro, entretanto, que haveria dor e perigo ao longo do caminho. Hesitei, mas, mesmo desejando muito a tranquilidade da vida monástica, o apelo do conhecimento era forte demais para resistir. Escolhi o poder, e o preço foi dobrá-lo. Fui condenado, tal como meu pai, a viver sem a esperança de morrer, e também me foi dado o dom — ou a maldição — de prever o futuro. Como eu precisava saber de coisas para desempenhar meu papel, o conhecimento veio até mim. E, daquele dia em diante, vivi minha vida em harmonia com a vidência. Estou destinado a servir forças que trabalham para levar a sanidade aos universos, e elas têm a oposição de agentes de destruição com iguais poderes. — Macros recostou-se. — Para resumir, sou um homem que herdou uma maldição e ganhou alguns dons.

— Acho que compreendo o que você está dizendo — afirmou Pug. — Nós o considerávamos o mestre por trás de algum jogo sombrio, mas a verdade é que você é o maior peão no meio deste grande tabuleiro.

Macros assentiu com a cabeça.

— Sozinho, não tive livre-arbítrio, ou pelo menos me faltou a coragem para desafiar meu poder de vidência. Soube, desde o dia em que abandonei aquele sacerdócio, que viveria durante séculos e que muitas vezes seria requisitado para manipular a vida de terceiros, para fins que só agora começo a compreender.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Tomas.

Macros olhou ao redor.

— Se as coisas seguirem o caminho que prevejo, deveremos testemunhar coisas que nenhum outro mortal, ou até mesmo os próprios deuses, já viu. Se

sobrevivermos, vamos demorar algum tempo para voltar para casa. Durante esse tempo, acho que poderemos aprender tudo aquilo que precisamos. Agora, estou cansado, assim como Pug. Acho que vou dormir. Me acordem.

— Quando? — perguntou Tomas.

Macros sorriu de forma enigmática.

— Saberão quando.

—Macros!

Os olhos de Macros se abriram e ele olhou para o local apontado por Tomas. Espreguiçou-se e se levantou.

— Sim, está na hora.

Pug também despertou e seus olhos se arregalaram. Acima, as estrelas voavam para trás enquanto o tempo corria a uma velocidade furiosa contra seu curso normal. O belo céu estava brilhante e ardente, pois energias violentas eram libertadas com cores de uma intensidade espetacular. E a luz estava mais concentrada, como se tudo estivesse se unindo. No centro, via-se vagamente um vazio absoluto. Parecia que desciam um longo e resplandecente túnel brilhante em direção ao maior buraco negro imaginável.

— Isso deve ser interessante — observou o feiticeiro. — Sei que deve parecer estranho para vocês, mas acho estranhamente estimulante não saber o que vai acontecer. Quero dizer, sei o que provavelmente acontecerá, mas não vi nada ainda.

— Isso é ótimo, mas o que é tudo isto? — perguntou Pug.

— O início, Pug. — Enquanto falavam, parecia que a matéria acima se dirigia cada vez mais depressa para a escuridão absoluta. Agora, as cores estavam se misturando em uma luz branca e pura que quase causava dor se olhada.

— Olhem para trás! — avisou Tomas.

Eles obedeceram, e, onde antes estivera o verdadeiro espaço, agora se via o cinza absoluto do portal-espaço. Macros, nitidamente satisfeito, aplaudiu.

— Maravilhoso! É exatamente como eu imaginava. Devemos conseguir fugir desta armadilha, meus amigos. Observem!

Em um último avanço de grande majestade, tudo o que havia acima deles colapsou para baixo, como se tivesse sido sugado para a garganta daquele vazio negro.

— Pug, pare seu voo antes que sejamos puxados para lá — alertou Macros. Pug cerrou os olhos e fez o que lhe foi pedido. Cada vez mais depressa, o que

restava do universo era devorado pela coisa gigante à frente, até o último vestígio, a última partícula de poeira desaparecer no buraco. Pug apertou as próprias têmporas e gritou de dor.

Macros e Tomas se dirigiram até ele quando as pernas do mago cederam e o ajudaram a sentar-se.

— Estou bem — ele disse após alguns minutos. Seu rosto empalidecera e tinha a testa coberta de suor. — É que, quando a armadilha do tempo terminou, o feitiço da aceleração também terminou; foi doloroso.

— Lamento — disse Macros. — Deveria ter previsto isso — acrescentou, como se falasse consigo mesmo. — Mas muito pouco daquilo que sabemos terá algum valor aqui e agora.

Macros apontou para cima, onde uma imensa escuridão podia ser vista. Parecia se curvar ao longo de uma linha interminável que se movia para além de onde a vista alcançava. E o Jardim e a Cidade da Eternidade pairavam nos limites dessa fronteira.

— Fascinante — exclamou Macros. — Agora sabemos que a Cidade existe no exterior da ordem normal do universo. — Macros observou a coisa gigantesca acima, contando em silêncio para si mesmo. — Acho que está na hora, tendo em conta o tempo que passou desde que os feitiços de Pug foram cancelados.

— O que é isso? — perguntou Tomas, apontando para a impossível esfera negra que se destacava sobre o cinza.

— É a soma dos universos, Tomas — respondeu o feiticeiro. — A matéria essencial de onde tudo é gerado. *É* tudo... exceto esta pequena porção de terra onde estamos e a própria Cidade. Aqui há tanta coisa que tamanho e distância não têm significado. Estamos milhões de vezes mais distantes da superfície daquela matéria do que Midkemia está distante do sol, mas vejam o quanto cresce à nossa frente, absorvendo mais da metade do céu. É uma coisa espantosa de observar. Nem a luz escapa dela, pois a luz ainda não foi criada. Voltamos para antes do tempo, para antes do início. Somos testemunhas do começo de todas as coisas. Ryath, preste atenção nisso! — O dragão acordou de seu torpor e se espreguiçou. Ela se aproximou para se colocar atrás dos três homens. — Continuem observando — insistiu Macros.

Todos se voltaram para olhar para a escuridão absoluta. Nada ocorreu durante vários minutos. Como se não houvesse deslocamento de ar no Jardim. Havia um profundo silêncio. Os observadores estavam extremamente cientes de sua própria existência, sentindo cada sensação baixar ao ritmo do sangue que lhes

corria pelo corpo. Não escutaram, contudo, nenhum som que não fosse a própria respiração. Então, surgiu a nota.

Cada um deles foi transportado, embora não tenham se movido um passo sequer. Foram varridos por uma alegria total, uma sensação profunda de que tudo estava completamente certo, em meio a uma beleza terrível demais para ser compreendida. Parecia música, uma única nota sem mácula, mais sentida do que ouvida. Viram cores mais vivas do que qualquer pigmento, apesar de apenas o vazio escuro pairar diante de seus olhos. Sentiram-se esmagados sob o peso de indescritível espanto e terror. Tornaram-se instantaneamente tão insignificantes que cada um deles entrou em desespero e se sentiu sozinho, embora naquele momento cristalino sentissem a exaltação, tocados por algo tão maravilhoso que fez jorrar abundantes lágrimas de alegria.

Era impossível compreender. Houve apenas um tremeluzir, como se milhões de linhas de força brotassem ao longo da superfície do vazio, mas tudo desapareceu tão rapidamente que os observadores sequer conseguiram perceber sua passagem. Em um instante, tudo ficou negro e sem forma; depois, um trançado de infinitas linhas brilhantes se espalhou pelo magnífico vazio e a luz encheu o céu, deslumbrante em sua pureza e força. Todos se viram obrigados a desviar por um segundo o olhar daquele dispositivo ofuscante. Uma luz brilhante de poderosas energias jorrou, tal como antes, mas agora fluindo para fora. Pug e seus companheiros sentiram uma estranha sensação de plenitude percorrer seus corpos, como se o que tinham vivido houvesse chegado a um fim. Todos continuaram chorando de alegria devido à beleza perfeita à frente.

— Macros, o que foi aquilo? —Tomas perguntou em voz baixa, encantado.

— A Mão de Deus — murmurou, com os olhos arregalados de espanto. — O Impulso Primitivo. A Primeira Causa. O Supremo. Não sei como chamar. Só sei uma coisa: em um momento, não havia nada, e no seguinte tudo já existia. É o Mistério Inicial, e, mesmo agora que o vi, não pretendo compreendê-lo. — O feiticeiro riu, gerando um som alto de grande prazer, dançando um pouco.

Pug e Tomas trocaram olhares inquiridores e Macros reparou que eles o observavam. Sua expressão era de genuíno júbilo.

— Acabou de me ocorrer que há mais de uma razão para estarmos aqui. — Notou as expressões interrogativas dos dois. — Não consigo deixar de imaginar que até um deus tem sua dose de vaidade, e, se eu fosse o Supremo, gostaria de ter um público para um espetáculo como este.

Tanto Pug como Tomas começaram a rir. Macros continuou sua pequena brincadeira enquanto murmurava uma melodia.

— Meus deuses! Adoro uma pergunta sem resposta. Faz com que as coisas se mantenham interessantes, mesmo depois de tantos anos. — Macros interrompeu por um instante sua dança e seu rosto foi eclipsado por uma expressão de concentração. — Alguns de meus poderes voltaram — revelou após um momento.

Pug parou de rir.

— Alguns?

— O suficiente para conseguir manipular seu poder com mais eficácia quando for necessário. — Assentiu de leve com a cabeça. — E até acrescentar algo mais ao total.

Pug olhou para cima e observou o esplendor de um universo recém-nascido que se espalhava pelo céu.

— Comparado com aquilo, todos os nossos problemas parecem irrelevantes.

— Bem, pode ser — respondeu o feiticeiro, retomando seus modos habituais. — Mas há pessoas no nosso mundo que podem ter uma opinião diferente ao verem o exército de Murmandamus se infiltrar no Reino. Pode ser um planeta pequeno, mas é o único que eles têm.

Sem saber como, Pug sentiu que avançavam através do tempo.

— Estamos livres da armadilha do tempo — confirmou Macros.

Pug sentou-se, maravilhado. Sentira algo crescendo dentro de si quando testemunhara o Início. Então, deu voz àquela certeza:

— Sou como você — disse, olhando para Macros.

Macros assentiu, exibindo uma expressão afetuosa.

— Sim, Pug, você é como eu. Não sei qual será seu destino, mas você não é igual aos outros. Não pertence nem ao Caminho Inferior nem ao Superior. Você é um feiticeiro, alguém que sabe que não há caminhos, apenas magia. E a magia só pode ser cerceada pelas limitações dos dons de cada um.

— Consegue ver seu futuro? — perguntou Tomas.

— Não, fui poupado disso — esclareceu Pug.

— Como pode ver, não é uma coisa totalmente ruim — disse Macros. — Comparado com outros, um poder menor, mas ainda assim algo que deve ser levado em conta. Agora, é hora de escaparmos. — Contemplou com atenção a loucura que se desenrolava mais acima quando a matéria da criação disparou para fora, preenchendo o céu com uma beleza estonteante. Redemoinhos de gás verdes e azuis, globos vermelhos de um esplendor rubro, raios de luz brancos e amarelos se espalhavam, devorando o cinza do portal-espaço e empurrando para trás os limites do nada.

— Ali — Macros indicou de repente.

Olhando para onde apontava a mão de Macros, viram aquilo que parecia ser uma pequena fita se estendendo para longe, a uma imensa distância no céu.

— É para onde devemos nos dirigir, e rápido. Depressa, montem em Ryath e ela nos levará. Rápido, rápido. — Saltaram para as costas do dragão, que, apesar de enfraquecido pelo escasso alimento, estava à altura da tarefa. Lançou-se ao céu e, de repente, atravessavam o cinza do portal-espaço. Então entraram outra vez no espaço normal e agarraram a pequena fita de matéria.

Macros instruiu o dragão dizendo que devia pairar, e indicou a Tomas que os guiasse até o caminho. Pararam sobre uma estrada amarela e branca, marcada com retângulos prateados reluzentes a cada quinze metros. Pug olhou para a faixa com seis metros de largura.

— Macros, podemos ficar aqui, mas há Ryath.

O feiticeiro olhou para cima e falou rapidamente:

— Ryath, não há muito tempo. O Saber Oculto. Você pode revelá-lo e confiar em Pug e Tomas, ou pode perecer para ocultar o segredo da sua raça. Eu voto pela confiança. Você deve decidir, mas rápido.

Os grandes olhos cor de rubi do dragão estreitaram-se quando, pairando, observou o feiticeiro.

— Meu pai era tão devoto do senhor que o conhecimento proibido foi partilhado com um humano?

— Eu sei de tudo, fui um dos poucos que ele considerou amigos.

Os olhos do dragão se focaram em Tomas e Pug.

— Quero de você e de seu companheiro, valheru, um juramento: nunca devem revelar aquilo que estão prestes a testemunhar.

— Juro pela minha vida — disse Tomas.

Pug assentiu.

— Juro.

Um tremeluzir dourado circundou o dragão, vago, no começo, mas foi se tornando cada vez mais forte. Em pouco tempo, tornou-se doloroso olhar para ele. A luz ficou mais intensa, até obscurecer todos os contornos de Ryath. Então cada detalhe começou a se mover, fundindo-se e fluindo, contraindo-se conforme ela descia para a estrada. Os contornos ficaram cada vez menores até atingir o tamanho de um homem. O brilho esmoreceu. Onde antes estivera o dragão, estava agora uma mulher deslumbrante com cabelo ruivo-dourado e olhos azuis. Sua silhueta era perfeita quando se apresentou nua diante deles.

— Um metamorfo! — exclamou Pug.

Ryath aproximou-se e sua voz era melodiosa.

— Não é do conhecimento dos homens que podemos entrar e sair livremente de sua sociedade. E só os grandes dragões possuem esta arte. É por isso que seu povo acha que nossa espécie diminuiu, pois sabemos que é melhor ter este aspecto perante os homens.

— Embora muito aprecie tal beleza — disse Tomas —, ela causará uma grande agitação quando voltarmos para casa, se não encontrarmos algumas roupas para você.

Ryath ergueu um adorável braço alvo e, de repente, trajava um vestido de viagem amarelo e dourado.

— Posso me vestir como desejar, valheru. As minhas capacidades são bem maiores do que pode suspeitar.

— Isso é verdade — concordou Macros. — Quando vivi com Rhuagh, ele me ensinou magias desconhecidas por qualquer outra raça mortal. Nunca subestime o alcance das capacidades de Ryath. Ela tem mais do que presas, fogo e garras para se defender.

Pug observou a bela mulher e foi-lhe difícil acreditar que momentos antes ela fora maior do que os telhados dos edifícios. Olhou com severidade para Macros.

— Gathis me disse uma vez que você se queixava constantemente de ter tanto para aprender e tão pouco tempo. Acho que começo a compreender.

Macros sorriu.

— Então você realmente está dando início à sua educação, Pug. — Macros os olhou com o canto dos olhos, com uma expressão quase de triunfo no rosto e uma centelha rubra nos olhos.

— O que foi? — perguntou Pug.

— Estávamos encurralados e sem esperança de vencer. Ainda enfrentamos a possibilidade de fracassar, Pug, mas agora ao menos podemos tentar... e temos uma pequena possibilidade de triunfar. Vamos, temos uma longa jornada pela frente.

O feiticeiro os conduziu pelo caminho, passando pelos retângulos reluzentes. Entre os retângulos, estavam as estrelas que se afastavam rapidamente da nova criação. Devagar, o cinza do portal-espaço progredia ao redor.

— Macros — disse Pug —, que lugar é este?

— O lugar mais estranho de todos, mesmo se comparado com a Cidade da Eternidade. É conhecido como Átrio do Universo, o Passeio das Estrelas, o Caminho do Portal, ou, mais frequentemente, apenas como o Átrio. Temos muito tempo para discutir muitas coisas enquanto caminhamos. Devemos voltar a

Midkemia. Mas, antes, há uma série de coisas que devo revelar a vocês.

— Como? — questionou Tomas.

— Como a verdadeira natureza do Inimigo — esclareceu Pug.

— Sim, é isso mesmo — concordou Macros. — Poupei vocês o máximo que pude de determinadas coisas, pois, se não conseguíssemos escapar da armadilha, não valeria a pena preocupá-los. Mas agora devemos nos preparar para o confronto final, então vocês devem conhecer o resto da verdade.

Os dois feiticeiros se voltaram para Tomas.

— Não entendo o que estão querendo dizer — confessou Tomas.

— Muito de sua vida passada ainda está escondido em você, Tomas. Está na hora de levantar o véu.

Macros parou e estendeu a mão, proferindo uma palavra estranha ao colocar as mãos sobre os olhos de Tomas, que enrijeceu, sentindo as memórias regressarem.

Um mundo girava pelo vazio, orbitando ao redor de uma estrela quente e recém-criada. Sobre o mundo, a vida florescia abundante e com grande diversidade. Dois seres o percorriam a passos largos, ambos com uma missão a desempenhar. Rathar pegou os inúmeros filamentos da vida e do poder e com cuidado teceu cada um deles no complexo emaranhado da Ordem, formando uma única e poderosa corda entrelaçada. Em frente a Rathar, Mythar agarrou a corda. Em um frenesi desumano e terrível, rasgou os fios, deixando-os vagar pelo Caos, até Rathar apanhá-los e mais uma vez entrelaçá-los. Cada um seguia as ordens da natureza de um ou de outro, e isso era indiferente a todos os outros. Eram os Dois Deuses Cegos do Início. Esta era a natureza do universo em sua infância. No processo interminável do trabalho das duas divindades, minúsculos fragmentos de filamentos escaparam, caindo no chão do mundo abaixo. Destes, nasceu a mais prodigiosa magia da criação: a vida.

Ashen-Shugar foi arrancado do ventre de sua mãe pelas mãos bruscas da parteira moredhel. Hali-Marmora desembainhou a espada e cortou o cordão umbilical que a unia ao filho. Tinha o rosto marcado pelas dores do parto.

— É o último que você levará de mim sem luta — rosnou. A moredhel correu com o recém-nascido valheru nas mãos e o entregou a um elfo que esperava no exterior da entrada da montanha.

O elfo sabia qual era seu dever. Nenhum valheru vivia sem luta. Era assim que as coisas funcionavam. O elfo transportou o bebê silencioso – ele não

proferira um som desde que nascera. O bebê nascera consciente, uma coisa minúscula, mas não desprovida de poderes.

O elfo chegou ao local que escolhera e deixou a criança exposta sobre algumas rochas, de frente para o sol poente, sem roupas e descoberto.

O pequeno Ashen-Shugar observou tudo à sua volta, com os nomes e as ideias crescendo dentro de si a cada minuto que passava. Um animal necrófago foi farejá-lo e o minúsculo valheru espantou-o com um grito mental.

Durante a tarde, uma criatura voou no alto, planando com asas de grande envergadura. Observou a coisa sobre as rochas e pensou se seria alimento. Voando mais baixo em círculos, foi de repente chamada pelo bebê.

Ashen-Shugar viu a águia gigante voando em círculos e percebeu, imediatamente, que era a criatura que iria comandar. Recorrendo a imagens básicas, ordenou ao pássaro gigante que aterrissasse, e depois, que caçasse. O pássaro regressou ao fim de poucos minutos com um peixe inerte pego no rio. Tinha o dobro do tamanho do bebê, mas foi retalhado por bico e garras, e seus pedaços foram dados à criança. Tal como acontecia com todos os de sua espécie, a primeira refeição de Ashen-Shugar foi carne fresca e crua.

Na primeira noite, a grande águia cobriu a criança com suas asas, como se pertencesse a uma de suas ninhadas. Ao fim de poucos dias, uma dúzia de pássaros já a ajudava a cuidar do bebê.

O valheru cresceu rapidamente, bem mais depressa do que as crianças das outras raças. Ao longo de um verão, a criança já era capaz de perseguir um veado, abatendo-o com um poderoso golpe mental e comendo sua carne depois de arrancá-la da carcaça com as próprias mãos.

Às vezes, havia outras mentes que tocavam a da criança, que sempre recuava. Sabia, por instinto, que os de sua espécie eram aqueles que mais deveria temer, até ter poder suficiente para conquistar seu próprio lugar em sua sociedade.

Sua primeira grande luta aconteceu ao fim de seu primeiro ano com as grandes águias. Outro rapaz, Lowris-Takara, o chamado Rei dos Morcegos, chegou com o silêncio da noite, recorrendo aos seus servos para localizar o jovem Ashen-Shugar. Lutaram, ambos tentando absorver o poder do outro, mas Ashen-Shugar acabou se impondo. Com os poderes de Lowris-Takara somados aos seus, Ashen-Shugar começou a procurar oponentes à sua altura. Procurou outros jovens, assim como Lowris-Takara o procurara, e outros sete caíram diante dele. Tornou-se mais forte e poderoso, conquistando o título de Soberano do Horizonte das Águias, e voava no dorso de um pássaro gigante para caçar. Domou, então, o primeiro dos poderosos dragões que cavalgaria, e, depois de ter

destruído sua mãe em combate, apoderou-se de seu território. Durante anos, cresceu e rapidamente foi reconhecido como um dos mais poderosos de sua raça.

Caçava e se divertia com suas mulheres moredhel, e ocasionalmente acasalava com alguma fêmea de sua própria espécie quando o calor se apoderava dela e poderosos desejos sexuais se impunham à ânsia de combater os de sua raça. Dessas uniões, só resultaram dois rebentos. Sua primeira filha foi Alma-Lodaka, que criou em seus primeiros dias, e o segundo foi Draken-Korin, gerado quando acasalou com Alma-Lodaka. As relações familiares nada significavam para os valheru, a não ser como pontos de referência.

Percorria o céu com seus irmãos quando a necessidade de saquear crescia como algo incontrolável. Levava consigo seus servos eldar, que cavalgavam atrás dele nas costas de seus dragões, para organizar suas pilhagens. Conheceu o universo, que tremia à passagem da Tropa dos Dragões que rugia no céu. Outras raças que transpunham as estrelas desafiaram os valheru, mas nenhuma perdurou. Os Contempladores de Per, com seus poderes para manipular as coisas da vida, foram derrubados, e seus segredos perdidos para sempre. O Tirano do Império Cormorano enviou a força de mil mundos. Barcos do tamanho de cidades se espalharam pelo vazio para lançar poderosas máquinas de guerra sobre os invasores. Os Senhores dos Dragões, contudo, os dizimaram sem hesitar e o Tirano morreu aos gritos na caverna mais funda de seu palácio, enquanto seu mundo era destruído acima dele. Os Mestres de Majinor e sua magia negra foram varridos pela Tropa dos Dragões. A Grande Aliança, os Marechais da Aurora, a Irmandade Siar, todos tentaram resistir. Todos foram destruídos. De todos os que enfrentaram os valheru, apenas os Guardiões do Saber de Aal, a suposta primeira raça, conseguiram evitar a destruição, mas nem mesmo Aal conseguiu vencer a Tropa dos Dragões. Nos vários universos, a supremacia pertencia aos valheru.

Durante décadas, Ashen-Shugar viveu como seu povo sempre viveu, sem temer ninguém, e adorando apenas Rathar, Ela, a quem chamavam de “a Ordem”, e Mythar, Ele, a quem chamavam de “o Caos”, os Dois Deuses Cegos do Início.

Então veio um chamado, e Ashen-Shugar foi conhecer seus irmãos. Era um chamado estranho, diferente de todos os anteriores, pois não houve desejo de sangue subindo pelo peito para levá-los além das estrelas para atacar outros mundos. Em vez disso, o chamado pedia uma reunião, na qual os valheru deveriam se juntar para falarem uns com os outros. Era um conceito estranho.

Na planície, ao sul das montanhas e da grande floresta, as centenas que

compunham a raça se dispuseram em círculo. No centro, ficou Draken-Korin, que se autodenominava o Senhor dos Tigres. Duas de suas criaturas aguardavam de cada um dos lados com seus fortes braços cruzados, seus rostos de tigre prontos para rosnar. Não estavam à altura dos valheru, e sua pose servia apenas para lembrar que Draken-Korin era, segundo uma opinião comum, o mais estranho dos seres de sua espécie. Tinha novas ideias sobre coisas novas.

— A ordem do universo está mudando — declarou, apontando para o céu. — Rathar e Mythar fugiram, ou foram depostos, mas, por alguma razão, Ordem e Caos já não têm significado. Mythar deixou cair os fios do poder e deles nasceram os novos deuses. Sem Rathar para reunir os fios, esses seres vão se apoderar desse poder e estabelecer a ordem. É uma ordem à qual devemos nos opor. Esses deuses são sábios, conscientes e nos desafiam.

— Quando aparecer um, é só matá-lo — disse Ashen-Shugar, pouco preocupado com as palavras de Draken-Korin.

— São equivalentes a nós em termos de poder. Por ora, lutam entre si, procurando domínio uns sobre os outros enquanto se debatem para se apoderarem do poder deixado pelos Dois Deuses Cegos do Início. Mas essa luta terminará, então nossa existência será ameaçada. Virarão sua força contra nós.

— E por que a preocupação? — perguntou Ashen-Shugar. — Combateremos como sempre. É essa a resposta.

— Não, é preciso mais. Devemos lutar em harmonia, e não cada um por si. Caso contrário, seremos subjugados.

Nos últimos tempos, uma estranha voz estava visitando Ashen-Shugar, uma voz com um nome. Ele se esquecera de qual, mas ouviu a voz:

— *Vocês devem se separar.*

— Faça como quiser — disse o Soberano do Horizonte das Águias. — Não irei interferir. — Ordenou, então, ao seu poderoso dragão dourado, Shuruga, que se dirigisse ao céu e voou para casa.

O tempo passou e Ashen-Shugar, por vezes, regressava ao local onde trabalhavam seus irmãos. Uma coisa estranha, parecida com as cidades dos outros mundos, fora concebida por artes mágicas e pelo trabalho de escravos. Os valheru residiam ali, mesmo durante o processo de construção. Como nunca antes sucedera em sua história, tornaram-se, provisoriamente, uma sociedade cooperativa, com sua natureza bélica contida por um pacto, uma trégua. Para Ashen-Shugar, era algo estranho.

Pouco depois de a cidade ter sido concluída, Ashen-Shugar sentou-se no dorso de seu dragão, observando o trabalho feito. Era um dia com vento. Fazia

um frio cortante, pois o inverno se aproximava.

Um rugido vindo de cima obrigou Shuruga a perguntar em resposta.

Combatemos?, perguntou o dragão dourado.

— Não, esperamos.

Ashen-Shugar ignorou a decepção que sentiu em Shuruga. Outro dragão, preto como o carvão, aterrissou e se aproximou com cautela de Ashen-Shugar.

— O Soberano do Horizonte das Águias finalmente veio se juntar a nós? — perguntou Draken-Korin, com sua armadura de listas pretas e douradas brilhando sob a luz opaca enquanto desmontava.

— Não, eu simplesmente estou observando — respondeu Ashen-Shugar, desmontando também.

— Você foi o único a discordar.

— Se unir para saquear o cosmos é uma coisa, Draken-Korin. Este... este seu plano é uma loucura.

— Como assim, loucura? Não entendo a que se refere. Nós somos. Nós fazemos. O que há além disso?

— Este não é nosso caminho.

— Não é nosso caminho permitir que outros se imponham contra nossa vontade. Esses novos seres competem conosco.

Ashen-Shugar olhou para cima, observando os sinais que indicavam que Draken-Korin estava certo quanto à luta de poder entre os deuses recentemente nascidos.

— Sim, isso é verdade. — Recordou-se de outras raças que enfrentaram para além das estrelas, os seres mortais caídos ante a Tropa dos Dragões. — Mas eles não são como os outros. São também formados pela mesma matéria deste mundo, assim como nós.

— O que isso interessa? Quantos de nossa espécie você já matou? Quanto sangue já passou por seus lábios? Quem se opuser a você será morto, ou vai matá-lo. É simples.

— E os que foram deixados para trás, os moredhel e os elfos? — Recorreu aos termos utilizados para diferenciar os escravos do lar dos escravos dos campos e dos bosques.

— O que têm? Não são nada.

— São nossos. — Ashen-Shugar sentiu uma presença estranha dentro de si e percebeu que o outro, aquele cujo nome frequentemente lhe escapava, fazia com que se enchesse de estranhas preocupações.

— O tempo que você passa sob as montanhas o torna cada vez mais estranho,

Ashen-Shugar. Eles são nossos servos. Não é como se possuíssem um poder real. Existem para nosso prazer e nada mais. O que o preocupa?

— Não sei. Há algo... — Fez uma pausa, como se alguém o chamasse de outro lugar. — Algo de errado na ordem dos acontecimentos. Acho que não estamos apenas nos arriscando, mas a todo o tecido do universo.

Draken-Korin encolheu os ombros e se preparou para voltar a seu dragão.

— Qual é a importância disso? Se fracassarmos, pereceremos. Que interessa se o universo desaparecer conosco? — Draken-Korin regressou a seu dragão. — Você pensa em coisas sem importância — disse ao montar.

Draken-Korin partiu e Ashen-Shugar ficou para trás, observando os trabalhos finais na cidade de Draken-Korin. Quando terminaram a construção, ele voltou e encontrou seu povo mais uma vez reunido. Percorreu uma ampla avenida onde estavam alinhadas colunas muito altas, todas decoradas com o entalhe de uma cabeça de tigre. Achou um pouco de graça na vaidade de Draken-Korin.

Descendo uma longa rampa, chegou à câmara subterrânea. Encontrou o enorme salão cheio de valheru. Alma-Lodaka, autointitulada a Dama Esmeralda das Serpentes, dirigiu-lhe a palavra:

— Veio se juntar a nós, Pai-Esposo? — A seu lado estavam dois servos, criados como uma óbvia imitação dos servos de Draken-Korin. Eram serpentes com braços e pernas, tão altas quanto os moredhel. Quando fitaram Ashen-Shugar, olhos cor de âmbar bruxulearam sob suas pálpebras piscantes.

— Vim para testemunhar a loucura.

Draken-Korin desembainhou sua espada negra, mas outro valheru, Alrin-Stolda, o Monarca do Lago Negro, gritou:

— Faça sangue valheru jorrar e o pacto está desfeito!

O Senhor dos Tigres voltou a embainhar sua espada.

— Ainda bem que veio tarde, ou teríamos visto o fim de seu divertimento.

— Não temo vocês — disse Ashen-Shugar. — Só pretendia ver o que vocês estavam preparando. Este é meu mundo, e aquilo que me pertence não deve ser ameaçado.

Os outros o fitaram friamente.

— Faça como desejar — disse Alrin-Stolda —, mas fique sabendo que nosso propósito não pode ser impedido. Por mais poderoso que você seja, Soberano do Horizonte das Águias, não pode vencer todos nós. Observe enquanto fazemos o que deve ser feito.

Corroborando suas palavras, uma grande magia foi forjada sob orientação de Draken-Korin. Por um momento, Ashen-Shugar sentiu uma dor impressionante,

que passou quase imediatamente, restando apenas uma vaga recordação. Então uma pedra gigante apareceu sobre o chão do salão, uma coisa verde e lisa no topo, redonda no corpo, multifacetada, brilhando como se fosse uma esmeralda com fogo aceso no interior. Draken-Korin se aproximou e colocou a mão sobre ela. A pedra pulsou cheia de energia.

— Olhe a ferramenta final! A Pedra da Vida — disse ele.

Sem nada comentar, Ashen-Shugar se retirou do salão e foi conversar com Shuruga, que o aguardava. Uma voz vinda de trás fez com que se virasse e viu Alma-Lodaka correndo em sua direção.

— Pai-Esposo, não irá se juntar a nós?

Ele sentiu um grande desejo de estar em sua companhia, parecido com o que sentira quando o calor emanou dela, mas agora era diferente. Não entendeu que estranho sentimento era aquele. *É afeto*, informou a voz do outro. Ignorou-a.

— Filha-Esposa, seu Irmão-Filho deu início àquilo que levará à destruição final. Ele é louco.

Ela olhou para ele com estranheza.

— Não entendo o que quer dizer. Desconheço essa palavra. Fazemos o que devemos fazer. Gostaria de ter você ao meu lado, pois permanece tão poderoso quanto qualquer um de nós, mas faça como quiser. Fique contra nós por seu próprio risco. — Sem dizer mais nenhuma palavra, ela o deixou e voltou para o salão onde seria tecida a próxima grande magia.

Ashen-Shugar montou seu dragão e voltou ao Horizonte das Águias.

Quando Ashen-Shugar entrou em seus domínios na montanha, o céu reverberou com o som de um trovão ao longe. Ele compreendeu que a Tropa dos Dragões viajava entre mundos.

Durante semanas, o céu se manteve zangado e insubstancial, pois a matéria-prima da criação fluía de horizonte para horizonte. A loucura percorria todo o universo sem limites, pois os valheru se ergueram para desafiar os novos deuses. O tempo deixou de ter significado e o próprio tecido da realidade se rasgou e espalhou-se; em seu território, Ashen-Shugar ficou refletindo.

Convocou, então, Shuruga e voou para aquele lugar estranho na planície, a cidade concebida por Draken-Korin. E aguardou.

Vórtices de energia enlouquecidos se chocaram no céu. Ashen-Shugar conseguiu ver o tecido do tempo e do espaço se rasgando e se dobrando. Sabia que a hora se aproximava. Sentou-se tranquilamente sobre as costas de Shuruga e aguardou.

Um clarim soou, aquele alarme que erguera em união com o mundo, que lhe

revelou que o momento aguardado chegara. Fazendo Shuruga levantar rapidamente, Ashen-Shugar procurou por aquilo que sabia que apareceria diante da aparência louca do céu. O dragão parou e ele viu sua presa. A silhueta de Draken-Korin se tornava cada vez mais discernível conforme fazia o dragão negro diminuir de velocidade. Algo estranho surgiu nos olhos de Draken-Korin, algo desconhecido. A outra voz disse: *É o horror.*

Shuruga lançou-se para a frente. O grande animal rugiu em desafio; o dragão negro de Draken-Korin rugiu em resposta. Então os dois se chocaram no ar.

Tudo logo terminou, pois Draken-Korin gastara muito de sua energia com a criação da loucura que enchia o céu.

Ashen-Shugar aterrissou suavemente ao lado do corpo contorcido de seu inimigo. O valheru caído olhou para cima, em direção ao seu oponente.

— Por quê? — murmurou.

— Esta obscenidade nunca deveria ter sido tolerada — respondeu Ashen-Shugar, apontando para cima. — Você trouxe um fim a tudo o que conhecemos.

Draken-Korin olhou na direção dos céus, onde seus irmãos combatiam os deuses.

— Eles são fortes demais; nunca poderíamos ter imaginado. — Seu rosto expressava terror e ódio enquanto Ashen-Shugar erguia sua espada dourada para liquidá-lo. — Mas eu tinha o direito! — gritou.

Ashen-Shugar decapitou Draken-Korin e, de repente, tanto a cabeça quanto o corpo desapareceram em um sibilar esfumaçado. Sem deixar rastro, a essência do valheru caído regressou ao céu, para se misturar com aquela entidade irracional composta por raiva que combatia os deuses.

— Não há certo ou errado — disse Ashen-Shugar com amargura —, há apenas poder. — Afastado dos de sua espécie, percebeu a ironia de suas palavras. Voltou à sua caverna e aguardou o desfecho final das Guerras do Caos.

O tempo deixou de ter significado, uma vez que passou a ser, ele mesmo, uma arma utilizada na batalha, mas, de alguma forma, acabou por passar enquanto os novos deuses combatiam contra o que sobrara da Tropa dos Dragões. Então os deuses agiram em sintonia, aqueles que sobreviveram à guerra mortífera durante a qual cada um estabeleceu seu lugar na hierarquia das coisas, e focaram a sua atenção unificada nos valheru. Avançaram como uma força com um poder superior aos sonhos mais loucos de Draken-Korin e, unidos, expulsaram os valheru do universo, para outra dimensão de espaço e tempo, e agiram de forma a impedir seu retorno. Em uma fúria cega, os valheru ansiaram por regressar, para alcançar o que restara, aquilo que lhes fora negado por um

dos seus. Ashen-Shugar impedira a vitória, e agora estavam sendo proibidos de viver em sua terra natal. Entre a fúria e a angústia, voltaram seu poder contra as raças inferiores do novo universo. Esbravejaram de mundo em mundo, destruindo tudo o que encontravam pelo caminho. De mundo em mundo, destruíram a essência da vida, os segredos da magia e os poderes dos sóis. À frente deles, havia mundos acolhedores e verdejantes; para trás, jaziam globos frios e sem vida que giravam ao redor de estrelas extintas. Em sua tentativa desesperada de regressar ao mundo em que haviam crescido, deixaram um rastro de destruição em tudo o que tocaram. Raças mais fracas se uniram, tentando se opor àquele furacão de raiva. No começo, foram destroçadas, mas depois conseguiram detê-los, até que por fim descobriram uma forma de escapar. Uma raça inferior chamada humana dedicou toda a sua atenção à fuga, e descobriu uma forma de escapar. A humanidade, juntamente com algumas outras raças, descobriu um abrigo. Foram abertos portais para outros mundos e as raças escaparam, dispersando-se pelo tempo e pelo espaço.

Grandes buracos foram abertos no tecido do universo. Anões e homens, goblins e trolls, todos passaram pelas fendas na realidade, os portais entre um universo e outro. Novas raças e novas criaturas chegaram a Midkemia e nesse mundo procuraram seu lugar.

Então os deuses se uniram para impedir de uma vez por todas que os Senhores dos Dragões invadissem Midkemia. Dedicaram-se a selar os portais que outrora haviam autorizado. Assim, a última rota entre as estrelas foi fechada. Foi erguida uma barreira. A Tropa dos Dragões tentou penetrar nessa cortina, sem sucesso. Foi-lhes negada a volta ao universo de Midkemia, e ficaram furiosos de frustração, jurando encontrar uma forma de entrar.

E depois tudo terminou. As Guerras do Caos, os Dias da Fúria dos Deuses Loucos, o Tempo da Estrela da Morte: qualquer que fosse o nome pelo qual tenha ficado conhecido aquele momento; terminou o embate entre o que foi e o que se seguiu. Quando tudo acabou e o céu se viu de novo livre da insanidade, Ashen-Shugar saiu de sua caverna. Regressou à planície em frente à cidade de Draken-Korin e observou o resultado da maior luta de que havia memória. Fez Shuruga pousar e depois permitiu ao dragão que fosse caçar. Esperou durante muito tempo, em silêncio, por algo que não soube bem o que era.

Passaram-se horas, até que por fim a outra voz falou:

Que lugar é este?

— A Desolação das Guerras do Caos. O monumento de Draken-Korin, a tundra sem vida que, antigamente, era uma terra de grandes campos. Poucos

seres vivos suportam isto. A maior parte das criaturas fugiu para o sul, para climas mais hospitaleiros.

Quem é você?

Ashen-Shugar estava se divertindo.

— Sou aquilo em que você começa a se transformar — respondeu, rindo. — Nós somos um só. Você disse isso diversas vezes. — Parou de rir. Era o primeiro de sua raça a rir. Todavia, havia uma tristeza margeando seu humor, pois compreender o humor era, para Ashen-Shugar, algo nunca visto em um valheru, e percebeu que testemunhava o início de uma nova era.

Eu me esqueci.

Ashen-Shugar, o último dos valheru, chamou Shuruga de sua caçada. Ao saltar para seu dorso, olhou de relance para o local onde Draken-Korin fora derrotado, marcado apenas por cinzas. Shuruga avançou rumo aos céus, bem acima da destruição.

Você é digno de pena.

— Não concordo — disse o valheru. — Há uma lição, embora eu não seja capaz de entendê-la. Contudo, sinto que você é capaz. — Ashen-Shugar cerrou os olhos por um instante ao sentir a cabeça latejar. A outra voz desapareceu de novo de sua mente. Ignorando o espanto ante aquela estranha personalidade que ao longo dos anos o influenciava, dedicou sua atenção à última tarefa. O valheru avançou sobre as montanhas, à procura dos seres escravizados por sua espécie. Nas florestas do continente ao sul, Ashen-Shugar passou por cima da fortaleza dos homens-tigre. Com uma voz suficientemente alta para ser ouvida, gritou:

— Fiquem sabendo que, de hoje em diante, são um povo livre.

— E o que houve com o nosso senhor? — questionou o líder dos homens-tigre.

— Partiu. O destino de vocês está depositado em suas próprias mãos. Eu, Ashen-Shugar, assim ordeno.

Em seguida, dirigiu-se mais para o sul, para o local onde residia a raça das serpentes criada por Alma-Lodaka. Lá, suas palavras foram acolhidas com silvos de terror e de raiva.

— Como podemos sobreviver sem nossa senhora, ela que é nossa deusa-mãe?

— Cabe a vocês decidir. São um povo livre.

As serpentes não ficaram satisfeitas; dedicaram-se a tentar descobrir o que acontecera com sua senhora e, enquanto raça, fizeram uma promessa: até o fim dos dias, iriam tentar trazer de volta aquela que consideravam mãe e deusa,

Alma-Lodaka. Daquele dia em diante, o sacerdócio tornou-se o poder supremo entre a sociedade do povo serpente pantathiano.

Ashen-Shugar voou ao redor do mundo e, por onde passava, eram proferidas as seguintes palavras:

— O destino pertence a vocês. Todos são livres.

Chegou, por fim, ao local estranho concebido por Draken-Korin e pelos outros. Ali estavam reunidos os elfos. Pousou na planície.

— Deixemos o mundo progredir. A partir deste momento, vocês são livres — anunciou o valheru.

Os elfos se entreolharam.

— O que isso significa? — perguntou um deles.

— Que são livres para fazerem o que quiserem. Ninguém cuidará de vocês nem comandará suas vidas.

O porta-voz fez uma mesura.

— Mas, senhor, os mais sábios de nós partiram com seus irmãos, e com eles foram o saber, o conhecimento e o poder. Somos fracos sem os eldar. Como poderemos, então, sobreviver? — perguntou.

— Agora o destino é de vocês, para ser forjado da melhor maneira possível. Se forem fracos, irão perecer. Se forem fortes, sobreviverão. E não esqueçam: há novas forças à solta sobre a terra. Criaturas alienígenas vão aparecer, e vocês deverão combatê-las ou com elas estabelecer a paz, conforme desejarem, pois também elas procuram definir o próprio destino. Mas haverá uma nova ordem, e lá deverão encontrar seu espaço. Poderão ter de se impor a outros e exercer domínio sobre eles, ou pode ser que eles os destruam. Ou talvez seja possível encontrar paz entre todos. A decisão só cabe a vocês. Minha tarefa terminou, exceto por uma última ordem. Este lugar é proibido, e quem violá-lo será vítima da minha ira. Ninguém deve entrar aqui novamente. — Com um movimento da mão, gerou uma poderosa magia e a pequena cidade dos valheru afundou-se no solo. — Que a poeira do tempo a enterre e que ninguém se lembre dela. Este é meu desejo.

Os elfos fizeram uma reverência.

— Assim como é desejado, senhor, será respeitado — garantiu um deles. O mais velho dos elfos se voltou para seus irmãos. — Ninguém pode entrar neste lugar; ninguém deve sequer se aproximar — alertou. — Foi varrido do olhar dos mortais; não deve ser lembrado.

— Agora, são um povo livre — declarou Ashen-Shugar.

— Partiremos, então, para um lugar onde possamos viver em paz — disseram

alguns dos elfos, aqueles que viveram mais afastados de seus senhores. Rumaram para o ocidente, à procura de um lugar onde pudessem viver em harmonia.

— Devemos desconfiar desses novos seres, pois somos nós que temos o direito de herdar as rédeas do poder — disseram outros.

Ashen-Shugar voltou-se para eles.

— Criaturas miseráveis, não viram como o poder não significa nada? Encontrem outro caminho. — Mas os moredhel já partiam, sem dar ouvidos às suas palavras, pois sonhavam com o poder. Optaram pelo Caminho das Trevas, mesmo tendo começado por seguir seus irmãos para o ocidente. A seu tempo, seus irmãos iriam afastá-los, mas naquele momento ainda eram um só povo.

Outros se afastaram em silêncio, prontos para destruírem quem quer que a eles se opusesse, nada interessados em procurar o poder de seus antigos mestres, conscientes de sua capacidade de tomarem tudo aquilo que desejavam pela força dos braços. Esses elfos foram dobrados pelas forças deixadas à solta durante as Guerras do Caos e já estavam se afastando de seus irmãos. Foram chamados de glamredhel, os elfos loucos, e, depois que se dirigiram para o norte, voltaram olhares de suspeita àqueles que se dirigiram para oeste. Iriam se afastar às pressas, recorrendo à ciência e à magia saqueada de mundos alienígenas para erguerem cidades gigantescas, imitando seus antigos senhores e se protegendo de seus semelhantes enquanto conspiravam novas guerras.

Enojado com o comportamento deles, Ashen-Shugar voltou a seus domínios, para ali permanecer até chegar a hora de deixar vida, preparando o caminho para outro. O universo se modificou e em seu lar Ashen-Shugar sentiu algo estranho dentro da ordem recentemente forjada. Como se a própria realidade rejeitasse sua natureza, caiu em um torpor, um sono parecido com um coma, em que seu ser cresceu e se difundiu, inundando sua armadura com o poder, de modo a esperar por outro que surgiria para usar sua capa.

De repente, agitou-se.

— Terei me desviado de meu caminho? — questionou-se.

Agora, conhece a dúvida.

— O que é esta estranha tranquilidade interior?

É a morte que se aproxima.

— Assim me pareceu — disse o último valheru, cerrando os olhos. — Poucos de minha espécie sobreviveram à batalha. Foi algo raro. Sou o último. Ainda assim, gostaria de voar com Shuruga uma última vez.

Ele partiu. Morreu há décadas.

Ashen-Shugar enfrentou uma série de vagas lembranças.

— Mas voei com ele esta manhã — disse em voz fraca.

Não passou de um sonho, assim como isto.

— Portanto, estou igualmente louco? — A lembrança daquilo que vislumbrara nos olhos de Draken-Korin assustou Ashen-Shugar.

Você não é mais do que uma memória, disse o outro. *Isto não passa de um sonho.*

— Então farei o que está planejado. Aceito o inevitável. Outro virá para tomar meu lugar.

Isso, na verdade, já aconteceu, pois eu sou o que veio. Peguei sua espada e vesti sua capa; sua causa agora é minha. Enfrentarei aqueles que saqueiam este mundo, anunciou o outro.

Aquele que se chamava Tomas.

Tomas abriu os olhos e voltou a fechá-los. Balançou a cabeça, como se tentasse colocá-la em ordem. Para Pug, ele se manteve em silêncio apenas por um instante, mas o mago suspeitou de que muitas coisas tinham atravessado a mente de Tomas.

— Agora, tenho as recordações — disse ele. — Agora, percebo o que está acontecendo.

Macros assentiu antes de dirigir a palavra a Pug:

— Neste paradoxo Ashen-Shugar-Tomas, o mais difícil de lidar foi saber qual conhecimento deveria transmitir a Tomas. Agora ele está pronto para lidar com o maior desafio de sua vida, e agora deve saber a verdade. Assim como você, embora eu suspeite que já deduziu aquilo que ele acaba de descobrir.

— No começo, fui enganado pelo fato de o Inimigo recorrer ao antigo tsurani quando falou na visão de Rogen — reconheceu Pug. — Mas, agora, percebo que foi apenas por ser aquela a linguagem dos humanos que conheceu na época da Evasão pela ponte dourada. Assim que coloquei de lado a ideia de que o Inimigo, de alguma forma, estava ligado aos tsurani e considerei a presença dos eldar em Kelewan, compreendi. Sei o que enfrentamos e por que razão a verdade foi ocultada de Tomas. É o mais terrível dos pesadelos que se torna realidade.

Macros olhou para Tomas, que fitou Pug demoradamente, notando a dor em seus olhos.

— Quando me lembrei pela primeira vez de Ashen-Shugar, achei... achei que minha herança havia sido deixada para vencer os tsurani invasores — disse

tranquilamente. — Mas isso foi apenas uma pequena parte.

— Sim — concordou Macros. — Há mais. Agora você sabe como um dragão que se pensava extinto há várias gerações, um antigo dragão negro, podia me guardar.

A expressão de Tomas era nitidamente confusa e preocupada.

— E sei qual é o objetivo dos senhores de Murmandamus — revelou em tom resignado. Fez um gesto com a mão, abarcando-os. — A armadilha serviu mais para nos trazer aqui do que para impedir Macros de chegar a Midkemia, para dessa forma nos manter afastados do Reino.

— Por quê? — perguntou Pug.

— Porque, em nosso próprio tempo, Murmandamus comanda um exército e avança rumo à terra de vocês — explicou Macros. — Enquanto vocês me procuravam na Cidade da Eternidade, aposto que ele atacava a guarnição no Castelo Alto. E sei que o objetivo dele é invadir o Reino. Precisa chegar a Sethanon.

— Por que Sethanon? — perguntou Pug.

— Porque, por acaso, essa cidade foi construída sobre as ruínas da antiga cidade de Draken-Korin — explicou Tomas. — E, dentro dessa cidade, está a Pedra da Vida.

— É melhor continuarmos nosso caminho enquanto discutimos essas questões, Pug, pois temos de voltar a Midkemia e à nossa própria era — avisou o feiticeiro. — Tomas e eu podemos lhe falar sobre a cidade de Draken-Korin e sobre a Pedra da Vida. Essa parte você ainda não conhece, embora saiba do resto. O Inimigo, essa coisa que conheceu em Kelewan, não é um ser único. É o poder e a mente dos valheru. Os Senhores dos Dragões retornaram a Midkemia e querem seu mundo de volta. — E finalizou, com um sorriso triste: — E temos de impedir que a conquistem.

17

Retirada

Arutha observou o desfiladeiro.

Cavalgou antes da primeira luz do amanhecer, acompanhado por Guy e pelo Barão do Castelo Alto, para observar os membros mais avançados das forças de Murmandamus. Conseguiam vislumbrar ao longe as fogueiras, a partir do local onde ele e seus companheiros haviam sido interceptados pelos homens do Castelo Alto.

Arutha apontou naquela direção.

— Está vendo, Brian? Deve haver mil fogueiras, o que representa cinco ou seis mil soldados. E estes são apenas a vanguarda. Amanhã, a esta hora, já serão o dobro. Em três dias, Murmandamus enviará trinta mil ou mais soldados contra vocês.

O Senhor do Castelo Alto, ignorando o tom de Arutha, inclinou-se sobre o pescoço de seu cavalo como se estivesse se esforçando para ver melhor.

— Só vejo fogueiras, Alteza. Você tem noção de que é um truque comum acender fogueiras a mais, para que o inimigo avalie errado a força e a disposição das tropas?

Guy praguejou para si mesmo e instigou seu cavalo a dar a volta.

— Não vou ficar esperando que se explique o óbvio a idiotas.

— E eu não vou ficar sentado para ser insultado por um traidor! — gritou o Barão em resposta.

Arutha se colocou entre os dois.

— Guy, você não fez nenhum juramento de lealdade para mim, mas, se ainda está vivo, foi por eu ter aceitado sua palavra. Não permita que isto se torne uma questão de honra. Não preciso de duelos agora. Preciso de você!

Guy estreitou seu olho são e parecia pronto para mais uma série de injúrias, mas acabou por se controlar.

— Peço desculpas... *meu senhor.* É o cansaço de uma longa jornada. Estou

certo de que compreende. — Dito isto, esporeou seu cavalo de volta à guarnição.

— O homem já era um porco arrogante e insuportável quando era Duque. Parece que dois anos vagando pelas Terras do Norte não o mudaram em nada.

Arutha fez seu cavalo acelerar e se colocou de frente para o Senhor do Castelo Alto. Suas palavras revelaram que estava no limite de sua paciência:

— Ele também é o melhor general que já conheci. Mesmo assim, acabou de ver suas tropas sendo derrotadas e sua cidade *completamente* destruída. Tem milhares de pessoas de seu povo espalhadas pelas montanhas e *não sabe quantas sobreviveram*. Estou certo de que consegue compreender seu mau humor. — O sarcasmo da última observação revelou sua própria frustração.

O Senhor do Castelo Alto permaneceu em silêncio. Virou-se e observou o acampamento inimigo enquanto o amanhecer surgia.

Arutha cuidou de seu cavalo, aquele que tirara dos salteadores nas montanhas. Tratava-se de uma égua baia, que descansava e recuperava o peso perdido. Naquela manhã, Arutha usara um cavalo cedido pelo Barão do Castelo Alto. Mais um dia e a égua baia estaria pronta para cavalgar rumo ao sul. Arutha esperara que o Barão lhe oferecesse ao menos trocar os cavalos, mas Brian, o Senhor do Castelo Alto, parecia apreciar o fato e repetia a todo instante que, enquanto vassalo de Lyam, não tinha obrigações perante Arutha, exceto ser minimamente civilizado. Arutha nem tinha a certeza se Brian iria lhes proporcionar uma escolta. O homem era um egoísta insuportável, teimoso e não muito perspicaz — qualidades esperadas em um homem enxotado para a fronteira, que lutava contra pequenos bandos desorganizados de goblins. Muito dificilmente aqueles que comandava desejariam lutar contra um exército invasor experiente e bem liderado.

A porta dos estábulos se abriu e Locklear e Jimmy entraram. Pararam quando viram Arutha; Jimmy se aproximou.

— Viemos ver como estavam os cavalos.

— Não tenho nada para falar de seu trabalho, Jimmy — frisou Arutha. — Apenas gosto de tratar eu mesmo dessas coisas quando tenho tempo. É bom para pensar.

Locklear sentou-se em cima de um fardo de feno entre o animal de Arutha e a parede. Estendeu a mão e afagou o focinho da égua.

— Alteza, por que isto tudo está acontecendo?

— Está falando da guerra?

— Não, acho que consigo compreender o desejo de conquista, ou pelo menos já ouvi falar muito dessas guerras ao longo da História. Não, eu me refiro ao local. Por que aqui? Amos estava lá em cima nos mostrando alguns mapas e... não faz nenhum sentido.

Arutha parou de escovar a égua.

— Você tocou exatamente na minha maior preocupação. Guy e eu já discutimos o assunto. Simplesmente não fazemos ideia. Mas uma coisa é certa: quando um inimigo faz algo inesperado, isso acontece por alguma razão. E é melhor ser rápido em entender do que se trata, Escudeiro, pois, do contrário, é provável que essa seja a causa de nossa derrota. — Estreitou os olhos. — Não, há algo que guia Murmandamus nesta direção. Em função do que pode fazer antes do inverno, deve estar rumando a Sethanon. Mas por quê? Não há motivo aparente para ele ir para lá, e, chegando, só lhe restaria esperar pela primavera. Assim que a primavera chegar, Lyam e eu vamos esmagá-lo.

Jimmy tirou uma maçã de sua túnica e cortou-a ao meio, oferecendo metade à égua.

— A não ser que ele preveja finalizar toda esta operação antes da primavera.

Arutha olhou para Jimmy.

— O que quer dizer com isso?

Jimmy encolheu os ombros e limpou a boca.

— Não sei bem, a não ser aquilo que você disse. É necessário adivinhar o que o inimigo está preparando. Dado o caráter indefensável da cidade, ele pode estar contando que todos fujam de lá. Como você disse, quando a primavera chegar, poderá esmagá-lo. Portanto, calculo que ele também saiba disso. Agora, se eu me dirigisse para um lugar onde poderia ser esmagado na primavera seguinte, seria por planejar não permanecer lá tanto tempo. Ou talvez porque lá houvesse algo que me dê vantagem, seja me tornando tão poderoso que não temesse mais ser apanhado entre dois exércitos, seja mantendo esses exércitos longe. Algo assim.

Enquanto refletia, Arutha colocou o queixo sobre o braço que tinha apoiado nas costas da égua.

— Mas o quê?

— Algo mágico? — perguntou Locklear.

Jimmy riu.

— Isso não seria novidade. Já vimos mágicas desde que esta confusão começou.

Arutha passou o dedo sobre a corrente que sustentava o talismã que lhe fora

oferecido pelos monges ishapianos em Sarth.

— Algo mágico — ele murmurou. — Mas o quê?

— Algo grandioso, imagino — disse Jimmy tranquilamente.

Arutha combateu uma irritação crescente. Em seu íntimo, sabia que Jimmy estava certo. E sentiu uma frustração, que era quase ira, por não compreender o segredo por trás da invasão destemida de Murmandamus.

De súbito, soaram trombetas, que tiveram como resposta quase imediata o som de passos pesados de botas sobre as pedras da calçada, à medida que os soldados corriam para seus postos. Arutha logo saiu dos estábulos com os rapazes em seu encalço.

—Ali — apontou Galain.

Da torre mais alta da fortaleza, Guy e Arutha olharam para baixo, observando a barbacã da fortificação. Do outro lado, no desfiladeiro profundo chamado Fenda do Lenhador, podiam ver os primeiros soldados do exército de Murmandamus.

— Onde está o Senhor do Castelo Alto? — perguntou Arutha.

— Lá embaixo na muralha, com seus homens — respondeu Amos. — Cavalgou para lá tem pouco tempo, todo ensanguentado e machucado. Aparentemente, os Irmãos das Trevas estavam nas colinas sobre as tropas mais avançadas e lançaram-se contra eles. Ele teve de abrir caminho à força. Parece que perdeu a maior parte de seu destacamento.

Guy praguejou.

— Que idiota! Era só ali que poderia ter retido o exército de Murmandamus por alguns dias. Aqui, nas muralhas, não passará de uma maldita farsa sangrenta.

— Foi uma loucura subestimar as capacidades dos moredhel das montanhas nas rochas — disse o elfo. — Ele não está enfrentando simples goblins.

— Vou ver se consigo falar com ele — anunciou Arutha.

O Príncipe se apressou a percorrer a fortaleza e em poucos minutos estava ao lado do Senhor do Castelo Alto. O Barão estava coberto de sangue devido a um golpe na cabeça, recebido quando o elmo lhe fora arrancado. Ainda não colocara outro e tinha o cabelo cheio de sangue seco. O homem estava lívido e tremia, mas continuava a dar ordens sem hesitar.

— Brian, agora consegue entender o que eu disse a você? — perguntou Arutha.

— Vamos retardá-los aqui em cima — respondeu, apontando para o local

onde o estreito desfiladeiro se fechava diante da muralha. — Não há espaço para se organizarem, então os inimigos ficarão presos em frente à muralha. Serão ceifados como trigo por uma foice.

— Brian, ele lidera um exército de trinta mil soldados para combatê-lo. O que você tem aqui? Dois mil? Ele não se importa com quantas perdas vai ter! Vai empilhar seus soldados em frente às suas muralhas e depois caminhará sobre os corpos até chegar a você. Vão chegar cada vez mais, até derrubá-lo. Você não vai aguentar mais do que um dia ou dois.

Os olhos do Barão se fixaram nos de Arutha.

— Meu título indica que devo defender esta posição. Não devo abandoná-la sem a autorização do Rei. Estou encarregado de aguentar, custe o que custar. Mas você não está sob minhas ordens; por favor, abandone a muralha.

Arutha manteve-se imóvel por um momento, o rosto vermelho. Deixou a muralha e se apressou a voltar à torre. Quando se reuniu com os que estavam na torre, foi falar com Jimmy.

— Sele os cavalos e pegue tudo o que precisarmos para uma longa viagem. Tire o que puder da cozinha. Podemos precisar partir antes do previsto.

Jimmy assentiu com a cabeça e puxou Locklear pela manga, levando o rapaz consigo. Arutha, Guy, Galain e Amos observaram a vanguarda do exército invasor se aproximar, descendo o desfiladeiro como se fosse uma inundação em marcha lenta.

Começou como Arutha previra, uma onda de soldados atacando pela estreita passagem. A fortaleza fora erguida como uma proteção para a guarnição, sem nunca se pensar que teria de aguentar um ataque de grande dimensão de um exército organizado, e era precisamente um exército assim que avançava para lá.

Arutha se juntou a seus companheiros no topo da torre, vendo como os arqueiros do Castelo Alto começavam a chacinar os membros da vanguarda de Murmandamus. Então as fileiras dianteiras abriram alas e goblins se apressaram para a frente com pesados escudos e se agacharam, formando uma parede defensiva. Arqueiros moredhel correram e se refugiaram atrás dos escudos; depois, levantaram-se e responderam aos arqueiros da torre. As primeiras setas acertaram e derrubaram uma dúzia de arqueiros do Castelo Alto e os atacantes avançaram. Uma vez e outra em seguida, as duas facções trocaram disparos e os defensores se mantiveram firmes. Os atacantes, porém, continuaram a prosseguir em direção à muralha.

Avançaram em passos encharcados de sangue, passando por cima dos corpos dos que haviam caído. Cada fileira ia e vinha, mas, aos poucos, aproximava-se da muralha. A cada arqueiro que morria, outro corria para a frente no intuito de ocupar seu lugar. Então, conforme o sol subia a alta parede do desfiladeiro, os atacantes reduziram à metade a distância até a muralha. Quando a luz do sol passou de uma parede à outra do desfiladeiro, lá em cima, a distância já encurtara para menos de cinquenta metros. Foi lançada a segunda onda de ataque.

Escadas de cerco foram carregadas para a frente e os defensores fizeram pagar bem caro aos que as carregavam, mas cada goblin ou troll caído era prontamente substituído por outro no transporte das escadas. Até que, por fim, encostaram-nas às paredes. Lanças foram usadas para derrubá-las, mas outras foram colocadas no lugar, e goblins as escalaram para serem saudados por aço e fogo. Logo começou de fato a batalha do Castelo Alto.

Arutha observava tudo enquanto os defensores desorganizados resistiam outra vez. A última fileira conseguiu subir a muralha ao sul da barbacã, mas a companhia de reserva fechou a brecha e fez com que recuassem. Com o pôr do sol, as trombetas soaram anunciando a retirada, e as tropas de Murmandamus recuaram para o desfiladeiro.

— Nunca vi tanta carnificina e tanto desperdício de vidas em nome do dever — resmungou Guy.

Arutha se viu forçado a concordar.

— Raios me partam! — exclamou Amos. — Estes rapazes da fronteira podem ser a escória e os párias de nossos exércitos, Arutha, mas são osso duro de roer. Nunca vi homens tomarem tão bem conta de si mesmos.

Arutha concordou.

— Não se serve por muito tempo na fronteira sem se tornar uma pessoa dura. Há poucas batalhas grandes, mas não faltam pequenas lutas. Seja como for, estão perdidos se Brian não voltar atrás.

— Se pretendemos escapar, é melhor partirmos antes do amanhecer, Arutha — disse Galain.

O Príncipe concordou.

— Vou falar uma última vez com Brian. Se ele continuar se recusando a dar ouvidos à voz da razão, vou pedir permissão para abandonar a guarnição.

— E se ele não der? — perguntou Amos.

— Jimmy já nos arranjou provisões e uma forma de sair — explicou Arutha. — Se for necessário, partiremos a pé.

O Príncipe abandonou a torre e logo voltou ao local onde vira o Senhor do Castelo Alto pela última vez. Olhando ao redor, não viu sinal do Barão. Perguntou por ele a um guarda.

— Já tem meia hora desde que vi o Barão pela última vez. Ele pode ter descido para o pátio, para ver os mortos e os feridos, Alteza — respondeu.

As palavras do guarda se revelaram proféticas, pois Arutha encontrou Brian, o Senhor do Castelo Alto, entre os mortos e feridos. O cirurgião se ajoelhara ao seu lado e, quando o Príncipe se aproximou, olhou para cima e balançou a cabeça.

— Está morto.

Arutha se dirigiu a um oficial de guarda parado à porta.

— Quem é o segundo em comando?

— Walter de Gyldenholt — respondeu o homem —, mas acho que ele morreu durante o ataque à vanguarda inimiga.

— E depois, quem se segue?

— Baldwin de la Troville e eu, Alteza, somos os seguintes na hierarquia, depois de Walter. Chegamos aqui no mesmo dia, então não sei quem estaria à frente na linha de sucessão.

— Quem é você?

— Anthony du Masigny, antigo Barão de Calry, Alteza.

Depois de ouvir seu nome, Arutha reconheceu o homem, pois o vira na coroação de Lyam. Fora um dos apoiadores de Guy. Ainda tinha um ar pomposo, mas dois anos na fronteira o livraram da elegância da corte que exibira em Rillanon.

— Se não tiver objeções, chame la Troville e Guy du Bas-Tyra. Diga que devem se reunir conosco nos aposentos do Barão.

— Não tenho objeções — garantiu du Masigny. Fitou a carnificina ao longo das muralhas e no pátio. — Na verdade, um pouco de bom senso e ordem é bem-vindo.

Baldwin de la Troville era um homem magro e com cara de falcão, o que contrastava com a aparência mais delicada de du Masigny. Assim que os dois oficiais se apresentaram, Arutha expôs o que tinha em mente:

— Se algum de vocês defende a ideia sem sentido de prestar vassalagem

unicamente ao Rei e defender esta fortaleza, diga agora.

Ambos se entreolharam, e du Masigny riu.

— Alteza, fomos enviados para cá por ordem de seu irmão devido a... — dirigiu um olhar a Guy — antigas imprudências políticas. Não temos pressa em desperdiçar nossas vidas graças a um comportamento insensato.

— O Senhor do Castelo Alto era um idiota. Um homem valente, quase um herói, mas, ainda assim, um idiota — disse de la Troville.

— Vão aceitar minhas ordens?

— Com muito gosto — responderam ambos.

— Então, de agora em diante, du Bas-Tyra é meu imediato. Vocês o aceitarão como seu superior.

Du Masigny sorriu abertamente.

— Isso não seria grande novidade para nós, Alteza.

Guy assentiu com a cabeça e retribuiu o sorriso.

— São bons soldados, Arutha. Farão o que é preciso fazer.

Arutha arrancou um mapa da parede e estendeu-o sobre a mesa.

— Quero metade da guarnição pronta para sair a cavalo dentro de uma hora, mas todas as ordens devem ser transmitidas em voz baixa; nada de trombetas, tambores ou gritos. Assim que for possível, quero pelotões de uma dúzia de homens saindo pelos portões traseiros a intervalos de um minuto. Devem cavalgar para Sethanon. Acho que, neste exato momento, Murmandamus deve estar guiando seus soldados pelas rochas dos dois lados da passagem para impedir nossa retirada. Penso que não nos restam mais do que algumas horas, certamente não mais do que até o amanhecer.

Guy apontou para um local no mapa.

— Se enviarmos uma pequena patrulha para este local, e depois para este, só para confundi-lo, isso servirá para retardar quaisquer infiltrados e abafar qualquer ruído.

Arutha concordou.

— De la Troville, lidere essa patrulha, mas não ataquem forças inimigas. Corram como lebres, se for necessário, e garanta que voltará duas horas antes do amanhecer. Ao nascer do sol, esta guarnição deve estar vazia, e nenhum homem deve ser deixado para trás. Os pelotões devem ser compostos por seis soldados capazes e seis feridos. Se for necessário, amarre os feridos aos cavalos. Depois da chacina de hoje, deve haver animais suficientes para que cada pelotão leve dois ou três a mais, e quero que cada um deles transporte o máximo possível de cereais. Nem todos os cavalos chegarão a Sethanon, mas com cereais e o

revezamento de cavalos, a maioria deve aguentar.

— Muitos dos feridos não vão sobreviver, Alteza — realçou du Masigny.

— A corrida para Sethanon será um tormento, mas quero todos a salvo. Não me importa o quanto possam estar feridos, não deixaremos um único homem para trás, entregue àqueles carniceiros. Du Masigny, quero todos os soldados mortos colocados de novo na muralha, de pé nas ameias. Quando raiar a aurora, quero que Murmandamus pense que enfrenta uma verdadeira guarnição. — Virou-se para Guy. — Isso pode contê-lo um pouco. Agora, prepare mensagens para a Sentinela do Norte, relatando o que se passa aqui. Se a memória não me falha, Michael, o Senhor da Sentinela do Norte, é bem mais esperto do que o falecido Barão do Castelo Alto. Talvez concorde em enviar alguns soldados para provocar os flancos de Murmandamus durante a marcha. Quero que mensagens sejam enviadas para Sethanon...

— Não temos pássaros para Sethanon, Alteza — explicou de la Troville. — Estávamos esperando que chegassem alguns em uma caravana no próximo mês. — Pareceu ficar envergonhado por seu antigo comandante. — Foi um descuido.

— Quantos pássaros restam nas gaiolas?

— Uma dúzia. Três para a Sentinela do Norte. Dois para Tyr-Sog, dois para Loriel e cinco para Romney.

— Bem, pelo menos conseguiremos espalhar a notícia — disse Arutha. — Diga ao Duque Talwyn de Romney que avise Lyam em Rillanon sobre tudo isso. Quero que os Exércitos do Oriente marchem para Sethanon. Martin já deve estar na região com o exército de Vandros. Assim que encontrar os sobreviventes de Armengar e souber a rota de Murmandamus, conduzirá suas forças de volta e enviará o exército de Yabon para o Vale do Falcão, onde podem cortar caminho através das montanhas e marchar naquela direção. Enviaremos instruções a Tyr-Sog para que mande homens para lhe fornecer a localização exata de onde estamos. A guarnição de Krondor partirá assim que Gardan for informado por Martin. E recolherá tropas ao longo do caminho até o Charco Negro. — Pareceu vagamente esperançoso. — Talvez consigamos sobreviver em Sethanon.

— Onde está Jimmy?

— Ele disse que tinha alguma coisa para fazer e que voltava já — explicou Locklear.

Arutha olhou ao redor.

— Que idiotice ele está tramando agora?

A luz do dia estava quase aparecendo e o último destacamento de soldados se apresentava pronto para abandonar a guarnição. O grupo de Arutha, os últimos cinquenta soldados e duas dúzias de cavalos de reserva estavam à espera ao lado do portão, e Jimmy desaparecera. Então o rapaz surgiu de repente, acenando para que partissem. Saltou para a sela e Arutha fez um sinal para que os portões de trás fossem abertos. Abriram-nos para os lados e Arutha conduziu a coluna para fora.

— Por que demorou? — Arutha perguntou quando o garoto se aproximou.

— Fiz uma surpresa para Murmandamus.

— O quê?

— Coloquei uma vela sobre um pequeno barril de óleo que encontrei. Está em cima de um monte de palha, de trapos e de outras coisas. Deve explodir dentro de mais ou menos uma hora. Só servirá para fazer fumaça, mas vai queimar durante horas.

Amos riu com satisfação.

— E, depois do que aconteceu em Armengar, não vão correr muito rápido na direção de um incêndio.

— Esse rapaz é esperto — disse Guy a Arutha.

Jimmy pareceu satisfeito com o elogio.

— Às vezes, esperto demais — Arutha disse secamente.

A expressão de Jimmy se tornou sombria e Locklear sorriu.

Ganharam um dia. Da manhã em que saíram até a hora do pôr do sol, não viram sinal dos perseguidores. Arutha concluiu que Murmandamus ordenara uma busca minuciosa pela fortaleza vazia e só então indicara a seu exército para atravessar o Mundo Elevado. Adiantaram-se à marcha dos invasores e talvez conseguissem se manter à frente de todos, com exceção da cavalaria mais rápida.

Poderiam obrigar os cavalos a ir mais depressa, revezando-os com os cavalos de reserva, e fazer entre cinquenta e cinco e sessenta e cinco quilômetros por dia. Era certo que alguns dos animais não aguentariam, mas com sorte conseguiriam atravessar o vasto e acidentado Mundo Elevado em uma semana. Assim que chegassem à Floresta Profunda, teriam de diminuir o ritmo, mas as chances de serem alcançados também seriam menores, pois os que seguiam atrás teriam de ser cautelosos com as emboscadas por entre as grossas árvores.

No segundo dia, começaram a se libertar dos cadáveres dos feridos que não aguentaram o tormento da dura viagem. Seus companheiros obedeceram às

ordens e soltaram os mortos de suas selas, não perdendo tempo em sepultá-los. Sequer pararam para lhes retirar as armas e armaduras.

No terceiro dia, avistaram os primeiros sinais de que estavam sendo perseguidos, silhuetas vagas no horizonte sob o sol poente. Arutha ordenou uma hora extra de cavalgada e, pelo anoitecer, deixaram de ver aqueles que os perseguiam.

No quarto dia, avistaram o primeiro povoado. Os soldados que passaram por lá primeiro alertaram os aldeões do perigo que se aproximava, então o lugar já estava deserto. Fumaça saía de uma chaminé e Arutha mandou um soldado investigar. Ainda havia uma lareira queimando com um fogo lento, mas ninguém continuava lá. Encontraram algumas sementes e as levaram consigo, mas todos os outros alimentos tinham desaparecido. Havia pouco que pudesse ser útil ao inimigo, então Arutha ordenou que não fizessem nada à aldeia. Se os habitantes não a houvessem esvaziado, teria ordenado que a incendiassem. Achava que os soldados de Murmandamus perceberiam isso, mas sentiu-se melhor deixando o lugar tal como o encontrara.

Perto do final do quinto dia, viram uma companhia de soldados se aproximar por trás e Arutha ordenou a seus homens que parassem e se pusessem a postos. Os cavaleiros se aproximaram o suficiente para serem nitidamente identificados como uma dúzia de batedores moredhel, mas mudaram de rumo e regressaram para o corpo principal do exército em vez de aceitarem o desafio de combater uma força mais poderosa.

No sexto dia, ultrapassaram uma caravana que se dirigia para o sul, já alertada do perigo iminente pelas primeiras unidades da guarnição. Os condutores da caravana avançavam em um ritmo lento e estável, e sem dúvida seriam apanhados pela vanguarda de Murmandamus em um dia ou no máximo dois. Arutha cavalgou na direção do local onde o dono das carroças estava sentado e ficou a seu lado.

— Liberte seus cavalos das carroças e os cavalgue — gritou —, caso contrário será apanhado pelos Irmãos das Trevas que estão vindo para cá.

— Mas e meus cereais? — o mercador se lamentou. — Vou perder tudo!

Arutha fez um sinal para que parassem. Quando as carroças se detiveram, gritou as ordens:

— Cada homem deve levar um saco dos cereais do mercador. Vamos precisar deles na Floresta Profunda. Queimem o resto.

O mercador, descontente, ordenou a seus mercenários que defendessem a mercadoria, mas bastou-lhes olharem para os cinquenta soldados do Castelo Alto

e logo se afastaram, permitindo que recolhessem os cereais.

— Soltem os cavalos — ordenou Guy.

Os soldados libertaram os cavalos de seus arreios e os afastaram. Em poucos minutos, os sacos de cereais foram retirados da primeira carroça e passados pelos soldados, incluindo um saco de reserva para cada um dos cavalos do mercador. Puseram fogo no que restou das carroças e dos cereais.

Arutha dirigiu a palavra ao mercador:

— Há trinta mil goblins, Irmãos das Trevas e trolls marchando nesta direção, senhor mercador. Se você acha que cometi uma injustiça, leve em conta o que enfrentaria arrastando estas carroças ao longo dos caminhos até a Floresta Profunda. Agora, leve os cereais para seus cavalos e vá para o sul. Vamos permanecer em Sethanon, mas, se quiser salvar sua pele, o melhor que tem a fazer é passar pela cidade e seguir em direção à Cruz de Malac. Caso deseje ser ressarcido por estes cereais, fique em Sethanon. Se de alguma forma conseguirmos sobreviver à invasão, irei recompensá-lo. Cabe a você decidir. Não tenho mais tempo para desperdiçar.

Arutha ordenou à sua coluna que avançasse e, minutos mais tarde, não se surpreendeu ao ver o mercador e seus mercenários cavalgando logo atrás, mantendo-se tão próximos da coluna quanto conseguiam seus cavalos cansados. Após um curto espaço de tempo, Arutha dirigiu-se a Amos.

— Quando pararmos, dê a eles cavalos novos de reserva — gritou. — Não quero deixá-los para trás.

Amos sorriu.

— Estão quase assustados o bastante para se portarem bem. Agora vamos deixá-los um pouco mais para trás, pois, assim que nos alcançarem outra vez, vão se revelar rapazes espertos e colaboradores.

Arutha balançou a cabeça. Mesmo naquela cavalgada infernal, Amos sabia tirar humor da situação.

No sétimo dia, entraram na Floresta Profunda.

O som de combate levou Arutha a ordenar uma pausa. Fez um sinal a Galain e a um soldado para que avançassem até o ponto de origem do som. Eles regressaram alguns minutos mais tarde.

— Acabou — revelou o elfo.

Cavalgaram para leste e encontraram soldados do Castelo Alto em uma clareira. O sargento no comando os saudou quando viu Arutha se aproximar.

— Estávamos descansando nossas montarias quando nos atacaram, Alteza. Felizmente, havia outro pelotão a oeste que veio nos acudir.

Arutha olhou para Guy e Galain.

— Raios, como passaram à nossa frente?

— Não passaram — explicou Galain. — Ficaram o verão todo aqui, esperando. — Olhou em volta. — Ali, eu acho. — Guiou Arutha até uma armadilha, que ocultava a entrada de uma cabana baixa, muito bem escondida por espinheiros. Dentro da cabana havia um depósito: cereais, armas, carne seca, selas e outras provisões.

Arutha fez uma inspeção rápida no local.

— Esta campanha já está sendo planejada há muito tempo — disse. — Agora temos certeza de que Sethanon sempre foi o alvo de Murmandamus.

— Mas ainda não sabemos o porquê — observou Guy.

— Bem, temos de seguir em frente sem saber as razões. Peguem tudo o que for útil e destruam o resto.

Voltou-se, então, para o sargento.

— Viu outras companhias?

— Sim, Alteza. De la Troville viu um acampamento mil e quinhentos metros a leste daqui, na noite passada. Encontramos um de seus postos avançados e ele nos ordenou que seguíssemos em frente, para não haver muitos homens juntos em um só local.

— Irmãos das Trevas? — perguntou Guy.

O sargento assentiu com a cabeça.

— Os bosques estão infestados deles, Vossa Graça. Se passarmos logo, pouco nos incomodarão. Se pararmos, temos atiradores escondidos para lidar com eles. Felizmente, via de regra, não aparecem em grupos tão grandes quanto este. Seja como for, talvez seja melhor seguirmos em frente.

— Pegue cinco homens de minha coluna e vá para leste — indicou Arutha. — Quero que todos sejam informados de que devem se manter atentos a esses depósitos de Murmandamus. Acho que vamos encontrá-los bem vigiados, então procure lugares onde os Irmãos das Trevas se oponham à sua passagem. Tudo que possa ajudá-los deve ser destruído. Agora, é melhor prosseguirmos.

Arutha ordenou a mais uma dúzia de homens que cavalgassem meio dia para leste e que depois se virassem para o sul, para que se espalhasse a notícia de que havia esconderijos de armas.

— Vamos seguir em frente — disse para Guy. — Já sinto a vanguarda inimiga em nossos calcanhares.

Du Bas-Tyra assentiu.

— Ainda assim, talvez seja possível atrasá-los um pouco ao longo do caminho — disse.

Arutha olhou em volta.

— Tinha esperança de encontrar um lugar para uma emboscada, ou uma ponte para queimar após nossa passagem, ou ainda um estreitamento no caminho onde pudéssemos derrubar uma árvore. Contudo, não vi um único lugar que servisse.

Amos concordou.

— Esta é a floresta mais estupidamente pacífica que já vi. Uma parada poderia passar por aqui e nenhum homem precisaria se desviar de uma árvore.

— Bem, precisamos nos virar com o que temos — disse Guy. — Vamos embora.

A Floresta Profunda era mais um conjunto de matas interligadas do que propriamente uma floresta única, como Edder ou o Coração Verde. Após os três primeiros dias de viagem, passaram por uma série de campos e depois entraram em um bosque verdadeiramente escuro e agourento. Várias vezes, aguardaram enquanto Galain deixava sinais falsos para confundir os moredhel que os seguiam. O elfo achou que os batedores inimigos poderiam andar por um bom tempo antes de perceberem que tinham sido enganados. Depararam-se por mais três vezes com esconderijos de provisões de Murmandamus. Alguns moredhel e soldados mortos serviam para mostrar onde estavam situados. Passaram as espadas pelo fogo para deformá-las, enquanto as setas e as lanças eram queimadas. As barrigueiras das selas e as rédeas foram cortadas e os cereais espalhados pelo chão ou queimados. Mantas, roupas e até alimentos serviram para alimentar fogueiras.

No final da segunda semana na floresta, sentiram o cheiro de fumaça e tiveram de fugir de um incêndio florestal. O ataque a um dos esconderijos mais importantes de Murmandamus dera origem ao incêndio, que se alastrara pela floresta, seca devido ao verão. Enquanto cavalgavam para longe das labaredas, Amos gritou:

— Isso é o que deveríamos fazer. Esperar que Sua *Bastardeza* Real entre na floresta e colocar fogo em tudo. Ah!

Arutha já perdera seis cavalos quando abandonaram a Floresta Profunda e entraram nas terras cultivadas, mas não perdeu nenhum dos homens, tampouco o

mercador e seus mercenários. Atravessaram mais de trinta quilômetros de plantações e depois acamparam. Após o pôr do sol, surgiu um brilho fraco no horizonte ao sul.

Amos chamou a atenção dos rapazes:

— Sethanon.

Chegaram à cidade e foram detidos à entrada por soldados da guarnição local.

— Queremos falar com quem quer que esteja no comando! — gritou o sargento, com patentes douradas brilhando sobre o tabardo verde e branco de excelente corte do Baronato de Sethanon. — Arutha indicou que ele era o encarregado e o sargento voltou a falar: — Temos recebido constantemente soldados do Castelo Alto na última metade do dia. Eles têm sido acomodados no pátio de armas. O Barão quer falar com quem quer que comande este grupo.

— Diga a ele que irei vê-lo assim que meus homens estiverem acomodados.

— E a quem devo anunciar?

— Arutha de Krondor.

O homem ficou de boca aberta.

— Mas...

— Eu sei, estou morto. De qualquer forma, informe ao Barão Humphry que, dentro de uma hora, estarei em sua torre de vigia. E diga também que estou acompanhado por Guy du Bas-Tyra. Depois, envie um mensageiro ao pátio de armas e descubra se Baldwin de la Troville e Anthony du Masigny estão a salvo lá. Se estiverem, diga a eles que se juntem a mim.

O sargento permaneceu imóvel por alguns momentos, até que fez uma reverência.

— Sim, Alteza.

Arutha indicou à sua coluna para entrar na cidade e, pela primeira vez em meses, viu um cenário normal do Reino, uma cidade ocupada com os negócios dos habitantes, que pensavam usufruir da segurança proporcionada por um monarca benevolente. As ruas estavam apinhadas de gente ocupada com as preocupações do mercado, do comércio e dos festejos. Por todos os lados, Arutha só via banalidades, o esperado, o mundano. Isso tudo mudaria tão rápido!

Arutha ordenou que fechassem os portões. Durante a última semana, os que haviam optado por se arriscar e fugir para o sul tinham sido autorizados a partir.

Agora, era hora de selar a cidade. Foram enviadas mais mensagens, através de pombos e cavaleiros, para as guarnições de Cruz de Malac, Silden e Charco Negro, para o caso de as mensagens anteriores não terem chegado às mãos dos comandantes. Fora feito tudo o que era possível; só lhes restava esperar.

Os batedores enviados para o norte relataram que o exército de Murmandamus já dominava por completo a Floresta Profunda. Todas as fazendas entre as matas e a cidade tinham sido evacuadas e todos os habitantes levados para dentro das muralhas. O Príncipe instruíra todos seguirem fielmente o plano. Todos os alimentos foram levados para Sethanon, mas, quando o tempo se esgotou, ordenou que incendiassem as fazendas. As colheitas que ainda não tinham sido recolhidas foram incendiadas, as hortas com vegetais por colher foram escavadas ou envenenadas, e os rebanhos muito distantes para serem levados para a cidade foram dispersados para o sul e o leste. Não foi deixado para trás nada que pudesse ajudar as tropas que avançavam. Os relatos dos soldados que chegaram a Sethanon indicavam que pelo menos trinta dos esconderijos de Murmandamus tinham sido descobertos e pilhados ou destruídos. Arutha não se deixava iludir. Na melhor das hipóteses, teria dado um susto nos invasores, mas nada de estragos reais, apenas um pequeno percalço.

Arutha se reuniu com Amos, Guy, os oficiais do Castelo Alto e o Barão Humphry, que sentou-se com sua armadura — desconfortável, pois se tratava de um equipamento de mau gosto e cheio de arabescos, concebido para ostentar e não para combater —, e seu elmo dourado e emplumado à sua frente. Aceitou prontamente que seria Arutha a liderar as tropas, pois, dada sua localização, a guarnição de Sethanon não tinha verdadeiros comandantes de campo de batalha. Arutha dispôs Guy, Amos, de la Troville e du Masigny em posições-chave. Sentaram-se para rever a disposição das tropas e das provisões. O Príncipe terminou o encontro com a leitura da lista e depois se dirigiu a eles:

— Em circunstâncias normais, poderíamos bloquear um exército da dimensão do de Murmandamus durante praticamente dois meses. Depois do que vimos em Armengar e no Castelo Alto, porém, sabemos que as circunstâncias serão tudo menos normais. Murmandamus tem de tomar a cidade no prazo de duas semanas, três no máximo; caso contrário, poderá ter de enfrentar o frio prematuramente. O tempo chuvoso do outono está começando, o que atrasaria seus ataques, e, assim que chegasse o inverno, teria às suas ordens um exército passando fome. Não, ele precisa entrar logo em Sethanon e nos impedir de consumir ou destruir nossas provisões. Se as melhores expectativas se confirmarem, Martin deve estar agora deixando os contrafortes das Montanhas

Calastius, atrás do Vale do Falcão, com o exército de Yabon, isto é, mais de seis mil soldados. Mas estará a pelo menos duas semanas de distância ou talvez até a quatro. Se for mais ainda, qualquer que seja a ajuda não chegará a tempo. — Levantou-se. — Cavalheiros, tudo o que nos resta agora é aguardar que o inimigo chegue. Sugiro que descansemos e oremos.

Arutha saiu da sala de reuniões. Guy e Amos o seguiram. Todos pararam, como se pensassem no que já tinham passado para chegarem até ali, e depois cada um seguiu seu caminho para aguardar a chegada dos invasores.

18

Para casa

Percorreram o Corredor.

Parecia um caminho em linha reta, uma estrada de um branco amarelado com portas prateadas reluzentes a intervalos de cerca de quinze metros. Macros girou o braço.

— Vocês caminham no cerne de um mistério ao encontro da Cidade da Eternidade, o Átrio dos Mundos. Aqui, podem caminhar de mundo para mundo, se souberem o caminho. — Apontou para um retângulo prateado. — Um portal que dá acesso a um mundo e do mesmo para cá. Apenas alguns eleitos entre as massas conseguem vislumbrá-los. Alguns obtêm o dom através dos estudos, outros tropeçam nele por acaso. Alterando seus sentidos, podem vê-los onde quer que estejam. Aqui — acenou para uma porta enquanto a transpunham — fica um mundo extinto que circula ao redor de um sol esquecido. — Então apontou para a porta do outro lado do Corredor. — Mas aqui há um mundo fervilhando de vida, uma miscelânea de culturas e de sociedades, mas com apenas uma raça inteligente. — Parou por alguns instantes. — Ou, ao menos, é o que serão na nossa época. — Prosseguiu a caminhada. — No presente, espero encontrar estas portas vazias, apenas com redemoinhos de gases quentes levemente mais densos do que nada. No futuro, existirá toda uma sociedade que viajará pelo Corredor, fazendo comércio entre mundos, embora haja mundos cujas populações não fazem ideia da existência deste lugar.

— Não sabia nada sobre a existência disto aqui — reconheceu Pug.

— Os valheru têm outras formas de viajar — explicou Macros, inclinando a cabeça na direção de Ryath. — Como nunca tiveram necessidade disso, nunca pararam para apreender a existência do Corredor, mas sem dúvida teriam capacidade para tal. Sorte? Não faço ideia, mas foi evitada muita destruição pelo fato de terem permanecido na ignorância.

— Até onde vai o Corredor? — perguntou Pug.

— Não tem fim. Ninguém sabe. O Corredor parece reto, mas tem curvas, e, se eu percorrer uma curta distância, desapareço de vista. As distâncias e o tempo têm pouco significado entre os mundos.

E ele os conduziu pelo Corredor.

Seguindo as instruções de Macros, Pug conseguira fazê-los avançar no tempo até onde o feiticeiro acreditava ser sua própria era. Depois de terem acelerado a armadilha do tempo do Senhor dos Dragões, Pug não teve dificuldade em seguir as instruções de Macros. O modo de funcionamento dos encantamentos utilizados não passava de uma extensão do que Pug havia utilizado para acelerar a armadilha. A Pug só restava tentar adivinhar se teria decorrido o tempo suficiente, mas Macros assegurou que, quando começassem a se aproximar de Midkemia, ele saberia os ajustes que deveria fazer.

Continuaram caminhando e Pug observou atentamente cada uma das portas que viram. Depois de algum tempo, descobriu que havia uma ligeira diferença entre cada porta, uma leve singularidade espectral no brilho de cada luz prateada, que fornecia a pista sobre o mundo a que cada uma delas dava acesso.

— Macros, o que aconteceria se alguém tivesse de sair por entre as portas? — questionou Pug.

— Suspeito que morreria logo, se não estivesse preparado para isso — respondeu o feiticeiro. — Flutuaria no portal-espaço sem usufruir da capacidade da Ryath para navegar.

Ele se deteve diante de uma porta.

— Este é um atalho obrigatório, através de um planeta, que reduzirá pela metade a duração da nossa viagem pelo tempo até Midkemia. A distância entre este portal e o seguinte é de menos de cem metros, mas fiquem avisados: a atmosfera deste mundo é mortífera. Prendam a respiração, pois aqui a magia de nada vale e não poderão se proteger com artes mágicas. — Respirou profundamente por algum tempo e, depois de inspirar uma grande quantidade de ar, apressou-se a entrar pela porta.

Tomas foi em seguida, e depois Pug e Ryath. Pug estreitou os olhos e quase espirrou quando gases ardentes atacaram seus olhos e uma força súbita e inesperada pareceu puxá-lo para baixo. Estavam correndo através de uma planície árida cheia de rochas púrpura e vermelhas, enquanto acima, em céus cor de laranja, o ar pairava pesado em uma névoa cinzenta. A terra tremeu e nuvens gigantes de fumaça e gases negros foram cuspidas na direção do céu por

montanhas que se esvaíam, refletindo uma luz laranja vinda dos vulcões. A matéria do mundo fluía pelas vertentes desses cumes e o ar pairava pesado com um calor opressivo. Macros apontou e eles correram na direção da face de uma rocha, que os fez regressar ao Corredor.

Macros se manteve em silêncio durante horas, perdido em pensamentos. Encostou-se um pouco, abandonando seus devaneios, quando parou diante de um portal.

— Temos de cortar caminho por este mundo. Deve ser agradável.

Conduziu os três por uma porta até uma bela clareira rodeada de árvores. Através delas, ouviam o bater das ondas nas rochas e sentiam o cheiro intenso do mar salgado. Macros levou-os até uma falésia de onde se tinha uma magnífica vista do mar.

Pug observou atentamente as árvores e achou-as parecidas com as existentes em Midkemia.

— Este lugar é muito parecido com Crydee.

— É mais quente — salientou Macros, inalando a fragrância do mar. — É um mundo belíssimo, mas ninguém vive aqui. — E prosseguiu, com um olhar triste: — Talvez algum dia eu venha para cá. — Afastou aquele estado de espírito reflexivo. — Pug, estamos próximos de nossa era, mas ainda ligeiramente defasados. — Olhou ao redor. — Penso que estamos a mais ou menos um ano antes de seu nascimento. Precisamos de um pequeno impulso de aceleração temporal.

Pug cerrou os olhos e começou a proferir um demorado encantamento, que não teve efeitos visíveis, a não ser pelo fato de as sombras terem começado a se mover mais depressa sobre o solo, conforme o sol aumentava a velocidade de seu movimento no céu. Assim que a noite caiu, logo se viram mergulhados na escuridão, e depois seguiu-se o amanhecer. O ritmo da passagem do tempo foi incrementado à medida que dia e noite oscilavam, e depois tudo se turvou em uma estranha luz cinzenta.

Pug parou.

— Devemos esperar — alertou. Todos se instalaram, apreendendo pela primeira vez o encanto do mundo que os rodeava. A beleza mundana providenciava um ponto de referência que servia para mensurar todos os lugares desconhecidos e maravilhosos que já haviam visitado. Tomas pareceu profundamente preocupado.

— Tudo aquilo que já testemunhei me faz pensar no tamanho daquilo que estamos enfrentando. — Manteve-se em silêncio por algum tempo. — Os universos são... coisas tão imensas e imponderáveis. — Olhou com atenção para Macros. — Que destino terá este universo se um pequeno planeta sucumbir aos valheru? Meus irmãos já não foram os governantes de lá?

Macros observou Tomas com uma expressão de grande preocupação.

— É verdade, mas vocês se tornaram mais terríveis e mais cínicos. Nada disso serve para nós. — Fitou Tomas com frieza, vendo a profunda dúvida nos olhos do valheru transformado em humano. Até que assentiu e retomou a palavra: — A natureza do universo foi alterada após as Guerras do Caos; a chegada dos deuses proclamou uma nova disposição das coisas, um sistema complexo e ordenado onde antes existiam apenas as regras primitivas do Caos e da Ordem. Os valheru não têm lugar no atual esquema. Teria sido mais fácil fazer Ashen-Shugar viajar adiante no tempo do que empreender o que foi necessário. Eu precisei do poder dele, mas também precisei de uma mente superior a esse poder para servir à nossa causa. Sem a ligação temporal entre ele e Tomas, Ashen-Shugar teria sido igual a seus irmãos. Mesmo com essa ligação, Ashen-Shugar viveu fora do alcance do controle de quem quer que fosse.

Tomas recordou.

— Ninguém consegue imaginar a profundidade da loucura que combati durante a guerra com os tsurani. Foi uma coisa parecida. — Sua voz permaneceu calma, mas uma nota de dor era visível. — Eu me tornei um assassino. Chacinei indefesos. Fiquei tão cruel que Martin quase me matou. — Depois acrescentou: — Naquela época, só tinha um décimo de minha força. No dia em que recuperei minha... sanidade, Martin poderia ter cravado sua enorme flecha em meu coração. — Apontou para uma rocha a poucos metros de distância e, com a mão, simulou o gesto de agarrar. A rocha se desfez em pó, como se Tomas a tivesse esmagado. — Se naquela época eu tivesse o poder que tenho hoje, teria matado Martin antes de ele lançar a flecha... se essa fosse minha vontade.

Macros assentiu.

— Você consegue ver quais eram os riscos, Pug. Um único valheru representaria um perigo tão grande quanto a Tropa dos Dragões; seria um poder sem limitações no cosmos. — Seu tom não denotava confiança. — Não haveria um único ser, exceto os deuses, que pudesse enfrentá-lo. — Macros sorriu ligeiramente. — A não ser eu, claro, mas, mesmo com todos os meus poderes, só conseguiria sobreviver a uma batalha, e não derrotá-lo. Sem meus poderes... — Deixou o resto por dizer.

— Então — inquiriu Pug —, por que os deuses não agiram?

Macros riu com amargura e com um gesto abarcou os quatro.

— Eles estão agindo. O que acha que *estamos* fazendo aqui? *Este* é o jogo. E nós somos os peões.

Pug fechou os olhos e, de repente, a estranha luz cinzenta foi substituída pela luz normal do dia.

— Acho que estamos de volta.

Macros esticou o braço e agarrou a mão de Pug, cerrando os olhos ao sentir o fluxo do tempo passando pelos sentidos do feiticeiro mais jovem. Depois, dirigiu-lhe a palavra:

— Pug, estamos suficientemente próximos de Midkemia para que você possa enviar mensagens para casa. Sugiro que tente. — Pug havia falado a Macros da criança e de suas tentativas fracassadas de contatá-la.

Pug fechou os olhos e tentou se comunicar com Gamina.

Katala levantou os olhos de seu bordado. Gamina sentou-se com o olhar fixo, como se observasse algo ao longe. Então sua cabeça se inclinou, como se estivesse ouvindo algo. William estava lendo um volume velho e empoeirado que Kulgan lhe oferecera, mas o colocou de lado para olhar fixamente para sua irmã de criação.

— Mãe — disse o rapaz em voz baixa.

— O que é, William? — disse tranquilamente Katala, enquanto colocava o bordado de lado.

O rapaz fitou a mãe de olhos arregalados.

— É o papai — murmurou.

Katala ajoelhou-se ao lado do filho e colocou um braço sobre seus ombros.

— O que tem seu pai?

— Está falando com a Gamina.

Katala olhou com atenção para a menina, que estava sentada em transe, alheia a tudo que a rodeava. Katala ergueu-se lentamente e, dirigiu-se à porta que dava para a sala de jantar, abrindo-a com muito cuidado, e depois a cruzou apressada.

Kulgan e Elgahar estavam sentados em frente a um tabuleiro de xadrez, enquanto Hochopepa observava, dando conselhos não solicitados a ambos os jogadores. O cômodo estava cheio de fumaça, pois os dois magos atarracados fumavam enormes cachimbos após o jantar, deleitando-se com eles e ignorando o efeito que causavam nos demais. Meecham estava sentado ao lado, amolando

sua faca de caça em uma pedra de afiar.

— Todos você, venham — disse Katala ao escancarar a porta.

Seu tom de voz e a ansiedade revelada fizeram com que ninguém a questionasse quando a seguiram pelo corredor, para o local onde William observava Gamina.

Katala se ajoelhou em frente à menina e passou devagar a mão diante de seus olhos vítreos. Gamina não reagiu. Estava em uma espécie de transe.

— O que é isso? — sussurrou Kulgan.

— William disse que ela está falando com o pai — respondeu Katala, também sussurrando.

Elgahar, o mago do Caminho Superior, normalmente reservado, passou por Kulgan.

— Talvez eu possa aprender algo. — Atravessou o quarto para se ajoelhar em frente a William. — Você pode fazer uma coisa comigo? — William encolheu os ombros, de modo evasivo. — Sei que, às vezes, você consegue escutar Gamina, assim como ela o escuta quando fala com os animais — disse o mago. — Pode me deixar ouvir o que ela diz?

— Como? — indagou William.

— Tenho estudado o modo como Gamina faz as coisas que faz e acho que sou capaz de fazer o mesmo. Não há nenhum risco — garantiu, olhando para Katala.

Katala assentiu.

— Claro, não há problema — disse William.

Elgahar fechou os olhos e pousou a mão sobre o ombro de William. Ao fim de um minuto, falou:

— Só consigo ouvir... um ruído. — Abriu os olhos. — Ela está falando com alguém. Penso que é Milamber — declarou, recorrendo ao nome tsurani de Pug.

— Quem me dera Dominic não tivesse voltado à sua abadia — disse Hochopepa. — Ele poderia ser capaz de escutar.

Kulgan levantou a mão, pedindo silêncio. A garota soltou um longo suspiro e cerrou os olhos. Katala estendeu a mão em sua direção, com medo de que pudesse desmaiar, mas em vez disso a menina arregalou os olhos e, em seguida, exibiu um largo sorriso, antes de se levantar com um salto.

Gamina praticamente dançou em volta da sala, com movimentos absurdamente eufóricos, enquanto gritava em pensamento:

Era o papai! Ele falou comigo! Vai voltar para casa!

Katala colocou a mão no ombro da garota.

— Com jeitinho, filha — aconselhou. — Agora, pare de pular e nos explique o que você disse, e fale, Gamina, fale.

Pela primeira vez na vida, a menina falou sem ser por sussurros, com guinchos de excitação entrecortados por risos:

— Falei com papai. Ele me chamou de algum lugar!

— De onde? — quis saber Kulgan.

A criança fez uma pausa em sua dança entusiasmada e inclinou a cabeça, como se estivesse pensando.

— Era... algum lugar. Tinha uma praia e era bonito. Não sei. Não explicou onde era. Era um lugar qualquer. — Outra vez começou a pular e a empurrar a perna de Kulgan. — Temos de ir!

— Para onde?

— Papai quer que nos encontremos com ele. Em um lugar.

— Que lugar, pequenina? — perguntou Katala.

Gamina deu um saltinho.

— Sethanon.

— É uma cidade perto da Floresta Profunda, no centro do Reino — explicou Meecham.

Kulgan lançou um olhar sombrio para ele.

— Nós sabemos.

Impassível, o homem livre apontou para os dois magos tsurani.

— Eles não sabem... Mestre Kulgan. — As sobrancelhas cerradas de Kulgan uniram-se sobre a ponte do nariz enquanto ele pigarreava, um sinal de que seu velho amigo tinha razão. Seria o único sinal que Meecham obteria.

Katala tentou aquietar a menina.

— Vamos com calma. Quem deve ir ter com Pug em Sethanon?

— Todos. Ele quer todos lá. Agora.

— Por quê? — perguntou William, sentindo-se de lado.

De repente, o estado de espírito da garota se alterou e ela se acalmou. Arregalou os olhos.

— A coisa má, Tio Kulgan. A coisa má da visão do Rogen! Está lá! — informou e agarrou-se à perna de Kulgan.

O mago olhou para os outros presentes na sala.

— O Inimigo? — disse Hochopepa.

Kulgan assentiu e abraçou a criança.

— Quando, filha?

— Agora, Kulgan. Ele diz que temos de partir já.

Katala dirigiu-se a Meecham:

— Espalhe a notícia na comunidade. Todos os magos devem se preparar para viajar. Temos de partir para Landreth. Lá, arranjaremos cavalos e cavalgaremos para o norte.

— Nenhuma filha de um mago dependeria de um meio de transporte tão comum — afirmou Kulgan. Mostrava-se descontraído, tentando desfazer a tensão. — Pug deveria ter casado com uma maga.

Katala estreitou os olhos, pois não estava com disposição para brincadeiras.

— Qual é sua proposta?

— Posso recorrer à minha viagem por linha de visão para, por saltos, me deslocar e a Hocho para outras localizações, até cinco quilômetros ou mais. Levará algum tempo, mas é muito mais rápido do que ir a cavalo. No final, podemos criar um portal, ao lado de Sethanon, e vocês e os outros poderão atravessá-lo daqui. — Virou-se para Elgahar. — Isso dará tempo para vocês todos se prepararem.

— Também vou — anunciou Meecham —, caso saltem para um acampamento de criminosos ou caiam no meio de algum outro problema.

— Papai disse para levar os outros — lembrou Gamina.

— Quem? — perguntou Hochopepa, colocando a mão no delicado ombro da criança.

— Os outros magos, Tio Hocho.

— A Assembleia — disse Elgahar. — Ele não pediria tal coisa se o Inimigo não estivesse efetivamente sobre nós.

— E o exército.

Kulgan olhou para baixo, para o pequeno rosto.

— O exército? Que exército?

— Apenas o exército! — A menina parecia ter esgotado sua paciência de jovem, levando seus pequenos punhos aos quadris.

— Enviaremos uma mensagem para a guarnição de Landreth e outra para Shamata. — Olhou para Katala. — Considerando seu título de Princesa da Casa Real por casamento, talvez tenha chegado a hora de desencantar aquele selo real que perde com tanta frequência. Precisaremos dele para selar as mensagens.

Katala assentiu. Abraçou Gamina, que estava se acalmando.

— Fique aqui com seu irmão — disse a ela, e depois se apressou a sair da sala.

Kulgan fitou seus colegas tsurani.

— Finalmente — disse Hochopepa — as Trevas estão vindo.

Kulgan assentiu.

— Para Sethanon.

Pug abriu os olhos. Sentiu-se cansado outra vez, mas nada tão intenso como da primeira vez em que falara com a menina. Tomas, Macros e Ryath observaram o jovem feiticeiro e aguardaram.

— Acho que falei o suficiente para que ela possa dar instruções aos outros.

Macros, satisfeito, assentiu.

— A Assembleia pouco pode fazer diante dos Senhores dos Dragões, se eles conseguiram passar para o espaço-tempo, mas pode ajudar a manter Murmandamus longe; então poderemos pôr a mão na Pedra da Vida antes dele.

— Se chegarem a tempo a Sethanon — comentou Pug. — Não sei se vai dar tempo.

— Isso é um problema — concordou Macros. — Sei que estamos em nossa própria era e a lógica indica que devemos chegar apenas algum tempo depois de você partir pela última vez, para evitar um dos possíveis emaranhados de paradoxos. Mas quanto tempo se passou desde que você partiu? Um mês? Uma semana? Uma hora? Bem, saberemos quando chegarmos lá.

— Se chegarmos a tempo — acrescentou Tomas.

— Ryath — disse Macros —, precisamos viajar um bom tempo até a próxima porta. Neste mundo, não há olhos mortais que possam ver sua transformação. Pode nos transportar?

Sem comentar, a mulher brilhou de forma intensa e retomou sua forma de dragão. Os três montaram e ela ascendeu ao céu.

— Voe para nordeste — gritou Macros, e o dragão se inclinou em curva e seguiu na direção indicada.

Por um momento, mantiveram-se em silêncio enquanto voavam, pois ninguém sentia necessidade de falar. Logo se afastaram das falésias e da praia, por cima de planaltos ondulantes cobertos de algo parecido com carvalhos. Um sol quente incidia desde lá do alto.

Pug ponderou sobre tudo o que Macros dissera na última hora. Lançou rapidamente um encantamento para que pudessem se comunicar sem gritar.

— Macros, você disse que até um único valheru já seria uma força grande demais, se solta no universo. Não creio ter compreendido o que queria dizer.

— Há mais em jogo aqui do que um mundo — Macros explicou e olhou para baixo enquanto voavam velozes sobre um rio que emergia de um desfiladeiro de

enormes dimensões e que corria para o sul para se unir ao mar. — Este belo planeta corre um risco parecido com o de Midkemia, assim como Kelewan e todos os outros mundos, mais cedo ou mais tarde — explicou. — Se os servos dos valheru vencerem esta guerra, seus senhores regressarão e o caos andará outra vez à solta no cosmos. Todos os mundos ficarão à mercê da Tropa dos Dragões e, além disso, eles não encontrarão adversário à altura para enfrentar sua onda cruel de destruição, pois não terão força equivalente. O simples ato de regressarem a este espaço-tempo lhes dará uma fonte de poder mágico até agora inimaginável, uma fonte de poder que fará de um único Senhor dos Dragões motivo para até os deuses sentirem medo.

— Como isso é possível? — Pug perguntou.

Tomas tomou a palavra:

— A Pedra da Vida. Foi deixada no momento da batalha final com os deuses. Se utilizada... — Deixou a frase pairando no ar.

Voavam bem alto sobre as montanhas, adentrando uma terra de lagos, para o norte das planícies ondulantes, enquanto o sol se afundava a oeste. Parecia difícil a Pug encarar conceitos de destruição extrema enquanto sobrevoava aquele mundo magnífico.

— Ryath — chamou Macros, apontando com o dedo —, vá para aquela ilha enorme, com baías gêmeas voltadas para nós.

O dragão desceu e aterrissou no local indicado por Macros. Saltaram das costas dela e esperaram um pouco enquanto se transformava em humana outra vez. Então Macros os guiou na direção de uma enorme rocha saliente ao lado de um conjunto de árvores parecidas com pinheiros. Estavam em frente a mais uma porta sobre um enorme rochedo. Macros a atravessou. Tomas foi em seu encalço, seguido por Pug. Quando Pug voltou ao Corredor, um ser medonho soltou um guincho assustador de ira e atingiu Macros, derrubando-o.

Tomas saltou para a frente, desembainhando sua espada enquanto o sugador de vidas tentava exterminar Macros. Agachou-se quando outro ser medonho, vindo de trás, tentou atacá-lo. Pug foi atirado para o lado por Ryath, que entrava pela porta. Um terceiro ser medonho atirou-se sobre o dragão em forma humana e agarrou-lhe o braço acima do cotovelo. Ryath urrou de dor.

Então Tomas atacou violentamente com sua espada e golpeou o ser medonho que procurava se aproximar de Macros, que soltou um grito desesperado de dor e girou para enfrentar seu oponente. A criatura uivou e exibiu suas garras. Faíscas

douradas saltaram da parte frontal do escudo de Tomas quando ele bloqueou a investida.

Os olhos azuis de Ryath reluziram e ficaram vermelhos de raiva e, de repente, a criatura que segurava seu braço começou a guinchar. Uma fumaça cinzenta e malcheirosa emanou da mão sem vida, que aparentemente não conseguia largar o braço. Os olhos da mulher-dragão continuaram a brilhar e ela ficou imóvel, tremendo apenas um pouco. O ser medonho parecia estar envergonhado, seus gritos sussurrados reduzidos a um frágil som de flauta.

Pug terminou um encantamento e o terceiro ser medonho foi acometido por uma espécie de síncope. Arqueou-se para trás e suas asas negras estremeceram quando caiu sobre o chão de pedra. Então foi levantado no ar com o ligeiro movimento da mão de Pug, o que indicava que estava usando suas artes mágicas na criatura. O mago fez um gesto e o ser medonho foi lançado para um lugar entre mundos, desaparecendo no vazio cinzento.

Tomas golpeou várias vezes o ser medonho que enfrentava, até que este finalmente caiu. A cada vez que a espada dourada colidia com o vazio negro, energias sibilantes faiscavam. A criatura parecia fraca e procurava escapar. Tomas, contudo, cravou sua espada nela, empalando o ser medonho que tentava fugir e mantendo-o imóvel.

Enquanto Pug observava, Ryath e Tomas desfizeram-se dos dois seres medonhos que restavam, de alguma forma esvaziando-os de suas respectivas essências, tal como esses seres sugavam as vidas dos outros.

Pug foi ao encontro de Macros, ainda caído e atordoado. Ajudou o feiticeiro a se levantar.

— Você está ferido? — perguntou.

Macros sacudiu a cabeça para se recompor.

— De maneira nenhuma — esclareceu. — Um mortal pode sentir dificuldades com essas criaturas, mas já lidei com elas antes. O fato de estarem esperando atrás desta porta prova que os valheru temem o tipo de ajuda que podemos levar a Midkemia. Se Murmandamus chegar a Sethanon e encontrar a Pedra da Vida... bem, os seres medonhos serão apenas uma pequena sombra da destruição que será gerada.

— A que distância estamos de Midkemia? — perguntou Tomas.

— Aquela porta — Macros apontou para a que ficava em frente daquela por onde tinham entrado. — Só precisamos atravessá-la para chegarmos em casa.

Entraram em um enorme átrio, frio e vazio. Havia sido construído na base de enormes pedras, encaixadas por mestres artesãos. Havia um trono solitário na parte de trás do átrio, em cima de um dossel, e nas paredes viam-se nichos fundos, parecidos com os utilizados para abrigar estátuas.

Os quatro avançaram.

— Está frio aqui dentro — Pug notou. — Em que parte de Midkemia nós estamos?

Macros parecia se divertir um pouco.

— Estamos na cidade fortaleza de Sar-Sargoth.

Tomas voltou-se furioso para enfrentar o mago.

— Você está louco? Esta é a antiga capital do Murmandamus original. Sei disso graças à sabedoria popular dos moredhel.

— Acalme-se! — aconselhou Macros. — Todos partiram para invadir o Reino. Se houver por aí algum moredhel ou goblin, certamente é um desertor. Não, aqui não nos depararemos com obstáculos. Será em Sethanon que teremos de estar prontos para lidar com o desafio final.

Conduziu os amigos para fora e Pug vacilou. Dispostas uniformemente em fila em todas as direções, havia estacas com três metros de altura. Em cima de cada uma delas, havia uma cabeça humana. Seriam talvez mil cabeças dispostas em fila em cada direção.

— Pelos deuses, como pode existir algo tão diabólico? — murmurou Pug.

— Assim seu conhecimento se completa — respondeu Macros. Fitou seus três companheiros. — Antigamente, Ashen-Shugar encararia isto apenas como uma lição objetiva. — Tomas olhou a toda a volta e, absorto, assentiu. — Tomas, enquanto Ashen-Shugar, consegue se lembrar de uma época em que não havia moral no universo. Não havia noção do certo e do errado, apenas do poder. E, nesse universo, todas as outras raças pensavam de modo parecido, exceto os Aal, que tinham um ponto de vista sobre as coisas que, mesmo pelos padrões da época, era considerado estranho. Murmandamus é uma ferramenta e em tudo se assemelha a seus amos. Outros seres, bem menos diabólicos do que Murmandamus, já fizeram bem pior do que este ato cruel. Mas fizeram com algum conhecimento de seus atos em relação a um princípio moral superior. Os valheru não distinguem o bem do mal; são completamente amorais, mas são tão destrutivos que devemos considerá-los uma espécie de demônio quase supremo. E Murmandamus é seu servo, então também é demoníaco; não passa da sombra mais pálida das trevas que os envolvem. — Macros suspirou. — Pode não passar

de vaidade minha, mas só de pensar em confrontar tal demônio... sinto algum conforto.

Pug inspirou profundamente ao ver com outros olhos o interior da alma atormentada que tentava preservar tudo aquilo de que ele mais gostava.

— Para onde vamos? Sethanon? — indagou, por fim.

— Sim — respondeu Macros. — Temos de descobrir o que está para acontecer, e com alguma sorte poderemos oferecer alguma ajuda. Seja como for, não podemos permitir que Murmandamus coloque suas mãos na Pedra da Vida. Ryath?

O dragão tremeluziu e logo voltou à sua forma verdadeira. Montaram e ela se dirigiu para o céu. Avançando bem acima da Planície de Isbandia, deu a volta. Inclinou-se e voou para sudoeste. Macros lhe pediu que parasse para inspecionar a destruição de Armengar. Ainda havia fumaça preta saindo do abismo onde outrora ficava a fortaleza.

— Que lugar é este? — questionou Pug.

— Antigamente, era conhecido como Sar-Isbandia, mas seu último nome conhecido foi Armengar. Foi construída pelos glamredhel, assim como Sar-Sargoth, muito antes de declinarem ao barbarismo. Ambas foram erigidas para imitar a cidade de Draken-Korin. Eram construções presunçosas, conquistadas à força pelos moredhel, a um preço muito elevado: primeiro Sar-Sargoth, que se tornou a capital de Murmandamus, e depois Sar-Isbandia. Mas Murmandamus foi morto na Batalha de Sar-Isbandia, quando os glamredhel foram supostamente extintos. As duas cidades foram abandonadas pelos moredhel após sua morte. Os moredhel só voltaram recentemente a Sar-Sargoth. Em Armengar, viviam homens.

— Não restou nada — comentou Tomas.

— Aparentemente, a atual encarnação de Murmandamus pagou um preço elevado para invadi-la — concordou Macros. — O povo que vivia aqui era mais resistente e mais esperto do que eu pensava. Talvez o tenham ferido o bastante para que Sethanon ainda resista, pois a esta altura ele já deve ter ultrapassado as montanhas. Ryath! Para o sul, rumo a Sethanon.

19

Sethanon

De repente, a cidade estava sitiada.

Nada acontecera durante uma semana após Arutha ter armado a cidade, mas no oitavo dia, depois do fechamento dos portões, os guardas avistaram o exército de Murmandamus em marcha. Ao meio-dia, a cidade estava cercada por membros da vanguarda de sua cavalaria, e ao cair da noite viam-se fogueiras em todo o horizonte.

Amos, Guy e Arutha, em seu posto de comando sobre a barbacã mais ao sul, na entrada principal da cidade, observavam os invasores.

— Não vai ser nada divertido — avisou Guy. — Vão nos atingir por todos os lados ao mesmo tempo. Estas muralhas minúsculas e insignificantes não vão detê-los. Se não pensarmos em nada para retardá-los, estarão dentro da cidade após a primeira ou segunda investida.

— As barreiras defensivas que erguemos vão ajudar, mas apenas um pouco. Dependemos dos homens — declarou Arutha.

— Bem, aqueles que trouxemos para o sul conosco são uma tropa resistente — observou Amos. — E talvez estes soldados de desfiles daqui consigam obter algum resultado.

— Foi por isso que espalhei os homens do Castelo Alto pela guarnição da cidade. Talvez façam diferença. — Arutha não soou muito esperançoso.

Guy balançou a cabeça e depois a apoiou no braço, encostado à parede.

— Mil e duzentos homens cercados, com alguns feridos que ainda se aguentam em pé e que regressaram ao serviço. Três mil da guarnição, algumas patrulhas locais e vigias da cidade... a maior parte dos quais nunca presenciou nada mais excitante do que uma briga de taverna. Se sete mil armengarianos não se defenderam protegidos por muralhas com dezoito metros de altura, o que estes serão capazes de fazer?

— Aquilo que for necessário? — disse Arutha. E não tornou a falar depois de

voltar sua atenção para as fogueiras espalhadas pela planície.

A noite do dia seguinte chegou com o exército de Murmandamus ainda estacionado. Jimmy sentou-se com Locklear em cima de um fardo de feno ao lado de uma catapulta. Eles e os escudeiros da corte de Lorde Humphry tinham andado carregando baldes de areia e água para os aparelhos de cerco dispostos ao longo das muralhas, para o caso de ser necessário apagar algum incêndio. Estavam todos cansados.

Locklear observou o mar de tochas e fogueiras do lado de fora da muralha.

— De certa maneira, parecem mais do que em Armengar. Até parece que nem lhes causamos dano.

Jimmy assentiu.

— Nós os ferimos. Só que agora eles estão mais próximos, é só isso. Ouvi du Bas-Tyra dizer que avançarão com fúria. — Calou-se por um instante. — Locky, você não disse nada sobre Bronwynn — acabou falando.

Locklear observou as fogueiras na planície.

— O que tenho para dizer? Ela morreu e eu chorei por ela. Ficou para trás. Não vale a pena mexer no assunto. Daqui a alguns dias eu também posso estar morto.

Jimmy suspirou ao se recostar na parede interior, dando sobre a ameia uma rápida espiada nas tropas ao redor da cidade. O amigo havia perdido parte de sua alegria, de sua juventude e inocência, e Jimmy lamentava aquela perda. E pensou se alguma vez tivera alegria e inocência dentro de si mesmo.

Ao amanhecer, os defensores estavam prontos para repelir os atacantes quando estes investissem. Mas, assim como em Armengar, Murmandamus se aproximou da cidade. Fileiras de soldados marcharam em frente, transportando os estandartes de suas confederações e clãs, e depois abriram alas para o comandante supremo avançar. Ele cavalgava um enorme garanhão negro, igual em beleza ao corcel branco que montara da última vez. O elmo era prateado com enfeites pretos e Murmandamus empunhava uma espada negra. Havia pouco em sua aparência que transmitisse paz, contudo, suas palavras eram suaves. Transportadas pela magia de Murmandamus, chegaram aos ouvidos de todos:

— Ó meus filhos, apesar de alguns de vocês já terem se oposto a mim, ainda assim estou disposto a perdoá-los. Abram seus portões e prometo solenemente a

vocês que aquele que desejar poderá partir, sem problemas nem tormentos. Levem o que desejarem, comida, gado, coisas de valor, que não os impedirei. — Acenou para trás e uma dúzia de guerreiros moredhel avançou para se colocar atrás dele. — Até ofereço reféns a vocês. Estes são meus chefes de clã mais leais. Cavalgarão desarmados e sem armaduras com vocês até estarem a salvo dentro das muralhas de qualquer outra cidade que tiverem escolhido. Só peço isto a vocês: devem abrir seus portões para mim. Sethanon deve ser minha!

Sobre as muralhas, os comandantes observavam a cena.

— O real amante de porcos certamente está ansioso para entrar na cidade — resmungou Amos. — Maldito seja eu, que quase acreditei nele. Quase achei que podíamos todos pegar nossos cavalos e partir, se lhe entregássemos este maldito lugar.

Arutha fitou Guy.

— Eu também me senti tentado a acreditar. Nunca ouvi falar de um Irmão das Trevas que oferecesse reféns.

Guy passou a mão pelo rosto, onde uma expressão de preocupação e cansaço era visível, uma fadiga gerada pelo longo sofrimento e não apenas pela falta de sono.

— Há algo aqui que ele deseja profundamente.

— Alteza, é possível negociarmos com a criatura? — perguntou Lorde Humphry.

— A cidade é sua, milorde, mas se trata do Reino de meu irmão. Estou certo de que ele não ficará muito satisfeito se começarmos a abdicar de uma porção de suas terras. Não, não negociaremos com ele. Por mais sedutoras que possam ser suas palavras, nada me leva a crer que ele honrará suas promessas. Acho que sacrificaria aqueles chefes de clã sem pensar duas vezes. Ele nunca se preocupou com baixas. Acho até que aprecia o sangue e a carnificina. Não, Guy tem razão. Ele apenas quer entrar aqui o mais rápido possível. Eu estaria disposto a abdicar de um ano de tributos para saber o que ele procura.

— E não acho que aqueles chefes estão lá muito satisfeitos com a oferta — disse Amos. Vários líderes moredhel conversavam uns com os outros com ar preocupado às costas de Murmandamus. — Acho que as coisas entre os Irmãos das Trevas estão cada vez menos harmoniosas.

— Esperemos que sim — disse Guy secamente.

O cavalo de Murmandamus girou e se mexeu, nervoso.

— Qual é a resposta de vocês? — gritou Murmandamus.

Arutha subiu em uma caixa, para que o vissem melhor por sobre a muralha.

— Eu digo que é melhor que volte para o norte — gritou. — Você invadiu terras que não lhe dizem respeito. Neste exato momento, há exércitos em marcha para enfrentá-lo. Volte ao norte antes que as passagens estejam obstruídas pela neve e você sofra uma morte gelada e solitária, longe de seu lar.

Murmandamus elevou a voz:

— Quem fala pela cidade?

Seguiu-se um momento de silêncio, até Arutha responder aos gritos:

— Eu, Arutha conDoin, Príncipe de Krondor, herdeiro do trono de Rillanon. — E depois acrescentou um título que oficialmente não lhe pertencia: — Senhor do Ocidente.

Murmandamus soltou um grito desumano de ira e algo mais, talvez medo. Jimmy deu uma cotovelada em Amos.

— Aquilo o desconcertou — disse o ex-ladrão. — Sem dúvida, ele não achou graça.

Amos se limitou a sorrir e a dar um tapinha no ombro do jovem. Por entre as fileiras do exército de Murmandamus, notou-se o irromper de um burburinho.

— Parece que o exército dele também não achou graça — destacou Amos. — Profecias que se revelam falsas podem desanimar um povo supersticioso como esse.

— Mentiroso! Falso Príncipe! — berrou Murmandamus. — Todos sabem que o Príncipe de Krondor foi assassinado! Por que está mentindo? Qual é o seu propósito?

Arutha se colocou em uma posição ainda mais elevada, para que suas feições fossem perfeitamente visíveis. Os chefes de clã começaram a andar de um lado para outro, em círculos, discutindo acaloradamente. O Príncipe pegou o talismã que lhe fora oferecido pelo Abade de Sarth e o exibiu.

— Este talismã me protege de sua magia. — Entregou-o a Jimmy, que estava mais abaixo. — Agora você sabe a verdade.

O eterno companheiro de Murmandamus, o sacerdote serpente pantathiano Cathos, avançou, desajeitado. Puxou os estribos da sela de seu senhor, apontando na direção de Arutha e falando furiosamente na língua sibilante de seu povo. Com um grito agudo carregado de raiva, Murmandamus o chutou, derrubando-o.

Amos cuspiu por cima do muro.

— Acho que aquilo os convenceu.

Os chefes de clã, com ar zangado, avançaram em grupo na direção de Murmandamus. Ele pareceu perceber que estava perdendo as rédeas da situação. Fez seu cavalo girar sobre si mesmo, fazendo os cascos pisarem na cabeça do

sacerdote caído e inconsciente. Murmandamus ignorou seu aliado tombado e os chefes que se aproximavam.

— Sendo assim, inimigo louco — gritou ele para a muralha —, a morte desabará sobre vocês! — Rodou o cavalo para encarar seu exército e apontou para trás, na direção da cidade. — Atacar!

O exército estava pronto para atacar e avançou. Os chefes de clã não conseguiram contrariar a ordem. A única coisa que lhes restou foi montar nos cavalos e cavalgar imediatamente para assumirem o comando dos respectivos clãs. Devagar, os cavaleiros da retaguarda e os membros da infantaria avançaram, preparados para investir contra os portões.

Murmandamus cavalgou para sua posição de comando enquanto a primeira fileira de goblins passava sobre o corpo do sacerdote serpente. Não deu para perceber se o pantathiano morreu ou não por causa do pisoteio do cavalo, mas, assim que a última fileira passou sobre ele, só se viu uma carcaça ensanguentada dentro da túnica.

Arutha levantou a mão e a manteve estendida, deixando-a cair quando a primeira fileira entrou no raio de alcance das catapultas.

— Aqui — disse Jimmy, devolvendo o talismã. — Pode ser útil.

Uma série de projéteis atingiu as tropas em movimento; elas hesitaram, mas depois seguiram em frente. Não demorou e logo estavam correndo na direção das muralhas, enquanto arqueiros lançavam uma barragem de cobertura de trás das paredes de escudos. Então a primeira fileira chegou às valas ocultas por lonas e lama e caiu sobre estacas enterradas e endurecidas pelo fogo. Outros atiraram escudos sobre os camaradas que se contorciam de dor e correram por cima de seus corpos empalados. A segunda e a terceira fileiras foram dizimadas, mas outras avançaram e encostaram escadas nas muralhas, e assim se iniciou a batalha por Sethanon.

A primeira fileira invadiu as escadas e foi recebida pelos defensores com fogo e aço. Os homens do Castelo Alto assumiram o comando e deram o exemplo, o que impediu que os inexperientes defensores da cidade fossem dizimados. Amos, de la Troville, du Masigny e Guy funcionaram como uma garantia de segurança na defesa da cidade, aparecendo sempre onde eram necessários.

Por quase uma hora, a batalha pareceu equilibrada no fio de uma navalha e os atacantes eram empurrados para trás assim que colocavam o pé nas ameias. Mas, assim que uma investida era repelida, outra era prontamente lançada a partir de

outro quadrante, e logo se tornou claro que tudo dependeria de um golpe de sorte, pois as forças rivais se mostravam equilibradas.

Um aríete gigante, construído nas clareiras sinistras da Floresta Profunda, foi empurrado para a frente, em direção ao portão sul da cidade. Sem um fosso, apenas as armadilhas e as valas detinham seu avanço, e elas logo foram tapadas com tábuas de madeira estendidas sobre os corpos dos mortos. Tratava-se de um tronco de árvore, sem dúvida com no mínimo três metros de diâmetro. Girava sobre seis rodas gigantes e era puxado por uma dúzia de cavalos. Uma dúzia de gigantes o empurrava pela parte de trás, recorrendo a varas compridas. O aparelho ganhou velocidade conforme ribombava em direção ao portão. Os cavalos não demoraram a galopar e os cavaleiros saíram da formação, desviando-se da chuva de flechas que receberam como resposta. Os lentos gigantes foram substituídos por goblins ágeis, cuja tarefa principal era manter o aparelho na rota e em movimento. Ele rodou em direção aos portões exteriores da barbacã e não havia nada que os defensores pudessem fazer para detê-lo.

Colidiu com os portões em um estrondo; pedaços de madeira e o rangido das dobradiças metálicas arrancadas das muralhas anunciaram uma brecha nas defesas da cidade. Os portões se escancararam para a barbacã, torcendo-se ao tombarem sob as rodas do aríete. A ponta dianteira se elevou ao passar por cima dos portões caídos, e o impulso fez com que se erguesse quando colidiu com a parede do lado direito da barbacã. De repente, os invasores passaram a dispor de uma entrada livre para a cidade. Uma multidão de goblins passou por cima do aríete instável e dos portões derrubados, assumindo o controle do topo da barbacã. Bruscamente, o equilíbrio se desfez.

Os defensores se viram obrigados a recuar no topo da barbacã. Os invasores alcançaram um ponto sobre o portão interno enquanto mais goblins e moredhel corriam aos montes sobre as rampas improvisadas. Arutha mandou a companhia de reserva avançar. Ela se apressou em direção ao local, no pátio onde os primeiros goblins estavam entrando, em frente à enorme tranca que mantinha os portões interiores no lugar. Os combates diante dos portões foram cruéis, mas os arqueiros goblins não demoraram a repelir os defensores, apesar de estarem sob ataque inimigo vindo de outros setores da muralha. A tranca estava sendo içada enquanto guinchos e gritos eram ouvidos vindos do exterior. O ritmo da luta diminuiu, pois os envolvidos pressentiram que algo estranho estava acontecendo. Então todos os olhares se voltaram para o céu.

Era possível ver um dragão descendo, com as escamas brilhando ao sol. Em suas costas era possível distinguir três vultos. O animal gigantesco lançou um

ataque súbito acompanhado por um rugido espantoso, precipitando-se sobre os invasores que estavam em frente dos portões e provocando a fuga dos goblins.

Ryath abriu as asas e investiu em um voo rasante sobre as cabeças dos atacantes, enquanto Tomas brandia sua espada no ar. Ela soltou seu grito de guerra e os goblins abaixo se dispersaram.

Tomas olhou ao redor, à procura de sinais que indicassem a presença de Murmandamus, mas não viu nada além de um mar de cavaleiros e de soldados de infantaria fluindo de todas as direções. Então começaram a ser alvo de uma saraivada de flechas. A maior parte delas era inofensiva e ricocheteava nas escamas do dragão, mas o Príncipe Consorte de Elvandar sabia que um disparo preciso poderia atingir um ponto entre as escamas sobrepostas ou um olho, ferindo a criatura. Ordenou a Ryath que entrasse na cidade.

O dragão aterrissou no mercado, um pouco distante do portão, mas Arutha já corria em sua direção, seguido de perto por Galain. Pug e Tomas saltaram rapidamente, mas Macros levou algum tempo para fazer o mesmo.

Arutha apertou a mão de Pug.

— É bom vê-lo de novo, e com uma entrada tão triunfal.

— Viemos o mais rápido que pudemos, mas tivemos alguns contratempos pelo caminho — explicou Pug.

Tomas foi saudado por Galain, e depois foi a vez de Arutha apertar sua mão, ambos visivelmente satisfeitos por se reencontrarem vivos. Arutha voltou, então, sua atenção para Macros.

— Então você não morreu?

— Aparentemente, não — respondeu Macros. — É um prazer vê-lo outra vez, Príncipe Arutha... você nem imagina quanto.

Arutha deu atenção aos sinais de combate atrás do grupo e avaliou tudo com relativa calma. De pontos longínquos, continuavam a ouvir os sons da batalha, o que indicava que apenas a investida contra o portão cessara.

— Não sei quanto tempo esperarão até investirem outra vez contra a barbacã. — Olhou de relance para a rua que seguia na direção do portão. — Você os colocou para correr, e acho que Murmandamus está tendo problemas com alguns dos chefes de clã, mas temo que não seja o suficiente para que saiamos ganhando com a situação. E acho que não consigo detê-los aqui. Quando voltarem, vão passar por cima do aríete.

— Podemos ajudar — anunciou Pug.

— Não — disse Macros.

Todos os olhares se voltaram para o feiticeiro.

— A magia de Pug pode enfrentar Murmandamus — disse Arutha.

— Murmandamus já usou algum feitiço contra você?

Arutha pensou um pouco.

— Na verdade, não, não desde Armengar.

— E não vai usar. Está se guardando para quando tomar a cidade. E o massacre e o terror beneficiam sua causa. Aqui há uma coisa que ele deseja, e devemos impedir que ele a consiga.

Arutha olhou para Pug.

— O que está acontecendo aqui?

Um mensageiro apareceu correndo.

— Alteza! O inimigo prepara mais um forte ataque no portão.

— Quem é seu imediato? — perguntou Macros.

— Guy du Bas-Tyra.

Pug ficou espantado ao saber da novidade, mas não fez comentários.

— Murmandamus não irá recorrer à magia, exceto talvez para destruí-lo, Arutha — declarou Macros —, então você deve entregar o comando da cidade a du Bas-Tyra e vir conosco.

— Aonde vamos?

— A um lugar aqui perto. Se tudo o mais falhar, nossa tarefa será evitar a destruição total de nossa nação. Temos de impedir que Murmandamus atinja seu principal objetivo.

Arutha refletiu por um instante. Depois, dirigiu-se a Galain:

— Ordens para du Bas-Tyra: ele deve assumir o comando. Amos Trask passa a ser seu lugar-tenente.

— Para onde vai, Alteza? — perguntou o soldado que estava ao lado do elfo.

Macros segurou o braço de Arutha.

— Ele estará em um lugar aonde mais ninguém pode chegar. Se vencermos, iremos nos encontrar de novo. — Não se deu ao trabalho de explicar o que poderia acontecer caso perdessem.

Percorreram a rua às pressas, passando diante de janelas trancadas, pois os cidadãos tinham se protegido na segurança de seus lares. Um rapaz corajoso espiou por uma janela de um segundo andar no momento em que Ryath passava com eles nas costas e, espantado, fechou a janela com força. Os sons da batalha passaram por cima das muralhas quando dobraram uma esquina em direção a uma viela. Macros se virou para olhar o Príncipe cara a cara.

— O que vai ver, ouvir e aprender deve ficar só para você. Além de você, apenas o Rei e seu irmão Martin podem conhecer os segredos que hoje serão revelados... e seus herdeiros — acrescentou em tom seco —, se houver algum. Jure. — Não se tratava de um pedido.

— Eu juro — garantiu Arutha.

— Tomas, você deve encontrar o local onde está a Pedra da Vida, para que Pug nos leve até lá — indicou Macros.

Tomas olhou em volta.

— Mas foi há muito tempo. Nada se parece... — Estreitou os olhos. Pareceu aos outros que tinha entrado em uma espécie de transe. Até que voltou a falar: — Eu posso senti-la. — Sem abrir os olhos, falou com Pug: — Você deve nos levar... até ali! — Apontou para baixo, para o centro da cidade. Abriu os olhos. — Está debaixo da entrada da torre de vigia.

— Deem as mãos — instruiu Pug.

Tomas olhou para o dragão.

— Você fez tudo o que podia. Eu agradeço por isso.

— Com você uma vez mais devo ir — disse Ryath. Olhou para o feiticeiro e depois para Tomas. — Sem dúvida, conheço meu destino. Não devo tentar evitá-lo.

Pug fitou seus companheiros.

— O que ela quer dizer? — A expressão de Arutha era idêntica à de Pug.

Macros não abriu a boca.

— Você não nos disse isso antes — comentou Tomas.

— Não foi necessário, caro Tomas.

Macros interrompeu:

— Podemos falar disso assim que chegarmos ao nosso destino. Ryath, assim que deixarmos de nos movimentar, venha ao nosso encontro.

— Os aposentos terão lugar para todos — acrescentou Tomas.

— Assim farei.

Pug pôs de lado a confusão que girava em sua cabeça e pegou a mão de Arutha. A outra mão estava unida a Tomas e Macros fechou o círculo. Todos se tornaram imateriais e começaram a se mover.

Afundaram e a luz desapareceu. Tomas orientou Pug, recorrendo ao discurso mental. Depois de muitos minutos na escuridão, Tomas falou em voz alta:

— Estamos em uma área aberta.

Com o retorno da solidez, todos sentiram a pedra fria sob os pés, e Pug gerou luz à sua volta. Arutha olhou para cima. Estavam em uma câmara gigantesca,

com facilmente uns cem metros para cada lado e com um teto duas vezes mais alto. Em volta, erguiam-se colunas e ao lado havia um púlpito elevado.

De repente, o dragão surgiu acima deles, acompanhado por um deslocamento de ar trovejante.

— Está quase na hora — anunciou Ryath.

— A que o dragão se refere? — perguntou Arutha. Presenciara tantas coisas espantosas nos últimos dois anos que ver um dragão falando já nem lhe causava estranheza.

— Ryath, assim como todos os grandes dragões, conhece o momento de sua morte. Está perto.

O dragão falou:

— Enquanto viajamos entre mundos, era possível que eu tivesse morrido de causas alheias a você e a seus amigos. Agora, é claro que devo continuar a tomar parte nisso, pois nosso destino enquanto raça está sempre ligado ao seu, valheru.

Tomas se limitou a assentir. Pug estendeu o olhar por toda a câmara.

— Onde está a Pedra da Vida? — perguntou.

Macros apontou para o púlpito.

— Ali.

— Não há nada ali — retrucou Pug.

— Para olhos comuns — salientou Tomas. — Onde devemos aguardar? — perguntou a Macros.

Macros se manteve em silêncio durante algum tempo.

— Cada um ao seu lugar — disse por fim. — Pug, Arutha e eu temos de esperar aqui. Você e Ryath devem ir para outro lugar.

Tomas deu a entender que compreendera e usou sua magia para se colocar sobre o dragão. E, em seguida, com um estampido estrondoso, desapareceram.

— Para onde ele foi? — perguntou Arutha.

— Ele ainda está aqui — esclareceu Macros —, só um pouco distante de nós no que diz respeito ao tempo... assim como a Pedra da Vida. Ele irá guardá-la, como último bastião da defesa deste planeta, e, caso falhemos, tentará evitar a destruição total de Midkemia sozinho.

Arutha olhou para Macros e depois para Pug. Avançou para o púlpito e sentou-se.

— Acho que é melhor me contarem algumas coisas.

Guy fez um sinal e uma chuva de projéteis desabou sobre as cabeças dos

goblins que investiam contra o portão, abatendo uma centena no mesmo instante. O inimigo, porém, já avançava e du Bas-Tyra gritou para Amos:

— Preparem-se para abandonar as muralhas. Quero uma retirada ordenada para a torre de menagem, enquanto lutam; nada de fugas. Quem quer que tente fugir deve ser morto pelo sargento no comando.

— Isso não está certo — disse Amos, mas não contestou a ordem. A guarnição estava prestes a ceder e os soldados mais inexperientes estavam quase em pânico. Só assustando-os ainda mais do que o próprio inimigo poderiam esperar algum fio de esperança na retirada organizada para a torre de menagem. Amos olhou de relance para trás e viu a população da cidade fugindo para a torre. As pessoas tinham sido mantidas longe das ruas para que as companhias pudessem se mover livremente de um lado a outro; no entanto, agora fora-lhes ordenado que abandonassem suas casas. Amos teve a esperança de que escapassem em segurança antes que se iniciasse a retirada das muralhas.

Jimmy veio correndo por entre os combatentes que avançavam para oeste do ponto onde estavam Galain, Amos e Guy.

— De la Troville pede reforços — gritou. — Está sendo violentamente pressionado no flanco direito.

— Não terá nenhum — afirmou Guy. — Se eu retirar alguém de alguma seção, originarei uma enorme lacuna. — Apontou para o local onde os goblins tinham aberto uma brecha outra vez no portão externo da barbacã, já começando a escalar o portão interior. A barragem de cobertura dos arqueiros moredhel era devastadora. Jimmy se preparava para partir quando Guy o agarrou. — Outro mensageiro foi avisar para evacuarem as muralhas quando for dado o sinal. Não o alcançará a tempo. Fique aqui.

Jimmy deu a entender que compreendera e puxou a espada. De repente, apareceu um goblin diante dele. Acertou-lhe um golpe e a pequena criatura de pele azul caiu, mas foi logo substituída por outra.

Tomas olhou para baixo. Seus amigos tinham desaparecido, embora ele soubesse que ainda permaneciam no mesmo lugar, mas um pouco afastados em termos temporais em relação a ele. Parte do plano de Ashen-Shugar de ocultar a pedra preciosa consistia em colocar a antiga cidade de Draken-Korin em um contexto diferente de tempo. Ele observou o imenso salão onde ocorrera o último conselho dos valheru e depois olhou para a gigantesca gema verde reluzente. Alterou seus sentidos e viu as linhas de poder se espalhando para o

exterior; tocando, percebeu todas as entidades vivas do planeta. Avaliou a importância da tarefa que tinha em mãos e se acalmou. Sentiu o estado de espírito do dragão e o reconheceu. Estava pronto para aceitar o que quer que o destino ditasse, mas sem se resignar à derrota. A morte poderia chegar; o mesmo, porém, poderia acontecer com a vitória. Tomas sentia-se de alguma forma reconfortado com esse pensamento.

Arutha assentiu.

— Você me disse que isso era importante. Agora, me explique por quê.

— Ela foi deixada aqui para o caso de um dia os valheru regressarem. Eles compreenderam que os deuses foram concebidos a partir da matéria do mundo, uma parte sendo de Midkemia. Draken-Korin era um gênio entre sua raça. Sabia que o poder dos deuses dependia da relação que eles tinham com todas as outras entidades vivas. A Pedra da Vida é o artefato mais poderoso do mundo. Se for levada e utilizada, esvaziará todo o poder de todas as criaturas, até o ser mais minúsculo, passando esse poder a seu possuidor. Pode ser usada para trazer os valheru para este espaço-tempo. E fará isso através da criação de uma onda de energia tão imensa que não poderá ser igualada, e que, ao mesmo tempo, esvaziaria a fonte de poder dos deuses. Infelizmente, também destruirá toda a vida do planeta. Em um instante, tudo morrerá em Midkemia: o que caminha, o que voa, o que nada ou rasteja, insetos, peixes, plantas, até seres vivos pequenos demais para serem vistos.

Arutha estava espantado.

— Então, o que os valheru ganham com um planeta morto?

— Uma vez de volta a este universo, podem declarar guerra a outros mundos, trazendo escravos, animais e plantas, vida em todas as formas, para criar tudo de novo. Não querem saber dos seres que existem aqui, apenas de suas necessidades. É assim que os valheru veem as coisas; acham que tudo pode ser destruído para proteger seus interesses.

— Então, Murmandamus e os invasores moredhel também morrerão — disse Arutha, horrorizado com o alcance do plano.

Macros refletiu.

— É a única coisa neste quebra-cabeça que me deixa confuso, pois, para utilizar a Pedra da Vida, os valheru devem ter confiado mais conhecimentos a Murmandamus. Acho impossível ele não saber que vai morrer quando abrir o portal. Os sacerdotes serpentes pantathianos, eu consigo entender. Desde o

tempo das Guerras do Caos, eles querem trazer de volta sua senhora perdida, a Dama Esmeralda das Serpentes, que consideram uma deusa. Cultuam a morte e acreditam que, com a volta dela, obterão alguma espécie de mente de semideuses para eles mesmos. Abraçam a morte. Mas essa atitude não é comum a um moredhel. Portanto, não entendo o que move Murmandamus, a não ser que lhe tenham sido dadas garantias. Desconheço quais possam ser, assim como não sei o que possa indicar esse recurso aos seres medonhos, pois eles não perecerão com os outros. E, se os valheru não os desejarem neste mundo quando voltarem a dar vida ao planeta, será difícil se livrarem deles. Os Senhores do Medo são seres poderosos e isso me leva a pensar no que poderão conseguir, caso se unam. — Macros suspirou. — Ainda há muito que desconhecemos. E qualquer coisa pode ser nossa desgraça.

— Há outra coisa que não entendo nisso tudo — disse Arutha. — Murmandamus é com certeza um grande feiticeiro. Mas, se ele precisa vir até aqui, por que não muda de forma e não entra em Sethanon na pele de um humano, sem que ninguém o veja? Por que esta mobilização de exércitos e a destruição em massa?

— É a natureza da Pedra da Vida — explicou Macros. — Para alcançar seu contexto adequado no tempo e para abrir o portal que deixará os valheru entrarem, é necessário um enorme poder mágico. Murmandamus alimenta a morte. — Arutha assentiu com a cabeça, recordando um comentário que Murmandamus fizera quando o confrontou pela primeira vez sobre o corpo de um dos seus Falcões Noturnos, em Krondor. — Ele suga energia de cada morte que ocorre a seu lado. Milhares morreram a seu serviço ou lutando contra ele. Se não tivesse a necessidade de armazenar essas energias para abrir o portal, ele já teria derrubado as muralhas como se fossem feitas de palitos. Mesmo algo tão simples como manter uma barreira ao seu redor para evitar ferimentos lhe custa uma valiosa dose de energia. Não, ele precisa desta guerra para trazer de volta os valheru. Veria com bons olhos seu exército definhar até o último soldado para assim poder chegar a esta câmara. Agora, temos de tentar impedir a volta de seus senhores a este universo. — Levantou-se. — Arutha, você deve permanecer atento contra ataques banais. — Virou-se, então, para Pug. — Temos de ajudá-lo, e seu adversário é poderoso. É quase certo que Murmandamus chegará a esta câmara.

Pug deu a mão a Macros e ficou vendo o feiticeiro estender o braço e agarrar o talismã ishapiano. Arutha assentiu e Macros retirou-o do Príncipe. Fechou então os olhos e Pug sentiu poderes dentro de si sendo manipulados por outra

pessoa, o que o deixou espantado outra vez. Quaisquer que fossem suas capacidades, não eram nada quando comparadas às que Macros perdera. Então Arutha e Pug viram o talismã começar a brilhar e Macros falou em tom suave:

— Empunhe sua espada.

Arutha obedeceu, o punho apontado para a frente. Macros largou a mão de Pug e colocou com cuidado o talismã sob o punho, para que o pequeno martelo ficasse junto da parte que chegava até o meio da lâmina. Fechou a mão suavemente sobre a lâmina e o martelo.

— Pug, tenho a capacidade, mas necessito de sua força. — Pug agarrou a mão de Macros e o feiticeiro, mais uma vez, recorreu à magia do jovem mago para desenvolver seus poderes enfraquecidos. A mão de Macros começou a brilhar com uma luz quente alaranjada e todos ouviram um som crepitante quando começou a se ver fumaça saindo da mão do feiticeiro. Arutha sentiu pelo toque a lâmina se aquecendo.

Pouco depois, o brilho desapareceu e Macros abriu a mão. Arutha olhou para a lâmina. O talismã ficou misteriosamente embutido nela, parecendo uma forma de martelo gravada na parte do punho até o meio da lâmina. O Príncipe olhou para cima, na direção de Macros e Pug.

— Essa espada detém agora o poder do talismã. Irá protegê-lo de todos os ataques vindos de fontes mágicas. Também ferirá e matará criaturas invocadas pelas forças das trevas, perfurando até os encantamentos protetores de Murmandamus. Seu poder é a força de vontade do homem que a empunha. Se não for determinado, cairá. Permaneça forte e prevalecerá. Nunca se esqueça.

— Ande, Pug, temos de nos preparar.

Arutha viu os dois feiticeiros, um ancião vestido de marrom e um jovem vestindo a túnica preta de um Grande tsurani, frente a frente ao lado do púlpito. Deram-se as mãos e fecharam os olhos. Um silêncio perturbador caiu sobre a câmara. Após um minuto, Arutha desviou a atenção dos dois usuários de magia e começou a inspecionar o que o rodeava. A câmara parecia não conter nenhum artefato nem elementos decorativos. Uma pequena porta na parede, que chegava à altura de sua cintura, parecia ser a única forma de acesso. Ele a abriu e olhou para dentro. Escondido no cômodo anexo havia um tesouro de ouro e pedras preciosas. Arutha riu. Um tesouro antigo, riquezas dos valheru, e ele teria trocado tudo aquilo por um exército de Lyam no horizonte. Depois de perder alguns instantes distraído com o tesouro, preparou-se para a espera. Distraidamente, lançou ao ar e agarrou um rubi do tamanho de uma ameixa, desejando saber como seus companheiros estavam se virando na batalha de

Sethanon.

—Agora! — gritou Guy, e a companhia que ele comandava começou a recuar da barbacã, enquanto atrás deles as trombetas soaram e anunciaram a retirada. Em todos os cantos da cidade, responderam à chamada e, em uma retirada tão coordenada quanto possível, as muralhas foram entregues aos invasores. Rapidamente, os defensores recuaram, protegendo-se no primeiro grupo de casas atrás da paliçada, pois os impetuosos arqueiros moredhel sobre a muralha começaram a disparar.

Companhias de arqueiros de Sethanon esperaram por sua vez para responder por cima das cabeças dos soldados que batiam em retirada, mas só com excepcional bravura foi possível evitar uma debandada geral.

Guy puxou Jimmy e Amos, olhando por cima do ombro enquanto sua companhia recuava para novas posições. Galain e três outros arqueiros ofereceram cobertura. Assim que a primeira fileira de atacantes chegou ao primeiro cruzamento principal, surgiu uma companhia de cavaleiros vinda de uma rua lateral. A cavalaria de Sethanon, sob o comando de Lorde Humphry, cavalgou por entre goblins e trolls, derrubando-os. Em poucos minutos, os atacantes começaram a ser chacinados e fugiram tão depressa quanto tinham chegado.

Guy gesticulou para Humphry, que pisava nos adversários.

— É para torturá-los, Guy?

— Não, eles irão se reagrupar logo. Ordene a seus homens que cavalguem pelo perímetro, dando cobertura quando necessário, mas todos devem voltar o mais rápido possível à torre de menagem. Nada de heroísmos. — O Barão acatou as ordens. — Humphry, diga também a seus homens que se comportaram bem. Muito bem. — O Barão baixinho e atarracado pareceu se empinar e saudou-o com elegância, partindo na mesma hora para comandar sua cavalaria.

— Aquele pequeno esquilo tem presas afiadas — comentou Amos.

— É mais valente do que parece — afirmou Guy. Inspecionou rapidamente sua posição e fez um sinal para seus homens recuarem. No mesmo instante, todos começaram a se dirigir para a torre.

Quando chegaram à paliçada interior da cidade, correram em direção à torre de menagem. A cerca exterior era apenas decorativa e composta por barras de ferro, e poderia ser derrubada em um instante, mas a antiga parede interior da fortaleza ainda parecia difícil de transpor. Ou assim Guy esperava. Chegaram ao

primeiro baluarte acima da batalha e Guy enviou Galain para verificar se os outros comandantes já haviam chegado. Quando o elfo partiu, comentou:

— Se eu ao menos soubesse onde Arutha se enfiou.

Jimmy também pensou no assunto. E também gostaria de saber por onde Locklear andava.

Locklear abraçava a parede, esperando que o troll lhe desse as costas, quando ouviu o grito. A garota não tinha mais de dezesseis anos e as outras duas crianças eram bem mais novas. O troll se aproximou da moça. Locklear saltou e passou correndo por ele, vindo de trás. Sem proferir uma palavra, esticou a mão e agarrou o pulso da garota, puxou-a e ela o seguiu, conduzindo as outras duas crianças.

Apressaram-se na direção da torre de menagem, mas o escudeiro parou quando um pelotão de cavaleiros era impelido para trás, atrapalhando seu caminho. Locklear viu que o Barão Humphry foi o último homem a abandonar a luta. O cavalo de Humphry tropeçou e viu mãos de goblins se esticando para puxar o Barão da sela. O pequeno e corpulento governante de Sethanon deu uma série de golpes com sua espada, derrubando dois de seus atacantes, até ser finalmente subjugado pelos goblins que enfrentava. Locklear puxou a garota assustada e as crianças para uma estalagem abandonada. Uma vez lá dentro, fez uma busca e encontrou um alçapão que dava para o porão. Abriu-o.

— Rápido, e silêncio!

As crianças obedeceram e ele seguiu na retaguarda. Apalpou ao redor em meio à escuridão e descobriu uma lamparina, com aço e sílex ao lado. Pouco depois, já a acendera. Olhou ao redor enquanto o ruído das lutas chegava a seus ouvidos vindo da rua acima. Apontou para dois enormes barris e as crianças apressaram-se a se agachar entre eles. Empurrou mais um barril e o rolou devagar para a frente dos outros, criando um pequeno esconderijo. Pegou a espada e a lamparina e subiu por cima deles para sentar-se com as crianças.

— Por que estavam na rua? — perguntou asperamente em um sussurro. — A ordem para quem não luta já foi dada há meia hora.

A garota parecia assustada, mas respondeu com calma:

— Minha mãe nos escondeu no porão.

Locklear se mostrou incrédulo.

— Por quê?

A menina parecia confusa.

— Os soldados.

Locklear praguejou. A preocupação de uma mãe com a virtude das meninas poderia custar a vida de suas filhas.

— Bem, pelo visto ela prefere que morram em vez de serem desonradas.

A garota ficou muito tensa.

— Ela morreu. Os trolls a mataram. Ela lutou contra eles, enquanto fugíamos.

Locklear balançou a cabeça, limpando o suor da testa com as costas da mão.

— Desculpe. — Observou-a com atenção por um instante e depois reconheceu que era de fato muito bonita. — Lamento muito. Também perdi uma pessoa — acrescentou, após uma pausa.

Ouviu-se uma pancada surda no piso acima e a garota ficou ainda mais tensa; o medo fez com que arregalasse os olhos enquanto mordia as costas da mão para não gritar. As duas crianças menores se abraçaram.

— Não façam barulho — Locklear sussurrou. Colocou o braço ao redor da garota e apagou a lamparina com um sopro. O porão mergulhou na escuridão.

Guy ordenou que o portão interior da torre de menagem permanecesse fechado e ficou vendo enquanto os mais lentos que tentavam chegar à segurança da torre eram ceifados pelas tropas invasoras. Arqueiros dispararam das ameias e foi lançado tudo o que podia ser atirado sobre os atacantes — água e azeite fervente, pedras, móveis pesados —, naquela que foi a última tentativa de resistir ao início da carnificina.

Soou, então, um grito da retaguarda do exército invasor, e Murmandamus cavalgou para a frente, passando por cima de seus soldados com um ímpeto nunca visto. Amos esperou ao lado de Guy e Jimmy, pronto para lidar com as primeiras escadas a serem trazidas para encostar à torre. Olhou para o apressado e louco líder moredhel.

— O devorador de bosta parece estar cheio de pressa! Está sendo um pouquinho duro com os rapazes que têm o azar de atravessar o seu caminho.

— Arqueiros, aquele é o alvo — gritou Guy. Uma tempestade de setas colidiu contra o corpulento moredhel. O cavalo caiu com um forte relincho e o cavaleiro rolou pelo chão. Ergueu-se de um salto, desarmado, e apontou para as portas da torre de menagem. Uma dúzia de goblins e moredhel avançou impetuosa, para sucumbir sob uma nova onda de flechas. A maior parte dos arqueiros se concentrou no líder moredhel, mas ninguém conseguia atingi-lo. As flechas ricocheteavam, inofensivas, em uma barreira invisível.

Um aríete foi levado para a frente e, à custa da vida de dúzias de invasores, chegou enfim às portas e foi posto em ação. Arqueiros moredhel mantiveram os defensores escondidos e um estrondo ritmado começou.

Guy sentou-se encostado às pedras, enquanto sucessivas saraivadas de flechas moredhel passavam por cima.

— Escudeiro — disse para Jimmy —, vá rapidamente lá embaixo e veja se de la Troville reuniu sua companhia. Diga a ele para se colocar a postos na porta interior. Acho que temos menos de dez minutos antes de entrarem. — Jimmy saiu correndo e Guy virou-se para Amos. — Bem, velho pirata... acho que conseguimos retardá-los por um bom tempo.

Agachando-se ao lado de Guy, Amos concordou:

— Sem dúvida. Se pesarmos bem a situação, fizemos tudo certo. Com um pouquinho de sorte aqui e ali, teríamos as entranhas deles penduradas em uma estaca. — Amos suspirou. — Seja como for, não vale a pena remoer o passado, é o que sempre digo. Venha, vamos colocar alguns desses ratos miseráveis para sangrar. — Ergueu-se de um pulo e agarrou pela goela um goblin que acabara de subir a muralha. A criatura não percebeu a presença de defensores e de repente ali estava Amos, cortando sua garganta. Com um puxão, esmagou-lhe a traqueia e o lançou escada abaixo, derrubando outros três que seguiam logo atrás. Amos empurrou a escada enquanto Guy cravava a espada em outro goblin que subia por uma ameia ao lado de Amos.

Amos se enrijeceu e arquejou e, olhando para baixo, descobriu uma flecha em seu flanco.

— Maldição! — exclamou, aparentemente espantado por ter sido atingido. Então um goblin subiu a muralha e o golpeou com a espada, fazendo Amos girar. Os joelhos do antigo capitão do mar cederam e ele caiu desamparado sobre as pedras. Guy decapitou o goblin com um golpe cheio de ódio e ajoelhou-se ao lado de Amos.

— Eu o avisei para manter a cabeça abaixada — disse.

Amos sorriu.

— Na próxima vez, prestarei atenção — disse com voz fraca, e então seus olhos se fecharam.

Guy girou em seus calcanhares quando outro goblin subiu a muralha e, com uma estocada de baixo para cima, eviscerou a criatura. O Protetor de Armengar, antigo Duque de Bas-Tyra, golpeou para a esquerda e para a direita, matando qualquer goblin, troll ou moredhel que se aproximasse. Mas surgiu uma brecha na parede exterior da torre de menagem e mais invasores se espalharam por todo

lado; Guy percebeu que estava sendo lentamente cercado. Outros na muralha ouviram o chamado de retirada e se apressaram a descer as escadas para ficarem dentro da grande muralha, mas Guy permaneceu ao lado de seu amigo caído, sem se mexer.

Murmandamus marchou sobre os corpos de seus próprios soldados, ignorando os gritos dos moribundos e dos feridos à sua volta. Entrou na barbacã da torre de menagem, transpondo as portas exteriores despedaçadas. Com um leve movimento de mão, ordenou a seus soldados que avançassem com o aríete para iniciar o assalto à porta interior. Afastou-se para o lado quando começaram a bater na porta, enquanto os companheiros procuravam expulsar os arqueiros de Sethanon das muralhas. Por um instante, todos os que permaneciam dentro do local de massacre da barbacã ficaram concentrados na porta que se estilhaçava, e Murmandamus se afastou para se esconder nas sombras, rindo em silêncio da loucura das outras criaturas. A cada morte acumulava mais poder, e agora estava pronto.

Um chefe de clã moredhel correu para o lugar onde ocorria o massacre à procura de seu senhor. Trazia novidades da batalha na cidade. Um combate entre dois clãs rivais se iniciara por causa dos espólios e, enquanto estavam distraídos, um grupo de defensores escapou da aniquilação certa. A presença do amo era requisitada para manter a ordem. O chefe de clã agarrou um de seus subordinados e perguntou onde estava Murmandamus. O goblin apontou e o chefe empurrou a criatura, pois o recanto escuro que indicara estava vazio. O goblin correu em frente para ajudar com o aríete, pois outro soldado sucumbira, alvejado pelas flechas vindas de cima, enquanto o chefe de clã continuava à procura de seu senhor. Perguntou por ele e todos responderam que Murmandamus desaparecera. Praguejando todos os presságios, profecias e arautos da destruição, o chefe se apressou a voltar à parte da cidade onde seu próprio clã combatia. Novas ordens estavam prestes a serem dadas.

Pug escutou as palavras de Macros em sua mente. *Estão tentando romper.*

As mentes de Pug e Macros estavam unidas em uma harmonia que ia além de tudo o que já experimentara na vida. Conhecia o feiticeiro, compreendia-o, unira-se a Macros. Recordou-se de coisas da longa história de vida do feiticeiro, terras desconhecidas com povos alienígenas, histórias de mundos longínquos,

tudo era seu. Assim como o conhecimento.

Com seu olho mágico, conseguia “ver” o lugar onde iriam tentar entrar. Existia entre seu mundo físico e o lugar onde Tomas aguardava, uma fissura entre um contexto de tempo e outro. E algo parecido com um som estava crescendo, algo que não conseguia ouvir, mas sentir. Uma pressão crescente, quando os que procuravam entrar naquele mundo iniciaram o ataque final.

Arutha ficou tenso. Em um momento, estava observando Pug e Macros como se eles fossem estátuas, e, de repente, ele apareceu no enorme átrio. Das sombras saiu o moredhel gigante; seu rosto, uma mistura de beleza e horror, foi revelado quando ele retirou o elmo de dragão negro de sua testa suada. Sem a armadura, seu peito exibia a marca de nascimento dos dragões que herdara, e na mão segurava uma espada negra. Fixou o olhar em Macros e em Pug e avançou na direção deles.

Arutha saiu de trás de um pilar, interpondo-se entre Murmandamus e os dois magos imóveis. Empunhou a espada e se colocou em posição.

— Agora, assassino de bebês, você tem sua oportunidade — disse.

Murmandamus hesitou, arregalando os olhos.

— Como é... — Depois, sorriu. — Agradeço ao destino, Senhor do Ocidente. Você é meu. — Apontou o dedo e projetou um raio prateado de energia, que foi detido pela lâmina da espada de Arutha, onde dançou com um fogo incandescente, pulsando furiosamente em um tom branco. Arutha girou o pulso e a ponta da lâmina tocou o chão de pedra. O fogo se extinguiu.

Os olhos do moredhel voltaram a se arregalar e com um grito de raiva ele saltou na direção de Arutha.

— Nada me deterá!

Arutha por pouco não foi atingido por um golpe de espantosa selvageria, que fez saltar faíscas azuis quando a lâmina negra atingiu as pedras. Mas, ao recuar, estocou com sua própria espada e atingiu o moredhel no braço. Murmandamus guinchou como se o ferimento fosse muito grave e recuou um pouco, abalado. Endireitou-se quando Arutha o golpeou outra vez, mas conseguiu deter a segunda investida do Príncipe. Com um olhar insano, mexeu no ferimento e fitou a umidade carmim que ficou na palma de sua mão.

— Não é possível! — exclamou o moredhel.

Com uma rapidez de felino, Arutha investiu de novo, desferindo outro golpe no moredhel, na direção de seu peito nu. Arutha sorriu sem humor, com um ar

tão cruel como o do próprio moredhel.

— É possível, herdeiro da loucura — disse com uma determinação estudada. — Sou o Senhor do Ocidente. Sou a Ruína das Trevas. Sou sua destruição, escravo dos valheru.

Murmandamus urrou de raiva, fazendo o som de uma extinta era de insanidade regressar ao mundo, e lançou-se ao ataque. Arutha se manteve firme e iniciaram um duelo feroz.

P*ug.*

Eu sei.

Moveram-se em harmonia, tecendo um padrão de poder que ergueu uma rede de energias para lutar contra o intruso. Não era uma obra tão grandiosa quanto a utilizada para vedar o grande portal na era da Ponte Dourada, mas na realidade aquele portal ainda não havia sido aberto. Mesmo assim, sentiam a pressão e estavam sendo testados.

As pancadas na porta prosseguiram até a madeira começar a quebrar. Depois, surgiu o som de um trovão distante, cada vez mais intenso. As pancadas pararam por um momento e depois foram retomadas. Foi possível ouvir o estrondo mais duas vezes, como se estivesse se aproximando, ao mesmo tempo que os sons dos combates se intensificavam. Vindos do exterior, foram ouvidos gritos inesperados, e as pancadas do aríete pararam outra vez. Então uma explosão abalou a parede. Jimmy saltou para a frente. Puxou para o lado a veneziana de uma janela e depois gritou para de la Troville:

— Abra já essa porta!

Quando os sons da batalha chegaram aos seus ouvidos, o comandante da companhia sinalizou a seus homens para avançarem, e foi preciso a força da maioria para mover a porta já um pouco fora de esquadro. Elevaram-na e a abriram para que de la Troville e Jimmy passassem imediatamente. À frente, viram homens com armaduras de cores vivas correndo pelas ruas, lutando contra moredhel e goblins.

— Tsurani! — gritou Jimmy. — Com mil diabos, é um exército de tsurani!

— Como isso é possível? — perguntou de la Troville.

— Ouvi histórias suficientes do Duque Laurie para ter uma ideia do aspecto deles. Pequenos, mas duros de roer, com armaduras coloridas e brilhantes.

Um pelotão de goblins apareceu em frente à torre de vigia, fugindo de uma companhia maior de tsurani, e de la Troville levou seus próprios homens dali, colocando-os na retaguarda. Jimmy passou a correr e ouviu mais uma forte explosão. Ao fundo de uma larga avenida, avistou um mago vestido de preto em frente a um monte de barris fumegantes e uma carroça voltada que servira de defesa. O mago deu início à magia. Em um instante, fluiu de suas mãos uma poderosa bola de energia que atingiu um alvo fora do campo de visão de Jimmy, explodindo ao longe.

Em seguida, surgiu uma companhia de cavalaria e Jimmy reconheceu o estandarte de Landreth. Com eles vinham Kulgan, Meecham e dois magos vestidos de preto. Obrigaram os cavalos a seguir a passo e Kulgan desceu do seu, com uma velocidade inesperada para alguém com o corpo tão grande. Ele foi ao encontro de Jimmy.

— Kulgan! Acho que nunca fiquei tão feliz por encontrar alguém — revelou o escudeiro.

— Chegamos a tempo? — perguntou Hochopepa. Jimmy não conhecia o homem vestido de preto, mas, uma vez que chegara com Kulgan, presumiu que era alguém importante. — Não sei, Arutha desapareceu há horas com Pug, Macros, Tomas e um dragão, se eu acreditar no que Galain contou a du Bas-Tyra. Guy e Amos Trask estão por aqui em algum lugar. — Apontou para os combates que eram travados ao longe. — Du Masigny e os outros andam por ali, eu acho. — Olhou em volta, com os olhos arregalados devido ao terror e ao cansaço. Sua voz começou a soar mais grossa, por conta do acúmulo de emoções havia muito guardadas, e falou de um modo que beirava a histeria: — Não sei quem sobreviveu.

Kulgan colocou a mão no ombro de Jimmy ao perceber que o rapaz estava prestes a ter um colapso.

— Está tudo bem — assegurou. Depois, virou-se para Hochopepa e Elgahar. — É melhor irem lá dentro — aconselhou. — Parece que esta batalha está longe de terminar.

— Onde estão todos os Irmãos das Trevas? — perguntou Jimmy. — Agora mesmo... havia milhares deles aqui.

Kulgan levou o rapaz dali, enquanto os dois magos vestidos de preto ordenavam a um pelotão de soldados tsurani que os acompanhassem à torre de menagem, onde ainda se ouviam sons de combate. O mago de túnica verde se dirigiu a Jimmy:

— Dez magos da Assembleia se juntaram a nós e o Imperador enviou parte

de seu exército, para você ver o quanto temiam a aparição do Inimigo neste mundo. Criamos uma passagem entre o portal de Doca da Estrela e um lugar a menos de mil e quinhentos metros da cidade, mas longe do campo de visão do exército de Murmandamus. Trouxemos três mil tsurani conosco, juntamente com mil e quinhentos cavaleiros de Landreth e Shamata, e há mais chegando.

Jimmy sentou-se.

— Três mil? Mil e quinhentos? Tantos?

Kulgan sentou-se ao seu lado.

— E os Mantos Negros, cuja magia não conseguem impedir. E, além disso, dizem que Martin está na planície com o exército de Yabon, quatro mil homens fortes, a menos de uma hora de distância a noroeste. Tenho certeza de que os batedores viram a poeira a sudoeste, onde os soldados do Charco Negro marcham ao lado dos da Cruz de Malac, seguidos pelos regimentos de Gardan, vindos de Krondor. E todos podem ver os estandartes da Sentinela do Norte a nordeste, e do leste vem o Rei com seu exército, a um ou dois dias de distância, no máximo. Eles estão cercados, Jimmy, e estão cientes disso. — A voz de Kulgan se tornou reflexiva: — E algo mais os perturbou, pois, quando nos aproximávamos, vimos bandos de Irmãos das Trevas abandonando a cidade, batendo em retirada para a Floresta Profunda. Pelos menos três ou quatro mil já desertaram das forças atacantes. E muitos dos que estão entre o portão e este ponto não estão organizados, e alguns até parecem lutar entre si, com uma facção desafiando outra. Algo conteve o ataque no momento do triunfo.

Então apareceu um destacamento de soldados-cães keshianos, correndo velozes na direção do som dos confrontos. Jimmy olhou para o mago e começou a rir, ao mesmo tempo que lágrimas começavam a escorrer pelo seu rosto.

— Acho que isso significa que Hazara-Khan também vai entrar na brincadeira.

Kulgan sorriu.

— *Coincidentemente* ele estava acampado ao lado de Shamata. Alegou que foi um acaso estar jantando com o governador da cidade quando chegou a mensagem de Katala convocando a presença da guarnição em Doca da Estrela. E, além disso, foi também coincidência o fato de ter convencido o governador a deixá-lo trazer alguns observadores, e ainda por cima seu povo conseguiu ficar pronto para marchar em uma hora.

— Quantos observadores?

— Quinhentos, todos armados até os dentes.

— Arutha vai morrer infeliz se não conseguir que Abdur admita que existe

um Corpo Imperial de Espionagem.

— Mas o que não consigo entender é como ele sabe o que acontece em Doca da Estrela — lamentou Kulgan.

Jimmy, achando graça, riu com vontade. Deu uma fungada, pois seu nariz escorria, e sorriu.

— Você só pode estar brincando. Metade de seus magos é de keshianos. — Suspirou e recostou-se. — Mas ainda não acabou, não é? — Cerrou os olhos e as lágrimas de cansaço começaram a escorrer outra vez pelo seu rosto.

— Ainda não encontramos Murmandamus — revelou Kulgan, que olhou para um local onde se viam mais soldados tsurani correndo pela rua. — E, até o encontrarmos, a luta continua.

Arutha se esquivou de um violento golpe e respondeu impetuoso, mas o moredhel saltou para trás. Arutha respirava com dificuldade, pois se tratava do adversário mais hábil e perigoso que já enfrentara. Era inacreditavelmente forte e apenas um pouco mais lento do que Arutha. Murmandamus sangrava por meia dúzia de ferimentos menores, cortes que teriam enfraquecido um adversário normal, mas que pouco pareciam incomodá-lo. Arutha não obtinha vantagem. A batalha e aquele duelo o levaram até os limites da exaustão. O Príncipe precisou recorrer a toda sua astúcia e rapidez para se manter vivo. Sua capacidade de lutar era limitada, pois tinha de se manter entre Murmandamus e os dois feiticeiros, empenhados em alguma missão que envolvia magia. O moredhel não tinha tais preocupações.

O duelo se tornou ritmado, e cada espadachim avaliava o outro. Passaram a se mover quase em sintonia, com cada golpe tendo como resposta um desvio, cada contra-ataque, um afastamento. Ambos transpiravam profusamente, o que tornava suas mãos escorregadias. O único som que se ouvia eram as expirações devido ao esforço. A luta estava chegando a um ponto em que o primeiro a cometer um erro sucumbiria.

Então o ar à esquerda foi invadido por um tremeluzir e, por um instante, Arutha desviou o olhar; só voltou a se concentrar no último instante. Murmandamus não retirou os olhos de seu oponente e aproveitou o momento, desferindo um golpe que resvalou pelas costelas do Príncipe. Arutha arquejou de dor.

O moredhel deu um passo para trás, mirando na cabeça de Arutha, e, quando lançou sua mão para a frente, colidiu contra uma barreira invisível. Os olhos do

moredhel se arregalaram quando Arutha se endireitou com dificuldade e desferiu um golpe, trespassando Murmandamus no estômago. O moredhel soltou um uivo surdo, cambaleou e caiu para trás, puxando a espada de Arutha com dedos enfraquecidos.

Arutha curvou-se para o chão no momento em que dois homens trajados de negro correram em sua direção para agarrá-lo. Colocaram-se ao redor do Príncipe. A visão de Arutha se turvou e se tornou nítida, entrou e saiu de foco, até que a câmara onde se encontravam estabilizou-se outra vez. Viu Murmandamus sorrir enquanto dizia em um sussurro ameaçador:

— Sou uma entidade da morte, Senhor do Ocidente. Sempre servi às Trevas. — Riu debilmente e sangue escorreu por seu queixo, atingindo a marca de nascença do dragão. — Não sou o que pareço. Com minha morte, você obteve destruição. — Fechou os olhos e caiu para trás, e seu estertor de morte encheu o espaço.

Os dois homens de negro o olharam, pois do corpo de Murmandamus saiu um estranho e penetrante som. O vulto nas pedras inchou, parecendo dilatar-se como se estivesse sendo inflado. Parecendo um casulo cheio demais, da testa até a virilha, o corpo de Murmandamus se rasgou, revelando no interior um corpo com escamas verdes. Um líquido negro e espesso e sangue vermelho foram cuspidos por todo o cômodo, com nacos de carne manchados de pus branco, quando o ser verde com escamas pareceu explodir de dentro da casca que era Murmandamus, sacudindo-se no chão como um peixe recém-pescado. Em sua horrível convulsão, soltou uma chama vermelha brilhante, diabólica, que encheu o átrio com um cheiro fétido acumulado ao longo de décadas de decomposição. Então a chama extinguiu-se e o universo se abriu ao redor deles.

Macros e Pug hesitaram, percebendo ao mesmo tempo uma mudança no curso da luta. Toda a atenção se focou no lugar entre universos onde o portal em criação se formava. Sempre que surgia um golpe do outro universo, respondiam com um remendo de energia. A batalha atingira seu auge pouco antes e agora os golpes pareciam estar enfraquecendo. O perigo, porém, continuava presente, pois tanto Pug como Macros estavam exaustos. Era necessária concentração máxima para impedir que se abrisse o portal entre os universos. A dor explodiu na mente deles quando uma nota de prata, um assobio agudo, deu o sinal. De outro ponto, surgiu um ataque diferente e inesperado, e Pug não foi capaz de responder. Uma coisa composta por vidas capturadas, apanhadas em uma morte

terrível e contidas até aquele momento, fluiu na direção do portal, dançando como uma chama vermelha enlouquecida e fétida. Atingiu e estilhaçou as barreiras que Pug havia erguido. Rasgou o portal e de alguma forma se misturou entre os sentidos de Pug e o local onde a batalha se passava, obscurecendo sua noção do que estava acontecendo. Pug sentiu-se um pouco tonto. Então ouviu um grito de alerta de Macros, o que o levou a se concentrar outra vez no portal, agora aberto. Pug trabalhou freneticamente e, de alguma reserva de forças oculta nas profundezas, arrancou a energia para agarrar o tecido que se rasgava e que servia para separar os universos. A brecha se fechou com violência. E um novo golpe surgiu e mais uma vez, com muito esforço, Pug o sustentou, e conseguiu. Então, vindo de Macros, surgiu o alerta: *Alguma coisa conseguiu atravessar.*

Alguma coisa atravessou, avisou Ryath.

Tomas saltou do dorso do dragão e aguardou atrás da Pedra da Vida. Uma escuridão se espalhou pelo átrio, imensa e poderosa, um pesadelo que ganhava vida. E depois avançou. Era de ébano, sem feições nem forma definidas, um ser de desespero, mas consciente. Seus contornos pareciam uma forma humana, mas era quase tão grande quanto Ryath. Abriu suas asas sombrias, que projetaram sombras no átrio como se fosse uma luz negra palpável. Sobre a cabeça, como uma coroa, ardia um círculo de chamas de um vermelho-alaranjado de fúria que parecia não projetar nenhuma luz.

Tomas gritou para Ryath:

— É um Senhor do Medo! Cuidado! É um ladrão de almas, um devorador de mentes!

Entretanto, o dragão bradou de raiva e atacou o monstruoso ser de pesadelo recorrendo à sua magia, assim como às garras e chamas, para combatê-lo. Tomas avançou, mas uma presença, outro ser, adentrou aquela fase do tempo.

Tomas recuou nas sombras quando um vulto que nunca vira antes, mas que conhecia tão bem quanto Pug, emergiu em meio à luz da pedra preciosa. O recém-chegado se esquivou da violenta batalha que sacudia o átrio. Veloz, a figura se moveu na direção da Pedra da Vida.

Tomas surgiu das sombras, pondo-se acima da pedra e ficando visível. O vulto se deteve e rosnou de raiva.

O Senhor dos Tigres, Draken-Korin, esplêndido em sua armadura laranja e preta, viu-se diante de uma imagem que ia além de sua compreensão.

— Não é possível! Você não pode estar vivo ainda!

Tomas falou com a voz de Ashen-Shugar:

— Então, veio para ver o fim?

Com o rosnar de um tigre, perdido por entre os gritos e urros da luta maior, o Senhor dos Dragões ressurgido empunhou sua espada negra e investiu para a frente, e, pela primeira vez em sua vida, Tomas enfrentou um inimigo com poder para destruí-lo.

A batalha encaminhava-se para o fim, pois as tropas de Murmandamus escapavam da cidade, fugindo na direção da Floresta Profunda. A notícia do desaparecimento de Murmandamus se espalhou por Sethanon como se tivesse sido soprada por um vento repentino. Depois, sem aviso, os Exterminadores Negros, por algum motivo, caíram como se suas vidas tivessem sido sugadas de suas armaduras. Isso, juntamente com a aparição dos tsurani e dos magos, assim como com o relato do surgimento de mais exércitos no horizonte, fez os invasores hesitarem no ataque, que acabou por ruir. Chefe após chefe, todos ordenaram a seus clãs que partissem, desistindo da batalha. Sem liderança, os goblins e trolls foram chacinados, até que o exército invasor, ainda mais numeroso, iniciou uma debandada geral.

Jimmy percorreu velozmente os corredores da torre de menagem, procurando rostos conhecidos entre os mortos e feridos. Subiu correndo as escadas de acesso ao muro sobre o campo da matança e se deparou com um grupo de tsurani bloqueando o caminho. Esgueirou-se entre eles e viu um cirurgião de Landreth debruçado sobre dois homens ensanguentados encostados à parede. Amos tinha uma seta ainda cravada no flanco, mas estava sorrindo. Guy estava coberto de sangue e tinha um ferimento feio no topo da cabeça. O golpe cortara a tira que sustentava seu tapa-olho, por isso, pôde ver a cavidade vermelha e inflamada. Amos riu e quase se engasgou.

— Ei, rapaz, que bom ver você. — Olhou por cima da muralha. — Olhe todos aqueles pequenos pavões. — Acenou debilmente com a mão para apontar os soldados tsurani trajados com cores vivas, que o fitavam com expressões enigmáticas. — Maldito seja eu se não são as coisinhas mais lindas que já vi.

Então, de baixo veio um som repugnante, seguido por um rugido poderoso capaz de enregelar a alma, como se alguma terrível onda de loucura estivesse de repente escapando do Inferno. Jimmy olhou ao redor, surpreso, e até os tsurani se mostraram espantados. A torre estremeceu e as paredes começaram a vibrar.

— O que é isso? — gritou Jimmy.

— Não sei, mas não quero ficar aqui para descobrir — disse Guy. Fazendo gestos para que o ajudassem a se erguer, agarrou-se a um guerreiro tsurani que lhe estendeu a mão e ficou de pé. Fez um sinal a um tsurani que parecia ser um oficial, indicando que pegasse Amos. Guy virou-se para Jimmy.

— Ordene a quem quer que esteja vivo que abandone a torre de menagem.

20

Consequências

A sala voltou a tremer e sacudir.

Arutha ficou escutando, enquanto estancava o sangramento no local onde fora ferido. Soava como uma batalha distante, com forças titânicas à solta. Foi até onde estavam Macros e Pug, com os dois magos de roupa preta ao lado. Suspirou ao cumprimentá-los com um aceno.

— Sou o Príncipe Arutha — apresentou-se.

Hochopepa e Elgahar também se apresentaram.

— Estes dois estão tentando manter o poder longe — explicou Elgahar. — Temos de ajudá-los. — Os dois Mantos Negros colocaram as mãos sobre os ombros de Macros e Pug e fecharam os olhos.

Arutha percebeu que estava outra vez sozinho. Olhou para a grotesca carapaça de Murmandamus caída em um canto. Aproximando-se do local, Arutha se abaixou e puxou sua espada de dentro do homem-serpente. Observou atentamente a forma viscosa do sacerdote serpente e riu com amargura. O líder reencarnado das nações moredhel era um pantathiano! Tudo não passara de um truque — desde a profecia secular, passando pelo recrutamento dos moredhel e seus aliados, até o ataque a Armengar e Sethanon. Os pantathianos haviam pura e simplesmente usado os moredhel, sob o comando dos Senhores dos Dragões, acumulando a magia das vidas perdidas para alcançar a Pedra da Vida e usá-la. No fim das contas, os moredhel foram utilizados com mais crueldade do que quaisquer outros. Uma ironia de proporções míticas. Arutha ficou espantado ao compreender a situação, embora não tivesse mais forças para fazer coisa alguma além de vasculhar um pouco aquele cômodo, como se procurasse alguém com quem partilhar a revelação. De repente, apareceu uma fenda na parede onde havia a pequena porta e joias, ouro e outros tesouros se espalharam pelo chão. Atormentado pelo cansaço, Arutha nem pensou em como aquilo teria acontecido, pois não ouvira nenhum som de alvenaria desabando.

Arutha deixou a ponta da espada cair e se encaminhou outra vez para perto dos magos. Sem ver uma saída do subterrâneo, sentou-se em cima do púlpito e observou os quatro Tecedores de Feitiços imóveis e de mãos dadas. Observou sua ferida e viu que o fluxo de sangue diminuíra. Era doloroso, mas nada grave. Encostou-se, instalando-se o mais confortavelmente possível, pois não lhe restava nada mais a fazer além de esperar.

Tijolos e alvenaria foram reduzidos a pó quando a cauda de Ryath colidiu com a parede. Entre gritos de dor e fúria, o dragão lançou sua magia sobre o Senhor do Medo enquanto lhe infligia ferimentos com as presas e garras. O Senhor do Medo, porém, era um oponente forte e o dragão pagou bem caro.

Tomas atacou impetuosamente, mantendo seu corpo entre a Pedra da Vida e Draken-Korin. O valheru, gritando e rosnando, atirara-se a Tomas como o tigre representado em seu tabardo. Tomas não possuía a fúria brutal de seu oponente desde que os dias de insanidade o atormentaram durante a Guerra do Portal. Mas era um guerreiro experiente e não perdera seu talento.

— Você não pode nos renegar de novo, Ashen-Shugar — gritou Draken-Korin. — Somos os senhores deste mundo. É nosso dever retornar.

Tomas se esquivou de um golpe, girando a espada, e depois estocou e foi brindado com uma chuva de faíscas quando a lâmina acertou na armadura de Draken-Korin, lacerando-lhe o tabardo.

— Você é o artefato decadente de uma era passada. É uma coisa sem capacidade para perceber que já morreu. Destruiu tudo para conquistar um planeta sem vida.

Draken-Korin tentou acertar sua cabeça, mas Tomas se abaixou e contra-atacou, atingindo o valheru no estômago com a ponta da lâmina. Draken-Korin cambaleou para trás e Tomas saltou para cima dele como um gato faria a um rato. Desferiu uma série de golpes contra o Senhor dos Tigres e ganhou vantagem.

— Não podem nos expulsar — gritou Draken-Korin, que redobrou sua fúria, detendo Tomas e fazendo-o recuar em seguida. De repente, surgiu uma luz bruxuleante e, no lugar de Draken-Korin, apareceu Alma-Lodaka, que atacou com a mesma ferocidade. — Você nos subestimou, Pai-Esposo. Somos todos os valheru, mas você é só um. — Então o corpo e o rosto se alteraram à medida que todos os valheru se opunham a Tomas. Mudavam rapidamente, fazendo com que diante de Tomas aparecesse uma mancha indistinta de rostos. Por fim, Draken-

Korin voltou. — Como pode ver, sou uma multidão, uma legião. Somos o poder.

— Você é a morte e o mal, assim como o pai da mentira — respondeu Tomas com desdém. Atacou de novo e Draken-Korin se esquivou por pouco. — Se você tivesse o poder de toda a raça, eu teria sido derrubado em um instante. Pode mudar de forma, mas sei que não passa de um, uma pequena parte do todo, enviado para cá para usar a Pedra da Vida e abrir o portal para que a Tropa dos Dragões possa entrar.

Draken-Korin limitou-se a responder com mais um ataque. Tomas deteve a espada negra com a sua dourada, atirando-a para o lado. No outro extremo do átrio, a luta entre o dragão e o Senhor do Medo estava prestes a terminar, pois os sons do combate eram mais lentos e espaçados. Então, de trás, veio o silêncio e uma presença terrível.

Tomas sentiu o Senhor do Medo se aproximando e percebeu que Ryath estava perdendo. Quando era Ashen-Shugar, enfrentara o Senhor do Medo, e, se estivesse livre, não o temeria, mas combatê-lo agora implicaria deixar Draken-Korin livre para agir, e ignorá-lo lhe daria uma oportunidade para que o oponente o incapacitasse.

Tomas desviou a investida seguinte de Draken-Korin para o lado e saltou para a frente em um movimento repentino, arriscando um golpe. A lâmina negra foi impelida para a frente, mas ricocheteou na cota de malha sob o tabardo branco. Tomas cerrou os dentes de dor quando a espada cor de ébano cortou as junções metálicas, lacerando-o no flanco, mas ele agarrou o braço de Draken-Korin e, com uma torção, inverteu as posições, empurrando o Senhor dos Tigres sobre o Senhor do Medo.

O Senhor do Medo tentou se desviar, mas o dragão o fez pagar bem caro antes de sucumbir. O Senhor do Medo foi ferido e ficou atordoado, e seu golpe atingiu Draken-Korin por trás, surpreendendo-o. Draken-Korin gritou de dor, pois não havia erguido nenhuma proteção contra o toque sugador de vida do Senhor do Medo.

Tomas acertou um golpe profundo no estômago do valheru vestido de preto e laranja e girou a espada, debilitando-o ainda mais. Draken-Korin cambaleou e foi novamente forçado a ir de encontro ao confuso Senhor do Medo, que o empurrou para o lado. O empurrão inesperado projetou Draken-Korin na direção da Pedra da Vida.

— Não — gritou Tomas, saltando para a frente. O Senhor do Medo atacou com violência e agarrou Tomas por um instante. Todo o corpo de Tomas foi percorrido pela dor e ele lançou uma série de golpes com sua espada,

provocando uma sibilante chuva de faíscas nos pontos onde atingira a criatura escura como breu, que soltou um grito ruidoso e o largou. Prontamente, Tomas atacou furioso o coração da criatura sem vida, um ferimento quase mortífero que a fez cambalear para trás. Tomas voltou-se para o local onde Draken-Korin tentava atingir seu objetivo.

Draken-Korin tropeçou e caiu para a frente, na direção da Pedra da Vida, como se pretendesse abraçá-la. Riu, mesmo sentindo suas energias se esgotando, pois ainda dispunha de tempo para desenvolver sua magia e abrir o portal, permitindo que o resto de sua consciência coletiva regressasse ao mundo que criara. Seria um todo outra vez.

Então, com um poderoso impulso, Tomas saltou sobre ele, com as duas mãos segurando a espada, apontada para baixo. Com todas as energias que lhe restavam, cravou a arma em um único golpe. Ouviu-se um grito capaz de perfurar os tímpanos quando Draken-Korin se inclinou para trás, como se estivesse se levantando de uma reverência. A espada dourada atravessou-o até atingir a Pedra da Vida.

Foi quando o vento chegou. Uma corrente de ar irresistível vinda de algum lugar, soprada de todas as direções para a Pedra da Vida. O Senhor do Medo, fatalmente atingido, agitou-se com o toque da brisa e depois estremeceu. Tornou-se, no mesmo instante, uma massa composta de fumaça imaterial e foi levado pelo vento que era sugado pela Pedra da Vida. O corpo do Senhor dos Tigres estremeceu e depois se agitou com violência, enquanto um brilho dourado se espalhava da espada mágica de Tomas para envolver Draken-Korin. A auréola começou a pulsar e o valheru tornou-se imaterial. Tal como o Senhor do Medo, ele desapareceu dentro da Pedra da Vida.

Pug ficou espantado quando o portal se abriu de repente, mas não do outro lado. Foi como se uma mão gigante se estendesse e deslocasse seus tijolos mágicos para os lados, e depois tivesse entrado na brecha, puxando algo de lá. Pug sentiu a mente de Macros e reconheceu também, sem saber muito bem como, a presença de Hochopepa e Elgahar. Então o portal explodiu na direção deles, que foram devolvidos ao conhecimento normal.

O espaço mudou ao redor de Tomas. Subitamente, Macros, Pug, os dois homens vestidos de negro e Arutha estavam ali.

Olhou para trás e viu Ryath, aninhada em um canto, cheia de ferimentos terríveis e fumegantes. O dragão parecia morto. Caso estivesse vivo, não duraria muito. Encontrara seu destino tal como previra e Tomas fez votos para que ela nunca fosse esquecida. Atrás de seu corpo prostrado, o cofre com o tesouro dos valheru fora escancarado durante a luta entre o dragão e o Senhor do Medo, esvaziando no chão seu conteúdo composto por ouro e joias, livros e artefatos.

Arutha se ergueu de um salto.

— O que aconteceu? — questionou.

— Acho que está quase terminado — anunciou Tomas, saltando para baixo.

Macros ficou espantado, e Pug e os outros se mexeram quando o som dos ventos uivantes se transformou em uma força terrível que vibrava nos ouvidos. Rapidamente, todos taparam os ouvidos. Um terrível abalo se fez ouvir e o teto do lugar explodiu para cima, destruindo o próprio chão sob o antigo cofre, assim como os porões e os pisos inferiores da torre de menagem, projetados para o céu através da cratera recém-aberta. Um gêiser de alvenaria e pedras, os destroços dos dois edifícios, subiu bem alto no céu, espalhando tudo pela cidade. Bem acima deles, viram uma abertura sobre o azul, um vazio cinzento faiscante. E, de dentro dele, uma labareda multicolorida foi projetada.

Pug, Hochopepa e Elgahar já tinham visto algo semelhante em outra ocasião, quando cada um deles esteve na Torre da Provação, na Cidade dos Magos. Era a visão do Inimigo avistada na época da Ponte Dourada, quando as nações fugiram para Kelewan durante as Guerras do Caos.

— Está atravessando! — gritou Hochopepa.

Macros gritou mais alto do que o terrível som uivante que emanava da pedra preciosa:

— A Pedra da Vida! Foi ativada.

Pug, confuso, olhou em volta.

— Mas ainda estamos vivos!

Tomas apontou para o local onde a espada dourada ainda se mantinha cravada na Pedra da Vida.

— Eu matei Draken-Korin antes de ele conseguir utilizar a Pedra. Ela está apenas parcialmente ativa.

— O que vai acontecer? — perguntou Pug mais alto do que o ruído ensurdecedor.

— Não sei. — Macros imitou os outros, tapando os ouvidos. — Precisamos de uma barreira de força! — gritou a plenos pulmões.

Pug percebeu de imediato o que era necessário e tentou tecer a magia que

impediria que fossem destruídos.

— Hocho, Elgahar, me ajudem!

Deu início ao encantamento e os outros se uniram a ele para tecer uma barreira protetora ao redor deles. O som cresceu até um tom que, Arutha notou, já nem valia a pena tapar os ouvidos; cerrou os dentes devido à dor, debatendo-se com a vontade de gritar, calculando se os magos seriam capazes de terminar seus encantamentos. A luz da Pedra da Vida tornou-se cada vez mais intensa, até atingir um branco puro ofuscante com um brilho intenso prateado nas bordas. Parecia pronta para liberar algum tipo de destruição terrível. O Príncipe estava quase paralisado devido ao cansaço e ao horror diante do que sucedera nas últimas horas. Pensou, apático, no que representaria a morte do planeta. Não foi capaz de suportar mais a dor e começou a gritar...

...no momento em que Pug terminou de tecer o encantamento e a câmara explodiu.

Um tremor irregular começou a ser sentido no chão, uma força crescente como um terremoto, e Guy voltou-se para observar a cidade. Os soldados de Shamata, Landreth e os tsurani estavam fugindo juntamente com os de Sethanon e do Castelo Alto. Em meio a eles, seguiam goblins, trolls e alguns inabaláveis Irmãos das Trevas, mas os combates haviam cessado de todo, uma vez que todas as criaturas da cidade fugiam ante uma sensação de desgraça iminente, um terror palpável bem cravado no âmago de seus seres. Sensações sombrias lhes tiravam qualquer vontade de lutar. O que cada um deles mais queria era se afastar ao máximo daquela fonte de medo desesperado.

Então começou uma batida ribombante, um barulho ensurdecedor, áspero e doloroso. Todos os que estavam ao alcance daquele som caíram de joelhos. Os homens vomitaram quando seus estômagos se revolveram devido a uma terrível sensação de desorientação, como se de repente a força que os mantinha presos ao chão tivesse evaporado. Os olhos se encheram de lágrimas e os ouvidos começaram a doer no momento em que pareceu que voavam. Todos tiveram a sensação de que, por um instante, flutuaram, e depois foram violentamente lançados ao chão, como que golpeados por uma mão gigantesca. Em seguida, aconteceu a explosão.

Quem se debatesse para continuar de pé era derrubado de novo, enquanto uma luz com um brilho impossível era projetada diretamente para o alto. Como se o sol tivesse explodido, projetando fragmentos de pedra, terra e madeira na

direção do céu, uma monstruosa convulsão de energias. Bem alto sobre Sethanon, desenvolveu-se uma centelha vermelha, uma luz ofuscante que logo esmoreceu até um cinza vazio. Seguiu-se, então, um silêncio inesperado, enquanto vórtices de energia dançavam dentro daquele cinza. Como se o tecido do firmamento estivesse sendo dobrado sobre si mesmo, as bordas da fenda no céu foram viradas do avesso, revelando outro universo. As cores em cascata, que eram o poder, a energia, a própria essência da vida dos Senhores dos Dragões, podiam ser vistas pulsando e ondulando impetuosas, como se tentassem ultrapassar a última barreira que se interpunha entre eles e seu objetivo final. Então veio o som.

Uma nota prateada de trombeta soou em uma altura inacreditável, trespassando todos os seres vivos em um raio de quilômetros ao redor da cidade, como se um vento de agulhas perfurasse seus corpos. A agonia do desespero final esmagou a todos. Soou outra vez através da mente de todas as criaturas visíveis em Sethanon algo que representava o desespero, como se cada uma delas, de repente, percebesse que sua vida estava de alguma forma ligada ao que testemunhara. O pânico se intensificou no interior de cada um dos que observavam, mesmo do mais experiente dos soldados. Todos choraram e gritaram, pois observavam os últimos momentos da existência. De repente, o ruído cessou.

No meio daquele silêncio sinistro, uma explosão de cores se formou no céu. O vazio cinzento se espalhara para seu exterior, até o céu parecer ficar totalmente tapado, e, no coração daquela loucura, surgiu o Inimigo. De início, parecia não passar de uma mancha sem brilho, pulsando e se transformando enquanto tentava atravessar o buraco entre os mundos. Mas, assim que começou a fazê-lo, foi se dissolvendo em manchas menores de cores brilhantes, formas de energia em mutação que se solidificavam em formatos diferentes. Logo todos no chão discerniram seres individuais, criaturas de aparência humana montadas no dorso de dragões, bem no centro do portal. Com uma explosão ainda mais intensa do que todas as anteriores, a Tropa dos Dragões saltou pela brecha no céu, urrando antigos gritos de batalha. Eram imagens de uma beleza aterradora, seres magníficos de poder espantoso, vestindo armaduras de cores vivas e em uma forma esplêndida, montando dragões ancestrais. Bestas magníficas, muitas desaparecidas eras antes de Midkemia, se impulsionaram com asas gigantescas sobre os céus. Enormes dragões pretos, verdes e azuis, extintos em seu próprio mundo, se elevaram nos ares ao lado das criaturas douradas e cor de bronze, cujos descendentes ainda viviam. Os vermelhos eram mais comuns e planaram

ao lado dos dragões prateados, que havia eras não eram vistos em Midkemia. Os rostos dos valheru eram verdadeiras máscaras de júbilo, pois desfrutavam daquele momento de glória. Cada um deles se parecia com uma nave de poder sem igual, senhor do destino de todos os que o observavam. Eles *eram* poder. Quando apareceram, uma dor de uma intensidade imensurável foi sentida no corpo de cada criatura no planeta, como se seu fio da vida fosse de alguma forma puxado.

Então, em um momento de puro terror, quando toda a esperança já se esvaíra, ergueu-se uma força. Do fundo da cratera sob a torre de menagem jorrou uma corrente de energia sobre a cidade, rodopiando aleatoriamente e saltando por cima dos telhados. Dançou desenfreada em uma espiral de loucura enquanto fogo verde se espalhava para o exterior, derramando-se como uma chama líquida em círculos cada vez maiores. Depois, com um forte som abafado, mas inofensivo para os ouvidos, foi projetada uma gigantesca nuvem de pó na direção do céu, e todo o ruído cessou.

Algo respondera ao caos do céu. Não se viu nada, mas foi sentido algo de dimensões titânicas, contrariando todo o desespero demoníaco e sombrio vivido alguns minutos antes. Como se o amor e a beleza da criação tivessem entoado uma canção, algo se ergueu para desafiar a Tropa dos Dragões. Uma luz verde e brilhante, destinada a enfrentar aquela luz vermelha anterior, saltou da cratera para atingir o portal. Os que seguiam à frente da Tropa dos Dragões foram engolidos pela luz verde e, assim que foram tocados por ela, tornaram-se imateriais, uma ira de épocas passadas, uma sombra de eras ancestrais. Os Senhores dos Dragões se tornaram nuvens de fumaça colorida, seres de névoa e memória. Tremeram e dançaram, como se escravizados por se depararem com forças equivalentes, e depois foram repentinamente sugados para baixo, como se tivessem sido puxados para o solo por um vento irresistível. Os dragões sem cavaleiros gritaram e rodopiaram, voando para longe do vento, livres das ordens de seus senhores. Dispersaram-se para todas as direções da bússola. A terra tremeu sob os pés daqueles que observavam completamente espantados, e o som daquele vento era, ao mesmo tempo, assustador e belo, como se os próprios deuses tivessem composto uma canção da morte. O rasgo no céu desapareceu subitamente, sem nada sobrar, nada que provasse que existira. O vento cessou.

E o silêncio era assombroso.

Jimmy olhou ao redor. Percebeu que estava chorando e depois rindo, e, em seguida, chorando outra vez. De repente, pareceu a ele que todos os horrores que conhecera, toda a dor que sofrera, tinham sido varridos. De repente, sentiu-se

bem, no fundo de seu ser. Sentiu-se unido a tudo no planeta que tinha vida. Sentiu-se cheio de vida e de amor. E percebeu que, finalmente, haviam vencido. De alguma forma, no momento de seu triunfo, os valheru tinham sido subjugados e derrotados. O jovem escudeiro se ergueu, vacilante, e riu de alegria enquanto as lágrimas lhe corriam sem embaraço pelo rosto. Viu que estava abraçado a um soldado tsurani, que também chorava e ria ao mesmo tempo.

Guy foi ajudado a se levantar outra vez e observou o cenário ao seu redor. Goblins, trolls, Irmãos das Trevas e um ou outro gigante deslocavam-se cambaleantes para o norte, mas ninguém os perseguia mais. Os soldados do Reino e os tsurani se limitavam a observar o espetáculo da cidade, pois uma cúpula composta por uma luz de um verde impossível brilhava sobre Sethanon. Um verde tão brilhante que era visível à luz do sol de um dia limpo de outono e tão belo que deixava todos os que o avistavam absolutamente deslumbrados. Uma canção de imensa alegria, mais sentida do que ouvida, soou dentro dos corações de todos os que viram a cúpula. Por todo lado, viam-se homens chorando copiosamente ao observarem algo de uma perfeição sublime, enchendo-os de uma alegria indescritível. A cúpula verde pareceu tremeluzir, mas pode ter sido uma ilusão gerada pela passagem das nuvens de poeira. Guy olhou, incapaz de desviar seu olho são. Até os goblins e trolls que passavam em fuga pareciam diferentes, sem nenhuma vontade de lutar.

Guy suspirou e sentiu a alegria interior diminuir, ao notar que nunca mais em sua vida conheceria um momento pleno de alegria como aquele, de êxtase maravilhoso. Armand de Sevigny veio correndo na direção de seu velho aliado, seguido de perto por Martin e por um anão.

— Guy — disse ele, ocupando o lugar de um dos tsurani e mantendo seu antigo comandante e agora amigo em pé com um intenso abraço. Ambos balançaram para a frente e para trás envolvidos naquele abraço, rindo e chorando.

— De uma maneira ou de outra, vencemos — disse du Bas-Tyra com tranquilidade na voz.

Armand assentiu.

— E Arutha? — perguntou na mesma hora.

Guy balançou pesarosamente a cabeça.

— Nada pode ter sobrevivido dentro daquilo. Nada.

Martin e Dolgan chegaram à frente de um grupo de anões guerreiros. O Rei dos Anões do Ocidente colocou-se ao lado de Guy e Armand e falou calmamente:

— Isso tem uma beleza terrível e infinita. — A cúpula de luz parecia assumir a aparência de uma joia gigante, como se fosse composta por facetas hexagonais. Cada uma das facetas brilhava intensamente, mas com uma intensidade diferente, dando à cúpula um aspecto cintilante. As sensações de perfeição estavam enfraquecendo, assim como a erupção de alegria, mas todos ainda sentiam um tranquilo maravilhamento.

Martin desviou o olhar.

— E Arutha? — perguntou.

— Desapareceu ali dentro com três homens que chegaram montados no dorso de um dragão — explicou Guy. — O elfo sabe como se chamam.

Enquanto a visão pulsava, Guy voltou a se concentrar nas preocupações mais mundanas.

— Por todos os deuses, que confusão! Martin, é melhor colocar alguns homens para perseguirem os Irmãos das Trevas até seu lugar de origem, antes que se reagrupem e voltem para cá.

Dolgan retirou calmamente um cachimbo da bolsa pendurada no cinto.

— Meus rapazes já estão cuidando disso, mas não se importam se tiverem companhia. Embora eu tenha a impressão, de qualquer forma, de que os moredhel e seus servos não sejam um assunto muito urgente. A verdade é esta: duvido que alguém que esteve aqui hoje ainda tenha alguma vontade de lutar.

Então, por entre a poeira, surgiram recortadas sob a esfera verde reluzente seis silhuetas de homens, que avançavam com dificuldade, coxeando. Martin e os outros se mantiveram em silêncio enquanto os seis se aproximavam, cobertos por uma camada de pó que não deixava seus rostos visíveis. Quando chegaram a meio caminho entre os portões da cidade e quem os observava, Martin gritou:

— Arutha!

Prontamente, os homens avançaram para ajudar Arutha e seus companheiros. Cada um deles tinha um par de soldados se oferecendo para ajudá-los a caminhar, mas Arutha se limitou a parar e a abraçar o irmão. Martin colocou o braço sobre o ombro do irmão, chorando com grande alívio por reencontrá-lo vivo. Após um longo abraço, separaram-se e se viraram para observar a cúpula que reluzia sobre a cidade.

Foram varridos por uma renovada sensação de harmonia plena de vida e amor, um sentimento de sublime perfeição que, subitamente, desapareceu.

As luzes verdes da cúpula desapareceram e a poeira começou a diminuir.

Macros falou em um resmungo rouco:

— Finalmente acabou.

Lyam atravessou o acampamento, inspecionando os corpos destroçados daqueles que combateram no Castelo Alto e em Sethanon. Arutha caminhou ao seu lado, ainda dolorido e exausto devido à luta.

— Essa história é espantosa — reconheceu o Rei. — Só acredito porque a prova está diante de meus olhos.

— Eu a vivi e ainda me custa acreditar — disse Arutha.

Lyam olhou ao redor.

— A verdade é que, depois de tudo o que você me contou, tem sorte de ainda ver o que quer que seja. Acho que temos muito o que agradecer a você. — Suspirou. — Sabia que, quando éramos mais novos, eu poderia jurar que ser Rei era algo fantástico? — Olhou pensativo para Arutha. — Assim como teria sido capaz de jurar que era tão esperto quanto você ou Martin. — Riu pesarosamente. — A prova de que não sou foi não ter seguido o exemplo de Martin e renunciado à coroa. Nada além de confusões. Tive Hazara-Khan andando à minha volta, envolvido em mexericos com metade dos nobres do Reino, e sem dúvida roubando segredos de Estado como se fossem conchinhas na praia. Agora que o portal foi reaberto, tenho de entrar em contato com o Imperador para ver se consigo organizar uma troca de prisioneiros. Só que nós não temos nenhum, pois os deixamos livres, então Kasumi e Hokanu disseram que provavelmente teremos de comprar os presos, o que implica subir os tributos do povo. E fiquei com cem ou mais dragões voando em todas as direções, algo que já não era visto neste mundo há muitas eras; podem aterrissar onde quer que desejem... quando têm fome. E depois, há o problema de toda a cidade ter sido arruinada...

— Pense na alternativa que estava em jogo... — aconselhou Arutha.

— E, como se não bastasse, você me passa a resolução do problema de du Bas-Tyra, que, pelo que me diz, é um verdadeiro herói. Metade dos lordes do Reino pretende que eu encontre uma árvore onde enforcá-lo e a outra metade está pronta a me enforcar a mando dele. — Voltou um olhar cético ao irmão. — Deveria ter acatado a dica quando Martin renunciou e ter passado a coroa para você. Dê-me uma pensão decente e pode ser que eu faça isso. — A expressão de Arutha tornou-se sombria só de pensar na possibilidade de ter mais responsabilidades. Lyam olhou ao redor quando Martin os saudou. — Seja como for — disse a Arutha —, acho que sei o que fazer em relação a esse último assunto. — Lyam acenou para Martin, que se apressou a juntar-se a eles. — Já a encontrou?

O Duque de Crydee sorriu abertamente.

— Sim, estava com um grupo de apoio de Tyr-Sog que marchou meio dia atrás de mim até aqui. Eram os que vinham de LaMut, com Kasumi e os anões de Dolgan.

Desde que chegara, Lyam já andava havia um dia e meio com Arutha, inspecionando o local onde fora travada a batalha. Seu exército tinha sido o último a chegar, pois os ventos que sopravam de Rillanon e de Salador eram desfavoráveis. Apontando por cima do ombro, indicou onde estavam reunidos os nobres do Reino, ao lado de seu pavilhão.

— Bem — disse —, todos querem saber o que faremos agora.

— Você já decidiu? — Arutha perguntou a Martin. O Príncipe estivera a noite toda reunido com Lyam, Pug, Tomas, Macros e Laurie, discutindo a resolução de diversos assuntos, agora que a ameaça de Murmandamus passara, enquanto Martin tinha percorrido o acampamento à procura de Briana.

Martin parecia nitidamente alegre.

— Sim, vamos casar assim que possível. Se houver um sacerdote de alguma ordem entre os refugiados da cidade, será amanhã mesmo.

— Acho que você deve solidificar o bastante sua paixão antes de se casar. — A expressão de Martin se tornou sombria. Lyam gargalhou. — Raios! Você está parecendo ele! — disse, apontando para Arutha. O Rei se viu de repente invadido por um profundo afeto por seus irmãos e, impetuosamente, foi até eles. Abraçando-os com carinho, falou com a voz embargada de emoção: — Estou tão orgulhoso de vocês, e sei que o nosso pai também estaria. — Os três homens ficaram abraçados por um longo momento, até que Lyam voltou a falar, depois de pigarrear: — Venham, vamos pôr o Reino em ordem outra vez. E, depois, poderemos celebrar. Raios! Se nós não temos um motivo, ninguém o tem. — Na brincadeira, deu em ambos um empurrão e, por entre uma gargalhada geral, os encaminhou para seu pavilhão.

Pug olhou quando Lyam entrou com os irmãos. Macros, ao lado de Kulgan, fez uma mesura, com os outros magos de Doca da Estrela e da Assembleia aglomerados atrás. Katala, agarrada a seu marido, parecia que não queria largá-lo; já William e Gamina estavam agarrados a sua túnica. Pug despenteou a menina, feliz por ver que tinha herdado uma filha durante o tempo em que estivera ausente.

Em um dos cantos, Kasumi falava baixinho com seu irmão mais novo. Estavam juntos pela primeira vez depois de três anos. Hokanu e os soldados

mais leais ao Imperador foram enviados para ajudar os Mantos Negros da Assembleia quando estes vieram. Os dois irmãos Shinzawai tinham conversado com Lyam mais cedo naquele dia, pois, assim como ele comentara, a volta do portal entre os mundos criara algumas dificuldades.

Laurie e Baru se juntaram a Martin, que manteve seu braço ao redor da cintura de Briana. O guerreiro ruivo chamado Shigga estava apoiado em sua espada atrás dele, observando tranquilamente os procedimentos, apesar de não conseguir compreender o que era dito. Chegara com Briana, assim como outros sobreviventes de Armengar, marchando com o exército sob as ordens de Vandros, de Yabon. A maior parte dos soldados armengarianos estava do lado de fora com os anões, perseguindo as tropas de Murmandamus que voltavam para o norte. Dolgan e Galain também estavam vendo o que aconteceria, com a particularidade de o anão parecer não sentir o passar dos anos. A única coisa que indicava que tinha subido ao trono dos anões ocidentais era o Martelo de Tholin, pendurado em seu cinto. De resto, continuava exatamente igual ao que Pug se lembrava do tempo em que tinham desbravado as minas sob as montanhas das Torres Cinzentas. Espiou Pug no outro lado da tenda, sorriu e acenou para ele.

Lyam ergueu a mão.

— Muitas coisas foram relatadas para nós desde nossa chegada, histórias fabulosas de coragem e heroísmo, narrativas de dever e sacrifício. Com a revolta que aconteceu aqui, alguns problemas foram resolvidos. Falamos com muitos de vocês, colhendo bons conselhos, e agora temos algumas proclamações a fazer. Em primeiro lugar, apesar de os habitantes de Armengar serem estrangeiros em nossa nação, são irmãos de nosso povo de Yabon. Vamos acolhê-los de volta como irmãos e lhes oferecer um lugar entre os nossos. Serão considerados cidadãos do Reino. Se alguém desejar voltar para o Norte, para se instalar de novo naquela terra, vamos ajudar da melhor maneira que pudermos, mas temos a esperança de que permaneçam entre nós. Queremos também agradecer profundamente ao Rei Dolgan e a seus súditos por sua oportuna ajuda. Também gostaria de agradecer a Galain, o elfo, pela disponibilidade em ajudar nosso irmão. E que se saiba que nossos senhores, o Príncipe de Krondor e os Duques de Crydee e Salador, serviram seu Reino além do que lhes seria exigido; a coroa está em dívida para com eles. Nenhum rei alguma vez pôde pedir a seus súditos aquilo que eles deram de livre vontade. — Então, abrindo um precedente, Lyam pediu aplausos para Arutha, Laurie e Martin. O pavilhão vibrou com as palmas dos nobres reunidos. — Agora, deixemos que o Conde Kasumi de LaMut e seu irmão, Hokanu dos Shinzawai, se aproximem. — Quando os dois tsurani se

puseram à sua frente, Lyam voltou a falar: — Kasumi, antes de mais nada, transmita a seu irmão, e através dele ao Imperador e a seus soldados, nossa gratidão por seu esforço generoso e valente em salvar esta nação de um perigo mortal. — Kasumi começou a traduzir para o irmão.

Pug sentiu uma mão sobre seu ombro e, ao se virar, viu Macros inclinando a cabeça. Pug beijou Katala e cochichou algo em seu ouvido.

— Volto já — disse.

Katala assentiu e deu a mão aos filhos, sabendo que, daquela vez, o marido não falava levianamente. Ficou vendo Macros levar Tomas e Pug para um local um pouco mais afastado.

— Agora que o caminho foi aberto — prosseguiu Lyam —, vamos permitir aos homens da guarnição de LaMut que desejem regressar à sua terra natal que o façam, libertando-os da vassalagem que nos prestaram.

Kasumi inclinou a cabeça com respeito.

— Meu senhor, tenho o prazer de informar-lhe que a maioria dos homens optou por ficar, alegando que, honrados com sua generosidade, são agora homens do Reino, com esposas, famílias e amigos. Eu também permanecerei.

— Ficamos felizes, Kasumi. Muito felizes mesmo.

Os dois se retiraram e Lyam deu seguimento a seu discurso:

— Agora, deixemos que Armand de Sevigny, Baldwin de la Troville e Anthony du Masigny venham à frente. — Os três homens avançaram e fizeram uma mesura. — Ajoelhem-se — ordenou Lyam, e os três homens se puseram de joelhos perante o Rei. — Anthony du Masigny, novamente serão entregues a você seus títulos e terras do Baronato de Calry, que haviam sido retirados quando você foi enviado para o Norte, e acrescentaremos também o título e as terras que antes pertenceram a Baldwin de la Troville. Estamos felizes com seu serviço. Baldwin de la Troville, precisamos de você. Já que passou seu cargo como Escudeiro de Marlsbourough para du Masigny, temos outro para você. Aceita o cargo de comandante de nosso posto avançado no Castelo Alto?

— Sim, senhor — respondeu de la Troville —, embora, se for do agrado da coroa, eu prefira passar sempre o inverno no Sul.

A multidão respondeu com uma gargalhada.

— Concedido — disse Lyam —, assim como também serão entregues a você os títulos que outrora pertenceram a Armand de Sevigny. Erga-se, Baldwin, Barão do Castelo Alto. — Olhou para Armand de Sevigny, a quem se dirigiu: — Temos planos para você, meu amigo. Deixe que o Duque de Bas-Tyra avance. — Guardas com as cores do Rei avançaram com Guy du Bas-Tyra, tanto para

escoltá-lo como para ampará-lo vindo do pavilhão real, onde estava se recuperando com Amos Trask. Quando Guy parou ao lado de Armand, ainda ajoelhado, o Rei retomou a palavra: — Guy du Bas-Tyra, você foi considerado traidor e banido, impedido de voltar à nossa terra sob pena de morte. Compreendemos que não teve escolha no que diz respeito à sua volta. — Lançou um olhar a Arutha, que sorriu pesarosamente. — Por isso, revogamos a ordem de exílio. Agora, temos de resolver a questão de seu título. Entregamos o cargo de du Bas-Tyra ao homem que nosso irmão Arutha considerou mais adequado para assumi-lo. Armand de Sevigny, por este meio concedemos a você o cargo de Senhor do Ducado de Bas-Tyra, com todos os direitos e obrigações que o título implica. Erga-se, Duque Armand de Sevigny.

Lyam voltou o olhar para Guy.

— Mesmo sem seu título hereditário, achamos que devemos mantê-lo ocupado. Ajoelhe-se. — Guy foi ajudado a se ajoelhar por Armand. — Guy du Bas-Tyra, em virtude de sua profunda preocupação com o bem-estar do Reino, mesmo tendo em conta que este o baniu, e de sua valentia tanto na defesa de Armengar como do Reino, oferecemos a você o cargo de Conselheiro Principal do Rei. Você o aceita?

Guy arregalou os olhos e depois riu.

— Isso é uma grande piada, Lyam. Seu pai deve estar tendo um ataque em algum lugar. Sim, eu aceito.

O Rei meneou a cabeça e sorriu ao se recordar do pai.

— Não, achamos que ele compreende. Erga-se, Guy, Duque de Rillanon. — Em seguida, Lyam chamou: — Baru dos Hadati — Baru saiu do lado de Laurie, Martin e Briana e se ajoelhou à frente de seu Rei. — Sua valentia foi inigualável, tanto para derrubar o moredhel Murad quanto ao acompanhar nosso irmão Martin e o Duque Laurie pelas montanhas para nos avisar sobre a invasão de Murmandamus. Pensamos por muito tempo e não sabemos bem como gratificá-lo. O que podemos fazer para demonstrar nosso contentamento por seus serviços?

— Majestade — Baru começou a dizer —, não desejo nenhuma recompensa. Tenho muitos parentes chegando a Yabon e gostaria de me instalar lá com eles, se me for permitido.

— Então parta com nossa bênção — disse Lyam —, e, se precisar de algo que esteja a nosso alcance para facilitar a reintegração de seu povo, basta pedir.

Baru se levantou e voltou para junto de seus amigos, todos sorrindo. Baru encontrara um novo lar e um propósito na vida.

Foram concedidas outras recompensas e os negócios da corte prosseguiram. Arutha manteve-se à parte, desejando que Anita pudesse estar ali com ele, embora soubesse que estava apenas a alguns dias de distância dela. Viu Macros de longe, falando com Pug e Tomas. Os três vultos permaneceram na sombra enquanto o dia se aproximava do fim, com a noite logo chegando. Arutha suspirou de cansaço e pensou no que poderia estar preocupando os três.

—Então você compreende — afirmou Macros.

— Sim — respondeu Pug —, mas de qualquer forma é muito complicado. — Não precisou dizer mais nada. Tinha perfeita noção dos conhecimentos adquiridos enquanto ele e o feiticeiro estiveram unidos. Agora tinha tanto poder quanto Macros e estavam quase no mesmo patamar de conhecimento. Mas sentiria falta do feiticeiro, agora que conhecia seu destino.

— Tudo tem um fim, Pug. Agora é o fim de meu tempo neste mundo. Com o fim da presença dos valheru, meus poderes regressaram com força. Vou seguir em frente rumo a algo novo. Gathis vai se juntar a mim e os outros na ilha estão preocupados, então não me resta nada para fazer aqui. Tenho de seguir em frente, assim como você deve permanecer. Haverá reis para aconselhar, garotos para ensinar, velhos com quem discutir, guerras a evitar, guerras a travar. — Suspirou, como se ansiasse novamente por uma libertação final. Depois, suavizou o tom de voz: — Seja como for, nunca é entediante. Isso nunca. Assegure-se de que o Rei saiba o que fizemos aqui. — Olhou para Tomas. O valheru transformado em homem parecia de algum modo diferente desde a última batalha, e Macros falou com suavidade: — Tomas, você tem, por fim, os eldar voltando para casa, com o fim do autoexílio em Elvardein. Precisará ajudar sua Rainha a governar um novo Elvandar. Muitos glamredhel irão procurá-lo, agora que sabem que Elvandar existe, e, penso eu, você também presenciará um aumento de Regressos. Agora que a influência dos valheru está limitada, a tentação da Senda das Trevas deve enfraquecer. Pelo menos, podemos depositar esperança nisso. Procure também em seu íntimo, pois acho que você descobrirá que muito de seu poder partiu com aqueles que eram irmãos de Ashen-Shugar. Continuará sendo um dos mortais mais poderosos, mas, se eu fosse você, não procuraria domar dragões. Acho que poderia ter uma surpresa.

— Sinto que estou mudando — reconheceu Tomas, que parecia preocupado desde a luta com Draken-Korin. — Voltei a ser mortal?

Macros assentiu.

— Você sempre foi. O poder dos valheru o mudou, e essa alteração é irreversível, mas você nunca foi imortal. Simplesmente, estava perto de ser. Mas não se preocupe, você manteve grande parte da herança valheru. Viverá uma longa vida ao lado da Rainha, pelo menos tanto quanto o destino permite aos elfos. — Tomas pareceu ficar aliviado com essas palavras. — Mantenham-se atentos... os dois, pois os pantathianos passaram séculos idealizando e executando esse plano. Foi uma conspiração minuciosamente criada. Mas os poderes concedidos ao que desempenhou o papel de Murmandamus não foram de modo algum uma ilusão. Era uma força. Foi preciso muito poder para criar algo assim, capaz de prender e manipular os corações de uma raça tão sombria como os moredhel. Talvez sem a influência do valheru através das barreiras do espaço e do tempo, o povo serpente pudesse ter se tornado igual aos outros, apenas mais uma raça inteligente entre muitas. — Olhou para longe. — Mas talvez não... Tenham cuidado com eles.

Pug falou devagar:

— Macros... no final, tive a certeza de que tínhamos perdido.

Macros sorriu enigmaticamente.

— Eu também. Talvez o golpe da espada de Tomas tenha evitado que a manipulação da Pedra da Vida por parte dos valheru desse frutos. O portal foi aberto, permitindo a entrada da Tropa dos Dragões, mas... — Os olhos do velho feiticeiro pareceram se iluminar com algum tipo de emoção profunda. — ... algum milagre, que eu não compreendi, interveio no último instante. — Olhou para baixo. — Foi como se a própria essência da vida, as almas de todos os que já viveram neste mundo, tivesse rejeitado os valheru. O poder da Pedra da Vida ajudou-nos, e não a eles. Foi lá que eu fui buscar força como último recurso. Foi isso que apanhou a Tropa dos Dragões e o Senhor do Medo, e fechou o portal. Foi isso que nos protegeu, nos mantendo vivos. — Sorriu. — Deveriam procurar, com cuidado, aprender o máximo que puderem sobre a Pedra da Vida. É uma dádiva que vai além do que qualquer um de nós pode imaginar. — Macros se manteve por alguns momentos em silêncio e depois fitou Pug. — De um modo estranho, você é como um filho para mim, tanto quanto qualquer outro a quem assim chamei ao longo de eras. Pelo menos, é meu herdeiro e irá administrar todos os conhecimentos de magia que acumulei desde que vim para Midkemia. A última caixa de livros e pergaminhos que guardei em minha ilha irá em breve para Doca da Estrela. Sugiro que esconda isso de Kulgan e de Hochopepa até ver o que há nela. Alguns materiais não estão ao alcance de ninguém neste mundo a não ser de você, e de quem quer que venha a segui-lo

em nosso estranho chamado. Treine bem esses que o cercam, Pug. Torne-os poderosos, mas também faça deles homens e mulheres bondosos e generosos. — Fez uma pausa enquanto verificava como aqueles rapazes tinham se tornado homens, aqueles garotos de Crydee que ele começara a moldar doze anos antes, para um dia salvarem mais de um mundo. — Usei vocês dois — disse por fim. — Às vezes de forma pouco gentil, mas acabou por ser necessário. Qualquer dor que poderiam ter sofrido foi, gosto de pensar, compensada pelos ganhos. Adquiriram coisas além de seus sonhos de infância. São agora os vigilantes de Midkemia. Passei para vocês todas as bênçãos que podia passar. — Com a voz embargada, algo pouco habitual nele, e os olhos úmidos e cintilantes, disse suavemente: — Adeus e obrigado.

Afastou-se e depois se virou devagar. Nem Pug nem Tomas conseguiram dizer adeus. Macros começou a caminhar para oeste, em direção ao pôr do sol. Não só se afastou como ao primeiro passo pareceu se tornar menos sólido. A cada passo que dava se tornava mais imaterial, transparente, e logo se transformou em uma espécie de névoa, e depois em ainda menos do que isso.

Viram-no partir e por um bom tempo não abriram a boca. E depois Tomas lançou uma questão:

— Acha que alguma vez ele conhecerá a paz?

— Não sei — respondeu Pug. — Talvez um dia ele encontre sua Ilha Abençoada.

Permaneceram novamente em silêncio por um bom tempo. Então, voltaram ao pavilhão do Rei.

Houve uma festa bastante animada. Martin e Briana anunciaram sua intenção de casar, obtendo obviamente a aprovação de todos. Enquanto alguns festejavam a vida e a sobrevivência e a simples alegria de viver, Arutha, Lyam, Tomas e Pug abriam caminho por entre os destroços de Sethanon. A população foi alojada na parte ocidental, a menos danificada, mas estava bastante distante. Ainda assim, se moveram com cuidado para evitar que alguém os visse.

Tomas abriu caminho por uma enorme fenda no chão, que dava acesso ao que parecia ser uma abertura para uma caverna sob os escombros da torre de menagem.

— Aqui — indicou Tomas — foi aberta uma fissura, levando a uma câmara mais abaixo, o centro da antiga cidade. Avancem com cuidado.

Desceram lentamente, iluminados por uma luz fraca produzida pela magia de

Pug, e logo chegaram a uma câmara. Pug acenou com a mão e uma luz mais intensa brilhou. Tomas fez sinal ao Rei para que avançasse. Vultos vestindo túnicas saíram das sombras e Arutha desembainhou sua espada.

Uma voz feminina ecoou na escuridão:

— Pouse sua espada, Príncipe do Reino.

Tomas assentiu e Arutha voltou a embainhar sua espada mágica. Da escuridão, saiu uma figura enorme, coberta de joias reluzentes, pois a luz dançava sobre uma miríade de facetas. Era um dragão, mas não como qualquer outro que já tivesse sido visto, pois em vez de escamas douradas brilhava com milhares de pedras preciosas. A cada movimento, um arco-íris de beleza estonteante deslizava pelo corpo gigantesco.

— Quem é você? — perguntou o Rei em tom tranquilo.

— Sou o Oráculo de Aal — disse uma voz suave saída da boca do dragão.

— Foi o que conseguimos arranjar — explicou Pug. — Precisávamos ter encontrado um corpo mais apropriado para você.

— Ryath ficou irracional e sua alma foi levada pelo Senhor do Medo — revelou Tomas. — O corpo ainda estava vivo, embora bastante ferido e quase morto. Macros a curou, trocando as escamas destruídas por novas feitas com as joias do tesouro aqui escondido, recorrendo às propriedades únicas da Pedra da Vida. Com suas artes mágicas restauradas, trouxe para cá o Oráculo e seus servos. Agora o Oráculo vive dentro da mente vazia.

— É um corpo mais do que satisfatório — afirmou o Oráculo. — Viverá por muitos séculos. E tem inúmeros poderes.

— E — acrescentou Pug — vigiará eternamente a Pedra da Vida, pois, se alguém vier até aqui e tentar alguma coisa, perecerá com todo o planeta. Até descobrirmos uma forma de procurar os pantathianos e de lidar com eles, ainda há o risco de os valheru voltarem a ser chamados.

Lyam observou a Pedra da Vida. A gema verde-clara brilhava suavemente, parecendo pulsar com uma luz quente interior. De seu centro projetava-se uma espada dourada.

— Não sabemos se isto destruiu os Senhores dos Dragões ou se simplesmente os mantém escravizados — confessou Pug. — Mesmo a magia que aprendi com Macros é incapaz de desvendar todos os mistérios. Tememos retirar a espada de Tomas, pois isso tanto pode ser totalmente inofensivo quanto libertar o que está preso nela.

Lyam sentiu um calafrio. Ao ouvir aquilo tudo, o poder da Pedra da Vida fez com que ele se sentisse completamente indefeso. Aproximou-se e devagar levou

a mão até ela. A pedra se revelou quente ao toque e o contato gerou um prazer suave e relaxante. Havia na pedra uma sensação de integridade. O Rei encarou a gigantesca forma do dragão coberto de joias.

— Não tenho objeções à sua permanência aqui, senhora. — Pensou por algum tempo e depois falou com Arutha: — Espalhe o boato de que a cidade está amaldiçoada. O valente pequeno Humphry morreu e não há herdeiro para seu título. Mandarei partir o que resta do povo e pagarei indenizações a eles. Seja como for, mais de metade da cidade já foi destruída. Comece a esvaziá-la e o Oráculo não será perturbado. É melhor irmos embora, para que não deem por nossa falta na festa e para ninguém vir nos procurar. — Virou-se, então, para o dragão. — Senhora, desejo-lhe boa sorte em sua missão. Se precisar de nós, envie uma mensagem, seja por magia ou por uma via comum, e tratarei de vir conversar com você. Só nós quatro e meu irmão Martin conhecemos a verdade sobre você e daqui em diante apenas contaremos seu segredo aos nossos sucessores.

— É muito amável, Majestade — respondeu o Oráculo.

Tomas os encaminhou para fora da caverna e para cima, para a superfície.

Arutha entrou em sua tenda e ficou espantado ao encontrar Jimmy dormindo em sua cama. Sacudiu-o com gentileza.

— O que é isso? Pensei que tinham dado aposentos para você.

Jimmy fitou o Príncipe com um mau humor mal disfarçado por ter sido acordado.

— É o Locky. A cidade está prestes a desabar por causa da barulheira e ele descobriu mais uma garota. Começou a se tornar um hábito. Na noite passada, dormi no chão. Minha ideia era apenas tirar um cochilo. Vou procurar outro lugar.

Arutha riu e empurrou o jovem de novo para a cama quando este se preparava para se levantar.

— Fique aqui. Eu vou para um beliche no pavilhão do Rei. Lyam esteve ocupado esta noite, distribuindo recompensas, enquanto você dormia, e Locky... bem, fazia o que fazia. No meio de toda esta confusão, eu me esqueci de vocês. O que devo fazer para recompensar vocês, seus patifes?

Jimmy sorriu.

— Faça de Locky Escudeiro Superior para eu poder voltar à minha tranquila vida de ladrão. — Bocejou. — Neste momento, a única coisa que me interessa é

uma semana de sono.

Arutha sorriu.

— Está certo. Durma um pouco. Vou descobrir algo para recompensá-los, seus vagabundos. — Deixou Jimmy e voltou à tenda de Lyam.

Ao se aproximar da entrada, um grito de anúncio e o soar de uma trombeta acompanharam a chegada de uma carruagem empoeirada que ostentava a insígnia real. Anita e Carline saíram rapidamente de lá. Arutha ficou admirado quando viu a esposa e a irmã correndo para abraçá-lo e beijá-lo.

— O que é isso?

— Seguimos Lyam — disse Anita, chorosa. — Não fomos capazes de ficar esperando em Rillanon para saber se você e Martin estavam vivos. Assim que nos chegaram as mensagens de que tudo estava bem, viemos correndo para cá.

Arutha a abraçou enquanto Carline escutava um canto.

— Ou é um rouxinol apaixonado, ou meu marido se esqueceu de que agora é um duque. — Beijou Arutha de novo no rosto. — Você vai ser tio outra vez — anunciou.

Arutha riu e abraçou a irmã.

— Tanto amor e felicidade, Carline. Sim, é Laurie. Ele e Baru chegaram hoje com Vandros.

Ela sorriu.

— Bem, acho que vou lhe dar uns cabelos brancos.

— O que é que ela quis dizer com “outra vez”? — perguntou Arutha.

Anita virou o olhar para o rosto do marido.

— A Rainha está grávida; foi anunciado quando você partiu, e Padre Tully enviou um recado a Lyam de que, aparentemente, todos os sinais apontam que será um príncipe. Tully alega que já é velho demais para viajar. Mas suas orações estiveram com você.

Arutha deu um sorriso.

— Portanto, em breve deixarei de ser herdeiro.

— Não será assim tão em breve. O bebê não nascerá antes de quatro meses.

Vivas vindos de dentro indicaram que Carline já contara ao marido a novidade de sua gravidez, e mais vivas revelaram que a mensagem de Tully também fora entregue.

Anita abraçou o marido.

— Seus filhos estão bem e crescendo cada vez mais. Estão com saudades do pai, assim como eu — murmurou. — Podemos desaparecer rapidamente?

Arutha riu.

— Assim que cumprimentarmos algumas pessoas. Mas tive de ceder meus aposentos a Jimmy. Parece que Locky ficou viciado em namorar e Jimmy não tinha onde dormir. Por isso, teremos de utilizar uma das tendas dos convidados deste pavilhão. — Entrou na tenda acompanhado pela esposa e os nobres reunidos se levantaram para saudar o Príncipe e a Princesa de Krondor.

O Embaixador de Kesh, Lorde Hazara-Khan, fez uma mesura e Arutha estendeu a mão.

— Obrigado, Abdur. — Apresentou Anita a Hokanu e voltou a agradecer. Dolgan conversava com Galain e Arutha deu os parabéns ao anão por ter assumido a coroa dos anões do Ocidente. Dolgan piscou o olho e sorriu para ele, e depois todos fizeram silêncio quando Laurie começou a tocar.

Ouviram com atenção enquanto Laurie cantava; era uma canção triste, mas sobre bravura, uma balada que compusera em honra de seu amigo Roald. Falava da dor de Laurie por sua morte, mas findava em um acorde maior, uma nota de triunfo, seguido por uma estrofe jocosa que levou às gargalhadas todos que tinham conhecido Roald, pois de alguma forma captava sua natureza libertina.

Depois, apareceram Gardan e Volney.

— Alteza, gostaríamos de trocar algumas palavras com você, se possível — solicitou o Conde de Landreth.

Anita deu a entender que não se importava e Arutha deixou que os dois homens que governaram em sua ausência o conduzissem para uma sala adjacente aos aposentos do Rei. Uma figura volumosa jazia em cima da cama, respirando pesadamente, e Arutha levou um dedo aos lábios, fazendo sinal para que falassem em voz baixa.

Gardan esticou o pescoço.

— Amos Trask? — murmurou.

— É uma história muito longa — disse Arutha baixinho — e vou deixar que ele a conte. Ele nunca me perdoaria se eu não o fizesse. E agora, o que está acontecendo?

Volney explicou em voz baixa:

— Alteza, desejo voltar a Landreth. Com sua suposta morte, a cidade se tornou um ninho de ratos. Dei meu melhor nos últimos três anos, mas já chega. Quero voltar para casa.

— Não posso dispensá-lo, Volney — disse Arutha. O corpulento conde começou a elevar a voz, mas Arutha silenciou-o: — Olhe, em breve haverá um novo Príncipe de Krondor, então vou precisar de um Regente para o Principado.

— Isso é impossível — exclamou Volney. — É um compromisso para

dezoito anos. Eu recuso.

Arutha olhou para Gardan, que sorriu e levantou as mãos.

— Não olhe para mim. Lyam me prometeu que eu podia voltar a Crydee com Martin e sua senhora. Com Charles como Mestre de Armas, posso deixar a carreira das armas para meu filho. Planejo passar meus dias pescando no quebra-mar da Ponta Longa. Em breve, será preciso um novo Marechal da Corte.

Arutha praguejou.

— Isso significa que, se eu não encontrar ninguém rapidamente, Lyam vai me nomear Duque de Krondor e Marechal da Corte. Vou tentar fazer que ele me conceda um condado tranquilo qualquer, como a Colina Recortada, para nunca mais sair de casa. — Em silêncio, pesou seriamente o assunto. — Quero mais dez anos, dos dois — revelou.

— De modo algum! — disse Volney. A voz do nobre corpulento elevou-se devido à indignação. — Estou disposto a ficar um ano para ajudar na transição da administração, mas nada mais do que isso.

Arutha estreitou os olhos.

— Seis! Quero mais seis anos de cada um de vocês. Se concordarem, Volney, você poderá se retirar para Landreth, e você para Crydee, Gardan. Senão, arranjarei alguma maneira de lhes causar uma série de problemas.

Gardan soltou uma gargalhada.

— Já tenho a autorização de Lyam, Arutha. — Ao ver a ira do Príncipe aumentando, recuou: — Se Volney ficar, também ficarei um ano... Está bem, dois, mas não mais que isso, até ter as coisas sob controle.

Uma luz quase diabólica refulgiu nos olhos de Arutha.

— Vamos precisar de um novo embaixador para a corte tsurani, agora que o portal está aberto outra vez — disse para Gardan. Depois, dirigiu-se a Volney: — E vamos precisar de outro embaixador para o Grande Kesh.

Os homens se entreolharam e Volney tomou a palavra, murmurando asperamente:

— Está bem, chantagista, três anos. O que vamos fazer durante estes três anos?

Arutha esboçou seu sorriso enigmático.

— Quero que se encarregue pessoalmente do treinamento de Jimmy e Locky, Volney. Ensine a eles tudo o que for possível sobre administração. Encha-os de trabalho até estarem prestes a desistir, e depois dê-lhes um pouco mais. Quero dar um bom uso àquelas mentes hiperativas. Torne-os os melhores administradores que puder. Gardan, quando não estiverem estudando para

aprenderem a administrar, transforme-os em soldados. Há um ano, aquele jovem bandido pediu uma recompensa, e agora chegou a hora de ele demonstrar se está à altura do desafio. E seu jovem parceiro de crime tem talento demais para que eu o deixe voltar ao Limiar da Terra. Locky é o filho mais novo, então só iria perder tempo lá. Com vocês de partida, precisaremos de um novo Duque e de um Marechal da Corte, e, quando eu também partir, o Duque vai desempenhar o cargo de Regente do Principado e precisará de um Chanceler capaz, para ajudá-lo a suportar os fardos do ofício. Portanto, nos próximos quatro anos, não quero que nenhum daqueles dois desperdice sequer cinco minutos.

— Quatro anos! — gritou Volney. — Eu disse três!

Ouviu-se, então, um riso abafado e um suspiro vindos da cama.

— Arutha, você tem uma noção estranha da ideia de recompensa — comentou Amos. — O que deu na sua cabeça?

Arutha sorriu abertamente.

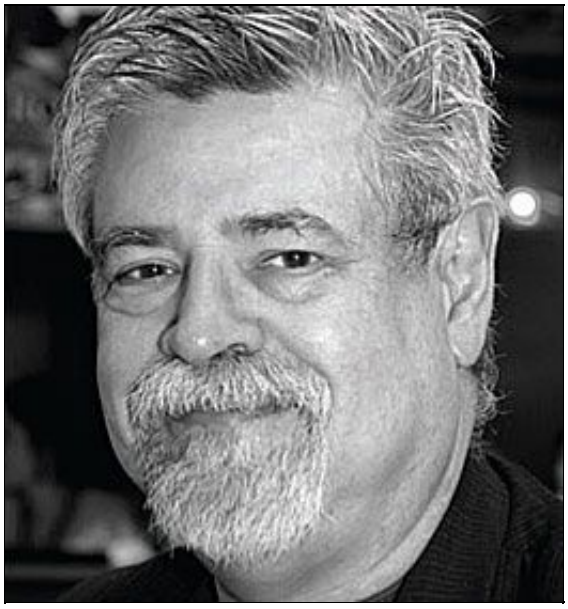
— Descanse um pouco, Almirante.

Amos caiu pesadamente para trás na cama.

— Ah, Arutha, você continua a saber tirar proveito da vida.

FIM

SOBRE O AUTOR

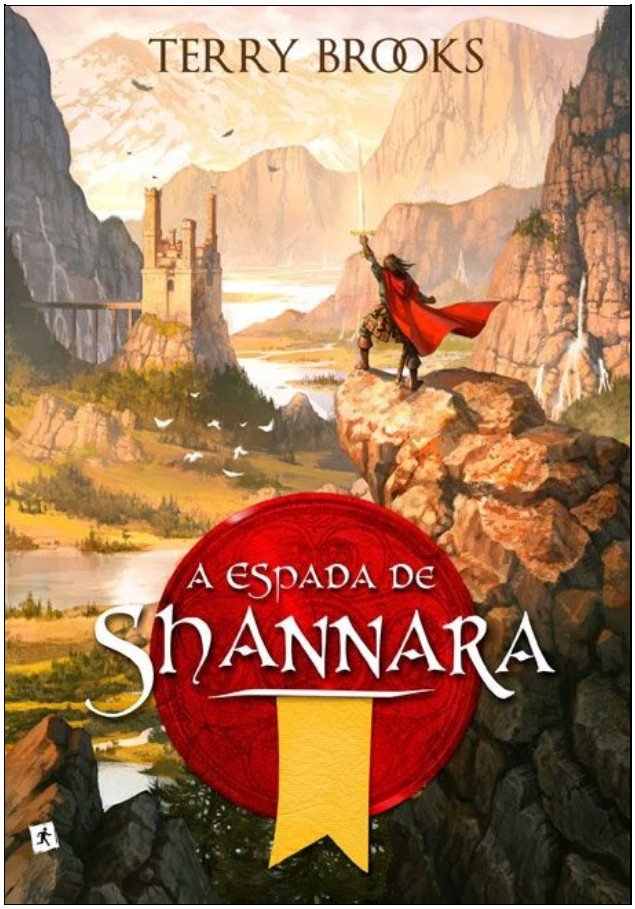


Raymond E. Feist é um dos nomes mais importantes da história da literatura fantástica. Nasceu no Sul da Califórnia e, atualmente, vive em San Diego. Foi também em San Diego que se formou, com honras, em Ciências da Comunicação em 1977.

Traduzido em mais de trinta países, *Mago* foi o seu primeiro livro e serve de base para uma vasta obra que tem conquistado, ao longo dos anos, as listas de best-sellers do *New York Times* e do *Times of London*.

Quando não está escrevendo, Feist é um colecionador de DVDs, estudioso da história do futebol americano, fã de ilustração e um grande apreciador de bons vinhos.

Leia um trecho nas páginas seguintes de



A ESPADA DE SHANNARA

Terry Brooks

Há muito tempo as Grandes Guerras do Passado arruinaram o mundo. Vivendo no pacífico Vale Sombrio, o meio-elfo Shea Ohmsford pouco sabe sobre esses conflitos. Mas o Lorde Feiticeiro, que todos julgavam morto, planeja regressar e destruir o mundo para sempre. A única arma capaz de deter esse poder da escuridão é a Espada de Shannara, que pode ser usada somente por um herdeiro legítimo de Shannara. Shea é o último dessa linhagem, e é sobre ele que repousam as esperanças de todas as raças. Por isso, quando um aterrorizante Portador da Caveira a serviço do mal voa até o Vale Sombrio, Shea sabe que começará a maior aventura da sua vida.

Capítulo I

O sol já estava mergulhando no verde profundo das colinas a oeste do vale, as sombras vermelhas e rosadas tocando os cantos da terra, quando Flick Ohmsford começou a descer. A trilha estendia-se irregularmente pela encosta ao norte, serpenteando pelas grandes rochas que cravejavam o terreno acidentado em enormes maciços, e desaparecia dentro das florestas densas das planícies para reaparecer em breves vislumbres nas pequenas clareiras e áreas desbastadas do bosque. Flick seguia a trilha familiar com os olhos, enquanto caminhava, cansado, com a bolsa leve pendurada frouxamente sobre o ombro. Seu rosto largo e castigado pelo vento apresentava uma expressão plácida, e apenas os grandes olhos cinzentos revelavam a energia irrequieta que ardia sob o calmo exterior. Ele era um homem jovem, embora a forma robusta, o cabelo castanho que começava a ficar grisalho e as sobrancelhas desgrenhadas o fizessem parecer mais velho. Vestia as roupas largas de trabalho do povo do vale e carregava na bolsa vários utensílios de metal que chacoalhavam uns contra os outros.

O ar noturno estava um pouco frio e Flick apertou a gola da camisa de lã junto ao pescoço. O trajeto adiante atravessava florestas e planícies, ainda indistinguíveis enquanto ele passava pela floresta e pelos altos carvalhos; sombrias nogueiras elevavam-se até encobrir o céu sem nuvens da noite. O sol tinha se posto, deixando o azul-escuro do céu pontilhado por milhares de estrelas acolhedoras. As enormes árvores, no entanto, apagavam até mesmo aquela luz, e Flick ficou sozinho na escuridão silenciosa percorrendo lentamente o caminho conhecido. Por ter viajado por aquela mesma rota centenas de vezes, o jovem percebeu de imediato a imobilidade incomum que parecia encantar o vale inteiro naquela noite. Os familiares zumbidos e chilros dos insetos em geral presentes na quietude noturna, os gorjeios dos pássaros que acordavam ao pôr do sol para voar em busca de alimento — todos estavam ausentes. Flick escutou com atenção à procura de algum som de vida, mas seus ouvidos sensíveis não conseguiram detectar nada. Balançou a cabeça, apreensivo. O silêncio era perturbador, particularmente por causa dos rumores sobre uma criatura

assustadora de asas negras vista no céu noturno ao norte do vale poucos dias antes.

Ele se forçou a assobiar e voltou os pensamentos para o dia de trabalho na região logo ao norte do vale, onde famílias que viviam afastadas cultivavam a terra e criavam gado doméstico. Ele viajava até suas casas toda semana, fornecendo vários itens de que necessitavam, levando notícias sobre o vale e ocasionalmente sobre as distantes cidades das Terras do Sul. Poucos conheciam as zonas rurais ao redor tão bem quanto ele, e menos ainda se importavam em viajar para longe da relativa segurança de suas casas no vale. Naquela época, os homens estavam mais inclinados a permanecer em comunidades isoladas e deixar o resto do mundo viver da melhor maneira que podia. Flick, porém, gostava de se aventurar para longe do vale de tempos em tempos e os donos das propriedades mais remotas precisavam de seus serviços e estavam dispostos a pagar pelo incômodo. O pai de Flick não era do tipo que deixava passar uma oportunidade de ganhar dinheiro, e o arranjo parecia funcionar bem para todos os envolvidos.

Um galho baixo roçou sua cabeça e fez Flick se sobressaltar e pular para o lado. Irritado, endireitou-se e olhou para o obstáculo de folhas antes de continuar o trajeto em um ritmo um pouco mais rápido. Estava agora embrenhado na floresta da planície e apenas fragmentos de luar conseguiam ultrapassar os ramos espessos acima, para iluminar parcamente o caminho sinuoso. Parecia tão escuro que Flick tinha dificuldade em encontrar a trilha, e enquanto estudava o terreno adiante, ficou novamente consciente do pesado silêncio. Era como se toda a vida tivesse se extinguido abruptamente e somente ele continuasse vivo para encontrar a saída daquele cemitério de floresta. Lembrou-se de novo dos estranhos rumores. Ele se sentiu um pouco ansioso; mesmo contra sua vontade, olhou em volta preocupado. Mas nada se agitou na trilha adiante, nem se moveu nas árvores por perto e ele sentiu um alívio envergonhado.

Parando por um momento em uma clareira iluminada pelo luar, observou a imensidão do céu noturno antes de caminhar para o meio das árvores logo adiante. Ele andava lentamente, escolhendo com cuidado o caminho pela trilha sinuosa que se estreitara após a clareira e que parecia desaparecer sob uma parede de árvores e moitas. Flick sabia que era apenas uma ilusão, mas mesmo assim olhou apreensivo ao redor. Momentos depois, ele se encontrava de novo em uma trilha mais ampla e conseguia ver pedaços do céu através da folhagem das árvores. Estava quase no sopé do vale e a cerca de três quilômetros de casa. O jovem sorriu e começou a assobiar uma antiga canção de taverna enquanto

caminhava apressadamente. Estava tão concentrado na trilha e no terreno aberto além da floresta que não notou a enorme sombra negra que pareceu se avolumar de repente, separando-se do carvalho à sua esquerda e se movendo rapidamente para interceptá-lo no meio do caminho. A figura sombria já estava quase em cima de Flick quando ele sentiu sua presença se assomando diante de si como uma imensa rocha negra que ameaçava esmagar o pequeno jovem. Com um grito surpreso de medo, saltou para o lado, a bolsa caindo no meio da trilha com barulho de metais enquanto ele sacava com a mão esquerda a longa e fina adaga presa à cintura. Ao se posicionar para se defender, foi acalmado por um braço imponente erguido acima da figura à sua frente e por uma voz profunda, mas tranquilizadora, que falou com rapidez:

— Espere um momento, meu amigo. Não sou nenhum inimigo e não tenho intenção de feri-lo. Apenas procuro o caminho e ficaria grato se você pudesse me mostrar a direção correta.

Flick baixou um pouco a guarda e tentou perscrutar as sombras da figura adiante em um esforço para descobrir alguma semelhança com um ser humano. No entanto, ele não conseguia enxergar nada e se moveu para a esquerda em uma tentativa de ver as feições da figura sombria no luar encoberto pelas árvores.

— Eu lhe asseguro, não desejo causar nenhum mal — continuou a voz, como se lesse a mente do rapaz do vale. — Não quis lhe assustar, mas não o vi até você estar quase na minha frente e fiquei receoso de que passasse por mim sem perceber que eu estava aqui.

A voz pausou e a figura enorme ficou em silêncio, embora Flick pudesse sentir seus olhos o seguindo enquanto ia para a beira da trilha posicionar as próprias costas contra a luz. Lentamente, o luar pálido começou a desvendar as feições do estranho em linhas vagas e sombras azuladas. Os dois se encararam em silêncio por um longo momento, analisando-se, com Flick se esforçando para decidir o que ele via e o estranho na expectativa.

Então, abruptamente, a enorme figura lançou-se sobre ele com uma rapidez desconcertante e suas mãos poderosas agarraram os pulsos de Flick, ergueram-no do chão e o seguraram no alto, a adaga caindo dos dedos enfraquecidos ao ouvir a voz profunda rir zombeteiramente dele.

— Ora, ora, meu jovem amigo! O que você vai fazer agora, eu lhe pergunto. Eu poderia arrancar seu coração do peito e deixá-lo aqui para os lobos devorarem se quisesse, não é mesmo?

Flick lutou violentamente para se libertar, o terror paralisando sua mente para

qualquer outro pensamento além da fuga. Não fazia ideia de que tipo de criatura era aquela que o subjugara, mas era muito mais poderosa do que qualquer homem normal e, aparentemente, estava pronta para matá-lo com rapidez. De súbito, seu captor o segurou bem perto de seu rosto e a voz desdenhosa tornou-se gélida de desgosto.

— Chega, garoto! Já fizemos nosso joguinho e você continua sem saber nada sobre mim. Estou cansado e com fome e não tenho a menor intenção de me atrasar na trilha da floresta durante o frio da noite, enquanto você se decide se sou um homem ou uma fera. Colocarei você no chão para que possa me mostrar o caminho. E lhe aviso: não tente fugir de mim ou será pior para você. — A voz poderosa se abrandou e o tom de desgosto desapareceu quando a pitada anterior de zombaria retornou com uma breve risada. — Além do mais — murmurou a figura enquanto os dedos de ferro soltavam Flick, que escorregou para o chão —, eu posso ser um amigo muito melhor do que você imagina.

A figura deu um passo para trás e Flick se levantou, esfregando os pulsos com cuidado para restaurar a circulação às mãos dormentes. Ele queria fugir, mas tinha certeza de que o estranho o alcançaria e, então, acabaria com ele sem pensar duas vezes. Inclinou-se com cautela e apanhou a adaga, colocando-a de volta no cinto.

Flick conseguia enxergar com mais clareza agora e uma análise rápida revelou que a figura era definitivamente humana, embora muito maior que qualquer outro homem que já tivesse visto. Tinha mais de dois metros de altura e era excepcionalmente magro, apesar de ser difícil afirmar com certeza, pois sua silhueta estava envolta por um largo manto negro com um capuz frouxo cobrindo-lhe a cabeça. O rosto obscurecido era comprido e bastante enrugado, o que lhe conferia uma aparência craquelada. Os olhos eram fundos e estavam quase ocultos por sobrancelhas desgrenhadas, firmemente fixas sobre um longo nariz chato. Uma barba curta e negra emoldurava uma boca ampla, que era apenas uma linha fina no rosto — uma linha que nunca parecia se mover. A aparência geral era assustadora, tudo escuridão e tamanho, e Flick teve de lutar contra a vontade crescente de correr para dentro da floresta. Encarou os olhos fundos e duros do estranho, não sem alguma dificuldade, e conseguiu dar um débil sorriso.

— Pensei que você fosse um ladrão — balbuciou, hesitante…

— Estava errado — foi a réplica calma. Então, a voz se suavizou um pouco. — Você deve aprender a diferenciar um amigo de um inimigo. Algum dia, sua vida poderá depender disso. Agora, me diga seu nome.

— Flick Ohmsford. — Flick hesitou por um momento e então continuou em um tom de voz um pouco mais corajoso. — Meu pai é Curzad Ohmsford. Ele é dono de uma hospedaria no Vale Sombrio a dois ou três quilômetros daqui. Você pode encontrar abrigo e alimento lá.

— Ah, o Vale Sombrio — exclamou o estranho. — Sim, é para lá que estou indo. — Ele fez uma pausa, como se refletisse sobre as próprias palavras. Flick o observou com cautela enquanto o outro esfregava o rosto enrugado com dedos tortos e olhava além da floresta para as pradarias do vale. Ele continuava a olhar para longe quando voltou a falar: — Você... tem um irmão.

Não era uma pergunta, mas uma simples afirmação. Foi dita de modo tão distante e calmo, como se o estranho não estivesse nem um pouco interessado em qualquer resposta, que Flick quase não o ouviu. Mas logo percebeu a importância da exclamação. Ele parou e olhou rapidamente para o outro.

— Como você...?

— Ah, bem... — disse o homem. — Não é verdade que todo jovem do vale como você tem um irmão em algum lugar?

Flick assentiu sem conseguir falar mais nada, incapaz de compreender o que o outro estava tentando dizer com aquilo e se perguntando quanto ele sabia sobre o Vale Sombrio. O estranho o olhava de forma questionadora, evidentemente esperando ser guiado até a comida e o abrigo prometidos. Flick voltou-se depressa para encontrar sua bolsa caída no chão, apanhou-a e a pendurou sobre o ombro, olhando para a figura que se erguia acima dele.

— O caminho é por aqui. — Ele apontou, e os dois começaram a caminhar.

Saíram da floresta densa e subiram por colinas suaves que seguiriam até a vila do Vale Sombrio no outro extremo. Fora da mata, a noite estava clara; a lua cheia era um globo branco acima deles, seu brilho iluminando a paisagem e a trilha que os dois viajantes seguiam. O caminho em si era uma linha indefinida e sinuosa sobre as colinas gramadas, distinguível apenas pelos ocasionais sulcos molhados pela chuva e pedaços de terra duros e planos que irrompiam da grama espessa. O vento ganhara força e soprava sobre os dois homens em rápidas rajadas que açoitavam suas roupas ao andarem, forçando-os a baixarem as cabeças um pouco para proteger os olhos. Nenhum dos dois falou uma palavra enquanto prosseguiam, concentrados no terreno adiante, com novas colinas e pequenas depressões que apareciam a cada monte. A não ser pelo barulho do vento, a noite permanecia silenciosa. Flick escutava com atenção, e em certo momento pensou ouvir um grito agudo vindo do norte, mas o som desapareceu no instante seguinte e ele não o escutou novamente. O estranho não parecia estar

preocupado com o silêncio. Sua atenção estava voltada para uma mudança no terreno cerca de dois metros à frente. Não consultava e nem mesmo olhava para o jovem guia enquanto viajavam. Em vez disso, parecia saber exatamente para onde o outro estava indo e andava com segurança ao seu lado.

Depois de um tempo, Flick começou a ter dificuldade em acompanhar o ritmo do homem alto, que caminhava com passos largos e entusiasmados que contrastavam com seus passos mais curtos. Algumas vezes, o rapaz do vale quase teve que correr para acompanhá-lo. Em uma ou duas ocasiões, o outro homem olhou para o companheiro mais baixo e, percebendo sua dificuldade em tentar igualar as passadas, diminuiu para um ritmo mais lento. Finalmente, quando os declives ao sul do vale se aproximavam, as colinas começaram a se nivelar com as pastagens cobertas de arbustos que indicavam o aparecimento de novas florestas. O terreno se inclinou em um declive suave, e Flick localizou vários pontos de referência que faziam fronteira com os arredores do Vale Sombrio. Ele sentiu uma onda de alívio involuntário. A aldeia e sua casa aquecida estavam logo adiante.

O estranho não falou uma palavra durante a breve jornada, e Flick sentia-se relutante em iniciar uma conversa. Em vez disso, tentou analisar o gigante com breves olhares enquanto caminhavam, evitando que o outro percebesse. Estava compreensivelmente espantado. O rosto longo e enrugado sombreado pela densa barba negra o fazia recordar dos temerosos Feiticeiros que anciões severos descreveram para ele em frente às brasas reluzentes de uma fogueira tarde da noite, quando era apenas uma criança. Ainda mais assustadores eram os olhos do estranho — ou, melhor dizendo, as cavernas escuras e fundas abaixo das sobrancelhas desgrenhadas onde os olhos deveriam estar. Flick não conseguia atravessar as pesadas sombras que continuavam a mascarar toda aquela área de seu rosto. A fisionomia profundamente vincada parecia esculpida em pedra, fixa e curvada para o caminho à sua frente. Enquanto Flick refletia sobre o semblante impenetrável, ele subitamente percebeu que o estranho não mencionara o próprio nome.

Os dois se encontravam na fronteira externa do vale, onde o caminho, bastante distinguível, serpenteava entre enormes arbustos que quase fechavam a passagem de seres humanos. O estranho alto parou de súbito e baixou a cabeça, escutando com atenção. Flick se deteve ao seu lado e aguardou quieto, também escutando, mas incapaz de detectar qualquer som. Continuaram parados por minutos aparentemente intermináveis, e, então, o homem maior voltou-se com pressa para o pequeno companheiro.

— Rápido! Esconda-se naqueles arbustos. Vá agora, corra!

Ele meio empurrou, meio jogou Flick na frente, enquanto corria velozmente em direção ao arbusto mais alto. Flick correu temeroso para o refúgio das moitas, com a bolsa batendo contra suas costas e os utensílios de metal tilintando. O estranho virou-se para ele e pegou a bolsa, guardando-a sob o longo manto.

— Silêncio! — sussurrou ele. — Corra agora. Sem fazer barulho.

Eles correram com rapidez para o paredão escuro de folhagem cerca de quinze metros adiante, e o homem alto empurrou Flick em meio aos galhos que chicoteavam seus rostos, puxando-o rudemente para o meio de um amontoado de mato, onde ficaram parados, com a respiração pesada. Flick olhou para o companheiro e notou que ele não observava a região ao redor através da moita, mas examinava o céu noturno visível através de brechas pequenas e irregulares na folhagem. O céu pareceu claro para o rapaz do vale enquanto ele acompanhava o olhar determinado do outro, e somente as estrelas imutáveis piscaram de volta quando ele olhou e esperou. Vários minutos se passaram; tentou falar, mas foi rapidamente silenciado pelas mãos fortes do estranho, que agarraram seus ombros como advertência. Flick continuou de pé, observando a noite e espichando as orelhas para algum som do aparente perigo. Não ouviu nada, porém, além da respiração dos dois e de uma suave lufada de vento entre os ramos de seu esconderijo.

Então, no instante em que Flick se preparava para relaxar os membros cansados e se sentar, o céu foi subitamente encoberto por alguma coisa enorme e negra que flutuava acima deles e logo desapareceu. Um momento depois, a coisa passou de novo, circulando lentamente sem parecer se mover, sua sombra pairando de maneira nefasta acima dos dois viajantes escondidos como se estivesse prestes a descer sobre eles. Uma sensação repentina de terror percorreu os pensamentos de Flick, prendendo-os em uma malha de ferro enquanto se esforçava para escapar da loucura medonha que os penetrava. Algo parecia entrar em seu peito, espremendo devagar o ar de seus pulmões; ele ficou sem fôlego. Uma visão passou bruscamente por ele — uma imagem negra entremeada de vermelho, de mãos com garras e asas gigantescas, algo tão maligno que sua mera existência ameaçava a frágil vida do jovem. Por um momento, pensou em gritar, mas a mão do estranho agarrou seu ombro com mais força, afastando-o do precipício. Tão repentinamente quanto aparecera, a sombra gigantesca sumiu e o céu da noite ficou tranquilo de novo.

A mão sobre o ombro de Flick soltou-o devagar, e o jovem do vale

escorregou pesadamente para o chão, com o corpo flácido e suando frio. O estranho alto sentou-se de maneira calma ao lado do companheiro e um pequeno sorriso passou-lhe pelo rosto. Ele colocou uma mão comprida sobre a de Flick e deu-lhe um tapinha de leve, como se ele fosse uma criança.

— Vamos, meu jovem amigo — sussurrou —, você está vivo e a salvo, e o vale está logo adiante.

Flick observou com olhos arregalados de medo o rosto calmo do outro enquanto concordava com a cabeça.

— Aquela coisa! O que era aquela coisa horrível?

— Apenas uma sombra — respondeu o homem com facilidade. — Mas esse não é o lugar nem a hora para nos preocuparmos com tais questões. Falaremos sobre isso depois. No momento, eu gostaria de comida e de um fogo quente antes de perder toda a paciência.

Ele ajudou o rapaz do vale a se levantar e devolveu-lhe a bolsa. Então, com um gesto amplo do braço coberto pelo manto, indicou que estava pronto para seguir se o outro estivesse em condições de guiá-lo. Saíram do esconderijo nos arbustos, Flick receoso enquanto olhava apreensivamente para o céu noturno. Era como se tudo não tivesse passado de imaginação. Flick refletiu solenemente sobre o assunto e logo decidiu que, qualquer que fosse o caso, ele já tinha experimentado o suficiente por uma noite: primeiro esse gigante sem nome e depois aquela sombra assustadora. Prometeu a si mesmo em silêncio que pensaria duas vezes antes de viajar de novo durante a noite para tão longe da segurança do vale.

Vários minutos mais tarde, as árvores e arbustos começaram a rarear e o bruxulear da luz amarelada ficou visível através da escuridão. Ao se aproximarem, as formas vagas das construções assumiram o formato de massas quadradas e retangulares sob as sombras. O caminho se alargou para uma estrada de terra suave que levava diretamente à vila, e Flick sorriu agradecido para as luzes que brilhavam, cumprimentando-o de forma amigável pelas janelas das casas silenciosas. Não havia movimento algum na estrada; se não fosse pelas luzes, seria bem possível pensar que ninguém morava no vale. No entanto, dadas as circunstâncias, os pensamentos de Flick estavam longe de tais questões. Já considerava o que contaria a seu pai e a Shea, pois não desejava preocupá-los com estranhas sombras que poderiam ser produto de sua imaginação e da noite escura. O estranho ao seu lado poderia prestar algum esclarecimento sobre o assunto futuramente, mas até o momento ele não provara ser de muita conversa. Mais uma vez, ele sentiu um calafrio ante a escuridão do homem. Ela parecia

refletir de seu manto e capuz por sobre a cabeça abaixada e mãos finas para encobrir a figura inteira em nebulosidade. Quem quer que fosse, Flick tinha certeza de que seria um inimigo perigoso.

Passaram devagar entre as construções da aldeia, e Flick conseguiu ver as tochas acesas através das molduras de madeira das amplas janelas. As casas eram estruturas baixas e compridas, de andar térreo e telhado levemente inclinado, que na maioria dos casos se estendia em um dos lados para abrigar uma pequena varanda e era sustentado por colunas pesadas fixadas em um longo pórtico. As construções eram feitas de madeira, com fundação de pedras e fachadas também de pedras em algumas delas. Flick olhou pelas janelas encortinadas, vislumbrando os habitantes, e deixando que os rostos familiares o confortassem no meio da escuridão. Fora uma noite assustadora, e ele sentia alívio por estar em casa entre pessoas que conhecia.

O estranho permanecia distraído. Apenas olhou de relance para a vila e não falou nada desde que entraram no vale. Flick continuava estranhando a maneira como o outro o seguira. Ele não o seguia de modo algum; parecia saber exatamente para onde o rapaz ia. Quando a estrada se dividiu em dois caminhos de direções opostas entre fileiras de casas idênticas, o homem alto não teve dificuldade em determinar a rota correta, apesar de não olhar para Flick e nem levantar a cabeça para analisar a estrada. Flick percorria a trilha enquanto o outro guiava.

Os dois alcançaram a hospedaria rapidamente. Era uma estrutura grande, constituída por uma construção principal e um pórtico com varanda, com duas alas compridas que se estendiam para trás pelos dois lados. Era feita de troncos imensos, sobre uma fundação alta de pedras, coberta com o familiar telhado de madeira, este em particular muito mais alto do que os das moradias das famílias. A construção principal estava bem iluminada e era possível ouvir vozes abafadas lá dentro, intercaladas por gritos e risadas ocasionais. As alas da hospedaria estavam no escuro; era onde se localizavam os quartos dos hóspedes. O cheiro de carne assada permeava o ar noturno, e Flick subiu depressa os degraus de madeira do comprido pórtico até as amplas portas duplas no centro da construção. O estranho alto o seguiu em silêncio.

Flick deslizou o pesado trinco de metal e puxou as maçanetas. A grande porta à direita se abriu para permitir a entrada deles em um grande salão cheio de bancos, cadeiras de encosto alto e várias mesas compridas de madeira pesada, dispostas contra a parede à esquerda e ao fundo. O aposento estava bastante iluminado pelas velas longas nas mesas, lamparinas na parede e pela enorme

lareira embutida no centro da parede esquerda; Flick ficou cego por um momento, enquanto se acostumava com a luz. Apertou os olhos com força, mirando para além da lareira e da mobília, para as portas duplas fechadas ao fundo do aposento e para o comprido bar que se estendia por toda a parede à direita. Os homens reunidos no bar olharam indolentemente para a dupla que entrava, demonstrando em seus rostos um assombro indisfarçado diante da aparência do estranho. Mas o silencioso companheiro de Flick não parecia tê-los visto, e, logo, todos retornaram às conversas e às bebidas, olhando uma ou duas vezes para os recém-chegados para ver o que iriam fazer.

A dupla continuou em frente à porta por mais algum tempo enquanto Flick olhava para os rostos da pequena multidão uma segunda vez, à procura do pai. O estranho foi na direção das cadeiras à esquerda.

— Vou me sentar enquanto você procura seu pai. Talvez possamos jantar juntos quando você voltar.

Sem comentar mais nada, ele foi calmamente até uma pequena mesa no fundo do aposento e se sentou de costas para os homens no bar, com o rosto um pouco abaixado e voltado para o lado oposto de Flick. Os homens do vale o observaram por um momento, e, então, ele atravessou as portas duplas que davam para um corredor do outro lado do salão. Seu pai estava provavelmente na cozinha, jantando com Shea. Flick acelerou pelo corredor, passando por várias portas fechadas antes de alcançar a que dava na cozinha da hospedaria. Ao entrar, os dois cozinheiros que estavam trabalhando o cumprimentaram com um animado boa-noite. Seu pai estava sentado na ponta de um comprido balcão à esquerda. Como Flick pensara, terminava de jantar e acenou com a mão forte para ele.

— Você está mais atrasado do que de costume — resmungou ele cordialmente. — Venha para cá jantar enquanto ainda há comida.

Flick foi até seu pai, cansado, colocou a bolsa de viagem no chão com um ruído baixo e se sentou em um dos bancos altos do balcão. Seu forte pai se endireitou, enquanto afastava o prato vazio e olhava para o outro inquisitivamente, enrugando a testa.

— Encontrei um viajante na estrada que também vinha para o vale — explicou Flick hesitante. — Ele quer um quarto e comida. Pediu para nos juntarmos a ele.

— Bem, ele veio para o lugar certo — declarou o velho Ohmsford. — Não vejo por que não nos juntarmos a ele. Eu poderia facilmente me servir de mais um prato.

Ele levantou o corpo grande do banco e ordenou aos cozinheiros que levassem três pratos de jantar para eles. Flick procurou por Shea, mas ele não estava ali. Seu pai andou pesadamente até os cozinheiros para dar instruções especiais sobre a preparação do jantar para o pequeno grupo, e Flick foi até a bacia perto da pia lavar a terra e a sujeira da estrada. Quando o pai voltou, perguntou aonde o irmão tinha ido.

— Shea saiu para fazer uma tarefa para mim e deve voltar a qualquer momento — respondeu. — Aliás, qual é o nome do homem que você trouxe para cá?

— Não sei. Ele não me disse — respondeu Flick, dando de ombros.

Seu pai franziu a testa e murmurou alguma coisa sobre estranhos calados; terminou o comentário abafado com a promessa de não aceitar mais tipos misteriosos na hospedaria. Gesticulando para o filho, liderou o caminho pela porta da cozinha, com os ombros largos esbarrando na parede enquanto ia na direção do salão. Flick o seguiu rapidamente, com uma expressão de dúvida no rosto.

O estranho ainda estava sentado em silêncio, de costas para os homens reunidos no bar. Ao ouvir as portas ao fundo se abrirem, mexeu-se para ver quem entrava. O estranho estudou a grande semelhança entre pai e filho. Ambos eram de altura mediana e estrutura corpulenta, com o mesmo rosto tranquilo e largo e o cabelo castanho grisalho. Eles pararam na soleira da porta e Flick apontou a figura escura. Ele pôde ver a surpresa nos olhos de Curzad Ohmsford quando o dono da hospedaria olhou para ele por um minuto antes de se aproximar. O estranho levantou-se com cortesia, postando-se frente aos dois que se aproximavam dele.

— Seja bem-vindo à minha hospedaria, estranho — cumprimentou o Ohmsford mais velho, tentando em vão olhar por baixo do capuz que sombreava o rosto escuro do outro. — Meu nome, como meu filho deve ter lhe dito, é Curzad Ohmsford.

O estranho apertou a mão estendida com uma força que fez o homem troncudo contorcer o rosto em uma careta e então acenou com a cabeça para Flick.

— Seu filho foi muito gentil em me trazer a esta agradável hospedaria. — Ele deu um sorriso que Flick podia jurar ser zombeteiro. — Espero que você se junte a mim para o jantar e um copo de cerveja.

— Certamente — respondeu o dono da hospedaria, passando pelo outro até uma cadeira vazia onde se sentou pesadamente.

Flick também puxou uma cadeira e se sentou, ainda olhando o estranho, que estava elogiando seu pai por ter uma hospedaria tão simpática. O Ohmsford mais velho brilhava de satisfação e acenou satisfeito para Flick enquanto pedia três copos para um dos homens no bar. O homem alto ainda não tirara o capuz que encobria seu rosto. Flick queria olhar por baixo das sombras, mas teve receio de que o estranho percebesse, e a primeira tentativa já lhe causara pulsos doloridos e o fizera ter um respeito saudável pela força e pelo temperamento do estranho. Era mais seguro ficar na dúvida.

Ele ficou sentado em silêncio enquanto a conversa entre o pai e o estranho se estendia de comentários educados sobre o clima brando para uma discussão mais íntima sobre as pessoas e os acontecimentos do vale.

Flick notou que o pai, que nunca precisara de muito encorajamento para falar, mantinha a conversa toda com apenas algumas perguntas casuais feitas pelo outro homem. Provavelmente não tinha importância, mas os Ohmsford não sabiam nada sobre o estranho. Ele sequer dissera o nome. E sutilmente estava obtendo informações sobre o vale do inocente dono da hospedaria. A situação perturbava Flick, mas ele não tinha certeza sobre o que fazer. Começou a desejar que Shea aparecesse e visse o que estava acontecendo. Mas o irmão continuava ausente e o esperado jantar foi servido e consumido antes que uma das portas duplas da frente se abrisse e Shea surgisse da escuridão.

Pela primeira vez, Flick viu o estranho encapuzado demonstrar mais do que um interesse passageiro por alguém. Mãos fortes agarraram a mesa enquanto a figura sombria se levantava em silêncio, agigantando-se sobre os Ohmsford. Ele parecia ter se esquecido de que eles estavam lá, enquanto sua testa se franzia ainda mais e as feições enrugadas irradiavam uma intensa concentração. Por um segundo assustador, Flick pensou que o estranho estivesse prestes a destruir Shea de alguma maneira, mas então a ideia sumiu e foi substituída por outra. O homem estava vasculhando a mente de seu irmão.

Ele encarava Shea atentamente, com os olhos profundos e sombreados percorrendo o semblante delgado de estrutura pequena. Ele percebeu as feições élficas características de imediato — as orelhas levemente pontudas sob o cabelo loiro desgrenhado, as sobrancelhas finas como se fossem desenhadas a lápis que subiam em um ângulo agudo a partir da ponte do nariz em vez de da testa, o nariz e o queixo finos. Ele via inteligência e honestidade naquele rosto, e agora que Shea se aproximava, também determinação nos penetrantes olhos azuis — uma determinação que se espalhava com rubor pelas feições juvenis enquanto os dois homens se encaravam. Shea parou por um momento, espantado com a

aparição sombria e imensa do outro lado do salão. Ele se sentiu inexplicavelmente encurralado, mas imbuiu-se de resolução e caminhou na direção da figura ameaçadora.

Flick e o pai observaram Shea se aproximar, com os olhos ainda fixos no estranho alto, e então, como se subitamente percebessem quem ele era, os dois se levantaram das cadeiras. Houve um momento de silêncio constrangedor enquanto se olhavam, e então os três Ohmsford começaram a se cumprimentar, com uma repentina confusão de palavras que aliviou a tensão inicial. Shea sorriu para Flick, mas não conseguia tirar os olhos da figura imponente diante dele. Shea era um pouco mais baixo que o irmão e, portanto, ficava ainda mais à sombra do estranho, embora estivesse menos nervoso com isso ao olhar para o homem. Curzad Ohmsford falava com ele sobre a tarefa e sua atenção foi desviada momentaneamente enquanto respondia as perguntas insistentes do pai. Após algumas observações, Shea voltou-se para o recém-chegado do vale.

— Não acredito que já tenhamos sido apresentados; mas você parece me conhecer de algum lugar e eu tenho a estranha sensação de que deveria conhecê-lo.

O rosto sombrio concordou enquanto exibia brevemente o já familiar sorriso zombeteiro.

— Talvez você devesse me conhecer, apesar de não ser nenhuma surpresa que não se lembre. Mas eu sei quem você é; na verdade, eu o conheço muito bem.

Shea ficou perplexo com a resposta e, incapaz de responder, encarou o estranho. O outro ergueu uma mão fina até o queixo para coçar a curta barba negra, olhando lentamente para os três homens que esperavam que ele prosseguisse. A boca aberta de Flick emoldurava a pergunta na mente dos Ohmsford quando o estranho puxou o capuz para trás e revelou o rosto sombrio, envolto pelo longo cabelo negro cortado na altura dos ombros, e os olhos fundos e escuros, que ainda pareciam pequenas fendas negras sob as grossas sobrancelhas.

— Meu nome é Allanon — anunciou ele, calmamente.

Houve um momento de silêncio espantado enquanto os três ouvintes se encaravam com assombro. Allanon — o misterioso andarilho das quatro terras, historiador das raças, filósofo e professor, e, alguns diziam, praticante das artes místicas. Allanon, o homem que estivera em todos os lugares, desde os portos mais sombrios de Anar até as alturas proibitivas das Montanhas Charnal. Seu nome era conhecido até mesmo pelos povos das comunidades mais isoladas das

Terras do Sul. E, naquele momento, ele estava inesperadamente diante dos Ohmsford, que nunca se aventuraram para longe de seu vale natal mais do que algumas poucas vezes durante a vida.

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez, mas no íntimo sentia pena deles. A tranquila existência que conheceram por tantos anos terminara, e, de certa maneira, por sua culpa.

— O que o traz até aqui? — perguntou Shea afinal.

O homem alto olhou com firmeza para ele e produziu uma risada baixa e profunda, que pegou todos de surpresa.

— Você, Shea — murmurou ele. — Eu vim procurar você.

Capítulo II

Shea acordou cedo na manhã seguinte, levantando do calor de sua cama para se vestir com pressa no frio úmido do ar matinal. Ele descobriu que levantara tão cedo que mais ninguém na hospedaria, fosse hóspede ou membro da família, estava acordado. A comprida construção estava silenciosa enquanto ele passava de seu pequeno quarto nos fundos da seção principal para o grande salão onde logo acendeu o fogo na lareira de pedra, com os dedos quase dormentes de frio. O vale era sempre surpreendentemente frio no início da manhã, antes de o sol alcançar o alto das colinas, mesmo durante as estações mais quentes do ano.

O Vale Sombrio era bem protegido, não somente dos olhos dos homens, mas da fúria das condições climáticas perversas que vinham das Terras do Norte. Ainda assim, apesar das fortes tempestades do inverno e da primavera não atingirem o vale, o intenso frio das manhãs se assentava nas colinas altas o ano inteiro, até que a calidez do sol do meio-dia viesse espantá-lo.

O fogo crepitava e estalava a madeira enquanto Shea relaxava em uma das cadeiras altas de encosto reto e refletia sobre os acontecimentos da noite anterior. Ele se recostou, cruzou os braços para se aquecer e encolheu-se na madeira pesada. Como Allanon poderia conhecê-lo? Ele saíra do vale pouquíssimas vezes e certamente se lembraria do outro homem se o tivesse encontrado em uma de suas raras viagens. Allanon se recusara a falar mais sobre o assunto depois daquela única declaração. Terminou o jantar em silêncio, deixando claro que continuaria a se explicar na manhã seguinte, e voltou a ser a figura ameaçadora que Shea vira ao entrar na hospedaria naquela noite. Após a refeição, pediu para ser levado até seu quarto e pediu licença. Nem Shea nem Flick conseguiram que ele dissesse mais uma palavra sobre a viagem até o Vale Sombrio e seu interesse por Shea. Os dois irmãos conversaram mais tarde naquela noite, e Flick contou a história do encontro com Allanon e o incidente com a aterradora sombra.

Os pensamentos de Shea voltaram à questão inicial: como Allanon poderia conhecê-lo? Ele repassou os acontecimentos de sua vida mentalmente. Os

primeiros anos eram vagos em sua memória. Não sabia onde nascera. Fora adotado pelos Ohmsford ainda muito novo e eles lhe contaram apenas que nascera em uma pequena comunidade nas Terras do Oeste. Seu pai morrera antes que fosse possível fixar dele uma impressão duradoura, e já não conseguia se lembrar de quase mais nada. Sua mãe ficara com ele por algum tempo, e ele se recordava de fragmentos dos anos que passara com ela, brincando com as crianças élficas, cercado por árvores altas e uma solidão verdejante. Ele tinha cinco anos quando ela adoeceu subitamente e decidiu voltar para o seu povo na aldeia do Vale Sombrio. Ela deve ter percebido que estava prestes a morrer, mas sua preocupação principal era o filho. A viagem para o sul fora muito dura para ela, que falecera logo após alcançar o vale.

Os parentes que sua mãe deixara no vale ao se casar haviam morrido, exceto pelos Ohmsford, que eram apenas primos distantes. Curzad Ohmsford tinha perdido a esposa a menos de um ano e estava criando o filho Flick sozinho, enquanto gerenciava a hospedaria. Shea tornou-se parte da família e os dois meninos cresceram como irmãos, ambos carregando o sobrenome Ohmsford. Shea nunca soube seu sobrenome verdadeiro e nem se preocupara em perguntar. Os Ohmsford eram a única família com quem ele se importava e eles o aceitaram como um deles. Havia momentos em que ser um mestiço o perturbava, mas Flick insistia que isso era uma vantagem, já que ele possuía os instintos e a índole de duas raças para se desenvolver.

Entretanto, ele não conseguia se lembrar de nenhum encontro com Allanon. Era como se aquilo nunca tivesse acontecido de fato. Talvez não tivesse mesmo. Ele se remexeu na cadeira e olhou distraidamente para o fogo. Havia alguma coisa no andarilho sombrio que o assustava. Talvez fosse só imaginação, mas tinha a sensação de que o homem conseguia ler seus pensamentos de alguma maneira; ver através dele sempre que quisesse. Parecia ridícula, mas a ideia perdurara na mente do rapaz desde o encontro no salão da hospedaria. Flick também sentira o mesmo. E fora mais além, sussurrando na escuridão do quarto para o irmão, com medo de ser ouvido de alguma forma, que achava que Allanon era perigoso.

Shea se espreguiçou e suspirou profundamente. Já estava ficando claro lá fora. Ele se levantou para colocar mais madeira no fogo e escutou a voz do pai no corredor, resmungando alto sobre assuntos cotidianos. Suspirando de resignação, Shea abandonou seus pensamentos e se apressou a ajudar nos preparos matinais da cozinha.

Era quase meio-dia quando Shea finalmente viu Allanon, que evidentemente

permanecera no quarto durante toda a manhã. Ele apareceu de repente, saindo de um dos lados da hospedaria, quando Shea descansava sob a sombra de uma árvore enorme nos fundos da construção, comendo um lanche que preparara para si. Seu pai estava ocupado dentro da construção e Flick saíra para fazer uma tarefa qualquer. O estranho sombrio da noite anterior não parecia menos ameaçador à luz do sol. Ainda era uma figura obscura de altura considerável, apesar de parecer ter mudado o manto negro para outro cinza-claro. O rosto fino estava virado para baixo enquanto andava na direção de Shea e se sentava na grama ao lado do morador do vale, olhando distraidamente para o alto das colinas ao leste, que apareciam acima das árvores da aldeia. Os dois continuaram em silêncio por longos minutos, até que Shea não conseguiu mais suportar.

— Por que você veio para o vale, Allanon? Por que estava me procurando?

O rosto sombrio voltou-se para ele e um leve sorriso surgiu nas feições finas.

— É uma pergunta, meu jovem amigo, que não pode ser tão facilmente respondida como você gostaria. Talvez, a melhor maneira de responder seja lhe fazendo uma pergunta primeiro. Você já leu alguma coisa sobre a história das Terras do Norte? — Ele fez uma pausa. — Você conhece o Reino da Caveira?

Shea se empertigou com a menção àquele nome — um nome que era sinônimo de todas as coisas horríveis na vida, reais ou imaginárias, um nome usado para assustar criancinhas travessas ou adultos com histórias contadas à beira da fogueira. Era um nome que evocava fantasmas e goblins, astuciosos gnomos da floresta do leste e grandes trolls de pedra no norte. Shea olhou para o semblante sombrio à sua frente e assentiu lentamente. Allanon pausou mais uma vez antes de continuar:

— Eu sou um historiador, Shea, entre outras coisas, talvez o historiador vivo mais viajado dos dias de hoje, já que poucos além de mim entraram nas Terras do Norte nos últimos quinhentos anos. Conheço coisas sobre a raça dos homens que ninguém mais suspeita. O passado se tornou uma vaga lembrança, e talvez seja melhor assim, porque a história dos homens não foi particularmente gloriosa nos últimos dois mil anos. Os homens de hoje se esqueceram do passado; sabem pouco sobre o presente e menos ainda do futuro. A Humanidade vive quase que somente nos confins das Terras do Sul. Não sabe nada sobre as Terras do Norte e seus povos, e pouco sobre as Terras do Leste e do Oeste. É lamentável que tenham se tornado pessoas de visão tão limitada, pois já foram a raça mais visionária de todas. Mas agora se satisfazem em viver longe das outras raças, isolados dos problemas do resto do mundo. Permanecem satisfeitos porque esses problemas ainda não os alcançaram e porque o medo do passado os persuadiu a

não encarar o futuro.

Shea se sentiu um pouco irritado com tantas acusações e sua resposta foi cortante.

— Você fala como se fosse uma coisa terrível querer ficar em paz. Eu conheço história o suficiente, não, conheço a vida o suficiente, para saber que a única esperança de sobrevivência da Humanidade é continuar longe das outras raças a fim de reconstruir tudo o que foi perdido nos últimos dois mil anos. Então, talvez seja esperta o bastante para não perder tudo pela segunda vez. Ela quase se aniquilou por inteiro durante as Grandes Guerras pela intervenção persistente nos assuntos dos outros e sua rejeição mal concebida de uma política de isolamento.

O rosto sombrio de Allanon ficou tenso.

— Eu tenho plena consciência das consequências catastróficas que essas guerras trouxeram, produtos do poder e da ganância que a raça dos homens causou a si mesma por meio de uma combinação de imprudência e de falta de visão impressionantes. Isso aconteceu há muito tempo. E o que mudou desde então? Você acha que os Homens podem recomeçar, certo, Shea? Bem, você pode ficar surpreso ao aprender que algumas coisas nunca mudam e que os perigos do poder estão sempre presentes, até mesmo para uma raça que quase se destruiu completamente. As Grandes Guerras do passado podem ter terminado, as guerras entre raças, políticas e nacionalismo, e as guerras de energia pura, por poder absoluto. Mas nós enfrentamos novos perigos agora, e esses perigos são uma ameaça muito maior para a existência das raças do que aquelas do passado! Se acha que o homem está livre para construir uma nova vida enquanto o resto do mundo fica à deriva, então você não conhece nada de história! — Ele pausou subitamente, com as feições sombrias contraídas de raiva. Shea o encarou de volta desafiadoramente, embora se sentisse pequeno e assustado por dentro. — Chega — recomeçou Allanon, com o rosto se suavizando enquanto sua mão forte se erguia para segurar o ombro de Shea em sinal de amizade. — Não podemos mudar o passado, e é com o futuro que devemos nos preocupar. Deixe-me refrescar sua memória por um momento contando sobre a história das Terras do Norte e sobre a lenda do Reino da Caveira. Como tenho certeza de que sabe, as Grandes Guerras deram fim a uma época em que os homens eram a raça dominante. Os homens foram quase completamente aniquilados e até mesmo a geografia que conheciam foi toda alterada e reestruturada. Países, nações e governos deixaram de existir quando os últimos membros da raça humana partiram em direção ao sul a fim de sobreviver. Passaram-se quase mil anos para

que os homens conseguissem se reerguer acima dos animais que caçavam e fossem capazes de estabelecer um tipo de civilização progressiva. Era primitiva, é claro, mas havia ordem e certa semelhança com governo. E então a Humanidade descobriu que havia outras raças habitando o mundo, criaturas que sobreviveram às Grandes Guerras e desenvolveram as próprias raças. Nas montanhas, existiam os gigantescos trolls, seres poderosos e ferozes, mas satisfeitos com o que tinham. Nas colinas e florestas, existiam as pequenas e astutas criaturas que chamamos gnomos. Muitas batalhas foram travadas entre homens e gnomos pelo direito ao território nos anos que se seguiram às Grandes Guerras, e as lutas causaram perdas para ambas as raças. Mas lutaram pela sobrevivência, e não existe lugar para bom senso na mente de uma criatura que luta pela própria vida. O homem também descobriu que existia outra raça: homens que fugiram para debaixo da terra com o objetivo de fugir dos efeitos das Grandes Guerras. Após anos vivendo em grandes cavernas sob a crosta da terra e longe da luz do sol, a aparência deles se alterou. Eles se tornaram baixos e atarracados, com braços e peitos poderosos e pernas fortes e grossas para escalar e escavar o subterrâneo. A visão deles no escuro tornou-se superior à das outras criaturas, mas pouco enxergavam à luz do sol. Eles viveram debaixo da terra por centenas de anos, até que finalmente emergiram e voltaram a viver sobre a terra. No início, como sua visão era muito ruim, resolveram construir casas nas florestas mais escuras das Terras do Leste. Desenvolveram a própria linguagem, apesar de mais tarde retornarem à linguagem humana. Quando os homens descobriram os remanescentes dessa raça perdida, eles os chamaram de anões, por causa de uma raça fictícia dos tempos antigos.

A voz de Allanon abrandou e ele ficou em silêncio por alguns minutos, olhando para o alto das colinas, que exibiam um tom verde-brilhante sob a luz do sol. Shea considerou as observações do historiador. Ele nunca vira um troll, e apenas um ou dois gnomos e anões, mas não se lembrava muito bem deles.

— E os elfos? — perguntou, finalmente.

Allanon olhou para ele pensativo e abaixou mais um pouco a cabeça.

— Ah, sim, eu não me esqueci deles. Uma raça de criaturas impressionantes, os elfos. Talvez o povo mais importante de todos, embora ninguém jamais tenha se dado conta disso. Mas a lenda do povo élfico deve ficar para outra hora; basta dizer que eles sempre estiveram nas grandes florestas das Terras do Oeste, apesar de as outras raças raramente os encontrarem nesse estágio da história. Agora, devemos ver quanto você sabe sobre as Terras do Norte, meu jovem amigo. Hoje em dia, é uma terra habitada quase que somente pelos trolls, um território estéril

e ameaçador para onde poucas pessoas de qualquer raça se atrevem a ir e muito menos se estabelecer. Já os trolls, é claro, foram criados para sobreviver lá. Atualmente, os homens vivem no calor e conforto do clima ameno e terreno verdejante das Terras do Sul. Eles se esqueceram de que as Terras do Norte também já foram habitadas por criaturas de todas as raças, não somente os trolls nas regiões montanhosas, mas homens, anões e gnomos nas planícies e florestas. Foi na época em que todas as raças estavam começando a reconstruir uma nova civilização com novas ideias, novas leis e muitas novas culturas. Era um futuro muito promissor, mas os homens de hoje se esqueceram de que aquela época existiu; esqueceram que são mais que uma raça derrotada tentando viver longe daqueles que os abateram e prejudicaram seu orgulho. Não havia divisão entre países naquele tempo. Era uma terra renascida, onde cada raça tinha uma segunda chance de construir o mundo. Porém, é claro, eles não perceberam a importância de tal oportunidade. Estavam muito preocupados em assegurar o que consideravam possuir e em construir seus pequenos mundinhos separados. Cada raça tinha certeza de que estava destinada a ser o poder dominante nos anos que se seguiriam, reunidas como um bando de ratos raivosos protegendo um pedaço imprestável de queijo rançoso. E o homem, ah, sim, em toda a sua glória, estava rosnando e se estapeando diante daquela chance exatamente como os outros. Você sabia disso, Shea?

O jovem do vale fez que não com a cabeça lentamente, incapaz de acreditar que o que ouvia pudesse ser verdade. Disseram-lhe que o homem fora um povo perseguido desde as Grandes Guerras, lutando para manter vivas sua dignidade e honra e proteger o pouco de terra que possuía frente à selvageria das outras raças. A raça humana nunca fora a opressora nessas batalhas; era sempre a oprimida. Allanon sorriu sombriamente, os lábios se retorcendo de satisfação zombeteira ao ver o efeito que suas palavras tiveram sobre Shea.

— Vejo que você não havia percebido que as coisas tinham ocorrido dessa forma. Mas não importa. Será a menor das surpresas que estou reservando para você. A Humanidade nunca foi o grande povo que pensou ser. Naquele tempo, os homens lutavam como o restante, embora eu admita que talvez tivessem uma noção de honra maior e um propósito mais claro de reconstrução que algumas das outras raças, e eram levemente mais civilizados. — Ele distorceu a palavra enquanto a pronunciava, costurando-a com um sarcasmo indisfarçado. — Todas essas observações, porém, têm muito pouco a ver com o ponto principal da nossa conversa, que espero deixar claro em breve. Foi mais ou menos nessa mesma época, em que as raças descobriram umas as outras e lutavam pela soberania,

que o Conselho Druida abriu pela primeira vez os salões de Paranor na parte baixa das Terras do Norte. A história sobre as origens e os propósitos dos Druidas é muito vaga, entretanto, acredita-se que eles eram um grupo extremamente culto de integrantes de todas as raças, peritos em muitas das artes perdidas do mundo antigo. Eram filósofos e visionários, estudiosos de todas as artes e ciências, e, sobretudo, eram os educadores dos povos. Eram eles que distribuíam o poder, poder de se obter novos conhecimentos sobre a vida. Eram liderados por um homem chamado Galaphile, um historiador e filósofo, assim como eu, que convocou as melhores mentes da terra para formar um conselho e estabelecer a paz e a ordem. Esse homem confiava no conhecimento do grupo para predominar sobre as raças, em suas habilidades de distribuir conhecimento para ganhar a confiança das pessoas. Os Druidas foram uma força muito poderosa durante esses anos e o plano de Galaphile parecia funcionar como ele planejara. No entanto, com o passar do tempo, tornou-se evidente que alguns membros do Conselho possuíam poderes que superavam em muito os dos outros, poderes que estavam adormecidos e ganharam força com mentes geniais. Seria difícil explicar tais poderes para você sem demorar muito, mais do que podemos. O importante é saber que alguns daqueles que possuíam as mentes mais geniais do Conselho ficaram convencidos de que estavam destinados a moldar o destino das raças. No final, eles se separaram do Conselho para formar o próprio grupo, desapareceram e ficaram esquecidos por algum tempo. Cerca de mil e cinquenta anos mais tarde, ocorreu uma terrível guerra civil entre a raça dos homens, que ao final expandiu-se para a Primeira Guerra das Raças, como os historiadores a chamaram. Sua causa era incerta mesmo naquele tempo, e agora já foi quase esquecida. Em resumo, uma pequena parcela da raça dos homens se revoltou contra os ensinamentos do Conselho e formou um exército muito poderoso e bem treinado. A finalidade proclamada da revolta era subjugar o resto dos homens a um governo central de forma a garantir a melhoria da raça e o incremento de seu orgulho enquanto povo. No fim das contas, quase todos os segmentos da raça se juntaram à nova causa e a guerra se iniciou contra as outras raças, aparentemente para concretizar esse novo objetivo. A figura central por trás da guerra era um homem chamado Brona, um termo arcaico da linguagem dos gnomos para “Mestre”. Foi dito que ele era o líder dos Druidas do primeiro Conselho que se desintegrou e desapareceu nas Terras do Norte. Nenhuma fonte confiável jamais relatou ter falado com ele ou o avistado, e, no fim, concluiu-se que Brona era somente um nome, um personagem fictício. A insurreição, se quiser chamá-la assim, foi finalmente esmagada pelo poder combinado dos

Druidas e de outras raças aliadas. Você sabia disso, Shea?

O rapaz do vale concordou com a cabeça e deu um pequeno sorriso.

— Ouvi falar sobre o Conselho Druida, sobre seu propósito e trabalho; uma história antiga, já que o Conselho terminou há muito tempo. E ouvi falar sobre a primeira Guerra das Raças, embora não da maneira como contou. Acho que você chamaria a minha versão de tendenciosa. A guerra foi uma lição amarga para a Humanidade. — Allanon aguardou pacientemente enquanto Shea refletia sobre o que sabia sobre o passado antes de continuar. — Sei que os sobreviventes de nossa raça partiram para o sul depois que a guerra terminou e permanecem lá desde então, reconstruindo as casas e as cidades que perderam, tentando criar vida em vez de destruí-la. Você parece pensar que é um isolamento nascido do medo. Mas eu acredito que era e ainda é a melhor maneira de viver. Governos centralizados sempre foram o maior dos perigos para a Humanidade. Agora não há mais nenhum; a nova lei da vida são as pequenas comunidades. É melhor para todos deixar certas coisas em paz.

O homem alto deu uma risada profunda e sem alegria que fez Shea se sentir tolo.

— Você sabe tão pouco, embora o que tenha falado seja verdade. As verdades absolutas, meu jovem amigo, são as filhas inúteis de uma visão retrospectiva. Bem, eu não pretendo discutir com você agora sobre as sutilezas da reforma social, e muito menos do ativismo político. Vamos ter de deixar isso para outra hora. Conte-me o que você sabe sobre a criatura chamada Brona. Talvez... Não, espere um momento. Tem alguém chegando.

As palavras mal foram ditas antes de a figura corpulenta de Flick aparecer na esquina da hospedaria. O jovem do vale parou abruptamente ao ver Allanon e hesitou até Shea acenar para ele. Aproximou-se devagar e continuou de pé, olhando o rosto sombrio, enquanto o homem alto sorria lentamente para ele, torcendo os cantos da boca daquela maneira enigmática já familiar.

— Eu estava me perguntando aonde você tinha ido — começou Flick, falando com o irmão —, não queria interromper...

— Você não está interrompendo nada — respondeu Shea rapidamente. Allanon, porém, parecia discordar.

— Essa conversa era somente para seus ouvidos — declarou ele, categoricamente. — Se seu irmão escolher ficar, ele terá decidido o próprio destino nos dias que virão. Sugiro firmemente que ele não permaneça aqui para ouvir o resto de nossa discussão e esqueça que nos viu conversando. Ainda assim, a escolha é dele.

Os irmãos se entreolharam, sem conseguir acreditar que o homem alto falava sério. Contudo, o rosto sombrio dele indicava que não estava brincando, e os dois rapazes hesitaram por um momento, relutando em dizer qualquer coisa. Finalmente, Flick falou:

— Não faço ideia sobre o que vocês estão conversando, mas Shea e eu somos irmãos e o que acontece com um deve acontecer com o outro. Se ele estiver com algum problema, eu devo dividi-lo com ele. Essa é minha escolha, e não tenho dúvidas sobre isso.

Shea olhou para ele, surpreso. Ele nunca ouvira Flick ser tão assertivo sobre qualquer coisa em toda a sua vida. Ficou orgulhoso do irmão e sorriu para ele com gratidão. Flick retribuiu com uma piscadela e se sentou rapidamente, sem olhar para Allanon. O andarilho coçou a barba curta e negra com a mão fina e sorriu inesperadamente.

— Certamente, a escolha é sua e, com suas palavras, você provou ser um ótimo irmão. Mas são as ações que fazem a diferença. Você pode se arrepender da escolha que fez nos próximos dias... — Ele pausou, perdido nos pensamentos, enquanto analisava a cabeça abaixada de Flick por longos minutos antes de se voltar a Shea. — Bem, não posso recomeçar minha história só para seu irmão ouvir. Ele terá de acompanhar da melhor maneira que puder. Agora me conte o que você sabe sobre Brona.

Shea pensou por alguns minutos e então deu de ombros.

— Não sei quase nada, na verdade. Ele era um mito, como você disse, o líder fictício da revolta da Primeira Guerra das Raças. Ele deveria ter sido um Druida que abandonou o Conselho e usou seu poder maléfico para comandar a mente de seus seguidores. Historicamente, nunca foi visto, capturado ou morto na batalha final. Ele nunca existiu.

— Historicamente preciso, é claro — resmungou Allanon. — O que você sabe sobre a associação dele com a Segunda Guerra das Raças?

Shea deu um sorriso breve com a pergunta.

— Bem, a lenda conta que ele foi a força central por trás dessa guerra também, mas isso veio a se mostrar outro mito. Supostamente, fora ele que organizara os exércitos dos homens na primeira guerra, exceto que daquela vez ele foi chamado de Lorde Feiticeiro; o equivalente maléfico do Druida Bremen. Bremen, no entanto, deveria tê-lo matado na segunda guerra. Mas tudo isso era só fantasia. — Flick apressou-se em balançar a cabeça em concordância, mas Allanon não disse nada. Shea esperou por algum tipo de confirmação, claramente entretido com o assunto. — Qual o rumo dessa conversa toda, afinal?

— perguntou ele depois de um momento.

Allanon olhou para ele severamente, arqueando uma sobrancelha escura, refletindo.

— Sua paciência é notavelmente limitada, Shea. Afinal das contas, nós repassamos em questão de minutos toda a história de mais de mil anos. Contudo, se você acha que consegue se controlar por mais algum tempo, acredito que posso prometer que sua pergunta será respondida.

Shea assentiu, sentindo-se bastante mortificado com a reprimenda. Não foram as palavras que o magoaram, mas a maneira como Allanon as disse — com aquele sorriso zombeteiro e o sarcasmo mal disfarçado. O rapaz recuperou a compostura rapidamente, no entanto, e deixou de lado a ansiedade para permitir que o historiador continuasse no próprio ritmo.

— Muito bem — reconheceu o outro. — Tentarei terminar nossa conversa rapidamente. Tudo o que falamos até esse ponto foi pano de fundo para o que vou contar agora; a razão pela qual eu vim encontrá-lo. Deixe-me relembrar os fatos da Segunda Guerra das Raças, a guerra mais recente na nova história da Humanidade, ocorrida há menos de quinhentos anos nas Terras do Norte. A raça dos homens não teve nenhuma participação nessa guerra; era a raça derrotada da primeira e agora vivia no coração das Terras do Sul, em poucas e pequenas comunidades que tentavam com muito esforço sobreviver à ameaça da extinção total. Essa foi uma guerra das grandes raças: o povo élfico e os anões lutando contra o poder dos selvagens trolls de pedra e dos astuciosos gnomos.

“Após o término da Primeira Guerra das Raças, o mundo conhecido se dividiu nas quatro terras existentes, e as raças mantiveram a paz por um longo tempo. Durante esse período, o poder e a influência do Conselho Druida diminuíram enormemente enquanto a evidente necessidade de sua assistência parecia deixar de existir. É justo acrescentar que os Druidas tinham ficado negligentes com relação às raças, e durante muitos anos os novos membros se esqueceram dos propósitos do Conselho e se afastaram dos problemas dos povos em favor de preocupações mais pessoais, vivendo uma existência mais isolada de estudo e meditação. O povo élfico era o mais poderoso, mas preferia ficar em sua terra natal no oeste, onde estava satisfeito em permanecer em relativo isolamento, um erro de que seus membros se arrependeriam profundamente. Os outros povos se espalharam e desenvolveram sociedades menos unificadas e menores, principalmente nas Terras do Leste, embora alguns grupos tenham se estabelecido em partes das cidades fronteiriças das Terras do Oeste e do Norte. A Segunda Guerra das Raças começou quando um enorme exército de trolls desceu

das Montanhas Charnal e invadiu todo o território das Terras do Norte, inclusive a Fortaleza Druida em Paranor. Os Druidas foram traídos por vários membros de seu próprio povo, que foram persuadidos por promessas e ofertas do comandante inimigo, então desconhecido. Os restantes, salvo alguns poucos que escaparam ou estavam viajando, foram capturados e presos nas masmorras do Forte para nunca mais serem vistos. Aqueles que escaparam ao destino de seus irmãos espalharam-se pelas quatro terras em procura de refúgio. O exército troll imediatamente atacou o povo anão nas Terras do Leste com a intenção óbvia de esmagar toda resistência o mais rápido possível. Mas os anões se reuniram nas profundezas das grandes florestas de Anar, que apenas eles conheciam bem o suficiente de modo a garantir a sobrevivência por muito tempo, e lá se mantiveram firmes contra os avanços dos exércitos dos trolls, apesar da ajuda de algumas tribos de gnomos que se juntaram às forças invasoras. Raybur, o Rei Anão, relatou na história de seu povo quem ele descobrira ser o verdadeiro inimigo: o Druida rebelde, Brona.

— Como o Rei Anão pôde acreditar nisso? — interrompeu Shea. — Se fosse verdade, o Lorde Feiticeiro teria mais de quinhentos anos de idade! De qualquer forma, talvez algum místico ambicioso tenha sugerido a ideia para o rei na esperança de reviver um mito antigo e superado, provavelmente para aumentar sua posição na corte ou algo do tipo.

— É uma possibilidade — admitiu Allanon. — Mas me deixe continuar. Depois de longos meses de luta, os trolls foram levados a concluir que os anões haviam sido derrotados e então voltaram as legiões de guerra para o oeste e começaram a marchar contra o poderoso reino élfico. Mas, durante os meses em que os trolls travavam batalha contra o povo anão, os poucos Druidas que escaparam de Paranor foram reunidos pelo famoso místico Bremen, um ancião muito admirado do Conselho. Ele os guiou até o reino élfico nas Terras do Oeste para avisar o povo dessa nova ameaça e prepará-los para a invasão quase certa dos nortistas. O Rei Elfo naquele ano era Jerle Shannara, talvez o maior de todos os reis elfos, com a exceção de Eventine. Bremen alertou o Rei sobre o provável ataque em suas terras, e o governante élfico rapidamente preparou os exércitos antes que as hordas dos trolls alcançassem as fronteiras. Tenho certeza de que você conhece a história suficientemente bem para se lembrar do que aconteceu quando a batalha foi travada, Shea, mas quero que você preste atenção aos detalhes que vou lhe contar a seguir.

Tanto Shea quanto um entusiasmado Flick concordaram.

— O Druida Bremen deu a Jerle Shannara uma espada especial para a batalha

contra os trolls. Quem quer que empunhasse essa espada seria invencível, até mesmo contra o incrível poder do Lorde Feiticeiro. Quando as legiões dos trolls entraram no Vale de Rhenn, na fronteira do reino élfico, foram atacadas e pegas em uma armadilha criada pelos exércitos dos elfos que lutavam no terreno mais elevado e, assim, foram duramente derrotados em uma acirrada batalha de dois dias. Os elfos foram liderados pelos Druidas e por Jerle Shannara, que carregava a maravilhosa espada dada a ele por Bremen. Eles lutaram juntos contra os exércitos dos trolls, que diziam possuir a força aumentada por seres do mundo dos espíritos que se encontravam sob o domínio do Lorde Feiticeiro. Mas a coragem do Rei Elfo e o poder da fabulosa espada sobrepujaram os espíritos, destruindo-os. Quando o resto do exército troll tentou escapar para a segurança das Terras do Norte pelas Planícies de Streleheim, foram pegos entre o exército em perseguição dos elfos e um exército de anões que se aproximava pelas Terras do Leste. Uma batalha terrível foi travada, e o exército troll foi massacrado quase até o último homem. Durante a batalha, Bremen desapareceu enquanto combatia ao lado do Rei Elfo, lutando contra o Lorde Feiticeiro. Foi relatado que tanto o Druida quanto o Feiticeiro desapareceram durante a luta e nenhum dos dois jamais foi visto novamente. Nem mesmo os cadáveres foram encontrados.

“Jerle Shannara empunhou a famosa espada até sua morte alguns anos mais tarde. Seu filho devolveu a arma para o Conselho Druida em Paranor, e ela foi fixada em um enorme bloco de Rocha-Tre e colocada em um cofre no Forte dos Druidas. Estou certo de que vocês estão bem familiarizados com a lenda da espada e o que ela representa, o que ela significa para todas as raças. A grande espada descansa em Paranor há quinhentos anos. Eu fui suficientemente claro em minha narrativa, homens do vale?

Flick assentiu com assombro, ainda empolgado com a história. Shea, porém, concluíra que já ouvira demais. Nada que Allanon lhes contara sobre a história das raças era fato — não se ele acreditasse em tudo o que lhe fora ensinado pelo seu povo desde que era criança. O homem alto apenas relatara uma história fantástica de sua infância que era passada de geração a geração há muitos e muitos anos. Ele ouviu, paciente, a tudo que Allanon apresentara falsamente como sendo a verdade sobre as raças, satisfazendo a vontade dele apenas por respeito à sua reputação. Contudo, a lenda da espada era ridícula, e Shea estava cansado de ser tratado como um tolo.

— O que isso tudo tem a ver com sua vinda para o Vale Sombrio? — insistiu ele, com um sorriso fraco que traía sua repulsa. — Nós ouvimos tudo sobre uma batalha que aconteceu quinhentos anos atrás; uma batalha que nem mesmo dizia

respeito aos homens, mas a trolls, elfos e anões e sabe-se lá mais quem, como você disse. Você falou que havia espíritos ou algo do tipo? Lamento se pareço incrédulo, mas acho essa história toda um pouco difícil de engolir. A lenda da espada de Jerle Shannara é conhecida por todas as raças, mas é ficção, não fato; uma lenda glorificante de heroísmo criada para incutir uma noção de lealdade e dever nas raças que fazem parte dessa história. A lenda de Shannara é uma história para crianças que conta como os adultos devem amadurecer para aceitar as responsabilidades da humanidade. Por que você perdeu seu tempo relatando esse conto de fadas, quando tudo o que eu quero é uma simples resposta para uma pergunta ainda mais simples? Por que você estava procurando por... mim?

Shea parou de falar quando viu as feições sombrias de Allanon se endurecerem e ficarem negras de raiva, com as grandes sobrancelhas se emaranhando sobre repentinos pontos de luz acima das sombras profundas que escondiam seus olhos. O homem alto parecia lutar para conter uma terrível fúria interna, e por um momento Shea pensou que ele fosse estrangulá-lo com as enormes mãos que se espalmaram na frente de seu rosto enquanto o homem o olhava com raiva. Flick deu um passo apressado para trás e tropeçou nos próprios pés, com o medo crescendo dentro de si.

— Tolo... seu tolo — rugiu o gigante com fúria quase fora de controle. — Vocês sabem tão pouco... Crianças! O que a raça dos homens sabe sobre a verdade? O que a Humanidade fez além de se esconder, rastejando de medo em esconderijos lastimáveis nas regiões mais profundas das Terras do Sul como coelhos assustados? Você ousa me dizer que eu falo sobre contos de fadas! Você, que nunca esteve em nenhum conflito, mas são e salvo aqui no seu precioso vale! Eu vim procurar a linhagem dos reis, mas encontrei um moleque que se esconde debaixo de mentiras. Você não é nada além de uma criança!

Flick desejava fervorosamente poder afundar dentro do chão sob seus pés ou simplesmente desaparecer, quando, para seu completo assombro, viu Shea se erguer diante do homem alto, com as feições finas coradas de raiva e os punhos cerrados enquanto se preparava para lutar. O rapaz do vale estava tão dominado pela raiva que não conseguia falar, e se postava em frente ao acusador, tremendo de fúria e humilhação. Mas Allanon não ficou impressionado e recomeçou a falar com a voz profunda:

— Espere, Shea. Não seja ainda mais tolo! Preste atenção ao que lhe digo agora. Tudo o que contei para você atravessou os tempos como lenda e dessa maneira foi passado para a raça humana. Mas o tempo dos contos de fadas acabou. O que eu lhe contei não é lenda; é a verdade. A espada é real; ela

continua em Paranor. Mas, o mais importante de tudo, o Lorde Feiticeiro é real. Ele ainda vive e o Reino da Caveira é seu domínio!

Shea sobressaltou-se, percebendo afinal que o homem não estava mentindo deliberadamente; que ele não acreditava que aquilo fosse um conto de fadas. Acalmou-se e se sentou devagar, com os olhos ainda fixos no rosto sombrio. De repente, lembrou-se das palavras do historiador.

— Você disse rei... que estava procurando por um rei...?

— Qual é a lenda da Espada de Shannara, Shea? O que diz a inscrição cravada no bloco da Rocha-Tre?

Shea ficou perplexo, incapaz de se lembrar da lenda.

— Eu não sei... Não consigo me recordar do que a inscrição dizia. Alguma coisa sobre a próxima vez...

— Um filho! — falou Flick subitamente do outro lado. — Quando o Lorde Feiticeiro surgir novamente na Terra do Norte, um filho da Casa de Shannara empunhará a espada contra ele. Essa era a lenda!

Shea olhou para o irmão, lembrando-se afinal da inscrição. Ele voltou o olhar para Allanon, que o observava com atenção.

— E o que isso tem a ver comigo? — perguntou ele rapidamente. — Eu não sou um filho da Casa de Shannara. Nem sou um elfo. Sou um mestiço, não um elfo, nem um rei. Eventine é o herdeiro da Casa de Shannara. Você está me dizendo que sou um filho perdido? Um herdeiro desaparecido? Não acredito!

Ele procurou apoio no irmão, mas Flick parecia completamente surpreso e encarava com assombro o rosto de Allanon. O homem sombrio falou com calma:

— Você tem sangue élfico, Shea, e não é filho verdadeiro de Curzad Ohmsford. Isso você deve saber. E Eventine não é descendente direto de Shannara.

— Eu sempre soube que era filho adotivo — admitiu o rapaz do vale —, mas certamente não vim da... Flick, fale para ele!

Seu irmão apenas olhou para ele, atônito, incapaz de formular uma resposta. Shea parou de falar abruptamente, balançando a cabeça com descrença. Allanon assentiu.

— Você é filho da Casa de Shannara; somente um filho mestiço, no entanto, e bem distante da linha direta de ascendência que pode ser traçada através dos últimos quinhentos anos. Eu o conheci quando criança, Shea, antes de você ser trazido para o lar dos Ohmsford como filho. Seu pai era elfo. Um homem muito bom. Sua mãe era da raça humana. Ambos morreram quando você ainda era muito novo, e então foi entregue a Curzad Ohmsford para ser criado como sendo

parte da família. Mas você é descendente de Jerle Shannara, apesar de ser um descendente distante e não ter o sangue puro dos elfos.

Ele concordou distraidamente com a explicação do homem alto, confuso e ainda desconfiado. Flick olhava para o irmão como se nunca o tivesse visto.

— O que tudo isso significa? — perguntou ele a Allanon com ansiedade.

— O que acabei de lhe contar também é de conhecimento do Lorde da Escuridão, embora ele não saiba ainda onde mora ou quem você é. Mas seus emissários o encontrarão mais cedo ou mais tarde, e quando o fizerem, você será destruído.

Shea virou a cabeça e olhou para Flick, com medo, lembrando-se da enorme sombra que vira na fronteira do vale. Seu irmão também sentiu um arrepio repentino ao recordar aquela sensação horrível de terror.

— Mas por quê? — perguntou Shea rapidamente. — O que eu fiz para merecer isso?

— Você deve entender muitas coisas, Shea, antes de conseguir compreender a resposta para essa pergunta — disse Allanon —, e eu não tenho tempo para lhe explicar tudo agora. Você deve acreditar em mim quando lhe digo que é descendente de Jerle Shannara, que possui sangue élfico e que os Ohmsford são sua família adotiva. Você não era o único filho da Casa de Shannara, mas é o único filho que ainda vive. Os outros eram elfos e foram encontrados facilmente e destruídos. Foi isso que impediu o Lorde Sombrio de encontrá-lo por tanto tempo. Ele desconhecia o fato de que existia um filho mestiço vivendo nas Terras do Sul. Ele tinha conhecimento de toda a família élfica desde o começo. Mas saiba disso, Shea. O poder da espada é ilimitado. É o único grande temor de Brona, o único poder ao qual ele não consegue resistir. A lenda da espada é um amuleto poderoso nas mãos das raças, e Brona deseja dar um fim a ela. Ele fará isso destruindo a família inteira de Shannara, para que nenhum filho possa empunhar a espada contra ele!

— Mas eu nem sabia sobre a espada — protestou Shea. — Eu nem sabia quem eu era, nem nada sobre as Terras do Norte ou sobre...

— Não importa! — interrompeu Allanon rudemente. — Se você estiver morto, não haverá mais dúvidas sobre você.

Sua voz se desvaneceu em um murmúrio cansado, e ele voltou a olhar para os cumes distantes das montanhas além da copa dos olmos altos. Shea deitou-se lentamente na grama macia, olhando para o azul pálido do céu do inverno salpicado por pequenas nuvens brancas que se moviam nas colinas. Por alguns momentos agradáveis, a presença de Allanon e a ameaça de morte foram

suprimidas pela calidez modorrenta do sol da tarde e pelo cheiro fresco das árvores altas. Ele fechou os olhos e pensou sobre sua vida no vale, os planos que fizera com Flick e suas esperanças para o futuro. Tudo viraria fumaça se o que o homem alto dissera fosse verdade. Ele considerou todas essas coisas com calma e finalmente se sentou, com os braços às costas.

— Eu não sei bem o que pensar — começou ele lentamente. — Há tantas perguntas que preciso lhe fazer. Estou confuso com a ideia de não ser um Ohmsford; ser alguém ameaçado de morte nas mãos de um... mito. O que você sugere que eu faça?

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez.

— No momento, nada. Não existe perigo imediato para você. Pense sobre o que eu lhe contei e nós conversaremos sobre as implicações disso em outra hora. Então, eu terei prazer em responder a todas as suas perguntas. Mas não fale sobre isso com mais ninguém, nem mesmo com seu pai. Aja como se essa conversa nunca tivesse acontecido até que tenhamos oportunidade de elaborar melhor uma solução para o problema.

Os jovens se entreolharam e balançaram a cabeça em concordância, embora fosse difícil fingir que nada acontecera. Allanon se levantou em silêncio, esticando o corpo alto para aliviar os músculos dormentes. Os irmãos também se levantaram e ficaram quietos enquanto ele os observava.

— Lendas e mitos que não existiam no mundo do passado existirão no mundo de amanhã. Coisas más, cruéis e astutas acordarão agora, depois de passar séculos adormecidas. A sombra do Lorde Feiticeiro começa a cair sobre as quatro terras.

Ele parou de falar subitamente.

— Eu não queria ser duro — disse ele com um sorriso gentil e inesperado —, mas, se essa for a pior coisa que acontecer nos dias que virão, você deverá ficar realmente grato. Você está enfrentando uma ameaça real, não um conto de fadas risível. Nada disso será justo. Você aprenderá muitas coisas sobre a vida de que não vai gostar.

Ele fez uma pausa, uma sombra alta e cinzenta contra o verde das colinas distantes, com o manto puxado cuidadosamente contra o corpo macilento. A mão grande se esticou para segurar com firmeza o ombro magro de Shea, e, por um instante, transformou os dois em uma só pessoa. Então, ele se virou e partiu.



01. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist

02. A Corte do Ar
Stephen Hunt

03. Tigana – A Lâmina na Alma
Livro Um
Guy Gavriel Kay

04. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist

05. A Filha do Sangue – Livro Um
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop

06. A Espada de Shannara – Livro Um
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks

07. Tigana – A Voz da Vingança
Livro Dois
Guy Gavriel Kay

08. Mago – Espinho de Prata – Livro Três
Raymond E. Feist

09. A Herdeira das Sombras – Livro Dois
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop

10. Mago – As Trevas de Sethanon – Livro Quatro
Raymond E. Feist

Próximo Título

As Pedras Élficas de Shannara – Livro Dois
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks

REVISTA BANG!

a sua dose diária de
fantasia, ficção científica
e horror



Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:

www.sdebrasil.com.br

Facebook: /editora.sde.brasil

 Twitter: @SdE_Brasil

 Instagram: /SdE_Brasil

Sumário

Créditos
Mapa de Midkemia
Mapa de Kelewan
Agradecimentos
Resumo dos livros anteriores
Livro 4 — As Trevas de Sethanon: Macros Ressurge
    Prólogo - Ventos Negros
    Capítulo 1 - Festival
    Capítulo 2 - Descoberta
    Capítulo 3 - Assassinato
    Capítulo 4 - Embarque
    Capítulo 5 - Crydee
    Capítulo 6 - Despedida
    Capítulo 7 - Mistérios
    Capítulo 8 - Yabon
    Capítulo 9 - Prisioneiros
    Capítulo 10 - Compromisso
    Capítulo 11 - Descoberta
    Capítulo 12 - Mensageiros
    Capítulo 13 - Primeiro sangue
    Capítulo 14 - Destruição
    Capítulo 15 - Fuga
    Capítulo 16 - Criação
    Capítulo 17 - Retirada
    Capítulo 18 - Para casa
    Capítulo 19 - Sethanon
    Capítulo 20 - Consequências
Sobre o autor
Leia um trecho de outro livro da Coleção Bang!
    A espada de Shannara
        Capítulo I
        Capítulo II
Lista da Coleção Bang!